

O LIVRO DOS MÉDIUNS

ALLAN KARDEC

POR CLAUDIO DAMASCENO FERREIRA JUNIOR

Nova
Edição

MODERNA E DE
FÁCIL LEITURA

BesouroLux
EDITORA

5ª Edição

O LIVRO DOS MÉDIUNS

ALLAN KARDEC

POR CLAUDIO DAMASCENO FERREIRA JUNIOR

Nova
Edição

MODERNA E DE
FÁCIL LEITURA

BesouroLUX
EDITORA

5ª Edição

Expíritismo Experimental

O LIVRO DOS MÉDIUNS ALLAN KARDEC

POR CLAUDIO DAMASCENO FERREIRA JUNIOR



ou

Guia dos Médiuns e dos Evocadores

Contém

O ensinamento dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações. Os meios de comunicação com o mundo invisível. O desenvolvimento de mediunidade. As dificuldades e os obstáculos que se podem encontrar na prática do Espiritismo.

Continuação de *O Livro dos Espíritos*



5ª Edição / Porto Alegre - RS / 2020

Capa: Marco Cena sobre tela de William Adolphe Bouguereau - A Caridade

Consultoria editorial: Ivan Selbach

Revisão: Sandro Andretta

Produção Editorial: Bruna Dali e Maitê Cena

Adaptação para versão digital: Camila Provenzi (Palavra Bordada - Conteúdo História Memória)

Assessoramento de edição: André Luis Alt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

K18l Kardec, Allan.

O livro dos médiuns. / Organizador: Claudio Damasceno
Ferreira Junior. – Porto Alegre: BesouroBox, 2020.
424 p. ; e-book

E-book, no formato ePub, convertido do livro impresso.
ISBN: 978-65-88737-00-2

1. Espiritismo. 2. Filosofia espiritual. I. Título. II. Ferreira
Júnior, Claudio Damasceno.

CDU 133.9

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

Direitos de Publicação: © 2020 Edições BesouroBox Ltda.

Todos os direitos desta edição reservados à
Edições BesouroBox Ltda.

Rua Brito Peixoto, 224 - Cep: 91.030-400

Passo D'areia - Porto Alegre - RS

Fone: (51) 3337.5620

www.besourolux.com.br

Impresso no Brasil

Dezembro de 2019.

Os direitos autorais provenientes desta obra serão doados pelo organizador ao Centro Espírita Dr. Ramiro D'Ávila (Sopa do Pobre) - Porto Alegre/RS.

Índice

Capa

Folha de rosto

Créditos

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE: NOÇÕES PRELIMINARES

CAPÍTULO 1 – EXISTEM ESPÍRITOS?

CAPÍTULO 2 – O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

CAPÍTULO 3 – MÉTODO

CAPÍTULO 4 – SISTEMAS

SEGUNDA PARTE: MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

CAPÍTULO 1 – AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

CAPÍTULO 2 – MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

MESAS GIRANTES

CAPÍTULO 3 – MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

CAPÍTULO 4 – TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

MOVIMENTOS E SUSPENSÕES

RUÍDOS

AUMENTO E DIMINUIÇÃO DO PESO DOS CORPOS

CAPÍTULO 5 – MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

RUÍDOS – BARULHOS E PERTURBAÇÕES

ARREMESSO DE OBJETOS

FENÔMENO DE TRANSPORTE

CAPÍTULO 6 – MANIFESTAÇÕES VISUAIS

PERGUNTAS SOBRE AS APARIÇÕES DE ESPÍRITOS

ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS APARIÇÕES DE ESPÍRITOS

ESPÍRITOS GLÓBULOS

TEORIA DA ALUCINAÇÃO

CAPÍTULO 7 – BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

APARIÇÕES DE ESPÍRITOS DE PESSOAS VIVAS

HOMENS DUPLOS

SANTO AFONSO DE LIGUORI E SANTO ANTONIO DE PÁDUA

VESPASIANO

TRANSFIGURAÇÃO

INVISIBILIDADE

CAPÍTULO 8 – LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

VESTUÁRIO DOS ESPÍRITOS

FORMAÇÃO ESPONTÂNEA DE OBJETOS TANGÍVEIS

MODIFICAÇÃO DAS PROPRIEDADES DA MATÉRIA

AÇÃO MAGNÉTICA CURADORA

CAPÍTULO 9 – LUGARES ASSOMBRADOS

CAPÍTULO 10 – NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

COMUNICAÇÕES GROSSEIRAS

COMUNICAÇÕES FÚTEIS

COMUNICAÇÕES SÉRIAS

COMUNICAÇÕES INSTRUTIVAS

CAPÍTULO 11 – SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

LINGUAGEM DOS SINAIS E DAS PANCADAS

TIPTOLOGIA ALFABÉTICA

CAPÍTULO 12 – PNEUMATOLOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA

PNEUMATOFONIA

ESCRITA DIRETA

PNEUMATOFONIA

CAPÍTULO 13 – PSICOLOGRAFIA

PSICOLOGRAFIA INDIRETA: CESTAS E PRANCHETAS

PSICOGRAFIA DIRETA OU MANUAL

CAPÍTULO 14 – MÉDIUNS

MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS

PESSOAS ELÉTRICAS

MÉDIUNS SENSITIVOS OU IMPRESSIONÁVEIS

MÉDIUNS AUDITIVOS OU AUDIENTES

MÉDIUNS FALANTES

MÉDIUNS VIDENTES

MÉDIUNS SONÂMBULOS

MÉDIUNS CURADORES

MÉDIUNS PNEUMATÓGRAFOS

CAPÍTULO 15 – MÉDIUNS ESCREVENTES OU PSICÓGRAFOS

MÉDIUNS MECÂNICOS

MÉDIUNS INTUITIVOS

MÉDIUNS SEMIMECÂNICOS

MÉDIUNS INSPIRADOS OU INVOLUNTÁRIOS

MÉDIUNS DE PRESENTIMENTO

CAPÍTULO 16 – MÉDIUNS ESPECIAIS

APTIDÕES ESPECIAIS DOS MÉDIUNS

RESUMO DOS DIFERENTES TIPOS DE MÉDIUNS

CAPÍTULO 17 – FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

MUDANÇA DE CALIGRAFIA

PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

CAPÍTULO 18 – INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE A SAÚDE

INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE O CÉREBRO

INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE AS CRIANÇAS

CAPÍTULO 19 – PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO DO MÉDIUM

SISTEMA DOS MÉDIUNS INERTES

**APTIDÃO DE ALGUNS MÉDIUNS PARA COISAS QUE NADA CONHECEM: LÍNGUAS,
MÚSICA, DESENHO ETC.**

DISSERTAÇÃO DE DOIS ESPÍRITOS SOBRE O PAPEL DOS MÉDIUNS

CAPÍTULO 20 – INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

PERGUNTAS DIVERSAS

DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE A INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

CAPÍTULO 21 – INFLUÊNCIA DO MEIO

CAPÍTULO 22 – MEDIUNIDADE DOS ANIMAIS

DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE ESTA QUESTÃO

CAPÍTULO 23 – OBSESSÃO

OBSESSÃO SIMPLES

FASCINAÇÃO

SUBJUGAÇÃO

CAUSAS DA OBSESSÃO

MEIOS DE COMBATER A OBSESSÃO

CAPÍTULO 24 – IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

PROVAS POSSÍVEIS DE IDENTIDADE

DISTINÇÃO ENTRE OS BONS E OS MAUS ESPÍRITOS

PERGUNTAS SOBRE A NATUREZA E A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

CAPÍTULO 25 – EVOCAÇÕES

CONSIDERAÇÕES GERAIS

ESPÍRITOS QUE PODEM SER EVOCADOS

LINGUAGEM A SER USADA COM OS ESPÍRITOS

UTILIDADE DAS EVOCAÇÕES PARTICULARES

PERGUNTAS SOBRE AS EVOCAÇÕES

EVOCAÇÃO DE ANIMAIS

EVOCAÇÕES DE PESSOAS VIVAS

TELEGRAFIA HUMANA

CAPÍTULO 26 – PERGUNTAS QUE PODEM SER FEITAS AOS ESPÍRITOS

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

PERGUNTAS SIMPÁTICAS OU ANTIPÁTICAS AOS ESPÍRITOS

PERGUNTAS SOBRE O FUTURO

PERGUNTAS SOBRE AS EXISTÊNCIAS PASSADAS E FUTURAS

PERGUNTAS SOBRE INTERESSES MORAIS E MATERIAIS

PERGUNTAS SOBRE A SORTE DOS ESPÍRITOS

PERGUNTAS SOBRE A SAÚDE

PERGUNTAS SOBRE AS INVENÇÕES E DESCOBERTAS

PERGUNTAS SOBRE OS TESOUROS OCULTOS

PERGUNTAS SOBRE OUTROS MUNDOS

CAPÍTULO 27 – CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES

CONTRADIÇÕES

MISTIFICAÇÕES

CAPÍTULO 28 – CHARLATANISMO E ILUSIONISMO

MÉDIUNS INTERESSEIROS

FRAUDES ESPÍRITAS

CAPÍTULO 29 – REUNIÕES E SOCIEDADES ESPÍRITAS

REUNIÕES EM GERAL

SOCIEDADES PROPRIAMENTE DITAS

ASSUNTOS DE ESTUDO

RIVALIDADE ENTRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS

CAPÍTULO 30 – REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE

DE ESTUDOS ESPÍRITAS

CAPÍTULO 1 – OBJETIVO E FORMAÇÃO DA SOCIEDADE

CAPÍTULO 2 – ADMINISTRAÇÃO

CAPÍTULO 3 – SESSÕES

CAPÍTULO 4 – DISPOSIÇÕES DIVERSAS

CAPÍTULO 31 – DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

SOBRE O ESPIRITISMO

SOBRE OS MÉDIUNS

SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS
COMUNICAÇÕES APÓCRIFAS (FALSAS)

CAPÍTULO 32 – VOCABULÁRIO ESPÍRITA

OBRAS CONSULTADAS

Leia mais

Contracapa

INTRODUÇÃO

Todos os dias a experiência vem nos confirmar que as dificuldades e as decepções que muitos encontram na prática do **Espiritismo** têm a sua origem na falta de conhecimento dos princípios desta Ciência. Sentimo-nos felizes ao constatar que o trabalho que realizamos, para prevenir seus seguidores contra os perigos do aprendizado, produziu seus frutos e que muitos puderam evitá-los, graças à leitura atenta desta obra.

Um desejo muito natural, entre as pessoas que se dedicam ao Espiritismo, é o de poderem se comunicar, elas mesmas, com os **Espíritos**. Esta obra tem por objetivo ajudá-las a conseguir essa comunicação, permitindo que aproveitem o resultado de nossos longos e laboriosos estudos. Aquele que julgasse que, para se tornar perito na Ciência Espírita, basta saber colocar os dedos sobre uma mesa para fazê-la girar ou segurar um lápis para que ele escreva, estaria formando uma ideia muito falsa.

Aquele que acreditasse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns, também se enganaria. Embora cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, essas qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que ninguém pode provocar à sua vontade.

Os indivíduos que não têm vocação para poesia, pintura e música não se tornam poetas, pintores e músicos apenas porque conhecem as regras destas artes. Essas regras servem apenas para guiar aqueles que já possuem talento natural para elas. O mesmo acontece com o nosso trabalho; o seu objetivo é indicar os meios para desenvolver a faculdade mediúnica em quem já a possui, segundo as possibilidades de cada um, e, sobretudo, orientar o seu emprego para que ela seja utilizada da maneira mais proveitosa possível. Mas esse não é o único objetivo desta obra.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, aumenta diariamente o número de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas. Orientá-las em suas observações, apontar-lhes as dificuldades que certamente encontrarão por se tratar de uma Ciência nova, ensinar-lhes a maneira de como se comunicar com os Espíritos para que obtenham boas comunicações, tudo isso é o conjunto de medidas que devemos adotar, sob pena de fazermos um trabalho incompleto.

Assim, ninguém se surpreenda se encontrar em nosso trabalho instruções que, à primeira vista, podem parecer descabidas. A experiência mostrará que são instruções úteis. Aquele que estudar cuidadosamente este livro compreenderá melhor os fatos que vier a observar, e a linguagem de alguns Espíritos lhe parecerá bem menos estranha. Na prática, esta obra não se destina exclusivamente aos médiuns, mas a todos aqueles que estão em condições de observar os fenômenos espíritas.

Algumas pessoas gostariam que tivéssemos publicado um manual prático, bem mais resumido, contendo em poucas palavras a indicação dos procedimentos que devem ser empregados para se comunicar com os Espíritos. Elas pensam que um livro dessa natureza, mais barato, poderia ser difundido em profusão e representaria um poderoso meio de propaganda, pela multiplicação do número de médiuns. Entendemos que semelhante obra seria mais nociva do que útil, ao menos por enquanto.

A prática do Espiritismo é difícil e nem sempre está isenta de contratempos, que só um estudo sério e completo pode prevenir. Temos medo de que uma explicação muito resumida provoque experiências feitas com leviandade, nas quais seus experimentadores possam ter motivos para se arrepender; são atitudes *inconvenientes* e *imprudentes*, com as quais não se deve brincar. Acreditamos prestar um mau serviço colocando-as à disposição do primeiro irresponsável que achasse divertido conversar com os mortos. Dirigimo-nos às pessoas que veem no Espiritismo um objetivo sério, que compreendem toda a sua importância e que não fazem das comunicações com o Mundo Invisível um mero passatempo.

Chegamos a publicar uma *Instrução Prática* com o objetivo de guiar os médiuns: essa obra encontra-se hoje esgotada e, embora feita com um objetivo eminentemente elucidativo e sério, não vamos reimprimi-la, porque não a consideramos ainda bastante completa para esclarecer acerca de todas as dificuldades que podem ser encontradas. Vamos substituí-la por esta, na qual reunimos todos os dados de uma longa experiência e que um estudo consciencioso nos permitiu colher. Esperamos que *O Livro dos Médiuns* contribua para dar ao Espiritismo o caráter sério que constitui a sua essência e para evitar que vejam nele uma ocupação fútil e divertida.

A essas considerações ainda acrescentaremos outra, muito importante: a má impressão que causa nos iniciantes e nas pessoas de má vontade a visão de experiências feitas com leviandade e sem conhecimento de causa. Essas experiências têm o inconveniente de dar uma ideia muito falsa acerca do mundo dos Espíritos e de se prestarem à zombaria e à crítica, quase sempre procedentes. É por isso que os incrédulos raramente saem dessas reuniões convertidos e dispostos a enxergar algo de sério no Espiritismo. A ignorância e a leviandade de certos médiuns têm causado, na opinião de muita gente, mais prejuízos do que se imagina.

O Espiritismo progrediu bastante nesses últimos anos; mas, desde que entrou no caminho filosófico, seu progresso foi imenso, porque ele passou a ser apreciado pelas pessoas esclarecidas. Hoje, deixou de ser visto como um espetáculo; é uma doutrina da qual não riem mais aqueles que zombavam das mesas girantes. Com os nossos esforços para conduzir e manter o Espiritismo nesse terreno, temos a convicção de que lhe conquistaremos mais seguidores úteis, do que provocando, sem qualquer critério, manifestações que se prestariam a abusos. Temos a prova disso todos os dias pelo número dos que se tornam espíritas, pela simples leitura de *O Livro dos Espíritos*.

Após a exposição do *aspecto filosófico* da Ciência Espírita, em *O Livro dos Espíritos*, apresentamos nesta obra a sua parte *prática*, para uso daqueles que desejam se ocupar com as manifestações, seja por iniciativa própria, seja pela

observação de experiências alheias. Nela, trataremos das dificuldades que podem ser encontradas e dos meios que devem ser utilizados para evitá-las.

O Livro dos Espíritos e *O Livro dos Médiuns*, embora sendo a continuação um do outro, são até certo ponto independentes. Mas, para aquele que quiser se ocupar seriamente com o assunto, aconselhamos que leia primeiro *O Livro dos Espíritos*, porque ele contém os princípios fundamentais, sem os quais talvez seja difícil a compreensão de algumas partes desta obra.

Alterações importantes foram introduzidas nesta segunda edição de *O Livro dos Médiuns*, e ela ficou muito mais completa do que a primeira. Os próprios Espíritos, com um cuidado muito especial, fizeram a correção e lhe acrescentaram um grande número de observações e de instruções do mais alto interesse. Como eles revisaram tudo, aprovando-a ou modificando-a à sua vontade, podemos dizer que ela é, em grande parte, obra deles, porque a intervenção dos Espíritos não se limitou apenas a alguns artigos que assinaram.

Somente citamos os nomes de alguns Espíritos quando isso nos pareceu necessário, para caracterizar alguns textos mais extensos ditados por eles mesmos. De outra forma, seria necessário citá-los quase que em todas as páginas, principalmente nas respostas dadas às nossas perguntas, providência que nos pareceu inútil. Nesses assuntos, como se sabe, os nomes pouco importam. O essencial é que o conjunto do trabalho corresponda aos objetivos a que nos propusemos.

Como acrescentamos muitas coisas, muitos capítulos inteiros, suprimimos alguns artigos que ficariam em duplicidade, entre eles o que tratava da “Escala Espírita”, que já se encontra em *O Livro dos Espíritos*. Suprimimos igualmente do “Vocabulário Espírita” aquilo que não se ajustava bem ao objetivo desta obra, substituindo com vantagem o que foi excluído por coisas mais práticas.

Além do mais, esse “Vocabulário Espírita” não estava completo e pretendemos publicá-lo mais tarde, separadamente, sob o formato de um pequeno dicionário de *Filosofia Espírita*. Conservamos nesta edição apenas as palavras novas ou específicas, relativas ao assunto com o qual nos ocupamos.

Depois da segunda edição, o texto de *O Livro dos Médiuns* não sofreu mais alterações.

Observações

Espiritismo: Doutrina codificada por Allan Kardec (1804–1869). Baseia-se nos ensinamentos morais de Jesus, na existência dos Espíritos, nas suas manifestações e na possibilidade de eles se comunicarem com os homens. Ensina que para chegar à perfeição, que é o objetivo de todo Espírito, é necessário reencarnar diversas vezes. Trata também da existência dos diversos mundos habitados e da evolução desses mundos, conforme instruções que o próprio Codificador recebeu dos Espíritos.

Espírito: Segundo a Doutrina Espírita, os Espíritos são os seres inteligentes da Criação, que vivem no Universo, fora do mundo material, e constituem o que chamamos de o “mundo invisível”. São as almas dos homens que viveram na Terra ou em outros orbes e que deixaram o seu corpo físico.

PRIMEIRA PARTE
NOÇÕES PRELIMINARES

CAPÍTULO 1

EXISTEM ESPÍRITOS?

1. A dúvida em relação à existência dos Espíritos tem como causa principal o desconhecimento quanto à sua verdadeira natureza. Geralmente, os Espíritos são imaginados como seres à parte da Criação, cuja necessidade não está demonstrada.

Muitas pessoas só os conhecem pelos contos fantásticos que ouviram na infância, mais ou menos como aquelas que só conhecem a História pelos romances. Não procuram saber se esses contos, desprovidos dos acessórios ridículos, possuem ou não algum fundo de verdade. Essas pessoas só se deixam impressionar pelo lado absurdo que esses contos trazem. Não se dão ao trabalho de quebrar a casca da noz para descobrir a amêndoa. Assim, rejeitam toda a História, como fazem os religiosos que, chocados com alguns abusos, afastam-se da Religião.

Seja qual for a ideia que se faça dos Espíritos, a crença na existência deles decorre necessariamente do fato de haver um princípio inteligente no Universo, além da matéria. A crença nos Espíritos é incompatível com a negação absoluta de que existe um princípio inteligente no Universo, além da matéria. Sendo assim, adotamos como ponto de partida a *existência*, a *sobrevivência* e a *individualidade* da alma, cuja demonstração teórica e dogmática está a cargo do *Espiritualismo*, e a demonstração experimental está a cargo do *Espiritismo*. Deixemos de lado, por alguns instantes, as manifestações propriamente ditas e, **raciocinando por indução**, vejamos a que consequências chegaremos.

Observação

Raciocinar por indução – É o método de raciocínio que utiliza certos

fatos conhecidos, mediante observação, para chegar a uma conclusão genérica. É uma consequência tirada dos fatos que se examinam. Exemplo: Pedro joga basquete e é alto; portanto, todo jogador de basquete é alto.

2. A partir do momento em que se admite a existência da alma e a sua individualidade após a morte, é preciso admitir também que:

1º - A natureza da alma é diferente da natureza do corpo físico, pois, ao separar-se dele, ela deixa de ter as propriedades que são específicas ao corpo.

2º - A alma tem consciência de si mesma, pois lhe atribuímos a capacidade de ser feliz ou infeliz. Do contrário, seria um ser inerte e de nada valeria para nós possuí-la.

Admitindo isso, é claro que esta alma tem que ir para algum lugar após a morte. Mas o que acontece com ela e para onde ela vai?

Segundo a crença popular, ela vai para o Céu ou para o Inferno. Mas onde ficam o Céu e o Inferno? Antigamente se dizia que o Céu ficava em cima e o Inferno embaixo. Entretanto, o que significa o alto e o baixo no Universo, uma vez que sabemos que a Terra é redonda e os astros giram, fazendo com que o que está em cima, doze horas depois, esteja embaixo? O que significa o infinito do espaço no qual o olhar mergulha a distâncias incomensuráveis?

É verdade que por lugares baixos também se designam as profundezas da Terra. Mas o que são hoje essas profundezas, depois que a Geologia as pesquisou? O que são igualmente essas **esferas concêntricas** chamadas céu de fogo, céu de estrelas, desde que se sabe que a Terra não é o centro do Universo? Que o nosso próprio Sol não é o único e que existem milhões de sóis que brilham no espaço, sendo cada um deles o centro de um turbilhão de planetas?

A que ficou reduzida a importância da Terra, perdida nessa imensidão? Graças a que privilégio injustificável este imperceptível grão de areia, que não se distingue pelo seu tamanho, nem pela sua posição, nem por um papel particular no Universo, seria o único planeta povoado por seres racionais? A razão se recusa a admitir essa inutilidade do infinito e tudo nos diz que outros

mundos também são habitados.

Assim, se existem outros mundos habitados, eles também fornecem seus contingentes para o mundo das almas. Então, voltamos a perguntar: Em que se tornam as almas, depois da morte do corpo, e para onde elas vão? A **Astronomia** e a **Geologia** destruíram as moradas que lhes estavam destinadas, ao entenderem que só na Terra existe vida. Entretanto, a teoria tão racional, da pluralidade dos mundos habitados, multiplicou essas moradas ao infinito.

Não havendo concordância entre a doutrina que estabelece um lugar determinado para as almas e os dados da Ciência, temos que aceitar outra doutrina mais lógica. Essa outra doutrina não lhes marca um lugar - determinado e circunscrito, mas indica como morada para a alma o espaço universal. É todo um mundo invisível, no meio do qual vivemos, que nos cerca e nos envolve incessantemente. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que não esteja de acordo com a razão? De modo algum; ao contrário, tudo nos diz que não pode ser de outra maneira.

Mas, então, em que se transformam as penas e as recompensas futuras, se as almas não vão para um lugar determinado? Observem que a ideia dessas penas e recompensas é tão absurda, que dá motivo à incredulidade. Digam, em vez disso, que as almas desfrutam de sua felicidade ou sofrem suas penas em seu próprio íntimo; que a sua sorte está subordinada ao seu estado moral; que a reunião das almas boas e simpáticas constitui para elas uma fonte de felicidade; que, de acordo com o grau de depuração que tenham alcançado, elas penetram e entreveem coisas inacessíveis às almas grosseiras, e todos compreenderão sem dificuldade.

Digam, ainda, que as almas só chegam ao grau supremo da perfeição pelos esforços que fazem para se melhorarem e depois que passam por uma série de provas que servem para a sua purificação; que os anjos são almas que alcançaram o último grau da escala, grau que todas podem atingir, desde que tenham boa vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de zelar pela execução de Seus desígnios em todo o Universo; que eles sentem-se

felizes por desempenhar essas missões gloriosas, e estaremos dando à felicidade deles um objetivo útil e mais atraente do que o de uma contemplação perpétua, que não seria outra coisa senão uma inutilidade perpétua.

Digam, finalmente, que os demônios são simplesmente as almas dos homens maus, que ainda não se purificaram, mas que podem, como todas as outras, chegar à perfeição, e isso estará mais de acordo com a justiça e a bondade de Deus, do que a doutrina que apresenta os seres criados para o mal e a ele perpetuamente destinados. Eis o que a razão mais severa, a lógica mais rigorosa, o bom senso, podem admitir.

As almas que povoam o espaço são justamente aquilo que chamamos de *Espíritos*. Assim, os Espíritos são apenas as almas dos homens, sem o seu corpo físico. Se os Espíritos fossem seres à parte da Criação, sua existência seria incerta. Portanto, se admitirmos a existência das almas, temos que admitir também a existência dos Espíritos, que nada mais são do que as próprias almas. Se admitirmos que as almas estão por toda parte, é preciso admitir que os Espíritos também estão. Desse modo, não podemos negar a existência dos Espíritos sem negar a existência das almas.

Observações

Esferas concêntricas – Antigamente se acreditava que a Terra fosse o centro do Universo; os Céus ficavam nas esferas mais superiores e, por isso, mais iluminadas, e as trevas ou o Inferno, nas esferas mais inferiores, ou melhor, dentro da Terra, em direção ao centro. Na *Divina Comédia*, Dante Alighieri (1265-1321) utiliza o modelo do mundo com nove esferas; é a doutrina da localização das almas, circunscritas pelas esferas.

A Astronomia e a Geologia destruíram as moradas que estavam destinadas à alma – Aqui é preciso entender essa afirmação em seu sentido figurado, ou seja, a Astronomia, ao estudar os astros, não encontrou nenhum que tivesse vida similar à da Terra, e a Geologia, ao estudar as camadas geológicas do planeta, também não encontrou a alma.

3. Na verdade, a teoria que admite a existência da alma e a sua individualidade após a morte é apenas uma teoria mais racional do que aquela que lhe é contrária. Contudo, já é admirável uma teoria que nem a razão e nem a ciência contradizem. Além disso, ela é confirmada pelos fatos e tem a aprovação do raciocínio e da experiência. Encontramos esses fatos nos fenômenos das manifestações espíritas, que são a prova evidente da existência e da sobrevivência da alma.

Para muitas pessoas, a crença se resume nisso; elas acreditam na existência das almas e, conseqüentemente, na dos Espíritos, mas negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles; elas dizem que seres imateriais não podem agir sobre a matéria. Essa dúvida tem como causa o desconhecimento da verdadeira natureza dos Espíritos, da qual, em geral, se faz uma ideia muito falsa, ao considerá-los seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é verdade.

Primeiramente, vamos imaginar o Espírito em sua união com o corpo. O Espírito é o ser principal, pois é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um *acessório* do Espírito, um envoltório, uma vestimenta que ele abandona quando dela não mais precisa. Além do envoltório material, que é o nosso corpo físico, o Espírito tem um segundo envoltório, semimaterial, que se liga ao primeiro. Por ocasião da morte, o Espírito abandona o corpo físico, mas não abandona o segundo envoltório, que chamamos de *perispírito*.

Este envoltório semimaterial, que possui a mesma forma do corpo físico, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo fato de ser invisível para nós, em seu estado normal, não deixa de possuir algumas das propriedades da matéria. Portanto, o Espírito não é um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável para se assemelhar às criaturas humanas.

Por que, então, o Espírito não agiria sobre a matéria? Pelo fato de ser fluídico o seu corpo? Mas não é entre os fluidos mais rarefeitos, aqueles que são imponderáveis, como a eletricidade, por exemplo, que o homem encontra os seus motores mais potentes? A luz imponderável não exerce uma ação química

sobre a matéria **ponderável**? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito; vamos imaginar que ele seja formado de matéria elétrica, ou de outra tão sutil quanto ela; por que então o perispírito não teria a mesma propriedade da matéria rarefeita, quando dirigido por uma vontade?

Observação

Ponderabilidade – É a possibilidade que se tem de pesar, medir ou quantificar um objeto material qualquer.

4. A existência da alma e a de Deus, que são a consequência uma da outra, constituem a base do Espiritismo. Antes de iniciarmos qualquer discussão espírita, precisamos saber se o leitor admite essa base. Se ele responder negativamente às seguintes perguntas:

Você acredita em Deus?

Acredita que possui uma alma?

Acredita na sobrevivência da alma após a morte?

Ou se ele responder simplesmente: “Não sei; gostaria que fosse assim, mas não estou certo disso”, o que, quase sempre, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos contundente, para evitar ferir muito bruscamente aquilo que ele chama de *preconceitos respeitáveis*, seria inútil prosseguir.

Seria o mesmo que querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a sua existência. Porque, definitivamente, as manifestações espíritas não passam de efeitos das propriedades da alma. Assim, com pessoas que possuam esta espécie de dúvida, é necessário seguir uma ordem diferente de ideias, se não quisermos perder tempo.

Se a base da Doutrina Espírita for admitida, não como uma simples *probabilidade*, mas como algo verdadeiro, incontestável, a existência dos Espíritos será uma decorrência natural dessa base.

5. Resta saber, agora, se o Espírito pode comunicar-se com o homem, se pode trocar ideias com ele. Mas por que não poderia? O homem não é um Espírito aprisionado em um corpo físico? Por que o Espírito livre não poderia se comunicar com o Espírito que está aprisionado ao corpo? O homem livre não pode se comunicar com um prisioneiro?

Desde que se admita a sobrevivência da alma, será racional não admitir a sobrevivência das afeições? Uma vez que as almas estão por toda parte, não é natural acreditar que aquela que nos amou durante a sua vida na Terra venha para perto de nós e queira comunicar-se conosco, utilizando-se para isso dos meios que estão à sua disposição?

Enquanto estava “viva”, a alma não agia sobre o seu corpo físico? Não era ela quem lhe dirigia os movimentos? Por que razão a alma não poderia, após a sua morte, usar o corpo de um Espírito encarnado para manifestar o seu pensamento? Um mudo não se utiliza de uma pessoa que fala para se fazer compreender?

6. Deixemos de lado, por alguns instantes, os fatos que, para nós, tornam incontestável a realidade dessa comunicação. Entretanto, vamos admitir a comunicação apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não através de uma simples negação, visto que suas opiniões pessoais não constituem Lei, mas por meio de razões categóricas, que não possam ser contestadas, que essa comunicação não é possível.

Vamos nos colocar no terreno em que os incrédulos se colocam, uma vez que eles desejam apreciar os fatos espíritas com o auxílio das Leis materiais. Que eles tirem desse arsenal científico alguma prova matemática, física, química, mecânica, fisiológica, demonstrando por A mais B, sempre partindo do princípio da existência da alma e da sua sobrevivência, que:

1º - O ser pensante que existe em nós, durante a vida na Terra, não deve mais pensar após a morte;

2º - Se o Espírito desencarnado continua a pensar, não deve mais pensar

naqueles a quem amou;

3º - Se o Espírito desencarnado continua a pensar naqueles a quem amou, não deve mais querer se comunicar com eles;

4º - Se o Espírito desencarnado pode estar em toda parte, não pode estar ao nosso lado;

5º - Se o Espírito desencarnado está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6º - O Espírito desencarnado, por meio do seu corpo fluídico, não pode agir sobre a matéria inerte;

7º - Se o Espírito desencarnado pode agir sobre a matéria inerte, não pode agir sobre um ser animado.

8º - Se o Espírito desencarnado pode agir sobre um ser animado, não pode dirigir a sua mão para fazê-lo escrever;

9º - Se o Espírito desencarnado pode fazer esse ser animado escrever, não lhe pode responder às perguntas e nem lhe transmitir os seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos demonstrarem que isso é impossível, por meio de razões tão evidentes como aquelas apresentadas por Galileu para provar que não é o Sol que gira em torno da Terra, então poderemos dizer que as suas dúvidas têm fundamento. Infelizmente, até hoje, toda a argumentação daquele que é incrédulo se resume nestas palavras: *Não acredito, logo isto é impossível.*

Os incrédulos dirão que cabe a nós provar a realidade das manifestações; nós já provamos a sua veracidade pelos fatos e pelo raciocínio; se eles não aceitam os fatos e nem o raciocínio, se eles negam até mesmo o que veem, compete a eles provar que o nosso entendimento é falso e que os fatos espíritas são impossíveis.

CAPÍTULO 2

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações fosse uma concepção isolada, fosse o produto de uma Lei, ela poderia, com alguma razão, merecer a suspeita de ser uma ilusão. Mas, então, por que essa crença é encontrada com tanta frequência entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? Alguns críticos dizem: é porque o homem, em todos os tempos, sempre gostou do maravilhoso.

O que o homem entende por maravilhoso? Aquilo que é sobrenatural. O que ele entende por sobrenatural? Aquilo que é contrário às Leis da Natureza. Então o homem conhece tão bem essas Leis que é capaz de estabelecer limites aos poderes de Deus? Pois bem! Que ele prove que a existência dos Espíritos e as suas manifestações são contrárias às Leis da Natureza; que os Espíritos e as suas manifestações não podem ser uma dessas Leis. Observem a Doutrina Espírita e vejam se esse encadeamento não apresenta todas as características de uma Lei admirável, que resolve tudo o que as outras filosofias não puderam resolver até agora.

O pensamento é um dos atributos do Espírito. A possibilidade que eles têm de atuar sobre a matéria, de causar uma impressão material em nossos sentidos, de nos transmitir seus pensamentos, resulta da sua própria constituição fisiológica. Assim, não existe nesse fato nada de sobrenatural, nem de maravilhoso.

Se um homem morto voltasse a viver em um corpo físico, se os seus membros dispersos se reunissem para formar novamente o seu corpo, isso sim seria maravilhoso, sobrenatural, fantástico. Seria também uma verdadeira revogação das Leis da Natureza, que Deus somente poderia realizar através de um milagre. Não existe nada de semelhante na Doutrina Espírita.

8. Entretanto, os críticos dirão que um Espírito pode levantar uma mesa e mantê-la no espaço sem um ponto de apoio. Isso não é uma revogação da Lei da gravidade? – Sim, mas da Lei conhecida. Será que o homem já detém o conhecimento completo de todas as Leis da Natureza? Antes das experiências com a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada (balão), carregando muitos homens, fosse capaz de se erguer do chão e vencer a força de atração da gravidade? Aos olhos do povo, isso não pareceria maravilhoso, diabólico?

Seria considerado louco aquele que, no século passado, se propusesse a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e receber a resposta em alguns minutos. Se o fizesse, todos acreditariam que o diabo estava trabalhando para ele, pois, naquela época, só o diabo seria capaz de andar tão rápido. Então, por que um fluido desconhecido não poderia, em certas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Isso é apenas uma comparação que serve para mostrar, com ideias semelhantes, que o fato não é fisicamente impossível.

Os cientistas se perderam quando tentaram identificar e classificar os fenômenos espíritas, utilizando esquemas já existentes. De qualquer forma, os fenômenos aí estão, e todas as negações não poderão fazer com que eles não sejam reais, porque negar não é provar. Para nós, não há nada de sobrenatural, e é tudo o que podemos dizer no momento.

9. Os críticos dirão: se o fato for comprovado, nós o aceitaremos. Aceitaremos inclusive a causa que foi citada, ou melhor, a de um fluido desconhecido. Mas quem nos prova a intervenção dos Espíritos? É justamente na intervenção dos Espíritos que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Neste caso, seria necessária uma demonstração, que, além de inoportuna, seria também repetitiva, porque ela está contida em todas as outras partes do ensinamento. Entretanto, para resumi-la em algumas palavras, diremos que ela se baseia, do ponto de vista teórico, no seguinte princípio: *todo efeito inteligente*

deve ter uma causa inteligente; e, do ponto de vista prático, na observação de que os fenômenos ditos espíritas, por terem dado provas de inteligência, devem ter uma causa inteligente fora da matéria; mais ainda: que essa inteligência, não sendo a dos assistentes – conforme já foi comprovado pela experiência – deve estar fora deles.

Uma vez que o ser que agia não era visto, deveria tratar-se, necessariamente, de um ser invisível. Foi então que, após várias observações, deu-se a esse ser o nome de Espírito. O Espírito nada mais é do que a alma daqueles que viveram na Terra e que, após a morte, perderam o seu corpo físico visível, ficando apenas revestidos com um envoltório etéreo, invisível em seu estado normal. Eis, assim, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua expressão mais simples, ou seja, os Espíritos.

Portanto, comprovada a existência dos seres invisíveis, sua ação sobre a matéria resulta da natureza do corpo fluídico que os reveste. Essa ação é inteligente porque, ao morrerem, eles perdem apenas o corpo físico, conservando a inteligência que lhes constitui a própria essência. Aí está a chave de todos esses fenômenos considerados erroneamente como sobrenaturais.

Assim, a existência dos Espíritos não é um sistema preconcebido, uma hipótese imaginada para explicar os fatos. A existência deles é o resultado de observações, é a consequência natural da existência da alma. Negar essa causa é negar a existência da alma e os seus atributos. Aqueles que pensam que podem encontrar, para esses efeitos inteligentes, uma solução mais racional que explique a causa de *todos os fenômenos espíritas*, podem fazê-lo. Só então será possível discutir-se o mérito das diferentes tentativas de explicar os fenômenos.

10. Para aqueles que consideram a matéria como a única força da Natureza, *tudo aquilo que não pode ser explicado pelas Leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*. Para eles, *maravilhoso* é sinônimo de *superstição*. Se fosse assim, a Religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, que é Deus, seria um conjunto de superstições.

Os materialistas não ousam dizer em voz alta o que pensam, mas o dizem baixinho e acreditam salvar as aparências, ao concordarem que é necessária uma Religião para o povo e para tornar as crianças boazinhas e comportadas. Ora, de duas uma: ou o princípio religioso é verdadeiro, ou é falso. Se for verdadeiro, ele deve ser para todos; se for falso, ele não é melhor para os ignorantes do que para as pessoas esclarecidas.

11. Aqueles que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso se apoiam geralmente no princípio materialista, uma vez que, ao negar qualquer efeito fora da matéria, negam, automaticamente, a existência da alma.

Ao sondar o fundo de seus pensamentos e investigar o sentido de suas palavras, quase sempre vamos encontrar o princípio materialista, que, se não se mostra categoricamente formulado, se apresenta disfarçado sob os contornos de uma pretensa *filosofia racional*, debaixo da qual os críticos se escondem. Atribuindo tudo o que decorre da existência da alma ao maravilhoso, eles tornam-se coerentes consigo mesmos, porque, não admitindo a causa, não podem admitir as consequências.

Existe entre os críticos uma opinião preconcebida que os impede de fazer um julgamento isento sobre o Espiritismo, porque eles partem do princípio de negar tudo o que não seja material. Quanto a nós, pelo simples fato de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma, deveríamos aceitar todos os fatos qualificados de maravilhosos? Por acaso, seríamos os campeões de todos os sonhadores? Os adeptos de todas as fantasias, de todos os sistemas excêntricos e estranhos? Quem pensasse assim demonstraria conhecer bem pouco o Espiritismo; mas os nossos adversários não se importam com isso. A necessidade de conhecer aquilo de que falam é a menor de suas preocupações.

Segundo os nossos adversários, o maravilhoso é absurdo. Ora, o Espiritismo se apoia em inúmeros fatos maravilhosos; logo, o Espiritismo é absurdo. Para eles, trata-se de um julgamento sem apelação. Eles acreditam ter

apresentado um argumento sem réplica, após terem realizado várias pesquisas sobre os **convulsionários de Saint-Médard**, os **protestantes calvinistas de Cévennes**, e as **religiosas de Loudun**. Entretanto, após profundas pesquisas sobre esses episódios, foram descobertos fatos concretos de fraude e que ninguém contesta.

Semelhantes histórias têm fundamento no Espiritismo? Os espíritas alguma vez negaram que o charlatanismo tem explorado alguns fatos em proveito próprio? Que muitos desses fatos foram criados pela imaginação? Que muitos foram exagerados pelo fanatismo? O Espiritismo não é solidário com as extravagâncias que se cometem em seu nome, assim como a verdadeira Ciência também não é solidária com os abusos da ignorância, e nem a verdadeira Religião com os excessos do fanatismo.

Muitos críticos se limitam a julgar o Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares, que são uma forma de ficção. Seria o mesmo que julgar a História pelos romances históricos ou pelas tragédias.

Observações

Convulsionários de Saint-Médard – Em 1729 teriam ocorrido inúmeros milagres em Paris, no cemitério de Saint-Médard, junto ao túmulo do padre François de Paris, desencarnado dois anos antes, e que em vida teria sido muito humilde e caridoso, dedicando-se aos pobres. O relato completo, acerca dos convulsionários de Saint-Médard, encontra-se na *Revista Espírita* de novembro de 1859.

Protestantes calvinistas de Cévennes – Desde 1685 os calvinistas haviam sido declarados hereges pela Igreja Romana. Na França, eles eram conhecidos por *huguenotes* e se refugiavam na região montanhosa de Cévennes. A guerra empreendida, sob o reinado de Luís XIV, contra os calvinistas foi um dos episódios mais tristes da história da França. Neste período ocorreram fatos mediúnicos extraordinários, como sonambulismo, êxtase, dupla vista, previsões e muitos outros. Mais tarde, esses fatos descambaram para o exagero, para o

fanatismo e para mistificações de toda a sorte.

As religiosas de Loudun – A possessão das freiras de Loudun foi um suposto conjunto de possessões e histerias que ocorreram na França, em 1634. Essas freiras teriam sido visitadas e possuídas por demônios. Esses fatos mediúnicos notáveis logo descambaram para a mistificação, como ficou comprovado mais tarde.

12. Na lógica mais elementar, para se discutir um assunto é preciso conhecê-lo, porque a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com perfeito conhecimento de causa. Somente assim a sua opinião, ainda que errada, pode ser levada em consideração. Mas que peso essa opinião pode ter quando o crítico trata de matéria que não conhece?

O verdadeiro crítico deve possuir sabedoria e um profundo conhecimento a respeito do assunto que está analisando; deve ter isenção no julgamento e absoluta imparcialidade. Se não for assim, qualquer violinista pode se achar no direito de julgar **Rossini** e um aprendiz de pintor, de censurar **Rafael**.

Observações

Gioachino Antonio Rossini (1792-1868) – Famoso compositor de óperas; nasceu na cidade italiana de Pesaro e, entre as suas maiores obras, encontramos *O Barbeiro de Sevilha*.

Rafael Sanzio (1483-1520) – Importante artista plástico italiano da época do Renascimento. Trabalhou na decoração dos aposentos do Vaticano e suas pinturas ficaram conhecidas como as *Stanzas* de Rafael. Como arquiteto, coordenou por um período os trabalhos na Basílica de São Pedro.

13. Portanto, o Espiritismo não aceita todos os fatos considerados maravilhosos ou sobrenaturais. Longe disso, demonstra a impossibilidade de um grande número deles, e o ridículo de certas crenças que constituem,

propriamente falando, aquilo que se chama de superstição. É bem verdade que, entre os fatos que o Espiritismo admite, existem coisas que, para os incrédulos, pertencem puramente ao domínio do maravilhoso, ou seja, da superstição.

Sendo assim, que os incrédulos se dignem a discutir apenas os pontos sérios da Doutrina, pois sobre os outros pontos o Espiritismo nada tem a dizer e eles perdem o seu tempo pregando em vão. Ao atacar o que a própria Doutrina Espírita rejeita, os incrédulos provam a sua ignorância sobre o assunto e os seus argumentos caem por terra. Mas até onde vai a crença do Espiritismo? – perguntarão os incrédulos. Leiam, observem e saberão!

O conhecimento de qualquer ciência exige tempo e estudo. Ora, o Espiritismo, que aborda as questões mais graves da Filosofia, que trabalha com todos os ramos da ordem social, que abrange ao mesmo tempo o homem físico e o homem moral, é, ele próprio, toda uma Ciência, toda uma Filosofia, que não pode ser aprendida em apenas algumas horas, assim como acontece com todas as outras ciências.

Limitar o Espiritismo às mesas girantes é tão ingênuo quanto limitar a Física a algumas experiências infantis. Aquele que não quiser se contentar com um conhecimento superficial sobre a Doutrina Espírita precisará de meses, de anos, e não de apenas algumas horas, para descobrir os seus segredos. Por aí, podemos avaliar o grau de saber e o valor que nos merece a opinião daqueles que se acham no direito de julgar o Espiritismo, só porque viram uma ou duas experiências, e na maioria das vezes como distração ou passatempo.

Certamente, os incrédulos dirão que não dispõem do tempo necessário para fazer este estudo. Pois que seja, nada os obriga a isso. Mas, quando alguém não tem tempo para aprender uma coisa, não deve falar sobre ela e, ainda menos, julgá-la, se não quiser ser acusado de leviano. Quanto mais conhecimento uma pessoa tiver sobre uma ciência qualquer, menos ela poderá ser desculpada se tratar de forma leviana um assunto que não conhece.

14. O que acabamos de expor pode ser resumido da seguinte maneira:

1º - Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência à morte do corpo físico e suas manifestações;

2º - Pelo fato de esses fenômenos estarem baseados em uma Lei da Natureza, eles não possuem nada de *maravilhoso*, nem de *sobrenatural*, no sentido comum dessas palavras;

3º - Muitos fatos apenas são considerados sobrenaturais porque a sua causa é desconhecida. O Espiritismo, ao atribuir a esses fatos uma causa, faz com que eles voltem à condição de fenômenos naturais;

4º - Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, existem muitos cuja impossibilidade o Espiritismo demonstra, e os inclui na relação das crenças supersticiosas;

5º - Embora o Espiritismo reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, ele não aceita, de modo algum, como fatos espíritas, todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6º - Julgar o Espiritismo pelos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância e desvalorizar por completo a opinião do crítico;

7º - A explicação dos fatos admitidos pelo Espiritismo, de suas causas e consequências morais, constitui toda uma Ciência e toda uma Filosofia, que requer um estudo sério, perseverante e aprofundado;

8º - O Espiritismo só pode considerar como crítico sério aquele que viu e estudou tudo; aquele que se aprofundou com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que tenha tanto conhecimento do assunto, quanto o mais esclarecido de seus seguidores; que obteve seus conhecimentos em outros lugares que não nos romances da Ciência; aquele a quem não se pode apresentar nenhum fato sobre o qual ele não tenha conhecimento; nenhum argumento sobre o qual ele já não tenha meditado; aquele que rejeita um argumento, não pelo simples fato de negar, mas pela utilização de outros argumentos mais categóricos; que pode, finalmente, atribuir uma causa mais lógica aos fatos averiguados. Esse crítico ainda não foi encontrado.

15. Pronunciamos, há pouco, a palavra *milagre*; uma rápida observação sobre o seu significado não ficará deslocada neste capítulo, que trata sobre o maravilhoso.

Em seu significado primitivo e no estudo da origem e formação das palavras, o vocábulo *milagre* significa *coisa extraordinária, coisa admirável de se ver*. Mas essa palavra, como tantas outras, se afastou do seu sentido original. Por *milagre* se entende hoje, segundo a Academia, *um ato do poder divino, contrário às Leis comuns da Natureza*. Este é o seu significado usual, e é apenas por comparação e de maneira figurada que ela é aplicada às coisas comuns que nos surpreendem e cuja causa desconhecemos.

Não é nossa intenção examinar se Deus julgou útil, em certas circunstâncias, abolir as Leis que Ele mesmo estabeleceu. Nosso único objetivo é demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que possam parecer, não revogam de maneira alguma essas Leis e não têm nenhum caráter miraculoso, assim como não são maravilhosos ou sobrenaturais.

O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, são explicados da maneira mais racional. Portanto, não são milagres; são, antes, simples efeitos, cuja razão de ser se encontra nas Leis gerais que regem o Universo. O milagre apresenta ainda outra característica: a de ser raro e isolado. Ora, quando um mesmo fato se reproduz inúmeras vezes e por diversas pessoas, não pode ser considerado como um milagre.

A Ciência faz milagres todos os dias aos olhos dos ignorantes. Eis por que, antigamente, aqueles que sabiam mais do que as pessoas comuns eram considerados bruxos, feiticeiros; e, como naquela época se acreditava que toda ciência sobre-humana vinha do diabo, eles eram queimados. Hoje, que estamos muito mais civilizados, contentamo-nos em enviá-los aos hospitais psiquiátricos.

Se um homem realmente morto, como dissemos no início, retornar à vida através de uma intervenção divina, eis aí um verdadeiro milagre, porque isso é contrário às Leis da Natureza. Entretanto, se esse homem apenas aparenta estar

morto, se ainda existe nele um resto de *vitalidade latente*, e se a Ciência ou uma ação magnética consegue reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas isso será um fenômeno muito natural. Mas, aos olhos do povo ignorante, o fato passará por miraculoso e o autor da façanha será perseguido a pedradas ou venerado, de acordo com o caráter daqueles que o cercam.

Se no meio de um campo aberto um físico empinar uma pipa e isso fizer com que um raio caia sobre uma árvore, este físico será visto como portador de um poder diabólico. Aliás, diga-se de passagem, **Prometeu** parece ter se antecipado a Benjamin Franklin (1706-1790), inventor do para-raios; mas **Josué**, ao deter o movimento do Sol, ou melhor, da Terra, teria operado um verdadeiro milagre, pois não conhecemos nenhum magnetizador dotado de tão grande poder para realizar um prodígio de tamanha envergadura.

De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, sem dúvida, o da *escrita direta*, porque ela demonstra, de modo mais evidente, a ação das inteligências ocultas. Mas o fato de esse fenômeno ser produzido por seres invisíveis não significa que ele seja mais miraculoso do que todos os outros fenômenos que se atribuem aos Espíritos, porque esses seres invisíveis, que povoam os espaços, são uma das forças da Natureza. Força que atua de maneira incessante sobre o mundo material e sobre o mundo moral.

O Espiritismo, ao nos esclarecer sobre as propriedades dos fluidos e sobre essa força da Natureza, que são os Espíritos, nos fornece a explicação para inúmeros fatos que, nos tempos antigos, não podiam ser explicados por outros meios e que, por isso mesmo, passaram a ser considerados como prodígios.

O Espiritismo e o Magnetismo nos revelam uma Lei que sempre foi desconhecida ou mal compreendida pelos homens. Entretanto, os efeitos dessa Lei sempre foram percebidos e sentidos, uma vez que eles se manifestaram em todos os tempos e em todos os lugares. Foi justamente a ignorância a respeito dessa Lei que gerou a superstição. Uma vez conhecida a Lei, o maravilhoso desaparece e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais.

Eis por que os espíritas, ao fazerem uma mesa girar, ou os mortos

escreverem, não operam um milagre maior do que o médico que restitui a vida a um moribundo, ou do físico que faz cair um raio. Aquele que pretende, com a ajuda do Espiritismo, *fazer milagres*, ou não conhece nada a respeito da Doutrina, ou pior, é um farsante.

Observações

Prometeu – Segundo a mitologia grega, Prometeu criou os homens usando água e terra. Roubou o fogo dos deuses e deu aos homens, o que lhes assegurou a superioridade sobre os outros animais

Josué – Foi o sucessor do profeta Moisés e responsável por conduzir os israelitas à Terra Prometida.

16. Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, antes de terem a sua causa conhecida, foram considerados prodígios. Assim como os incrédulos, os Espíritos fortes, ou melhor, aqueles que se julgam muito inteligentes, que pensam possuir o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não acreditam que uma coisa que eles não podem compreender seja possível. Eis por que todos os fatos considerados milagres ou prodígios são objeto de suas zombarias. Como a Religião contém um grande número de fatos desse gênero, os incrédulos não acreditam na Religião, e daí para a incredulidade absoluta é apenas um passo.

O Espiritismo, ao explicar a maioria desses fatos, dá aos incrédulos um motivo para que eles mudem de opinião. Portanto, o Espiritismo vem em auxílio da Religião, ao demonstrar a possibilidade de certos fatos que, por não terem mais o caráter miraculoso, não são menos extraordinários, e Deus não se torna menor nem menos poderoso, por não ter precisado revogar as Suas Leis.

As levitações de **São Cupertino** foram alvo de muitas brincadeiras e piadas! Entretanto, a levitação dos corpos pesados é um fato explicado pelo Espiritismo. Fomos testemunha ocular desse fato, e o **Sr. Home**, assim como outras pessoas de nosso conhecimento, repetiram muitas vezes o fenômeno

produzido por São Cupertino. Sendo assim, esse fenômeno se enquadra na ordem das coisas naturais.

Observações

São José de Cupertino (1603-1663) – José Desa nasceu em Cupertino, Diocese de Nardo, perto da cidade de Nápoles, na Itália. Possuía em elevadíssimo grau a capacidade de levitar e entrar em êxtase. É o padroeiro de passageiros e pilotos de aeronaves, asas-delta, ultraleves, astronautas etc.

Daniel Douglas Home (1833-1886) – Nascido em Edimburgo, na Escócia, Home foi provavelmente o maior paranormal de efeitos físicos que a Ciência pôde testemunhar em todos os tempos. O notável pesquisador e cientista William Crookers afirmou: “De todas as pessoas dotadas do poder de desenvolver essa força psíquica, e que são chamadas de médiuns, o Sr. Home é, sem dúvida, o mais extraordinário”.

17. Entre os fenômenos desse gênero, é preciso colocar em primeiro lugar as aparições, porque são os mais frequentes. A aparição de **La Salette**, que divide até mesmo o próprio clero, nada tem de estranho para nós. Não podemos afirmar com segurança que o fato aconteceu, porque não possuímos dele uma prova material; entretanto, para nós, ele é possível, tendo em vista os milhares de outros casos semelhantes e *recentes* que são do nosso conhecimento.

Acreditamos em aparições, não somente porque verificamos a sua realidade, mas porque sabemos perfeitamente de que maneira elas se produzem. Quem se reportar à teoria das aparições, que vamos expor mais adiante, verá que esse fenômeno é tão simples e tão autêntico como um sem-número de fenômenos físicos, que apenas parecem prodigiosos por falta de uma explicação.

Quanto à personagem que se apresentou às crianças, em La Salette, na França, é uma outra questão. Sua identidade não nos foi de modo algum demonstrada. Apenas reconhecemos que pode ter havido uma aparição, o resto não é de nossa competência. A esse respeito, cada um pode ter as convicções

que quiser e o Espiritismo nada tem a ver com isso. Dizemos tão somente que os fatos produzidos pelo Espiritismo nos revelam Leis novas, e nos dão a explicação de uma porção de coisas que pareciam sobrenaturais.

Se alguns desses fatos, considerados miraculosos, encontram no Espiritismo uma explicação lógica, isso deve ser motivo suficiente para que ninguém se apresse em negar o que não compreende. Algumas pessoas contestam os fenômenos espíritas porque eles lhes parecem estar fora das Leis da Natureza e porque não podem ser explicados. Se lhes dermos uma explicação lógica, a dúvida desaparecerá.

Neste século, em que ninguém mais se satisfaz apenas com palavras, a “explicação” constitui um poderoso meio de convencimento das criaturas. É por isso que vemos, todos os dias, pessoas que não testemunharam nenhum fato espírita, que não viram nenhuma mesa girar, nenhum médium escrever, se tornarem tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam, ou seja, encontraram uma explicação. Se acreditássemos apenas naquilo que os olhos podem ver, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

Observação

Nossa Senhora de La Salette – É o nome dado à Virgem Maria, que apareceu em 1846 a duas crianças que cuidavam do gado de seus patrões, nas montanhas de La Salette, nos Alpes franceses.

CAPÍTULO 3

MÉTODOS

18. É muito natural e louvável o desejo que todo espírita tem de fazer novos seguidores. Desejo, este, que nunca será demais estimular. Visando facilitar a tarefa dos espíritas é que nos propusemos a examinar, nesta obra, o caminho que nos parece mais seguro para se atingir esse objetivo, com a finalidade de poupar esforços inúteis.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma Ciência, toda uma Filosofia. Assim, aquele que quiser conhecê-lo seriamente deve, como primeira condição, dedicar-se a um estudo profundo e convencer-se de que ele não pode, mais do que qualquer outra Ciência, ser aprendido como se estivéssemos brincando. Já dissemos que o Espiritismo aborda todas as questões que interessam à Humanidade. Seu campo é imenso e devemos examiná-lo principalmente pelas consequências que ele produz.

Sem dúvida, a base da Doutrina Espírita é a crença nos Espíritos, mas essa crença não é o suficiente para fazer de alguém um espírita esclarecido, assim como a crença em Deus não basta para formar um teólogo. Então, vejamos de que modo é melhor ensinar a Doutrina Espírita, para que as pessoas sejam levadas a ter mais segurança em suas convicções.

Que os espíritas não se assustem com a palavra “ensinar”. Ensinar não é somente aquilo que é ministrado do alto de uma cátedra. A simples conversação também é um ensinamento. Toda pessoa que procura convencer outra, seja por meio de explicações, seja por meio de experiências, está ensinando. O que desejamos é que esse esforço dê resultados; é por isso que julgamos por bem dar alguns conselhos, que também poderão ser aproveitados por aqueles que querem se instruir por conta própria. No *Livro dos Médiuns*, eles encontrarão o meio de chegar, com maior rapidez e segurança, ao objetivo desejado.

19. Geralmente se acredita que, para convencer alguém, basta mostrar os fatos. Realmente, esse parece ser o caminho mais lógico. No entanto, a experiência mostra que nem sempre essa é a melhor conduta a ser seguida, porque existem pessoas que não se convencem mesmo diante dos fatos mais evidentes. Mas por que isso acontece? É o que vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, a crença na existência dos Espíritos é uma questão secundária, é uma consequência, não é o ponto de partida. Ao colocar a crença na existência dos Espíritos como ponto de partida, muitos espíritas cometem um erro que os leva ao insucesso, quando tentam explicar a Doutrina a certas pessoas.

Sendo os Espíritos as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir a existência de seres que vivem fora do mundo material, quando ele mesmo acredita ser apenas matéria? Como ele pode crer na existência de Espíritos ao seu redor, quando ele não admite a existência de seu próprio Espírito? Assim, diante do materialista, é inútil acumular provas, por mais palpáveis que elas sejam, pois ele irá contestá-las todas, uma vez que não admite o princípio, ou seja, a existência dos Espíritos.

Todo ensinamento metódico deve partir daquilo que é conhecido para chegar àquilo que não é conhecido. Para o materialista, o conhecido é a matéria. Partam da matéria e tratem de convencê-lo, pela observação da própria matéria, de que no materialista existe alguma coisa que escapa às Leis da matéria. Resumindo: antes de tornarem o materialista ESPÍRITA, procurem torná-lo **ESPIRITUALISTA**.

Para isso, é necessário recorrer a outra ordem de fatos, a um ensinamento especial utilizando outros processos. Falar de Espíritos ao materialista, antes de ele estar convencido de que possui uma alma, é começar por onde se deve terminar, porque ele não pode aceitar a conclusão se não aceita o ponto de partida.

Portanto, antes de tentar convencer um incrédulo, mesmo através de

fatos, convém que nos certifiquemos de sua opinião em relação à alma, ou seja, se ele acredita ou não na sua existência, na sua sobrevivência após separar-se do corpo físico, enfim, na sua individualidade após a morte. Se a sua resposta for negativa, será pura perda de tempo falar-lhe a respeito dos Espíritos. Esta é a regra. Entretanto, não podemos dizer que ela não comporte exceções. Mas, nesse caso, provavelmente deve existir outra causa que torne o incrédulo menos avesso em relação à ideia de que ele possui uma alma.

Observação

Espiritualista – É todo aquele que acredita possuir, em si, algo mais do que o corpo físico, ao qual dá o nome de alma, Espírito, essência etc.- Entretanto, isso não significa que ele seja espírita. Em contrapartida, todo espírita é necessariamente espiritualista.

20. Entre os materialistas, é preciso distinguir duas classes: na PRIMEIRA classe estão aqueles que são materialistas por considerarem o princípio verdadeiro. Para eles não existe a dúvida, o que existe é a negação absoluta, segundo a sua maneira de raciocinar. Eles consideram o homem apenas uma máquina que funciona enquanto está organizada, mas que se desarranja e, após a morte, resta apenas o esqueleto.

Felizmente, o número deles é bem pequeno e em nenhum lugar formam uma escola abertamente reconhecida. Não precisamos insistir nos deploráveis efeitos que resultariam para a ordem social a propagação de semelhante doutrina. Já falamos bastante sobre esse assunto em *O Livro dos Espíritos* (perguntas nº 147 e seguintes; item nº 3 da Conclusão).

Quando dissemos que a dúvida dos incrédulos desaparece diante de uma explicação racional, devemos excluir os materialistas radicais, aqueles que negam a existência de qualquer força e de qualquer princípio inteligente fora da matéria. A maioria deles teima e persiste nessa ideia por orgulho e amor-próprio. Mantém a sua opinião, apesar de todas as provas contrárias, porque

não quer ficar por baixo.

Com essas pessoas, não há nada o que se possa fazer; nem se deve acreditar na falsa aparência de sinceridade quando elas dizem: “Façam com que eu veja, e eu acreditarei”. Existem aqueles que são mais francos e dizem com vaidade: “Mesmo que eu visse, não acreditaria”.

21. A SEGUNDA classe de materialistas é muito mais numerosa do que a primeira, porque nela o verdadeiro materialismo é um sentimento antinatural. Essa classe abrange aqueles que são materialistas por indiferença ou por falta de alguma coisa melhor para acreditar. Não o são por vontade própria, e o que eles mais desejam é acreditar, pois a incerteza os atormenta.

Existe neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado de uma forma que sua razão não pode aceitar. Daí surge a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Portanto, para eles, a incredulidade não é fruto de um ensinamento. Assim, se apresentarmos a essa classe de materialistas alguma coisa racional, eles serão os primeiros a aceitar de bom grado. Esses podem nos compreender, porque estão mais próximos de nossas ideias do que eles próprios imaginam.

Aos primeiros, ou seja, aos materialistas convictos, não falem de revelação, nem de anjos, nem de paraíso, pois eles não compreenderiam. Procurem se colocar no terreno em que eles estão e mostrem que as Leis da Fisiologia são impotentes para explicar tudo; o resto virá como consequência.

Quando a incredulidade não é um preconceito, a situação é muito diferente, porque, nesse caso, o materialista ainda acredita em alguma coisa e essa crença, por menor que seja, permanece como um gérmen em estado latente, sufocado pelas ervas daninhas. Portanto, basta uma faísca para reanimar a crença. É o caso do cego a quem se devolve a visão e que fica feliz por tornar a ver a luz; é o caso do naufrago a quem se alcança uma tábua de salvação.

22. Ao lado dos materialistas propriamente ditos, existe uma TERCEIRA classe de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são tão contrários ao Espiritismo quanto os materialistas radicais. São os *incrédulos de má vontade*. Eles preferem não acreditar, porque isso perturbaria a tranquilidade de seus prazeres materiais. Temem encontrar no Espiritismo a condenação de suas ambições, de seu egoísmo e das vaidades humanas com as quais se comprazem. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Só podemos lamentá-los.

23. Apenas para mencionar, vamos citar uma QUARTA classe de incrédulos, a que chamaremos de *incrédulos interesseiros* ou de *má-fé*. Estes sabem muito bem o que há de certo no Espiritismo, mas o condenam de modo ostensivo, apenas por interesse pessoal. Não há nada a dizer sobre eles, assim como não há nada a fazer com eles.

Se o materialista radical se engana, ele tem ao menos a seu favor a desculpa da boa-fé. Podemos corrigi-lo, mostrando-lhe o erro. Já com os *incrédulos interesseiros*, existe uma firme determinação, contra a qual todos os argumentos se chocam. O tempo se encarregará de abrir os seus olhos e de lhes mostrar, talvez à custa de seu próprio sofrimento, onde estavam os seus verdadeiros interesses. Esses incrédulos, não podendo impedir que a verdade se espalhe, serão arrastados pela correnteza, juntamente com os interesses que julgam salvaguardar.

24. Além dessas diversas categorias de opositores, existe uma infinidade de variações, entre as quais podemos incluir os *incrédulos por covardia*, que terão coragem, quando verificarem que os outros não se prejudicam; os *incrédulos por escrúpulos religiosos*, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo se apoia nos próprios fundamentos da Religião e que respeita todas as outras crenças; que um de seus efeitos é inspirar sentimentos religiosos em quem não os tem e fortalecê-los naqueles que vacilam. Existem ainda os *incrédulos por*

orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade etc.

25. Não podemos omitir uma categoria a que chamaremos de *incrédulos por decepções*. Abrange aqueles que passaram da confiança exagerada à incredulidade, porque sofreram decepções, desilusões. Assim, desencorajados, abandonam tudo e a tudo rejeitam. É como aquele que nega a boa-fé e a honestidade, apenas porque foi enganado. É ainda o resultado de um estudo incompleto do Espiritismo e da falta de experiência.

Geralmente, os Espíritos enganam as pessoas que perguntam o que eles não devem ou o que eles não podem responder. Também são enganadas as pessoas que não estão suficientemente instruídas sobre o assunto que perguntam e, assim, não conseguem distinguir o que é verdadeiro daquilo que é falso. Aliás, muitos veem o Espiritismo apenas como um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos existem para adivinhar o futuro e predizer a sorte de cada um.

Ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem a oportunidade para se divertirem com aqueles que pensam dessa forma. É desse modo que anunciarão maridos às moças solteiras; anunciarão honras, heranças, tesouros ocultos aos ambiciosos, e assim por diante. Frequentemente, essa postura dos Espíritos levianos resulta em um sem-número de decepções desagradáveis, das quais o homem sério e prudente sempre sabe se preservar.

26. Os indecisos, apesar de constituírem a classe mais numerosa de todas, não podem ser incluídos entre os opositores. Geralmente, são espiritualistas por princípio. A maioria deles possui uma vaga intuição das ideias espíritas e aspira a alguma coisa que não consegue definir. Falta-lhes apenas coordenar e formular os pensamentos. Para eles, o Espiritismo é um raio de luz; é a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo o acolhem com avidez, com sofreguidão, porque ele os liberta das angústias que a incerteza lhes causa.

27. Inseridos na categoria daqueles que acreditam, encontraremos os espíritas que não sabem que são espíritas. Essa categoria constitui uma variedade ou uma subdivisão da classe dos indecisos. Sem nunca terem ouvido falar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos seus grandes princípios. Esse sentimento se reflete em algumas passagens de seus escritos e de seus discursos, a tal ponto que os seus ouvintes julgam que eles são - conhecedores da Doutrina. Encontramos numerosos exemplos dessa categoria entre os escritores sagrados e **profanos**, entre os poetas, oradores, moralistas e entre os filósofos antigos e modernos.

Observação

Profano – Tudo o que é alheio à Religião; que não tem envolvimento com ela.

28. Entre aqueles que se convenceram pelo estudo direto do Espiritismo, podemos distinguir:

1º - Aqueles que acreditam pura e simplesmente nas manifestações dos Espíritos. O Espiritismo é para eles apenas uma ciência de observação, apresentando uma série de fatos mais ou menos curiosos. Vamos chamá-los de *espíritas experimentadores*;

2º - Aqueles que veem no Espiritismo algo mais do que simples fatos espíritas. Compreendem o seu aspecto filosófico, admiram a moral que daí decorre, mas não a praticam. A influência da Doutrina sobre o seu caráter é insignificante ou nula.

Não modificam em nada os seus hábitos e não se privam de um só de seus prazeres. O avaro continua a ser mesquinho; o orgulhoso se mantém sempre cheio de amor-próprio; o invejoso e o ciumento continuam sempre agressivos. Para eles, a caridade cristã é apenas um belo ensinamento. São os *espíritas imperfeitos*.

3º - Aqueles que não se contentam em apenas admirar a moral espírita,

mas que a praticam e aceitam todas as suas consequências. Convencidos de que a experiência terrena é apenas uma prova passageira, tratam de aproveitar os seus curtos instantes para avançar no caminho do progresso, único meio que pode elevá-los de posição no Mundo dos Espíritos.

Assim, eles se esforçam para fazer o bem e para reprimir as suas más tendências. O relacionamento com as outras pessoas é sempre seguro, porque a convicção que possuem os afasta de qualquer mau pensamento. A caridade é sempre a sua regra de conduta. Estes são os *verdadeiros espíritas*, ou melhor, os *espíritas cristãos*.

4º - Finalmente, existem os *espíritas exagerados*. A espécie humana seria perfeita, se adotasse sempre o lado bom das coisas. O exagero é prejudicial em tudo. No Espiritismo, ele fornece uma confiança cega e ingênua no que diz respeito às manifestações do Mundo Invisível, fazendo com que se aceite, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo que a reflexão e o exame demonstrariam ser absurdo ou impossível. O entusiasmo deslumbra e não permite que as pessoas raciocinem. Essa espécie de seguidores da Doutrina é mais prejudicial do que útil à causa do Espiritismo.

Os *espíritas exagerados* são os menos aptos a convencer alguém, e é com razão que todos desconfiam do seu bom senso. Graças à sua boa-fé, são facilmente enganados pelos Espíritos mistificadores e pelas pessoas que procuram explorar a sua credulidade. Se apenas eles sofressem as consequências desse exagero, o mal seria menor. O pior é que, mesmo sem querer, eles dão argumentos aos incrédulos, que mais procuram zombar do que se convencer. Por conta dessa classe de espíritas, esses incrédulos consideram todos os espíritas como ridículos.

Certamente, isso não é justo e nem racional. Entretanto, já se sabe que os adversários do Espiritismo apenas reconhecem como sendo boa a sua própria razão. Pouco se importam em conhecer a fundo os assuntos sobre os quais falam.

29. Os meios pelos quais se aceita a Doutrina Espírita variam muito de acordo com os indivíduos. Aquilo que convence a uns nem sempre convence a outros. Uns se convencem observando as manifestações materiais; outros, por meio de comunicações inteligentes; e a grande maioria, pelo raciocínio. Podemos até mesmo dizer que, para a maior parte daqueles que não estão em condições de apreciar as manifestações pelo raciocínio, os fenômenos materiais não despertam interesse ou têm pouco significado.

Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais eles se afastam das Leis conhecidas, mais encontram oposição, e isso por uma razão muito simples: é que somos naturalmente levados a duvidar de algo que não possui sustentação racional. Cada um considera o fenômeno do seu ponto de vista e dá a ele uma explicação diferente: o materialista atribui o fenômeno a uma causa puramente física ou a uma mistificação; o ignorante e o supersticioso veem uma causa diabólica ou sobrenatural.

A explicação prévia de um fato tem o efeito de anular as ideias preconcebidas a respeito dele. Assim, mesmo que a explicação não esclareça completamente a sua realidade, ela aumenta a possibilidade de o fenômeno ser compreendido antes de ser visto. Quando se aceita a possibilidade de uma coisa acontecer, estamos muito próximos da convicção.

30. Vale a pena tentar convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, a insistência em querer convencê-lo faz com que ele acredite em sua importância pessoal, tornando-o ainda mais obstinado.

Aquele que não se convence pelo raciocínio, nem pelos fatos, é porque ainda precisa passar pela prova da incredulidade. É preciso deixar que Deus lhe prepare circunstâncias mais favoráveis. Existem muitos querendo receber a luz! Por que perder tempo com aqueles que a repelem?

Dirijam-se aos homens de boa vontade, cujo número é muito maior do que se pensa. O exemplo desses homens, multiplicando-se, vencerá mais

facilmente as resistências do que as simples palavras. O verdadeiro espírita nunca deixa de fazer o bem, de aliviar os corações aflitos, de consolar os que precisam, de acalmar os desesperados, de promover as reformas morais. Esta é a sua missão e nela ele encontra a verdadeira satisfação.

O Espiritismo está no ar; ele se difunde pela própria força das circunstâncias e porque torna felizes aqueles que o seguem. Quando os adversários sistemáticos do Espiritismo perceberem que os seus próprios amigos o estão adotando, compreenderão que estão isolados e serão forçados a se calar ou a se render.

31. Para se ensinar o Espiritismo, como se faz com qualquer outra Ciência, é preciso examinar toda a série dos fenômenos que podem ser produzidos, começando pelos mais simples, para chegar sucessivamente aos mais complexos. Ora, isso é impossível, porque não se pode fazer um curso de Espiritismo experimental, como se faz um curso de Física ou de Química.

Nas ciências naturais, trabalha-se com a matéria bruta, que pode ser manipulada à vontade e quase sempre se consegue controlar os seus efeitos. No Espiritismo, lidamos com inteligências que desfrutam de liberdade e que nos provam, a cada instante, que não se submetem aos nossos caprichos. Portanto, é preciso observar, esperar os resultados e colhê-los quando eles ocorrem.

É por isso que dizemos abertamente que: *todo aquele que se vangloriar de conseguir manifestações espíritas à vontade não passa de um ignorante ou de um impostor.* Esta é a razão por que o verdadeiro Espiritismo jamais será um espetáculo e jamais subirá aos palcos.

Não existe lógica em supor que os Espíritos se entreguem a exibições e que se sujeitem a investigações como se fossem objetos de curiosidade. Desse modo, os fenômenos podem simplesmente não acontecer, quando tivermos necessidade deles, ou se apresentarem numa ordem muito diferente daquela que gostaríamos.

Acrescentemos ainda que, para os fenômenos serem obtidos, são

necessárias pessoas dotadas de faculdades mediúnicas especiais. Essas faculdades variam ao infinito, conforme a aptidão de cada indivíduo. Essa dificuldade fica ainda mais aumentada, porque é extremamente raro que uma mesma pessoa possua todas as faculdades mediúnicas. Assim, precisaríamos ter sempre à mão uma verdadeira coleção de médiuns, o que não é possível.

O meio de evitar esse inconveniente é muito simples. Basta começar pelo estudo da teoria, onde todos os fenômenos são apreciados e explicados. Nesse estudo, é possível compreender a possibilidade de cada fenômeno e saber em que condições ele pode se produzir e os obstáculos que podem ser encontrados. Portanto, qualquer que seja a ordem com que os fenômenos se apresentem, nada poderá nos surpreender.

Esse caminho oferece ainda uma outra vantagem: a de poupar muitas decepções ao experimentador. Prevenido quanto às dificuldades, ele pode manter-se vigilante e evitar experiências desnecessárias.

Desde o momento que passamos a nos ocupar com o Espiritismo, foram tantas as pessoas que vieram ter conosco que seria difícil calcular o seu número. Entre elas, muitas permaneceram indiferentes ou incrédulas, mesmo diante dos fatos mais evidentes, e apenas se convenceram mais tarde, depois de uma explicação racional; outras aceitaram por meio do raciocínio; finalmente, muitas se convenceram sem nada terem visto, simplesmente porque haviam compreendido!

Pela experiência, podemos afirmar que o melhor método para ensinar o Espiritismo é aquele que se dirige à razão e não à simples visão das manifestações. Esse é o **método** que seguimos em nossas lições, e temos alcançado muito sucesso com ele.

Observação

Método – No rodapé da página, Kardec colocou esta nota: “Nosso ensinamento teórico e prático é sempre gratuito”.

32. O estudo prévio da teoria apresenta ainda outra vantagem: a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta Ciência. Aquele que inicia o estudo vendo uma mesa girar ou bater sente-se mais inclinado à zombaria, porque não imagina que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da Humanidade. Temos observado que aqueles que acreditam antes de terem visto, apenas porque leram e compreenderam, longe de serem superficiais, são, ao contrário, os que mais refletem.

Dando maior atenção ao “conteúdo” do que à “forma” como a Doutrina é apresentada, para eles a parte filosófica é a principal e os fenômenos propriamente ditos são o acessório. Chegam mesmo a dizer que, se os fenômenos não existissem, nem por isso esta filosofia deixaria de ser a única que resolve tantos problemas até hoje insolúveis. Dizem, também, que apenas ela apresenta a teoria mais racional sobre o passado e o futuro do homem. Assim, a sua razão prefere uma doutrina que realmente explica, em detrimento daquelas que nada explicam ou explicam mal.

Quem refletir compreende perfeitamente que, mesmo se as manifestações espíritas não existissem, a Doutrina continuaria existindo. As manifestações apenas reforçam e confirmam o Espiritismo, mas não constituem a sua base essencial. O observador sério não as repele, simplesmente aguarda as circunstâncias favoráveis para observá-las. A prova do que afirmamos é que um grande número de pessoas, antes mesmo de ouvir falar das manifestações, já tinha a intuição dessa Doutrina, que apenas veio dar um corpo a essa intuição, um formato, um conjunto às suas ideias.

33. Não é correto dizer que aqueles que começam pela teoria não têm acesso às observações práticas. Pelo contrário, as manifestações espíritas não lhes faltam e, porque eles conhecem as suas causas, elas se revelam ainda mais naturais, mais precisas e valiosas aos seus olhos. Estamos nos referindo aos numerosos casos de *manifestações espontâneas*, das quais falaremos nos capítulos seguintes.

São poucas as pessoas que não conhecem as manifestações espontâneas, ao menos por ouvir dizer, e muitas experimentaram pessoalmente essas manifestações, sem lhes dar a devida atenção. A teoria vem lhes dar a explicação. Consideramos esses fatos de grande importância quando se apoiam em testemunhos irrecusáveis, que não tiveram tempo para serem frutos de arranjos, nem de cumplicidades.

Mesmo que os fenômenos provocados não existissem, os fenômenos espontâneos já bastariam e o Espiritismo já se daria por satisfeito se apenas servisse para lhes dar uma explicação racional. Assim, a maioria daqueles que leem previamente sobre os fenômenos espíritas associa as suas lembranças a esses fenômenos, confirmando na prática o que foi aprendido na teoria.

34. Está redondamente enganado sobre a nossa maneira de pensar aquele que imagina que estamos aconselhando a que se desprezem os fenômenos espíritas, porque foi através deles que chegamos à teoria. É bem verdade que, para isso, foi preciso um trabalho assíduo de muitos anos e de milhares de observações. Uma vez que os fenômenos espíritas nos serviram e nos servem todos os dias, seríamos incoerentes se negássemos a sua importância, sobretudo agora, quando escrevemos um livro destinado a tornar esses fenômenos conhecidos por todos.

Dizemos apenas que somente as manifestações espíritas não bastam para que as pessoas se convençam, se elas não fizerem o uso do raciocínio. Assim, é necessária uma explicação prévia que coloque fim às prevenções e mostre que os fenômenos não se contrapõem à razão, predispondo os indivíduos a aceitá-los.

Isso é tão verdadeiro que, se dez pessoas que não conhecem o Espiritismo assistirem a uma sessão de manifestação mediúnica, mesmo que essa sessão seja um sucesso na opinião dos espíritas, nove sairão sem estar convencidas, e algumas delas ainda mais incrédulas do que antes, porque as experiências não corresponderam às suas expectativas.

O mesmo não acontece com aquelas que puderem compreender as manifestações por meio de um conhecimento teórico prévio. Para essas pessoas, a teoria constitui um meio de controle e nada vai surpreendê-las, nem mesmo o insucesso, pois elas sabem em que condições os fenômenos se produzem, e sabem também que não se deve exigir dos fatos aquilo que eles não podem dar.

O conhecimento antecipado dos fatos faz com que as pessoas sejam capazes de perceber não só as dificuldades, mas também de captar inúmeros detalhes, de nuances quase sempre muito sutis, que são para elas elementos de convicção que escapam ao observador ignorante. É por isso que, em nossas sessões experimentais, apenas aceitamos pessoas suficientemente preparadas para compreender o que ali se passa, pois estamos convencidos de que os despreparados perdem o seu tempo, ou fazem com que percamos o nosso.

35. Para aqueles que querem adquirir esses conhecimentos preliminares, pela leitura de nossas obras, aconselhamos que as leiam nesta ordem:

1º - *O que é o Espiritismo?* – Este volume, de apenas cem páginas, é uma exposição resumida dos princípios da Doutrina Espírita; é uma visão geral que permite ao leitor compreender o conjunto dentro de um quadro restrito. Em poucas palavras, ele percebe o seu objetivo e pode julgar o seu alcance. Além disso, ele contém respostas às principais questões ou contestações que os novatos costumam fazer. Essa primeira leitura, que exige pouco tempo, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2º - *O Livro dos Espíritos* – Contém a Doutrina completa, ditada pelos próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e com todas as suas consequências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação ao conhecimento da natureza dos Espíritos e aos mistérios da vida após a morte. Após a leitura desse Livro, compreende-se que o Espiritismo tem um objetivo sério e que não é um simples passatempo.

3º - *O Livro dos Médiuns* – Destina-se a guiar aqueles que desejam entregar-se à prática das manifestações mediúnicas, fornecendo-lhes os meios

mais apropriados para se comunicarem com os Espíritos. É um guia para os médiuns e para os evocadores e se constitui em um complemento de *O Livro dos Espíritos*.

4º - Revista Espírita – É uma variada coletânea de fatos, de explicações teóricas e de trechos isolados, que completam o que foi exposto em *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*, e que representa, de alguma forma, a sua aplicação. A leitura da *Revista Espírita* pode ser feita juntamente com as outras obras, mas ela será mais proveitosa e mais compreensível se for feita depois da leitura de *O Livro dos Espíritos*.

É assim com relação às nossas obras. Entretanto, aqueles que desejam conhecer tudo sobre uma Ciência devem, necessariamente, ler tudo o que foi escrito sobre ela, ou, pelo menos, as coisas principais, não se limitando a um único autor. Devem ler, também, os prós e os contras, as críticas e as opiniões elogiosas, estudar os diferentes sistemas, a fim de poder julgar com conhecimento de causa.

A esse respeito, não recomendamos nem criticamos nenhuma obra, pois não queremos influenciar em nada na opinião que alguém possa formar sobre o assunto. Ao trazer a nossa contribuição ao tema, fizemos a nossa parte. Não nos cabe ser juiz e participante ao mesmo tempo, assim como também não temos a ridícula pretensão de sermos os únicos a difundir os conhecimentos. Cabe ao leitor separar aquilo que é bom daquilo que é mau, o que é verdadeiro daquilo que é falso.

CAPÍTULO 4

SISTEMAS

36. Quando os estranhos fenômenos espíritas começaram a se produzir, ou melhor, quando esses fenômenos voltaram a se reproduzir nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que despertaram foi o da dúvida sobre a sua realidade e, principalmente, sobre a causa que lhes dava origem.

Quando esses fenômenos foram comprovados, por provas indiscutíveis e pelas experiências que todos puderam fazer, cada um passou a interpretá-los a seu modo, de acordo com as suas ideias pessoais, suas crenças ou suas prevenções. Daí o aparecimento de um sem-número de sistemas, a que uma observação mais atenta viria dar o seu devido esclarecimento.

Nessa divergência de opiniões, entre os diversos sistemas, os adversários do Espiritismo logo encontraram um argumento contrário, dizendo que os próprios espíritas não concordavam entre si. Trata-se de um argumento pobre e precário, porque os primeiros passos de qualquer Ciência são necessariamente incertos, até que o tempo permita reunir e coordenar os fatos, sobre os quais se possa firmar a opinião.

À medida que os fatos se completam e são melhor observados, as ideias prematuras se desfazem e a unidade se estabelece, se não em todos os detalhes, pelo menos sobre os pontos fundamentais. Foi o que aconteceu com o Espiritismo; ele não podia escapar à Lei comum e devia mesmo, pela sua natureza, prestar-se, mais do que qualquer outro assunto, à diversidade de opiniões. Podemos dizer que, sob esse aspecto, o Espiritismo andou mais rápido do que as outras ciências, bem mais antigas do que ele, como a Medicina, por exemplo, que até hoje divide a opinião dos médicos mais conceituados.

37. Para seguir a ordem progressiva das ideias, de uma forma metódica, convém colocar em primeiro lugar os *sistemas de negação*, ou seja, aqueles que são adversários do Espiritismo. Já rebatemos as suas contestações na Introdução e na Conclusão de *O Livro dos Espíritos*, assim como no pequeno volume *O que é o Espiritismo?*. Seria inútil voltar ao assunto e nos limitaremos a recordar, rapidamente, os motivos sobre os quais eles se apoiam.

Os fenômenos espíritas são de duas espécies: os de efeitos físicos e os de efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos, porque não admitem nada além da matéria, podemos compreender que os adversários do Espiritismo neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os analisam segundo o seu ponto de vista e seus argumentos podem ser resumidos nos quatro sistemas seguintes.

38. Sistema do Charlatanismo – Entre os adversários do Espiritismo, muitos atribuem os fenômenos espíritas à mistificação, porque alguns desses fenômenos podem ser imitados. Tal suposição transforma todos os espíritas em pessoas que são mistificadas e todos os médiuns em mistificadores, independente da posição, do caráter, do saber e da honradez dessas pessoas. Se essa suposição merecesse uma resposta, diríamos que alguns fenômenos da Física também podem ser imitados por mágicos e que isso nada prova contra a verdadeira ciência.

Além disso, existem pessoas cujo caráter afasta qualquer suspeita de fraude e seria preciso ser muito mal-educado e destituído de civilidade para dizer a essas pessoas que elas são cúmplices do charlatanismo. Em um salão muito respeitado, um senhor, que se dizia bem-educado, fez um comentário indelicado sobre o serviço, e ouviu da dona da casa o seguinte: “Senhor, já que não está satisfeito, seu dinheiro lhe será devolvido na porta da saída”, e, com um gesto, indicou-lhe o caminho.

Devemos concluir disso que nunca houve abuso? Para se chegar a essa conclusão, seria necessário admitir que os homens são perfeitos. Abusa-se de

tudo, mesmo das coisas mais santas. Por que não se abusaria do Espiritismo? Entretanto, o mau uso que se faz de alguma coisa não é motivo para que ela seja prejudgada negativamente. Para se julgar a boa-fé das pessoas, é preciso analisar como elas agem. Onde não existe especulação financeira, o charlatanismo nada tem a fazer.

39. Sistema da Loucura – Alguns, numa espécie de tolerância caridosa, concordam em afastar a suspeita de fraude e sustentam que aqueles que não enganam são eles mesmos os enganados, o que equivale a chamá-los de tolos. Quando os incrédulos falam sem rodeios, declaram simplesmente que aqueles que acreditam nos fenômenos espíritas são loucos, atribuindo-se desse modo, e sem qualquer cerimônia, o privilégio do bom senso.

Este é o grande argumento daqueles que não têm melhores razões para apresentar. Essa forma de crítica tornou-se ridícula pela leviandade com que é feita e não merece que se perca tempo em respondê-la. Aliás, os próprios espíritas pouco se importam com ela; seguem corajosamente o seu caminho e se consolam ao lembrar que têm, por companheiros de infortúnio, muitas pessoas cujo mérito é incontestável.

Essa loucura, se é que existe realmente, possui uma característica muito singular: a de atingir preferencialmente a classe mais esclarecida, entre a qual o Espiritismo conta, até o momento, com a imensa maioria de seus seguidores. Se entre os espíritas se encontram alguns excêntricos, eles não depõem contra a Doutrina, assim como os loucos religiosos não depõem contra a Religião, nem os loucos **melomaníacos** contra a Música, ou os loucos matemáticos contra a Matemática. Todas as ideias sempre tiveram fanáticos exagerados e é preciso ser muito pouco inteligente para confundir o exagero de uma ideia com a própria ideia.

Para explicações mais detalhadas sobre o assunto, recomendamos a leitura de *O que é o Espiritismo* e *O Livro dos Espíritos* (Introdução, item nº 15).

Observação

Melomaniaco – Aquele que tem paixão exagerada pela música.

40. Sistema da Alucinação – Outra opinião, um pouco menos ofensiva, por trazer uma aparência levemente científica, consiste em atribuir os fenômenos espíritos a uma ilusão dos sentidos. Assim, o observador seria alguém de muita boa-fé que acredita ver o que, na verdade, não vê. Quando diz que vê uma mesa se levantar e se manter no ar, sem nenhum ponto de apoio, na verdade a mesa nem sequer se mexeu. Ele a vê no ar por uma espécie de miragem, ou por um efeito de refração, o mesmo que nos faz ver, na água, um astro ou um objeto qualquer fora da sua verdadeira posição.

A rigor, isso seria possível; mas aqueles que já presenciaram os fenômenos espíritos puderam certificar-se do isolamento da mesa suspensa, passando por debaixo dela, o que parece difícil de se conseguir se ela não estivesse efetivamente suspensa em relação ao solo. Por outro lado, muitas vezes já aconteceu de a mesa se quebrar ao cair. Será que isso também é uma ilusão de ótica?

Sem dúvida, uma causa fisiológica bem conhecida pode fazer com que uma pessoa veja se mover um objeto que não se moveu, ou que ela própria sinta estar se movendo, quando na verdade não está. Mas quando várias pessoas ao redor de uma mesa são arrastadas por um movimento tão rápido que elas mesmas têm dificuldade de acompanhar, e algumas são jogadas ao chão, pode-se dizer que todas foram acometidas de vertigem, assim como o bêbado que acredita ver passar diante de si a própria casa em que reside?

41. Sistema do Músculo Estalante – Se a “vidência” é explicada como sendo uma ilusão dos sentidos, o mesmo critério deve ser utilizado para explicar a “audição”. Entretanto, quando as pancadas são ouvidas por toda uma assembleia, não se pode, racionalmente, atribuí-las a uma ilusão. É evidente que, através de uma observação atenta, descartamos toda e qualquer

possibilidade de fraude. Constatamos que as pancadas não são provocadas ao acaso e também não são provocadas por nenhuma causa material.

Um sábio médico deu uma explicação definitiva sobre o fenômeno das pancadas ouvidas nas sessões mediúnicas, segundo a sua visão pessoal. Ele disse que: “A causa deve-se às contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo curto-perônio”. A esse respeito, ele entra nos detalhes anatômicos mais minuciosos para demonstrar o mecanismo pelo qual esse tendão é capaz de produzir esses ruídos, imitar as batidas do tambor e até executar canções ritmadas.

Assim, conclui que aqueles que acreditam ouvir pancadas vindas de uma mesa são vítimas de uma mistificação ou de uma ilusão. O fato, em si mesmo, não é novo. Infelizmente, para o autor dessa pretensa descoberta, a sua teoria é incapaz de explicar todos os casos.

Em primeiro lugar, digamos que aqueles que desfrutam da singular faculdade de fazer estalar à vontade o seu músculo curto-perônio, ou outro qualquer, e de tocar canções por esse meio, são pessoas excepcionais, enquanto a faculdade de fazer estalar as mesas é muito comum. Além disso, nem todas as pessoas que desfrutam da faculdade de fazer estalar uma mesa são dotadas da faculdade de estalar o músculo curto-perônio.

Em segundo lugar, o sábio doutor se esqueceu de explicar como esses estalos musculares de uma pessoa imóvel e afastada da mesa podem produzir nela pancadas e vibrações sensíveis ao tato; como esses estalos podem repercutir, pela vontade dos assistentes, em diferentes partes da mesa, em outros móveis, nas paredes, no teto etc.

Finalmente, como a ação desse músculo pode atingir uma mesa que ninguém toca e fazê-la mover-se. Se a explicação do músculo estalante realmente explica alguma coisa, ela apenas invalida o fenômeno das pancadas. Não consegue explicar, de modo algum, os outros muitos meios de comunicação.

Portanto, concluímos que o seu autor julgou sem ter visto, ou sem ter

visto tudo com a profundidade que deveria. É lamentável que homens de ciência se apressem em dar explicações sobre o que não conhecem, ainda mais quando os fatos podem desmenti-los. Seu saber deveria torná-los mais comedidos em seus julgamentos, uma vez que esse saber lhes amplia o conhecimento e tende a diminuir aquilo que lhes é desconhecido.

42. Sistema das Causas Físicas – A partir daqui saímos do sistema da negação absoluta. Uma vez constatada a realidade dos fenômenos, o primeiro pensamento que naturalmente veio à ideia daqueles que os verificaram foi o de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade ou à ação de um fluido qualquer, ou seja, a uma causa puramente física e material.

Essa opinião não apresentava nada de irracional e teria prevalecido, se o fenômeno tivesse se limitado a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância parecia mesmo confirmá-la: era o aumento da força atuante, em razão do número de pessoas presentes; assim, cada uma delas podia ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana.

Já dissemos que aquilo que caracteriza uma teoria como verdadeira é a capacidade de ela poder explicar todos os fatos. Desse modo, se um único fato vier a contradizê-la, é porque ela é falsa, incompleta ou exagerada. Ora, foi o que logo se reconheceu na teoria das causas físicas.

Os movimentos e as pancadas revelaram-se com sinais de inteligência, porque obedeciam a uma vontade e porque respondiam às perguntas. Quando o efeito deixou de ser puramente físico, a causa do fenômeno tinha que ter uma outra fonte. Tanto isso é verdade, que o *sistema da ação exclusiva de um agente material* foi abandonado e só continuou sendo aceito por aqueles que julgam de forma precipitada e sem nada terem visto.

Portanto, o ponto fundamental está em “constatar a ação inteligente”, que pode ser comprovada por todo aquele que se der ao trabalho de observar.

43. Sistema do Reflexo – Uma vez reconhecida a ação inteligente, restava

saber de onde ela provinha. Pensou-se que essa inteligência poderia vir do médium, ou dos assistentes, e que ela se refletia como a luz ou como as ondas sonoras. Isso realmente era possível e apenas a experiência poderia dar a última palavra a respeito.

É fácil notar que o sistema do reflexo já se afasta completamente da ideia puramente materialista; para que a inteligência dos assistentes pudesse se reproduzir por via indireta, seria preciso que se admitisse, no homem, um princípio fora do seu corpo físico.

Se o pensamento manifestado fosse sempre o dos assistentes, a teoria da reflexão teria sido confirmada. Ora, o próprio fenômeno, reduzido a essa manifestação, já não seria do mais alto interesse? O pensamento dos assistentes, repercutindo em uma mesa inerte e se manifestando pelo ruído e pelo movimento dessa mesa, já não seria um fato admirável? Já não haveria aí o suficiente para estimular a curiosidade dos cientistas? Por que, então, eles desprezaram esse fenômeno, eles que perdem o seu tempo na pesquisa de uma simples fibra nervosa?

Dissemos que somente a experiência poderia condenar ou dar razão a essa teoria, e a experiência a condenou. Ela demonstra, a cada instante, e pelos fatos mais contundentes, que o pensamento manifestado pelo ser invisível não somente pode ser estranho ao pensamento dos assistentes, como também, na maioria das vezes, é inteiramente contrário ao deles. Assim, a experiência contradiz todas as ideias preconcebidas e frustra todas as previsões.

De fato, quando eu penso na cor branca e me respondem preto, é difícil acreditar que a resposta seja minha. Em apoio à teoria do sistema do reflexo, os inimigos do Espiritismo costumam trazer certos casos em que o pensamento manifestado é idêntico ao dos assistentes. Mas o que isso prova, senão que os assistentes podem pensar como a inteligência que se comunica? Não há razão para que os dois pensamentos tenham sempre opiniões opostas. Quando, durante uma conversa, o interlocutor tem um pensamento igual ao seu, alguém dirá que ele tirou o pensamento de você? Bastam alguns exemplos em

contrário, bem comprovados, para provar que essa teoria não pode ser verdadeira.

Aliás, como explicar a escrita feita por pessoas que não sabem escrever? Como explicar as respostas do mais alto alcance filosófico, obtidas por pessoas sem instrução? Como explicar a resposta dada às perguntas formuladas mentalmente ou em uma língua desconhecida do médium? Finalmente, como explicar os milhares de outros fatos que não deixam dúvidas quanto à independência da inteligência que se manifesta? Assim, a opinião contrária apenas pode ser o resultado de uma falta de observação mais consistente.

Se a presença de uma inteligência diferente da dos médiuns e dos assistentes está comprovada “moralmente” pela natureza das respostas, também está comprovada “materialmente” pelo fenômeno da escrita direta, ou seja, da escrita obtida espontaneamente, sem caneta nem lápis, sem contato com a mão do médium, e apesar de todas as precauções tomadas para se evitar qualquer tipo de fraude.

O caráter inteligente da resposta não pode ser posto em dúvida; logo, existe na resposta outra coisa além de uma ação fluídica. Além disso, a espontaneidade do pensamento expresso, fora de qualquer previsão, fora de qualquer questão proposta, não permite, em hipótese alguma, que aí se veja um reflexo do pensamento dos assistentes.

Em alguns casos, o sistema do reflexo é muito constrangedor. Em uma reunião de pessoas honestas, quando ocorre uma comunicação grosseira, atribuí-la ao pensamento de um dos assistentes seria cometer uma grave indelicadeza, e é bem provável que todos se apressassem em repudiá-la. (Ver *O Livro dos Espíritos*, Introdução, item nº 16).

44. Sistema da Alma Coletiva – É uma variante do sistema do reflexo. Segundo esse sistema, apenas a alma do médium se manifesta, mas ela se identifica com a de muitas outras pessoas, presentes ou ausentes, para formar um todo coletivo que reúne as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de

cada uma.

Embora o livro que expõe a teoria da alma coletiva se intitule *A Luz*, o seu estilo nos parece bastante obscuro. Confessamos tê-la compreendido pouco e falamos dela apenas para registrar. Trata-se, como tantas outras, de uma opinião individual que conta com poucos adeptos. Emah Tirpsé é o nome usado pelo autor para designar o ser coletivo criado pela sua imaginação.

Por lema, ele toma a seguinte sentença: *não há nada oculto que não deva ser conhecido*. Esta proposição é evidentemente falsa, pois existe uma infinidade de coisas que o homem não pode e nem deve saber. Seria bem presunçoso aquele que pretendesse penetrar em todos os segredos de Deus.

Nota de Allan Kardec: Comunhão. À luz do fenômeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo espiritual: poder da prática da fé. Por Emah Tirpsé, uma alma coletiva que escreve por meio de uma prancheta. Bruxelas, 1858, editora Devroye.

45. Sistema Sonambúlico – Este sistema teve mais partidários e ainda conta com alguns. Assim como o sistema da alma coletiva, ele admite que todas as comunicações inteligentes originam-se da alma ou do Espírito do médium. Mas, para explicar o fato de o médium tratar de assuntos que estão fora do alcance de seus conhecimentos, em vez de considerá-lo dotado de uma alma coletiva, atribui essa aptidão a uma superexcitação momentânea de suas faculdades mentais. É como se ele entrasse numa espécie de estado sonambúlico ou estado de êxtase, que expande e desenvolve a sua inteligência.

Em certos casos, não se pode negar a influência dessa superexcitação. Mas basta ter presenciado e observado como opera a maioria dos médiuns, para saber que essa superexcitação não explica todos os fatos, e que ela se constitui na exceção e não na regra.

Poderíamos acreditar que fosse assim, se o médium tivesse sempre a aparência de um inspirado ou de uma pessoa que entra em êxtase. Aparência,

aliás, que ele poderia perfeitamente simular, se quisesse representar uma comédia. Mas como acreditar na inspiração, quando o médium escreve como uma máquina, sem ter a mínima consciência do que está escrevendo, sem demonstrar a menor emoção, sem se preocupar com o que faz, olhando para outros lugares, distraído, rindo e conversando sobre outros assuntos?

Compreende-se a superexcitação das ideias, mas não se compreende que ela possa fazer com que uma pessoa escreva, se ela não sabe escrever, como também não se compreende que ela possa produzir comunicações que são transmitidas por pancadas ou com o auxílio de uma prancheta ou de uma cesta.

Veremos, no curso desta obra, a parcela que se deve atribuir à influência das ideias do médium nas comunicações recebidas. Mas os casos em que a inteligência estranha se revela por meio de sinais incontestáveis são tão numerosos e tão evidentes, que não podem deixar dúvidas a tal respeito. O erro da maior parte dos sistemas que surgiram no início do Espiritismo foi o de ter tirado conclusões gerais, a partir de alguns fatos isolados.

46. Sistema Pessimista, Diabólico ou Demoníaco – Entramos aqui em uma outra ordem de ideias. Comprovada a intervenção de uma inteligência estranha, era preciso saber qual a natureza dessa inteligência. Sem dúvida, o meio mais simples era perguntar a ela mesma, mas algumas pessoas acharam que isso não seria uma garantia suficiente e apenas quiseram ver, em todas as manifestações, uma ação diabólica.

Segundo essas pessoas, apenas o diabo ou os demônios podem se comunicar. Embora esse sistema encontre pouca aceitação atualmente, ele desfrutou por algum tempo de certo crédito, em virtude do próprio caráter daqueles que tentaram fazer com que ele prevalecesse. Entretanto, salientamos que os partidários do sistema demoníaco não devem ser incluídos entre os adversários do Espiritismo, muito ao contrário. Sejam demônios ou anjos, os seres que se comunicam são sempre seres incorpóreos.

Ora, admitir a manifestação dos demônios é admitir a possibilidade de comunicação do mundo visível com o mundo invisível, ou, pelo menos, com uma parte do mundo invisível. A crença na comunicação exclusiva dos demônios, por mais irracional que seja, não parecia impossível para aqueles que consideravam os Espíritos como seres criados fora da Humanidade.

Porém, desde que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos homens que já viveram na Terra, essa crença perdeu todo o seu prestígio e, pode-se dizer, toda a sua concepção de verdade. Admitir essa crença seria reconhecer que todas as almas são demônios, fossem elas de um pai, de um filho ou de um amigo, e que nós mesmos, depois da morte, nos tornaríamos demônios; doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora para muitas pessoas.

Seria muito difícil convencer uma mãe de que o filho querido que ela perdeu, e que vem lhe dar, depois da morte, provas de sua afeição e de sua identidade, seja um demônio. É bem verdade que, entre os Espíritos, existem aqueles que são muito maus e que não se diferenciam em nada daqueles a quem chamamos de *demônio*, por uma razão muito simples: existem homens muito maus e que, pelo simples fato de morrerem, não se tornam bons imediatamente. A questão está em saber se são apenas os maus Espíritos que podem se comunicar conosco. Aos que pensam assim, dirigimos as seguintes perguntas:

1º - Existem Espíritos bons e Espíritos maus?

2º - Deus é mais poderoso do que os maus Espíritos, ou do que os demônios, se assim os preferem chamar?

3º - Afirmar que apenas os maus Espíritos se comunicam é dizer que os bons não podem fazê-lo. Sendo assim, de duas uma: ou isso acontece pela vontade de Deus, ou contra a Sua vontade. Se acontecer contra a Sua vontade, é porque os maus Espíritos são mais poderosos do que Ele. Se acontecer pela vontade de Deus, então por que razão, em Sua bondade, Ele não permite a comunicação dos bons, para contrabalançar a influência dos maus?

4º - Que provas podem apresentar quanto à impossibilidade de os bons

Espíritos não poderem se comunicar conosco?

5º - Quando apresentamos a sabedoria de certas comunicações, respondem que o demônio usa de todas as suas máscaras para melhor seduzir. De fato, sabemos que existem Espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um falso ar de sabedoria. Por acaso acreditam que a “ignorância” possa imitar o “verdadeiro saber” e que uma “natureza má” possa imitar a “verdadeira virtude”, sem deixar vestígios que revelem a fraude?

6º - Se é apenas o demônio que se comunica, e sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que ele recomenda orar a Deus, ser submisso à vontade do Criador, suportar sem reclamar as dificuldades da vida, não ambicionar honras nem riquezas, praticar a caridade e todos os ensinamentos do Cristo? Resumindo: por que o demônio recomenda fazer tudo o que é possível para destruir o seu império? Se é o demônio quem dá esses conselhos, é preciso admitir que, por mais esperto que seja, ele não é nada inteligente ao fornecer armas contra si mesmo.

***Comentário de Kardec:** Esta questão foi tratada em O Livro dos Espíritos (Perguntas nº 128 e seguintes). Mas recomendamos, a esse respeito, e a tudo o que se refere à parte religiosa, o livro chamado Carta de um católico sobre o Espiritismo, do Dr. Grand, antigo cônsul da França (Editora Ledoyen), assim como Os contraditores do Espiritismo do ponto de vista da Religião, da Ciência e do Materialismo.*

7º - Uma vez que os Espíritos se comunicam, é porque Deus assim o permite. Vendo as boas e as más comunicações, não é mais lógico pensar que Deus permite umas para nos experimentar e outras para nos aconselhar ao bem?

8º - O que pensar de um pai que deixa o seu filho à mercê dos maus exemplos e dos maus conselhos, afastando-o de si e proibindo-o de ver as pessoas que poderiam desviá-lo do mau caminho? Um bom pai não faz isso.

Então, será lógico pensar que Deus, que é a bondade por excelência, possa fazer menos do que faz um homem?

9º - A Igreja reconhece como autênticas algumas manifestações da Virgem e de outros santos, em aparições, visões, comunicações orais etc. Essa crença não contradiz a Doutrina, que diz que apenas os demônios podem se comunicar?

Acreditamos que algumas pessoas adotam de boa-fé a teoria de que é apenas o diabo que se manifesta. Mas também acreditamos que muitos adotaram essa teoria apenas para evitar a preocupação com essas coisas, e também para evitar as más comunicações que todos estão sujeitos a receber.

Ao dizerem que apenas o diabo se manifesta, elas queriam assustar, do mesmo modo que se diz a uma criança: não toque nisso, porque queima. A intenção pode ser boa, mas não atinge o objetivo, porque a proibição apenas estimula a curiosidade e o medo do diabo já não assusta mais as pessoas. Todos querem ver o diabo, ao menos para saber como ele é, e ficam muito espantados por não o acharem tão feio quanto imaginavam.

Mas não haveria ainda um outro motivo para essa teoria de que é apenas o diabo que se comunica? Existem pessoas que consideram errados todos aqueles que não pensam como elas. Será que aquelas que apregoam que todas as comunicações são obra do demônio não estão com medo de encontrar Espíritos que as contrariem, mostrando que elas se interessam mais pelo mundo material do que pelo mundo espiritual?

Não podendo negar os fatos, quiseram apresentá-los sob uma forma assustadora, mas esse método não produziu melhores resultados do que os outros. Onde não existe o medo do ridículo, é preciso resignar-se e deixar que as coisas sigam o seu curso.

Um muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra as *Leis do Alcorão* certamente pensaria tratar-se de um Espírito mau. O mesmo aconteceria com um judeu em relação a certas práticas da *Lei de Moisés*. Quanto aos católicos,

ouvimos um deles dizer que o Espírito que se comunicava só podia ser o do diabo, apenas porque pensava de modo diferente do dele sobre o **Poder Temporal**, embora o Espírito só houvesse pregado a caridade, a tolerância, o amor ao próximo e a abnegação das coisas deste mundo, de acordo com os ensinamentos do próprio Cristo.

Os Espíritos são as almas dos homens que viveram na Terra, e como os homens não são perfeitos, os Espíritos também não podem ser. Disso resulta que o caráter desses Espíritos imperfeitos se reflete nas comunicações. É incontestável que existem Espíritos maus, astuciosos, profundamente hipócritas, contra os quais devemos nos prevenir.

No mundo, existem homens perversos, mas isso é motivo para fugirmos de toda a vida social? Deus nos deu a razão e o discernimento para apreciarmos os Espíritos e os homens. O melhor meio de se prevenir contra os inconvenientes que a prática do Espiritismo pode apresentar não é proibir o seu exercício, mas torná-lo compreensível. Um temor que tem sua origem na “imaginação” impressiona apenas por um instante e não atinge a todos, ao passo que todos compreendem uma realidade, quando ela é claramente demonstrada.

Observação

Poder Temporal – É o poder político e governamental que o Vaticano exerce sobre as pessoas. Esse poder é aplicado de diferentes formas e varia de acordo com a personalidade do Papa, com o contexto internacional e com o apoio do povo católico. O Poder Temporal da Igreja levou o Papa a se envolver em diversos conflitos políticos com as monarquias medievais.

Assim, além da autoridade religiosa, o Papa contava também com o Poder Temporal, ou seja, o poder advindo da riqueza que a Igreja acumulava com as grandes doações de terras feitas pelos fiéis, em troca de uma possível recompensa no Céu. Esse poder terminou em 1929 com o tratado de Latrão, que estabeleceu a convivência da Cidade do Vaticano com a Itália.

47. Sistema Otimista – Ao lado daqueles que só veem nos fenômenos a ação dos demônios, existem aqueles que veem apenas a ação dos bons Espíritos. Para eles, pelo fato de a alma estar livre do corpo físico, nenhum véu existe mais para ela; assim, a alma deve possuir a suprema ciência e a suprema sabedoria.

A confiança cega nessa superioridade absoluta dos seres do mundo invisível tem sido, para muitas pessoas, a causa de inúmeras decepções. Elas aprendem, à sua própria custa, a desconfiar de alguns Espíritos, assim como de alguns homens.

48. Sistema Uniespírito ou Monoespírito – Uma variante do sistema otimista consiste na crença de que é um único Espírito que se comunica com os homens, e que esse Espírito é o Cristo, o protetor da Terra. Quando vemos comunicações de conteúdo desprezível, de uma grosseria revoltante, impregnadas de malevolência e de maldade, é uma impiedade e uma profanação imaginar que elas possam vir do Cristo, o Espírito do bem por excelência.

Ainda se pode admitir a ilusão, se aqueles que acreditam nesse sistema tivessem recebido apenas comunicações irrepreensíveis. Porém, a maioria concorda em ter recebido comunicações muito ruins. Eles explicam esse fato, dizendo que o bom Espírito dita coisas absurdas para experimentá-los.

Portanto, enquanto alguns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer coisas boas para tentar, outros pensam que apenas Jesus se manifesta e que pode dizer coisas más para experimentar os homens. Entre essas duas opiniões, tão opostas, qual prevalecerá? O bom senso e a experiência. E citamos a experiência, porque é impossível que aqueles que seguem ideias tão absurdas tenham visto tudo e visto bem.

Quando apresentamos aos seguidores desse sistema os casos de identidade, que atestam, por meio de manifestações escritas, visuais ou de outra ordem, a presença de parentes, amigos ou conhecidos, eles respondem

que é sempre o mesmo Espírito: o diabo, segundo uns, e o Cristo, segundo outros, que tomam todas as formas. Mas não nos dizem por que razão os outros Espíritos não podem se comunicar.

Com que objetivo o “Espírito da Verdade” viria nos enganar, apresentando-se sob falsas aparências para iludir uma pobre mãe, fazendo-lhe acreditar, mentirosamente, que ali está o filho por quem ela chora? A razão se recusa a admitir que o mais santo de todos os Espíritos se rebaixe a ponto de participar de semelhante farsa.

Além disso, negar a possibilidade de qualquer outra comunicação não é retirar do Espiritismo aquilo que ele tem de mais sublime, ou seja, a consolação dos aflitos? Simplesmente, vamos dizer que tal sistema é irracional e que não resiste a um exame sério.

49. Sistema Multiespírito ou Poliespírito – Todos os sistemas que analisamos até agora, incluindo os que negam os fenômenos, baseiam-se em algumas observações incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa é vermelha de um lado e branca de outro, aquele que a tiver visto apenas de um lado dirá que ela é vermelha; outro dirá que ela é branca. Ambos estão errados e com razão ao mesmo tempo.

Entretanto, aquele que olhar a casa por todos os lados dirá que ela é vermelha e branca, e apenas ele terá razão. Acontece o mesmo com a opinião que se tem sobre o Espiritismo: ela pode ser verdadeira com relação a alguns aspectos, e pode ser falsa, caso se generalize o que é parcial, caso se tome como regra aquilo que é exceção, e caso se tome uma parte como sendo o todo.

É por isso que dizemos que todo aquele que quiser estudar com seriedade essa Ciência deve observar muito e durante muito tempo. Apenas o tempo lhe permitirá perceber os detalhes, observar as nuances delicadas e uma infinidade de fatos característicos, que serão para ele como raios de luz. Mas se ele ficar apenas na superfície, fará um julgamento prematuro e, por consequência, errôneo.

Após uma observação completa, aqui estão os resultados gerais a que chegamos e que formam hoje a crença que abrange o conhecimento de todos os espíritas, uma vez que os sistemas dissidentes não passam de opiniões isoladas:

1º - Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências que estão fora do corpo físico, ou seja, pelos Espíritos;

2º - Os Espíritos constituem o mundo invisível e estão por todos os lugares; povoam os espaços até o infinito; muitos Espíritos estão continuamente ao nosso redor e com eles mantemos contato;

3º - Os Espíritos agem incessantemente sobre o mundo físico e sobre o comportamento moral dos homens, e constituem uma das forças da Natureza;

4º - Os Espíritos não são seres à parte da Criação; são as almas daqueles que viveram na Terra, ou em outros mundos, e que, após a morte, perderam o seu corpo físico. Assim, as almas dos homens são Espíritos encarnados que, ao morrerem, tornam-se simplesmente Espíritos;

5º - Existem Espíritos de todos os graus de bondade e de malícia, de saber e de ignorância;

6º - Todos os Espíritos estão submetidos à Lei do Progresso e todos, um dia, chegarão à perfeição. Por possuírem livre-arbítrio, alguns alcançam a perfeição em um tempo mais ou menos longo, de acordo com seus esforços e sua vontade;

7º - Os Espíritos são felizes ou infelizes, de acordo com o bem ou o mal que praticaram durante a sua vida na Terra e o grau de adiantamento que já alcançaram. A felicidade perfeita e pura é privilégio dos Espíritos que já atingiram o grau supremo da perfeição;

8º - Em determinadas circunstâncias, todos os Espíritos podem se manifestar aos homens, e o número daqueles que podem se comunicar é indefinido;

9º - Os Espíritos se comunicam com os homens por meio dos médiuns, que lhes servem de instrumento e de intérpretes;

10º - É pela linguagem que se reconhece a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos. Os bons apenas aconselham o bem e só dizem coisas boas; tudo neles confirma a elevação que já alcançaram; os maus enganam, e todas as suas palavras trazem a marca da imperfeição e da ignorância.

Os diferentes graus percorridos pelos Espíritos estão indicados na “Escala Espírita”. (Ver *O Livro dos Espíritos*, Capítulo 1, 2ª parte, pergunta nº 100.) O estudo dessa classificação é indispensável para se avaliar a natureza dos Espíritos que se manifestam, assim como suas boas ou más qualidades.

50. Sistema da Alma Material – Consiste apenas em uma opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo esta opinião, a alma e o perispírito não seriam duas coisas distintas, ou melhor, o perispírito seria a própria alma que se depuraria gradativamente por meio das diversas encarnações, assim como o álcool se depura por meio das diversas destilações por que passa.

A Doutrina Espírita considera o perispírito como sendo um simples envoltório fluídico da alma ou do Espírito. O perispírito é constituído de matéria, mas a constituição dessa matéria é muito etérea. Sendo assim, a alma também seria de natureza material, mais ou menos etérea, segundo o grau de sua purificação.

O sistema da alma material não invalida nenhum dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, uma vez que esse sistema não muda o destino da alma; as condições de sua felicidade futura são as mesmas. A alma e o perispírito formam um todo denominado Espírito, a exemplo da semente e da polpa que formam um todo denominado fruto. Toda a questão se resume em considerar o todo como homogêneo, em vez de considerá-lo formado de duas partes distintas.

Como se vê, esse sistema não nos leva a consequência alguma e, se dele nos ocupamos, foi porque encontramos pessoas inclinadas a ver uma nova

escola naquilo que não passa de uma simples interpretação de palavras. Essa opinião, apesar de muito restrita, mesmo que fosse mais geral, não constitui uma divergência entre os espíritas, assim como as duas teorias da emissão e das ondulações da luz não dividem os físicos.

Aqueles que querem formar um grupo à parte, por causa de uma questão tão insignificante, provam, por isso mesmo, que dão mais importância ao acessório do que ao principal. Provam, também, que são levados à desunião por Espíritos que não podem ser bons, porque os bons Espíritos jamais estimulam a insatisfação e a desarmonia.

É por isso que pedimos a todos os verdadeiros espíritas para que tenham cuidado com semelhantes sugestões, e para que não deem a certos detalhes mais importância do que eles merecem. A base da Doutrina é que representa o essencial.

Sentimo-nos na obrigação de dizer algumas palavras sobre a opinião daqueles que consideram a alma e o perispírito como sendo duas coisas distintas. Essa opinião se baseia no ensinamento dos Espíritos, que nunca divergiram a esse respeito. Estamos nos referindo aos Espíritos esclarecidos, porque, entre os Espíritos em geral, existem aqueles que sabem mais e aqueles que sabem menos do que os homens. A teoria de que o perispírito e a alma são uma coisa só é uma concepção dos homens e não dos Espíritos.

Não fomos nós que inventamos, nem imaginamos o perispírito para explicar os fenômenos. Sua existência nos foi revelada pelos próprios Espíritos e a observação só a confirmou. (Ver *O Livro dos Espíritos*, pergunta nº 93.) A existência do perispírito se apoia também no estudo das sensações dos Espíritos (Ver *O Livro dos Espíritos*, pergunta nº 257) e, principalmente, no fenômeno das aparições tangíveis.

Segundo a opinião de que o perispírito seria a própria alma, o fenômeno das aparições tangíveis implicaria na solidificação e na desagregação dos elementos que constituem a alma e, por consequência, na sua desorganização.

Além disso, seria preciso admitir que essa matéria (o perispírito), que

pode ser percebida pelos nossos sentidos, fosse o próprio princípio inteligente, o que não nos parece racional; é o mesmo que confundir o corpo com a alma ou a roupa com o corpo.

Desconhecemos a natureza íntima da alma. Quando se diz que a alma é *imaterial*, é preciso entender essa afirmação no seu sentido relativo e não no sentido absoluto, porque a imaterialidade absoluta seria o nada. Ora, a alma, o Espírito, é alguma coisa. Assim, o que se quer dizer é que a essência da alma é de tal modo superior que não apresenta nenhuma semelhança com o que chamamos de matéria, de modo que, para nós, ela é imaterial. (Ver *O Livro dos Espíritos*, Perguntas nº 23 e 82.)

51. Eis a resposta dada por um Espírito a respeito deste assunto:

Aquilo que uns chamam de perispírito é o mesmo que outros chamam de envoltório fluídico, ou de corpo fluídico. Direi, para me fazer compreender de maneira mais lógica, que esse fluido é o aperfeiçoamento dos sentidos, a extensão da vista e das ideias. Estou me referindo apenas aos Espíritos elevados.

Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres ainda se encontram profundamente impregnados em seus perispíritos. Portanto, como veem, eles ainda são matéria e, por isso, sentem fome, frio etc. Os Espíritos superiores não podem experimentar esses sofrimentos, uma vez que os fluidos terrenos já foram depurados em seus pensamentos, ou seja, em suas almas.

Para progredir, a alma tem a necessidade de um instrumento; sem esse instrumento, a alma não seria nada para os homens, ou melhor, eles não poderiam imaginá-la. Para nós, Espíritos desencarnados, o perispírito é o instrumento pelo qual nos comunicamos com os homens. Essa comunicação é indireta, quando utilizamos para isso o corpo físico ou o perispírito do homem, e é direta, quando utilizamos a sua alma. Vem daí a infinita variedade de médiuns e de comunicações.

Resta, agora, analisar o ponto de vista científico, ou seja, a essência do

perispírito. Entretanto, isso é uma outra questão. É preciso compreender primeiro a possibilidade lógica da existência do perispírito, é preciso discutir sobre a natureza dos fluidos que o compõem; mas isso, por enquanto, é uma coisa inexplicável. A Ciência ainda não conhece o suficiente a esse respeito, mas chegará lá, se quiser caminhar ao lado do Espiritismo.

O perispírito pode variar de aparência e modificar-se ao infinito. A “alma” é o “princípio inteligente”, ou melhor, a “inteligência propriamente dita”, de onde emana o pensamento, por isso ela não muda a sua natureza. Não avancemos mais sobre esse assunto, pois é um ponto que não pode ser explicado. Por acaso acreditam que, como vocês, eu também não pesquiso? Vocês pesquisam o perispírito; nós, atualmente, pesquisamos a alma. Portanto, esperem!

Lamennais

Assim, se os Espíritos que consideramos adiantados ainda não conseguiram compreender a natureza da alma, como nós poderíamos fazê-lo? Portanto, é perder tempo querer investigar o princípio das coisas, que como foi dito em *O Livro dos Espíritos*, nas Questões nº 17 e 49, pertence aos segredos de Deus.

Pretender descobrir, com o auxílio do Espiritismo, o que ainda não está ao alcance da Humanidade, é desviá-lo do seu verdadeiro objetivo; é fazer como a criança que quer saber tanto quanto o velho. O essencial é que o homem utilize o Espiritismo para o seu aperfeiçoamento moral; qualquer outra coisa, além disso, é apenas curiosidade inútil e quase sempre orgulhosa, cuja satisfação não o faz avançar um passo sequer. O único meio de avançar é tornar-se melhor.

Os Espíritos que ditaram o *Livro* que leva o seu nome demonstraram a sua sabedoria mantendo-se, no que diz respeito ao princípio das coisas, dentro dos limites que Deus não nos permite ultrapassar. Deixaram aos Espíritos metódicos e presunçosos a responsabilidade pelas teorias prematuras e errôneas, mais sedutoras do que sérias, e que cairão um dia diante da razão, como tantas

outras oriundas do cérebro humano.

Os Espíritos disseram apenas o que era necessário para que o homem pudesse compreender o futuro que o aguarda e, assim, encorajá-lo na prática do bem. (Ver, a seguir, na Segunda parte, Capítulo 1, “Ação dos Espíritos sobre a Matéria”).

SEGUNDA PARTE
MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

CAPÍTULO 1

AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

52. Após o abandono da opinião materialista, que foi rejeitada pela razão e pelos fatos, resta saber se a alma, após a morte, pode ou não se manifestar aos vivos. Essa questão torna-se fácil e clara, quando reduzida ao que de fato interessa. Antes de tudo, cabe perguntar: por que motivo seres inteligentes, que vivem ao nosso redor, mesmo que invisíveis pela sua natureza, não podem demonstrar a sua presença de um modo ou de outro?

O simples raciocínio nos diz que isso nada tem de impossível, o que já é alguma coisa. Além do mais, essa crença tem a seu favor a aceitação de todos os povos, pois ela é encontrada em toda parte e em todas as épocas. Ora, nenhuma “intuição” pode ser tão generalizada, nem sobreviver através dos tempos, se não tiver um fundo de verdade.

Além disso, a crença nos Espíritos é confirmada pelo testemunho dos **Livros Sagrados** e pelos **Pais da Igreja**. Graças à descrença e ao materialismo do nosso século, essa crença foi colocada entre as ideias supersticiosas. Assim, se estamos errados, aquelas autoridades também estão.

Mas tudo isso são apenas considerações lógicas. Numa época tão positiva quanto a nossa, em que as pessoas procuram se inteirar de tudo, em que se quer saber o porquê e o como de todas as coisas, uma causa contribuiu, de modo especial, para fortalecer a dúvida. Essa causa é a ignorância sobre a natureza dos Espíritos e dos meios pelos quais eles podem se manifestar. Adquirindo esse conhecimento, o fenômeno das manifestações nada mais apresenta de surpreendente e entra na ordem dos fatos naturais.

Observações

Livros Sagrados – São obras literárias presentes nas principais religiões, e

seus autores as teriam recebido por uma espécie de revelação divina. Entre elas, estão a *Bíblia* (Cristianismo), o Bhagavad Gitá (Hinduísmo), o Alcorão (Islamismo), a Torá (Judaísmo), o Zend-Avesta (Zoroastrismo), entre outras.

Pais da Igreja – Foram os influentes teólogos da Igreja que possuíam grande cultura. Entre eles, destacam-se Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Clemente de Roma, Inácio de Antioquia etc. As igrejas Romana, Ortodoxa, Presbiteriana e Anglicana acreditam que os Pais da Igreja proporcionaram a interpretação correta das Sagradas Escrituras, distinguindo, assim, as doutrinas autênticas das heresias.

53. A ideia que geralmente se faz dos Espíritos torna o fenômeno das manifestações incompreensível, pelo menos num primeiro momento. As manifestações apenas podem ocorrer pela ação do Espírito sobre a matéria. Assim, aqueles que acreditam que o Espírito é a ausência de tudo o que seja matéria perguntam, com alguma parcela de razão: como o Espírito pode agir materialmente?

Ora, é precisamente aí que está o erro! Porque o Espírito não é uma abstração, uma teoria vaga, um conceito, mas um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo físico constitui a alma; quando ele deixa o corpo, por ocasião da morte, não sai desse corpo sem nenhum envoltório. Todos os Espíritos nos dizem que conservam a forma humana; de fato, quando nos aparecem, o fazem com a forma que tinham quando ainda estavam encarnados.

Se observarmos atentamente os Espíritos, no momento da morte, veremos que eles se encontram em estado de perturbação e que tudo é confuso à sua volta. Veem o seu próprio corpo físico, perfeito ou mutilado, de acordo com o tipo de morte que tiveram; por outro lado, veem a si mesmos e sentem-se vivos; alguma coisa lhes diz que aquele corpo lhes pertence e não compreendem como podem estar separados dele.

Continuam a se ver sob a forma que tinham antes de morrer e essa visão

produz em alguns, durante certo tempo, uma estranha ilusão: a de acreditarem que ainda estão vivos. Falta-lhes a experiência do novo estado em que se encontram para se convencerem da realidade. Passado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se torna para eles uma roupa velha, que despiram e da qual não possuem mais saudades. Sentem-se mais leves, como se estivessem livres de um fardo; não sofrem mais as dores físicas e ficam felizes pelo fato de poderem se elevar e transpor o Espaço, assim como fizeram tantas vezes em sonho, quando estavam vivos.

Entretanto, apesar da falta do corpo físico, eles constataam a integridade da sua personalidade; possuem uma forma, mas uma forma que não os oprime nem os confunde; têm, finalmente, a consciência do seu eu e da sua individualidade. O que devemos concluir de tudo isso? Que a alma não deixa tudo no túmulo e que leva consigo alguma coisa.

Nota de Allan Kardec: Vejam o que dissemos em O Livro dos Espíritos (Perguntas nº 400 a 418) sobre os sonhos e o estado do Espírito durante o sono. Quase todos já sonharam que estavam voando através do espaço; esse sonho é a lembrança que o Espírito guarda durante o seu desprendimento do corpo físico, levando junto o corpo fluídico, ou seja, o perispírito, o mesmo que ele usará depois da morte. Assim, esses sonhos podem nos dar uma ideia de como o Espírito se sentirá, quando abandonar o corpo físico que o retém preso ao solo.

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis, que abordaremos mais tarde, levaram-nos à conclusão de que existem no homem três componentes:

1º - A alma ou o Espírito, princípio inteligente no qual reside o senso moral;

2º - O corpo físico, envoltório material e grosseiro que reveste temporariamente a alma, para que ela possa cumprir as determinações de Deus no plano físico;

3º - O perispírito, envoltório fluídico, semimaterial, que serve de ligação

entre a alma e o corpo físico.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do envoltório grosseiro (o corpo físico), que a alma abandona ao desencarnar. O outro envoltório (o perispírito) se desliga do corpo físico e acompanha a alma, que, assim, fica sempre revestida com um envoltório. Esse último envoltório, o perispírito, embora fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós em seu estado normal, não deixa de ser matéria, mesmo que até hoje não tenhamos conseguido nos apoderar dele, para examiná-lo.

Esse segundo envoltório da alma, chamado de perispírito, existe durante o período em que alma está encarnada no corpo físico e continua existindo depois da morte. Ele é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe; através dele, o Espírito transmite a sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos do corpo físico.

Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que ele é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento. O perispírito é, em resumo, este agente misterioso, imperceptível, conhecido como fluido nervoso, que desempenha um papel muito importante no sistema orgânico, e cuja função ainda não se leva muito em consideração nos fenômenos fisiológicos e patológicos.

A Medicina, por levar em conta apenas o corpo físico na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação, que é o perispírito. Mas aqui não é o lugar para analisarmos essa questão. Apenas vamos lembrar que o conhecimento do perispírito é a chave para solucionar uma infinidade de problemas, até hoje não explicados.

O perispírito não é uma dessas hipóteses de que a Ciência costuma se valer para a explicação de um fato. Sua existência não foi revelada apenas pelos Espíritos, ela também resulta de observações, como teremos a oportunidade de demonstrar. Por enquanto, e para não antecipar fatos que iremos relatar, vamos nos limitar a dizer que, seja durante a sua união com o corpo físico, seja após a sua separação do corpo, por ocasião da morte, a alma nunca se separa do seu

perispírito.

55. Já foi dito, em *O Livro dos Espíritos* (pergunta nº 88), que o Espírito é uma chama, uma centelha. Por essa definição devemos entender o Espírito propriamente dito, a essência, ou seja, o princípio intelectual e moral, ao qual não se pode atribuir uma forma determinada. Mas, qualquer que seja o grau em que o Espírito se encontre, ele está sempre revestido de um envoltório, ou perispírito, cuja natureza vai se tornando mais etérea à medida que o Espírito se purifica e se eleva na hierarquia espiritual.

Para nós, a ideia de “forma” é inseparável da ideia de Espírito, a ponto de não concebermos o Espírito sem atribuímos a ele uma forma. Desse modo, o perispírito é parte integrante do Espírito, assim como o corpo físico é parte integrante do homem.

O perispírito sozinho não é o Espírito, porque o perispírito não pensa; do mesmo modo que o corpo físico sozinho não é o homem. O perispírito é para o Espírito o que o corpo físico é para o homem, ou seja, o agente ou instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana e, quando ele nos aparece, geralmente é com a mesma forma que possuía o Espírito quando estava encarnado. Em razão disso, seria de se esperar que o perispírito, uma vez separado de todas as partes do corpo físico, mantivesse o modelo desse corpo. Entretanto, parece que não é assim.

A forma humana, com algumas diferenças de detalhes, e com exceção das modificações orgânicas exigidas pelo meio no qual o ser é chamado a viver, é a mesma em todos os globos, pelo menos é o que nos dizem os Espíritos. A forma humana também é a forma de todos os Espíritos desencarnados, que possuem apenas o perispírito. É a forma sob a qual, em todos os tempos, se representaram os anjos ou os Espíritos puros.

Assim, devemos concluir que a “forma humana” é a forma típica de todos

os seres humanos, seja qual for o grau de evolução a que pertençam. Mas a matéria sutil do perispírito não possui a tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo físico. Podemos dizer que ela é flexível e expansível. Eis por que a forma que ela assume, mesmo tendo por molde a forma humana, não é absoluta. O Espírito, pela ação da sua vontade, pode moldar o seu perispírito com a aparência que ele quiser, ao passo que o corpo físico lhe oferece uma resistência insuperável.

Livre do corpo físico que o comprimia, o perispírito se expande ou se contrai, ficando sujeito a todas as mudanças de aparência, de acordo com a vontade que atua sobre ele. É graças à propriedade de expansão e contração do seu envoltório fluídico que o Espírito pode se fazer reconhecer, quando isso é necessário. Desse modo, ele toma a exata aparência que tinha quando encarnado, até mesmo com os defeitos que possuía no corpo físico e que possam servir de sinais para o reconhecimento.

Como se vê, os Espíritos são seres semelhantes a nós, que formam ao nosso redor toda uma população invisível em seu estado normal. Dizemos em seu “estado normal”, porque, conforme veremos adiante, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, porque isso é essencial à explicação que vamos dar. Dissemos que, embora fluídico, o perispírito não deixa de ser uma espécie de matéria, o que torna possível os casos de aparições tangíveis, sobre os quais voltaremos a falar.

Sob a influência de certos médiuns, verificou-se o aparecimento de mãos que possuem todas as propriedades de mãos vivas, que são dotadas de calor, que podem ser apalpadadas, que oferecem resistência a um corpo sólido, que podem nos agarrar e que, de repente, se dissipam como uma sombra.

A ação inteligente dessas mãos, que obedecem a uma vontade, quando executam certos movimentos, quando tocam músicas num instrumento, prova que elas são a parte visível de um ser inteligente invisível. Essas mãos, por

serem tangíveis, por possuírem temperatura, por nos causarem impressão sobre os sentidos, chegando mesmo a deixar marcas na pele, dar pancadas dolorosas ou nos acariciar delicadamente, provam que são constituídas de uma matéria qualquer.

Entretanto, a sua desapareção instantânea comprova que essa matéria é extremamente sutil e que se comporta como algumas substâncias que podem passar, de forma alternada, do estado sólido para o estado fluídico e vice-versa.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, ou seja, do ser pensante, é inteiramente desconhecida para nós. Ele se revela por seus atos, e esses atos só podem impressionar os nossos “sentidos materiais”, por meio de um “intermediário material”.

Portanto, o Espírito precisa de matéria para agir sobre a matéria. Tem por instrumento direto de suas ações o perispírito, assim como o homem tem o seu corpo físico. O perispírito, conforme acabamos de ver, também é matéria. Em seguida, o Espírito tem por agente intermediário o fluido cósmico universal, uma espécie de veículo sobre o qual ele atua, assim como nós atuamos sobre o ar para produzir certos efeitos, por meio da dilatação, da compressão, da propulsão ou das vibrações.

Considerada dessa maneira, pode-se aceitar facilmente a ação do Espírito sobre a matéria. Compreende-se também que todos os efeitos que resultam dessa ação pertencem à ordem dos fatos naturais e nada têm de maravilhoso. Apenas pareciam sobrenaturais porque a sua causa era desconhecida.

Uma vez conhecida a causa, que está inteiramente nas propriedades semimateriais do perispírito, o maravilhoso desaparece. Trata-se de uma nova ordem de fatos que uma nova Lei vem explicar. Em pouco tempo, esses fatos não causarão mais a admiração de ninguém, assim como ninguém mais se admira hoje de poder comunicar-se à distância, em alguns minutos, por meio da eletricidade (Kardec refere-se ao telégrafo).

59. Muitos perguntam como o Espírito, com o auxílio de uma matéria tão sutil, pode atuar sobre corpos tão pesados e compactos, levantar mesas etc. Certamente não será um homem que se ocupa com a ciência que fará semelhante pergunta, porque, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode ter, não temos sob as nossas vistas exemplos semelhantes?

Não é nos gases mais rarefeitos, nos fluidos imponderáveis, que a indústria encontra seus mais poderosos motores? Quando vemos o ar derrubar edifícios, o vapor deslocar massas enormes, a pólvora gaseificada levantar rochedos, a eletricidade destruir árvores e perfurar paredes, o que existe de estranho em admitir que o Espírito, com o auxílio do seu perispírito, possa levantar uma mesa, principalmente quando se sabe que esse perispírito pode tornar-se visível, tangível e se comportar como um corpo sólido?

CAPÍTULO 2

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

• MESAS GIRANTES

MESAS GIRANTES

60. As manifestações físicas são aquelas que provocam efeitos sensíveis em nossos sentidos, tais como os ruídos, o movimento e o deslocamento de corpos sólidos. Umas são espontâneas, ou seja, independem da vontade do homem; outras podem ser provocadas. Inicialmente, vamos falar apenas das manifestações físicas que podem ser provocadas.

O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, foi o movimento circular de uma mesa. Esse efeito também se produz em qualquer outro objeto. Entretanto, por ser o mais cômodo, a mesa foi o objeto mais utilizado; assim, o nome de “mesas girantes” prevaleceu para designar esse tipo de fenômeno.

Quando dizemos que este efeito foi um dos primeiros a serem observados, queremos dizer nos últimos tempos, pois não existe dúvida de que todos esses tipos de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais remotos, e nem poderia ser de outra maneira. Desde que são efeitos naturais, teriam que se produzir em todas as épocas. **Tertuliano** refere-se de maneira clara às mesas girantes e falantes.

Durante algum tempo, o fenômeno das mesas girantes alimentou a curiosidade dos salões; depois, cansaram-se dele e passaram a outras distrações, uma vez que ele era considerado apenas um simples passatempo.

Duas causas contribuíram para o abandono das mesas girantes; para as pessoas fúteis, a causa foi a moda, pois elas raramente consagram dois invernos

seguidos ao mesmo divertimento; mas, por ser uma novidade que beirava o maravilhoso, lhes consagraram três ou quatro invernos! As pessoas sérias e observadoras abandonaram as mesas girantes para se dedicarem ao estudo das consequências importantes que o fenômeno acarretava, tendo em vista que delas nascia algo muito sério, destinado a permanecer.

Essas pessoas deixaram o “alfabeto” pela “Ciência”. Eis todo o segredo desse aparente abandono, do qual os zombadores fazem tanto barulho.

Seja como for, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, a esse respeito, nós lhes devemos alguns progressos. Apresentando os fenômenos de maneira simples, o estudo das suas causas será mais fácil e a teoria, uma vez estabelecida, nos ajudará a compreender os efeitos mais complicados.

Observação

Tertuliano (160-220 d.C.) – Nasceu em Cartago e foi um dos Pais da Igreja. Bispo de grande cultura e eloquência; defendia que os Espíritos atuavam nas obras e nas ações dos homens, por isso, foi considerado herege.

61. Para que o fenômeno ocorra, é indispensável a participação de uma ou mais pessoas dotadas de uma “aptidão especial”. As pessoas que possuem essa “aptidão especial” são chamadas de “médiuns”. O número de participantes é indiferente, a não ser que exista entre eles alguns médiuns que não sabem que são médiuns.

Quanto àqueles que não têm mediunidade, sua presença é indiferente para o resultado, e pode ser até mesmo mais prejudicial do que útil, dependendo do estado de espírito em que elas muitas vezes se encontram.

Os médiuns desfrutam de maior ou menor força mediúnica e, por consequência, produzem efeitos mais ou menos acentuados. Muitas vezes, um médium com muita força produz sozinho muito mais do que vinte outros médiuns reunidos. Basta que ele coloque as mãos sobre a mesa para que, no

mesmo instante, ela se mova, se levante, vire, dê saltos ou gire com violência.

62. Não existe nenhum sinal pelo qual se possa identificar a existência da faculdade mediúnica. Apenas pela experiência é possível reconhecê-la. Quando se quer fazer experiência numa reunião, basta que os participantes sentem-se em torno de uma mesa e coloquem sobre ela as mãos espalmadas, sem pressão nem esforço muscular.

No princípio, como as causas do fenômeno eram desconhecidas, tomavam-se muitos cuidados, que depois foram reconhecidos como absolutamente inúteis, tais como: a alternância dos sexos, o contato dos dedos mínimos das pessoas para formar uma corrente ininterrupta. Este último cuidado parecia necessário quando se acreditava na ação de uma espécie de corrente elétrica entre os participantes. Mais tarde, a experiência demonstrou a sua inutilidade.

A única prescrição rigorosamente obrigatória é a concentração, o silêncio absoluto e, sobretudo, a paciência, caso a manifestação demore. Pode acontecer que ela se produza em alguns minutos, como pode demorar meia hora ou uma hora. Isso depende da força mediúnica dos participantes.

63. Acrescentamos ainda que o formato da mesa, o material de que ela é feita, a presença de metais, de seda na roupa dos assistentes, os dias e as horas, a escuridão ou a luz etc., não fazem diferença alguma, assim como o tempo bom ou chuvoso. Somente o peso da mesa pode ter alguma importância, mas apenas nos casos em que a força mediúnica é insuficiente para vencer a sua resistência e movê-la.

Noutras situações, basta apenas uma pessoa, até mesmo uma criança, para levantar uma mesa de cem quilos, ao passo que, em condições menos favoráveis, doze pessoas não conseguirão fazer com que uma mesinha de centro se mova.

Quando está tudo preparado, o efeito começa a se manifestar e

geralmente se ouve um pequeno estalo na mesa; sente-se uma espécie de vibração, que indica o início do movimento. A mesa parece fazer esforços para sair do chão; depois, o movimento de rotação se inicia e se acelera a ponto de adquirir tal rapidez que os assistentes se veem na maior dificuldade para acompanhá-lo. Uma vez iniciado o movimento, eles podem se afastar da mesa, pois ela continuará a mover-se em todos os sentidos, sem qualquer contato.

Em algumas circunstâncias, a mesa se levanta e se firma, ora num pé, ora no outro, para em seguida retomar suavemente a sua posição inicial. Em outras ocasiões, ela passa a oscilar, imitando o balanço de um navio. Finalmente, a mesa se desprende completamente do solo e se mantém em equilíbrio no espaço, sem nenhum ponto de apoio, chegando mesmo, algumas vezes, a se elevar até o teto da casa, de modo que se pode passar por debaixo dela. Mas, para que esta manifestação ocorra, é indispensável uma força mediúnica considerável. Depois, a mesa desce lentamente, balançando-se no ar como se fosse uma folha de papel, ou cai violentamente e se quebra. Isso comprova, de forma evidente, que aqueles que presenciam o fenômeno não são vítimas de uma ilusão de ótica.

64. Outro fenômeno que se produz com frequência, de acordo com a natureza do médium, é o das batidas na própria textura da madeira, no seu interior, sem que a mesa faça nenhum movimento. Essas batidas, que algumas vezes são fracas e outras vezes são bem fortes, também são ouvidas em outros móveis do aposento, tais como nas portas, nas paredes e no forro.

Brevemente, voltaremos a analisar essa questão. Quando as batidas ocorrem na mesa, produzem nela uma vibração que se percebe muito bem por meio dos dedos e que se torna muito distinta, sobretudo quando colocamos o ouvido na mesa.

CAPÍTULO 3

MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

65. Nos fatos que acabamos de analisar, nada nos revela, com certeza, a intervenção de uma força oculta. Esses efeitos poderiam ser perfeitamente explicados pela possível ação de uma corrente magnética ou elétrica, ou ainda pela ação de um fluido qualquer.

Aliás, essa foi a primeira solução encontrada para explicar tais fenômenos e, com razão, parecia muito lógica. Mas outros fatos vieram demonstrar que essa explicação era insuficiente. Esses novos fatos consistem na prova de inteligência que os fenômenos apresentaram.

Ora, como todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente, ficou evidente que, mesmo admitindo-se a intervenção da eletricidade ou de outro fluido qualquer, existia a presença de uma outra causa associada. Que causa seria essa? Que inteligência era essa? Foi o que a continuidade das observações nos levou a conhecer.

66. Para que uma manifestação seja inteligente, não é necessário que ela seja eloquente, espirituosa ou sábia. Basta que ela venha de um ato livre e voluntário, que revele uma intenção ou que corresponda a um pensamento.

O cata-vento gira porque obedece a um impulso mecânico do vento. Entretanto, se o cata-vento demonstrar sinais intencionais, se ele girar para a direita ou para a esquerda, rápido ou devagar, atendendo a um comando, será necessário admitir que ele obedece a uma inteligência, e não que ele seja inteligente. Foi o que aconteceu com as mesas girantes.

67. Sob a influência de um ou de vários médiuns, vimos a mesa mover-se, levantar-se e dar pancadas. O primeiro efeito inteligente observado foi o de ver

esses movimentos obedecerem a um comando. Assim, sem sair do lugar, a mesa levantava-se alternadamente sobre o pé que lhe era indicado; depois, ao cair, dava um número determinado de pancadas para responder a uma pergunta.

Outras vezes, sem o contato de ninguém, a mesa passeava sozinha pela sala, deslocava-se para a direita ou para a esquerda, para frente ou para trás, executava diversos movimentos, atendendo às ordens que recebia dos assistentes.

Desnecessário dizer que afastamos qualquer suspeita de fraude; que admitimos a perfeita lealdade dos assistentes, atestada por sua honradez e por seu absoluto desinteresse. Falaremos mais tarde sobre as fraudes, contra as quais é prudente estar prevenido.

68. Por meio das pancadas, e principalmente dos estalos no interior da madeira, conforme já falamos, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, tais como a imitação das diversas batidas de um tambor; do combate entre tropas, com tiros por fila ou pelotão; de um bombardeio com tiros de canhão; do ruído de uma serra; das batidas de um martelo; dos ritmos de diversas melodias etc.

Como podemos verificar, é um vasto campo a ser explorado. Concluiu-se que, se ali havia uma inteligência oculta, ela seria capaz de responder a perguntas, como de fato as respondeu, por meio de um “sim” ou de um “não”, de acordo com o número de batidas que se convencionou para cada caso. Essas repostas eram muito restritas e foi por isso que surgiu a ideia de se estabelecer um número de batidas que correspondesse a cada letra do alfabeto. Assim, foi possível formar palavras e frases.

69. Esses fatos não podiam deixar dúvida quanto à natureza inteligente das manifestações, uma vez que foram reproduzidos à vontade, por milhares de pessoas, e em todos os países. Foi então que surgiu um novo sistema de interpretação, segundo o qual essa inteligência seria a do médium, do

interrogador ou até mesmo dos assistentes.

A dificuldade estava em explicar como essa inteligência podia refletir-se na mesa e se expressar por meio de pancadas. Desde que se constatou que as pancadas não eram dadas pelos médiuns, deveriam ser dadas pelo “pensamento”. Ora, atribuir as pancadas ao pensamento era admitir um fenômeno ainda mais prodigioso do que todos aqueles que até então haviam sido observados.

A experiência não tardou a demonstrar que essa opinião era inadmissível. De fato, geralmente as respostas se mostravam em completa oposição às ideias dos assistentes, muito além do alcance intelectual do médium e mesmo em idiomas que ele ignorava, ou fazendo referências a fatos que todos desconheciam.

Os exemplos das “comunicações espíritas” são tão numerosos que é quase impossível que aqueles que delas tenham se ocupado não as tenham testemunhado inúmeras vezes. Citaremos apenas um, que nos foi relatado por uma testemunha ocular.

70. Em um navio da Marinha Imperial Francesa, ancorado nos mares da China, toda a tripulação, desde os marinheiros até os comandantes, se ocupava com as mesas falantes. Então, tiveram a ideia de evocar o Espírito de um tenente do mesmo navio, que havia morrido há dois anos.

O Espírito veio e, depois de várias comunicações que espantaram a todos, disse o seguinte, por meio de pancadas: “Peço, encarecidamente, que paguem ao capitão a soma de... (e indicava a quantia), que eu lhe devo e que lamento não ter podido lhe pagar antes da minha morte”. Ninguém conhecia o fato; o próprio capitão havia esquecido da dívida, que, aliás, era muito pequena. Mas, ao verificar em seus apontamentos, encontrou o registro da dívida do tenente, cujo valor era exatamente o que foi indicado pelo Espírito. Perguntamos: do pensamento de quem essa informação poderia ser o reflexo?

71. A arte de obter comunicações por meio das pancadas alfabéticas foi sendo aperfeiçoada, mas o processo ainda era muito lento. Mesmo assim, obtiveram-se algumas comunicações de certa extensão, bem como interessantes revelações sobre o mundo dos Espíritos. Os próprios Espíritos indicaram outros meios e a eles se deve o método das comunicações escritas.

As primeiras comunicações desse tipo foram obtidas prendendo-se um lápis ao pé de uma mesa pequena e leve, colocada sobre uma folha de papel. A mesa, uma vez em movimento pela influência de um médium, começou a traçar letras, depois palavras e frases. Esse processo foi gradualmente sendo simplificado pelo emprego de mesinhas do tamanho da mão, feitas especialmente para essa finalidade; em seguida, passou-se a utilizar cestas, caixas de papelão e, finalmente, simples pranchetas.

A escrita era tão fluente, tão rápida e tão fácil como a obtida com a mão. Mais tarde, reconheceu-se que todos esses objetos não passavam de apêndices da mão, verdadeiros porta-lápis, que podiam ser dispensados, bastando ao médium segurar o lápis com a sua própria mão.

A mão do médium, impulsionada de maneira involuntária, escrevia sob a influência do Espírito e sem a ajuda da vontade ou do pensamento do médium. A partir daí, as comunicações do mundo espiritual se tornaram ilimitadas e hoje são tão habituais como a correspondência entre os vivos.

Mais tarde voltaremos a tratar desses diferentes meios, a fim de explicá-los com mais detalhes. Fizemos um rápido resumo para mostrar a evolução dos fatos que levaram os observadores a reconhecer, nesses fenômenos, a intervenção de inteligências ocultas, ou seja, dos Espíritos.

CAPÍTULO 4

TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

- MOVIMENTOS E SUSPENSÕES
- RUÍDOS
- AUMENTO E DIMINUIÇÃO DO PESO DOS CORPOS

72. Demonstrada a existência dos Espíritos, pelo raciocínio e pelos fatos, assim como a possibilidade que eles têm de atuar sobre a matéria, precisamos saber agora como se dá essa ação e como eles fazem para mover as mesas, assim como outros corpos inertes.

Uma ideia surgiu naturalmente, e também foi a mesma que tivemos. Entretanto, ela foi contestada pelos Espíritos, que nos deram uma explicação muito diferente do que esperávamos, o que torna evidente que a teoria deles não era reflexo da nossa opinião. Ora, **essa primeira ideia** poderia ter ocorrido a qualquer um; quanto à teoria dos Espíritos, não acreditamos que alguma vez ela tenha ocorrido à mente de alguém.

Facilmente reconhecemos que, embora mais complexa, a teoria dos Espíritos é muito superior à nossa, porque ela soluciona inúmeras situações que não encontravam uma explicação satisfatória.

Observação

Essa primeira ideia, que surgiu naturalmente, foi a de que os Espíritos levantavam a mesa com as próprias mãos, conforme será explicado a seguir.

73. Pelo conhecimento da natureza dos Espíritos, de sua forma humana, das propriedades semimateriais do perispírito, da ação mecânica que eles podem exercer sobre a matéria e pelo fato de que nas aparições as mãos

fluídicas e até mesmo tangíveis agarrarem objetos e transportá-los, era natural acreditar que o Espírito utilizava as próprias mãos para fazer girar a mesa e que a levantava no espaço, com a força dos braços.

Mas, sendo assim, qual a necessidade de se ter um médium? O Espírito não pode agir sozinho? Até porque o médium, que geralmente põe as mãos sobre a mesa em sentido contrário ao do seu movimento, ou até mesmo nem chega a tocá-la, não pode ajudar o Espírito por meio de uma ação muscular qualquer. Primeiramente, vamos deixar que falem os Espíritos a quem interrogamos a respeito dessa questão.

MOVIMENTOS E SUSPENSÕES

74. As respostas seguintes nos foram dadas pelo “Espírito de São Luís” e posteriormente foram confirmadas por muitos outros.

1. O fluido cósmico universal é uma emanção da Divindade?

– Não.

2. É uma criação de Deus?

– Tudo é criado, exceto Deus.

3. O fluido cósmico universal é, ao mesmo tempo, o elemento universal?

– Sim, o fluido cósmico universal é o princípio elementar de todas as coisas.

4. Ele tem alguma relação com o fluido elétrico, cujos efeitos conhecemos?

– O fluido elétrico é constituído do fluido cósmico universal.

5. Qual é o estado mais simples em que o fluido cósmico universal pode se apresentar para nós?

– Para encontrá-lo em sua simplicidade absoluta, seria necessário nos elevarmos até os Espíritos puros. Na Terra, ele se encontra sempre mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que rodeia os homens. Entretanto, pode-se dizer que o estado em que ele se encontra mais próximo da simplicidade absoluta é o estado do fluido que é conhecido por *fluido magnético animal*.

6. Já se disse que o fluido cósmico universal é a fonte da vida. Será também a fonte da inteligência?

– Não; o fluido cósmico universal apenas anima a matéria.

7. O fluido cósmico universal é o fluido que compõe o perispírito. Não parece que no perispírito esse fluido se acha numa espécie de estado de condensação que, de certa maneira, o aproxima da matéria propriamente dita?

– Até certo ponto sim, mas o perispírito não possui todas as propriedades da matéria e a sua condensação é maior ou menor, segundo a natureza dos mundos.

8. Como um Espírito pode mover um corpo sólido?

– Ele combina uma parte do fluido cósmico universal com o **fluido animalizado que o médium libera**, e que é apropriado para esses efeitos.

Observação

Esse fluido animalizado que o médium libera, hoje é mais conhecido pelo nome de **ectoplasma**. O fisiologista Charles Richet foi quem, pela primeira vez, denominou a substância que emana dos médiuns de efeitos físicos de “ectoplasma”.

9. Os Espíritos levantam a mesa com os seus próprios braços, de certo modo solidificados, materializados?

– Aquilo que você deseja ainda não está nesta resposta. Quando uma mesa se move sob as mãos do médium, o Espírito evocado extrai do fluido

cósmico universal o que é necessário para dar a essa mesa uma vida artificial, provisória. Assim preparada, ou seja, revestida pelo fluido cósmico universal, o Espírito atrai a mesa e a movimenta sob a influência do fluido que dele mesmo se desprende, por efeito da sua vontade.

Quando o Espírito deseja mover uma massa, que é muito pesada para ele, pede a ajuda de outros Espíritos, cujas condições sejam idênticas às suas. Em virtude da sua natureza etérea, o Espírito propriamente dito não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem fazer uso de um intermediário, ou seja, sem utilizar um elemento que o ligue à matéria. Esse elemento, que se chama perispírito, é a chave para todos os fenômenos espíritas de ordem material. Acredito que expliquei com muita clareza, para que todos possam compreender.

***Observação de Kardec:** Chamamos a atenção para a primeira frase: “O que você deseja ainda não está nesta resposta”. O Espírito compreendeu perfeitamente que todas as perguntas anteriores haviam sido formuladas para chegarmos a esta última. Faz menção ao nosso pensamento, que, de fato, esperava por outra resposta, muito diversa, ou seja, a confirmação da ideia que tínhamos de que o Espírito levantava a mesa com os seus próprios braços.*

10. Os Espíritos que ele chama para ajudá-lo a mover a mesa são inferiores a ele? Estão sob as suas ordens?

– Quase sempre são Espíritos iguais a ele, e muitas vezes o ajudam espontaneamente.

11. Todos os Espíritos são capazes de produzir fenômenos deste tipo, ou seja, mover objetos?

– Os Espíritos que produzem tais efeitos são sempre Espíritos inferiores; ainda não estão completamente despojados de toda a influência que a matéria exerce sobre eles.

12. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupem com

coisas que estão muito abaixo deles. Entretanto, por estarem mais desmaterializados, eles poderiam produzir esses fenômenos, caso o quisessem?

– Os Espíritos superiores têm a força moral, enquanto os outros têm a força física. Quando eles precisam da força física, servem-se daqueles que a possuem. Já não dissemos que eles servem-se dos Espíritos inferiores, assim como os homens servem-se de seus colaboradores?

Observação de Kardec: Já explicamos que a densidade do perispírito varia de acordo com a natureza dos mundos. Parece que ela também varia, no mesmo mundo, de acordo com os indivíduos. Nos Espíritos moralmente adiantados, a densidade do perispírito é mais sutil e se aproxima do perispírito dos Espíritos elevados. Nos Espíritos inferiores, ao contrário, essa densidade aproxima-se da matéria, e é isso que faz com que esses Espíritos conservem, por muito tempo, as ilusões da vida terrena.

Os Espíritos inferiores pensam e agem como se ainda estivessem encarnados; possuem os mesmos desejos e, poderíamos dizer, a mesma sensualidade. Esses Espíritos, por possuírem um perispírito mais denso, têm mais afinidade com a matéria, por isso eles estão mais aptos a provocar as manifestações físicas.

Um homem comum, habituado aos trabalhos intelectuais, cujo corpo é frágil e delicado, não consegue erguer fardos pesados, assim como faz um carregador. A matéria do seu corpo físico é menos compacta e os seus órgãos são menos resistentes; por isso, ele possui menos fluido nervoso.

O perispírito é para o Espírito o que o corpo físico é para o homem. A densidade do perispírito é diretamente proporcional à inferioridade do Espírito. Essa densidade substitui no Espírito a força muscular, ou seja, esses Espíritos têm mais condições de manipular os fluidos que são necessários às manifestações físicas do que teria um Espírito cuja natureza do seu perispírito fosse mais etérea. Assim, se um Espírito elevado quiser produzir esses efeitos, chama para executá-los um Espírito que lhe é inferior.

13. Se compreendemos bem, o “princípio vital” provém do fluido cósmico universal. O Espírito retira do fluido cósmico universal o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito, e é por meio desse fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É isso mesmo?

– Sim, o Espírito anima a matéria com uma espécie de vida artificial; a matéria se impregna de vida animal. A mesa que se move aos olhos de todos está impregnada de energia animalizada, por isso ela obedece por si mesma ao comando do ser inteligente. Não é o Espírito que levanta a mesa com a força dos braços, como o homem faz com um fardo. Quando a mesa se levanta do solo, é a própria mesa que, animada, obedece a uma vontade, a um impulso dado pelo Espírito.

14. Qual é o papel do médium nesse fenômeno?

– O fluido animalizado do médium se combina com o fluido cósmico universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses “dois fluidos”, ou seja, do “fluido animalizado do médium” e do “fluido cósmico universal” para dar vida à mesa. Mas não se pode esquecer que essa vida é apenas momentânea, e extingue-se quando a quantidade de fluido deixa de ser suficiente para animá-la.

Observação

Isso explica as interrupções inesperadas de comunicações. A falta de fluido disponível faz com que a mesa cesse o seu movimento, dando a impressão de que o Espírito comunicante se ausentou. (Comentário de Herculano Pires.)

15. O Espírito pode atuar sem o auxílio de um médium?

– Pode atuar sem o conhecimento do médium. Assim, muitas pessoas ajudam os Espíritos na realização de certos fenômenos, mesmo sem o saberem. O Espírito retira dessas pessoas, como se retirasse de uma fonte, o fluido animalizado de que necessita. Entendido dessa maneira, é que se pode dizer que a presença de um médium nem sempre é necessária, principalmente no

que se refere aos fenômenos espontâneos.

16. A mesa animada age com inteligência? Ela pensa?

– Ela não pensa, assim como não pensa um bastão com o qual se faz um sinal inteligente. Entretanto, a vitalidade de que a mesa se acha “animada” lhe permite obedecer ao impulso de uma inteligência. Desse modo, fica claro que a mesa que se move não se torna Espírito, e que também não possui, por conta própria, nem pensamento, nem vontade.

Observação de Kardec: Na linguagem usual, muitas vezes, utilizamos uma expressão semelhante: quando uma roda gira em alta velocidade, dizemos que ela está “animada” de um movimento rápido.

17. Qual é a causa que tem maior influência para a produção desse fenômeno? O Espírito ou o fluido?

– O Espírito é a causa, o fluido animalizado do médium, combinado com o fluido cósmico universal, é o instrumento; ambos são necessários.

18. Que papel desempenha a vontade do médium nesse caso?

– Chamar os Espíritos e ajudá-los a impulsionar os fluidos.

18a. A ação da vontade do médium é sempre indispensável?

– A vontade do médium aumenta a força, mas nem sempre é necessária, uma vez que o movimento pode produzir-se independente ou mesmo contra a sua vontade, o que comprova a existência de uma causa independente do médium.

Observação de Kardec: Nem sempre é necessário o contato das mãos do médium para que um objeto se mova. Na maioria das vezes, esse contato só é necessário para dar o primeiro impulso. Uma vez que o objeto está animado, ele pode obedecer à vontade do Espírito, sem a necessidade do contato material, dependendo da força mediúnica do médium, ou da natureza do Espírito. Aliás, nem sempre esse primeiro contato é necessário, e a prova disso está nos movimentos e

deslocamentos espontâneos, que ninguém pensou em provocar.

19. Por que nem todas as pessoas podem produzir o mesmo efeito e por que nem todos os médiuns possuem a mesma força?

– Isso depende do organismo de cada um e da maior ou menor facilidade na combinação dos fluidos. Depende também da maior ou menor afinidade que o Espírito do médium tem com os Espíritos que encontram nele a força fluídica necessária.

Acontece com essa força fluídica o mesmo que acontece com a força dos magnetizadores, ou seja, ela não é igual para todos. Sob esse aspecto, existem pessoas que são completamente avessas a essa força fluídica; outras, em que a combinação dos fluidos apenas se verifica pelo esforço da sua própria vontade; outras, ainda, em que a combinação dos fluidos acontece de maneira tão natural e tão fácil, que elas mesmas nem se dão conta do fato. Assim, essas pessoas, de forma inconsciente, servem de instrumento sem nem mesmo o suspeitarem, conforme já dissemos. (Ver Capítulo 5, “Manifestações Físicas e Espontâneas”.)

***Observação de Kardec:** Sem dúvida, o magnetismo é o princípio desses fenômenos, mas não como geralmente se pensa. A prova disso é que existem magnetizadores poderosos que não conseguem movimentar uma simples mesinha de centro; enquanto outras pessoas, até mesmo crianças, que não sabem magnetizar, colocam os dedos sobre uma mesa pesada e fazem com que ela se agite. Portanto, se a força mediúnica não depende da força magnética, é porque existe outra causa.*

20. As pessoas chamadas de “elétricas” podem ser consideradas médiuns?

– Essas pessoas retiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem agir sem o auxílio dos Espíritos. Portanto, não são médiuns, no sentido exato da palavra. Mas também pode acontecer que um

Espírito as assista e aproveite as suas disposições naturais.

***Observação de Kardec:** Essas pessoas seriam como os sonâmbulos, que podem agir com ou sem o auxílio dos Espíritos. (Ver Capítulo 14, “Médiuns”, item nº 6, “Médiuns sonâmbulos”.)*

Observação

Emancipação anímica – Desprendimento do Espírito do seu corpo físico. Pela emancipação anímica, um Espírito encarnado pode descrever ocorrências que visualiza no mundo espiritual. Esse fenômeno, quando ocorre sem a participação de um Espírito desencarnado, denomina-se “fenômeno anímico”. Entretanto, se essa emancipação tiver a participação de um Espírito desencarnado, ela é denominada de “fenômeno de mediunidade anímica”.

21. O Espírito que age sobre os corpos sólidos, para movê-los, penetra na própria substância dos corpos ou permanece fora deles?

– Acontecem as duas coisas. Já dissemos que a matéria não constitui obstáculo para os Espíritos. Eles penetram em tudo. Uma porção do seu perispírito se identifica, por assim dizer, com o objeto em que ele penetra.

22. Como o Espírito faz para bater? Ele utiliza algum objeto material?

– Não; da mesma forma que o Espírito não utiliza os braços para levantar a mesa, ele não tem um martelo à sua disposição. O martelo de que ele dispõe é a combinação do seu fluido com o fluido do médium, que ele põe em ação para mover ou para bater. Quando um Espírito move um objeto, a “luz” permite que se “veja” esse movimento; quando ele bate, o “ar” permite que o som seja “escutado”.

RUÍDOS

23. Compreendemos que seja assim quando o Espírito bate num corpo duro; mas como ele pode fazer com que se ouçam ruídos ou sons articulados no vazio do ar?

– Se o Espírito atua sobre a matéria, pode atuar também sobre uma mesa ou sobre o ar. Quanto aos sons articulados, eles podem imitá-los, como a todos os outros ruídos.

24. Já foi dito que o Espírito não usa as suas mãos para levantar a mesa. Entretanto, em algumas manifestações visuais apareceram mãos a dedilhar teclados, movimentando as teclas e produzindo sons. Nesse caso, o movimento das teclas não parece ser devido à pressão dos dedos? Essa pressão não é tão direta e real quanto a pressão que sentimos quando essas mãos nos apertam e deixam marcas na pele?

– Não se pode compreender a natureza dos Espíritos, nem a maneira pela qual eles agem, por meio dessas comparações, que dão apenas uma ideia incompleta. É um erro querer que os procedimentos utilizados pelos Espíritos sejam iguais aos dos homens. Seus procedimentos devem estar de acordo com a natureza de seus organismos.

Já não dissemos que o fluido do perispírito penetra a matéria e com ela se identifica, animando-a com uma vida artificial? Pois bem! Quando o Espírito coloca os dedos sobre as teclas, ele de fato as movimenta. Mas não é pela força muscular que ele exerce essa pressão. Ele anima as teclas, assim como faz com a mesa; as teclas, obedecendo à vontade do Espírito, se abaixam e fazem vibrar as cordas do piano.

Acontece aqui uma coisa que é difícil de compreender. É que alguns Espíritos estão tão pouco adiantados e tão materializados, em comparação com os Espíritos elevados, que eles ainda conservam as ilusões da vida terrena e julgam agir como se ainda estivessem no corpo físico. Eles não percebem a verdadeira causa dos efeitos que produzem, do mesmo modo que um camponês não compreende a teoria dos sons que pronuncia.

Perguntem a esses Espíritos como eles tocam o piano e eles responderão

que é batendo com os dedos nas teclas, pois acreditam que realmente é assim que o fazem. Produzem o efeito de maneira instintiva, mas não sabem disso, apesar de o produzirem por ação da sua vontade. O mesmo fenômeno da combinação de fluidos acontece quando os Espíritos falam e são ouvidos.

***Observação de Kardec:** Por essas explicações, compreende-se que os Espíritos podem produzir todos os efeitos que nós produzimos, mas por meios apropriados ao seu organismo. Algumas forças, que são próprias dos Espíritos, substituem os músculos que os homens precisam para agir, do mesmo modo que a mímica substitui, nos mudos, a palavra que lhes falta.*

25. Entre os fenômenos citados como provas da ação de uma força oculta, ou seja, dos Espíritos, existem aqueles que são evidentemente contrários a todas as Leis conhecidas da Natureza. Nesse caso, a dúvida não é legítima?

– Acontece que o homem está longe de conhecer todas as Leis da Natureza. Se as conhecesse todas, seria um Espírito superior. Aqueles que pensam saber tudo, e pretendem impor limites à Natureza, são desmentidos a cada dia; mas, ainda assim, não se tornam menos orgulhosos.

Ao revelar diariamente novos mistérios, Deus adverte o homem para que desconfie de seus próprios conhecimentos, pois chegará o dia em que *o conhecimento do mais sábio será posto em dúvida*. Vocês não veem, diariamente, exemplos de corpos animados por um movimento capaz de vencer a força da gravidade? A bala de canhão, lançada no ar, não supera momentaneamente a força da gravidade?

Pobres homens, que se consideram muito sábios e cuja vaidade é a cada instante contestada; fiquem sabendo que ainda são muito pequenos.

75. Essas explicações, dadas pelo Espírito São Luís, são claras, categóricas e isentas de dúvidas. O ponto principal a ser ressaltado é que o fluido cósmico

universal, no qual reside o princípio da vida, é o agente principal das manifestações; agente esse que recebe o impulso do Espírito, seja encarnado ou desencarnado.

O fluido cósmico universal, quando condensado, constitui o perispírito ou o envoltório semimaterial do Espírito. No estado encarnado, o perispírito está unido à matéria do corpo físico; no estado desencarnado, ele está livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos fundida, mais ou menos colada à matéria que constitui o seu corpo, se assim podemos dizer.

Em algumas pessoas, em razão das condições especiais do seu organismo, existe uma espécie de emanção desse fluido, e é dessa emanção que resultam os médiuns de efeitos físicos.

Existem médiuns que emitem o **fluido animalizado** em maior ou menor quantidade; esse fluido animalizado pode se combinar, de maneira mais ou menos fácil, com o fluido cósmico universal que o Espírito acumula. A força mediúnica do médium está diretamente ligada à quantidade do fluido animalizado que ele disponibiliza, e também à facilidade que o Espírito encontra em combinar esse fluido com o seu. A emissão de fluido animalizado pelo médium não é permanente, o que explica a intermitência da força mediúnica.

Observação

Fluido animalizado – Hoje, o fluido animalizado é mais conhecido com o nome de “ectoplasma”.

76. Façamos uma comparação. Quando queremos atingir um objeto colocado à distância, quem quer atingi-lo é o nosso pensamento, mas o pensamento sozinho não pode realizar essa tarefa. Precisamos de um instrumento – um intermediário – que será dirigido pelo pensamento: um bastão, um projétil, uma corrente de ar etc.

Notem que o pensamento não age diretamente sobre o bastão, porque, se o bastão não for tocado, ele não vai se mover. O pensamento, que é o próprio Espírito encarnado em nosso corpo físico, está unido ao corpo pelo perispírito e não pode agir sobre o corpo sem o perispírito, como não pode agir sobre o bastão sem o corpo físico. Assim, o pensamento age sobre o perispírito, por ser esta a substância com que ele tem mais afinidade; o perispírito, por sua vez, age sobre os músculos, que agarram o bastão e o fazem atingir o objeto.

Quando o Espírito está desencarnado, ele necessita de um instrumento que não pertence ao seu organismo; esse instrumento é o fluido animalizado proveniente do médium; com a ajuda desse fluido, ele torna o objeto apto a obedecer ao impulso da sua vontade.

77. Portanto, quando um objeto é posto em movimento, erguido ou arremessado no ar, não é o Espírito que o agarra e o arremessa como faríamos com a nossa mão. O Espírito satura o objeto com o seu fluido, e combina com o fluido do médium. O objeto, momentaneamente vivificado pela combinação dos dois fluidos, age como se fosse um ser vivo, apenas com a diferença de que, não tendo vontade própria, obedece ao impulso proveniente da vontade do Espírito.

Assim, o fluido vital, dirigido pelo Espírito, dá uma vida artificial e momentânea aos corpos inertes. Sendo o perispírito constituído por esse mesmo fluido vital, conclui-se que: quando o Espírito está encarnado, é ele quem dá vida ao corpo físico por meio do seu perispírito. O perispírito fica ligado ao corpo físico do homem enquanto ele estiver vivo. Quando o perispírito se retira, o corpo morre.

Porém, se em vez de uma mesa esculpirmos uma estátua de madeira e se o Espírito agir sobre essa estátua, como age sobre a mesa, teremos, sob a ação mediúnica, uma estátua que se move e que dá pancadas, respondendo às nossas perguntas. Resumindo: teremos uma estátua momentaneamente animada de uma vida artificial. Em vez de mesas falantes, teremos estátuas falantes. Quanta

luz essa teoria lança sobre uma infinidade de fenômenos até agora sem solução! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela consegue explicar!

78. Os incrédulos também contestam que o fenômeno da suspensão das mesas, sem um ponto de apoio, é impossível, por ser contrário à Lei da gravidade. Em primeiro lugar, responderemos a eles que a sua negação não constitui uma prova. Em segundo lugar, que se o fato existe, por mais que ele contrarie a todas as Leis conhecidas, isso só prova uma coisa: que ele provém de uma Lei desconhecida e que os contestadores não podem ter a pretensão de conhecer todas as Leis da Natureza.

Acabamos de explicar uma dessas Leis, mas isso não é razão para que os incrédulos a aceitem, principalmente porque ela foi revelada pelos Espíritos que já desencarnaram, em vez de ser revelada por Espíritos que ainda estão encarnados e que têm assento na Academia. Tanto isso é verdade que, se o Espírito de **Arago**, quando ainda vivo, tivesse enunciado essa Lei, eles a teriam aceitado de olhos fechados; mas enunciada pelo Espírito de Arago morto, trata-se de uma utopia, de uma fantasia.

E por que isso? Porque eles acreditam que Arago, estando morto, tudo nele também morreu. Não temos a pretensão de demovê-los; entretanto, como essa objeção poderia confundir algumas pessoas, tentaremos respondê-la, colocando-nos no ponto de vista em que eles se colocam, isto é, ignorando, por um instante, a teoria de que as mesas são animadas de forma artificial.

Observação

François Jean Dominique Arago (1786-1853) – Físico, astrônomo e político francês de grande cultura e muita inteligência.

79. Quando se produz vácuo na **campânula** da máquina pneumática, essa campânula adere com tal força ao seu suporte que é impossível suspendê-la, ou

melhor, separá-la do suporte, devido ao peso da coluna de ar que faz pressão sobre a sua superfície externa. Quando se deixa entrar o ar, a campânula pode ser levantada com a maior facilidade, porque o ar que entra por baixo contrabalança o ar que a comprime pela parte externa. Entretanto, se ninguém lhe tocar, ela permanecerá aderida ao suporte, por efeito da Lei da gravidade.

Por outro lado, se o ar que está na parte interna da campânula for comprimido, passando a ter uma densidade maior do que o ar que está na parte externa, ela se elevará, apesar da força da gravidade. Se esse ar comprimido entrar na campânula, de forma rápida e violenta, ela ficará suspensa no espaço sem nenhum ponto de apoio visível, assim como esses bonecos que giram em cima de um jato d'água.

Por que, então, o fluido cósmico universal, que é o *elemento básico de toda a matéria*, acumulando-se em torno da mesa, não pode ter a propriedade de diminuir ou aumentar o seu peso específico relativo, assim como faz o ar com a campânula da máquina pneumática? Assim como também faz o gás hidrogênio com os balões, sem que para isso seja necessário revogar a Lei da gravidade?

Será que, porventura, os contestadores conhecem todas as propriedades e todo o poder do fluido cósmico universal? Não! Pois então não neguem a realidade de um fato, apenas porque não podem explicá-lo.

Observação

Campânula – Vaso de vidro em forma de sino ou de pequena redoma.

80. Voltemos à teoria do movimento da mesa. Se, pelo meio indicado, o Espírito pode levantar uma mesa, também pode levantar qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se pode levantar uma poltrona, também pode, se tiver força suficiente, levantá-la com uma pessoa sentada nela.

Aí está a explicação do fenômeno da levitação que **o Sr. Home** produziu inúmeras vezes consigo mesmo e com outras pessoas. Ele o repetiu durante uma apresentação em Londres, com a finalidade de provar que os espectadores

não eram vítimas de uma ilusão de ótica, fazendo no teto da casa uma marca a lápis e, enquanto estava suspenso, permitiu que as pessoas passassem por debaixo dele. Sabe-se que o Sr. Home é um poderoso médium de efeitos físicos. Nesse caso, ele era ao mesmo tempo a causa eficiente (porque produzia o fenômeno) e o objeto (porque levitava).

Observação

Daniel Douglas Home (1833-1886) – Ver descrição sobre o Sr. Home após item nº 16. O Sr. Home combinava o seu próprio fluido animalizado, que emanava dele em grande quantidade, com o fluido cósmico universal que constituía o seu perispírito. Assim, ele saturava o seu próprio corpo com a combinação desses dois fluidos, e o seu corpo, momentaneamente animado, obedecia ao impulso proveniente da vontade do seu próprio Espírito, e não da vontade de um Espírito estranho, chamado para realizar a levitação. Esses casos são raríssimos, pois é necessária uma quantidade muito grande de fluido animalizado para que o fenômeno se realize.

AUMENTO E DIMINUIÇÃO DO PESO DOS CORPOS

81. Anteriormente falamos que é possível aumentar o peso dos corpos inertes. Trata-se de um fenômeno que às vezes se produz e que nada apresenta de anormal, tanto quanto a enorme resistência que a campânula oferece à pressão da coluna atmosférica. Temos visto, sob a influência de certos médiuns, objetos muito leves oferecerem resistência semelhante à da campânula e, em seguida, cederem ao menor esforço.

Na experiência da campânula, ela na realidade não pesa nem mais nem menos do que o seu peso real, apenas parece mais pesada por efeito de uma causa exterior, no caso, a pressão atmosférica, que age sobre ela, pressionando-

a. Provavelmente é o que acontece com a mesa, pois a sua massa não foi aumentada, mas uma força exterior se opõe ao seu movimento, e essa causa pode estar nos fluidos ambientes que a penetram, como reside na pressão atmosférica a causa que aumenta ou diminui o peso aparente da campânula.

Se fizermos a experiência da campânula pneumática diante de um homem sem cultura, incapaz de compreender que o agente responsável pela variação do peso é o ar, que ele não vê, não será difícil convencê-lo de que aquilo é obra do diabo.

Talvez digam que esse fluido, por ser imponderável, seu acúmulo não pode aumentar o peso de um objeto. Concordo; mas observem que utilizamos o termo “acúmulo” apenas para fazer uma comparação, e não para dizer que esse fluido se parece com o ar. O fluido que envolve a mesa é imponderável, mas nada nos garante que ele realmente seja. Desconhecemos a sua natureza íntima e estamos longe de conhecer todas as suas propriedades.

Antes que tivéssemos conhecimento sobre o peso do ar, não se suspeitava dos efeitos desse peso. A eletricidade também é um fluido imponderável, mas pode fixar um corpo por meio de uma **corrente elétrica** e oferecer grande resistência a quem queira suspendê-lo. O corpo, assim, torna-se aparentemente mais pesado. Pelo fato de não vermos a corrente elétrica, não seria lógico concluir que ela não existe.

Portanto, o Espírito pode ter forças, alavancas que não conhecemos. Todos os dias a Natureza nos dá provas de que o seu poder não se limita ao testemunho dos nossos sentidos.

Apenas por uma causa semelhante se pode explicar o notável fenômeno, tantas vezes observado, de uma pessoa fraca e delicada levantar com dois dedos, sem o menor esforço, e como se fosse uma pluma, um homem forte e robusto, juntamente com a cadeira em que ele está sentado. As **intermitências** da faculdade mediúnica provam que a sua causa independe do médium que produz o fenômeno.

Observações

Corrente Elétrica – Kardec refere-se à imantação de objetos por ímãs eletromagnéticos. Quando a corrente elétrica percorre um fio que está enrolado em uma barra de ferro, essa barra se torna um ímã. Como a imantação foi obtida por meio de uma “corrente elétrica”, esse ímã é chamado de “eletroímã”.

Intermitência – É uma interrupção momentânea. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e variações que atestam a sua independência da vontade pessoal do médium. Essa independência pode ser determinada por condições orgânicas ou psíquicas, conforme explica Kardec. A intermitência da faculdade mediúnica também pode ser devida à participação ou não de inteligências estranhas ao médium, sem as quais ele não consegue a produção dos fenômenos de maneira satisfatória. (Comentário de Herculano Pires.)

CAPÍTULO 5

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

- RUÍDOS – BARULHOS E PERTURBAÇÕES
 - ARREMESSO DE OBJETOS
 - FENÔMENO DE TRANSPORTE
- DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE O FENÔMENO DE TRANSPORTE

82. Os fenômenos sobre os quais falamos até agora são provocados pelos participantes. Entretanto, algumas vezes, eles podem ocorrer de maneira espontânea, sem a intervenção da vontade dos participantes e até mesmo contra a vontade deles. Quando isso ocorre, essas manifestações tornam-se muito inconvenientes e são, por isso mesmo, indesejáveis.

Decididamente, essas manifestações espontâneas excluem o pensamento de que elas possam ser um efeito da imaginação superexcitada pelas ideias espíritas, uma vez que elas ocorrem entre pessoas que nunca ouviram falar dessas manifestações e num momento em que elas não esperam.

Esses fenômenos, a que poderíamos chamar de “Espiritismo prático natural”, são muito importantes, porque não permitem a suspeita de cumplicidade dos que estão presentes. Por isso mesmo, recomendamos às pessoas que se ocupam com os fatos espíritas que registrem todos os fenômenos desse gênero, de que tiverem conhecimento, sobretudo pela verificação cuidadosa da sua realidade, mediante um estudo detalhado das circunstâncias em que eles ocorrem, a fim de que não sejam joguetes de uma ilusão ou de uma mistificação.

RUÍDOS – BARULHOS E PERTURBAÇÕES

83. De todas as manifestações espíritas, as mais comuns e mais frequentes são os ruídos e as pancadas. É principalmente sob esse aspecto que se deve ter o maior cuidado quanto à ilusão, porque existe uma infinidade de causas naturais que podem produzi-los: o vento que assobia ou que agita um objeto, um corpo que se move por si mesmo sem que ninguém perceba, um efeito acústico, um animal oculto, um inseto e assim por diante, até mesmo brincadeiras de mau gosto.

Aliás, os ruídos espíritas apresentam características inconfundíveis, que revelam uma intensidade e um timbre muito variados, tornando-os facilmente reconhecíveis. Isso não permite que eles sejam confundidos com os estalidos da madeira, com o crepitar do fogo, ou com o tique-taque monótono de um relógio de pêndulo.

São pancadas secas, às vezes surdas, fracas e leves, às vezes claras e distintas, outras vezes barulhentas, que mudam de lugar e se repetem sem nenhuma regularidade mecânica. De todos os meios de controle, o mais eficaz, aquele que não pode deixar dúvida quanto à origem da manifestação, é a obediência do fenômeno à vontade de quem o observa.

Se as pancadas forem ouvidas no lugar que indicarmos, se responderem ao nosso pensamento pelo número de batidas solicitadas, aumentando ou diminuindo a sua intensidade, é preciso reconhecer nos fenômenos uma causa inteligente, embora a falta de obediência nem sempre constitua uma prova em contrário.

84. Vamos admitir que, após uma constatação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos, ou outros efeitos quaisquer, são manifestações reais: será racional ter medo dessas manifestações? Seguramente que não, porque em nenhum caso elas representam qualquer perigo.

Apenas as pessoas que acreditam que essas manifestações são obra do diabo podem ser afetadas de um modo prejudicial, como acontece com as crianças a quem atemorizamos com o lobisomem ou com o bicho-papão.

É preciso convir que, em certas circunstâncias, essas manifestações adquirem proporções desagradáveis, tanto pelo fato em si, quanto pela repetição com que acontecem, pois provocam, naqueles que as experimentam, o desejo muito natural de se verem livres delas. Cabe aqui uma explicação a esse respeito.

85. Dissemos que as manifestações físicas têm por objetivo chamar a nossa atenção para alguma coisa e convencer-nos da presença de uma força superior à do homem. Também dissemos que os Espíritos elevados não se ocupam com esse tipo de manifestações; servem-se dos Espíritos inferiores para produzi-las, assim como os homens servem-se de trabalhadores específicos para realizar as tarefas mais pesadas.

Uma vez atingido o objetivo, ou seja, chamar a atenção das pessoas, a manifestação material cessa, porque já não é mais necessária. Um ou dois exemplos tornarão a questão mais compreensível.

86. Há muitos anos, quando iniciava meus estudos sobre o Espiritismo, trabalhando certa noite nesse assunto, ouvi pancadas que soaram ao meu redor, durante quatro horas consecutivas. Era a primeira vez que um fato semelhante me acontecia. Constatei que não havia nenhuma causa acidental, mas, naquele momento, foi só o que pude saber.

Naquela época, eu tinha contatos frequentes com um excelente médium escrevente. No dia seguinte perguntei ao Espírito, que se comunicava por seu intermédio, qual a causa daquelas pancadas. Ele me respondeu: era o seu Espírito familiar que desejava falar com você. E o que ele queria me dizer? Resposta: pode perguntar diretamente a ele, porque ele está aqui. Interroguei-o e ele se identificou com um nome fictício (soube depois, por outros Espíritos, que ele pertence a uma ordem muito elevada e que desempenhou na Terra um papel muito importante).

Apontou erros no meu trabalho, indicando-me as “linhas” onde se

encontravam; deu-me conselhos úteis e sábios e disse que estaria sempre comigo e que atenderia ao meu chamado todas as vezes que eu quisesse interrogá-lo. De fato, a partir de então, **esse Espírito** nunca mais me abandonou.

Deu-me inúmeras provas de grande superioridade e sua intervenção *bondosa e eficaz* muito me ajudou, tanto nos assuntos da vida material, quanto nas questões **metafísicas**. Depois da nossa primeira conversa, as pancadas cessaram. Mas o que ele desejava, realmente? Estabelecer comunicação regular comigo, e para isso precisava me avisar. Feita a advertência, explicada a razão e estabelecidas as relações regulares, as pancadas não tinham mais sentido, tornaram-se inúteis, tanto que cessaram. Não se toca mais o tambor para acordar os soldados, quando eles já se levantaram.

Um fato semelhante aconteceu com um amigo nosso. Havia algum tempo que ele ouvia ruídos diversos em seu quarto, que já se tornavam por demais cansativos. Tendo a oportunidade de interrogar o Espírito de seu pai, por um médium escrevente, soube o que os Espíritos queriam dele, fez o que foi recomendado e os ruídos cessaram.

É fácil compreender que as pessoas que têm um meio regular e fácil de se comunicar com os Espíritos não necessitam de manifestações por pancadas.

Observações

Esse espírito – O Espírito a que Kardec se refere é o **Espírito da Verdade**. Um relato mais extenso sobre esse fato pode ser encontrado em *Obras Póstumas*, segunda parte, comunicação de 25 de março de 1856, sob o título “Meu Guia Espiritual”.

Kardec informa que esse Espírito jamais o abandonou, o que põe por terra a teoria errônea que se lançou no meio espírita, de que o Espírito da Verdade deixou a Terra depois de ter escrito *O Livro dos Espíritos*. Ao contrário, toda a codificação e todos os trabalhos de Kardec foram orientados por ele. (Comentário de Herculano Pires.)

Metafísica – A palavra metafísica significa “além do físico, além da matéria” (meta: além; física: matéria). Pode ser definida como a parte da Filosofia que estuda a essência dos seres e das coisas; conhecimento das causas primárias; tudo aquilo que se manifesta de maneira sobrenatural.

87. As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas. Às vezes, degeneram em grande barulheira e em perturbações. Móveis e objetos são revirados, projéteis de todos os tipos são atirados de fora do ambiente para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, vidraças são quebradas, e tudo isso não pode ser visto como uma simples ilusão.

Muitas vezes, essa desordem no ambiente realmente acontece; outras vezes, a desordem é apenas aparente. As pessoas ouvem, em um aposento vizinho, ruído de louça que cai e se quebra com estrondo, pedaços de lenha que rolam pelo assoalho e, quando correm para verificar o que aconteceu, encontram tudo calmo e em ordem. Entretanto, quando se retiram do local, o tumulto recomeça.

88. Manifestações desse tipo não são raras nem novas, e existem muitas crônicas locais que contam histórias semelhantes. Muitas vezes, o medo exagera os fatos que, passados de boca em boca, assumem proporções altamente ridículas. Com o auxílio da superstição, as casas onde esses fatos ocorreram foram consideradas como assombradas pelo diabo. Daí surgiram todos os contos maravilhosos ou terríveis de fantasmas ou almas do outro mundo.

As pessoas sem moral não deixaram escapar essa bela oportunidade de explorar a credulidade em benefício próprio. É fácil compreender o desconforto que fatos dessa espécie, ainda que enquadrados na realidade, podem produzir em mentes fracas e predispostas, pela educação, a alimentar ideias supersticiosas. O meio mais seguro de evitar os inconvenientes que essas manifestações podem causar é fazer com que as pessoas conheçam a sua

origem, uma vez que não podemos impedir que elas aconteçam.

As coisas mais simples tornam-se assustadoras quando desconhecemos a sua causa. Assim que todos estiverem familiarizados com os Espíritos e quando as pessoas a quem eles se manifestam deixarem de acreditar que existe uma legião de demônios a persegui-las, o medo de Espíritos desaparecerá.

A narrativa de vários fatos autênticos desse gênero pode ser encontrada na *Revista Espírita*. Entre outras histórias, podemos destacar:

- A do **Espírito Batedor** de Bergzabern, cujas brincadeiras duraram mais de oito anos (números de maio, junho e julho de 1858);
- A de Dibbelsdorf (agosto de 1858);
- A do Padeiro das Grandes-Vents, perto de Dieppe (março de 1860);
- A da Rua des Noyers, em Paris (agosto de 1860);
- A do Espírito de Castelnaudary, sob o título de “História de um Danado” (fevereiro de 1860);
- A do Fabricante de São Petersburgo (abril de 1860), e muitas outras.

Observação

Espírito Batedor – São aqueles que se manifestam através de pancadas e ruídos de todas as espécies.

89. Muitas vezes, os fatos dessa natureza assumem o caráter de uma verdadeira perseguição. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, todas as manhãs, durante vários anos, encontravam suas roupas espalhadas pela casa, escondidas no forro, rasgadas e cortadas em pedaços, mesmo tomando a precaução de guardá-las à chave. Muitas pessoas já deitadas e preparando-se para dormir, embora *completamente acordadas*, viram suas cortinas se agitarem, suas cobertas e travesseiros serem arrancados com violência e atirados para fora do leito.

Esses fatos são muito mais frequentes do que se pensa. Entretanto, suas

vítimas raramente se atrevem a falar do assunto pelo medo de serem ridicularizadas. Tomamos conhecimento de que, por causa desses fenômenos, algumas pessoas foram tratadas como se estivessem com alucinações e submetidas ao mesmo tratamento dispensado aos alienados mentais, o que as deixou realmente loucas.

A Medicina é incapaz de compreender esses fatos, porque admite apenas o elemento material, entre as causas que os determinam. Daí a razão dos erros tão frequentes e funestos que comete. Um dia a História descreverá alguns tratamentos que eram ministrados no século dezenove, assim como se descrevem hoje alguns procedimentos de cura que eram utilizados na Idade Média.

Admitimos perfeitamente que alguns casos são obras da malícia ou da maldade humana. Mas, se depois de tudo averiguado, ficar comprovado que esses fatos não são produzidos pela ação do homem, torna-se necessário admitir que uns vão dizer que é obra do diabo e outros, como nós, que é obra dos Espíritos. Mas de que Espíritos?

90. Os Espíritos superiores, assim como os homens sérios, não se divertem provocando confusões. Seguidamente evocamos os Espíritos batedores para lhes perguntar por que perturbam dessa maneira a tranquilidade das pessoas. A maior parte deles quer apenas se divertir. São Espíritos mais levianos do que maus. Riem dos sustos que causam nas outras pessoas e das buscas inúteis que realizamos para descobrir a causa do tumulto.

Com frequência, apegam-se a um indivíduo e o perseguem por toda parte, apenas pelo prazer de atormentá-lo. Outras vezes, apegam-se a um lugar por mero capricho. Mas também agem por vingança, como teremos a oportunidade de verificar.

Em alguns casos, a intenção dos Espíritos é mais louvável, pois querem chamar a atenção de certas pessoas para se comunicarem com elas, seja para lhes dar um aviso útil, seja para pedir alguma coisa para si mesmos. Muitos

pedem preces, outros solicitam a realização, em seu nome, de um desejo que não puderam cumprir; outros, enfim, querem reparar uma ação má praticada durante a vida, no interesse do seu próprio sossego.

Em geral, é um erro ter medo desses Espíritos. Às vezes, a presença deles pode ser inoportuna, mas não é perigosa. É compreensível que todos queiram se ver livres dessa situação; mas, geralmente, as pessoas fazem o contrário do que deveriam fazer. Como são Espíritos que se divertem, quanto mais a situação for levada a sério, mais eles persistem em incomodar, assim como fazem as crianças travessas que assustam os medrosos e atormentam aqueles que se impacientam com elas.

Se todos tomassem a sábia decisão de rir de suas más ações, eles acabariam por se cansar e ficar quietos. Conhecemos uma pessoa que, longe de se irritar, incentivava-os a fazerem mais e mais coisas, de tal modo que, ao cabo de poucos dias, eles se afastaram.

Mas, conforme já dissemos, existem alguns Espíritos que procedem assim por motivos mais sérios. Por isso é sempre bom saber o que eles desejam. Se pedem alguma coisa, fiquem certos de que, uma vez atendido o seu pedido, eles se retiram. A melhor maneira de saber o que eles querem é evocar o Espírito por meio de um bom médium escrevente.

Pelas suas respostas, é possível ver de imediato com quem estamos lidando e agir de forma adequada. Se for um Espírito infeliz, a caridade manda que o tratemos com o respeito que ele merece; se for um Espírito que gosta de brincadeiras de mau gosto, podemos tratá-lo sem qualquer cerimônia; se for um malvado, devemos pedir a Deus que o torne melhor. Qualquer que seja o caso, a prece nunca deixa de dar um bom resultado.

Entretanto, as “fórmulas” utilizadas para exorcizá-los os fazem rir, pois eles não dão a essas fórmulas a menor importância. Quando se entra em comunicação com eles, é preciso sempre desconfiar dos *adjetivos ridículos ou apavorantes* que algumas vezes eles dão a si mesmos, para se divertirem com a credulidade dos assistentes.

No Capítulo 9, “Lugares Assombrados”, e no Capítulo 23, “Obsessões”, voltaremos a tratar desse assunto com mais detalhes, bem como das razões que tornam as preces e os exorcismos ineficazes em muitos casos.

91. Esses fenômenos, embora produzidos por Espíritos inferiores, muitas vezes são provocados por Espíritos de uma ordem mais elevada, com o objetivo de demonstrar a existência de seres incorpóreos e de um poder superior ao do homem.

A repercussão que esses fenômenos alcançam e o próprio temor que eles causam chamam a atenção e acabam por abrir os olhos daqueles que são mais incrédulos. Para aqueles que não acreditam é mais fácil considerar esses fenômenos como sendo um produto da imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa a busca de outras. Entretanto, quando os objetos são espalhados por toda parte, ou são arremessados contra a cabeça de alguém, seria necessário ter uma imaginação muito complacente para aceitar que tais coisas são frutos de uma ilusão, quando na verdade não o são.

Se alguma coisa acontece, é preciso que exista necessariamente uma causa. Se, após uma observação feita com frieza e com muita calma, ficar comprovado que essa manifestação independe da vontade humana; que ela não está vinculada a qualquer causa material; que ela apresenta sinais evidentes de inteligência e de livre vontade, *o que constitui o seu traço mais característico*, somos forçados a atribuí-la a uma inteligência oculta, que se encontra fora do plano físico.

Mas quem são esses seres misteriosos? É o que os estudos espíritas nos ensinam de modo muito claro, graças aos meios que disponibilizam para que possamos nos comunicar com eles.

Além disso, os estudos espíritas também nos ensinam a distinguir o que é real do que é falso ou exagerado, principalmente nos fenômenos em que não tivemos a oportunidade de estar presentes. Quando um fenômeno estranho se produz, tal como um ruído, um movimento, ou mesmo uma aparição, o

primeiro pensamento que devemos ter é o de que sua causa é natural, porque isso é o mais provável. Assim, é preciso procurar essa causa com muito cuidado, e só admitir a intervenção dos Espíritos depois de uma investigação bem feita. Esse é o meio mais seguro de evitarmos qualquer ilusão.

Aquele que, sem estar próximo de ninguém, recebe uma bofetada ou uma paulada nas costas, como já aconteceu (Ver “História de um Danado”, na *Revista Espírita* de fevereiro de 1860), não pode duvidar da presença de um ser invisível. Devemos nos acautelar, não somente das narrativas que contenham exageros, como também das nossas próprias impressões, criações mentais, para não atribuímos uma origem oculta a tudo aquilo que não podemos compreender.

Existe uma infinidade de causas muito simples e muito naturais que podem produzir efeitos aparentemente estranhos, à primeira vista. Portanto, não seria racional ver por toda parte Espíritos ocupados em derrubar móveis, quebrar louças, provocar todos esses distúrbios domésticos, quando o mais razoável é atribuí-los ao descuido de seus moradores.

92. A explicação que foi dada ao movimento dos corpos inertes se aplica, naturalmente, a todas as manifestações espontâneas que acabamos de ver. Os ruídos, embora mais fortes do que as pancadas na mesa, têm a mesma causa; a força que é utilizada para “levantar” um objeto é a mesma que é utilizada para “derrubar” ou “deslocar” esse mesmo objeto.

Existe aqui uma circunstância que apoia essa teoria. Podemos perguntar onde se encontra o médium, nesses casos. Os Espíritos nos disseram que, quando ocorrem manifestações espontâneas, sempre existe “alguém” cuja mediunidade é usada sem o seu conhecimento. É por isso que as manifestações espontâneas raramente acontecem em lugares isolados. Elas acontecem geralmente em casas habitadas e na presença de algumas pessoas que exercem, sem terem consciência disso, a influência necessária para que a manifestação ocorra.

Essas pessoas são verdadeiros médiuns que ignoram a faculdade que possuem e, por isso mesmo, as chamamos de *médiuns naturais*. Elas estão para os outros médiuns assim como os *sonâmbulos naturais* estão para os sonâmbulos magnéticos. Os *sonâmbulos naturais*, assim como os *médiuns naturais*, também são dignos da nossa observação.

93. Na maioria das vezes, a participação voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de aptidão especial para a produção desses fenômenos parece ser necessária, mesmo quando o Espírito parece agir sozinho. Mas, mesmo nesses casos, o Espírito pode retirar o fluido animalizado de uma pessoa que não está presente na reunião. Isso explica por que os Espíritos, que nos rodeiam incessantemente, não produzem perturbações a todo instante.

Primeiro, é preciso que o Espírito queira se manifestar; é preciso que ele tenha um objetivo, um motivo, porque, sem isso, ele nada faz. Depois, é preciso que ele encontre, no local em que pretende agir, alguém capaz de ajudá-lo, coincidência que só raramente ocorre. Mas, se essa pessoa capaz de ajudá-lo aparecer inesperadamente no local, ele pode se aproveitar dela.

Entretanto, apesar do conjunto de circunstâncias favoráveis, o Espírito pode se ver impedido de agir por uma vontade superior, que não permite que ele se manifeste como gostaria. É possível, também, que apenas lhe seja permitido atuar dentro de certos limites, e se essas manifestações forem julgadas úteis; seja utilizando-as como um meio para convencer os incrédulos, seja como uma prova para a pessoa que as suporta.

ARREMESSO DE OBJETOS

94. Citaremos a esse respeito apenas o diálogo que tivemos com o Espírito de São Luís sobre os fatos que se passaram em junho de 1860 na Rua des

Noyers, em Paris. Detalhes mais específicos encontram-se na *Revista Espírita*, do mês de agosto de 1860.

Perguntas ao Espírito de São Luís:

1. O Senhor pode nos dizer se os fatos que dizem ter ocorrido na Rua des Noyers são reais? Quanto à possibilidade de eles terem ocorrido, não temos dúvida.

– Sim, esses fatos são reais, mas a imaginação dos homens os exagerou, seja por medo, seja por ironia. Mas, repito, são reais. Essas manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte um pouco à custa dos moradores do lugar.

2. Existe na casa alguma pessoa que seja a causa dessas manifestações?

– Essas manifestações são quase sempre provocadas pela presença de alguém que mora no local onde elas acontecem. Nesse caso, o Espírito perturbador não gosta do morador da casa e procura lhe fazer maldades para ver se ele se muda.

3. Entre os moradores da casa, existe alguém que seja a causa desses fenômenos, por efeito de uma influência mediúnica espontânea e involuntária?

– Sim, isso é necessário, caso contrário, as manifestações não podem ocorrer. Um Espírito habita um lugar de sua predileção; conserva-se inativo enquanto ali não aparece uma pessoa que possa lhe ser útil. Quando essa pessoa aparece, ele se diverte o quanto pode.

4. É indispensável a presença dessa pessoa no próprio local das manifestações?

– Esse é o caso mais comum, e é o que ocorre no caso em questão. Foi por isso que eu disse que sem a presença dessa pessoa as manifestações não podem ocorrer. Mas não quis generalizar. Existem casos em que a presença no local não é necessária.

5. Os Espíritos que se manifestam arremessando objetos são de uma ordem inferior. Podemos afirmar que a pessoa que lhes serve de auxiliar tem alguma afinidade com seres dessa natureza?

– Não necessariamente, porque essa aptidão provém de uma disposição física do seu organismo. Entretanto, quase sempre indica uma tendência material que seria melhor não possuir, pois quanto mais elevada moralmente é a pessoa, mais ela atrai para si os bons Espíritos, que necessariamente afastam os maus.

6. De onde vêm os objetos que o Espírito arremessa?

– Na maioria das vezes, esses objetos são apanhados no próprio lugar do fenômeno ou na vizinhança. Uma força que sai do Espírito os arremessa no espaço e eles caem no lugar que o Espírito deseja.

7. Uma vez que as manifestações espontâneas são permitidas e até mesmo provocadas com a finalidade de convencer os homens, parece-nos que, se alguns incrédulos fossem o seu alvo, eles seriam forçados a se render à evidência. Algumas vezes eles se queixam de não haverem tido a oportunidade de testemunhar fatos indiscutíveis. Não depende dos Espíritos dar-lhes uma prova evidente?

– Os ateus e os materialistas não testemunham a todo instante os efeitos do poder de Deus e do pensamento? Porém, isso não os impede de negar a existência de Deus e a existência da alma. Os milagres de Jesus converteram todos os seus contemporâneos? Os fariseus, que lhe diziam: “Mestre, faz com que nós possamos ver algum prodígio”, não se parecem com os que hoje pedem aos Espíritos para que eles realizem algumas manifestações?

Se eles não se convertem com as maravilhas da Criação, não vão se converter também pelo aparecimento de um Espírito, mesmo que do modo mais evidente, pois seu orgulho os transforma em cavalos indisciplinados, que não querem andar. Se os incrédulos procurarem ver as manifestações de boa-fé, oportunidades não lhes faltarão. É por isso que Deus não julga conveniente fazer por eles mais do que faz por aqueles que procuram se instruir com

sinceridade. Deus apenas recompensa aos homens de boa vontade.

A incredulidade de alguns não impede que a vontade de Deus se realize, assim como não está impedindo a expansão da Doutrina. Os seguidores do Espiritismo não devem se inquietar com a oposição que lhe fazem. Essa oposição é, para a Doutrina, o que a sombra é para a pintura de uma tela, apenas lhe aumenta o realce.

Que mérito teriam os incrédulos se fossem convencidos pela força? Deus lhes deixa toda a responsabilidade por sua teimosia, e essa responsabilidade é mais terrível do que vocês imaginam. Bem-aventurados aqueles que acreditam sem ter visto, disse Jesus, porque esses não duvidam do poder de Deus.

8. Seria útil evocar o Espírito que causou essas perturbações na Rua des Noyers, para lhe pedirmos algumas explicações?

– Se quiser, pode evocá-lo, mas trata-se de um Espírito inferior, que apenas dará respostas insignificantes.

95. Diálogo com o Espírito perturbador da Rua des Noyers

1. Evocação.

– Por que me chamou? Por acaso quer receber algumas pedradas? Seria um salve-se quem puder, apesar do seu ar de valentia.

2. Ainda que você atirasse pedras aqui, isso não nos amedrontaria. Se puder, pode nos atirar algumas.

– Aqui talvez eu não possa; você tem um guardião que lhe protege.

3. Havia alguém que lhe auxiliava nas malvadezas que você cometia contra os moradores da casa, na Rua des Noyers?

– Certamente! Encontrei um bom instrumento e nenhum Espírito instruído, sábio ou virtuoso para me impedir. Sou alegre e, às vezes, gosto de me divertir.

4. Quem foi a pessoa que lhe serviu de instrumento?

– Uma criada.

5. Ela lhe auxiliava sem saber?

– Oh, sim! Pobre moça! Era a mais assustada.

6. Você agia com algum propósito hostil?

– Não. Eu não agia com nenhum propósito hostil. Mas os homens, que se apoderaram de tudo, vão usar o fato em seu favor.

7. O que você quer dizer com isso? Não lhe compreendemos.

– Eu procurava apenas me divertir. Mas, se o Senhor estudar o caso, terá um fato a mais para provar que nós existimos.

8. Você disse que não tinha nenhum objetivo hostil e, no entanto, quebrou todas as vidraças do apartamento, causando um prejuízo real.

– Isso é um detalhe.

9. Onde você foi buscar os objetos que arremessava?

– Eram objetos comuns, eu os pegava no pátio e nos jardins vizinhos.

10. Você os encontrou todos, ou teve que fabricar alguns? (Ver o Capítulo 8, “Laboratório do mundo invisível”.)

– Eu não criei nada, nada compus.

11. Se você não os tivesse encontrado, poderia fabricá-los?

– Teria sido mais difícil. Mas, em último caso, a gente mistura os materiais e faz qualquer coisa.

12. Você pode nos contar como fazia para atirar os objetos?

– Ah! Isto é mais difícil de explicar. Fui auxiliado pela natureza elétrica daquela moça, que se juntou à minha, que é menos material. Assim, nós pudemos transportar vários objetos.

13. Penso que gostaria de nos dar algumas informações a seu respeito. Faz muito tempo que você desencarnou?

– Sim, faz muito tempo; mais de cinquenta anos.

14. O que você fazia quando era vivo?

– Fazia pouca coisa de bom. Eu catava bugigangas neste bairro e às vezes me diziam tolices, só porque eu gostava muito do licor vermelho do bom velho Noé. Por isso eu queria colocar todos dali para fora.

15. Foi você mesmo, de boa vontade, quem respondeu às nossas perguntas?

– Eu tenho um instrutor.

16. Quem é o instrutor?

– O seu bom rei Luís.

Comentário de Kardec: Esta última pergunta foi motivada pela natureza de certas respostas, que parecem estar além da capacidade do Espírito, tanto pelo conteúdo das ideias quanto pela forma da linguagem utilizada. Não há nada de estranho no fato de ele ter sido ajudado por um Espírito mais esclarecido, que aproveitou a ocasião para nos instruir.

Isso é um fato muito comum; entretanto, uma particularidade notável nesse caso é que a influência do outro Espírito se refletiu até na caligrafia. Nas respostas em que o Espírito mais esclarecido interveio, a caligrafia é mais regular e mais corrente; a do Espírito trapeiro é angulosa, grosseira, irregular, muitas vezes pouco legível, revelando um caráter muito diferente.

17. O que você faz agora? Pensa no futuro?

– Não me preocupo com o futuro e ando por aí sem destino. Pensam tão pouco em mim na Terra, que ninguém reza por mim. Como ninguém me ajuda, eu também não trabalho.

Comentário de Kardec: Veremos, mais adiante, como se pode contribuir para o progresso e o alívio dos Espíritos inferiores, através da prece e dos conselhos.

18. Como você se chamava quando era vivo?

– Jeannet.

19. Muito bem, Jeannet! Vamos rezar por você. A nossa evocação lhe trouxe prazer ou lhe contrariou?

– Senti prazer porque vocês são gente boa, são alegres, embora um pouco

austeros. Pouco importa: você me escutou, estou contente.

FENÔMENO DE TRANSPORTE

96. O fenômeno de transporte apenas difere daqueles que tratamos antes, pela intenção bondosa do Espírito que o produz, pela natureza dos objetos, quase sempre graciosos, e pela maneira carinhosa e muitas vezes delicada com que são trazidos.

O fenômeno consiste no transporte espontâneo de objetos inexistentes no local onde estão os observadores. Quase sempre são flores, algumas vezes frutos, doces, joias etc.

97. Esse fenômeno é um dos que mais se prestam à imitação, e é por isso que precisamos estar prevenidos contra a trapaça. Sabemos até onde pode ir a arte do ilusionismo em se tratando de experiências desse tipo. Mesmo sem estar diante de um profissional do ramo, poderemos ser facilmente enganados por uma manobra hábil e interesseira.

A melhor de todas as garantias está no caráter, na honestidade notória, no absoluto desinteresse das pessoas que obtêm tais efeitos. Em segundo lugar, vem o exame atento de todas as circunstâncias nas quais os fatos se produzem. Por fim, no conhecimento esclarecido do Espiritismo, único meio que possuímos para descobrir se existe alguma coisa de suspeito.

98. A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral foi resumida, de maneira notável, na seguinte dissertação feita por um Espírito cujas comunicações trazem a marca incontestável da profundidade e da lógica com que ele analisa as questões.

O nome desse Espírito é “Erasto”, discípulo de São Paulo, e é o Espírito

protetor do médium que lhe serve de intérprete. Muitas outras comunicações desse Espírito aparecerão no curso desta obra.

Para a obtenção dos fenômenos de transporte, é indispensável a presença de médiuns a que chamarei de “sensitivos”, ou seja, médiuns dotados do mais alto grau das faculdades mediúnicas de “expansão” e de “penetrabilidade”. O sistema nervoso desses médiuns, facilmente excitável, por meio de certas vibrações, projeta ao seu redor uma enorme quantidade de “fluido animalizado” (ectoplasma) que lhes é próprio.

As pessoas impressionáveis, aquelas cujos nervos vibram diante da menor emoção, da mais leve sensação, as que se deixam sensibilizar pela influência moral ou física, interna ou externa, são as mais aptas a se tornarem excelentes médiuns de efeitos físicos, de tangibilidade e de transporte. O sistema nervoso dessas pessoas as capacita para a produção desses diversos fenômenos, em função de elas serem quase que inteiramente desprovidas do “envoltório refratário” que isola o sistema nervoso na maioria dos encarnados.

Assim, com uma pessoa dessa natureza, e cujas demais faculdades não sejam contrárias à mediunidade, facilmente se obtêm os fenômenos de tangibilidade, as pancadas nas paredes e nos móveis, os movimentos inteligentes e até a suspensão no espaço da matéria inerte mais pesada. Esses resultados são obtidos com mais facilidade se, em vez de um só médium, tivermos vários outros, igualmente bem-dotados.

Existe uma distância muito grande entre a obtenção dos outros fenômenos e a obtenção do fenômeno de transporte. No caso do transporte, o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, pois ele pode utilizar “apenas um médium”, ou seja, é impossível a participação simultânea de vários médiuns na produção do fenômeno de transporte.

Acontece mesmo o contrário, ou seja, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito que vai operar o transporte pode entrar radicalmente a sua ação. Além desses motivos, que, como se vê, são importantes, acrescenta-

se ainda o fato de que os transportes requerem maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que somente podem ser obtidos com médiuns muito bem-dotados, ou seja, com aqueles cujo aparelho **eletromediúnico** ofereça as melhores condições.

Em geral, os fenômenos de transporte são e continuarão sendo extremamente raros. Não preciso demonstrar por que eles são e serão sempre menos frequentes do que os demais fenômenos de tangibilidade. Vocês mesmos podem deduzir, com base no que eu afirmo. Aliás, esses fenômenos são de tal natureza complexos que nem todos os médiuns são capazes de produzi-los, e nem todos os Espíritos estão aptos a realizá-los.

É necessário que entre o Espírito e o médium exista uma certa afinidade, uma certa semelhança, capaz de permitir que a parte expansiva do **fluido perispíritico** do encarnado se misture, se una, se combine com o fluido do Espírito que deseja fazer o transporte.

A fusão do fluido animalizado do médium com o fluido do Espírito deve ser de tal ordem que a força resultante seja uma só, do mesmo modo que a corrente elétrica, ao agir sobre o eletrodo, produz um só foco, uma só claridade.

Você pode me perguntar: por que é necessária essa união, essa fusão? Ela é necessária porque a produção do fenômeno de transporte requer que as propriedades essenciais do Espírito agente sejam aumentadas com algumas das propriedades do médium. Isso porque o *fluido vital*, indispensável para a produção de todos os fenômenos mediúnicos, é atributo exclusivo do encarnado e, por consequência, o Espírito operador fica obrigado a se impregnar desse *fluido vital*.

Só assim o Espírito pode, por meio de algumas propriedades do meio ambiente, que ainda são desconhecidas para os homens, isolar, tornar invisíveis e movimentar alguns objetos materiais e mesmo os encarnados.

Não me é permitido, por enquanto, revelar essas Leis particulares que regem os gases e os fluidos que cercam os homens. Mas, antes que alguns anos

passem, antes que uma existência humana seja concluída, a explicação dessas Leis e desses fenômenos será revelada e você verá surgir e se desenvolver uma nova variedade de médiuns, que cairão num estado **cataléptico** especial ao serem mediunizados.

Vejam de quantas dificuldades a produção do fenômeno dos transportes está cercada; por isso, eles são muito raros de serem obtidos, em razão de os Espíritos se prestarem muito pouco a produzi-los, uma vez que esses fenômenos requerem, da parte deles, a execução de um trabalho quase-material, que lhes causa aborrecimento e fadiga. Por outro lado, e isto é muito frequente, as condições em que o médium se encontra opõe aos Espíritos uma barreira intransponível, apesar da energia e da vontade que eles tenham em produzir o fenômeno.

Assim, as manifestações de tangibilidade, como as pancadas, a suspensão e o movimento de objetos, são fenômenos simples, que se realizam mediante a concentração e a dilatação de certos fluidos, e que podem ser provocados e obtidos pela vontade e pelo trabalho dos médiuns que são aptos para isso, quando auxiliados por Espíritos amigos e benevolentes.

Já os fenômenos de transporte são complexos, de natureza múltipla e exigem circunstâncias especiais. Além disso, só podem ser realizados por um único Espírito e por um único médium. Necessitam, além dos recursos para a produção da tangibilidade, de uma combinação muito especial para isolar e tornar invisíveis os objetos que serão transportados.

Que todos os espíritas possam compreender bem as minhas explicações e entender perfeitamente o que seja essa concentração de fluidos especiais, para locomover e tocar a matéria inerte. Os fatos mediúnicos, além de possuírem uma grande relação com os fenômenos da eletricidade e do magnetismo, ainda constituem a sua confirmação e o seu desenvolvimento.

Quanto aos incrédulos e aos sábios, que são piores do que os incrédulos, não me cabe convencê-los e não me ocupo com eles. Um dia serão convencidos pela evidência dos fatos e precisarão se curvar diante do testemunho unânime

dos fenômenos espíritas, como foram forçados a fazê-lo diante de tantos outros fatos que de início rejeitaram.

Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são frequentes, mas os fenômenos de transporte são raríssimos, porque as condições para que eles se realizem são muito difíceis de serem obtidas. Assim, nenhum médium pode dizer que em tal hora ou em tal momento obterá um fenômeno de transporte, porque muitas vezes o próprio Espírito se encontra impedido de realizá-lo.

Devo acrescentar, ainda, que esses fenômenos de transporte são duplamente difíceis de serem obtidos em público, onde quase sempre se encontram elementos energeticamente refratários, que anulam os esforços do Espírito e, principalmente, a ação do médium. Esses fenômenos se produzem quase sempre em particular, de modo espontâneo, na maioria das vezes sem que os médiuns saibam, e sem planejamento prévio, sendo muito mais raros de acontecer quando os médiuns estão prevenidos.

Por tudo isso, pode-se concluir que existe um motivo legítimo para se suspeitar quando um médium se gaba de obter os fenômenos de transporte à vontade, ou de dar ordens aos Espíritos, como se fossem seus empregados, o que simplesmente é um absurdo. Os fenômenos espíritas não são produzidos para servir de espetáculo, nem para divertir curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a produzi-los para essa finalidade, só podem ser fenômenos simples, porque os de transporte e outros semelhantes exigem condições excepcionais.

Lembrem-se, espíritas, que se é absurdo rejeitar sistematicamente todos os fenômenos produzidos pelos Espíritos, também não é prudente aceitá-los todos, cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade ou de transporte se manifesta espontaneamente e de improviso, aceitem-no.

Porém, nunca é demais repetir para que não aceitem nada cegamente, submetam cada fato a um exame minucioso, aprofundado e severo. O Espiritismo, tão rico em fenômenos sublimes e grandiosos, nada tem a ganhar com essas pequenas manifestações, que hábeis mágicos podem imitar.

Certamente, vão me dizer que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos. Mas, se não tivesse havido outros meios de convicção, o Espiritismo não contaria hoje com a centésima parte dos seguidores que possui. Falando ao coração é que se conseguirá o maior número de conversões sérias.

Se, para algumas pessoas, os fatos materiais são úteis, esses fatos devem ser apresentados de tal maneira que não possam dar motivo a nenhuma falsa interpretação. Também devem ser apresentados sob condições normais; porque, se forem apresentados em condições que possam gerar dúvidas, eles fornecem argumentos aos incrédulos, ao invés de convencê-los.

Erasto

***Comentário de Kardec:** Como se vê, quando se trata de exprimir uma ideia nova, para a qual a língua não dispõe de palavras, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos, ou melhor, palavras novas. As palavras **eletromediúnico** e **fluido perispírico** não foram criadas por nós. Aqueles que nos criticam por havermos criado os termos **espírita**, **espiritismo** e **perispírito**, que não possuíam vocábulos semelhantes, poderão agora fazer a mesma crítica aos Espíritos.*

Observação

Catalepsia – Doença nervosa caracterizada pela suspensão total ou parcial da sensibilidade e dos movimentos voluntários (imobilidade). Caracteriza-se também pela extrema rigidez dos músculos. Pode ser provocada por doenças nervosas ou até mesmo ser induzida pela hipnose, por exemplo.

99. O fenômeno de transporte apresenta uma particularidade bem característica: alguns médiuns só conseguem produzi-lo no estado-sonambúlico, o que facilmente se explica. O sonâmbulo apresenta um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e do seu perispírito em relação ao corpo físico, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. É o caso dos fenômenos de transporte que temos

presenciado.

As perguntas seguintes foram feitas ao Espírito que produzia o fenômeno, mas as suas respostas, às vezes, denotam falta de conhecimento. Pedimos ajuda ao Espírito *Erasto*, muito mais esclarecido do ponto de vista teórico, que as completou com observações bastante pertinentes. Um é o artista, o outro é o sábio. A comparação dessas duas inteligências constitui um estudo instrutivo, pois demonstra que não basta ser Espírito para tudo compreender.

1. Por que os transportes que você acabou de executar só se produzem quando o médium entra em estado sonambúlico?

– Isto depende da natureza do médium. Os fatos que produzo, quando o médium está dormindo, poderiam ser produzidos por outro médium acordado.

2. Por que você demora tanto para trazer os objetos, e por que você desperta a cobiça do médium, excitando-lhe o desejo de conseguir o objeto prometido?

– Demoro porque necessito de tempo para preparar os fluidos que utilizo no transporte. Quanto à excitação, é apenas para divertir os presentes e o próprio sonâmbulo.

Nota de Erasto: O Espírito que respondeu não sabe muito. Não tem consciência do motivo dessa “cobiça” que ele instintivamente estimula, sem compreender o seu efeito. Julga divertir as pessoas, quando na verdade provoca, sem perceber, uma maior emissão de fluido animalizado. É uma consequência da dificuldade que o fenômeno apresenta; e essa dificuldade é sempre maior em alguns médiuns, quando o fenômeno não é espontâneo.

3. A produção do fenômeno depende da natureza especial do médium? O fenômeno poderia ser produzido com maior facilidade e rapidez por outros médiuns?

– A produção do fenômeno depende da natureza do médium e ele só

pode ser produzido por médiuns dessa natureza, ou seja, que disponibilizem fluido animalizado em abundância. Quanto à rapidez, o hábito de trabalhar sempre com o mesmo médium nos é de grande valia.

4. A influência das pessoas pode atrapalhar na produção do fenômeno?

– Quando elas não acreditam e fazem oposição ao fenômeno, isso pode nos atrapalhar bastante. Preferimos realizar nossas experiências com as pessoas que acreditam e conhecem o Espiritismo. Mas não quero dizer com isso que a má vontade nos paralisa completamente.

5. Onde você conseguiu as flores e as balas que trouxe?

– As flores eu pego nos jardins que me agradam.

6. E as balas? O dono da confeitaria não deu falta delas?

– As balas eu pego onde quero; o confeitoiro não deu falta de nada porque coloquei outras no lugar.

7. Mas os anéis têm valor, onde você os buscou? Será que não causou um prejuízo para o seu dono?

– Tirei-os de lugares que ninguém conhece, e de maneira a não causar prejuízo a ninguém.

Nota de Erasto: Creio que o fato foi explicado de modo incompleto, em virtude da falta de conhecimento do Espírito que respondeu. Certamente, pode ter havido um prejuízo real, mas o Espírito não quis assumir que havia desviado alguma coisa. Um objeto só pode ser substituído por outro que lhe é idêntico, tanto na forma quanto no valor.

Assim, se um Espírito tivesse a possibilidade de substituir um objeto por outro igual, já não teria razão para se apossar dele, uma vez que poderia utilizar o próprio objeto que usaria para substituir o original.

8. É possível transportar flores de outro planeta?

– Não; para mim isso não é possível.

Pergunta a Erasto: Outros Espíritos teriam essa capacidade?

– Não, isso é impossível, em razão da diferença dos meios ambientes.

9. Você poderia trazer flores de outro hemisfério, dos trópicos, por exemplo?

– Desde que as flores estejam na Terra, eu posso.

10. Poderia fazer com que os objetos trazidos desaparecessem na nossa frente? Poderia devolvê-los novamente?

– Certamente; assim como eu os trouxe, posso devolvê-los quando quiser.

11. A produção do fenômeno de transporte não lhe exige algum esforço, algum sacrifício, não lhe causa alguma dificuldade?

– Não nos causa nenhuma dificuldade, quando temos permissão para operá-los. Poderíamos ter muitos problemas se quiséssemos produzi-los sem autorização.

Nota de Erasto: Mesmo que a dificuldade e o esforço para realizar o transporte sejam reais, ainda assim o Espírito não quer admitir. Essa dificuldade existe porque ele é forçado a realizar uma operação, por assim dizer, material.

12. Quais são as dificuldades que você encontra para realizar o transporte?

– Nenhuma, além das más disposições fluídicas que podem nos ser contrárias.

13. Como você traz o objeto? Segura-o com a mão?

– Não; eu envolvo o objeto em mim mesmo.

Nota de Erasto: O Espírito não explica de modo claro a sua operação. Ele não envolve o objeto na sua própria pessoa. Como o seu fluido pessoal é dilatável, penetrável e expansível, ele combina uma parte desse fluido com uma parte do fluido animalizado (ectoplasma) do médium, e é através dessa combinação que ele consegue ocultar e transportar o objeto escolhido. Assim, ao dizer que envolve em si

mesmo o objeto, ele não explica o fato com exatidão.

Observação

Podemos entender a afirmação de Erasto da seguinte maneira: quanto mais pesado for o objeto a ser transportado, maior deve ser a quantidade de fluido disponibilizado pelo médium e pelo Espírito para que a combinação dos dois fluidos possa realizar o transporte. Como isso é muito difícil, a maioria dos objetos transportados são de pequeno porte (flores, joias, doces etc.).

14. Seria possível transportar com a mesma facilidade um objeto pesado, de cinquenta quilos, por exemplo?

– O peso nada representa para nós. Trazemos flores por serem estas mais agradáveis que um volume pesado.

Nota de Erasto: O Espírito está correto. Ele pode transportar cem ou duzentos quilos, pois a gravidade que existe para os homens não existe para os Espíritos. Mas, ainda aqui, ele não percebe bem o que acontece. A massa dos fluidos combinados é proporcional à massa dos objetos que ele transporta, ou seja, a força deve ser proporcional à resistência.

Assim, quando um Espírito traz uma flor ou um objeto leve, é porque ele não encontra, em si mesmo ou no médium, a quantidade de fluido necessário para realizar um esforço mais considerável.

15. Poderíamos responsabilizar os Espíritos por alguns objetos que desaparecem e cuja causa permanece ignorada?

– Isso acontece com muita frequência, mais do que você pode imaginar. Mas a ação do Espírito pode ser remediada, pedindo que ele traga de volta o objeto desaparecido.

***Nota de Erasto:** É verdade, mas às vezes o que é retirado da casa não volta mais, porque os objetos são levados para muito longe. Entretanto, como fazer objetos desaparecer exige praticamente as mesmas condições fluidicas requeridas pelos transportes, isso só pode acontecer com a ajuda de médiuns dotados de faculdades especiais. É por isso que, quando alguma coisa desaparece, é mais provável que o fato se deva ao descuido do seu dono do que a uma possível ação dos Espíritos.*

16. Existem fenômenos que passam por fenômenos naturais e que são devidos à ação de alguns Espíritos?

– Fatos dessa ordem acontecem a toda hora, mas você não percebe nem compreende, porque não pensa neles. Com um pouco de reflexão, esses fatos seriam vistos e percebidos com muita clareza.

***Nota de Erasto:** Não se deve atribuir aos Espíritos o que é obra do homem. Entretanto, estejam certos de que a influência oculta que eles exercem é constante e produz, ao redor dos encarnados, mil circunstâncias, milhares de incidentes necessários ao cumprimento das tarefas que esses encarnados têm que realizar em suas existências terrenas.*

17. Entre os objetos transportados, não existem aqueles que podem ser fabricados pelos Espíritos? Não existem aqueles que são produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos podem operar no fluido cósmico universal?

– Não por mim, porque não tenho permissão para isso. Apenas um Espírito elevado é capaz de fazê-lo.

18. Como você conseguiu introduzir os objetos na sala que estava fechada?

– Eles entraram comigo, envoltos na minha substância. Nada mais posso dizer, porque não tenho explicação para o fato.

19. Como você fez para tornar os objetos visíveis, se eles eram

invisíveis?

– Eu retirei a matéria que os envolvia.

***Nota de Erasto:** Não é a matéria propriamente dita que os envolve, mas um fluido tirado, metade do perispírito do médium e metade do Espírito que opera o transporte.*

20. Pergunta a Erasto: Um objeto pode ser transportado para um lugar completamente fechado? O Espírito pode “espiritualizar” um objeto material, de tal maneira que esse objeto possa penetrar a matéria?

– Esta questão é **complexa**. O Espírito pode tornar invisíveis os objetos que transporta, mas não pode torná-los penetráveis; ele não pode desfazer a agregação da matéria, porque isso seria a destruição do objeto. Tornando o objeto invisível, o Espírito pode transportá-lo quando quiser e somente liberá-lo no momento oportuno, para fazê-lo aparecer.

Entretanto, as coisas se passam de modo diferente com relação aos objetos que compomos. Nesses objetos, introduzimos “somente os elementos da matéria que são essencialmente penetráveis”, assim como nós mesmos, os Espíritos, que conseguimos penetrar e atravessar os corpos mais condensados, com a mesma facilidade com que os raios de sol atravessam as vidraças. Desse modo, podemos dizer que introduzimos o objeto num lugar, por mais fechado que ele esteja. Mas isso acontece apenas nos casos em que os objetos são compostos por nós. (Ver adiante, sobre a teoria da formação espontânea dos objetos, o Capítulo 8, “Laboratório do mundo invisível”.)

Observação

Notem que o Espírito Erasto inicia sua resposta dizendo que a questão é **complexa**; provavelmente por não encontrar, na linguagem terrena, termos que lhe permitam uma explicação mais detalhada. Quando se refere aos objetos que eles (os Espíritos) compõem, não especifica qual o tipo de composição.

Quando diz que utiliza, para compor os objetos, somente os elementos da matéria que são essencialmente penetráveis, também não especifica que elementos materiais são esses.

Depois, compara o objeto que foi composto com matéria essencialmente penetrável, com o perispírito dos Espíritos, que podem penetrar qualquer recinto fechado, mas não explica que existem Espíritos que não conseguem ultrapassar a matéria densa, uma porta fechada, por exemplo, em função de possuírem um perispírito pouco eterizado. Realmente, trata-se de uma questão complexa!

CAPÍTULO 6

MANIFESTAÇÕES VISUAIS

- PERGUNTAS SOBRE AS APARIÇÕES DE ESPÍRITOS
- ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS APARIÇÕES DE ESPÍRITOS
 - ESPÍRITOS GLÓBULOS
 - TEORIA DA ALUCINAÇÃO

PERGUNTAS SOBRE AS APARIÇÕES DE ESPÍRITOS

100. De todas as manifestações espíritas, sem dúvida alguma, as mais interessantes são aquelas por meio das quais os Espíritos podem se tornar visíveis. Pela explicação desse fenômeno, veremos que ele não é mais sobrenatural do que os outros. Primeiramente, vamos apresentar as respostas que os Espíritos nos deram sobre esse assunto.

1. Os Espíritos podem se tornar visíveis?

– Sim, principalmente durante o sono. Entretanto, algumas pessoas os enxergam também quando estão acordadas; porém, isso é mais raro.

***Comentário de Kardec:** Enquanto o corpo repousa, o Espírito se desprende dos vínculos materiais que o prendem ao corpo físico. Por estar mais livre, pode ver mais facilmente os outros Espíritos, com os quais entra em comunicação. O sonho é apenas a lembrança que o Espírito guarda desse estado de maior liberdade. Quando não nos lembramos de nada, costuma-se dizer que não sonhamos, mas nem por isso a alma deixou de ver e de usufruir da sua liberdade. Trataremos aqui, mais especialmente, das aparições de Espíritos quando estamos acordados. (Ver maiores detalhes sobre o estado do Espírito durante o sono, em O Livro dos Espíritos, perguntas nº 409 e seguintes.)*

2. Os Espíritos que se manifestam, fazendo-se visíveis a nós, pertencem a uma classe especial?

– Não; podem pertencer a todas as classes, desde as mais elevadas até as mais inferiores.

3. Todos os Espíritos podem se tornar visíveis?

– Todos podem, mas nem todos têm permissão ou vontade de fazê-lo.

4. Com que objetivo os Espíritos tornam-se visíveis?

– Isso varia de acordo com a natureza do Espírito, e o objetivo pode ser bom ou mau.

5. Como essa permissão pode ser dada quando o objetivo é mau?

– A permissão é dada para pôr à prova aqueles a quem o Espírito aparece. A intenção do Espírito pode ser má, mas o resultado pode ser bom.

6. Qual pode ser o objetivo dos Espíritos que se fazem visíveis com má intenção?

– Assustar e, muitas vezes, exercer uma vingança.

6a. Qual pode ser o objetivo dos Espíritos que se fazem visíveis com boa intenção?

– Consolar as pessoas que lamentam a sua partida; provar que continuam a existir e que estão por perto; dar conselhos e, algumas vezes, pedir ajuda para si mesmos.

7. Haveria algum inconveniente para os homens, se a possibilidade de enxergar os Espíritos fosse uma coisa comum e permanente? Isso também não seria um meio de convencimento para aqueles que são incrédulos?

– O homem está constantemente em contato com os Espíritos, e a visão incessante deles o perturbaria em suas atividades e lhe tiraria a iniciativa na maioria dos casos, enquanto que, julgando-se sozinho, ele age mais livremente.

Quanto aos incrédulos, eles possuem inúmeros meios de se convencerem, se quiserem aproveitá-los e se não estiverem cegos pelo orgulho. Existem pessoas que já viram Espíritos e que nem por isso passaram a acreditar, pois dizem que eles são ilusões. Não há necessidade de se preocupar com elas; Deus

se encarregará de todas.

Comentário de Kardec: Ver os Espíritos constantemente seria tão inconveniente para nós quanto ver o ar que nos rodeia, com seus milhares de animais microscópicos que fervilham à nossa volta e também em nós mesmos. Assim, é preciso concluir que tudo o que Deus faz é bem feito, e Ele sabe melhor do que nós o que nos convém.

8. Se a visão dos Espíritos traz inconvenientes, por que ela é permitida em alguns casos?

– Para dar ao homem a certeza de que nem tudo morre com o corpo físico, e de que a alma conserva a sua individualidade após a morte. A visão passageira é suficiente para fornecer essa prova e para atestar a presença de seus amigos junto a vocês. Entretanto, a visão passageira não tem os inconvenientes da visão permanente.

9. Nos mundos mais adiantados do que o nosso, a visão dos Espíritos é mais frequente?

– Quanto mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente ele estabelece comunicação com os Espíritos. A grosseria do corpo físico dos homens é que dificulta e torna mais rara a percepção dos seres etéreos.

10. Faz sentido alguém se assustar com a aparição de um Espírito?

– Aquele que refletir a respeito compreenderá que um Espírito, seja ele qual for, é menos perigoso do que uma pessoa viva. Aliás, os Espíritos estão por toda parte e não há necessidade de vê-los para saber que eles estão ao nosso lado.

O Espírito que quiser prejudicar uma pessoa pode fazê-lo com muita segurança, pois, para isso, não precisa se tornar visível. Ele não é perigoso pelo fato de ser Espírito e, sim, pela influência que pode exercer sobre o pensamento da pessoa a quem ele quer prejudicar, desviando-a do bem e induzindo-a ao

mal, por exemplo.

Comentário de Kardec: *As pessoas que têm medo quando estão sozinhas, ou em lugares escuros, raramente compreendem a causa do seu pavor. Elas não sabem dizer do que têm medo. Certamente, deveriam ter mais medo de encontrar pessoas do que Espíritos, pois um malfeitor é muito mais perigoso quando vivo, do que depois de morto.*

Uma senhora que conhecemos teve, certa noite, em seu quarto, uma aparição tão bem definida que acreditou estar na presença de alguém. Sua primeira reação foi de pavor. Porém, certificando-se de que ali não havia ninguém, disse: parece que é apenas um Espírito, posso dormir tranquila.

11. A pessoa que vê um Espírito pode conversar com ele?

– Certamente, e é justamente o que ela deve fazer nesse caso, ou seja, perguntar ao Espírito quem ele é, o que deseja e o que ela pode fazer por ele. Se for um Espírito infeliz e sofredor, nossa compaixão o aliviará. Se for um Espírito do bem, é possível que venha com a intenção de nos dar bons conselhos.

11a. Nesse caso, como o Espírito pode responder?

– Algumas vezes, ele responde por meio de sons articulados, como se fosse uma pessoa viva. Mas, na maioria das vezes, ele responde utilizando a técnica da transmissão do pensamento.

12. Os Espíritos que aparecem com asas realmente as possuem, ou essas asas são apenas uma aparência simbólica?

– Os Espíritos não têm asas e não precisam delas; como Espíritos, eles podem se transportar para todos os lugares. Eles aparecem desta ou daquela forma, para impressionar a pessoa a quem se mostram. Uns aparecem com seus trajes habituais, outros aparecem envoltos em panos, alguns com asas, para indicar a categoria espiritual a qual pertencem.

13. As pessoas que vemos em sonho são sempre aquelas que

aparentam ser?

– Quase sempre são as mesmas pessoas com as quais o seu Espírito vai se encontrar ou que vêm ao seu encontro, durante o sonho.

14. Com a finalidade de nos induzir ao erro, os Espíritos zombeteiros não podem assumir a aparência das pessoas pelas quais temos afeição?

– Eles apenas assumem aparências fantasiosas para se divertirem à sua custa. Entretanto, existem coisas com as quais não lhes é permitido brincar.

15. O pensamento é uma espécie de evocação, por isso compreende-se que ele possa atrair o Espírito no qual estamos pensando. Entretanto, por que as pessoas em quem mais pensamos, e que desejamos ardentemente rever, não nos aparecem nos sonhos? Em contrapartida, vemos pessoas que nos são indiferentes e nas quais nunca pensamos.

– Nem sempre os Espíritos podem se manifestar visivelmente, mesmo em sonho e apesar do desejo que se tenha de vê-los. Vários motivos, que não dependem da vontade dos Espíritos, podem impedi-los de se apresentarem. Muitas vezes, é também uma prova, que nem o mais ardente desejo pode liberá-los para que possam se apresentar.

Quanto às pessoas que são indiferentes, embora você não pense nelas, é possível que elas pensem em você. Aliás, os homens não fazem a menor ideia das relações que existem no mundo dos Espíritos. Lá, eles irão reencontrar uma multidão de conhecidos íntimos, antigos ou novos, dos quais eles não têm a menor lembrança quando estão acordados.

Comentário de Kardec: Quando não dispomos de nenhum meio para controlar a realidade das visões ou das aparições, podemos, sem dúvida, considerá-las alucinações. Entretanto, quando elas são confirmadas pelos acontecimentos, ninguém tem o direito de atribuí-las à imaginação. Assim são, por exemplo, as aparições no momento da morte, em sonho ou quando estamos acordados, de pessoas em quem absolutamente não pensávamos e que vêm, por meio de diversos sinais, revelar as circunstâncias totalmente inesperadas do seu falecimento.

Têm-se visto cavalos empinarem e empacarem diante de aparições que assustam os seus condutores. Se a imaginação pode desempenhar algum papel entre os homens, certamente não pode fazer o mesmo entre os animais. Aliás, se as imagens que vemos em sonho fossem sempre o resultado das nossas preocupações de quando estamos acordados, nada explicaria o fato, tão frequente, de dificilmente sonharmos com as coisas em que mais pensamos.

16. Por que certas visões são mais frequentes quando estamos doentes?

– Elas também ocorrem quando desfrutamos de perfeita saúde. Porém, na doença, os vínculos que prendem o perispírito ao corpo físico se afrouxam e a fraqueza do corpo concede maior liberdade ao Espírito, permitindo que ele entre mais facilmente em comunicação com os outros Espíritos.

17. As aparições espontâneas parecem ser mais frequentes em certas regiões. Será que alguns povos são mais bem dotados do que outros para receberem esse tipo de manifestações?

– Existe um registro histórico de cada aparição? As aparições, os ruídos e as demais manifestações se produzem igualmente em todos os pontos da Terra, embora apresentem características distintas de acordo com os povos entre os quais elas se verificam.

Por exemplo, nos povos onde a escrita é pouco difundida, não existem “médiums escreventes”, enquanto que, nos povos onde ela é bastante difundida, esses médiums são abundantes. Em outros, ainda, ocorrem mais manifestações ruidosas e movimentos de objetos do que comunicações inteligentes, por serem estas menos apreciadas e procuradas.

18. Por que as aparições ocorrem mais durante a noite? Não seria o efeito do silêncio e da obscuridade sobre a imaginação?

– É pela mesma razão que você enxerga as estrelas durante a noite e não durante o dia. A claridade intensa pode ofuscar uma aparição ligeira. Mas é um erro acreditar que a noite exerça alguma influência sobre as aparições. Pergunte

aos que já tiveram a oportunidade de presenciá-las e você verá que a maior parte delas ocorreu durante o dia.

***Comentário de Kardec:** Os fenômenos de aparições são muito mais frequentes e gerais do que se pensa. Porém, muitas pessoas deixam de relatá-los pelo medo do ridículo, enquanto outras os atribuem à ilusão. Se as aparições parecem ser mais frequentes entre alguns povos, é porque estes povos conservam com mais cuidado as tradições, sejam elas verdadeiras ou falsas, quase sempre ampliadas pelo fascínio do maravilhoso, a que o aspecto de certas localidades se presta com maior ou menor intensidade.*

Assim, a credulidade faz com que esses povos vejam efeitos sobrenaturais nos fenômenos mais corriqueiros: o silêncio da solidão, os acidentes do terreno, o sussurrar da floresta, as rajadas da tempestade, o eco das montanhas, a forma fantástica das nuvens, as sombras, as miragens, tudo, enfim, se presta à ilusão das imaginações simples e ingênuas, que propagam de boa-fé aquilo que viram ou que acreditaram ter visto.

Mas, ao lado da ficção, também existe a realidade. O estudo sério do Espiritismo liberta o homem de todos os acessórios ridículos da superstição.

19. A visão dos Espíritos ocorre no estado normal ou somente quando o vidente está no estado de êxtase?

– Pode ocorrer com o vidente estando em condições perfeitamente normais. Entretanto, as pessoas que veem os Espíritos estão quase sempre num estado especial, muito próximo do êxtase, estado que lhes dá uma espécie de dupla vista. (Ver *O Livro dos Espíritos*, pergunta nº 447.)

20. É com os olhos que os videntes enxergam os Espíritos?

– Eles acreditam que sim, mas na realidade é a alma que vê. A prova disso é que os videntes podem enxergar os Espíritos mesmo estando com os olhos fechados.

21. Como o Espírito pode se tornar visível?

– O princípio é o mesmo de todas as manifestações e reside nas propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações de acordo com a vontade do Espírito.

22. O Espírito propriamente dito pode se tornar visível, ou isso só pode ocorrer com o auxílio do perispírito?

– No estado material em que o homem se encontra, o Espírito só pode se manifestar com o auxílio do seu envoltório semimaterial ou perispírito; este é o intermediário, por meio do qual os Espíritos atuam sobre os sentidos dos encarnados. Graças a esse envoltório é que os Espíritos aparecem, algumas vezes, com a forma humana ou com outra qualquer, seja nos sonhos, ou quando estão acordados, tanto na claridade quanto no escuro.

23. É pela condensação do fluido do seu perispírito que o Espírito se torna visível?

– Condensação não é bem o termo, trata-se apenas de uma comparação que pode ajudar na compreensão do fenômeno, porque, na realidade, não há condensação. O que ocorre é uma combinação (dos fluidos do Espírito com os fluidos do médium vidente) produzida no perispírito. Essa combinação faz com que o perispírito assuma uma disposição especial, que o torna visível. Porém, essa combinação não encontra na Terra nada de semelhante que possa ser usado como termo de comparação.

24. Os Espíritos que nos aparecem são sempre inacessíveis ao toque? Não podemos pegá-los?

– Em seu estado normal não é possível pegar os Espíritos, assim como não é possível pegar os sonhos. Entretanto, eles podem causar impressão ao tocar alguma coisa, assim como podem deixar sinais de sua presença. Em certos casos, até podem tornar-se momentaneamente tangíveis, ou seja, podem ser tocados; o que prova que entre eles e os vivos existe matéria.

25. Todas as pessoas têm condições de ver os Espíritos?

– Durante o sono, sim; quando estão acordadas, não. Durante o sono, a alma vê diretamente, sem intermediário. Quando o homem está acordado, a

alma sofre, em maior ou menor grau, a influência dos órgãos do corpo físico. Eis por que as condições de ver os Espíritos são diferentes quando o homem está dormindo e quando ele está acordado.

26. A faculdade de ver os Espíritos quando estamos acordados depende do quê?

– Depende do organismo físico e da maior ou menor facilidade que o fluido do médium vidente tem para se combinar com o fluido do Espírito. Assim, não basta que o Espírito queira se tornar visível; também é preciso que a pessoa a quem ele deseja se fazer visível tenha a aptidão necessária para vê-lo.

26a. A faculdade de ver os Espíritos pode ser desenvolvida pelo exercício?

– Pode, assim como todas as outras faculdades. Mas essa é uma daquelas faculdades que é melhor aguardar pelo seu desenvolvimento natural, do que provocá-lo; aquele que desenvolve a vidência corre o risco de superexcitar a imaginação. A visão permanente dos Espíritos é uma faculdade excepcional e não faz parte das condições normais do homem.

27. Pode-se provocar a aparição dos Espíritos?

– Algumas vezes, sim, mas muito raramente. A aparição é quase sempre espontânea. Para que alguém veja os Espíritos, precisa ser dotado de uma faculdade especial.

28. Os Espíritos podem se tornar visíveis sob outra aparência que não seja a forma humana?

– A forma humana é a forma normal. O Espírito pode variar a sua aparência, mas conserva sempre a forma humana.

28a. Os Espíritos podem se manifestar sob a forma de uma chama?

– Eles podem produzir chamas, clarões, e muitos outros efeitos, para mostrar que estão presentes. Mas isso são apenas efeitos, porque os próprios Espíritos não aparecem dessa forma. Muitas vezes, a chama não passa de uma miragem ou de uma emanção do perispírito. Assim, pode-se dizer que essa chama é apenas uma parcela do perispírito, que só se mostra por inteiro nas

visões.

29. O que pensar da crença que diz que os fogos-fátuos são almas ou Espíritos?

– Superstição produzida pela ignorância. A causa física dos **fogos-fátuos** é bem conhecida.

Observação

Fogo-fátuo – É uma luz azulada e brilhante que se desprende dos túmulos, dos pântanos e dos brejos. Quando um corpo orgânico entra em decomposição, ocorre a emissão de um gás chamado fosfina. O fogo-fátuo é o produto da combustão espontânea do gás fosfina, gerado pela decomposição dessas substâncias orgânicas.

29a. A chama azul que apareceu sobre a cabeça de Servius Tullius, na infância, foi uma fábula ou uma realidade?

– A chama era real e foi produzida por um Espírito familiar, que desejava dar um aviso à mãe do menino. A mãe, por ser uma médium vidente, percebeu a irradiação do Espírito protetor de seu filho. Os médiuns videntes não possuem todos o mesmo grau de vidência, assim como os médiuns escreventes não escrevem todos do mesmo jeito e com a mesma facilidade. Enquanto a mãe do menino viu apenas uma chama, outro médium poderia ter visto o próprio corpo do Espírito.

Observação

Servius Tullius – Foi o sexto rei de Roma (578-534 a.C.). Nasceu escravo, mas foi criado e educado por Tarquínio Prisco, um dos grandes reis da Roma antiga. Servius sucedeu a Tarquínio no trono, por decisão popular. Levantou as primeiras muralhas de Roma e proclamou as primeiras Leis Sociais, além de realizar grandes obras.

30. Os Espíritos podem se apresentar sob a forma de animais?

– Isso pode acontecer; entretanto, são sempre os Espíritos muito inferiores que tomam essas aparências. Em todos os casos em que isso ocorre, a forma animal não passa de uma aparência momentânea. Seria um absurdo acreditar que um animal, qualquer que seja, possa ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nada além disso.

Comentário de Kardec: Apenas a superstição pode levar as pessoas a acreditar que certos animais são animados por Espíritos. É preciso ter uma imaginação muito complacente, ou muito impressionada, para ver algo de sobrenatural nas atitudes estranhas que os animais algumas vezes apresentam. O “medo” faz com que muitas vezes se veja o que não existe, embora não seja ele a única fonte da ideia de que os Espíritos possam se apresentar como animais.

Conhecemos uma senhora, por sinal muito inteligente, que estimava demais um gato preto, porque acreditava que ele possuía uma natureza “superanimal”. Essa senhora nunca tinha ouvido falar do Espiritismo. Se ela o tivesse conhecido, compreenderia o ridículo da causa de sua predileção, pois a Doutrina lhe demonstraria a impossibilidade de semelhante transformação.

ENSAIO TEÓRICO SOBRE AS APARIÇÕES DE ESPÍRITOS

101. As manifestações mais comuns de aparições de Espíritos ocorrem durante o sono, por meio dos sonhos: são as visões. Não podemos examinar aqui todas as particularidades que os sonhos podem apresentar, por isso resumiremos dizendo que os sonhos podem ser:

- Uma visão atual das coisas presentes ou distantes;
- Uma visão retrospectiva do passado;
- Em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro;
- Outras vezes, são quadros simbólicos que os bons Espíritos nos

apresentam com a finalidade de nos dar avisos úteis e conselhos salutares;

– Se forem Espíritos imperfeitos, procurarão nos enganar, elogiando as nossas paixões para nos induzir ao erro.

A teoria a seguir aplica-se aos sonhos, assim como a todos os casos de aparições. (Ver *O Livro dos Espíritos*, perguntas nº 400 e seguintes.)

Acreditamos que seria uma ofensa ao bom senso de nossos leitores se perdêssemos tempo em demonstrar o que há de absurdo e ridículo naquilo que comumente se chama de interpretação dos sonhos.

102. As aparições propriamente ditas ocorrem quando o médium vidente está desperto e desfruta da plena e inteira liberdade das suas faculdades. Em geral, os Espíritos apresentam-se sob uma forma vaporosa e transparente, algumas vezes vaga e imprecisa. No princípio, parece uma claridade esbranquiçada, cujos contornos vão se delineando pouco a pouco.

Outras vezes, as formas são nítidas e podemos distinguir os menores traços da fisionomia, a ponto de poder descrevê-la com precisão. A aparência e o comportamento são semelhantes aos que o Espírito tinha quando estava encarnado.

O Espírito pode assumir todas as aparências; por isso ele se apresenta com aquela que melhor possa identificá-lo, se esse for o seu desejo. Desse modo, mesmo não tendo mais nenhuma deformidade no corpo, ele se mostra aleijado, manco, corcunda, ferido, com cicatrizes, se isso for necessário para confirmar a sua identidade.

Esopo, por exemplo, como Espírito não é disforme. Porém, se o evocarmos como Esopo, por mais existências que ele tenha tido depois daquela que usou esse nome, aparecerá feio e corcunda, com suas vestes tradicionais.

Uma particularidade notável nas aparições é que, tirando as circunstâncias especiais, as partes menos definidas são as pernas, enquanto a cabeça, o tronco, os braços e as mãos aparecem com muita nitidez. É por isso que os Espíritos quase nunca são vistos caminhando, mas sim deslizando como sombras.

Quanto às roupas, eles usam vários panos com longas pregas flutuantes. A aparência se completa com uma cabeleira ondulante e graciosa. Pelo menos, é assim que se apresentam os Espíritos que nada mais conservam das coisas terrenas. Entretanto, os Espíritos comuns, das pessoas que aqui conhecemos, aparecem com as roupas que usavam no último período de sua existência.

Frequentemente, os Espíritos se apresentam com os atributos característicos da elevação que já alcançaram. Os que são considerados anjos aparecem com auréola ou asas, enquanto outros trazem os sinais que lembram as suas ocupações terrenas. Assim, um guerreiro pode aparecer com a sua armadura, um sábio com os seus livros, um assassino com o seu punhal, e assim por diante.

Os Espíritos Superiores possuem um semblante belo, nobre e sereno. Os Espíritos inferiores têm algo de selvagem e brutal, e algumas vezes ainda trazem as marcas dos crimes que cometeram ou dos suplícios que suportaram. A questão da roupa e de todos os objetos acessórios com que os Espíritos aparecem é talvez a mais intrigante. Voltaremos a esse assunto em um capítulo especial, porque ele se liga a outros fatos muito importantes.

Observação

Esopo – Escritor da Grécia antiga a quem se atribui a paternidade da “fábula” como gênero literário. Suas fábulas eram conhecidas pelos ensinamentos morais que traziam. Esopo viveu como escravo e era muito feio, gago e corcunda.

103. Dissemos que as aparições têm algo de vaporoso. Em alguns casos, poderíamos compará-las à imagem refletida num espelho transparente e que, apesar da sua nitidez, permite que sejam vistos os objetos que estão por detrás dele. Geralmente, é assim que os médiuns videntes percebem os Espíritos. Eles os veem ir e vir, entrar em um aposento, sair dele e circular por entre a multidão dos vivos, com ares de quem participa de tudo o que os homens

fazem à sua volta, interessando-se por tudo e escutando o que eles dizem. Pelo menos, é assim que se comportam os Espíritos mais comuns.

Muitas vezes, são vistos se aproximando de uma pessoa para soprar ideias ou exercer uma influência qualquer, consolando-a, se são bons Espíritos; zombando dela, se são Espíritos maus, mostrando-se tristes ou alegres com os resultados obtidos. Podemos resumir dizendo que esses Espíritos são a cópia perfeita da sociedade do mundo material.

Esse é o mundo oculto que nos envolve, dentro do qual vivemos sem perceber, assim como vivemos no meio de milhares de seres do mundo microscópico, também sem perceber. O microscópio nos revelou o mundo dos seres infinitamente pequenos, de cuja existência não suspeitávamos. O Espiritismo, com o auxílio dos médiuns videntes, revelou-nos o mundo dos Espíritos, que, por sua vez, também é uma das forças ativas da Natureza.

Com a ajuda dos médiuns videntes, podemos estudar o mundo invisível e conhecer os seus hábitos, do mesmo modo que um grupo de cegos pode estudar o mundo visível, com a ajuda das pessoas que desfrutam da faculdade de ver. (Ver Capítulo 14, “Médiuns”; item nº 5, “Médiuns videntes”.)

104. O Espírito que deseja ou pode se fazer visível apresenta-se, às vezes, com uma forma ainda mais nítida, com todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de causar uma ilusão perfeita e levar o observador a crer que se trata de uma pessoa encarnada. Em alguns casos e em circunstâncias especiais, a tangibilidade pode se tornar real, ou seja, podemos tocar o Espírito, apalpá-lo, sentir nele a mesma resistência, e até mesmo o calor de um corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desfaça com a rapidez de um relâmpago.

Nesses casos, verificamos a presença do Espírito, não apenas pela visão, mas também pelo tato. Se pudéssemos atribuir a aparição do Espírito a uma ilusão ou a uma espécie de fascinação, a dúvida se desfaz quando podemos tocá-lo, apalpá-lo, enquanto ele mesmo pode nos segurar e abraçar.

Os casos de aparições tangíveis são mais raros. Entretanto, aqueles que

têm ocorrido nestes últimos tempos, pela influência de alguns **médiuns de grande força mediúnica**, e que possuem a autenticidade de testemunhos confiáveis, provam e explicam os relatos históricos sobre as pessoas que reaparecem depois de sua morte, com todas as aparências da realidade.

Conforme já dissemos, por mais extraordinários que sejam esses fenômenos, eles perdem todo o caráter de algo maravilhoso quando se conhece a maneira pela qual se produzem e quando se compreende que, longe de representarem uma anulação das Leis da Natureza, nada mais são do que uma nova aplicação dessas mesmas Leis.

Observação

Médiuns de grande força mediúnica – Kardec refere-se ao Senhor Daniel Douglas Home (1833-1886), poderoso médium de efeitos físicos. Mais detalhes podem ser encontrados no artigo da *Revista Espírita* de março de 1858, sob o título “O Senhor Home”.

105. O perispírito, por sua própria natureza, é invisível no seu estado normal. Essa invisibilidade é comum a uma infinidade de fluidos que sabemos existir, mas que jamais tivemos a oportunidade de ver. Entretanto, o perispírito pode sofrer modificações que o tornem visível, como também acontece com certos fluidos. Essas modificações podem ser por uma “espécie de condensação”, ou por uma mudança na “disposição de suas moléculas”. Assim, ele nos aparece sob uma forma vaporosa.

A **condensação** pode chegar ao ponto de dar ao perispírito as propriedades de um corpo sólido e tangível, conservando a possibilidade de retornar ao seu estado etéreo e invisível, muito rapidamente. Podemos compreender esse fenômeno comparando-o com o vapor, que pode passar da invisibilidade a um estado brumoso, de neblina, depois ao estado líquido, em seguida ao estado sólido e retornar ao estado de vapor.

Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito, e

não de uma causa física exterior, como acontece com os gases. O Espírito somente nos aparece depois que fornece ao seu perispírito as condições necessárias para torná-lo visível. Mas, para isso, apenas a sua vontade não basta, porque a modificação do perispírito acontece pela combinação do fluido do Espírito com o fluido específico do médium.

Essa combinação nem sempre é possível, o que explica por que a possibilidade de ver os Espíritos não é uma coisa comum. Assim, não basta que o Espírito queira tornar-se visível, como também não basta que uma pessoa queira vê-lo. É necessário que os dois fluidos possam se combinar e que exista entre eles uma espécie de afinidade. Também é necessário que a quantidade de fluido emitido pela pessoa seja abundante o suficiente para promover a transformação do perispírito, além de outras condições que desconhecemos.

Por fim, é preciso que o Espírito tenha a “permissão” para se tornar visível a uma determinada pessoa, o que nem sempre lhe é concedido, ou só é permitido em algumas circunstâncias, **por motivos que não nos é dado saber.**

Nota de Kardec: Condensação – Não devemos tomar essa palavra ao pé da letra. Somente a empregamos pela falta de outra e a título de comparação.

Observação

Segundo Herculano Pires, existem inúmeros motivos que impedem o Espírito de se tornar visível, entre eles figuram: as condições da prova por que passa a pessoa ou o Espírito; os inconvenientes emocionais para a pessoa que vai vê-lo; as complicações familiares que poderiam resultar dessa aparição, e assim por diante.

106. Uma outra propriedade do perispírito, e que se deve à sua natureza etérea, é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe opõe obstáculo: ele atravessa todas elas, assim como a luz atravessa os corpos transparentes. Não existe lugar, por mais fechado que seja, capaz de impedir a presença dos Espíritos. Eles

podem visitar um prisioneiro em sua cela com a mesma facilidade com que visitam um homem no campo.

107. As aparições de Espíritos, quando o homem está acordado, não são raras e nem constituem novidade. Elas se produziram em todos os tempos e a História as registra em grande número. Não precisamos recuar tanto no tempo, porque nos dias de hoje as aparições são muito frequentes. Muitas pessoas que viram essas aparições classificaram-nas, no primeiro momento, como sendo alucinações.

Elas são muito frequentes, principalmente no caso da morte de pessoas ausentes, que vêm visitar seus parentes ou amigos. Muitas vezes, as aparições parecem não ter um objetivo determinado. Em geral, podemos dizer que os Espíritos que aparecem dessa maneira são atraídos pela simpatia. Se cada um consultar suas lembranças, verá que são poucas as pessoas que não tiveram contato com casos dessa espécie, cuja autenticidade não pode ser colocada em dúvida.

ESPÍRITOS GLÓBULOS

108. Em relação às considerações anteriores, vamos acrescentar o exame de alguns efeitos de ótica, que originaram o estranho sistema dos *Espíritos glóbulos*.

Nem sempre o ar se apresenta inteiramente límpido. Nessas ocasiões, as correntes das **moléculas aeriformes** e sua movimentação, produzida pelo calor, se tornam perfeitamente visíveis. Algumas pessoas tomaram isso por grupo de Espíritos agitando-se no espaço. Essa opinião, por si mesma, é suficiente para ser descartada. Entretanto, existe uma outra espécie de ilusão, tão estranha quanto essa, contra a qual é bom ficar prevenido.

O **humor aquoso** do olho apresenta pontos quase imperceptíveis, que

perderam parte da sua transparência natural. Esses pontos são como corpos opacos em suspensão no líquido incolor do globo ocular, cujos movimentos eles acompanham. Esses corpos opacos projetam no ar ambiente, e à distância, pequenos discos que variam de um a dez milímetros de diâmetro e que, aumentados pelo efeito da refração, parecem flutuar na atmosfera.

Vimos pessoas que tomam esses discos por Espíritos que as seguem e as acompanhavam por toda parte. Elas, no seu entusiasmo, veem figuras nas nuanças da **irisação**, o que é tão irracional quanto ver uma figura na Lua. Bastaria que essas pessoas observassem melhor as coisas, para retornar ao terreno da realidade.

Tais pessoas dizem que esses discos, ou medalhões, não somente as acompanham, como seguem todos os seus movimentos: vão para a direita e para esquerda, para cima e para baixo, ou então param, conforme o movimento que elas fazem com a cabeça. Isso nada tem de surpreendente, uma vez que os discos são projetados pelo globo ocular e devem acompanhar todos os movimentos do olho.

Se fossem Espíritos, seríamos forçados a admitir que o papel que desempenham é mecânico demais para criaturas inteligentes e livres. Papel muito cansativo, mesmo para Espíritos inferiores, e com mais forte razão, incompatível com a ideia que fazemos dos Espíritos Superiores.

É verdade que algumas pessoas tomam por maus Espíritos os pontos escuros ou **moscas amauróticas**. Esses discos, assim como as manchas negras, têm um movimento ondulatório, cuja amplitude fica restrita a um determinado ângulo, e o que aumenta ainda mais a ilusão é o fato de essas manchas não acompanharem bruscamente os movimentos da linha visual. A razão disso é bem simples. Conforme já dissemos, os pontos opacos do humor aquoso, que são causa primeira do fenômeno, encontram-se em suspensão no líquido e tendem sempre a descer.

Quando ocorre o movimento dos olhos de baixo para cima, os discos sobem até uma determinada altura e, se fixarmos o olhar, vamos ver que os

discos descem por si mesmos e depois param. A mobilidade desses discos é extrema, pois, ao menor movimento do olho, eles mudam de direção e percorrem rapidamente toda a amplitude do arco, no espaço em que a imagem se produz. Enquanto não se provar que essa imagem tem movimento próprio, espontâneo e inteligente, só podemos ver no fato um simples fenômeno ótico ou fisiológico.

Algumas vezes, a contração dos músculos dos olhos produz faíscas, que aparecem na forma de feixes mais ou menos compactos. Provavelmente, essas faíscas são devidas à eletricidade fosforescente da íris, uma vez que elas estão limitadas à circunferência do disco ocular.

Essas ilusões só podem ser o resultado de uma observação incompleta. Todo aquele que estudar seriamente a natureza dos Espíritos, por todos os meios que a prática da Doutrina oferece, compreenderá a infantilidade dessas ilusões. Assim como combatemos as teorias duvidosas com as quais se atacam as manifestações espíritas, quando elas decorrem da ignorância dos fatos, também devemos destruir as ideias falsas, que decorrem mais do entusiasmo do que da reflexão e que, por isso mesmo, causam mais mal do que bem junto aos incrédulos, já naturalmente predispostos a procurar o lado ridículo das coisas.

Observação

Moléculas aeriformes – Moléculas que apresentam as propriedades básicas do ar, ou seja, a fluidez, a elasticidade e a compressibilidade; moléculas que são semelhantes ao ar.

Humor aquoso – O olho possui um líquido incolor, constituído de 98% de água e 2% de sais, que preenche as câmaras oculares (cavidade do olho entre a córnea e o cristalino). Sua principal função é a nutrição da córnea e do cristalino, além de regular a pressão interna do olho.

Irisação – Propriedade que possuem certos corpos de decompor a luz em raios coloridos, como os do arco-íris, por exemplo.

Moscas amauróticas – São pontos negros que aparecem na visão devido à

inflamação da retina, provocados pela atrofia do nervo ótico, mas que não apresentam distúrbios perceptíveis no globo ocular. Podem provocar cegueira parcial ou total. Também são conhecidas por gota-serena ou catarata negra.

109. Como se vê, o perispírito é o princípio de todas as manifestações. O seu conhecimento proporcionou a explicação de inúmeros fenômenos e permitiu que a Ciência Espírita desse um grande passo, fazendo-a trilhar um novo caminho e retirando-lhe todo o caráter de algo maravilhoso.

Foram os próprios Espíritos que nos indicaram o caminho, explicando a ação dos Espíritos sobre a matéria, o movimento dos corpos inertes, os ruídos e as aparições. Deram-nos também a explicação de outros fenômenos que iremos examinar antes de passar ao estudo das comunicações propriamente ditas. Quanto melhor compreendermos as “causas básicas”, mais fácil será a compreensão desses fenômenos, e mais fácil será a sua aplicação aos diversos fatos que se apresentam à observação.

110. Estamos longe de considerar a teoria que apresentamos como sendo algo absoluto e também não entendemos que ela seja a última palavra da Doutrina. Sem dúvida, ela será completada ou retificada mais tarde, através de novos estudos. Entretanto, por mais incompleta ou imperfeita que ela seja hoje, sempre pode auxiliar o estudioso a compreender os fenômenos por meio de causas que nada têm de sobrenaturais.

Se a teoria espírita é uma hipótese, não podemos negar-lhe o mérito da racionalidade e da probabilidade. Ela vale tanto quanto todas as explicações que dão aqueles que negam os fenômenos espíritos, dizendo que neles só existem fraudes e ilusões.

TEORIA DA ALUCINAÇÃO

111. Aqueles que não acreditam na existência dos Espíritos e do mundo espiritual tentam explicar todos os fenômenos espíritas com a palavra “alucinação”. A definição dessa palavra é conhecida. Ela exprime o erro, a ilusão de uma pessoa que acredita ter percepções que, na realidade, não tem. Até onde temos conhecimento, os sábios ainda não deram uma explicação fisiológica para a alucinação.

A Ótica e a Fisiologia parecem não ter mais segredos para os sábios. Então, como é que eles ainda não explicaram a natureza e a origem das imagens que se apresentam à mente em determinadas circunstâncias?

Os sábios querem explicar todos os fenômenos pelas Leis da matéria. Pois que o façam! Mas, então, que eles deem, com o auxílio dessas Leis, uma explicação sobre a teoria da alucinação. A explicação pode ser boa ou má, mas será sempre uma explicação.

112. A causa dos sonhos jamais foi explicada pela Ciência. Ela os atribui a um efeito da imaginação, mas não nos explica o que é a imaginação, nem como ela produz essas imagens tão claras e tão nítidas que às vezes nos aparecem. Isso é o mesmo que querer explicar uma coisa que não é conhecida, com outra que é menos conhecida ainda. **Assim, a questão ainda está por ser explicada.**

Os sábios dizem que os sonhos são uma lembrança das preocupações de quando estamos acordados. Mas, mesmo que se admita essa explicação, que nada resolve, ainda nos restaria saber: que espelho mágico é esse que tem a capacidade de conservar os fatos que nos acontecem quando estamos acordados? Como explicar, por exemplo, as visões de coisas reais que a pessoa nunca viu quando acordada e nas quais jamais pensou?

Apenas o Espiritismo pode nos dar a solução para esse fenômeno estranho, chamado sonho, que passa despercebido por ser tão comum, assim como acontece com todas as maravilhas da Natureza, que também não recebem do homem a devida atenção.

Os sábios não quiseram ocupar-se com a “alucinação”. Entretanto, mesmo ela sendo real ou não, trata-se de um fenômeno que a Fisiologia tem que se mostrar capaz de explicar, sob pena de confessar a sua incompetência. Se algum dia um sábio resolver dar ao fenômeno da alucinação, não uma definição, mas uma explicação fisiológica, veremos se a sua teoria resolve todos os casos; principalmente se ela não omite os fatos, tão comuns, de aparições de pessoas no momento da morte, e se ela esclarece a razão da coincidência da aparição com a morte da pessoa.

Se a aparição de pessoas na hora da morte fosse um fato isolado, poderíamos atribuí-lo ao acaso; entretanto, como ele é muito frequente, o acaso não pode servir para explicá-lo. Se aquele que viu a aparição tivesse pensado que a pessoa que lhe apareceu estava prestes a morrer, ainda seria aceitável. Mas quando, na maioria das vezes, quem aparece é justamente a pessoa em quem menos se pensa, a imaginação deve ser descartada para explicar o episódio.

Mais difícil ainda é explicar, pela imaginação, as circunstâncias em que se deu a morte, quando não se tem a menor ideia do que realmente aconteceu. Os que defendem a tese da “alucinação” dirão que a alma (se é que eles acreditam nela) tem momentos de superexcitação e que, nesse estado, suas faculdades ficam ampliadas. Estamos de pleno acordo; porém, quando aquilo que a alma vê é real, já não existe mais ilusão.

Se, na sua exaltação, a alma vê uma coisa que está distante, é porque ela se transporta para aquele lugar. Ora, se a nossa alma pode se transportar para junto de uma pessoa que está distante, por que a alma dessa pessoa não pode se transportar para junto de nós? Esses fatos devem ser levados em conta por aqueles que defendem a “teoria da alucinação”. Eles também não podem esquecer que uma teoria à qual se podem opor fatos contrários é necessariamente falsa ou incompleta.

Enquanto aguardamos as explicações que os partidários da “alucinação” venham a nos oferecer, vamos tentar emitir algumas ideias a esse respeito.

Observação

As explicações atuais da Ciência, sobre os sonhos, ainda são incompletas e não atendem a todas as correntes do pensamento. As pesquisas mais avançadas nessa área são aquelas que aceitam, além das causas fisiológicas, a interferência dos Espíritos, compondo dessa maneira um quadro mais próximo da realidade. Assim, o sonho parece ser uma grande mescla das coisas que nos acontecem no dia a dia, das preocupações, dos medos, das angústias, da interferência dos amigos e inimigos do plano espiritual, da sintonia com as nossas vidas passadas, e assim por diante.

113. Os fatos comprovam que existem aparições verdadeiras, e a teoria espírita as explica perfeitamente. As aparições só podem ser negadas por aqueles que nada admitem fora do corpo físico. Mas, ao lado das visões reais, não existem também as alucinações que são verdadeiras? Com certeza que existem. Qual a sua origem? São os próprios Espíritos que vão nos esclarecer, pois parece que a explicação do fenômeno está contida nas respostas que eles nos deram, quando formulamos as seguintes perguntas:

1. As visões são sempre reais ou algumas vezes elas podem ser efeito de uma alucinação? Quando vemos em sonho, ou de outra maneira, o diabo, por exemplo, ou outras coisas fantásticas – que não existem – isso não pode ser fruto da imaginação?

– Sim, algumas vezes é fruto da imaginação. Existem pessoas que se deixam impressionar por certas leituras ou por histórias de feitiçaria. Mais tarde, quando se lembram dessas leituras, acreditam ver o que não existe. Já dissemos que o Espírito, através do seu envoltório semimaterial, que é o perispírito, pode assumir todas as formas para se manifestar.

Assim, um Espírito zombeteiro pode aparecer com chifres e garras, se o desejar, para se divertir à custa da credulidade daquele que o vê, do mesmo modo que um Espírito bom pode se mostrar com asas e de uma forma radiosa.

2. Podemos considerar como “aparições” as figuras e outras imagens que se apresentam a certas pessoas, quando elas estão levemente adormecidas, ou quando apenas fecham os olhos?

– A partir do momento em que os sentidos se entorpecem, o Espírito se desprende do corpo físico e pode ver perto, ou à distância, aquilo que não podia ver com os olhos do corpo. Essas imagens quase sempre são visões, mas podem também ser o efeito das impressões que a visão de certos objetos deixou no cérebro. Assim, o cérebro mantém os vestígios das visões desses objetos, do mesmo modo que mantém os vestígios dos sons.

O Espírito, liberto do corpo físico, vê em seu próprio cérebro as impressões que nele se fixaram, como em uma chapa fotográfica. A variedade e a mistura dessas impressões formam conjuntos estranhos e fugazes, que se desfazem quase que imediatamente, apesar dos esforços que são feitos para retê-las. É a essa variedade e a essa mistura de impressões que se devem atribuir certas aparições fantásticas que nada têm de real e que se produzem muitas vezes durante uma enfermidade.

Aceitamos que a memória seja o resultado das impressões que o cérebro conserva. Mas qual é o estranho fenômeno que faz com que essas impressões, tão variadas e tão múltiplas, não se confundam? Eis um mistério impenetrável, tão extraordinário quanto o das ondas sonoras que se cruzam no ar e que, apesar disso, se conservam distintas.

Em um cérebro saudável e bem organizado, essas impressões são nítidas e precisas; em um cérebro cujas condições sejam menos favoráveis, elas se apagam e se confundem, resultando a perda da memória ou a confusão das ideias. Isso parece mais natural ainda se admitirmos, como admite a **Frenologia**, uma função especial para cada parte do cérebro e, até mesmo, para cada fibra cerebral.

As imagens que chegam ao cérebro, através dos olhos, deixam nele uma impressão. Essa impressão permite que uma pessoa se lembre de um quadro, por exemplo, como se ele estivesse diante de si, embora ele esteja apenas na

memória, pois ela não o vê. Em certos estados de emancipação, a alma pode ver o que está no cérebro e nele torna a encontrar essas imagens, especialmente aquelas que mais impressão lhe causaram, de acordo com a natureza das suas preocupações ou com o estado de espírito em que a pessoa se encontra.

É assim que a alma (Espírito reencarnado) reencontra no cérebro a impressão de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, figuras de animais estranhos que ela viu numa outra época em pinturas ou ouviu em narrativas, porque as narrativas também deixam impressões. Desse modo, a alma realmente vê, mas vê apenas uma imagem fotografada no cérebro.

No estado normal, essas imagens são fugazes, passageiras, porque todas as partes do cérebro funcionam livremente. Porém, na doença, o cérebro se acha mais ou menos enfraquecido, o equilíbrio entre todos os órgãos deixa de existir e apenas alguns conservam a sua atividade, enquanto outros ficam de algum modo paralisados. O resultado disso é a permanência de certas imagens, que as preocupações da vida exterior não mais conseguem apagar, como acontece quando o cérebro está em seu estado normal. Essa é a verdadeira alucinação e a causa principal das ideias fixas.

Como se vê, explicamos esta anomalia, chamada “alucinação”, por meio de uma Lei muito conhecida e inteiramente fisiológica: “A Lei das impressões cerebrais”. Mas observem que sempre foi necessário lançar mão da intervenção da alma. Ora, se os materialistas ainda não puderam dar uma solução satisfatória para o fenômeno da alucinação, é porque não querem admitir a presença da alma. Assim, dirão que a nossa explicação é ruim, porque nos apoiamos em um princípio que é contestado, ou seja, o da existência da alma. Entretanto, contestado por quem? Pelos materialistas, mas admitido pela imensa maioria das criaturas, desde que a Terra é habitada. Portanto, a negação de alguns não pode constituir Lei.

A nossa explicação é boa? Enquanto aguardamos outra melhor, apresentamos a nossa a título de simples hipótese. Do modo como foi apresentada, ela pode explicar todos os casos de visões? Certamente que não.

Contudo, desafiamos os fisiologistas a apresentarem uma explicação que, segundo as suas opiniões exclusivas, resolva todos os casos, uma vez que nada explicam quando pronunciam as palavras mágicas: “superexcitação” e “exaltação”.

Desse modo, se todas as teorias sobre a alucinação são insuficientes para explicar todos os fatos, é porque existe alguma coisa a mais, além da alucinação propriamente dita. A nossa teoria seria falsa se a aplicássemos a todos os casos de visões, porque alguns poderiam contradizê-la. Porém, ela é legítima, desde que aplicada a alguns casos apenas.

Observação

Frenologia – Teoria que pretendia explicar o caráter e a capacidade mental das pessoas pelo formato do seu crânio. Essa tese foi apresentada pelo médico alemão Dr. Frans Joseph Gall, por volta de 1800, mas logo foi abandonada. Entretanto, contribuiu com a ciência médica para despertar nos anatomistas o interesse pelo estudo das funções cerebrais.

CAPÍTULO 7

BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

- APARIÇÕES DE ESPÍRITOS DE PESSOAS VIVAS
 - HOMENS DUPLOS
- SANTO AFONSO DE LIGUORI E SANTO ANTONIO DE PÁDUA
 - VESPASIANO
 - TRANSFIGURAÇÃO
 - INVISIBILIDADE

114. A bicorporeidade e a transfiguração são variações do fenômeno das manifestações visuais. Por mais maravilhosos que possam parecer à primeira vista, eles são fenômenos perfeitamente naturais, porque podem ser entendidos e explicados facilmente. Tanto a bicorporeidade quanto a transfiguração se apoiam no princípio daquilo que já dissemos sobre as propriedades do perispírito após a morte e que também se aplica ao perispírito dos vivos.

Sabemos que durante o sono o Espírito recupera em parte a sua liberdade, ou seja, afasta-se do corpo físico, e foi justamente nesse estado que, em muitas ocasiões, tivemos a oportunidade de observá-lo. O Espírito, independente de o homem estar vivo ou morto, possui sempre o seu envoltório semimaterial, o perispírito, que, pelas mesmas causas que já referimos, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Existem fatos reais que não podem deixar qualquer dúvida a esse respeito.

Citaremos apenas alguns casos do nosso conhecimento pessoal e cuja veracidade podemos garantir. Mas qualquer um pode acrescentar casos semelhantes se consultar as suas recordações.

APARIÇÕES DE ESPÍRITOS DE PESSOAS VIVAS

115. A mulher de um amigo nosso viu inúmeras vezes entrar no seu quarto, durante a noite, com a luz acesa ou no escuro, uma vendedora de frutas da vizinhança, que ela conhecia de vista, mas com quem jamais havia falado. Essa aparição lhe causou um medo muito grande, porque na época essa senhora não tinha conhecimento do Espiritismo e, também, porque o fato se repetia com muita frequência.

A vendedora de frutas era viva e provavelmente dormia naquela hora. Enquanto o seu corpo físico dormia em sua casa, o seu Espírito, com o seu respectivo corpo fluídico, se dirigia à casa da senhora. Por que motivo? É o que não se sabe. Diante de tal fato, um espírita, acostumado com esse tipo de fenômeno, já teria interrogado a aparição, mas a senhora não sabia o que fazer.

A aparição sempre se desfazia sem que a senhora soubesse como; em seguida, ela verificava se as portas estavam bem fechadas e se ninguém havia entrado no seu quarto. Esta preocupação lhe deu a certeza de que ela estava completamente acordada e que não estava sendo iludida por um sonho.

Noutra ocasião, ela viu, da mesma maneira que via a vendedora de frutas, um homem que não conhecia. Certo dia, viu o Espírito do seu próprio irmão, que morava na Califórnia. Sua aparência era tão perfeita, tão real, que no primeiro momento ela acreditou que o irmão tivesse regressado. Tentou falar com ele, mas logo o vulto desapareceu, sem que ela tivesse tempo de falar-lhe. Uma carta recebida posteriormente ao fato comprovou que o irmão estava vivo.

Essa senhora é o que se pode chamar de “médium vidente natural”, mesmo que, naquela época, conforme já dissemos, ela nunca tivesse ouvido falar de médiuns.

116. Outra senhora, que reside no interior, estando gravemente enferma, viu, certa noite, por volta das dez horas, um senhor idoso que morava na mesma cidade, e com o qual já havia se encontrado algumas vezes em reuniões sociais, embora não existisse entre eles relações mais estreitas. Este senhor

estava sentado numa poltrona próximo à sua cama e, de vez em quando, aspirava uma pitada de **rapé**. Parecia cuidar dela. Surpresa com a visita àquela hora, ela quis perguntar-lhe o motivo de ele estar ali, mas o senhor lhe fez um sinal para que não falasse e para que tratasse de dormir. A senhora tentou falar com ele por diversas vezes e, a cada tentativa, ele repetia o gesto e a mesma recomendação. Ela acabou adormecendo.

Alguns dias depois, já restabelecida, ela recebeu a visita do mesmo senhor, mas num horário mais conveniente; desta vez, era ele quem realmente estava lá. Usava a mesma roupa, a mesma caixa de rapé e os modos eram exatamente os mesmos. Convencida de que ele veio lhe visitar durante a sua enfermidade, agradeceu-lhe pela atenção que recebeu. O senhor, muito surpreso, disse que há muito tempo não tinha a satisfação de vê-la. A senhora, que já conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o que tinha acontecido e, não querendo entrar em maiores detalhes com ele, preferiu dizer-lhe que provavelmente havia sonhado.

O mais provável é que tenha mesmo sonhado, dirão os incrédulos, os “espíritos fortes”, para quem essa expressão é sinônimo de pessoas esclarecidas. Entretanto, o que é certo é que essa senhora não estava dormindo, assim como não estava dormindo a senhora do exemplo anterior. Então, é porque ela “sonhava acordada” ou teve uma “alucinação”! Eis a grande palavra, a palavra mágica, a explicação universal para tudo o que não se compreende! Como já contestamos bastante esse argumento adverso, prosseguimos com o nosso estudo, dirigindo-nos àqueles que podem nos compreender.

Observação

Rapé – Tabaco, ou fumo em pó, usado para cheirar. Era colocado em elegantes caixas de madeira ou prata, semelhantes a uma caixa de fósforos; essas caixas eram conhecidas como tabaqueiras.

117. Apresentaremos agora outro caso, ainda mais característico, e

gostaríamos de ver como é possível explicá-lo apenas através da imaginação.

Trata-se de um senhor que morava no interior e nunca quis se casar, apesar do empenho da família. Insistiam para que ele se casasse com uma moça que ele nunca tinha visto e que morava em uma cidade vizinha. Certo dia, em seu quarto, foi surpreendido com a presença de uma jovem vestida de branco e com a cabeça enfeitada por uma coroa de flores. Ela lhe disse que era a sua noiva e estendeu-lhe a mão, que ele tomou nas suas, notando que ela usava um anel. Em poucos instantes tudo desapareceu.

Surpreso com a aparição, e certificando-se de que estava bem acordado, procurou saber se alguém havia estado em sua casa durante o dia. Foi informado de que nenhuma pessoa tinha sido vista na casa. Um ano depois, cedendo a novas solicitações de um parente, resolveu conhecer a moça que lhe sugeriam. Chegou à cidade onde ela morava no dia de Corpus Christi, e todos já haviam voltado da procissão. A primeira pessoa que ele viu, quando entrou na casa, foi a jovem que lhe havia aparecido. Ela usava roupas iguais às que usava no dia da aparição, que também aconteceu na data de Corpus Christi.

Ele ficou muito perturbado, e a moça, por sua vez, deu um grito de surpresa e sentiu-se mal. Depois de voltar a si, a jovem disse que já havia visto aquele senhor, um ano antes. O casamento foi realizado. Esse fato aconteceu por volta do ano de 1835, época em que ainda não se cogitava de Espíritos. Além disso, ambos eram pessoas extremamente simples e sem a imaginação exaltada.

Poderão dizer que o casal estava com o espírito perturbado pela ideia da união proposta e que essa preocupação provocou uma “alucinação”. Entretanto, não podemos esquecer que o homem era tão indiferente que levou um ano para ir ver a sua pretendida. Mesmo admitindo-se a hipótese da alucinação, resta explicar ainda a dupla aparição, a coincidência da roupa com o dia de Corpus Christi e, por fim, o reconhecimento físico entre duas pessoas que jamais se viram. Essas circunstâncias não podem ser produto da imaginação.

118. Antes de prosseguirmos, devemos responder a uma pergunta que certamente será formulada: como o corpo físico pode viver, enquanto o Espírito está ausente? Podemos dizer que o corpo vive a vida orgânica, que é independente da presença do Espírito, e a prova disso é que as plantas vivem e não têm Espírito. Entretanto, devemos acrescentar que, durante a vida, o Espírito nunca se acha completamente separado do seu copo físico.

Os Espíritos, assim como alguns médiuns videntes, reconhecem o Espírito encarnado por um cordão luminoso que termina no seu corpo, fenômeno que não ocorre quando o corpo está morto, porque, nesse caso, a separação entre o corpo físico e o Espírito é completa. É por meio dessa ligação, desse cordão luminoso, que o Espírito é avisado imediatamente da necessidade de voltar ao corpo, seja qual for a distância que os separe, e o retorno acontece com a rapidez de um relâmpago.

Assim, o corpo físico não pode morrer durante a ausência do Espírito, nem pode acontecer que o Espírito, ao regressar, encontre a porta fechada, conforme alguns romancistas têm colocado em suas histórias recreativas. (Ver *O Livro dos Espíritos*, perguntas nº 400 e seguintes.)

HOMENS DUPLOS

119. Voltemos ao nosso assunto. O Espírito de uma pessoa viva, quando está separado do corpo físico, pode aparecer como se fosse o de uma pessoa morta e ter todas as aparências da realidade. Além disso, pelas mesmas razões que já explicamos, pode adquirir tangibilidade momentânea.

Esse fenômeno, que ficou conhecido pelo nome de **bicorporeidade**, é que deu origem às histórias dos homens duplos, ou seja, indivíduos cuja presença foi constatada em dois lugares diferentes ao mesmo tempo. Citamos adiante dois exemplos que não foram tirados das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Observação

Bicorporeidade – Atualmente, esse fenômeno é mais conhecido pelo nome de “desdobramento”.

SANTO AFONSO DE LIGUORI E SANTO ANTONIO DE PÁDUA

Santo Afonso de Liguori foi canonizado antes do tempo exigido pela Igreja, por ter aparecido simultaneamente em dois lugares diferentes, o que foi considerado um milagre.

Santo Antonio de Pádua estava pregando na Itália, enquanto seu pai estava sendo levado para ser martirizado em Lisboa, sob a acusação de haver cometido um assassinato. No momento da execução, Santo Antonio aparece em Lisboa, demonstra a inocência de seu pai e faz com que seja conhecido o verdadeiro criminoso, que mais tarde sofre o castigo. Foi constatado que, naquele momento, Santo Antonio não havia deixado a Itália.

Santo Afonso, evocado e interrogado por nós sobre o fato acima, deu-nos as seguintes respostas:

1. Poderia nos dar a explicação desse fenômeno?

– Perfeitamente. Quando o homem, por suas virtudes, consegue se afastar completamente das coisas materiais; quando consegue elevar sua alma até Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado, sentindo o sono chegar, pode pedir a Deus que lhe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer.

Assim, o Espírito abandona o seu corpo, levando consigo uma parte do seu perispírito, deixando o corpo físico em um estado próximo ao da morte. Digo *próximo* ao da morte porque o corpo físico permanece ligado ao perispírito e à alma, por meio de um cordão luminoso, que não pode ser definido. Então, o corpo fluídico (perispírito) aparece no lugar desejado.

Acredito que isso é tudo o que você quer saber.

2. Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

– O Espírito, estando desprendido do seu corpo físico, e conforme o seu grau de elevação, pode tornar-se tangível ao toque.

3. O sono do corpo físico é indispensável para que o Espírito apareça em outros lugares?

– A alma é capaz de **dividir-se**, desde que se sinta atraída para um lugar diferente daquele onde se acha o seu corpo. Pode acontecer que o corpo não durma, embora isso seja muito raro. Porém, o corpo físico nunca fica em um estado perfeitamente normal. Fica sempre como se estivesse em um estado próximo ao do êxtase.

Comentário de Kardec: A alma não se divide no sentido literal da palavra. Ela se irradia em diversas direções e pode, assim, se manifestar em muitos lugares, sem precisar se fragmentar. O mesmo acontece com a luz, que pode se refletir em muitos espelhos ao mesmo tempo.

4. Quando uma pessoa está dormindo e o seu Espírito aparece em outro lugar, o que acontece se ela for acordada de repente?

– Isso não acontece; se alguém tivesse a intenção de acordá-la, o Espírito retornaria ao corpo prevendo a intenção, pois o Espírito lê os pensamentos.

Comentário de Kardec: Explicação idêntica a esta já nos foi dada inúmeras vezes por Espíritos de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica a dupla presença, mas não explica a teoria da visibilidade e da tangibilidade.

120. O historiador romano **Tácito** relata um fato semelhante:

Durante os meses que **Vespasiano** passou em Alexandria, aguardando os ventos favoráveis de verão e a época em que o mar se torna seguro, muitos prodígios aconteceram, através dos quais se manifestaram a proteção do Céu e o interesse que os deuses pareciam ter por aquele príncipe...

Esses prodígios aumentaram em Vespasiano o desejo de visitar a morada sagrada dos deuses, para consultá-los sobre as coisas do Império. Ordenou, então, que o templo fosse fechado para todos. Entrou sozinho e estava muito atento ao que o **oráculo** ia dizer, quando percebeu, atrás de si, um dos chefes egípcios mais importantes, chamado Basílide, que ele sabia estar doente em um lugar distante e a muitos dias de viagem de Alexandria.

Vespasiano perguntou aos sacerdotes se Basílide esteve no templo naquele dia, perguntou também aos pedestres se eles o tinham visto na cidade e, por fim, enviou alguns homens a cavalo, certificando-se de que, no momento em que Basílide lhe apareceu no templo, ele estava a oitenta milhas de distância. Desde então, não teve mais dúvida de que a visão foi algo sobrenatural, e o nome de Basílide tornou-se, para ele, um oráculo. (Tácito: *Histórias*, Livro quatro, Capítulos 81 e 82. Tradução de Burnouf.)

Observações

Públio Cornélio Tácito (55-120 d.C.) – Foi historiador, orador e político romano. É considerado um dos maiores historiadores da Antiguidade.

Tito Flavio Vespasiano (9-79 d.C.) – Foi o primeiro imperador romano da dinastia Flaviana. Ocupou o poder logo após o suicídio de Nero.

Oráculo – Era o local sagrado nos templos, onde os deuses respondiam às perguntas, geralmente sobre o futuro. O termo “oráculo” designa tanto a divindade consultada, quanto o intermediário humano que transmite a resposta. Os intermediários eram geralmente mulheres, conhecidas pelos nomes de pitonisas, sibilas, sacerdotisas, profetisas, entre outros. Elas possuíam

mediunidade psicofônica. A consulta aos oráculos era uma prática difundida por todo o mundo, e um dos mais antigos e famosos foi o oráculo de Delfos, na Grécia.

121. A pessoa que aparece simultaneamente em dois lugares diferentes tem, portanto, dois corpos. Mas, desses dois corpos, apenas um é real, o outro é apenas uma aparência. Podemos dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo possui a vida da alma. Quando a pessoa acorda, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo físico.

Quando os dois corpos estão separados, eles não podem desfrutar simultaneamente, e com a mesma intensidade, da vida que se vive normalmente quando estamos acordados; pelo menos, não temos notícia de que isso seja possível, e a própria razão nos demonstra que não pode ser assim. Com base no que acabamos de dizer, o corpo real (corpo físico) não pode morrer enquanto o corpo aparente (perispírito) permanecer fora dele e se fazendo visível, uma vez que a aproximação da morte sempre atrai o Espírito para junto do corpo, ainda que apenas por um instante.

Disso resulta que o corpo aparente também não pode ser assassinado, porque não é orgânico, não é formado de carne e osso. Ele desapareceria no momento em que quisessem matá-lo.

***Nota de Kardec:** Ver na Revista Espírita de janeiro de 1859, “O Duende de Bayonne”; fevereiro de 1859, “Os Agêneres”, “Meu amigo Hermann”; maio de 1859, “A ligação entre o Espírito e o corpo”; novembro de 1859, “A alma errante”; janeiro de 1860, “O Espírito de um lado e o corpo do outro”; março de 1860, “Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas”; “O doutor V. e a senhorita I.”; abril de 1860, “O fabricante de São Petersburgo”; “Aparições tangíveis”; novembro de 1860, “História de Maria Agreda”; julho de 1861, “Uma aparição providencial”.*

TRANSFIGURAÇÃO

122. O segundo fenômeno é o da “transfiguração”, e consiste na mudança de aspecto de um corpo vivo. Eis um caso de transfiguração, cuja perfeita autenticidade podemos garantir; o fato ocorreu entre os anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Étienne:

Uma jovem, de aproximadamente quinze anos, desfrutava da estranha faculdade de se transfigurar, ou seja, de tomar, em determinados momentos, todas as aparências de pessoas que já haviam morrido. A ilusão era tão completa, que aqueles que assistiam ao fenômeno julgavam estar na presença da própria pessoa morta, tal a semelhança dos traços do rosto, do olhar, do som da voz e até mesmo da maneira de falar.

Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes, sem qualquer interferência da vontade da jovem. Ela tomou diversas vezes a aparência de seu irmão, falecido alguns anos antes, reproduzindo-lhe não somente o semblante, como também o porte e a corpulência.

Um médico local, que diversas vezes testemunhou o estranho fenômeno, querendo assegurar-se de que não era vítima de uma ilusão, fez uma experiência interessante. Colhemos as informações do próprio médico, do pai da jovem e de diversas outras testemunhas oculares, bastante honradas e dignas de fé.

O médico teve a ideia de pesar a jovem no seu estado normal e durante a transfiguração, quando ela ficava com a aparência do irmão, que morreu aos vinte e poucos anos e que era mais alto e bem mais forte do que ela. Pois bem! Verificou que, durante a transfiguração, o peso da jovem era quase o dobro. A experiência foi conclusiva, uma vez que era impossível atribuir aquela aparência a uma simples ilusão de ótica.

Vamos tentar explicar o fato, que em outro tempo teria sido considerado um milagre, mas que hoje chamamos simplesmente de fenômeno.

123. Em alguns casos, a transfiguração pode ter como origem uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia uma expressão muito diferente da habitual, a ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Já observamos diversas vezes essa mudança de fisionomia em alguns sonâmbulos, mas no caso deles a transformação não é radical.

Uma mulher pode parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas sempre será uma mulher, e o seu peso não aumentará nem diminuirá. No caso que relatamos, fica evidente que existe alguma coisa a mais. A teoria do perispírito vai nos esclarecer sobre o assunto.

Em princípio, o Espírito pode dar ao seu perispírito todas as aparências que quiser. Por meio de uma modificação na disposição molecular, pode dar-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, conseqüentemente, a possibilidade de se tornar opaco. O perispírito de uma pessoa viva, separado do seu corpo físico, pode experimentar as mesmas transformações; essa mudança de estado se realiza através da combinação dos fluidos.

Imaginemos, agora, que o perispírito de uma pessoa viva está junto com o seu corpo físico, ou seja, não está separado dele. Se o perispírito dessa pessoa se irradiar, envolvendo o próprio corpo numa espécie de vapor, ele pode sofrer, nesse estado, as mesmas modificações que sofreria caso estivesse separado do corpo.

Assim, se o perispírito dessa pessoa perder a sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível e ficar oculto, como se estivesse mergulhado num nevoeiro. Ele também pode mudar de aspecto, tornar-se brilhante, se esta for a vontade do Espírito e se ele tiver poder para isso.

Um Espírito, combinando os seus próprios fluidos com os fluidos de uma pessoa viva, pode imprimir nela a sua própria aparência, de modo que o corpo real desapareça, encoberto pelo envoltório fluídico desse Espírito. Desse modo, a aparência da pessoa viva pode variar de acordo com a vontade do Espírito. Essa parece ser a verdadeira causa do estranho e raro fenômeno da “transfiguração”.

Quanto à diferença de peso, ela pode ser explicada da mesma maneira que explicamos o peso dos corpos inertes. O peso real do corpo não variou, porque a quantidade de matéria não aumentou. Ele sofreu a influência de um agente exterior, que pode aumentar ou diminuir o seu peso relativo, conforme explicamos anteriormente, nos itens 78 e seguintes. Portanto, é provável que, se a transfiguração tomar o aspecto de uma criança, o peso diminua proporcionalmente.

INVISIBILIDADE

124. Compreende-se que o corpo possa assumir uma aparência maior ou igual à sua. Entretanto, como é possível ele assumir uma aparência de dimensão menor, a de uma criança, por exemplo, conforme acabamos de dizer? Nesse caso, o corpo real (corpo da pessoa viva) não deveria ultrapassar os limites do corpo aparente (corpo da criança)? Não afirmamos que o fato tenha ocorrido; apenas quisemos mostrar, quando nos referimos à teoria do peso específico, que o peso aparente poderia ter diminuído.

Quanto ao fenômeno em si, também não afirmamos a possibilidade de ele ter ocorrido, nem tampouco negamos essa possibilidade. Supondo que o fenômeno viesse a ocorrer, o fato de não se poder explicá-lo satisfatoriamente não o anularia, de modo algum. Não se deve esquecer que estamos no início da Ciência Espírita e que ela está longe de haver dito a sua última palavra sobre esse assunto, assim como sobre muitos outros. Aliás, as partes excedentes do corpo da pessoa viva poderiam perfeitamente ser tornadas invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade surge naturalmente das explicações anteriores e daquelas que foram dadas nos itens 96 e seguintes, sobre o fenômeno dos transportes.

125. Resta-nos ainda falar do estranho fenômeno dos **agêneres**, que, por mais extraordinário que possa parecer à primeira vista, não é mais sobrenatural do que os outros. Como já explicamos esse fenômeno na *Revista Espírita* de fevereiro de 1859, acreditamos ser inútil reproduzir aqui os seus detalhes.

Diremos apenas que é uma variante da aparição tangível. É o estado em que certos Espíritos podem se revestir momentaneamente das formas de uma pessoa viva, a ponto de produzirem uma ilusão perfeita. (Do grego “*a*”, primitivo, e “*géine, géinomai*”, gerar: aquele que não foi gerado.)

Observação

Agênere – É um Espírito que, pelo ato da sua vontade e pela combinação do seu fluido com o fluido de uma pessoa encarnada, consegue adensar o seu perispírito, ou melhor, materializá-lo, a ponto de assumir a aparência de uma pessoa viva. Existem inúmeros casos de pessoas que tiveram contato com agêneres, pensando estar tratando com Espíritos encarnados.

CAPÍTULO 8

LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

VESTUÁRIO DOS ESPÍRITOS
FORMAÇÃO ESPONTÂNEA DE OBJETOS TANGÍVEIS
MODIFICAÇÃO DAS PROPRIEDADES DA MATÉRIA
AÇÃO MAGNÉTICA CURADORA

VESTUÁRIO DOS ESPÍRITOS

126. Já dissemos que os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, envoltos em panos flutuantes ou com as roupas que usavam quando vivos. Os panos flutuantes parecem ser um costume geral no mundo dos Espíritos. Mas onde eles vão buscar essas roupas, iguais às que usavam quando eram vivos, com todos os acessórios que as completam? É claro que eles não levaram consigo esses objetos, pois os objetos reais ainda se encontram conosco. Então, de onde provêm as roupas que eles usam no outro mundo?

Esta questão sempre foi muito intrigante, embora para muitas pessoas ela fosse apenas uma simples questão de curiosidade. Entretanto, sua solução nos encaminhou para a descoberta de uma Lei geral, que também encontra aplicação no mundo material. Inúmeros fatos contribuíram para dificultar o assunto e demonstrar a insuficiência das teorias que tentaram explicá-lo.

Até certo ponto, poderíamos compreender a existência da roupa, considerá-la como algo que fizesse, de algum modo, parte do indivíduo. Porém, o mesmo não acontece com os objetos acessórios; como a caixa de rapé, por exemplo, do visitante da senhora doente de que tratamos no item nº 116. Notemos que, no caso citado, não se tratava de um morto, mas de um vivo, e que esse senhor, quando voltou em pessoa, trazia na mão uma caixa de rapé igual à que usava quando da aparição.

Onde, então, o seu Espírito encontrou a caixa de rapé que trazia consigo, quando estava junto ao leito da senhora doente? Poderíamos citar um grande número de casos em que Espíritos de mortos ou de pessoas vivas aparecem com diversos objetos, tais como bengalas, armas, cachimbos, lanternas, livros etc.

Tivemos, então, uma ideia: a de que os corpos inertes do mundo material poderiam ter correspondentes etéreos no mundo invisível; que a matéria condensada que forma os objetos materiais poderia ter uma parte quintessenciada, que escapa à percepção dos nossos sentidos. Essa teoria parecia verdadeira, mas não explicava todos os fatos. Havia um, sobretudo, que parecia frustrar todas as interpretações.

Até então, se tratava apenas de imagens e aparências. Já vimos que o perispírito pode adquirir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, mas essa tangibilidade é apenas momentânea e, em seguida, o corpo sólido dissipa-se como uma sombra. Isso, por si só, já é um fenômeno extraordinário, mas o que é ainda mais extraordinário é a produção de matéria sólida persistente, como provam numerosos fatos autênticos, notadamente o da “escrita direta”, da qual trataremos detalhadamente em um capítulo especial.

Entretanto, como o fenômeno da escrita direta se liga intimamente ao assunto que tratamos neste momento, constituindo uma de suas aplicações mais comuns, trataremos dele a seguir, antecipando a ordem em que ele deveria aparecer.

127. A “escrita direta”, ou “pneumatografia”, é a que se produz espontaneamente, sem a ajuda da mão do médium nem do lápis. Basta pegar uma folha de papel em branco, o que deve ser feito com todas as precauções necessárias, para se evitar qualquer tipo de fraude, dobrá-la e colocá-la numa gaveta ou simplesmente sobre um móvel.

Se a pessoa estiver nas condições favoráveis para que o fenômeno ocorra, depois de algum tempo aparecerão escritos no papel, tais como: letras, sinais diversos, palavras, frases e até dissertações, na maioria das vezes escritas com

uma substância cinzenta, semelhante ao grafite; outras vezes, com lápis vermelho, tinta comum e até mesmo tinta de impressão.

Eis o fato em toda a sua simplicidade e cuja reprodução, embora pouco comum, não é tão rara assim, pois existem pessoas que obtêm a escrita direta com grande facilidade. Se fosse colocado um lápis, junto com o papel, poderíamos acreditar que o Espírito utilizou o lápis para escrever. Mas, a partir do momento em que o papel é deixado sozinho, é evidente que a escrita se formou por meio de uma matéria depositada sobre ele.

De onde o Espírito tirou essa matéria? A caixa de rapé, referida há pouco, trouxe-nos a solução do problema.

FORMAÇÃO ESPONTÂNEA DE OBJETOS TANGÍVEIS

128. Foi o Espírito de São Luís quem nos deu a solução, nas respostas que seguem:

1. Citamos o caso da aparição do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha em sua mão uma caixa de rapé, cujo pó aspirava. Ele experimentava a mesma sensação que experimenta uma pessoa quando cheira rapé?

– Não.

2. A caixa de rapé era igual à tabaqueira que ele usava habitualmente e que estava guardada em sua casa. Que caixa de rapé era aquela nas mãos do Espírito?

– Uma aparência. Era para que a circunstância fosse notada, como realmente foi, e para que a aparição não fosse confundida com uma alucinação, decorrente do estado de saúde da médium vidente. O Espírito queria que a senhora acreditasse na realidade da sua presença e, para isso, tomou todas as

aparências da realidade.

3. Você disse que era uma aparência; mas uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de ótica. Aquela caixa de rapé era apenas uma imagem sem realidade ou havia nela alguma coisa de material?

– Certamente era uma aparência. É com o auxílio desse princípio material que o perispírito toma a aparência de roupas semelhantes às que o Espírito usava quando estava encarnado.

Comentário de Kardec: Neste caso, a palavra “aparência” deve ser entendida no sentido de aspecto, de imitação. A caixa de rapé real não estava com o Espírito; a que o Espírito segurava era apenas uma representação da verdadeira, uma simples aparência, embora constituída por um princípio material.

A experiência nos ensina que nem sempre devemos tomar ao pé da letra certas expressões utilizadas pelos Espíritos. Interpretando-as segundo as nossas ideias, ficamos sujeitos a grandes equívocos. É por essa razão que precisamos aprofundar o sentido de suas palavras, todas as vezes que elas apresentam um significado que pode ser duplo.

É uma recomendação que os próprios Espíritos nos fazem constantemente. Sem a explicação que solicitamos, a palavra “aparência”, constantemente utilizada em casos semelhantes, poderia dar lugar a uma falsa interpretação.

4. A matéria inerte pode desdobrar-se? Haveria no mundo invisível uma matéria essencial, capaz de tomar a forma dos objetos que vemos? Resumindo: os objetos teriam o seu duplo etéreo no mundo espiritual, assim como os homens têm, nesse mundo, os Espíritos, a representá-los?

– As coisas não são bem assim. O Espírito tem, sobre os elementos materiais espalhados por todos os pontos do espaço, na atmosfera da Terra, um poder que os homens estão longe de suspeitar. Ele pode concentrar esses elementos pela ação da sua vontade e dar-lhes a forma aparente do objeto material que quiser.

Comentário de Kardec: A pergunta que fizemos representava o nosso pensamento, ou seja, a ideia que tínhamos sobre a natureza desses objetos. Se as respostas dos Espíritos fossem o reflexo do pensamento daquele que faz a pergunta, como pretendem alguns, teríamos obtido a confirmação da nossa teoria e não de uma teoria contrária.

5. Faço de novo a pergunta, de modo categórico, com a finalidade de evitar todo e qualquer equívoco: as roupas que os Espíritos utilizam são uma realidade?

– Creio que minha resposta anterior resolve a questão. Você não sabe que o próprio perispírito é uma realidade?

MODIFICAÇÃO DAS PROPRIEDADES DA MATÉRIA

6. Segundo essa explicação, os Espíritos transformam a matéria etérea de acordo com a sua vontade. Assim, com relação à caixa de rapé, o Espírito não a encontrou completamente feita; ele mesmo a fez, quando teve necessidade dela, por um ato da sua vontade. E, do mesmo modo que a fez, pôde desfazê-la. O mesmo deve ocorrer com todos os outros objetos, tais como roupas, joias etc.?

– Sim, é exatamente isso.

7. A caixa de rapé parecia ser tão real que a senhora teve a ilusão de que era uma tabaqueira material. O Espírito poderia torná-la tangível para ela?

– Poderia.

8. Se a senhora quisesse, ela poderia pegar a caixa de rapé nas mãos, com a certeza de que estava segurando uma tabaqueira de verdade?

– Sim.

9. Se ela abrisse a caixa, teria encontrado rapé no seu interior? E se

aspirasse, teria espirrado?

– Sim.

10. Então o Espírito pode dar ao objeto não somente a forma, mas também as suas propriedades especiais?

– Sim, se ele assim o quiser. Foi com base nesse princípio que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Os homens estão longe de suspeitar a poderosa ação que o Espírito exerce sobre a matéria, conforme eu disse há pouco.

11. Suponhamos que o Espírito quisesse fazer uma substância venenosa. Se uma pessoa a tomasse, ficaria envenenada?

– O Espírito pode fazer uma substância venenosa, mas não o faz, porque isso não lhe é permitido.

12. Poderia fazer uma substância salutar para curar uma doença? Alguma vez isso já ocorreu?

– Sim, muitas vezes.

13. Poderia fazer uma substância que alimentasse? Uma fruta, uma comida qualquer? E se uma pessoa comesse, ficaria saciada?

– Sim, ficaria. Mas não procure tanto para achar aquilo que é tão fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis, aos seus órgãos grosseiros, essas partículas materiais que enchem o espaço em que os homens vivem. Você não sabe que o ar contém vapor d'água? Se as partículas que compõem o vapor forem condensadas, elas voltarão ao seu estado normal, ou seja, água. Se essas moléculas impalpáveis e invisíveis forem privadas de calor, elas se tornarão um corpo sólido, ou melhor, formarão gelo. Existem ainda muitas outras substâncias, das quais os químicos tirarão maravilhas ainda mais surpreendentes. Acontece que os Espíritos dispõem de instrumentos mais perfeitos do que os seus; são eles: a “vontade” e a “permissão de Deus”.

*Comentário de Kardec: A questão da **saciedade** é muito importante neste caso. Como uma substância pode produzir a saciedade, se a sua existência e*

propriedades são apenas temporárias? O que ocorre é que essa substância, em contato com o estômago, produz a “sensação” da saciedade, mas não aquela saciedade que resulta de uma refeição farta.

Se uma substância dessa natureza pode agir sobre o organismo e modificar um estado doentio, também pode agir sobre o estômago e produzir nele a sensação de saciedade. Pedimos aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes para que não se sintam enciumados e nem acreditem que os Espíritos venham lhes fazer concorrência. Esses casos são raros, excepcionais, e nunca dependem apenas da vontade das pessoas em consegui-los. Porque, se não fosse assim, todos se alimentariam e curariam suas doenças de forma bem barata.

Observação

Saciedade – Matar a fome ou a sede; satisfazer o apetite; ficar farto.

14. Os objetos que se tornam tangíveis pela vontade do Espírito poderiam ter um caráter permanente e estável e serem utilizados como se fossem objetos comuns?

– Poderiam, mas isso não acontece, porque está fora das Leis.

15. Todos os Espíritos possuem, no mesmo grau, a capacidade de produzir objetos tangíveis?

– Quanto mais elevado for o Espírito, mais facilmente ele consegue produzir esses objetos. Mas, ainda aqui, tudo depende das circunstâncias; os Espíritos inferiores também podem ter esse poder.

16. O Espírito sabe exatamente como produz as suas roupas ou os objetos, cuja aparência ele torna visível?

– Não. Muitas vezes, ele compõe todas essas coisas por uma ação instintiva, que ele mesmo não compreende, se não estiver bastante esclarecido para isso.

17. Uma vez que o Espírito pode extrair do fluido cósmico universal os materiais para fazer todas essas coisas e dar-lhes uma realidade

temporária, com as propriedades que lhes são características, também pode retirar desse fluido o que for necessário para escrever, possibilidade que nos daria a explicação para o fenômeno da “escrita direta”?

– Até que enfim, você chegou aonde queria!

Comentário de Kardec: Realmente, era aí que queríamos chegar com todas as perguntas feitas anteriormente. A resposta prova que o Espírito leu o nosso pensamento.

18. Se a matéria de que o Espírito se serve é inconstante, ou melhor, tem existência temporária, por que os traços da escrita direta não desaparecem?

– Não tire conclusões precipitadas. Eu não empreguei o termo “nunca”. A caixa de rapé é um objeto material volumoso, ao passo que na escrita direta são sinais escritos que é útil conservar e eles se conservam. O que eu quis dizer é que os objetos que os Espíritos compõem não poderiam tornar-se objetos de uso comum, porque neles não existe a agregação da matéria, como existe nos seus corpos sólidos.

129. A teoria acima pode ser resumida assim: o Espírito age sobre a matéria e retira da matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, de acordo com a sua vontade, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos que existem na Terra. Pela ação da sua vontade, o Espírito também pode agir sobre matéria elementar e conseguir uma transformação íntima, que lhe conceda determinadas propriedades.

Essa faculdade faz parte da natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando isso é necessário, sem nada perceber. Os objetos que o Espírito forma têm uma existência temporária e estão subordinados à sua vontade ou a uma necessidade qualquer de sua parte. Ele pode fazê-los e desfazê-los à vontade.

Em certos casos, esses objetos possuem, para as pessoas vivas, todas as

aparências da realidade, ou seja, tornam-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. Trata-se de uma “formação” e não de uma “criação”, uma vez que do nada o Espírito não pode tirar coisa alguma.

130. Hoje, a existência de uma matéria elementar única está praticamente admitida pela Ciência e confirmada pelos Espíritos, conforme acabamos de ver. Essa matéria dá origem a todos os corpos que estão na Natureza e, pelas transformações que sofre, produz também as diversas propriedades desses mesmos corpos. É assim que uma substância salutar pode se tornar venenosa, por efeito de uma simples modificação. A Química nos oferece inúmeros exemplos a esse respeito.

Todos sabem que duas substâncias inofensivas, combinadas em certas proporções, podem dar origem a uma terceira que seja venenosa. A água é formada por duas partes de hidrogênio e uma de oxigênio, ambas inofensivas; se acrescentarmos um átomo de oxigênio, teremos um **líquido corrosivo**. Muitas vezes, mesmo sem mudar as proporções, uma simples alteração no modo de agregação molecular já basta para modificar as propriedades. É assim que um corpo opaco pode se tornar transparente e vice-versa.

Uma vez que o Espírito pode exercer uma ação tão poderosa sobre a matéria elementar, utilizando apenas a sua vontade, entendemos que ele possa não apenas formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, usando como “elemento reativo” a própria vontade.

Observação

Líquido corrosivo – H_2O_2 : Peróxido de hidrogênio, ou melhor, água oxigenada.

131. Esta teoria nos dá a solução para um fato bem conhecido do magnetismo, mas até hoje não explicado. Trata-se da mudança das propriedades da água pela ação da vontade. O Espírito que age é o Espírito do magnetizador, quase sempre auxiliado por outro Espírito desencarnado.

O magnetizador opera uma **transmutação** por meio do seu fluido magnético, que, como já dissemos, é a substância que mais se aproxima da matéria cósmica ou do fluido cósmico universal. Ora, se o Espírito do magnetizador pode produzir uma modificação nas propriedades da água, também pode produzir um fenômeno semelhante com os fluidos que estão no organismo de uma pessoa. Daí resulta o efeito curativo da ação magnética, quando conduzida de modo apropriado.

Sabemos do papel fundamental que desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Mas como explicar a ação material de um agente tão sutil como a vontade? A vontade não é um “ser”, uma substância qualquer, não é nem mesmo uma propriedade da matéria mais etérea que existe. A vontade é um atributo essencial do Espírito, ou melhor, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, chamada vontade, o magnetizador age sobre a matéria elementar, que em seguida reage sobre os seus componentes, possibilitando assim a transformação de suas propriedades íntimas.

A vontade está presente tanto no Espírito encarnado quanto no Espírito desencarnado. É por isso que o poder do magnetizador está na razão direta da sua força de vontade. Assim como o Espírito encarnado pode agir sobre a matéria elementar, também pode, dentro de certos limites, modificar as suas propriedades. É desse modo que se explica a faculdade de curar pelo contato e pela imposição das mãos; faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado. (Ver o Capítulo 14, “Médiuns”, item nº 7, “Médiuns curadores”. Ver também, na *Revista Espírita* de julho de 1859, os artigos: “O zuavo de magenta” e “Um oficial do exército da Itália”.)

Observação

Transmutação – Transformação de um elemento químico em outro; metamorfose, mudança, transformação.

CAPÍTULO 9

LUGARES ASSOMBRADOS

132. As manifestações espontâneas, que se produzem desde todos os tempos, bem como a insistência de alguns Espíritos em dar sinais ostensivos da sua presença em certos locais, constituem a origem da crença nos lugares mal-assombrados. As respostas seguintes foram dadas às perguntas que fizemos aos Espíritos sobre este assunto:

1. Os Espíritos se apegam somente às pessoas ou também às coisas?

– Depende da elevação em que cada um se encontra. Alguns Espíritos podem se apegar a objetos terrenos. Os avaros, por exemplo, que esconderam os seus tesouros e que ainda não estão suficientemente desmaterializados, podem ainda continuar a vigiá-los e guardá-los.

2. Os Espíritos desencarnados têm predileção por alguns lugares?

– O princípio continua sendo o mesmo. Os Espíritos que não estão mais apegados às coisas da Terra vão para os lugares onde podem encontrar as pessoas com quem têm mais afinidade. Assim, são atraídos para esses lugares, mais pelas pessoas do que pelos objetos materiais. Entretanto, existem aqueles que têm, durante certo período, preferência por determinados lugares. Mas esses são sempre Espíritos inferiores.

3. Se o apego dos Espíritos por um determinado lugar representa um sinal de inferioridade, isso não indica também que eles são Espíritos maus?

– Certamente que não. Um Espírito pode ser pouco adiantado, sem ter a necessidade de ser mau. O mesmo não acontece entre os homens?

4. A crença de que os Espíritos frequentam de preferência as ruínas possui algum fundamento?

– Nenhum. Os Espíritos vão a esses lugares como vão a qualquer outro. A

imaginação dos homens, alimentada pelo aspecto sombrio de certos lugares, atribui aos Espíritos efeitos que, na maioria das vezes, são efeitos totalmente naturais. Quantas vezes o medo não faz com que uma pessoa confunda a sombra de uma árvore com um fantasma, o grito de um animal ou o sopro do vento com uma alma do outro mundo? Os Espíritos gostam da presença dos homens e é por isso que preferem os lugares habitados ao invés dos lugares isolados.

4a. Entre os Espíritos existe uma diversidade muito grande de caráter. Não pode haver entre eles os *misanthropos*, ou seja, aqueles que preferem a solidão?

– Foi por isso que não respondi à pergunta de uma maneira absoluta. Eu disse que eles podem ir aos lugares desertos, assim como vão a toda parte. É evidente que, se alguns permanecem isolados, é porque isso lhes agrada; mas esse fato não é motivo para que eles tenham predileção pelas ruínas. Os Espíritos estão em muito maior número nas cidades e nos palácios do que no interior dos bosques.

Observação

Misantropo – Pessoa que tem aversão à sociedade dos homens; é alguém que está profundamente desapontado com a Humanidade de uma forma geral e que, por esse motivo, prefere viver na solidão.

5. Em geral, as crenças populares possuem um “fundo de verdade”. Qual pode ter sido a origem da crença em lugares mal-assombrados?

– No caso dos lugares mal-assombrados, o fundo de verdade está na manifestação dos Espíritos, na qual o homem sempre acreditou, desde o início dos tempos e de modo instintivo. Mas, conforme já disse antes, o aspecto sombrio de determinados lugares desperta a sua imaginação e o leva naturalmente a colocar nesses lugares os seres que ele considera sobrenaturais.

Essa crença supersticiosa é alimentada pela obra de alguns poetas e pelos

contos fantásticos que embalam a infância dos homens.

6. Os Espíritos têm preferência por determinados dias e horas para se reunirem?

– Não. Os dias e as horas são medidas de tempo utilizadas pelos homens. Os Espíritos não têm necessidade desse controle e também não se preocupam com isso.

7. De onde surgiu a crença de que os Espíritos aparecem de preferência à noite?

– Surgiu da impressão que o escuro e o silêncio produzem na imaginação das pessoas. Todas essas crenças são superstições que o conhecimento racional do Espiritismo destruirá. O mesmo acontece com os dias e com as horas que muitos julgam lhes serem mais favoráveis. Fiquem certos de que a influência da meia-noite jamais existiu, a não ser nos contos.

7a. Sendo assim, por que alguns Espíritos anunciam a sua chegada e a sua manifestação em hora e dia determinados, como na sexta-feira, por exemplo?

– São Espíritos que se aproveitam da credulidade dos homens para se divertirem. É pela mesma razão que uns dizem ser o diabo ou dão a si mesmos nomes infernais. Mostrem que vocês não são tolos e eles não voltarão mais.

8. Os Espíritos preferem frequentar os túmulos onde repousam os seus corpos?

– O corpo é apenas uma vestimenta. Os Espíritos não sentem nenhuma atração pelo corpo que os fez sofrer, assim como o prisioneiro não sente atração pelas algemas que usou. A lembrança das pessoas que lhes são queridas é a única coisa para as quais eles dão valor.

8a. As preces que fazemos junto aos seus túmulos lhes agrada mais do que as preces que são feitas em outros lugares?

– A prece é uma evocação que atrai os Espíritos. Quanto mais fervorosa e sincera ela for, maior será a sua ação. Diante de um túmulo, onde está um ente querido, as pessoas se concentram com mais facilidade do que em outros

lugares. A conservação de relíquias que o falecido estimava é um testemunho de afeição que se dá ao Espírito, ao qual ele nunca deixa de ser sensível.

É sempre o pensamento que atua sobre o Espírito, e não os objetos materiais. Esses objetos, por fixarem melhor a atenção dos encarnados, exercem mais influência sobre aquele que ora, do que sobre o Espírito.

9. Diante disso, a crença em lugares mal-assombrados parece não ser totalmente falsa?

– Alguns Espíritos podem ser atraídos por coisas materiais e também por certos lugares que eles escolhem como domicílio. Assim, eles permanecem nesses lugares até que desapareçam as circunstâncias que os faziam ficar lá.

9a. Quais são as circunstâncias que fazem com que os Espíritos busquem esses lugares?

– A simpatia por algumas das pessoas que frequentam o lugar ou o desejo de se comunicar com elas. Entretanto, suas intenções nem sempre são tão louváveis. Quando são Espíritos maus, podem querer vingar-se de certas pessoas das quais guardam rancor. A permanência em determinado lugar também pode ser, para alguns Espíritos, uma punição que lhes é imposta, principalmente se nesse lugar eles cometeram um crime; permanecem lá, a fim de que tenham constantemente a visão do crime diante de seus olhos. (Ver *Revista Espírita* de fevereiro de 1860, “História de um Danado”.)

10. Os lugares mal-assombrados são sempre assombrados por seus antigos moradores?

– Algumas vezes, sim; mas nem sempre. Se o antigo morador for um Espírito elevado, não se preocupa mais com a sua habitação terrena e nem com o seu corpo. Os Espíritos que assombram certos lugares quase sempre o fazem por mero capricho, a menos que sejam atraídos pela simpatia a determinadas pessoas.

10a. Os Espíritos podem permanecer em um determinado local para proteger uma pessoa ou a própria família?

– Certamente, se forem Espíritos bons. Mas, nesse caso, nunca

manifestam a sua presença por meios desagradáveis.

11. A história da Dama Branca é real?

– É apenas um conto, extraído de mil fatos que realmente aconteceram.

Observação

A **Dama Branca** é uma lenda muito difundida na Escócia e na Alemanha. Trata-se de uma figura mitológica que aparece em diversas lendas populares.

12. Os homens devem temer os lugares assombrados pelos Espíritos?

– Não. Os Espíritos que assombram certos lugares querem antes se divertir à custa da credulidade e da covardia das pessoas, do que efetivamente lhes fazer mal. Lembrem-se de que existem Espíritos por toda parte e que eles estão sempre ao lado dos encarnados, mesmo nas casas mais tranquilas. Eles assombram apenas as casas onde encontram a oportunidade de manifestar a sua presença.

13. Existe algum meio de expulsar esses Espíritos?

– Sim, mas dependendo do que se faz para afastá-los, pode-se atraí-los ainda mais. O melhor meio de afastar os maus Espíritos é atrair os bons. Atraíam os bons Espíritos, fazendo todo o bem que puderem, e os maus irão embora, porque o bem e o mal são incompatíveis. Sejam sempre bons e terão somente bons Espíritos ao seu lado.

13a. Entretanto, existem pessoas muito boas que vivem às voltas com as estripulias dos maus Espíritos, por quê?

– Se essas pessoas são realmente boas, isso pode ser uma prova para exercitar a sua paciência e estimulá-las a se tornarem ainda melhores. Porém, não acreditem que as pessoas que vivem falando das virtudes sejam aquelas que mais as possuem. Aquele que possui qualidades reais quase sempre as ignora ou nunca fala a respeito.

14. O que se deve pensar da eficácia do exorcismo para expulsar os maus Espíritos dos lugares mal-assombrados?

– Alguma vez você viu essa atitude dar certo? Ao contrário, as estripulias aumentam de intensidade depois das cerimônias de exorcismo, ainda não percebeu? Isso acontece porque os Espíritos se divertem ao serem confundidos com o diabo.

Os Espíritos que não possuem más intenções também podem manifestar a sua presença por meio de ruídos e até mesmo se tornarem visíveis, mas nada fazem para incomodar. Muitas vezes, são Espíritos sofredores, e uma prece em seu favor pode lhes aliviar o sofrimento; outras vezes, são Espíritos benfeitores que querem demonstrar a sua presença, ou, então, Espíritos levianos que querem brincar.

Como quase sempre os que perturbam o repouso são Espíritos que se divertem, o melhor que se tem a fazer é rir de suas brincadeiras. Eles se afastam ao ver que não conseguem amedrontar nem impacientar ninguém. (Ver Capítulo 5, “Manifestações físicas espontâneas”.)

Com base nas explicações acima, concluímos que existem Espíritos que se apegam a determinados lugares, preferindo permanecer neles, mesmo que não tenham necessidade de manifestar a sua presença por meio de efeitos sensíveis. Qualquer lugar pode servir de morada obrigatória ou predileta para um Espírito, mesmo que ele seja mau, sem que isso implique na produção de alguma manifestação por parte dele.

Os Espíritos que se apegam a determinados locais, ou a certas coisas materiais, nunca são Espíritos superiores. Mas, mesmo não sendo Espíritos superiores, não significa que eles tenham que ser maus ou possuam más intenções. Com frequência, são companheiros mais úteis do que prejudiciais, uma vez que podem proteger as pessoas pelas quais se interessam.

CAPÍTULO 10

NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

- **COMUNICAÇÕES GROSSEIRAS**
 - **COMUNICAÇÕES FÚTEIS**
 - **COMUNICAÇÕES SÉRIAS**
- **COMUNICAÇÕES INSTRUTIVAS**

133. Dissemos que todo efeito que tem na sua origem um ato de livre vontade, por mais insignificante que seja, revela uma causa inteligente. Assim, o simples movimento de uma mesa que responda ao nosso pensamento, ou que apresente uma ação independente, pode ser considerado uma manifestação inteligente. Se o resultado se limitasse a isso, o nosso interesse sobre o assunto teria sido muito pequeno. Entretanto, já teríamos uma prova de que, nesses fenômenos, existe mais do que uma simples ação material.

A utilidade prática que poderíamos tirar desse fenômeno seria nula ou muito restrita. Mas tudo se modifica quando essa inteligência se desenvolve, permitindo uma troca regular e contínua de ideias. Nesse caso, já não se trata mais de simples manifestações inteligentes, mas de verdadeiras comunicações. Os meios de que dispomos hoje nos permitem obter essas comunicações tão extensas, tão claras e tão rápidas como as que mantemos com os homens.

A Escala Espírita (Ver *O Livro dos Espíritos*, perguntas nº100 e seguintes) nos mostra a variedade infinita que existe entre os Espíritos, no que diz respeito à inteligência e à moralidade. Desse modo, podemos entender com facilidade as diferenças existentes em suas comunicações. Essas diferenças refletem a elevação ou a inferioridade de suas ideias, de seu saber ou de sua ignorância, de seus vícios e de suas virtudes. Por isso, essas comunicações assemelham-se às que existem entre os homens, desde o selvagem até o sábio mais esclarecido.

As comunicações dos Espíritos podem ser agrupadas em quatro categorias

principais, de acordo com as suas características mais acentuadas; são elas: grosseiras, fúteis, sérias ou instrutivas.

COMUNICAÇÕES GROSSEIRAS

134. São todas aquelas que ferem o decoro e chocam as pessoas. Elas provêm de Espíritos de baixo nível, ainda envolvidos com todas as impurezas da matéria, e em nada diferem das comunicações dadas por homens viciosos e grosseiros. Elas repugnam a todos aqueles que têm um mínimo de sensibilidade. Conforme o caráter do Espírito, essas comunicações podem ser vulgares, abomináveis, obscenas, arrogantes, venenosas e até mesmo desestimular a fé.

COMUNICAÇÕES FÚTEIS

135. Provêm de Espíritos levianos, zombeteiros ou brincalhões, mais maliciosos do que maus, e que não dão a menor importância ao que dizem. Por não serem maliciosas, essas comunicações agradam a certas pessoas, que com elas se divertem, uma vez que encontram satisfação nas conversas fúteis, em que muito se fala e nada se diz.

Às vezes, esses Espíritos têm tiradas espirituosas e mordazes, porque, em meio a brincadeiras banais, eles dizem duras verdades, que quase sempre ferem por serem rigorosamente corretas. Os Espíritos levianos vivem ao nosso redor e se aproveitam de todas as ocasiões para se intrometerem nas comunicações. Como a verdade é a menor de suas preocupações, eles sentem um malicioso prazer em enganar aqueles que têm a fraqueza e mesmo a soberba de acreditar em suas palavras.

As pessoas que gostam desse tipo de comunicações dão, naturalmente, acesso aos Espíritos levianos e mentirosos. Os Espíritos sérios se afastam dessas pessoas, do mesmo modo que os homens sérios se afastam das criaturas inconvenientes.

COMUNICAÇÕES SÉRIAS

136. São as que tratam de assuntos importantes e de maneira séria. Toda comunicação que exclui a futilidade, a grosseria, e que tem um objetivo útil, mesmo que seja de interesse particular, é considerada séria. Mas isso não significa que ela esteja isenta de erros, porque nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos. Existem muitas coisas que eles ignoram e sobre as quais podem se enganar de boa-fé. É por isso que os Espíritos superiores sempre nos recomendam submeter todas as comunicações ao controle da razão e da lógica mais rigorosa.

Portanto, é preciso distinguir as comunicações “verdadeiramente sérias” das comunicações “aparentemente sérias”, o que nem sempre é fácil. Os Espíritos presunçosos ou pseudossábios usam uma linguagem pretensiosamente superior e rebuscada para fazer prevalecer as ideias mais falsas e os sistemas mais absurdos. Para conseguir maior credibilidade e importância, esses Espíritos não têm o menor escrúpulo em utilizar os nomes mais respeitados e até mesmo os mais venerados.

Saber distinguir essas falsas comunicações é uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Voltaremos a essa questão mais tarde, analisando todas as possibilidades que um assunto tão importante requer. Também vamos fornecer os meios de se prevenir contra o perigo das falsas comunicações.

COMUNICAÇÕES INSTRUTIVAS

137. São comunicações sérias, que têm como principal objetivo um ensinamento qualquer, dado pelos Espíritos, sobre as Ciências, a Moral, a Filosofia etc. Esses ensinamentos são mais ou menos profundos, conforme o grau de elevação e de desmaterialização do Espírito. Para que essas comunicações possam ser aproveitadas de uma maneira útil e real, é preciso que elas sejam regulares e acompanhadas com perseverança.

Os Espíritos sérios juntam-se com as pessoas que desejam aprender e as ajudam em seus esforços, enquanto deixam para os Espíritos levianos a tarefa de divertirem os que só veem nas comunicações espíritas uma forma de distração passageira. É somente pela regularidade e pela frequência dessas comunicações que podemos apreciar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais nos comunicamos, assim como o grau de confiança que eles nos merecem. Ora, se para julgar os homens é preciso experiência, muito mais ela é necessária para julgar os Espíritos.

Qualificando essas comunicações de instrutivas, supomos que elas sejam verdadeiras, porque aquilo que não for *verdadeiro* não pode ser *instrutivo*, mesmo que seja dito na linguagem mais imponente. Sendo assim, não podemos incluir na categoria das “comunicações instrutivas” certos ensinamentos que, de sério, têm apenas a aparência. Muitas vezes, é por meio dessa aparência pomposa e enérgica que os Espíritos mais presunçosos do que sábios procuram iludir aqueles que recebem essas comunicações.

Esses Espíritos, não podendo suprir o próprio vazio, não conseguem sustentar por muito tempo o papel que procuram desempenhar. Assim, logo se traem e revelam o seu lado fraco, mesmo que as suas comunicações tenham pouca sequência; também revelam a sua fraqueza quando deles exigimos explicações que sejam claras e autênticas.

138. Os meios de comunicação com os Espíritos são muito variados.

Agindo sobre os nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, os Espíritos podem se manifestar à nossa visão por meio das aparições; ao nosso tato, pelas impressões tangíveis, ocultas ou visíveis; à nossa audição, pelos ruídos; ao nosso olfato, por meio de odores sem causa conhecida.

O modo de manifestação pelo olfato, ainda que muito real, é indiscutivelmente o mais inseguro, em virtude das inúmeras causas que podem induzir ao erro. Por isso, não nos deteremos nessa manifestação. O que devemos examinar com cuidado são os diversos meios utilizados para se obterem as comunicações com os Espíritos, ou melhor, uma troca regular e contínua de ideias. Esses meios são: as pancadas, a palavra e a escrita. Nós os estudaremos em capítulos especiais.

CAPÍTULO 11

SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

- LINGUAGEM DOS SINAIS E DAS PANCADAS
- TIPTOLOGIA ALFABÉTICA

LINGUAGEM DOS SINAIS E DAS PANCADAS

139. As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas por meio de pancadas, ou melhor, da **tiptologia**. Esse meio primitivo de comunicação era o despertar do processo e oferecia apenas recursos bastante limitados. As comunicações ficavam reduzidas a respostas monossilábicas: sim ou não; de acordo com um número convencional de pancadas. Mais tarde, conforme já dissemos, esse método foi aperfeiçoado.

Para se conseguir as pancadas, geralmente é preciso que o médium possua uma certa aptidão para as manifestações de efeitos físicos. Assim, por meio de médiuns especiais, as pancadas podem ser obtidas das duas maneiras que serão descritas a seguir.

A primeira, que poderíamos chamar de “tiptologia basculante”, consiste no movimento da mesa, que se levanta apenas de um lado e cai batendo com um dos pés. Basta para isso que o médium coloque as mãos sobre a borda da mesa. Antes de o médium se comunicar com um determinado Espírito, é preciso evocá-lo, caso contrário, manifesta-se o primeiro que chegar ou aquele que estiver mais acostumado a comparecer.

Depois de combinado que uma batida significa “sim” e duas significam “não”, ou vice-versa, o que é indiferente, podemos dirigir as perguntas ao Espírito. Mais tarde, veremos quais as perguntas que devem ser evitadas. O inconveniente deste método está em receber respostas breves, concisas, e na

dificuldade de formular a pergunta, de tal forma a receber como resposta um “sim” ou um “não”.

Suponhamos que se pergunte ao Espírito: O que você deseja? Ele só poderia responder a essa pergunta utilizando uma frase. Então, é preciso perguntar: você deseja isso? Não. Deseja aquilo? Sim. E assim por diante.

Observação

Tiptologia – Linguagem das pancadas; é a forma de comunicação dos Espíritos, obtida por intermédio de pancadas sucessivas.

140. É interessante notar que, quando se emprega o método da tiptologia, o Espírito usa também uma espécie de mímica, ou seja, ele manifesta a energia da afirmação ou da negação pela força das pancadas. Exprime, assim, a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, por meio de movimentos bruscos; a cólera e a impaciência, por meio de pancadas fortes e repetidas, como alguém que bate os pés com raiva, chegando às vezes a jogar a mesa no chão.

Se for um Espírito amável e delicado, ele inclina a mesa no início e no fim da sessão, como se estivesse saudando alguém. Se quiser se dirigir diretamente a um dos assistentes, ele move a mesa em sua direção com brandura ou violência, conforme queira demonstrar afeição ou antipatia. Essa é, propriamente falando, a “**sematologia**”, ou a “linguagem dos sinais”, assim como a “tiptologia” é a “linguagem das pancadas”.

Eis um exemplo notável do emprego espontâneo da sematologia:

Um senhor, do nosso círculo de amizades, estava um dia em sua sala de visitas, onde muitas pessoas faziam experiências com as manifestações espíritas, quando recebeu uma carta que lhe enviamos. Enquanto ele lia a carta, a mesinha de três pés, que servia para as experiências, veio subitamente e colocou-se ao seu lado. Concluída a leitura da carta, ele a colocou sobre uma outra mesa, do lado oposto da sala. A mesinha o acompanhou e se dirigiu para

onde estava a carta.

Surpreso com essa coincidência, ele deduziu que existia alguma relação entre a carta recebida e o movimento da mesa. Interrogou o Espírito, que lhe respondeu dizendo ser o nosso Espírito familiar. Quando esse senhor nos informou o que havia ocorrido, perguntamos a esse Espírito por que motivo ele foi visitar o nosso amigo, e a resposta foi a seguinte: “É natural que eu venha ver as pessoas com as quais você está se relacionando, a fim de dar, quando for o caso, a você e a elas, os avisos necessários”.

Portanto, é evidente que o Espírito quis chamar a atenção desse senhor e procurou uma ocasião para mostrar que ele estava lá. Um mudo não teria feito melhor!

Observação

Sematologia – É uma forma de indicar o “pensamento” por meio de símbolos ou sinais. Como divisões da sematologia, podemos enquadrar, entre outras, a linguagem dos sinais e a mímica. Na Doutrina Espírita, a sematologia é utilizada para designar a transmissão do pensamento dos Espíritos por meio de sinais, tais como ruídos, pancadas (tiptologia), movimento de objetos inertes etc.

TIPTOLOGIA ALFABÉTICA

141. A tiptologia não demorou a se aperfeiçoar e se enriqueceu utilizando um meio de comunicação mais completo, ou seja, a “tiptologia alfabética”. Trata-se de uma técnica em que cada letra do alfabeto é indicada por um número de pancadas. Assim, foi possível obter palavras, frases e até discursos inteiros.

De acordo com esse método, a mesa dá tantas pancadas quantas forem necessárias para indicar cada letra, ou melhor, uma pancada para a letra “a”,

duas para a letra “b”, e assim por diante. Enquanto isso, uma pessoa vai escrevendo as letras, à medida que elas vão sendo obtidas pelas pancadas sucessivas. O Espírito indica o fim do ditado, por meio de um sinal previamente combinado.

Como se vê, esse procedimento é muito demorado e exige um longo tempo para se obterem comunicações com uma certa extensão. Mesmo assim, existem pessoas que têm a paciência de utilizar esse método para obter ditados de muitas páginas. Entretanto, a prática encontrou meios para abreviar o processo, o que permitiu trabalhar com mais rapidez.

O meio mais utilizado consiste em dispor sobre a mesa as letras do alfabeto e os números de 0 a 9, indicando as unidades. Com o médium sentado à mesa, uma outra pessoa percorre sucessivamente as letras do alfabeto, se a intenção for obter uma palavra, ou percorre os algarismos, se a intenção for obter um número. Quando a letra que o Espírito escolheu é apontada, a mesa, por si mesma, bate uma pancada e a letra é anotada; depois, a operação é recomeçada para obtenção da segunda letra, da terceira, e assim por diante.

Se houver engano na indicação de alguma letra, o Espírito adverte por meio de várias pancadas repetidas ou de um movimento especial da mesa, e o processo recomeça. Com a prática, isso passa a ser feito com muita rapidez, e o tempo é diminuído, principalmente quando se consegue adivinhar o fim de uma palavra iniciada, cuja dedução é facilitada pelo próprio sentido da frase. Em caso de dúvida, pergunta-se ao Espírito se ele quis utilizar aquela palavra, ao que ele responde com um “sim” ou com um “não”.

142. Todos os processos que acabamos de indicar podem ser obtidos de uma maneira ainda mais simples, por meio de pancadas produzidas na própria madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento. Esse processo já foi descrito no Capítulo 2, “Manifestações físicas”, item nº 64. É a “tiptologia interna”.

Nem todos os médiuns são igualmente aptos a produzir esse tipo de

comunicação. Muitos só obtêm as pancadas pelo movimento basculante da mesa. Entretanto, com o exercício, a maioria consegue operar o fenômeno da tiptologia interna. Esse método tem a vantagem de ser mais rápido e de se prestar menos à desconfiança, pois no “método basculante”, a inclinação da mesa pode ser atribuída à pressão voluntária que os médiuns podem exercer sobre ela.

É bem verdade que as pancadas, no interior da madeira, também podem ser imitadas por médiuns de má-fé. Mas as melhores coisas também podem ser imitadas, o que nada prova contra elas. (Ver Capítulo 28, “Fraudes e mistificações”.)

Quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos que possam ser introduzidos no método da tiptologia, ele jamais poderá atingir a rapidez e a facilidade que apresenta a escrita produzida diretamente pela mão do médium. Essa é a razão pela qual a tiptologia hoje é tão pouco empregada. Mas, mesmo assim, ela é muito interessante quanto ao aspecto do fenômeno em si, principalmente para os novatos, pois ela tem a vantagem de provar, de maneira indiscutível, a absoluta independência que existe entre o Espírito que se manifesta e o pensamento do médium.

Muitas vezes se obtêm, com o método da tiptologia, respostas tão inesperadas, tão surpreendentes, que é preciso uma prevenção muito obstinada, para que os assistentes recusem a evidência do fenômeno. É por isso que o método da tiptologia constitui, para muitas pessoas, um poderoso meio de convicção.

Porém, qualquer que seja o método empregado, os Espíritos não se prestam, de modo algum, ao capricho dos curiosos que desejam experimentá-los por meio de perguntas fora de propósito.

143. Com o objetivo de melhor assegurar a independência do pensamento do médium, imaginaram-se diversos instrumentos em forma de mostradores, sobre os quais são traçadas as letras, parecidos com os usados pelos telégrafos

elétricos. Uma agulha móvel, colocada em movimento pela influência do médium, com a ajuda de um fio condutor e de uma polia, indica as letras.

Conhecemos esses instrumentos apenas por desenhos e descrições publicadas nos Estados Unidos da América. Assim, não podemos nos pronunciar sobre o seu mérito, mas a complicação que demonstram constitui, por si só, um inconveniente.

Acreditamos que a independência entre o Espírito que se manifesta e o médium é perfeitamente comprovada pelas pancadas internas e, principalmente, pelo imprevisto das respostas. Não nos parece que os meios materiais empregados nas comunicações tenham alguma influência. Além disso, os incrédulos, sempre dispostos a ver em todas as coisas armadilhas e preparações, ficam ainda mais inclinados a desconfiar que nesses instrumentos exista um mecanismo especial, do que numa simples mesa desprovida de todo e qualquer acessório.

144. Um aparelho muito simples, mas que foi facilmente abusado pela má-fé, conforme veremos no Capítulo 28, “Fraudes e mistificações”, é o que chamaremos pelo nome de “Mesa Girardin”, em atenção ao uso que dele fazia a Senhora Émile de Girardin, nas numerosas comunicações que obtinha como médium. A Senhora Girardin, apesar de ser uma mulher de personalidade muito forte, tinha a fraqueza de acreditar nos Espíritos e nas suas manifestações...

Esse instrumento consiste num tampo móvel, colocado numa mesinha de centro, com trinta a quarenta centímetros de diâmetro, e que gira livremente sobre o seu eixo, do mesmo modo que uma roleta. Sobre a superfície da mesinha, e acompanhando a sua circunferência, estão dispostas, como se fossem um mostrador de relógio, as “letras do alfabeto”, os “números” e as palavras “sim” e “não”. No centro da mesinha existe uma agulha fixa. Quando o médium coloca os seus dedos na borda do tampo móvel, este gira e para, quando a letra desejada fica sob a agulha. As letras indicadas são anotadas,

formando-se, assim, palavras e frases muito rapidamente.

Convém notar que o tampo móvel da mesinha não desliza sob os “dedos do médium”, porque estes permanecem apoiados no tampo móvel e acompanham o seu movimento. Talvez um médium com muita força mediúnica consiga obter um movimento independente para o tampo móvel, sem que precise acompanhar com os dedos o seu movimento. Embora isso nos pareça possível, nunca presenciamos tal fato. Se a experiência pudesse ser feita, com o tampo da mesinha girando de forma independente, ou melhor, sem os dedos do médium, ela seria muito mais convincente, porque eliminaria toda e qualquer possibilidade de fraude.

145. Resta-nos desfazer um erro muito difundido, e que consiste em confundir os Espíritos que se comunicam por meio de pancadas com os Espíritos batedores. A tiptologia é um meio de comunicação como outro qualquer, e é tão digno dos Espíritos elevados quanto o da escrita ou o da palavra. Todos os Espíritos, bons ou maus, podem servir-se da tiptologia, assim como de todos os outros meios de comunicação existentes.

O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação das suas ideias, e não o instrumento pelo qual eles transmitem essas ideias. Sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e, principalmente, os mais rápidos; mas, na falta de papel e lápis, não hesitam em usar a popular mesa falante. A prova disso é que, por intermédio das mesas falantes, se obtêm as mais sublimes comunicações.

Se não utilizamos esse meio, não é por desprezá-lo, mas apenas porque, como fenômeno, ele já nos ensinou tudo quanto poderíamos aprender e nada mais pode acrescentar às nossas convicções. A quantidade de comunicações que recebemos exige uma rapidez incompatível com a tiptologia.

Assim, nem todos os Espíritos que se manifestam por pancadas são Espíritos batedores. Essa expressão deve ser reservada para aqueles Espíritos a quem podemos chamar de “batedores profissionais” e que, por esse meio, têm

prazer em pregar peças para divertir as pessoas e causar aborrecimentos com os seus atos inconvenientes. Algumas vezes, podemos esperar, da parte deles, coisas espirituosas, mas nunca coisas profundas.

Portanto, seria perder tempo fazer a eles perguntas com algum alcance científico ou filosófico. A ignorância e a inferioridade, que são típicas dos Espíritos batedores, levam os outros Espíritos, com justa razão, a qualificá-los de brincalhões ou palhaços do mundo espiritual. Acrescentamos ainda que, além de agirem por conta própria, com muita frequência, eles servem de instrumentos para os Espíritos superiores, quando estes querem produzir manifestações de efeitos físicos.

CAPÍTULO 12

PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA

PNEUMATOFONIA

- ESCRITA DIRETA
- PNEUMATOFONIA

ESCRITA DIRETA

146. A **pneumatografia** é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. Difere da **psicografia** porque esta é a transmissão do pensamento do Espírito, por meio da escrita produzida pela mão do médium.

O fenômeno da escrita direta é, seguramente, um dos mais extraordinários do Espiritismo. Entretanto, por mais estranho que possa parecer à primeira vista, ele é hoje um fato comprovado e incontestável. Se a teoria é necessária para explicar os fenômenos espíritas em geral, ela é ainda mais necessária para explicar o fenômeno da escrita direta, que é, sem dúvida, uma das manifestações mais estranhas até agora apresentadas. Esse fenômeno deixa de parecer sobrenatural quando compreendemos o princípio sobre o qual ele se fundamenta.

Quando a escrita direta se produziu pela primeira vez, o sentimento dominante foi o de desconfiança. Imediatamente a ideia de fraude veio à mente dos que presenciaram o fenômeno. Isso porque todos conhecem a ação das tintas chamadas “simpáticas”, cujos traços, no começo da escrita, são completamente invisíveis e só aparecem algum tempo depois.

É possível que tenham utilizado esse meio para abusar da credulidade dos assistentes, e não afirmamos que isso jamais tenha ocorrido. Estamos até

convencidos de que algumas pessoas usam meios fraudulentos, seja por interesses mercenários, seja por amor-próprio e para fazer com que os outros acreditem em seus poderes. (Ver Capítulo 28, “Fraudes e mistificações”, item nº 2, “Fraudes espíritas”.)

Mas, pelo fato de se poder imitar uma coisa, seria absurdo concluir que essa coisa não existe. Nestes últimos tempos, não encontraram um meio de imitar a lucidez sonambúlica, a ponto de causar ilusão? Será que, pelo fato de exibirem essa imitação fraudulenta em vários espetáculos, devemos concluir que não existem sonâmbulos verdadeiros? Pelo fato de alguns comerciantes venderem vinho falsificado, devemos concluir que não existe vinho puro?

O mesmo acontece com a escrita direta. Entretanto, as precauções para garantir a sua realidade são muito simples e fáceis. Graças a elas, hoje não se pode ter a menor dúvida a respeito da veracidade desse fenômeno.

Observações

Pneumatografia – É a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem o concurso da mão do médium.

Psicografia – É a escrita produzida pelo Espírito, com o auxílio da mão do médium.

147. Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram, e em todos os tempos produziram os diversos fenômenos que conhecemos hoje, certamente eles também devem ter produzido o fenômeno da escrita direta na Antiguidade, assim como fazem nos dias de hoje.

É desse modo que se pode explicar o aparecimento das três palavras no festim de **Baltazar**. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que foram abafados pelas fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta. Talvez se possa encontrar na teoria das modificações que os Espíritos podem operar na matéria, o fundamento da crença medieval na **transmutação dos**

metais. (A teoria das modificações está desenvolvida no Capítulo 8, “Laboratório do mundo invisível”.)

Quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em épocas anteriores, foi somente depois da popularização das manifestações espíritas que se levou a sério a questão da escrita direta. Ao que parece, a primeira pessoa a torná-la conhecida em Paris, nestes últimos anos, foi o Barão de Guldenstubbe, que publicou uma obra muito interessante sobre o assunto, contendo um grande número de reproduções das escritas que obteve.

O fenômeno já era conhecido nos Estados Unidos da América há algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbe, sua independência, a consideração que desfruta na alta sociedade, afastam qualquer suspeita de fraude intencional, pois nenhum motivo interesseiro poderia movê-lo.

Poderíamos admitir, no máximo, que ele tivesse sido vítima de uma ilusão; mas, em relação a isso, um fato vem a seu favor: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer tipo de fraude ou qualquer coisa que pudesse causar erro.

Observações

Baltazar – Rei da Babilônia. Quando oferecia um grande banquete em seu palácio, foi tomado de pavor, porque surgiram dedos humanos que escreveram três palavras na parede. Em pânico, o rei mandou chamar os sábios de seu reino para que interpretassem a escrita, mas ninguém conseguiu.

Transmutação dos metais – Os alquimistas da Idade Média acreditavam ser possível transformar metais inferiores, como o chumbo, por exemplo, em ouro.

148. A escrita direta, assim com a maioria das manifestações espíritas “não espontâneas”, é obtida por meio do recolhimento, da prece e da evocação. Elas têm ocorrido nas igrejas, sobre os túmulos, junto às estátuas ou retrato das pessoas evocadas. É evidente que o local não exerce a menor influência sobre o

fenômeno, a não ser a de provocar um maior recolhimento espiritual e uma maior concentração dos pensamentos.

Está comprovado que a “escrita direta” pode ser obtida sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, como sobre um simples móvel doméstico, por exemplo. As pessoas interessadas na obtenção desse fenômeno devem possuir as devidas condições morais e, entre elas, estar alguém com a necessária faculdade mediúnica.

No início, acreditou-se ser necessário colocar em algum lugar um lápis com papel, para que o fato pudesse ser mais facilmente explicado. Sabe-se que os Espíritos movem e deslocam os objetos e que os apanham e os atiram longe. Sendo assim, por que eles não poderiam pegar um lápis e utilizá-lo para traçar letras? Uma vez que escrevem, utilizando-se da mão do médium e de uma prancheta, eles poderiam também escrever de maneira direta.

Logo se verificou que a presença do lápis era desnecessária e que bastava um simples pedaço de papel, dobrado ou não, para que em alguns minutos aparecessem letras sobre ele. Com isso, o fenômeno muda completamente de aspecto e nos transporta para uma ordem inteiramente nova de ideias. As letras são escritas com uma substância qualquer. Ora, se ninguém forneceu essa substância ao Espírito, deduz-se que ele próprio a compôs. De onde a tirou? Eis o problema.

Se nos reportarmos às explicações dadas no Capítulo 8, itens nº 127 e 128, vamos encontrar a teoria completa desse fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não utiliza as nossas substâncias nem os nossos instrumentos. Ele mesmo produz a matéria e os instrumentos de que precisa, retirando-os do elemento cósmico universal, que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias para a produção do efeito desejado.

Assim, ele produz o grafite do lápis vermelho, a tinta de impressão tipográfica, a tinta comum, como a do lápis preto, e até mesmo caracteres tipográficos suficientemente duros para darem relevo à escrita, conforme tivemos a ocasião de verificar.

A filha de um senhor que conhecemos, uma menina de uns doze ou treze anos, obteve páginas inteiras escritas com uma substância amarelada parecida com o lápis pastel, uma espécie de lápis de cera.

149. Esse é o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito no Capítulo 7, “Bicorporeidade e Transfiguração”, item nº 116, e sobre o qual tivemos que nos estender, uma vez que nele encontramos a oportunidade de observar uma das Leis mais importantes do Espiritismo; Lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, até mesmo do mundo visível.

É assim que, de um fato aparentemente simples, pode sair a luz. Basta observar com cuidado, e isso todos podem fazer, assim como nós, desde que não se limitem a observar os efeitos, sem procurar as causas. Se a nossa fé se fortalece dia a dia, é porque compreendemos os fenômenos espíritas. Portanto, tratem de compreender, se quiserem conquistar seguidores sérios. A compreensão das causas fornece ainda um outro resultado: o de estabelecer uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Analisando as vantagens que a “escrita direta” pode oferecer, diremos que, até o presente momento, a sua principal utilidade foi a comprovação material de um fato muito importante, ou seja, a intervenção de uma força oculta, que encontra na escrita direta um meio a mais de se manifestar. Entretanto, as comunicações que se obtêm por esse método raramente são extensas. Em geral, são espontâneas e se limitam a palavras, frases e sinais que não se entendem.

A escrita direta tem sido obtida em todas as línguas: em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieróglifos etc. Contudo, ela ainda não se presta a conversações contínuas e rápidas, como permite a psicografia obtida pela mão do médium.

PNEUMATOFONIA

150. Uma vez que os Espíritos podem produzir ruídos e pancadas, também podem fazer com que se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, tanto ao nosso lado, quanto no ar. A este fenômeno damos o nome de **pneumatofonia**.

Pelo que conhecemos da natureza dos Espíritos, podemos compreender que alguns deles, pertencentes a uma ordem inferior, se iludam e acreditem falar da mesma forma que falavam quando estavam vivos. (Ver, na *Revista Espírita* de fevereiro de 1858, a “História do fantasma da senhorita Clarion”.)

Entretanto, é preciso ter cuidado para não tomar por vozes de Espíritos todos os sons que não têm uma causa conhecida, como os zumbidos comuns no ouvido, e, principalmente, não acreditar que exista algo de verdade na crença popular de que, quando o nosso ouvido zune, é porque alguém está falando mal de nós em algum lugar.

Aliás, esses zumbidos, cuja causa é puramente fisiológica, não têm nenhum significado, ao passo que os sons da pneumatofonia exprimem pensamentos, o que nos leva a reconhecer que eles provêm de uma causa inteligente, e não acidental. Podemos estabelecer, como princípio, que os efeitos notoriamente inteligentes são os únicos que podem atestar a intervenção dos Espíritos. Quanto aos outros efeitos, existem pelo menos cem possibilidades contra uma de que sejam devidos a causas acidentais, e não espirituais.

151. Acontece, com muita frequência, quando estamos meio adormecidos, ouvirmos com perfeita nitidez palavras, nomes e, às vezes, até mesmo frases inteiras, ditas com tal intensidade que despertamos sobressaltados. Embora, em alguns casos, se trate realmente de uma manifestação espírita, esse fenômeno nada tem de diferente para que também não possa ser atribuído a uma causa semelhante à que expusemos na teoria da alucinação. (Ver Capítulo 6, “Manifestações visuais”, itens nº 111 e seguintes.)

Além disso, aquilo que escutamos nesse estado de sonolência não possui nenhum significado, ou seja, não existe uma sequência lógica. O mesmo já não

acontece quando estamos completamente acordados, porque, nesse caso, se é um Espírito que se faz ouvir, podemos, quase sempre, trocar ideias com ele e estabelecer uma conversação regular.

Os sons espirituais ou pneumatofônicos se produzem de duas maneiras bem distintas. Às vezes, é uma voz interior que ressoa dentro de nós. Embora as palavras sejam claras e distintas, elas nada têm de material. Outras vezes, as palavras são exteriores e nitidamente articuladas, como se viessem de uma pessoa que estivesse ao nosso lado.

Entretanto, seja qual for a forma com que o fenômeno da pneumatofonia se produza, ele é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.

CAPÍTULO 13

PSICOGRAFIA

PSICOGRAFIA INDIRETA: CESTAS E PRANCHETAS PSICOGRAFIA DIRETA OU MANUAL

PSICOGRAFIA INDIRETA: CESTAS E PRANCHETAS

152. A Ciência Espírita progrediu mais rapidamente do que todas as outras. Somente alguns anos nos separam dos meios primitivos e incompletos, a que comumente se dava o nome de “mesas falantes”. Hoje, podemos nos comunicar com os Espíritos, tão fácil e rapidamente, como os homens o fazem entre si, e utilizando os mesmos meios: a escrita e a palavra.

A escrita tem a vantagem de mostrar, de modo mais evidente, a intervenção de uma força oculta e de deixar traços que podem ser conservados, como fazemos com a nossa própria correspondência. O primeiro meio utilizado foi o das pranchetas e o das cestas equipadas com um lápis. Descreveremos a seguir como esse processo funcionava.

153. Já dissemos que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode imprimir um movimento de rotação a uma mesa ou a um objeto qualquer. Tomemos, em vez de uma mesa, uma pequena cesta de quinze a vinte centímetros de diâmetro (de madeira ou de vime, o material não importa). Passamos um lápis pelo fundo dessa cesta e o prendemos bem, de tal forma que o lápis fique com a ponta para fora da cesta e voltada para baixo; se mantivermos o conjunto assim formado em equilíbrio sobre a ponta do lápis, apoiando este sobre uma folha de papel, e colocarmos os dedos na borda da cesta, esta se colocará em movimento.

Em vez de girar, a pequena mesa conduzirá o lápis sobre o papel em diversos sentidos, traçando letras ou riscos sem significação. Se um Espírito for evocado e quiser se comunicar, ele responderá, não mais por meio de pancadas, como na tiptologia, mas por meio de palavras escritas.

O movimento da cesta já não é mais automático, como no caso das mesas girantes; ele torna-se inteligente. Com esse dispositivo, o lápis, quando chega ao fim do papel, não retorna ao ponto de partida para começar outra linha, ele continua a escrever em círculo, de sorte que a linha escrita forma uma espiral. Assim, é necessário girar o papel várias vezes para ler o que está escrito.

A escrita obtida desse modo nem sempre é muito legível, pois as palavras não ficam separadas. Entretanto, o médium, por uma espécie de intuição, facilmente a decifra. Por uma questão de economia, e para simplificar, o papel e o lápis podem ser substituídos por um quadro-negro e um giz. Chamaremos esse tipo de cesta pelo nome de “cesta-pião”.

Às vezes, em lugar da cesta, utiliza-se uma pequena caixa de papelão, tendo o lápis como eixo, assim como no brinquedo chamado “pião”.

154. Muitos outros dispositivos foram imaginados para a obtenção do mesmo resultado. O mais prático é aquele que chamaremos de “cesta de bico”, que consiste em adaptar-se na cesta uma haste de madeira inclinada, com um prolongamento de dez a quinze centímetros para o lado de fora da cesta, semelhante ao mastro de um veleiro que se lança da proa para frente.

Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, ou bico, passa-se um lápis, suficientemente longo, para que a sua ponta descansa sobre o papel. Quando o médium coloca os dedos sobre a borda da cesta, o aparelho todo se agita e o lápis escreve como no caso anterior, com a diferença de produzir uma escrita mais legível, com palavras separadas e dispostas em linhas paralelas, como na escrita comum, e não mais em espiral, uma vez que o médium pode levar o lápis de uma linha a outra com mais facilidade.

Assim, são obtidas dissertações de diversas páginas, tão rapidamente como

se fossem escritas com a mão.

155. Muitas vezes, a inteligência que se manifesta pode se revelar por outros sinais inconfundíveis. Por exemplo: quando chega ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para virar o papel. Se o Espírito quer se reportar a uma passagem já escrita, na mesma página, ou em outra, ele a procura com a ponta do lápis, assim como faria qualquer pessoa com a ponta do dedo, e depois a sublinha; finalmente, se o Espírito quiser se dirigir a um dos assistentes, a extremidade da haste de madeira, onde o lápis está fixado, se volta para essa pessoa.

Para abreviar, ele frequentemente utiliza as palavras “sim” e “não” através dos sinais de afirmação ou negação, como fazemos com a cabeça. Se ele quer demonstrar contrariedade ou impaciência, dá repetidas pancadas com o lápis, quase sempre lhe quebrando a ponta.

156. Algumas pessoas substituem a cesta por uma espécie de mesa em miniatura, feita para essa finalidade, com doze a quinze centímetros de comprimento, por cinco a seis de altura e três pés, a um dos quais se prende um lápis. Os outros dois pés são arredondados, ou munidos de uma bolinha de marfim, para deslizar mais facilmente sobre o papel.

Outras pessoas utilizam simplesmente uma prancheta de quinze a vinte centímetros quadrados, com a forma triangular, oblonga ou oval. Em uma das bordas existe um furo oblíquo para se colocar o lápis. Colocada em posição de escrever, ela fica inclinada e se apoia por um dos lados no papel. Para facilitar o movimento, às vezes são colocadas duas bolinhas rolantes, no lado em que a prancheta fica apoiada sobre o papel.

Todos esses dispositivos são semelhantes e o melhor é aquele que for mais cômodo. Com qualquer desses aparelhos, quase sempre existe a necessidade de dois operadores. Entretanto, não é necessário que a segunda pessoa seja médium; ela serve apenas para manter o equilíbrio do aparelho e diminuir a

fadiga do médium.

PSICOGRAFIA DIRETA OU MANUAL

157. Chamamos de “psicografia indireta” a psicografia obtida por meio desses aparelhos (cestas, pranchetas, mesas etc.), e de “psicografia direta ou manual” aquela que é obtida pelo próprio médium. Para se compreender a psicografia direta, é preciso saber o que acontece nessa operação.

O Espírito comunicante age sobre o médium, que, sob essa influência, move maquinalmente o braço e a mão para escrever, sem ter a menor consciência do que escreve, pelo menos na maioria dos casos. No outro processo, a mão age sobre a cesta, e esta age sobre o lápis. Assim, não é a cesta que se torna inteligente, ela é apenas um instrumento dirigido por uma inteligência.

Portanto, a cesta não passa de um porta-lápis, de um apêndice da mão, de um intermediário entre a mão e o lápis. Se eliminarmos esse intermediário e colocarmos o lápis diretamente na mão do médium, teremos o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, pois o médium passa a escrever como o faz habitualmente. Dessa forma, toda pessoa que escreve por intermédio de uma cesta, de uma prancheta ou de outro objeto qualquer também pode escrever diretamente.

De todos os meios de comunicação, a “escrita manual”, que alguns chamam de “escrita involuntária”, é, sem dúvida, o mais simples, o mais fácil e o mais cômodo. Ela não requer nenhuma preparação e se presta, como a escrita comum, às dissertações mais extensas. Voltaremos a esse assunto quando tratarmos dos médiuns.

158. No começo das manifestações, quando ninguém tinha ideias precisas

sobre o assunto, muitos escritos foram publicados com este título: “Comunicações de uma cesta, de uma prancheta, de uma mesa” etc. Hoje compreendemos o quanto são impróprias e erradas essas expressões, sem falar do caráter pouco sério que essas publicações trazem.

Como acabamos de ver, as mesas, as pranchetas e as cestas não são instrumentos inteligentes, embora animados momentaneamente por uma vida artificial, pois eles não podem se comunicar sozinhos. Dizer o contrário é confundir a consequência de um ato com a causa que lhe deu origem; é confundir o instrumento utilizado para obter a comunicação com o Espírito, que é o verdadeiro responsável por ela. Seria o mesmo que um autor declarar, no título da sua obra, que ela foi escrita com uma pena metálica ou com uma pena de ganso, ou seja, isso não faria diferença nenhuma.

Aliás, os instrumentos utilizados para que as comunicações sejam obtidas, não são únicos nem exclusivos. Conhecemos médiuns que, em vez da cesta-piã, que já descrevemos, utilizam um funil em cujo gargalo colocam um lápis. Assim, conforme o instrumento utilizado, poderíamos obter comunicações por meio de um funil, por meio de uma caçarola, ou por meio de uma saladeira.

Se as comunicações forem obtidas por meio de pancadas com uma cadeira ou com uma bengala, já não teremos mais uma mesa falante, e sim uma cadeira ou uma bengala falantes. Como se vê, o que importa conhecer não é a natureza do instrumento, mas a maneira como são obtidas as comunicações.

Se a comunicação é obtida por meio da escrita, pouco importa qual seja o suporte do lápis, o que temos é a “psicografia”; se ela é obtida por meio de pancadas, o que temos é a “tiptologia”. O Espiritismo precisa de uma linguagem científica, porque já atingiu as proporções de uma Ciência.

CAPÍTULO 14

MÉDIUNS

- MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS
 - PESSOAS ELÉTRICAS
- MÉDIUNS SENSITIVOS OU IMPRESSIONÁVEIS
 - MÉDIUNS AUDITIVOS
 - MÉDIUNS FALANTES
 - MÉDIUNS VIDENTES
 - MÉDIUNS SONÂMBULOS
 - MÉDIUNS CURADORES
- MÉDIUNS PNEUMATÓGRAFOS

159. Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade faz parte das pessoas e por isso não constitui privilégio exclusivo de ninguém, sendo raras as pessoas que não a possuem, pelo menos em estado rudimentar. Assim, podemos dizer que todos são médiuns, em maior ou menor grau.

Entretanto, na prática, a qualificação de médium se aplica apenas às pessoas em quem a faculdade mediúnica se apresenta bem caracterizada e se traduz por efeitos claramente manifestados; esses efeitos devem ter uma certa intensidade, o que depende de um organismo mais ou menos sensível.

Além disso, é preciso notar que essa faculdade não se revela da mesma maneira em todos os sensitivos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para determinados tipos de fenômenos, o que faz com que existam tantos tipos de médiuns quanto são as espécies de manifestações. Os principais tipos de médiuns são: médiuns de efeitos físicos; médiuns sensitivos ou impressionáveis; médiuns auditivos; médiuns falantes; médiuns videntes; médiuns sonâmbulos; médiuns curadores; médiuns pneumatógrafos; médiuns escreventes ou psicógrafos.

MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS

160. Os médiuns de efeitos físicos são especialmente aptos a produzir os fenômenos materiais, tais como o movimento dos corpos inertes, os ruídos etc. Podem ser divididos em “médiuns conscientes” e “médiuns involuntários ou naturais”. (Ver a 2ª Parte, Capítulos 2 e 4, “Manifestações físicas” e “Teoria das manifestações físicas”.)

Os “médiuns conscientes” são os que têm a consciência da sua mediunidade e produzem os fenômenos espíritos por um ato da sua própria vontade. Essa faculdade, mesmo fazendo parte da espécie humana, conforme já dissemos, está longe de existir em todos com a mesma intensidade. Entretanto, se as pessoas que não a possuem são poucas, ou nas quais essa faculdade é absolutamente nula, mais raras ainda são aquelas que produzem os grandes efeitos, tais como a suspensão de corpos pesados no espaço, o transporte através do ar e, sobretudo, as aparições.

Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto e as pancadas produzidas pelo levantamento desse objeto ou dadas interiormente na sua própria estrutura. Mesmo sem dar importância demasiada a esses fenômenos, recomendamos que eles não sejam desprezados, porque deles podemos retirar observações interessantes que irão contribuir para formar a convicção das pessoas que os observam.

Porém, convém notar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente se manifesta entre aqueles que dispõem de meios mais perfeitos de comunicação, como a escrita e a palavra. Em geral, a faculdade mediúnica diminui num sentido à medida que se desenvolve em outro.

161. Os “médiuns involuntários ou naturais” são aqueles em que a mediunidade se exerce sem que eles saibam. Eles não têm consciência da mediunidade que possuem e, muitas vezes, o que acontece de anormal em torno deles não lhes parece de modo algum extraordinário.

Essas coisas fazem parte da sua própria natureza, exatamente como acontece com as pessoas que possuem a segunda vista e nem sequer suspeitam. Esses médiuns são dignos de observação e não devemos descuidar de anotar e estudar os fatos desse tipo de mediunidade que possam chegar ao nosso conhecimento. Os médiuns involuntários se manifestam em todas as idades e, com frequência, em crianças ainda pequenas. (Ver Capítulo 5, “Manifestações físicas espontâneas”.)

Essa faculdade não é, por si mesma, indício de um estado patológico, visto que ela não é incompatível com uma saúde perfeita. Se a pessoa que possui a mediunidade de efeitos físicos é doente, isso se deve a uma outra causa. Aliás, os meios terapêuticos empregados são impotentes para fazer essa faculdade desaparecer.

Em alguns casos, ela pode se manifestar depois de uma certa fraqueza orgânica, embora nunca seja a sua causa determinante. Portanto, não é razoável fazer dessa mediunidade um motivo de inquietação, no que se refere à saúde orgânica. Ela apenas pode causar algum problema se a pessoa, tornando-se “médium consciente”, abusar dela. Nesse caso, pode ocorrer uma excessiva emissão de fluido vital (ectoplasma), com o conseqüente enfraquecimento do organismo.

162. A razão se revolta com a lembrança das torturas morais e físicas a que a Ciência submeteu alguns médiuns, que são pessoas fracas e delicadas, para ter a certeza de que eles não estavam praticando fraudes. Essas torturas morais e físicas, feitas maldosamente na maioria das vezes, são sempre prejudiciais aos organismos sensitivos dos médiuns, podendo acarretar graves prejuízos à sua saúde orgânica.

Fazer semelhantes torturas é brincar com a vida. O observador de boa-fé não precisa empregar esses meios. Aquele que está familiarizado com os fenômenos de efeitos físicos sabe que eles são mais de ordem moral do que de ordem física e que seria inútil procurar solução nas nossas ciências exatas.

Justamente porque esses fenômenos pertencem mais à ordem moral, é que se deve evitar, com extremo cuidado, tudo o que possa superexcitar a imaginação. Sabe-se dos traumas que o medo pode causar e o homem cometeria menos imprudências se conhecesse todos os casos de loucura e de neurose provocados pelos contos de lobisomem e de bichos-papões.

Agora, imaginem o que não acontece quando se convence a todos de que tudo isso é obra do diabo? Aqueles que alimentam ou propagam semelhantes ideias não sabem a responsabilidade que assumem: eles podem matar! Ora, o perigo não existe apenas para o médium, mas também para os que o cercam, pois eles podem ficar aterrorizados, com a ideia de que a sua casa se tornou um antro de demônios.

Foi essa crença funesta que produziu tantos atos de atrocidade nos tempos em que a ignorância dominava. Entretanto, bastaria um pouco mais de discernimento, para que as pessoas compreendessem que, ao queimar o corpo, supostamente possuído pelo diabo, não queimavam o diabo. Uma vez que queriam livrar-se do diabo, era o diabo que deviam matar.

A Doutrina Espírita, ao nos esclarecer sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, matou a crença que existia no diabo, deu-lhe o golpe de misericórdia. Portanto, longe de alimentar tal ideia, todos devem, por um dever moral e humanitário, combater essa crença onde quer que ela apareça.

O que se deve fazer, quando a mediunidade de efeitos físicos se desenvolve espontaneamente em uma pessoa, é deixar que o fenômeno siga o seu curso natural: a Natureza é mais sábia do que os homens. A Providência tem os seus planos e a mais humilde das criaturas pode servir de instrumento aos mais amplos desígnios de Deus.

Porém, é inegável que, algumas vezes, o fenômeno assume proporções fatigantes e inoportunas para todos. (Ver no final deste item a nota de Allan Kardec sobre esse assunto.) No Capítulo 5, “Manifestações físicas e espontâneas”, já demos alguns conselhos a esse respeito, dizendo que é preciso entrar em comunicação com o Espírito para saber o que ele deseja. O método a

seguir também se baseia na observação.

Geralmente, são os Espíritos de ordem inferior que revelam a sua presença por meio de efeitos físicos. Esses Espíritos podem ser dominados pela ascendência moral do médium. Sendo assim, é esta ascendência moral que devemos procurar adquirir. (Ver itens nº 251, 254 e 279.)

Para obter essa ascendência, é preciso que o médium passe do estado de “médium natural” para o de “médium consciente”. Produz-se, então, um efeito semelhante ao que acontece no sonambulismo. Geralmente, o sonambulismo natural cessa quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se suprime a faculdade que a alma tem de se emancipar, apenas se dá a ela outra diretriz.

O mesmo acontece com a faculdade mediúcnica. Para isso, em vez de dificultar ou impedir as manifestações, coisa que raramente se consegue e que pode ser perigosa, o que se deve fazer é estimular o médium a produzi-las sob o comando da sua vontade, impondo-se ao Espírito. Por esse meio, o médium consegue subjugar-lo e, de um Espírito dominador e às vezes tirânico, o médium faz um Espírito submisso e, muitas vezes, dócil.

Um fato digno de nota, e que a experiência confirma, é que, nesse caso, uma criança tem tanta e, com frequência, mais autoridade do que um adulto. Esta é mais uma prova a favor da reencarnação, que é um dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita. O Espírito só é criança pelo corpo, e tem por si mesmo um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual. Desenvolvimento este que pode lhe dar ascendência sobre os Espíritos que lhe são inferiores.

A moralização do Espírito, pelos conselhos de uma pessoa influente e experimentada, em caso de o médium não se encontrar em condições de fazê-lo, constitui-se, quase sempre, num meio bastante eficaz. Voltaremos a esse assunto mais tarde.

Nota de Allan Kardec: Um dos fatos mais extraordinários dessa natureza,

pela variedade e estranheza dos fenômenos, é, sem dúvida, o que ocorreu em 1852, no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissemburg. É tanto mais notável porque reúne, no mesmo indivíduo, quase todos os tipos de manifestações espontâneas: estrondos de abalar a casa, movimentação dos móveis, arremesso de objetos à distância por mãos invisíveis, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocados sem o contato das mãos, comunicações inteligentes etc.

Uma coisa que é muito importante foi a comprovação desses fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares, dignas de fé pelo saber e pelas posições sociais que ocupavam. O relato autêntico de tais fenômenos foi publicado, naquela época, em muitos jornais alemães e notadamente numa brochura hoje esgotada e muito rara.

Na Revista Espírita de 1858 pode-se encontrar a tradução completa dessa brochura, com os comentários e as explicações necessárias. Pelo que sabemos, essa é a única publicação feita em francês da brochura a que nos referimos. Além do interesse fascinante que tais fenômenos despertam, eles são eminentemente instrutivos para o estudo prático do Espiritismo.

PESSOAS ELÉTRICAS

163. É nesta categoria de médiuns que devemos incluir as pessoas dotadas de certa carga de eletricidade natural, verdadeiros peixes-elétricos humanos a produzirem, pelo simples contato, todos os efeitos de atração e repulsão. Entretanto, é errado considerar essas pessoas como médiuns, porque a verdadeira mediunidade supõe a intervenção direta de um Espírito.

As experiências provaram, de maneira conclusiva, que nesse caso a eletricidade é o único agente desses fenômenos. Esta estranha faculdade, que quase poderíamos considerar uma enfermidade, pode às vezes estar aliada à mediunidade, conforme se verifica na história do “Espírito batedor de

Bergzabern”. Porém, na maioria das vezes, é completamente independente de qualquer faculdade mediúnica.

Já dissemos que a única prova da intervenção dos Espíritos é o caráter inteligente das manifestações. Se esse caráter inteligente não existir, temos que atribuir as manifestações a uma causa puramente física. A questão é saber se as “pessoas elétricas” estão mais aptas do que as outras a se tornarem médiuns de efeitos físicos. Acreditamos que sim, mas isso apenas a experiência poderá comprovar.

MÉDIUNS SENSITIVOS OU IMPRESSIONÁVEIS

164. Assim são chamadas as pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por meio de uma vaga impressão, uma espécie de arrepio sobre todos os membros, sensação que elas não sabem explicar. Essa variedade de médiuns não apresenta um caráter bem definido. Todos os médiuns são necessariamente sensitivos. Portanto, ser sensitivo é mais uma qualidade geral do que especial: é a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras.

Essa sensibilidade difere da sensibilidade puramente física e nervosa, com a qual não deve ser confundida, pois existem pessoas que não têm os nervos delicados e que sentem, em maior ou menor grau, a presença dos Espíritos, assim como existem pessoas extremamente sensíveis que não pressentem os Espíritos de modo algum.

Essa faculdade se desenvolve pelo hábito e pode adquirir uma tal sutileza que a pessoa que a possui reconhece, pela impressão que experimenta, não apenas a natureza boa ou má do Espírito que está ao seu lado, mas até mesmo a sua individualidade, assim como o cego reconhece, por uma sensação que ele não sabe definir, a aproximação desta ou daquela pessoa.

Esse tipo de médium se torna, com relação aos Espíritos, um verdadeiro sensitivo. Um Espírito bom produz sempre uma impressão suave e agradável,

ao passo que um Espírito mau produz uma impressão penosa, angustiante e desagradável. Existe como que um cheiro de impureza.

MÉDIUNS AUDITIVOS OU AUDIENTES

165. Os médiuns auditivos são aqueles que ouvem a voz dos Espíritos. Conforme já dissemos ao falar da pneumatofonia, trata-se de uma voz interior que ressoa dentro das pessoas. Outras vezes, é uma voz exterior, clara e distinta como a de uma pessoa viva. Assim, os médiuns auditivos podem conversar com os Espíritos. Quando esses médiuns adquirem o hábito de se comunicar com determinados Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pelo timbre da voz. Aquele que não é dotado desta faculdade pode igualmente se comunicar com um Espírito por intermédio de um médium auditivo, que fará a função de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável quando o médium só houve bons Espíritos, ou apenas aqueles a quem ele chama. Mas o mesmo não acontece quando um Espírito mau se apega a ele e o faz ouvir, a cada instante, as coisas mais desagradáveis e inconvenientes. Quando isso acontece, o médium precisa livrar-se desses Espíritos, pelos meios que indicaremos no Capítulo 23, “Obsessão”.

MÉDIUNS FALANTES

166. Os “médiuns auditivos”, que apenas transmitem o que ouvem, não são, na verdade, o que chamamos de “médiuns falantes”, porque estes, na maioria das vezes, nada ouvem. Nesses médiuns, o Espírito age sobre os órgãos vocais, assim como age sobre a mão dos médiuns escreventes. Quando o

Espírito quer se comunicar, ele utiliza o órgão do médium com o qual tem melhor sintonia.

De um médium, o Espírito utiliza a mão; de outro, as cordas vocais; de um terceiro, os ouvidos. O médium falante geralmente se exprime sem ter consciência do que diz e, muitas vezes, diz coisas completamente estranhas às suas ideias habituais, aos seus conhecimentos e, até mesmo, fora do alcance da sua inteligência.

Ainda que o médium esteja perfeitamente acordado e em seu estado normal, ele raramente se lembra do que diz. Em resumo, a voz do médium é apenas um instrumento que o Espírito utiliza para se comunicar com uma outra pessoa, assim como utiliza o médium auditivo.

Porém, nem sempre a passividade do médium falante é assim tão completa. Existem aqueles que têm a intuição do que dizem, no momento exato em que pronunciam as palavras. Voltaremos a falar desta variedade de médiuns quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

Observação

Hoje em dia, os médiuns falantes são mais conhecidos como “médiuns de incorporação” ou “médiuns de passagem”, e podem ser divididos em duas categorias bem distintas: médiuns conscientes e médiuns inconscientes. Aos médiuns conscientes é que Kardec chamava, acertadamente, de médiuns intuitivos. (Observação de Herculano Pires.)

MÉDIUNS VIDENTES

167. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns desfrutam dessa faculdade em estado normal, quando estão - perfeitamente acordados, e conservam a lembrança precisa do que viram. Outros apenas possuem essa faculdade em estado sonambúlico (estado de

transe) ou próximo desse estado.

É raro que esta faculdade seja permanente; quase sempre, ela resulta de um transe superficial e passageiro. Podemos incluir na categoria de médiuns videntes todas as pessoas dotadas de “segunda vista”. A possibilidade de ver os Espíritos em sonho é também um tipo de mediunidade, mas não pode ser considerada mediunidade de vidência. Já explicamos esse fenômeno no Capítulo 6, “Manifestações visuais”.

O médium vidente acredita ver com os olhos, assim como aqueles que são dotados da segunda vista; mas, na realidade, é a alma que vê. Essa é a razão de o porquê o médium vidente enxergar tanto com os olhos abertos quanto com os olhos fechados. Assim, um cego também pode ver os Espíritos, como qualquer um que possui a visão normal.

Seria interessante fazer um estudo sobre esta questão, a fim de verificar se tal faculdade é mais frequente nos cegos. Espíritos que viveram na Terra como cegos nos disseram que, quando encarnados, tinham, através da alma, a percepção de certos objetos e que não se encontravam mergulhados em completa escuridão.

Observação

Diferença de vidência e clarividência – A vidência e a clarividência são essencialmente anímicas, ou seja, pertencem ao próprio organismo do médium. Trata-se da visão que o Espírito encarnado tem do mundo espiritual. A “vidência” é uma faculdade superficial; a “clarividência” é a mesma faculdade, mas com um alcance mais profundo, podendo se estender no espaço e também no tempo.

O “médium vidente” vê os Espíritos porque são eles que querem se tornar visíveis. Mas, para isso, é preciso que exista uma afinidade entre os fluidos do médium e os fluidos do Espírito. Esses fluidos, depois de combinados, podem fazer com que o Espírito torne-se visível ao médium vidente. Para as pessoas que possuem a faculdade da “clarividência”, ou da “segunda vista”, conforme

Kardec, a visão do mundo espiritual e dos Espíritos é algo tão natural e espontâneo, que elas nem suspeitam possuí-la. Pensam estar enxergando com os olhos do corpo físico.

Assim, podemos dizer que Kardec chamava de segunda vista o que hoje chamamos de clarividência, e que nada mais é do que a projeção do Espírito no mundo espiritual, ou melhor, o seu desdobramento. (Fonte: *Obras póstumas*, de Allan Kardec; *site* Portal do Espírito – www.espirito.org.br; e adequações do autor.)

168. É preciso distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As aparições acidentais ocorrem com mais frequência no momento da morte de pessoas amadas ou conhecidas do vidente, e que vêm avisá-lo de sua passagem para o outro mundo. Existem inúmeros exemplos de fatos assim, sem falar das visões durante o sono.

Outras vezes, são parentes ou amigos que, apesar de estarem mortos há mais ou menos tempo, aparecem para nos avisar de um perigo, para nos dar um conselho ou pedir um favor. Esse favor geralmente consiste na execução de uma coisa que o Espírito não pôde realizar em vida ou, ainda, na solicitação de auxílio através das preces.

Essas aparições são fatos isolados, que apresentam sempre um caráter individual e pessoal, e não constituem uma faculdade propriamente dita. A faculdade da vidência consiste na possibilidade, se não permanente, pelo menos bastante frequente, de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que ele seja totalmente estranho ao vidente. É esta faculdade que define, propriamente falando, o médium vidente.

Entre os médiuns videntes, existem aqueles que apenas veem os Espíritos que são evocados e cuja descrição eles podem fazer com minuciosa exatidão. Descrevem os menores detalhes dos seus gestos, a expressão da sua fisionomia, os traços do rosto, as roupas e até mesmo os sentimentos que revelam. Existem

outros médiuns em quem a faculdade da vidência é ainda mais ampla, ou seja, eles veem toda a população espiritual do ambiente em que se encontram; o movimento dos Espíritos em todas as direções e como eles executam as suas tarefas.

169. Certa noite assistíamos à representação da ópera *Obéron*, em companhia de um médium vidente muito bom. Havia no auditório inúmeros lugares vazios, e muitos estavam ocupados por Espíritos que pareciam acompanhar o espetáculo. Alguns se aproximavam de certos espectadores e pareciam escutar as suas conversas.

No palco, se desenrolava outra cena: por trás dos atores, muitos Espíritos joviais se divertiam imitando os seus gestos, mas de maneira grotesca; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e esforçavam-se para lhes transmitir energia. Um deles se mantinha sempre junto a uma das principais cantoras e parecia ter intenções um tanto quanto levianas.

Após o término de um dos atos, resolvemos evocar esse Espírito. Ele prontamente atendeu ao chamado e reprovou com severidade o nosso julgamento precipitado. “Não sou o que vocês estão pensando”, disse ele, “sou o seu Guia, o seu Espírito protetor e estou encarregado de dirigi-la.” Depois de alguns minutos de uma conversa muito séria, ele nos deixou, dizendo: “Adeus, ela está em seu camarim e é preciso que eu vá vigiá-la”.

Em seguida, evocamos o Espírito de Weber, o autor da ópera, e lhe perguntamos o que ele estava achando da execução de sua obra: “Não foi de todo má, mas foi fraca. Os autores se limitam a cantar, não existe inspiração”. Depois acrescentou: “Esperem, vou tentar dar a eles um pouco do fogo sagrado”. Em seguida, vimos ele no palco, pairando acima dos atores. Um fluido sutilíssimo partia dele e se derramava sobre os intérpretes, aumentando-lhes consideravelmente a energia.

170. Eis outro fato que prova a influência que os Espíritos exercem sobre

os homens, sem que estes o percebam. Assistíamos, como naquela noite, a uma representação teatral, com outro médium vidente. Conversando com um *Espírito espectador*, disse-nos ele: “Estão vendo aquelas duas senhoras sozinhas em um camarote de primeira classe? Pois bem, vou me esforçar para que elas deixem o salão”. Dito isso, o médium viu o Espírito colocar-se no camarote e falar com as duas senhoras. De repente, as damas, que estavam muito atentas ao espetáculo, se entreolharam e, parecendo consultar-se reciprocamente, levantaram e foram embora.

O Espírito, então, nos fez um gesto cômico, para mostrar que cumprira com a sua palavra. Não o tornamos a ver para pedir-lhe maiores explicações. É assim que muitas vezes testemunhamos o papel que os Espíritos desempenham entre os vivos.

Nós temos observado os Espíritos em diversos lugares onde as pessoas se reúnem: em bailes, concertos, sermões, funerais, casamentos etc. Em todos esses lugares, os encontramos atiçando as más paixões, estimulando a discórdia, excitando as brigas e alegrando-se com as suas proezas. Outros, ao contrário, procuram combater essas influências perniciosas, mas raramente são ouvidos.

171. A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, ser desenvolvida, mas é sempre melhor esperar pelo seu desenvolvimento natural, sem provocá-lo, se não quisermos ser joguete da própria imaginação. Quando possuímos o germe de uma faculdade, ela se manifesta por si mesma. Em princípio, devemos nos contentar com as faculdades que Deus nos concedeu, sem procurar o impossível. Aquele que quer ter demais corre o risco de perder o que já possui.

Quando dissemos que os casos de aparições espontâneas são frequentes (Ver o item nº 107), não quisemos dizer que sejam bastante comuns. Os médiuns videntes propriamente ditos ainda são muito raros e temos muitas razões para desconfiar daqueles que pretendem ter essa faculdade. É prudente lhes dar crédito apenas diante de provas categóricas.

Não nos referimos sequer aos que alimentam a ridícula ilusão de ver os “Espíritos glóbulos”, que descrevemos no item nº 108, mas falamos apenas para aqueles que acreditam ver os Espíritos de uma maneira racional. Certas pessoas podem, sem dúvida, se enganar de boa-fé, mas outras também podem simular essa faculdade por amor-próprio ou por interesse. Nesse caso, deve-se levar em conta principalmente o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais da pessoa.

Entretanto, é principalmente nas particularidades bem examinadas que se pode encontrar o meio mais seguro de controle sobre as manifestações, porque existem algumas que não deixam margem a qualquer dúvida, como, por exemplo, a descrição exata de Espíritos que o médium não conheceu quando eles estavam encarnados. O caso a seguir é um desses exemplos.

Uma senhora viúva, cujo marido se comunicava frequentemente com ela, encontrou-se um dia com um médium vidente, que não conhecia a viúva e nem a sua família. Em dado momento, o médium lhe disse: “Vejo um Espírito ao seu lado”. “Ah!”, disse a senhora, “é sem dúvida o meu marido, que quase nunca me deixa.” “Não”, respondeu o médium. “Trata-se de uma mulher de certa idade, penteada de modo estranho, e que traz uma faixa branca na testa.”

Por essa particularidade e por outros detalhes descritos, a viúva reconheceu a sua avó, sem possibilidade de erro, e na qual sequer pensava naquele momento. Se o médium quisesse simular a faculdade, seria mais fácil para ele concordar com o pensamento da viúva. Entretanto, em vez do marido, com quem ela se preocupava, o médium vê uma mulher, com uma particularidade no penteado, que ele nunca tinha visto. Esse fato também prova que a visão do médium não era o reflexo de qualquer pensamento alheio. (Ver o item nº 102.)

MÉDIUNS SONÂMBULOS

172. O sonambulismo pode ser considerado como sendo uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, são dois tipos de fenômenos que com frequência se encontram reunidos. O sonâmbulo age sobre a influência do seu próprio Espírito. É a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos do seu corpo físico. O que ele diz procede dele mesmo. Em geral, as suas ideias são mais exatas do que no estado normal, e os seus conhecimentos são mais amplos, porque a sua alma está livre. Assim, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos.

O médium, ao contrário, serve de instrumento para que uma outra inteligência se manifeste através dele. O que ele diz não procede de si mesmo. Em resumo: o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, ao passo que o médium exprime o pensamento de outro Espírito. Mas o Espírito que se comunica através de um médium comum também pode fazê-lo através de um sonâmbulo. Aliás, o estado de emancipação da alma, provocado pelo sonambulismo, facilita essa comunicação.

Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com a mesma precisão que os médiuns videntes. Podem conversar com eles e nos transmitir seus pensamentos. Assim, o que os sonâmbulos dizem, fora do domínio de seus conhecimentos pessoais, quase sempre lhes é sugerido por outros Espíritos. Eis, a seguir, um exemplo muito esclarecedor da ação conjunta do “Espírito de um sonâmbulo” e do “Espírito de um desencarnado”.

173. Um de nossos amigos utilizava como sonâmbulo um rapaz de 14 ou 15 anos, que possuía uma inteligência comum e uma instrução bem limitada. Entretanto, no estado sonambúlico, dava provas de uma lucidez extraordinária e de uma grande perspicácia. Destacava-se principalmente no tratamento das enfermidades, tendo feito inúmeras curas consideradas impossíveis.

Certo dia, esse rapaz, atendendo a um doente, descreveu a sua moléstia com absoluta precisão. Entretanto, disseram-lhe: “apenas descrever a moléstia não basta, é preciso que você receite o remédio”, ao que o rapaz respondeu:

“não posso, pois meu anjo doutor não está aqui!”. “Quem é o seu anjo doutor?” “Aquele que receita os remédios.” “Então não é você quem receita os remédios?” “Oh! Não; eu já disse que é o meu anjo doutor quem dita os remédios para mim.”

Assim, a capacidade de diagnosticar a enfermidade era uma qualidade do próprio sonâmbulo, que, para isso, não precisava de nenhuma assistência. Entretanto, a indicação dos remédios era feita por outro Espírito. Este outro, não estando presente, ele nada podia fazer.

Portanto, quando estava sozinho, ele era apenas um “sonâmbulo”; quando era assistido por aquele a quem chamava de seu anjo doutor, ele era um “sonâmbulo-médium”.

174. A lucidez sonambúlica é uma faculdade que depende do organismo e independe da elevação, do adiantamento e até mesmo do estado moral da pessoa. Sendo assim, um sonâmbulo pode ser muito lúcido e, ao mesmo tempo, incapaz de resolver certas questões, se o seu Espírito for pouco adiantado.

Desse modo, o sonâmbulo que fala por si mesmo pode dizer coisas boas ou más, certas ou falsas, usar de maior ou menor delicadeza e escrúpulo em seu procedimento, conforme o grau de elevação ou de inferioridade do seu próprio Espírito. É nesse caso que a assistência de um outro Espírito pode suprir as suas deficiências.

Entretanto, assim como acontece com os médiuns, o sonâmbulo também pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano e até mesmo mau. É principalmente neste caso que as qualidades morais exercem grande influência para atrair os bons Espíritos. (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, “Sonambulismo”, a pergunta nº 425; e, neste livro, o Capítulo 20, “Influência moral do médium”.)

MÉDIUNS CURADORES

175. Falaremos dessa variedade de médiuns apenas para não deixar de mencioná-la, uma vez que o assunto exige um desenvolvimento muito extenso, que ultrapassa em muito os limites de uma simples menção. Aliás, sobre esse assunto, fomos informados de que um médico, amigo nosso, vai escrever um livro tratando especialmente da “Medicina Intuitiva”.

Diremos apenas que esse tipo de mediunidade consiste principalmente no dom que certas pessoas têm de curar pelo simples toque, pelo olhar, e até mesmo por um gesto, sem a ajuda de nenhuma medicação. Certamente dirão que isso é apenas magnetismo.

É evidente que o fluido magnético desempenha na cura um papel importante; mas, quando se examina o fenômeno, com o cuidado que ele requer, facilmente se percebe que existe alguma coisa a mais. A magnetização comum é um tratamento que necessita de uma aplicação contínua, regular e metódica. Na mediunidade de cura, as coisas se passam de modo completamente diferente.

Todos os “magnetizadores” são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam agir corretamente. Nos “médiuns curadores” a faculdade de cura é espontânea, e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. Em certas circunstâncias, torna-se evidente a intervenção de uma força oculta, ou melhor, de um Espírito, o que caracteriza, assim, a presença da mediunidade, principalmente se consideramos que a maioria das pessoas que podem ser qualificadas como “médiuns curadores” recorre à prece, que nada mais é do que uma verdadeira evocação. (Ver o item nº 131.)

176. Eis as respostas que nos deram os Espíritos às perguntas que fizemos sobre os “médiuns curadores”:

1. As pessoas dotadas de força magnética podem ser enquadradas como formando uma categoria de médiuns?

– Com toda a certeza.

2. O médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; o

magnetizador tira de si mesmo a força que utiliza; assim, não parece que o magnetizador sirva de intermediário a nenhum Espírito.

– Esta é uma suposição errada. Sem dúvida, a força magnética pertence ao homem, mas ela é aumentada pela ação dos Espíritos que ele chama em seu auxílio. Se uma pessoa magnetiza com a intenção de curar e invoca um bom Espírito, que se interessa por ela e pelo seu doente, esse Espírito aumenta a sua força e a sua vontade, além de dirigir o seu fluido e lhe dar as qualidades necessárias.

3. Entretanto, existem excelentes magnetizadores que não acreditam em Espíritos.

– Então você pensa que os Espíritos só agem sobre os que acreditam neles? Todos aqueles que magnetizam para o bem atraem os bons Espíritos e são auxiliados por eles, mesmo que não se deem conta disso. Assim também ocorre com aqueles que têm o desejo de fazer o mal; pelas más intenções que possuem, eles atraem os maus Espíritos, que vêm em seu auxílio.

4. O magnetizador que acredita na intervenção dos Espíritos age com maior eficiência?

– Sim, e ele pode fazer coisas que serão consideradas milagres.

5. Algumas pessoas têm realmente a capacidade de curar pelo simples toque, sem o emprego dos passes magnéticos?

– Certamente; existem inúmeros exemplos disso.

6. Nesse caso, existe também ação magnética ou apenas a influência dos bons Espíritos?

– Ocorrem as duas coisas. Essas pessoas são verdadeiros médiuns, pois agem sob a influência dos Espíritos. Mas não quer dizer que sejam médiuns curadores, conforme a definição que se dá a essa categoria de médiuns.

7. A capacidade de curar pode ser transmitida?

– A capacidade de curar, não; mas o conhecimento das coisas necessárias para que o magnetizador exerça a sua tarefa, sim; mas é preciso ter esse conhecimento. Existem pessoas que nem sequer suspeitam possuir o dom de

curar. Elas só acreditam se entenderem que a capacidade de curar lhes foi transmitida.

8. Podemos obter curas apenas por meio da prece?

– Algumas vezes, sim, se Deus o permitir. Entretanto, pode acontecer que o melhor para o bem do doente esteja em ele sofrer por mais tempo. Quando isso ocorre, acredita-se que a prece não foi ouvida.

9. Existem fórmulas de preces mais eficazes do que outras, para se conseguir a cura de um doente?

– Apenas a superstição pode atribuir virtudes a certas palavras e somente Espíritos ignorantes ou mentirosos podem alimentar semelhantes ideias, prescrevendo fórmulas. Entretanto, em se tratando de pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, pode acontecer que o emprego de uma determinada fórmula contribua para lhes dar confiança. Nesse caso, a eficácia não está na fórmula, mas na fé, que foi aumentada pela crença no uso da fórmula.

MÉDIUNS PNEUMATÓGRAFOS

177. Assim são chamados os médiuns que possuem a faculdade de obter a “escrita direta”, o que não é possível a todos os médiuns escreventes. Até o presente, essa faculdade é muito rara e, provavelmente, ela se desenvolve pelo exercício. Mas, conforme já dissemos, a sua utilidade prática limita-se a uma constatação evidente da intervenção de uma força oculta, ou melhor, de um Espírito, nas manifestações. Somente a experiência é capaz de revelar se alguém possui essa faculdade. Portanto, podemos tentar obtê-la ou perguntar a um Espírito protetor a respeito do assunto, utilizando para isso outros meios de comunicação.

Dependendo da maior ou menor capacidade do médium, podem-se obter simples traços, sinais, letras, palavras, frases e até mesmo páginas inteiras.

Geralmente, basta colocar uma folha de papel dobrada num lugar qualquer, ou indicado pelo Espírito, e aguardar durante dez ou quinze minutos, às vezes um pouco mais.

A prece e o recolhimento são condições essenciais. Eis por que é quase impossível obter a “escrita direta” numa reunião de pessoas pouco sérias, ou que não estejam animadas por sentimentos de simpatia e benevolência. (Ver a teoria da escrita direta no Capítulo 8, “Laboratório do mundo invisível”, itens nº 127 e seguintes, e no Capítulo 12, “Pneumatografia ou Escrita Direta – Pneumatofonia”.)

Trataremos especialmente dos médiuns escreventes nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 15

MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

- MÉDIUNS MECÂNICOS
- MÉDIUNS INTUITIVOS
- MÉDIUNS SEMIMECÂNICOS
- MÉDIUNS INSPIRADOS OU INVOLUNTÁRIOS
- MÉDIUNS DE PRESENTIMENTO

178. De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, o mais cômodo e, sobretudo, o mais completo. Todos os esforços devem ser feitos no sentido de desenvolver a comunicação escrita, porque ela permite estabelecer com os Espíritos relações tão contínuas e tão regulares como as que existem entre nós.

A comunicação escrita deve ser estimulada com insistência, porque é através dela que os Espíritos revelam melhor a sua natureza e o grau de sua perfeição ou de sua inferioridade. Pela facilidade com que se exprimem, eles nos revelam os seus pensamentos mais íntimos, o que nos permite fazer uma avaliação do seu verdadeiro valor. Entre as faculdades mediúnicas, a faculdade de escrever, para o médium, é a mais fácil de ser desenvolvida pelo exercício.

MÉDIUNS MECÂNICOS

179. Aquele que examina certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta que escreve, não pode duvidar de uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos. Às vezes, a cesta se movimenta com tanta violência que escapa das mãos do médium e, não raro, se dirige a certas pessoas da assistência para lhes chamar a atenção. Outras vezes,

os seus movimentos revelam um sentimento afetuoso.

O mesmo acontece com o lápis na mão do médium; muitas vezes ele é atirado longe, com força, ou então a mão, assim como a cesta, se agitam convulsivamente e batem na mesa de modo colérico. Isso ocorre mesmo quando o médium se encontra muito calmo, e ele se admira pelo fato de não poder se controlar.

Esses efeitos evidenciam sempre a presença de Espíritos inferiores. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sempre calmos, repletos de dignidade e benevolência. Se não são ouvidos de maneira conveniente, afastam-se e outros tomam o seu lugar. Assim, o Espírito pode exprimir diretamente as suas ideias, seja pelo movimento de um objeto, em que a mão do médium serve simplesmente de ponto de apoio, seja exercendo a sua ação diretamente sobre a mão do médium.

Quando o Espírito age diretamente sobre a mão, ele lhe dá uma impulsão que é completamente independente da vontade do médium. Enquanto o Espírito tiver alguma coisa para escrever, a mão se move sem interrupção e contra a vontade do médium, parando somente quando o texto chega ao seu final.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium mecânico não tem a menor consciência do que escreve. A inconsciência absoluta constitui o que chamamos de “médiuns passivos” ou “mecânicos”. Essa faculdade é preciosa porque não permite dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve, ou seja, do Espírito.

MÉDIUNS INTUITIVOS

180. O Espírito comunicante também pode transmitir o seu pensamento ao “Espírito do médium”, ou melhor, à sua “alma”, uma vez que chamamos assim o “Espírito encarnado”. Nesse caso, o Espírito comunicante não age

diretamente sobre a mão do médium para fazê-la escrever, ele não a segura nem a guia. Ele age sobre a alma com a qual se identifica. A alma do médium, sob esse impulso, dirige a sua mão e a mão dirige o lápis.

É muito importante que se tenha conhecimento do seguinte fato: O Espírito comunicante não ocupa o lugar da alma do médium, visto que não pode deslocá-la do seu corpo físico. Ele domina a alma do médium, mesmo que este não concorde, e lhe imprime a sua própria vontade. Em tal circunstância, o papel da alma do médium não é inteiramente passivo, uma vez que ela recebe o pensamento do Espírito comunicante e o registra através da-escrita. Assim, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. Ele é o que se chama de “médium intuitivo”

Mas, desse modo, as pessoas podem dizer que nada prova que seja um Espírito desencarnado quem escreve, e não o Espírito do médium. É verdade, algumas vezes essa distinção é muito difícil de ser feita, mas isso tem pouca importância. Entretanto, podemos reconhecer o pensamento sugerido, pelo fato de ele nunca ser preconcebido. Ele surge à medida que o texto vai sendo escrito e, muitas vezes, é contrário à ideia que o médium fazia sobre o assunto, antes de começar a escrevê-lo. Esse pensamento pode, inclusive, estar além dos conhecimentos e das capacidades do médium.

O “médium mecânico” age como se fosse uma máquina. O “médium intuitivo” age como se fosse um porta-voz, um intérprete. De fato, para transmitir o pensamento do Espírito comunicante, o médium precisa compreendê-lo, de certo modo assimilá-lo, a fim de traduzi-lo com fidelidade. Entretanto, esse pensamento não é o seu, ele apenas passa pelo seu cérebro. O papel do “médium intuitivo” é exatamente este, servir de intérprete para escrever o pensamento do Espírito comunicante.

MÉDIUNS SEMIMECÂNICOS

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da sua vontade. No médium intuitivo, o movimento é voluntário e opcional. O médium semimecânico participa dos dois tipos de mediunidade. Ele sente que a sua mão é impulsionada contra a sua vontade, mas ao mesmo tempo tem consciência do que escreve, à medida que as palavras vão se formando.

No médium mecânico, o pensamento aparece depois do ato da escrita; no médium intuitivo, o pensamento vem antes da escrita; no médium semimecânico, o pensamento vem junto com a escrita. Os médiuns semimecânicos são os mais numerosos.

MÉDIUNS INSPIRADOS OU INVOLUNTÁRIOS

182. Podemos incluir na categoria dos médiuns inspirados toda pessoa que recebe, pelo pensamento, tanto no estado normal, como no estado de êxtase, comunicações mentais estranhas às suas ideias. Trata-se, como se vê, de uma variedade da “mediunidade intuitiva”, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta, ou melhor, de um Espírito, é, nesse caso, bem menos sensível. Por isso, o médium inspirado tem mais dificuldade para distinguir o pensamento próprio daquele que lhe é sugerido.

O que caracteriza os médiuns inspirados é a espontaneidade. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam, para o bem ou para o mal. Essa inspiração procede principalmente dos Espíritos que querem o nosso bem e cujos conselhos, infelizmente, rejeitamos com muita frequência. A inspiração está presente em todas as circunstâncias da nossa vida, mas especialmente nas resoluções que devemos tomar.

Sob esse aspecto, pode-se dizer que todos são médiuns, pois não existe ninguém que não possua seus Espíritos protetores e familiares, que tudo fazem para transmitir bons pensamentos aos seus protegidos. Se todos estivessem bem convencidos desta verdade, ninguém deixaria de recorrer com frequência aos

conselhos do seu anjo da guarda, nos momentos em que não se sabe o que dizer ou o que fazer.

Se cada um invocar o seu Espírito protetor com fervor e confiança, sempre que houver necessidade, com certeza vai se admirar das ideias que surgirão como que por encanto, seja para tomar uma decisão difícil, seja para realizar alguma coisa importante. Se nenhuma ideia surgir imediatamente, é porque se deve esperar. A prova de que a ideia que surge é estranha ao médium está precisamente no fato de que, se ela fosse dele, estaria sempre na sua mente, à sua disposição, e não haveria razão para que ela não a manifestasse à vontade.

Para aquele que não é cego, basta apenas abrir os olhos para ver quando quiser. Assim também é com aquele que possui ideias próprias, ele sempre as tem à sua disposição. Se as ideias não surgem quando o médium quer, é porque ele precisa buscá-las fora de si mesmo.

Na categoria de médiuns inspirados podemos incluir as pessoas que, mesmo sem possuírem inteligência superior e sem saírem do seu estado normal, têm lampejos de lucidez intelectual que lhes dá, momentaneamente, uma facilidade incomum de compreender as coisas e de se expressar; em certos casos, também lhes fornece o pressentimento do futuro.

Nesses momentos de inspiração, as ideias são abundantes e nos chegam de forma contínua, ou seja, elas se encadeiam por si mesmas, obedecendo a um impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior vem nos ajudar e que o nosso Espírito se desembaraça de um fardo.

183. Todos os homens geniais, os artistas, os sábios, os literatos, são, sem dúvida, Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Justamente por julgar esses homens capazes é que os Espíritos, quando querem realizar certos trabalhos, sugerem a eles as ideias necessárias para a execução de determinadas tarefas. Assim, eles são, na maioria das vezes, médiuns sem o saberem.

Entretanto, eles têm a vaga intuição de serem assistidos, porque todo

aquele que apela para a inspiração faz uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, com tanta frequência: “Meu bom gênio, vem me ajudar!”?

As respostas seguintes confirmam essa afirmação:

1. Qual é a causa principal da inspiração?

– É um Espírito desencarnado, que se comunica com os homens pelo pensamento.

2. A inspiração tem por objetivo apenas a revelação das grandes coisas?

– Não. Geralmente, ela tem relação com os acontecimentos mais comuns da vida. Por exemplo, alguém quer ir a algum lugar e uma voz secreta lhe diz para não ir, porque correrá perigo; ou então sugere a esse alguém que faça uma coisa na qual ele nem pensava. Isso é a inspiração. Existem poucas pessoas que não tenham sido mais ou menos inspiradas em determinadas ocasiões.

3. Um escritor, um pintor, um músico, por exemplo, nos momentos de inspiração, podem ser considerados médiuns?

– Sim, porque nesses momentos sua alma está mais livre e separada do corpo físico; nesse estado de maior liberdade, a alma recobra parcialmente as suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram.

MÉDIUNS DE PRESENTIMENTO

184. O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas possuem essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser causada por uma espécie de segunda vista, que lhes permite ver as conseqüências do

presente e o encadeamento natural dos acontecimentos.

Muitas vezes, o pressentimento também é o resultado de comunicações ocultas, e é principalmente nesse caso que se pode dar aos que são dotados dessa faculdade o nome de “médiuns de pressentimentos”, que constituem uma variedade dos “médiuns inspirados”.

Observação

Observem a explicação resumida e clara sobre o “pressentimento”, que é um assunto tão discutido hoje no campo da Parapsicologia, da Precognição ou da Percepção do Futuro. Trata-se de uma visão espiritual do encadeamento dos acontecimentos, a partir do presente, que apesar disso não acontece “fatalmente”, pois a cadeia de fatos decorre sempre, no plano humano, das decisões do livre-arbítrio. (Herculano Pires)

CAPÍTULO 16

MÉDIUNS ESPECIAIS

- APTIDÕES ESPECIAIS DOS MÉDIUNS
- RESUMO DOS DIFERENTES TIPOS DE MÉDIUNS

APTIDÕES ESPECIAIS DOS MÉDIUNS

185. Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de nuances, que constituem os chamados médiuns especiais, dotados de aptidões particulares, ainda não definidas, excetuando-se as qualidades e os conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações está sempre relacionada com a natureza do Espírito e traz sempre a marca da sua elevação ou da sua inferioridade, do seu saber ou da sua ignorância. Mas, ainda que os Espíritos estejam no mesmo grau de hierarquia, no que diz respeito ao merecimento, sempre existe entre eles uma tendência maior para se ocupar deste ou daquele campo.

Os Espíritos batedores, por exemplo, raramente se afastam das manifestações físicas. Entre os Espíritos que dão comunicações inteligentes estão os poetas, os músicos, os desenhistas, os moralistas, os sábios, os médicos etc.

Referimo-nos aos Espíritos de uma ordem mediana, porque quando eles atingem um grau mais elevado as suas aptidões se confundem, porque elas tendem à perfeição. Porém, ao lado da aptidão do Espírito, existe também a do médium, que é, para o Espírito, um instrumento mais ou menos apropriado, mais ou menos flexível, no qual o Espírito descobre qualidades particulares que não podemos apreciar.

Façamos uma comparação: um excelente músico tem ao seu dispor

diversos violinos que, para as pessoas comuns, são todos bons instrumentos, embora sejam diferentes uns dos outros para o artista experiente, que neles descobre variações de extrema delicadeza, que o fazem escolher uns e rejeitar outros. Essas diferenças delicadas ele percebe por intuição, mas não as pode definir.

O mesmo acontece em relação aos médiuns. Em igualdade de condições quanto à capacidade mediúnica, o Espírito dá preferência a um ou a outro, de acordo com o tipo de comunicação que deseja transmitir. Existem pessoas que, como médiuns, escrevem poesias admiráveis, ao passo que, em condições normais, não conseguem fazer dois versos. Outras, ao contrário, são poetas, mas, como médiuns, só escrevem prosa, apesar do desejo de escrever poesia. O mesmo acontece com o desenho, com a música etc.

Existem médiuns que, mesmo sem possuírem conhecimentos científicos, demonstram especial aptidão para receber comunicações de grande sabedoria; outros, para os estudos históricos; outros têm mais facilidade para servir de intérpretes aos Espíritos moralistas. Resumindo, seja qual for a habilidade do médium, as comunicações que ele recebe com mais facilidade trazem geralmente uma característica especial.

Existem ainda aqueles médiuns que nunca se afastam de um determinado círculo de ideias e, quando se afastam, apenas recebem comunicações incompletas, lacônicas e muitas vezes falsas. Além da questão das aptidões, os Espíritos que se comunicam dão preferência aos médiuns com os quais eles possuem maior afinidade. Assim, entre médiuns com igualdade de condições, o mesmo Espírito será muito mais claro em suas mensagens, se utilizar médiuns com os quais ele tem mais afinidade.

186. Comete um erro aquele que pretende obter boas comunicações em todos os campos do conhecimento, apenas porque dispõe de um bom médium escrevente. Sem dúvida, a primeira providência a ser tomada é nos certificarmos da fonte de onde essas comunicações procedem, ou seja, das

qualidades do Espírito que as transmite. Também é indispensável atentar para as qualidades do médium que é oferecido ao Espírito.

Portanto, precisamos estudar a natureza do médium, assim como estudamos a natureza do Espírito, porque tanto o Espírito quanto o médium são elementos essenciais para a obtenção de um resultado satisfatório. Existe ainda um terceiro elemento, que desempenha um papel igualmente importante: é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos louvável daquele que interroga o Espírito, e isso é fácil de compreender.

Para que uma comunicação seja boa, é necessário que ela proceda de um bom Espírito. Para que esse bom Espírito POSSA transmiti-la, é indispensável que ele disponha de um bom instrumento, ou melhor, de um bom médium. Para que o Espírito QUEIRA transmiti-la, é necessário que o objetivo da comunicação lhe convenha.

O Espírito lê o pensamento da pessoa que faz a pergunta e julga se a questão que ela está propondo merece ou não uma resposta séria, e também se a pessoa que formula a pergunta é digna de receber a resposta. Caso contrário, não perde seu tempo em lançar boas sementes em terreno pedregoso. É então que os Espíritos levianos e zombeteiros entram em ação, porque a verdade pouco lhes importa. Assim, não encaram o assunto como deveriam e geralmente são pouco escrupulosos quanto aos objetivos e quanto aos meios empregados para dar a comunicação.

Resumimos a seguir os principais tipos de mediunidade, incluindo os que já descrevemos nos capítulos anteriores e indicando o número do item em que foram tratados com mais detalhes.

Agrupamos os diferentes tipos de médiuns por semelhança de causas e efeitos, entretanto, essa classificação nada tem de absoluta. Alguns tipos de mediunidade são encontrados com frequência; outros, ao contrário, são raros e até mesmo excepcionais, o que teremos o cuidado de mencionar.

Estas indicações, quanto ao tipo de mediunidade, foram inteiramente fornecidas pelos Espíritos. Eles revisaram com particular cuidado este trabalho

e ainda o complementaram com numerosas observações e novas categorias de médiuns, de sorte que o referido trabalho é, a bem dizer, obra deles. Indicamos “entre aspas” as observações textuais dos Espíritos, sempre que nos pareceu conveniente ressaltá-las. Essas observações são, na sua maioria, do Espírito Erasto e do Espírito Sócrates.

RESUMO DOS DIFERENTES TIPOS DE MÉDIUNS

187. Os médiuns podem ser divididos em duas grandes categorias:

1ª Médiuns de efeitos físicos – São aqueles que têm o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas. (Ver item nº 160.)

2ª Médiuns de efeitos intelectuais – São os que estão mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes. (Ver item nº 65 e seguintes.)

Todas as outras variedades de médiuns se ligam a uma ou a outra dessas duas categorias. Alguns participam de ambas. Se analisarmos os diferentes fenômenos produzidos sob a influência mediúnica, veremos que, em todos, existe um efeito físico que se alia quase sempre a um efeito inteligente.

Algumas vezes é difícil estabelecer o limite entre a mediunidade de efeitos físicos e a mediunidade de efeitos inteligentes, mas isso não apresenta nenhuma consequência. Incluímos sob a denominação de *médiuns de efeitos intelectuais* os que podem, mais especialmente, servir de instrumento para as comunicações regulares e contínuas. (Ver item nº 133.)

188. ESPÉCIES COMUNS A TODOS OS TIPOS DE MEDIUNIDADE:

Médiuns sensitivos – Pessoas que são capazes de sentir a presença dos

Espíritos por uma sensação geral ou local, vaga ou material (no próprio corpo físico). A maioria dos médiuns sensitivos distingue os bons Espíritos dos maus, pela natureza da sensação que eles causam. (Ver item nº 164.)

“Os médiuns delicados e muito sensíveis devem evitar as comunicações com os Espíritos violentos ou cuja sensação é muito densa, pesada ou até mesmo penosa, por causa da fadiga que essas comunicações causam.”

Médiuns naturais ou inconscientes – São aqueles que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação da sua vontade e, na maioria das vezes, sem ter consciência. (Ver item nº 161.)

Médiuns conscientes ou voluntários – São os que têm o poder de provocar os fenômenos por um ato da própria vontade. (Ver item nº 160.)

“Seja qual for essa vontade, esses médiuns nada podem fazer se os Espíritos se recusam, o que prova a intervenção de uma força estranha.”

189. VARIÉDADES ESPECIAIS PARA OS MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS:

Médiuns tiptólogos – São aqueles que produzem os ruídos e as pancadas, com ou sem a participação da vontade. São muito comuns.

Médiuns motores – São os que produzem o movimento dos corpos inertes. São também muito comuns. (Ver item nº 61.)

Médiuns de translações e de suspensões – São os médiuns que produzem o deslocamento dos objetos através do espaço ou promovem a sua suspensão sem um ponto de apoio. São mais ou menos raros, conforme a extensão do fenômeno. Entre esses médiuns encontram-se aqueles que podem elevar-se a si mesmos. Esses são raríssimos. (Ver itens nº 75 e seguintes; e item nº 80.)

Médiuns de efeitos musicais – São aqueles que provocam a execução de músicas sem qualquer contato com os instrumentos. São muito raros. (Ver item nº 74, pergunta nº 24.)

Médiuns de aparição – São os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis que sejam visíveis para os assistentes. São raríssimos. (Ver item nº 100, pergunta nº 27; item nº 104.)

Médiuns de transporte – São aqueles que auxiliam os Espíritos no transporte de objetos materiais. São uma variedade dos médiuns motores e dos médiuns de translações. Também são raríssimos. (Ver item nº 96.)

Médiuns noturnos – São os que apenas obtêm certos efeitos físicos na obscuridade. Eis a resposta de um Espírito à pergunta que fizemos sobre a possibilidade de esses médiuns serem considerados como sendo uma variedade mediúnica:

“Certamente se pode fazer desses casos uma especialidade, mas esse fenômeno depende mais das condições em que se encontra o ambiente do que propriamente da natureza do médium ou dos Espíritos. Devo acrescentar que alguns escapam a essa influência do meio e que a maioria dos médiuns noturnos pode, pelo exercício, chegar a produzir efeitos, tanto na claridade quanto na obscuridade.”

“Essa variedade de médiuns é pouco numerosa. E é por isso que existem inúmeros truques da ventriloquia e dos tubos acústicos, pelos quais os charlatões têm frequentemente abusado da credulidade, fazendo-se passar por médiuns, para ganhar dinheiro. Mas que importa? Os farsantes de salão, assim como os farsantes da praça pública, serão cruelmente desmascarados. Os Espíritos vão provar que eles agem mal, intrometendo-se em seus trabalhos. Sim, eu repito: Alguns charlatões receberão, de modo bastante rude, o castigo que os fará detestar o ofício de falsos médiuns. Aliás, isso é apenas uma questão de tempo.”

Erasto

Médiuns pneumatógrafos – São aqueles que obtêm a “escrita direta”. Fenômeno muito raro e muito fácil de ser imitado pelos trapaceiros. (Ver item nº 177.)

Comentário de Kardec: *Os Espíritos insistiram, contra a nossa opinião, em incluir a “escrita direta” entre os fenômenos de ordem física; disseram eles que os efeitos inteligentes são aqueles que o Espírito produz servindo-se dos elementos existentes no cérebro do médium, o que não acontece com a escrita direta. Nela, a ação do médium é toda material, enquanto que no médium escrevente, ainda que ele seja mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel muito ativo.*

Médiuns curadores – São os médiuns que têm o poder de curar ou aliviar o doente pela imposição das mãos ou pela prece.

“Essa faculdade não é essencialmente mediúnica. Todos aqueles que acreditam verdadeiramente nessa possibilidade a possuem, sejam eles médiuns ou não. Na maioria das vezes, é uma confirmação da força magnética, fortalecida, quando necessário, pelo auxílio dos bons Espíritos.” (Ver item nº 175.)

Médiuns excitadores – Esses têm o poder de desenvolver, em outros médiuns, a faculdade de escrever, utilizando para isso a sua influência.

“É mais um efeito magnético do que um fenômeno de mediunidade propriamente dita, porque nada prova a intervenção de um Espírito. Seja como for, pertence à categoria da mediunidade de efeitos físicos.” (Ver Capítulo 17, “Formação dos médiuns”.)

190. MÉDIUNS ESPECIAIS PARA EFEITOS INTELECTUAIS. APTIDÕES DIVERSAS:

Médiuns auditivos – São os que ouvem os Espíritos. São médiuns muito comuns. (Ver item nº 165.)

“Existem muitas pessoas que imaginam ouvir o que só existe na sua própria imaginação.”

Médiuns falantes – São os médiuns que falam sob a influência dos Espíritos. Também são muito comuns. (Ver item nº 166.)

Médiuns videntes – São aqueles que veem os Espíritos quando estão acordados. A visão acidental e inesperada de um Espírito, numa determinada circunstância, é muito frequente; mas a visão habitual ou opcional dos Espíritos, sem qualquer distinção, é excepcional. (Ver item nº 167.)

“A condição atual dos nossos órgãos visuais ainda se opõe a essa aptidão, ou seja, a de ver Espíritos. É por isso que nem sempre se deve acreditar naqueles que dizem ver os Espíritos.”

Médiuns inspirados – São os que recebem os pensamentos sugeridos pelos Espíritos, na maioria das vezes sem o saberem, seja para os atos comuns da vida, seja para os grandes trabalhos intelectuais. (Ver item nº 182.)

Médiuns de pressentimento – São pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição de coisas comuns que ocorrerão no futuro. (Ver item nº 184.)

Médiuns proféticos – São uma variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos. São aqueles que recebem, com a permissão de Deus, e com mais exatidão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação de ocorrências futuras de interesse geral. Estão encarregados de transmiti-las aos homens, para que eles se instruam.

“Se existem os verdadeiros profetas, existem também os falsos, cujo número é muito maior e que tomam por ‘revelações’ os devaneios da sua própria imaginação, e isso quando não são farsantes que, por ambição, se apresentam como profetas.” (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, a pergunta nº 624, “Características do verdadeiro profeta”.)

Médiuns sonâmbulos – São os médiuns que, em transe sonambúlico (em desdobramento), são assistidos pelos Espíritos. (Ver item nº 172).

Médiuns que entram em êxtase – São os que, em estado de êxtase, recebem revelações da parte dos Espíritos.

“Muitos médiuns que entram no estado de êxtase são joguetes da sua própria imaginação e de Espíritos enganadores que se aproveitam do seu estado. São raríssimos os que merecem inteira confiança.”

Médiuns pintores ou desenhistas – São aqueles que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos daqueles que obtêm trabalhos sérios, porque não se pode dar esse nome a certos médiuns que os Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que o mais atrasado dos estudantes desaprovava.

Os Espíritos levianos são imitadores. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu um grande número de pretensos médiuns desenhistas, com os quais os Espíritos levianos se divertiam, fazendo-os desenhar as coisas mais ridículas.

Um desses Espíritos levianos, querendo ofuscar os desenhos de Júpiter, ao menos pelo tamanho, uma vez que pela qualidade não podia, intuiu um médium a desenhar um monumento que ocupava muitas folhas de papel para atingir a altura de dois andares. Muitos outros se divertiram fazendo com que os médiuns pintassem supostos retratos, que eram verdadeiras caricaturas. (*Revista Espírita*, agosto de 1858.)

Médiuns músicos – São os médiuns que executam, compõem ou escrevem músicas sob a influência dos Espíritos. Existem médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, assim como existem os médiuns para as comunicações literárias.

VARIEDADES DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES:

191. 1º - Segundo o modo de execução:

Médiuns escreventes ou psicógrafos – São os que têm a faculdade de escrever por si mesmos, sob a influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos – São aqueles cuja mão recebe um impulso involuntário e que não têm a menor consciência do que escrevem. São raríssimos. (Ver item nº 179.)

Médiuns semimecânicos – São os médiuns cuja mão se move involuntariamente, mas que têm consciência imediata das palavras ou das

frases à medida que escrevem. São os mais comuns. (Ver item nº 181.)

Médiuns intuitivos – São aqueles com quem os Espíritos se comunicam pelo pensamento e cuja mão é conduzida somente pela vontade do médium. Diferem dos médiuns inspirados, porque estes últimos não precisam escrever, ao passo que o médium intuitivo escreve rapidamente o pensamento que lhe é sugerido, sobre um determinado assunto que lhe foi proposto. (Ver item nº 180.)

“São muito comuns, mas também muito sujeitos ao erro, porque nem sempre eles conseguem distinguir o que provém dos Espíritos, daquilo que procede deles mesmos.”

Médiuns polígrafos – São os que mudam a caligrafia de acordo com o Espírito que se comunica, ou que conseguem reproduzir a escrita que o Espírito tinha quando encarnado. O médium que muda a caligrafia é muito comum; o que consegue reproduzir a escrita do Espírito é mais raro. (Ver item nº 219.)

Médiuns políglotas – São os que têm a faculdade de falar ou escrever em línguas que não conhecem. São muito raros.

Médiuns analfabetos – São os que só escrevem quando estão mediunizados; não sabem ler nem escrever em seu estado normal.

“São mais raros do que os médiuns políglotas, porque existe uma dificuldade material muito maior a ser vencida.”

192. 2º - Segundo o desenvolvimento da faculdade mediúnica:

Médiuns novatos – Nestes, as faculdades mediúnicas ainda não estão completamente desenvolvidas; portanto, não possuem a experiência necessária.

Médiuns improdutivos – São os que só conseguem obter coisas insignificantes, tais como monossílabos, traços ou letras sem significado algum. (Ver Capítulo 17, “Formação dos médiuns”.)

Médiuns desenvolvidos ou formados – São todos aqueles cujas faculdades mediúnicas estão completamente desenvolvidas e que transmitem as

comunicações com facilidade, presteza e sem hesitação. Compreende-se que esse resultado só pode ser obtido com o tempo; porque, nos médiuns novatos, as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacônicos – Suas comunicações, embora recebidas com facilidade, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos – São os médiuns em que as comunicações têm toda amplitude e todo o alcance que se pode esperar de um escritor consumado.

“Essa capacidade está relacionada com a expansão do perispírito e com a facilidade de combinação entre os fluidos do médium e os fluidos do Espírito comunicante. Os Espíritos procuram esses médiuns para tratar de assuntos que envolvam grandes desenvolvimentos.”

Médiuns experimentados – A facilidade de escrever é uma questão de hábito e que se adquire em pouco tempo, ao passo que a experiência é o resultado de um estudo sério, com todas as dificuldades que a prática do Espiritismo oferece. A experiência dá ao médium a capacidade necessária para perceber a natureza dos Espíritos que se manifestam; a condição de distinguir, pelos menores sinais, as suas boas ou más qualidades e, finalmente, a habilidade para distinguir a mistificação dos Espíritos zombeteiros que se disfarçam com as aparências da verdade.

Facilmente se compreende a importância de o médium possuir experiência, sem a qual todas as outras faculdades perdem a sua verdadeira utilidade. O problema é que muitos médiuns confundem a experiência, que é fruto do estudo, com a aptidão, que depende apenas do seu organismo físico. Assim, alguns médiuns experientes julgam-se mestres, porque escrevem com facilidade. Repelem todos os conselhos e se tornam presas dos Espíritos mentirosos e hipócritas, que os conquistam exaltando-lhes o orgulho. (Ver Capítulo 23, “Obsessão”.)

Médiuns maleáveis ou flexíveis – São aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos tipos de comunicações, e pelos quais quase todos os Espíritos podem se manifestar, espontaneamente ou por evocação.

“Os médiuns flexíveis se aproximam muito dos médiuns sensitivos.”

Médiuns exclusivos – São os que recebem a manifestação de um Espírito apenas, com a exclusão de todos os outros. Esse Espírito responde por todos aqueles que são chamados através do médium.

“Isso resulta sempre da falta de flexibilidade. Quando o Espírito é bom, pode ligar-se ao médium por simpatia ou com uma intenção louvável; quando o Espírito é mau, ele sempre tem em vista colocar o médium sob a sua dependência. Receber sempre o mesmo Espírito é mais um defeito do que uma qualidade, e esse defeito se aproxima bastante da obsessão”. (Ver Capítulo 23, “Obsessão”.)

Médiuns de evocações – Os médiuns maleáveis ou flexíveis são naturalmente os mais apropriados para receber os Espíritos que evocamos e os mais aptos a responder a questões específicas que se podem propor aos Espíritos.

“Suas respostas se restringem quase sempre a um campo limitado, incompatível com o desenvolvimento de assuntos mais abrangentes.”

Médiuns de ditados espontâneos – Recebem de preferência comunicações espontâneas, ou seja, de Espíritos que se apresentam sem serem chamados. Quando essa faculdade é especial em um médium, torna-se difícil e, algumas vezes, até impossível fazer uma evocação por seu intermédio.

“Os médiuns de ditados espontâneos são mais bem aparelhados do que os médiuns de evocação. É preciso compreender que o termo ‘mais bem aparelhado’ refere-se aos elementos cerebrais, porque sempre é preciso uma inteligência mais desenvolvida para receber os ditados espontâneos do que para receber os Espíritos evocados. Por ‘ditados espontâneos’ deve-se entender aqueles ditados que realmente merecem esse nome e não algumas frases incompletas ou alguns pensamentos banais que geralmente se encontram em todos os escritos humanos.”

193. 3º - Segundo o tipo e a especialidade das comunicações:

Médiuns versificadores – São os que obtêm, mais facilmente do que os outros médiuns, comunicações em versos. São muito comuns os que recebem versos ruins, e raros aqueles que recebem versos bons.

Médiuns poéticos – São os médiuns que, embora não recebam comunicações em formato de verso, as mensagens que recebem têm algo de sutil, de sentimental; nada que demonstre indelicadeza. Estão mais preparados do que os outros médiuns para expressar sentimentos ternos e afetuosos. Tudo é vago nas comunicações que recebem, e seria inútil pedir-lhes ideias precisas. São muito comuns.

Médiuns positivos – Geralmente suas comunicações têm um caráter de nitidez e precisão que se presta muito a descrever, com detalhes e com informações precisas, determinadas circunstâncias. São muito raros.

Médiuns literários – Não possuem o tom vago dos médiuns poéticos, nem a precisão dos médiuns positivos, mas dissertam com inteligência e desembaraço. Possuem um estilo correto, elegante e, muitas vezes, de notável eloquência.

Médiuns incorretos – Esses médiuns podem obter excelentes comunicações, pensamentos de elevada moralidade, mas num estilo prolixo, incorreto, cheio de repetições e de termos impróprios.

“A incorreção material do estilo decorre geralmente da falta de cultura intelectual do médium, que, nesse caso, não é um bom instrumento para o Espírito. O Espírito não se importa com isso, porque para ele o essencial é o pensamento e, sendo assim, ele deixa para os homens a liberdade de dar a esse pensamento a forma que melhor lhes convenha. Porém, o mesmo já não ocorre com as ideias falsas e ilógicas que uma comunicação pode conter, pois elas sempre serão um indício da inferioridade do Espírito que se manifesta.”

Médiuns historiadores – São os que têm aptidão especial para os relatos históricos. Essa faculdade, assim como todas as outras, independe dos conhecimentos do médium, pois não é raro vermos pessoas sem instrução, e até mesmo crianças, escreverem sobre assuntos que estão bem acima do seu

alcance intelectual. Trata-se de uma variedade rara dos médiuns positivos.

Médiuns científicos – Não chamamos esses médiuns de sábios, porque eles podem ser muito ignorantes. Apesar disso, eles se mostram especialmente aptos para receber comunicações de cunho científico.

Médiuns receitistas – Possuem a qualidade de servir mais facilmente aos Espíritos que fazem prescrições médicas. Não se deve confundi-los com os médiuns curadores, porque eles nada mais fazem do que transmitir o pensamento do Espírito que receita, sem exercerem por si mesmos nenhuma influência. São muito comuns.

Médiuns religiosos – Recebem especialmente comunicações de caráter religioso ou que tratam de questões relativas à Religião, independente de suas crenças e de seus hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas – Recebem comunicações que têm por objeto as questões da Moral e da alta Filosofia. São muito comuns aqueles que recebem comunicações relativas à Moral. Entretanto, são raros os que recebem comunicações quanto à alta Filosofia.

“Todas essas classes são variedades de aptidões dos bons médiuns. Quanto àqueles que têm uma aptidão especial para comunicações científicas, históricas, médicas ou outras, que estão acima do alcance de suas capacidades atuais, podem estar certos de que eles possuíram esses conhecimentos em existências anteriores e os conservam em estado latente. Esses conhecimentos fazem parte dos elementos cerebrais necessários ao Espírito que se manifesta, e são eles que auxiliam o Espírito a transmitir as suas ideias. Nesses médiuns, os Espíritos encontram instrumentos mais inteligentes e mais maleáveis do que encontrariam num médium ignorante.”

Erasto

Médiuns de comunicações triviais e obscenas – Estas palavras indicam o gênero de comunicações que alguns médiuns recebem habitualmente e a

natureza dos Espíritos que as transmitem. Qualquer pessoa que estudou o mundo dos Espíritos, em todos os graus da escala, sabe que existem Espíritos que se igualam em perversidade aos homens mais depravados e que se comprazem em exprimir seus pensamentos nos termos mais grosseiros.

Outros Espíritos, menos desprezíveis, contentam-se em manifestar suas ideias utilizando expressões mais comuns. É natural que esses médiuns tenham o desejo de se verem livres dessa preferência por parte de semelhantes Espíritos; também é natural que desejem ser como aqueles que recebem comunicações onde jamais uma palavra inconveniente é escrita. Apenas por uma estranha perturbação de ideias e falta de bom senso se poderia acreditar que semelhante linguagem possa ser usada por Espíritos bons.

194. 4º - Segundo as qualidades físicas do médium:

Médiuns calmos – Escrevem sempre com certa lentidão e sem experimentar a menor agitação.

Médiuns velozes – São os médiuns que escrevem com rapidez maior do que escreveriam em seu estado normal. Os Espíritos se comunicam por meio deles com a rapidez de um relâmpago. Nesses médiuns, existe uma superabundância de fluido animalizado (ectoplasma), que lhes permite uma identificação, uma afinidade instantânea com o Espírito. Às vezes, essa qualidade apresenta o inconveniente de tornar muito difícil a leitura da mensagem por outra pessoa que não seja o próprio médium que a recebeu.

“Esse tipo de mediunidade é muito cansativo, porque o médium despende muito fluido inutilmente.”

Médiuns convulsivos – São todos os que ficam num estado de superexcitação quase febril. A mão e, algumas vezes, todo o corpo se agitam num tremor que não conseguem dominar. Sem dúvida, a causa principal está no seu organismo físico, mas também depende muito da natureza dos Espíritos que por eles se comunicam. Os Espíritos bons e benevolentes produzem sempre uma impressão suave e agradável; os maus Espíritos, ao contrário,

produzem uma impressão desagradável e penosa.

“Apenas muito raramente esses médiuns devem servir-se de sua faculdade mediúnica, porque o uso frequente dela poderia lhes afetar o sistema nervoso.” (Ver Capítulo 24, “Identidade dos Espíritos”, item “Distinção entre os bons e os maus Espíritos”.)

195. 5º - Segundo as qualidades morais do médium:

Mencionamos resumidamente e de memória, apenas para completar o quadro, visto que serão desenvolvidas mais adiante, especialmente nos Capítulos: 20 – *A influência moral dos médiuns*; 23 – *Obsessão*; 24 – *A identidade dos Espíritos* e outros, para os quais chamamos particularmente a atenção do leitor. Nesses capítulos, veremos a influência que as qualidades e os defeitos do médium podem exercer na segurança das comunicações, e quais aqueles que, com razão, podem ser considerados “médiuns imperfeitos” ou “bons médiuns”.

196. Médiuns imperfeitos:

Médiuns obsidiados – São os que não podem se livrar dos Espíritos inconvenientes e enganadores, mas que não se deixam enganar.

Médiuns fascinados – Esses médiuns são enganados pelos Espíritos mistificadores e se iludem sobre a natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados – São os que sofrem, por parte dos maus Espíritos, uma dominação moral e, muitas vezes, uma dominação sobre o seu próprio corpo físico.

Médiuns levianos – Esses não levam a sério as suas faculdades mediúnicas, servindo-se delas apenas para o divertimento ou para futilidades.

Médiuns indiferentes – Estes não tiram nenhum proveito moral das instruções que recebem; não modificam em nada a sua conduta e nem os seus hábitos.

Médiuns presunçosos – São os que têm a pretensão de se relacionarem

unicamente com Espíritos superiores. Julgam-se infalíveis e consideram todas as comunicações que não venham por seu intermédio como sendo inferiores e errôneas.

Médiuns orgulhosos – Aqueles que se envaidecem das comunicações que recebem. Acreditam que nada mais têm a aprender no Espiritismo e não tomam para si as lições que frequentemente recebem dos Espíritos. Não se contentam com as faculdades que possuem, querem obter todas.

Médiuns suscetíveis – Constituem-se numa variedade dos médiuns orgulhosos. Melindram-se com as críticas que suas comunicações recebem e se irritam com a menor contradição. Quando mostram o que recebem, não é para pedir a opinião de ninguém, mas para que a comunicação seja admirada. Geralmente, têm aversão pelas pessoas que não os aplaudem sem restrições e fogem das reuniões onde não conseguem se impor e nem dominar.

“Deixem que se exibam onde quiserem. Que procurem ouvidos mais complacentes ou que se isolem. As reuniões das quais eles se afastam não ficam privadas de nada.”

Erasto

Médiuns Mercenários – São todos os que exploram as suas faculdades mediúnicas visando ao lado financeiro.

Médiuns ambiciosos – Mesmo sem comercializar suas faculdades mediúnicas, eles procuram obter com elas outras vantagens.

Médiuns de má-fé – São os que, mesmo possuindo faculdades reais, simulam faculdades que não possuem, para atribuírem a si mesmos maior importância. Não podem ser chamadas de médiuns as pessoas que, não tendo nenhuma faculdade mediúnica, apenas produzem efeitos falsos, por meio do charlatanismo.

Médiuns egoístas – Normalmente utilizam as suas faculdades mediúnicas em benefício próprio e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns invejosos – Estes veem com despeito os médiuns que recebem

maior consideração do que eles, e que lhes são superiores.

Todas essas más qualidades têm necessariamente sua contraparte no bem.

197. Bons médiuns:

Médiuns sérios – São todos os que utilizam as suas faculdades somente para o bem e para as coisas verdadeiramente úteis. Consideram uma profanação colocar a sua mediunidade para satisfazer curiosos e indiferentes, ou para atender a futilidades.

Médiuns modestos – Esses médiuns não se atribuem nenhum mérito pelas comunicações que recebem, por mais belas que sejam. Sabem que o seu teor não lhes pertence e não se consideram livres das mistificações. Longe de evitar as opiniões imparciais, eles as solicitam.

Médiuns devotados – Compreendem que o verdadeiro médium tem uma missão a cumprir e que deve, quando necessário, sacrificar os seus gostos, os seus hábitos, os seus prazeres, o seu tempo e, até mesmo, os seus interesses materiais em favor dos outros.

Médiuns seguros – Além da facilidade de recepção, merecem a maior confiança, em virtude do seu caráter e da natureza elevada dos Espíritos que os assistem. Assim, estão menos expostos a serem enganados. Veremos, mais adiante, que essa segurança não depende de modo algum dos nomes mais ou menos respeitados com que os Espíritos se apresentam.

“É incontestável, e você bem sabe, que, expondo assim as qualidades e os defeitos dos médiuns, isso provocará contrariedades e até mesmo a animosidade de alguns. Mas que importa? A mediunidade se espalha cada vez mais, e o médium que levasse a mal essas reflexões provaria apenas uma coisa: que não é um bom médium, ou seja, que é assistido por maus Espíritos. Aliás, como eu já disse, tudo isso é passageiro e os maus médiuns, que abusam ou fazem mau uso das suas faculdades mediúnicas, sofrerão tristes consequências, conforme já aconteceu com alguns. Aprenderão, com o próprio sofrimento, o quanto custa reverter, em benefício de suas paixões terrenas, um dom que Deus

lhes concedeu para o seu próprio progresso moral. Se você não puder reconduzi-los ao bom caminho, lamente por eles, porque eu posso lhe assegurar que Deus os reprova.”

Erasto

“Esse resumo sobre os diferentes tipos de médiuns é de grande importância, tanto para os médiuns sinceros, que procurarão de boa-fé, ao ler este livro, preservar-se dos perigos a que estão expostos, quanto para todos aqueles que se utilizam dos médiuns. A leitura dele dará a todos a medida do que podem racionalmente esperar. *O Livro dos Médiuns* deverá ser consultado constantemente por todos aqueles que se ocupam com as manifestações, assim como a “Escala Espírita”, da qual ele é o complemento. Esses dois quadros resumem todos os princípios da Doutrina e contribuirão, mais do que você pensa, para colocar o Espiritismo no seu verdadeiro caminho.”

Sócrates

198. Todas essas variedades de médiuns apresentam uma infinidade de graus em sua intensidade. Muitas variedades possuem pequenas diferenças entre si, mas nem por isso deixam de ser o resultado de aptidões especiais. É muito raro que a faculdade de um médium se restrinja a um só tipo de mediunidade, o que é fácil de compreender. Um médium pode, sem dúvida, ter várias aptidões, mas sempre haverá a predominância de uma, e é justamente essa que ele deve procurar cultivar, se ela for útil.

Constitui um erro grave querer forçar, a todo custo, o desenvolvimento de uma faculdade que não se possui. A pessoa deve cultivar todas as faculdades que ela reconheça ter em estado latente. Procurar ter as outras é, antes de tudo, perder tempo; é também correr o risco de perder ou, com certeza, enfraquecer as faculdades que já possui.

“Quando existe o princípio, o gérmen de uma faculdade, ela se manifesta sempre por sinais inconfundíveis. Limitando-se à sua especialidade, o médium

pode aprimorá-la e obter excelentes resultados. Procurando desenvolver todas, ele nada consegue de bom. Notem que o desejo de ampliar indefinidamente o campo de ação de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa, que os Espíritos nunca deixam impune. Os bons Espíritos abandonam sempre os presunçosos, que se tornam, assim, joguete dos Espíritos mentirosos.

Infelizmente, não é raro ver médiuns descontentes com as faculdades que receberam e que aspiram, por amor-próprio ou ambição, à posse de faculdades excepcionais, capazes de os tornarem conhecidos. Essa pretensão lhes tira a qualidade mais preciosa: a de *médiuns seguros*.”

Sócrates

199. O estudo da especialidade dos médiuns é necessário, não só para eles, como também para os evocadores. Conforme a natureza do Espírito que se deseja chamar e as perguntas que se quer fazer, convém que se escolha o médium mais apto para tal. Interrogar o primeiro Espírito que se apresente é expor-se a receber respostas incompletas ou errôneas.

Façamos uma comparação com os fatos comuns. Ninguém confia a redação de qualquer trabalho, nem mesmo uma simples cópia, ao primeiro que apareça, apenas porque sabe escrever. Um músico deseja executar um trecho de uma canção que compôs; tem à sua disposição diversos cantores, todos hábeis. Entretanto, não os escolherá ao acaso, pelo contrário, escolherá para ser o seu intérprete aquele cuja voz, cuja expressão e cujas demais qualidades correspondam melhor à natureza do seu trecho musical. Os Espíritos fazem a mesma coisa com relação aos médiuns, e nós devemos fazer o mesmo com relação aos Espíritos.

Além disso, é preciso observar que as variações que a mediunidade apresenta, e às quais ainda poderíamos acrescentar outras, nem sempre estão relacionadas com o caráter do médium. Assim, por exemplo, um médium naturalmente alegre e jovial pode receber habitualmente comunicações sérias, até mesmo severas, e vice-versa. Isso é ainda uma prova evidente de que ele age

sob o impulso de uma influência estranha. Voltaremos a esse assunto no Capítulo 20, “Influência moral do médium”.

CAPÍTULO 17

FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

- DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE
 - MUDANÇA DE CALIGRAFIA
- PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

200. Trataremos, aqui, especialmente dos “médiums escreventes”, porque este é o tipo de mediunidade que mais se difundiu e também porque é, ao mesmo tempo, o mais simples, o mais cômodo, além de nos trazer os resultados mais satisfatórios e completos. A mediunidade escrevente é aquela que todos ambicionam possuir. Infelizmente, até hoje, não dispomos de um meio para diagnosticar, ainda que de forma aproximada, se alguém possui essa faculdade.

Os sinais físicos, em que algumas pessoas acreditam ver indícios, nada têm de infalíveis. Essa mediunidade se manifesta nas crianças e nos velhos, nos homens e nas mulheres, independente do temperamento, do estado de saúde e do grau de desenvolvimento intelectual e moral. A experiência é o único meio de constatar a sua existência.

Pode-se obter a escrita por meio de cestas, pranchetas ou diretamente pela mão do médium. A escrita obtida diretamente pela mão do médium, por ser o meio mais fácil e mais empregado hoje em dia, é aquele que recomendamos. O processo é simples; basta pegar um lápis e um papel e colocar-se na posição de quem escreve, sem qualquer outro preparativo. Entretanto, para se conseguir bons resultados, algumas recomendações são indispensáveis.

201. Quanto às condições materiais, recomendamos evitar tudo o que possa atrapalhar o livre movimento da mão. É até preferível que ela não se apoie inteiramente no papel. A ponta do lápis deve ficar em contato com a folha o suficiente para escrever, mas não a ponto de oferecer resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis quando se começa escrever corretamente, porque, então, nenhum obstáculo detém mais a mão do médium. Essas recomendações são apenas simples preliminares para o aprendiz.

202. É indiferente usar a pena (caneta) ou o lápis. Alguns médiuns preferem a pena, mas ela só é melhor do que o lápis para aqueles que escrevem pausadamente. Existem médiuns que escrevem com tanta velocidade que o uso da caneta tipo pena seria quase impossível ou pelo menos muito incômodo. O mesmo acontece quando a escrita é entrecortada e irregular ou quando se manifestam Espíritos violentos, que batem com a ponta do lápis e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo natural de todo aspirante a médium é o de poder conversar com os Espíritos das pessoas pelas quais ele tem estima. Entretanto, ele deve moderar a sua impaciência, porque a comunicação com um determinado Espírito apresenta, muitas vezes, dificuldades materiais que a tornam impossível ao principiante.

Para que um Espírito possa se comunicar, é preciso que exista, entre ele e o médium, relações fluídicas que nem sempre se estabelecem no primeiro momento. Só à medida que a faculdade se desenvolve é que o médium vai adquirindo, pouco a pouco, a aptidão necessária para entrar em comunicação com algum Espírito que se apresente.

Portanto, pode acontecer que o Espírito, com o qual o médium deseja se comunicar, não esteja em condições apropriadas para fazê-lo, *embora se ache presente*, como também pode acontecer que ele não tenha a possibilidade nem a permissão para atender ao chamado que lhe é feito. Por isso, no início, não

convém que o médium chame por um determinado Espírito, excluindo a possibilidade de que qualquer outro se manifeste. Com frequência, acontece de não ser com o Espírito chamado que as relações fluídicas do médium se estabelecem com maior facilidade, por maior que seja a simpatia que o médium lhe devote.

Assim, antes de pensar em obter comunicações deste ou daquele Espírito, é necessário que o médium se empenhe em desenvolver a sua faculdade, fazendo, para isso, um apelo geral e se dirigindo principalmente ao seu anjo da guarda.

Não existe, para o desenvolvimento da faculdade de se comunicar com os Espíritos, nenhuma fórmula sacramental. Qualquer um que pretenda indicar alguma pode ser tachado, sem receio, de impostor, visto que, para os Espíritos, esse tipo de expediente nada representa. Depois, a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus.

Pode-se fazer a evocação nos seguintes termos ou em outros equivalentes: *Rogo a Deus Todo-Poderoso que dê a permissão para que um bom Espírito venha se comunicar comigo e que me faça escrever; rogo também ao meu anjo da guarda que me assista, afastando de mim os maus Espíritos.* Após a súplica, espera-se que um Espírito se manifeste, e faça com que o médium escreva alguma coisa.

Pode ser que compareça aquele Espírito que se deseja, como também pode comparecer um Espírito desconhecido ou o próprio anjo da guarda do médium. Geralmente, o Espírito revela o seu nome. Apresenta-se então o problema da identidade, uma das questões que requer maior experiência, pois raros são os principiantes que não estão sujeitos a ser enganados. Trataremos dessa questão mais adiante, em um capítulo especial.

Quando o médium quer chamar determinados Espíritos, é essencial dirigir-se inicialmente aos que ele sabe serem bons e simpáticos e que podem ter um motivo para atender ao chamado, como o Espírito de um parente ou de um amigo, por exemplo. Nesse caso, a evocação pode ser formulada assim: *Em nome de Deus Todo-Poderoso, peço que o Espírito de fulano se comunique comigo.*

Ou então: *Peço a Deus Todo-Poderoso que dê a permissão para que o Espírito de fulano se comunique comigo*; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento.

É interessante que as primeiras perguntas sejam feitas de tal maneira que as respostas possam ser dadas por um “sim” ou por um “não”. Por exemplo: *Você está aí? Gostaria de me responder? Você pode fazer com que eu escreva?*, e assim por diante. Mais tarde, essa preocupação torna-se desnecessária. No início, ela é importante para que se estabeleça uma relação com o Espírito.

O essencial é que a pergunta não seja fútil, que não diga respeito a coisas particulares e, sobretudo, que expresse um sentimento de benevolência e simpatia para com o Espírito ao qual a pergunta está sendo dirigida. (Ver Capítulo 25, “Evocações”.)

204. Uma coisa ainda mais importante a ser observada, do que a maneira de fazer a evocação ao Espírito, é a calma e o recolhimento que se deve ter, aliados a um desejo ardente e a uma firme vontade de atingir o objetivo. Por vontade, não podemos entender aqui uma vontade passageira, intermitente, que seja interrompida a cada momento por outras preocupações, mas sim uma vontade séria, perseverante, contínua, sem impaciência nem ansiedade. O recolhimento é alcançado pela concentração, pelo silêncio e pelo afastamento de tudo o que possa causar distrações.

Depois de tudo isso, só resta uma coisa a fazer: renovar todos os dias a tentativa, por dez ou quinze minutos, no máximo, e isso durante quinze dias, um mês, dois meses ou mais, se for necessário. Conhecemos médiuns que apenas obtiveram comunicações depois de seis meses de exercício, enquanto outros escrevem corretamente desde a primeira vez.

205. Para evitar tentativas inúteis, pode-se interrogar, por outro médium, um Espírito sério e avançado. Mas é bom lembrar que, quando perguntamos aos Espíritos se temos ou não mediunidade, eles quase sempre respondem

afirmativamente, o que não impede que as tentativas resultem infrutíferas.

Isso se explica naturalmente. Quando se faz a um Espírito uma pergunta de ordem geral, ele responde de modo geral. Sabemos que nada é mais elástico do que a faculdade mediúnica, uma vez que ela pode se apresentar sob as mais variadas formas e em graus muito diferentes. Assim, uma pessoa pode ser médium sem se aperceber disso, e num sentido diferente daquele que se imagina.

A esta pergunta vaga: “Sou médium?”, o Espírito pode responder: “Sim”. A esta outra pergunta, mais precisa: “Sou médium escrevente?”, o Espírito pode responder: “Não”. Deve-se levar em conta também a natureza do Espírito a quem é feita a pergunta. Existem Espíritos tão levianos e tão ignorantes que respondem de qualquer jeito, como verdadeiros irresponsáveis. Por isso, aconselhamos que o interrogante se dirija a Espíritos esclarecidos, que, geralmente, respondem de boa vontade a essas perguntas e indicam o melhor caminho a seguir, caso exista a possibilidade de êxito.

206. Um meio que frequentemente dá bons resultados consiste em empregar, como auxiliar momentâneo, um médium escrevente, flexível e já desenvolvido. Se ele colocar a mão, ou os dedos, sobre a mão do médium principiante, é raro que ele não comece a escrever imediatamente. Compreende-se o que se passa em tal circunstância: a mão do principiante que segura o lápis torna-se, de certo modo, um apêndice da mão do médium, da mesma forma que uma cesta ou uma prancheta.

Esse exercício torna-se muito útil se puder ser empregado regularmente, uma vez que ele ajuda a vencer o obstáculo material, próprio do médium principiante, e provoca o desenvolvimento da sua faculdade. Algumas vezes, basta que o médium magnetize fortemente, com essa intenção, o braço e a mão daquele que deseja escrever. Já vimos inúmeras vezes o magnetizador colocar a mão no ombro do médium principiante para que este, prontamente, comece a escrever sob a ação dessa influência.

O mesmo efeito também pode ser conseguido sem nenhum contato, apenas pelo efeito da vontade do médium auxiliar. Compreende-se facilmente que a confiança do médium experiente, no seu próprio poder, é capaz de produzir esse resultado. Entretanto, um médium incrédulo exercerá pouca ou nenhuma ação.

A participação de um médium experimentado é bastante útil para que o principiante possa observar uma série de pequenas precauções que ele frequentemente despreza, atrasando assim o seu próprio desenvolvimento. É muito útil também para esclarecê-lo sobre a natureza das primeiras perguntas e sobre a maneira de fazê-las aos Espíritos. O seu papel é o de um professor, que o aprendiz dispensa quando está pronto.

207. Outro meio, que também pode contribuir decisivamente para o desenvolvimento da faculdade mediúnica, consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e compartilhando da mesma intenção. Assim, de forma simultânea, em absoluto silêncio e num recolhimento religioso, elas tentam escrever, apelando cada uma para o seu anjo da guarda ou para qualquer Espírito simpático.

Qualquer uma pode fazer, em nome de todos os membros da reunião, um apelo geral aos bons Espíritos, dizendo, por exemplo: “*Em nome de Deus todo-poderoso, pedimos aos bons Espíritos que tenham a bondade de se comunicar por intermédio das pessoas aqui presentes*”. É raro que entre elas não existam algumas que prontamente manifestem sinais de mediunidade ou, até mesmo, que escrevam de maneira correta em pouco tempo.

Compreende-se facilmente o que acontece em tal circunstância. As pessoas que se reúnem com a mesma intenção formam um todo coletivo, cujo poder e sensibilidade aumentam por uma espécie de influência magnética, que auxilia o desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por essa conjugação de vontades, existem aqueles que encontram, entre os membros da reunião, o médium que lhes convém. Se não for um, será outro, e eles o

aproveitam.

Esse meio deve ser empregado principalmente nos grupos espíritas que não possuem médiuns, ou que não os têm em número suficiente.

208. Tem-se procurado encontrar procedimentos para a formação de médiuns, assim como meios para diagnosticar os sinais da mediunidade. Até o momento não conhecemos outros mais eficazes do que esses que indicamos, ou seja, experimentar o médium na prática. Algumas pessoas, convencidas de que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade mediúnica é devido a uma resistência de ordem totalmente material, pretendem vencê-la por meio de uma espécie de ginástica, quase a ponto de deslocarem o braço e a cabeça.

Não descreveremos esse procedimento, que vem do outro lado do Atlântico, porque não possuímos nenhuma prova de sua eficácia, e também porque temos a convicção de que ele pode oferecer perigo às pessoas de constituição física delicada, em virtude do abalo que produz no sistema nervoso. Se os rudimentos da faculdade mediúnica não existem, nada poderá produzi-los, nem mesmo a **eletrização** das pessoas, que já foi empregada, sem sucesso, com o objetivo de desenvolver mediunidades.

Observação

Eletrização – O fenômeno da eletrização consiste na transferência de cargas elétricas entre os corpos; essa transferência pode ocorrer por três processos conhecidos: por atrito, por contato e por indução.

209. A fé não é condição obrigatória para o médium iniciante. Ela, sem dúvida, auxilia nos esforços, mas não é indispensável. A pureza da intenção, o desejo e a boa vontade bastam. Temos visto pessoas completamente incrédulas ficarem espantadas de escreverem contra a sua vontade, enquanto aquelas que acreditam sinceramente não o conseguem, o que prova que a faculdade de

escrever depende de uma predisposição do organismo.

210. O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de arrepio no braço e na mão. Pouco a pouco, a mão é arrastada por um impulso que ela não consegue dominar. No início, ela traça apenas riscos insignificantes. Depois, as letras se tornam cada vez mais nítidas e a escrita acaba por adquirir a rapidez da escrita normal. Em todos os casos, deve-se deixar a mão o mais livre possível, procurando não opor-lhe resistência nem empurrá-la.

Alguns médiuns escrevem corretamente e com facilidade desde o início, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é muito raro. Outros, durante muito tempo, traçam riscos e fazem verdadeiros exercícios de caligrafia. Os Espíritos dizem que é para que os médiuns soltem a mão. Se esses exercícios se prolongarem por muito tempo ou degenerarem em sinais ridículos, não há dúvida de que é um Espírito que se diverte, porque os bons Espíritos nada fazem de inútil.

Nesse caso, é preciso redobrar o fervor no apelo à assistência dos bons Espíritos. Se, mesmo assim, não houver nenhuma alteração, o médium deve parar, desde que reconheça que nada obtém de sério. Pode-se recomeçar a tentativa todos os dias, mas convém cessar aos primeiros sinais de que a coisa anda errada, a fim de não dar nenhuma oportunidade aos Espíritos zombeteiros.

A essas observações, um Espírito acrescenta: *“Existem médiuns cuja faculdade não consegue ir além desses sinais. Quando, depois de alguns meses, o médium continua obtendo apenas coisas insignificantes, como um ‘sim’ ou um ‘não’, ou letras isoladas, sem formarem uma sequência, é inútil continuar gastando papel. São médiuns, mas médiuns improdutivos. As primeiras comunicações obtidas devem ser consideradas apenas como meros exercícios. Trata-se de uma tarefa confiada a Espíritos secundários e, por isso, não se deve dar a elas muita importância.*

Esses Espíritos podem ser considerados como ‘mestres de escrita’, porque recebem a missão de treinar o médium principiante. Jamais acreditem que sejam os Espíritos elevados aqueles que se dedicam a fazer com o médium esses exercícios preparatórios. Entretanto, se o médium não tiver um objetivo sério, esses Espíritos secundários acabam se ligando a ele. Quase todos os médiuns passaram por essa fase para se desenvolverem. Cabe-lhes fazer o que for necessário para conquistar a simpatia dos Espíritos verdadeiramente superiores”.

211. Lidar com os Espíritos inferiores é a maior dificuldade que encontram os médiuns principiantes, e eles devem sentir-se felizes quando tratam apenas com Espíritos levianos. Toda a sua atenção deve ser empregada para não se deixarem dominar por esses Espíritos, porque, quando isso acontece, nem sempre é fácil desembaraçar-se deles. Esse cuidado é muito importante, principalmente no início, uma vez que, se não forem tomadas as precauções necessárias, pode-se perder o fruto das mais belas faculdades mediúnicas.

Em primeiro lugar, o médium deve se colocar sob a proteção de Deus, e com uma fé sincera solicitar a assistência do seu anjo da guarda, que é sempre um Espírito bom. Já os Espíritos familiares, pelo fato de simpatizarem com as boas ou más qualidades do médium, podem ser levianos ou até mesmo maus.

Em segundo lugar, o médium deve se apressar em reconhecer, por todos os sinais que a experiência oferece, a natureza dos primeiros Espíritos que se comunicam e dos quais é sempre prudente desconfiar. Se esses sinais forem suspeitos, o médium deve apelar com fervor ao seu anjo da guarda e repelir o mau Espírito com todas as suas forças, mostrando que ele não conseguirá enganá-lo; isso fará com que ele desamine.

Esta é a razão pela qual o estudo prévio da teoria é indispensável, se o médium deseja evitar os inconvenientes que a falta de experiência acarreta. Sobre esse assunto, existem instruções bem detalhadas que podem ser encontradas nos capítulos sobre a “Obsessão” e a “Identidade dos Espíritos”.

Entretanto, aqui nos limitaremos a dizer que, além da linguagem, podemos considerar como sendo provas infalíveis da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, emblemas inúteis ou pueris; toda escrita extravagante, irregular, intencionalmente truncada, de tamanho exagerado, apresentando formas ridículas ou pouco usuais. A “escrita” pode ser muito ruim, até mesmo pouco legível, sem que isso represente qualquer anormalidade, uma vez que ela depende mais do médium do que do Espírito.

Temos visto médiuns enganados de tal maneira, que medem a superioridade dos Espíritos pelo tamanho das letras, e que dão grande importância às letras bem talhadas, como se fossem letras de imprensa. É evidente que essa análise é incompatível com a verdadeira superioridade do Espírito.

212. Se o médium deve ter todo o cuidado para não cair, sem querer, na dependência dos maus Espíritos, maior cuidado deve ter ainda para não cair nesta dependência de forma voluntária. Um desejo incontrollável de escrever não deve levar o médium a aceitar o primeiro Espírito que se apresente, na ilusão de que isso seja indiferente, a menos que o médium pretenda livrar-se do Espírito mais tarde, quando ele não mais lhe convier. Não se pede impunemente a assistência de um mau Espírito, seja para o que for, porque ele pode exigir um pagamento muito caro pelos seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes com o desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, por considerarem esse desenvolvimento muito demorado, tiveram a ideia de pedir auxílio a um Espírito qualquer, mesmo sendo mau, pensando em livrar-se dele logo em seguida. Muitas delas foram servidas como queriam e escreveram imediatamente. Mas o Espírito evocado, não se importando por ter sido chamado na falta de outro melhor, mostrou-se muito irritado na hora de ir embora.

Conhecemos algumas criaturas que foram punidas pela presunção de se julgarem fortes o suficiente para afastar esses Espíritos quando bem

entendessem. Elas foram castigadas durante anos por obsessões de toda espécie, pelas mais ridículas mistificações, por uma fascinação persistente, por desgraças materiais e pelas mais cruéis decepções. No início, o Espírito se mostrou francamente mau, depois hipócrita, para que o médium subjugado acreditasse na sua conversão ou no poder de expulsá-lo quando quisesse.

213. Algumas vezes, a escrita mediúnica é bem legível, com as palavras e as letras perfeitamente destacadas. Entretanto, existem médiuns que somente eles próprios conseguem decifrar as mensagens que escrevem e, outras pessoas, sem adquirir o hábito de fazê-lo, simplesmente não entendem a escrita. Muitas vezes, a escrita é feita com traços grandes; os Espíritos não têm o hábito de economizar papel.

Quando uma palavra ou uma frase é ilegível, pede-se ao Espírito o favor de refazê-la, o que ele geralmente faz de boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este quase sempre consegue torná-la mais nítida, através de exercícios frequentes e demorados, onde ele coloca toda a sua força de vontade e, com fervor, pede ao Espírito para que escreva de modo mais legível.

Alguns Espíritos adotam sinais convencionais que passam a ser usados nas reuniões habituais. Para mostrar que uma pergunta lhes desagrada e que não querem respondê-la, fazem, por exemplo, um risco longo ou algo semelhante.

Quando, através da escrita, o Espírito conclui o que tinha a dizer, ou não quer mais responder, a mão fica imóvel e o médium, qualquer que seja a sua capacidade mediúnica ou a sua vontade, não consegue obter mais nenhuma palavra. O contrário também acontece enquanto o Espírito não concluiu, o lápis se move sem que a mão do médium consiga detê-lo. Se o Espírito quiser dizer alguma coisa espontaneamente, a mão pega convulsivamente o lápis e começa a escrever, sem que o médium possa se opor a isso. Aliás, o médium quase sempre sente algo que lhe indica se houve apenas uma parada momentânea ou se o Espírito concluiu o que tinha a dizer. É raro que ele não

sinta quando o Espírito partiu.

São essas as explicações mais importantes que tínhamos a dar, no que diz respeito ao desenvolvimento da psicografia. A experiência mostrará, na prática, alguns detalhes que seria inútil tratar aqui e para os quais os princípios gerais servirão de guia. Se muitos experimentarem, haverá mais médiuns do que se imagina.

214. Tudo o que acabamos de dizer se aplica à escrita mecânica. Ela é, com razão, a faculdade mediúnica que todos os médiuns desejam obter. O processo mecânico puro é muito raro e, com frequência, junta-se a ele, em maior ou menor grau, a intuição. O médium, tendo a consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade, pois ele não sabe se aquilo que está escrevendo vem dele ou de um Espírito comunicante.

O médium não precisa se preocupar com isso e deve prosseguir, apesar da dúvida. Observando a si mesmo com atenção, facilmente descobrirá que muitas coisas que ele escreve não lhe pertencem, não estavam no seu pensamento, e são contrárias às suas ideias; prova evidente de que tais coisas não provêm do seu Espírito. Que ele continue, porque a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se o médium não foi contemplado com a mediunidade exclusivamente mecânica, todas as tentativas que ele fizer para obter esse resultado serão infrutíferas. Entretanto, ele comete um grande erro se, por conta disso, se julgar abandonado. Se ele possui apenas a mediunidade intuitiva, deve contentar-se com ela, que não deixará de lhe prestar grandes serviços, caso saiba aproveitá-la ao invés de rejeitá-la.

Se, depois de inúteis tentativas, realizadas durante algum tempo, não houver nenhum sinal de movimento involuntário, ou se esses movimentos são fracos demais para produzir resultados, o médium não deve hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe for sugerido, sem se preocupar se esse

pensamento é seu ou é de algum Espírito. A experiência lhe ensinará a distinguir. Aliás, é frequente acontecer que o movimento mecânico se desenvolva depois de algum tempo.

Dissemos anteriormente que existem casos em que é indiferente saber se o pensamento provém do médium ou de um Espírito. Isso acontece sobretudo quando o médium, puramente intuitivo ou inspirado, realiza por si mesmo um trabalho de imaginação. Pouco importa se o médium atribui a si mesmo um pensamento que lhe foi sugerido. Se lhe ocorrem boas ideias, deve agradecer ao seu anjo da guarda, que não deixará de lhe sugerir outras. Essa é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos cientistas.

216. Suponhamos agora que a faculdade mediúnica esteja completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que seja aquilo que se pode chamar de um médium pronto, desenvolvido. Seria um grande erro de sua parte julgar-se dispensado de novas instruções. Ele apenas venceu uma resistência material, e é nesse ponto que começam as verdadeiras dificuldades.

Mais do que nunca, necessitará dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe serão preparadas. Se quiser voar muito cedo com suas próprias asas, não tardará em ser enganado pelos Espíritos mentirosos, que buscarão explorar a sua presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade mediúnica, é essencial que o médium não abuse dela. A satisfação desse desenvolvimento provoca, em alguns médiuns principiantes, um entusiasmo que precisa ser controlado. Eles devem lembrar-se de que a mediunidade lhes foi dada para o bem, e não para satisfazer a inútil curiosidade. Portanto, é conveniente que só a utilizem nos momentos oportunos e não a todo instante.

Como os Espíritos não estão constantemente à disposição dos médiuns, eles correm o risco de serem vítimas dos mistificadores. Para evitar esse mal, é bom adotar o sistema de apenas trabalhar em dias e horas determinados, para

que os médiuns possam se preparar com maior recolhimento. Além disso, os Espíritos que desejam se comunicar, estando prevenidos do horário das reuniões, também se colocam em melhores condições para prestar esse auxílio.

218. Se, apesar de todas as tentativas, a mediunidade não se revelar de modo algum, será preciso que o aspirante renuncie a ela, assim como renuncia a cantar aquele que não tem voz. Quando alguém não conhece uma língua, serve-se de um tradutor; assim, o aspirante deve servir-se de outro médium. Mas se, por falta de médiuns, não puder recorrer a nenhum, o aspirante não deve se considerar privado da assistência dos Espíritos.

A mediunidade representa para os Espíritos um meio de comunicação, e não um meio exclusivo para que eles sejam atraídos. Aqueles que nos estimam estão sempre junto de nós, independente de sermos médiuns ou não. Um pai não abandona o filho porque este é surdo e cego e não o pode ver nem ouvir. Ao contrário, envolve-o na sua solicitude, assim como fazem conosco os bons Espíritos. Se os Espíritos não podem transmitir-nos materialmente seus pensamentos, auxiliam-nos por meio da inspiração.

MUDANÇA DE CALIGRAFIA

219. Um fenômeno muito comum entre os médiuns escreventes é a mudança de caligrafia, de acordo com os Espíritos que se comunicam. O mais notável é que a mesma caligrafia se reproduz sempre com o mesmo Espírito e, às vezes, é idêntica à que ele tinha quando estava encarnado. Veremos, mais tarde, as consequências que disso se pode tirar, com relação à identidade dos Espíritos.

A mudança de caligrafia ocorre apenas com os médiuns mecânicos e semimecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido

pelo Espírito. O mesmo já não ocorre com os médiuns puramente intuitivos, visto que nesses o Espírito atua unicamente sobre o pensamento e a mão é dirigida pela vontade do médium, assim como na escrita comum.

A uniformidade da caligrafia, mesmo em se tratando de um médium mecânico, não constitui uma prova contra a sua faculdade mediúnica, porque a “mudança de caligrafia” não é uma condição imperiosa na manifestação dos Espíritos; ela é fruto de uma aptidão especial, que nem sempre os médiuns possuem, por mais mecânicos que sejam. Chamaremos os médiuns que possuem a capacidade de mudar a caligrafia de “médiuns polígrafos”.

PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE

220. A faculdade mediúnica está sujeita a interrupções e suspensões temporárias, tanto para as manifestações físicas, quanto para a escrita. Eis as respostas que nos deram os Espíritos a respeito desse assunto.

1. Os médiuns podem perder a sua mediunidade?

– Isso acontece com frequência, seja qual for o tipo da sua faculdade mediúnica. Mas quase sempre é uma interrupção passageira, que cessa com a causa que a produziu.

2. A causa da perda da mediunidade está no esgotamento do fluido animalizado do médium (ectoplasma)?

– Qualquer que seja a faculdade que um médium possua, ele nada pode fazer sem a cooperação dos Espíritos. Quando ele nada mais obtém, nem sempre é porque a faculdade lhe falta; muitas vezes, são os Espíritos que não querem ou não podem mais utilizar o médium.

3. Por que os Espíritos abandonam um determinado médium?

– O uso que o médium faz da sua mediunidade é o que mais influi para

que os bons Espíritos o abandonem. Nós, os Espíritos, podemos abandoná-lo, quando ele a utiliza para coisas fúteis ou ambiciosas; quando ele se recusa a transmitir as nossas palavras; quando ele se recusa a colaborar na produção dos fenômenos que são solicitados pelos encarnados, que têm a necessidade de ver para se convencerem.

Esse dom de Deus não é concedido ao médium para que ele se deleite e, ainda menos, para satisfazer as suas ambições; esse dom lhe é dado para o seu próprio aperfeiçoamento e para que os homens conheçam a verdade. Se o Espírito percebe que o médium não corresponde mais às suas aspirações e nem aproveita as instruções e os conselhos que recebe, ele se afasta e vai procurar um médium mais digno.

4. O Espírito que se afasta não pode ser substituído por outro? Nesse caso, como compreender a suspensão da faculdade mediúnica?

– Não faltam Espíritos que desejam se comunicar e que estão sempre prontos a substituir os que se afastam. Mas, quando aquele que abandona o médium é um Espírito bom, pode ocorrer que o seu afastamento seja apenas temporário, privando-o, por algum tempo, de toda comunicação, para que isso lhe sirva de lição e também para que o médium tenha a certeza de que a sua faculdade não depende somente dele. Dessa forma, não existe mais razão para que o médium se vanglorie ou se envaideça da sua mediunidade.

Essa impossibilidade temporária de manifestar a sua mediunidade também serve para dar ao médium a prova de que ele escreve sob a influência de um Espírito, caso contrário, não haveria interrupções.

Além do mais, a interrupção da faculdade nem sempre é uma punição; ela pode ser um cuidado do Espírito para com o médium a quem se afeiçãoou, tendo por objetivo proporcionar-lhe um repouso material, que o Espírito julga necessário. Nesse caso, ele não permite que outros Espíritos o substituam.

5. Existem médiuns de grande merecimento moral, que não sentem qualquer necessidade de repouso e que se contrariam bastante com essas interrupções, cujo objetivo não compreendem?

– Essas interrupções servem para lhes testar a paciência e a perseverança. É por isso que, em geral, os Espíritos não fixam um término para a suspensão da faculdade mediúnica, pois precisam ter a certeza de que o médium não vai desanimar. Muitas vezes, também é para dar tempo ao médium, a fim de que ele medite sobre as instruções que recebe.

Pela meditação que fazem sobre os nossos ensinamentos, é que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos considerar como espíritas sérios aqueles que, na realidade, não passam de simples amadores em matéria de comunicações.

6. Nesse caso, o médium deve prosseguir nas suas tentativas para escrever?

– Se o Espírito lhe aconselhar isso, sim; se ele disser para que se abstenha, não deve prosseguir.

7. Existe algum meio para que o médium abrevie a prova da “suspensão da sua mediunidade”?

– O meio é a resignação e a prece. No mais, basta fazer diariamente uma tentativa de alguns minutos, pois seria inútil perder tempo com experiências mais prolongadas, que não trariam frutos. A tentativa tem o único objetivo de verificar se o médium já recuperou a sua faculdade.

8. A suspensão da faculdade mediúnica implica no afastamento dos Espíritos que habitualmente se comunicam?

– De modo algum. Quando ocorre a suspensão da faculdade mediúnica, o médium fica na situação de uma pessoa que perdeu temporariamente a visão, mas que nem por isso deixa de estar rodeada pelos amigos, embora não os possa ver. O médium pode e deve continuar a se comunicar, pelo pensamento, com os seus Espíritos familiares e a acreditar que é ouvido por eles. Se a falta da mediunidade priva o médium das comunicações materiais com certos Espíritos, não o priva das comunicações mentais.

9. Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre significa uma censura por parte dos Espíritos?

– Com certeza, nem sempre significa uma censura, visto que pode ser uma prova de benevolência.

10. Por meio de que sinal se pode reconhecer, nessa interrupção da faculdade mediúnica, uma censura por parte dos Espíritos?

– Basta o médium interrogar a sua consciência e perguntar a si mesmo qual o uso que tem feito da sua faculdade, qual o bem que ela tem proporcionado a outras pessoas, que proveito ele tem retirado dos conselhos que recebe, e ele terá a resposta.

11. O médium que ficou impossibilitado de escrever não pode recorrer a outro médium?

– Isso depende da causa da interrupção. Muitas vezes, ela tem a finalidade de deixar o médium algum tempo sem comunicações, para que ele possa meditar, após os conselhos que recebeu, e também para que ele não se acostume a fazer as coisas somente com a nossa ajuda. Se for este o caso, o médium nada obtém recorrendo a outro médium. Essa interrupção também tem por objetivo provar que os Espíritos são livres e que o médium não pode obrigá-los a agir segundo a sua vontade. É também por essa razão que as pessoas que não são médiuns nem sempre recebem, por intermédio de outros médiuns, todas as comunicações que desejam.

Observação de Kardec: É importante observar que aquele que recorre a um terceiro para obter comunicações, apesar da qualidade do médium, muitas vezes nada consegue de satisfatório, ao passo que, em outras ocasiões, as respostas são muito explícitas. Isso depende de tal modo da vontade do Espírito, que nada se consegue mudando de médium.

Parece que os Espíritos obedecem a uma palavra de ordem, porque aquilo que não se consegue com um, também não se conseguirá com outro. Sendo assim, é melhor não insistir e não se impacientar, para não sermos enganados pelos Espíritos mentirosos e mistificadores, que responderão aos que insistem, e os bons Espíritos deixarão que eles assim o façam, a fim de punirem a nossa teimosia.

12. Com que objetivo algumas pessoas recebem de Deus uma mediunidade totalmente especial?

– É uma missão que elas escolheram antes de reencarnar e com a qual ficam felizes. Essas pessoas são os intérpretes entre os Espíritos e os homens.

13. Entretanto, existem médiuns que desempenham sua missão com má vontade.

– São médiuns imperfeitos. Desconhecem o valor da graça que lhes foi concedida.

14. Se a mediunidade é uma missão, por que ela não é concedida somente aos homens de bem? Por que ela é dada a pessoas que não merecem nenhuma consideração e que dela podem abusar?

– Essas pessoas precisam da mediunidade para se melhorarem, e para que tenham a possibilidade de receber, elas mesmas, os bons ensinamentos trazidos pelos Espíritos. Se não aproveitam a concessão que lhes é oferecida, sofrerão as consequências. Jesus não pregava de preferência aos pecadores, dizendo que era preciso dar aos que não têm?

15. As pessoas que possuem um grande desejo de escrever como médiuns, mas não conseguem, podem concluir daí algo negativo contra si mesmas, no que diz respeito à boa vontade dos Espíritos para com elas?

– Não, porque Deus pode ter recusado essa faculdade, assim como pode ter recusado o dom da música ou da poesia, por exemplo. Entretanto, se não desfrutam desse favor, podem desfrutar de outros.

16. Como um homem pode se aperfeiçoar pelo ensinamento dos Espíritos, se ele não é médium e não tem o auxílio de outros médiuns que possam lhe passar de um modo direto esse ensinamento?

– Ele não tem os livros, assim como o cristão tem o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, não é necessário que o cristão tenha ouvido as palavras da própria boca do Mestre.

CAPÍTULO 18

INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

- INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE A SAÚDE
- INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE O CÉREBRO
- INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE AS CRIANÇAS

INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE A SAÚDE

221.

1. A faculdade mediúnica é sinal de algum “estado patológico” qualquer, ou simplesmente de um “estado anormal”?

– Às vezes, é sinal de um estado anormal, mas não **patológico**. Existem médiuns com saúde perfeita, e aqueles que são doentes o são por outras causas.

Observação

Patológico – Nesse caso, sinônimo de doença, estado doentio.

2. O exercício da faculdade mediúnica pode causar algum tipo de fadiga?

– O exercício prolongado de qualquer faculdade produz fadiga. Com a mediunidade ocorre o mesmo, principalmente com a mediunidade de efeitos físicos. Ela necessariamente ocasiona um dispêndio maior de fluido animalizado (ectoplasma), que leva o médium à fadiga, mas que ele recupera pelo repouso.

3. Excluindo-se os casos de abuso, o exercício da mediunidade pode ter inconvenientes para a saúde?

– Existem casos em que é prudente, e até mesmo necessário, abster-se, ou, pelo menos, moderar o uso da mediunidade. Isso vai depender do estado físico e moral do médium, que geralmente o percebe. Quando ele começa a sentir-se fatigado, deve abster-se.

4. O exercício da mediunidade pode trazer mais inconvenientes para algumas pessoas do que para outras?

– Eu já disse que isso depende do estado físico e moral do médium. Existem pessoas que devem evitar qualquer causa de superexcitação, e o exercício mediúnico é uma delas. (Ver itens nº 188 e 194.)

INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE O CÉREBRO

5. A mediunidade pode produzir a loucura?

– Pode produzir a loucura tanto quanto qualquer outra atividade, desde que a pessoa tenha um cérebro fraco, que já ofereça alguma predisposição para a loucura. A mediunidade não produz a loucura, se esta já não existir em estado rudimentar. Entretanto, se o seu princípio já existe, o que facilmente se reconhece pelas condições psíquicas e mentais da pessoa, o bom senso recomenda que se tenha cautela, sob todos os aspectos, pois qualquer causa de agitação pode ser prejudicial.

INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO DA MEDIUNIDADE SOBRE AS CRIANÇAS

6. Existem inconvenientes em desenvolver a mediunidade nas crianças?

– Certamente. E posso assegurar que é mesmo muito perigoso, porque

esses organismos frágeis e delicados sofreriam fortes abalos e suas imaginações infantis ficariam muito excitadas. Assim, os pais prudentes devem evitar o desenvolvimento precoce da mediunidade. O que eles devem dar às crianças é o ensinamento moral do Espiritismo, que irá prepará-las para uma vida normal através do conhecimento da Doutrina.

7. Entretanto, existem crianças que são médiuns naturalmente, seja para os fenômenos de efeitos físicos, para a escrita ou para as visões. Esses casos apresentam o mesmo inconveniente?

– Não. Quando a mediunidade se manifesta espontaneamente numa criança, é porque essa mediunidade já pertence à natureza fisiológica da própria criança, e também porque a sua constituição física se presta para que essa faculdade se manifeste. O mesmo não acontece quando ela é provocada e superexcitada.

Notem que a criança que tem visões pouco se importa com elas; essas visões lhe parecem uma coisa muito natural. Assim, ela lhes dá pouca atenção e quase sempre as esquece. Mais tarde, a lembrança do fato que ela viu lhe volta à memória e ela o explica facilmente, caso conheça o Espiritismo.

8. A partir de que idade se pode utilizar a mediunidade, sem inconvenientes?

– Não existe uma idade precisa. Isso depende inteiramente do desenvolvimento físico e, mais particularmente, do desenvolvimento psíquico. Existem crianças de doze anos que serão menos afetadas pela faculdade mediúnica do que pessoas adultas. Falo da mediunidade em geral, porque a de efeitos físicos é mais cansativa para o corpo físico. A mediunidade da escrita tem como inconveniente a falta de experiência da criança, caso ela queira praticá-la sozinha ou fazer disso um brinquedo.

222. A prática do Espiritismo, como veremos mais adiante, requer muita habilidade para desfazer as armadilhas dos Espíritos enganadores. Se até os homens maduros e experientes são enganados por eles, o que esperar da

infância e da juventude, que estão muito mais expostas, em virtude da pouca experiência?

Sabe-se, também, que o recolhimento é uma condição essencial para lidar com os Espíritos sérios. As evocações feitas levianamente ou por divertimento constituem uma verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros ou malvados. Como não se pode esperar que uma criança compreenda a importância de não fazer evocações levianas, seria de temer que ela, entregue a si mesma, fizesse da evocação um brinquedo.

Mesmo nas condições mais favoráveis, é desejável que uma criança, dotada de faculdade mediúnica, apenas exerça essa mediunidade sob a orientação de pessoas experientes, que lhe ensinarão, por exemplo, o respeito pelas almas que já pertenceram a este mundo.

Por aí se vê que a questão da idade está subordinada tanto às condições do desenvolvimento físico, quanto às do caráter ou do amadurecimento moral. Entretanto, o que sobressai claramente das respostas acima é que não se deve forçar o desenvolvimento da mediunidade em crianças, quando essa mediunidade não é espontânea, e que, em todos os casos, ela deve ser utilizada com grande prudência. Jamais se deve provocar ou estimular o exercício da mediunidade em pessoas frágeis.

Devem ser afastadas da prática mediúnica, por todos os meios possíveis, as pessoas que apresentem quaisquer sinais de possuírem “ideias excêntricas” ou “enfraquecimento das faculdades mentais”. Certamente, nessas pessoas existe uma predisposição evidente para a loucura, e qualquer causa de superexcitação pode desencadeá-la.

As ideias espíritas não têm, em relação à loucura, maior influência do que as outras. Entretanto, se a loucura acontecer, tomará o caráter de preocupação dominante, como tomaria o caráter religioso, se a pessoa se entregasse com excesso às práticas da devoção, e a responsabilidade seria atribuída ao Espiritismo. O que se pode fazer de melhor, com toda pessoa que revele tendência à ideia fixa, é dirigir as suas preocupações para um outro campo,

com a finalidade de proporcionar repouso aos seus órgãos enfraquecidos.

A propósito desse assunto, chamamos a atenção dos nossos leitores para o item nº 12 da introdução de *O Livro dos Espíritos*.

CAPÍTULO 19

PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

- INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO DO MÉDIUM
 - SISTEMA DOS MÉDIUNS INERTES
- APTIDÃO DE ALGUNS MÉDIUNS PARA COISAS QUE NADA CONHECEM: LÍNGUAS, MÚSICA, DESENHO ETC.
- DISSERTAÇÃO DE DOIS ESPÍRITOS SOBRE O PAPEL DOS MÉDIUNS

INFLUÊNCIA DO ESPÍRITO DO MÉDIUM

223.

1. No momento em que exerce a sua mediunidade, o médium se encontra em estado perfeitamente normal?

– Às vezes ele se acha num estado alterado de consciência mais ou menos acentuado. É este estado que lhe causa a fadiga, e é por isso que ele tem necessidade de repouso. Entretanto, na maioria das vezes, seu estado quase não difere do estado normal, principalmente quando se trata de médiuns escreventes.

2. As comunicações escritas ou verbais podem vir também do próprio Espírito encarnado no médium?

– A alma do médium pode comunicar-se como qualquer outra. Quando desfruta de um certo grau de liberdade, a alma recobra as suas qualidades de Espírito. A prova disso está na alma das pessoas vivas que vem visitar e se comunicar com os encarnados pela escrita, muitas vezes sem serem chamadas. Fiquem sabendo que, entre os Espíritos que são evocados, existem alguns que ainda estão encarnados na Terra. *Nesse caso, eles falam como Espíritos e não como homens.* Por que o mesmo não pode acontecer com o médium?

2a. Essa explicação não confirma a opinião daqueles que acreditam que todas as comunicações provêm do Espírito do médium e não de Espíritos estranhos?

– Aqueles que pensam assim estão errados, apenas porque consideram a sua opinião como sendo a única, absoluta, uma vez que é certo que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Entretanto, isso não é razão para que outros Espíritos não atuem igualmente por seu intermédio.

3. Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou é um Espírito estranho?

– Pela natureza das comunicações. Estudem as circunstâncias e a linguagem e será fácil distinguir. É principalmente no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque é nesse estado que ele se encontra mais livre. No estado normal é mais difícil. Aliás, existem respostas que não podem ser atribuídas ao médium de modo algum. É por isso que eu digo: estudem e observem.

Observação de Kardec: Quando uma pessoa nos fala, distinguimos facilmente o que vem dela daquilo que vem dos Espíritos que a estão acompanhando. O mesmo acontece com os médiuns.

4. O Espírito do médium pode ter adquirido, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu na encarnação atual, mas dos quais se lembra como Espírito. Ele não pode tirar de si mesmo, do fundo de suas lembranças, as ideias que parecem ultrapassar o alcance de sua instrução?

– Isso acontece muitas vezes no estado sonambúlico ou no estado de êxtase. Repito mais uma vez: existem circunstâncias que não permitem dúvida quanto ao conteúdo daquilo que o médium recebe ser dele ou de outro Espírito. Estudem muito e meditem.

5. As comunicações provenientes do Espírito do médium são sempre

inferiores às que são dadas por outros Espíritos?

– Nem sempre, porque o Espírito comunicante pode ser de uma ordem inferior à do médium e, nesse caso, falará com menos sensatez. É o que acontece no sonambulismo. Aí, na maioria das vezes, quem se manifesta é o Espírito do próprio sonâmbulo, o qual, com frequência, diz coisas muito boas.

6. O Espírito comunicante transmite diretamente o seu pensamento, ou esse pensamento tem por intermediário o Espírito do médium?

– O Espírito do médium é quem interpreta esse pensamento, porque é ele quem está ligado ao corpo físico, que serve para dar a comunicação. É necessário um elo entre vocês e os Espíritos que se comunicam, assim como também é necessário um fio elétrico para que o telégrafo transmita uma notícia à grande distância, desde que exista, na ponta do fio, uma pessoa inteligente que a receba e transmita a mensagem.

7. O Espírito do médium exerce alguma influência nas comunicações que outros Espíritos devem transmitir por seu intermédio?

– Sim, porque, se não houver afinidade entre eles, o médium pode alterar as respostas, adaptando-as às suas próprias ideias e tendências. Nesse caso, *o Espírito do médium não exerce influência sobre os próprios Espíritos que se comunicam e sim sobre as suas respostas*. Assim, se o médium adapta o pensamento dos Espíritos às suas próprias ideias, ele é apenas um mau intérprete.

8. Essa é a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

– Certamente, até porque não existem outras. Os Espíritos procuram o intérprete com quem melhor sintonizam e que possa transmitir com maior exatidão os seus pensamentos. Se não houver afinidade, sintonia entre eles, o Espírito do médium será um opositor que oferece certa resistência, tornando-se um intérprete de má qualidade e, muitas vezes, infiel à mensagem. O mesmo acontece entre os homens, quando o ensinamento de um sábio é transmitido por alguém de pouca instrução ou de má-fé.

9. Compreende-se que seja assim com os médiuns intuitivos, mas o

mesmo não deve ocorrer com os médiuns mecânicos.

– Você ainda não compreendeu bem a função do médium. Existe aí uma Lei que ainda lhe escapa. Lembre-se de que, para produzir o movimento de um corpo inerte, o Espírito utiliza uma parcela do fluido animalizado, que ele retira do médium, para animar momentaneamente a mesa, a fim de que esta obedeça à sua vontade. Assim, para uma comunicação inteligente, o Espírito precisa também de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium.

9a. Parece que isso não se aplica às mesas falantes, pois quando objetos inertes como mesas, pranchetas e cestas dão respostas inteligentes, presume-se que o Espírito do médium não tenha nenhuma participação na resposta.

– É um engano. O Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida artificial momentânea, mas não pode lhe dar a inteligência. Jamais um corpo inerte teve inteligência. Assim, é o Espírito do médium que recebe, sem perceber, o pensamento do Espírito comunicante, e o transmite, passo a passo, com o auxílio de diversos intermediários ou instrumentos, tais como a mesa, a cesta, a prancheta etc.

10. Então, de acordo com essas explicações, devemos entender que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?

– O Espírito do médium é passivo quando não mistura as suas próprias ideias com as ideias do Espírito comunicante, mas ele nunca é inteiramente nulo. Sua participação é sempre indispensável, como a de um intermediário, mesmo quando se trata dos chamados médiuns mecânicos.

11. O médium mecânico não possui mais garantia de independência do que o médium intuitivo?

– Sem dúvida alguma e, para algumas comunicações, é sempre preferível um médium mecânico; mas, quando as faculdades de um médium intuitivo são bem conhecidas, isso se torna indiferente, de acordo com as circunstâncias. Quero dizer que existem comunicações que exigem menos precisão.

SISTEMA DOS MÉDIUNS INERTES

12. Entre os diferentes sistemas sugeridos para explicar os fenômenos espíritas, existe um que acredita que a verdadeira mediunidade está num corpo completamente inerte e que serve de instrumento ao Espírito, como a cesta ou a caixa de papelão, por exemplo; assim, o Espírito comunicante se identifica com esse objeto e o torna não somente vivo, mas também inteligente; desse modo, esses objetos recebem o nome de “médiuns inertes”. O que você pensa sobre isso?

– Existe apenas uma resposta para essa pergunta: se o Espírito transmitisse inteligência e vida a uma caixa de papelão, ela escreveria sozinha sem a necessidade do médium. Seria muito estranho que o “homem inteligente” se transformasse em máquina e que um “objeto inerte” se tornasse inteligente. Esse é um dos muitos sistemas provenientes de ideias preconcebidas e que caem, como tantos outros, diante da experiência e da observação.

13. Um fenômeno bem conhecido não poderia confirmar a opinião de que existe, nos corpos inertes animados, mais do que a vida, mais do que a inteligência, como é o caso das mesas, das cestas etc., que pelos seus movimentos exprimem a cólera ou a afeição?

– Quando um homem encolerizado agita um bastão, não é o bastão que está com cólera e nem mesmo a mão que o segura, mas o pensamento daquele que dirige a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes do que o bastão. Não apresentam nenhum sentimento inteligente, apenas obedecem a uma inteligência. Resumindo: não é o Espírito que se transforma em cesta, e muito menos escolhe a cesta para se abrigar.

14. Se não é racional atribuir inteligência a esses objetos, podemos considerá-los como sendo uma categoria de médiuns, dando a eles o nome de “médiuns inertes”?

– Isso é apenas uma questão de palavras que pouco nos importa, contanto que vocês se entendam. Considerem-se livres para dar a um “boneco” o nome

de “homem”.

15. Os Espíritos possuem apenas a linguagem do pensamento; não possuem a linguagem articulada, de modo que para eles só existe uma língua. Sendo assim, um Espírito pode se exprimir, por via mediúnica, numa língua que jamais falou quando era vivo? E, nesse caso, de onde ele tira as palavras das quais se serve?

– Ao dizer que o Espírito tem apenas a linguagem do pensamento, você mesmo respondeu à pergunta que formulou. A linguagem do pensamento é compreendida por todos, tanto pelos homens, quanto pelos Espíritos. O Espírito comunicante, quando se dirige ao Espírito do médium encarnado, não lhe fala em francês e nem em inglês, ele utiliza a língua universal, que é a do pensamento. Para exprimir suas ideias numa linguagem articulada, transmissível, ele retira as suas palavras do vocabulário do médium.

APTIDÃO DE ALGUNS MÉDIUNS PARA COISAS QUE NADA CONHECEM: LÍNGUAS, MÚSICA, DESENHO ETC.

16. Sendo assim, o Espírito só poderia se exprimir na língua do médium. Entretanto, ele escreve em línguas que o médium desconhece. Não existe aí uma contradição?

– Primeiramente, é preciso observar que nem todos os médiuns estão aptos a esse tipo de exercício e que os Espíritos só se prestam a isso acidentalmente, quando julgam que essa manifestação pode ter alguma utilidade. Para as comunicações usuais e mais extensas, os Espíritos preferem utilizar uma língua que seja familiar ao médium, porque assim eles têm menos dificuldades materiais a vencer.

17. A aptidão que certos médiuns possuem para escrever numa língua que lhes é estranha não provém do fato de que essa língua lhes foi familiar numa existência anterior, da qual eles conservam a intuição?

– Certamente que isso pode acontecer, mas não é uma regra. O Espírito pode, com algum esforço, vencer momentaneamente a resistência material que encontra no médium. A mesma coisa acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece.

18. Uma pessoa que não sabe escrever pode escrever quando está mediunizada?

– Sim, mas ela terá uma grande dificuldade mecânica a vencer, porque a sua mão não está habituada ao movimento necessário para formar as letras. O mesmo ocorre com os médiuns desenhistas que não sabem desenhar.

19. Um médium de pouca inteligência pode transmitir comunicações elevadas?

– Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever numa língua que não conhece. A mediunidade propriamente dita independe da inteligência, bem como das qualidades morais do médium. Na falta de um instrumento melhor, o Espírito pode servir-se daquele que tem à mão. Entretanto, é natural que, para as comunicações de uma certa ordem, ele prefira o médium que lhe ofereça menos obstáculos materiais. Existe, ainda, uma outra consideração a fazer: o deficiente mental só é deficiente pela imperfeição de seus órgãos, porque o seu Espírito pode ser mais adiantado do que se pensa. A prova disso está na evocação de certos deficientes mentais, mortos ou vivos.

Observação de Kardec: Este é um fato comprovado pela experiência. Já evocamos inúmeras vezes Espíritos de deficientes mentais vivos, que deram provas evidentes de sua identidade e responderam, de maneira sensata e até mesmo superior, às questões que lhes foram propostas. Esse estado de demência é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se encontra. Em alguns casos, um médium deficiente mental pode oferecer, ao Espírito que deseja se manifestar, mais recursos do que se pensa. (Ver a Revista Espírita de julho de 1860, artigo sobre “Frenologia e Fisionomia”.)

20. Como se explica a aptidão de certos médiuns para escrever em versos, apesar de sua ignorância em matéria de poesia?

– A poesia é uma linguagem. Eles podem escrever em versos, assim como podem escrever numa língua que desconhecem. Além disso, o médium pode ter sido poeta numa existência anterior e, conforme já disse, os conhecimentos adquiridos jamais são perdidos pelo Espírito, porque ele deve atingir a perfeição em todas as coisas. Assim, o que os médiuns aprenderam no passado lhes dá, sem que se apercebiam disso, uma facilidade que não possuem no estado habitual.

21. É da mesma forma que se explica a aptidão para o desenho e para a música?

– Sim. O desenho e a música também são formas de expressar o pensamento. Os Espíritos se utilizam dos médiuns que lhes oferecem mais-facilidade.

22. A expressão do pensamento pela poesia, pelo desenho ou pela música depende unicamente da aptidão especial que o médium possua para essas manifestações, ou depende também da aptidão do Espírito que se comunica?

– Algumas vezes, depende da aptidão do médium; outras vezes, do Espírito que se comunica. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões. Os Espíritos inferiores dispõem apenas de conhecimentos limitados.

23. Por que razão um homem dotado de um grande talento numa existência não o possui na existência seguinte?

– Nem sempre é assim, pois muitas vezes ele aperfeiçoa numa existência o que começou na anterior. Mas pode acontecer que uma faculdade extraordinária adormeça durante certo tempo, para facilitar o desenvolvimento de outra. A faculdade desenvolvida é um gérmen latente, que será reencontrado mais adiante, em encarnações futuras, e do qual o Espírito sempre retém alguns traços ou pelo menos uma vaga intuição.

Observação

A Doutrina Espírita nos ensina que o Espírito é um ser que está em constante evolução; ensina também que ele, fazendo uso do seu livre-arbítrio, até pode permanecer certo tempo estacionado, sem evoluir, mas jamais regride. Assim, tudo aquilo que o Espírito aprende, seja em que campo for, passa a fazer parte do seu patrimônio individual, e este é intransferível.

224. O Espírito comunicante compreende todas as línguas, porque as línguas são a expressão do pensamento, e é pelo pensamento que o Espírito tem a compreensão de tudo. Mas, para exprimir esse pensamento, o Espírito precisa de um instrumento, e esse instrumento é o médium.

A alma do médium, que recebe a comunicação do Espírito, só pode transmiti-la por intermédio dos órgãos do seu corpo físico. Ora, esses órgãos não podem ter, para uma língua que o médium desconheça, a mesma desenvoltura que têm para uma língua que lhe é familiar.

Um médium que apenas saiba o francês pode, acidentalmente, dar uma resposta em inglês se o Espírito assim o desejar. Mas, geralmente, os Espíritos não utilizam outra língua, porque já se impacientam com a resistência mecânica do processo de transmissão e com a lentidão da linguagem humana, em comparação com a rapidez do pensamento; assim, eles abreviam o quanto podem a nossa linguagem. Essa também é a razão por que um médium principiante, que escreve com dificuldade e lentidão, ainda que na sua própria língua, em geral obtém apenas respostas breves e sem o necessário desenvolvimento.

É por isso que os Espíritos recomendam que somente perguntas simples sejam feitas aos médiuns principiantes. Para as perguntas de maior alcance é necessário um médium mais experiente, já desenvolvido, e que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Não escolheríamos, para ler um texto, um estudante que estivesse aprendendo a soletrar. Um bom operário não gosta de trabalhar com ferramentas ruins.

No que diz respeito às “línguas estrangeiras”, vamos acrescentar outra consideração, que é muito importante: as tentativas nesse campo são sempre feitas por “curiosidade” e com o objetivo de “experimentação”. Nada é mais antipático aos Espíritos do que as provas a que tentam submetê-los. Os Espíritos superiores jamais se prestam a elas e se recusam a servir a essas experimentações. Assim como se comprazem com as coisas úteis e sérias, afastam-se das coisas fúteis e sem objetivo.

Os incrédulos dirão que, sendo para convencê-los, qualquer objetivo é útil, uma vez que, com a sua conversão, o Espiritismo pode conquistar mais adeptos para a sua causa. A isso respondem os Espíritos: “A nossa causa não precisa daqueles que têm bastante orgulho para se acreditarem indispensáveis. Chamamos a nós aqueles que queremos, e estes são quase sempre os mais humildes e os pequenos. Por acaso Jesus fez os milagres que os escribas lhe pediam? E de que homens o Cristo se serviu para revolucionar o mundo? Se querem se convencer, existem outros meios que não o de fazer exigências para os Espíritos. Comecem primeiro por se submeter com humildade ao aprendizado; não é normal que o discípulo imponha a sua vontade ao mestre”.

Salvo algumas poucas exceções, o médium exprime o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que estão à sua disposição. A expressão do pensamento do Espírito comunicante pode, e até mesmo deve, se ressentir da imperfeição dos meios que o médium lhe disponibiliza. Assim, o homem inculto, o camponês, pode dizer as mais belas coisas, expressar as mais elevadas ideias, os pensamentos mais filosóficos, falando como camponês, pois, como se sabe, para os Espíritos o pensamento está acima de tudo.

Isso responde a certas críticas a respeito dos erros de linguagem e de ortografia que se atribuem aos Espíritos, e que tanto podem ser deles quanto do médium. É uma grande futilidade apegar-se a tais coisas. Também não é menos fútil reproduzir esses erros com exatidão minuciosa, conforme temos visto os críticos fazerem algumas vezes.

Portanto, devemos corrigir esses erros de linguagem e de ortografia sem

nenhum medo de estar interferindo na mensagem dos Espíritos, a menos que esses erros façam parte da característica do Espírito comunicante, caso em que é útil conservá-los, como prova de identidade. Por exemplo, vimos um Espírito escrever constantemente “Jule” (sem o “s” final), referindo-se ao seu neto Jules, porque, quando vivo, escrevia desse modo, embora seu neto, que lhe servia de médium, soubesse perfeitamente escrever o seu nome.

DISSERTAÇÃO DE DOIS ESPÍRITOS SOBRE O PAPEL DOS MÉDIUNS

225. A dissertação que se segue, dada espontaneamente por dois Espíritos superiores, que se revelaram por comunicações de ordem elevadíssima, resume de maneira clara e completa a questão do papel do médium nas comunicações:

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, sejam eles mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, os nossos processos de comunicação por meio deles não variam na sua essência. Assim, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados dos médiuns, da mesma forma que com os Espíritos desencarnados, e essas comunicações se realizam unicamente pela irradiação do nosso pensamento.”

“Os nossos pensamentos não precisam do auxílio da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem os pensamentos que desejamos lhes transmitir, pelo simples fato de que dirigimos a eles esse pensamento. Essa percepção está na razão direta do grau de suas faculdades intelectuais. Sendo assim, determinado pensamento pode ser compreendido por alguns, de acordo com o seu adiantamento, enquanto que, para outros, o mesmo pensamento não pode ser percebido, porque não desperta nenhuma lembrança, nenhum conhecimento guardado no fundo do seu coração ou do seu cérebro.”

“Nesse caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais

apropriado para transmitir o nosso pensamento a outros encarnados, mesmo que não o compreenda, coisa que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado, não poderia fazer, se fôssemos obrigados a recorrer a ele para ser nosso intermediário. Isso porque o encarnado coloca à nossa disposição o seu corpo físico, como instrumento, o que o Espírito desencarnado não pode fazer.”

“Desse modo, quando encontramos um médium com o cérebro repleto de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o Espírito rico de conhecimentos latentes, adquiridos em existências anteriores, próprios a facilitar as nossas comunicações, preferimos nos servir dele. Com um médium assim, o fenômeno da comunicação se torna muito mais fácil para nós do que com um médium de inteligência limitada e com escassos conhecimentos adquiridos em outras existências. Vamos nos fazer compreender melhor por meio de algumas explicações claras e precisas.”

“Com médiuns cuja inteligência atual ou anterior se encontra desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente, de Espírito para Espírito, graças a uma faculdade que faz parte da essência do próprio Espírito. Desse modo, encontramos no cérebro do médium os elementos apropriados a dar ao nosso pensamento a palavra que lhe corresponda, quer o médium seja intuitivo, semimecânico ou inteiramente mecânico. É por isso que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com o médium, os ditados por eles recebidos, mesmo que vindos de Espíritos diferentes, trazem sempre o cunho pessoal do médium, quanto à forma e ao estilo. Ainda que o pensamento não seja totalmente estranho ao médium, que o assunto esteja fora dos seus domínios, e aquilo que desejamos dizer não provenha dele de maneira alguma, nem por isso o médium deixa de exercer a sua influência quanto à forma, dando-lhe as qualidades e as propriedades características da sua individualidade.”

“O mesmo ocorre quando olhamos diversos lugares através de um binóculo com lentes coloridas nas cores verde, branca ou azul; embora os

lugares ou objetos vistos sejam diferentes e independentes uns dos outros, eles aparecerão sempre com a coloração que provém das cores das lentes.”

“Melhor ainda: comparemos os médiuns a esses recipientes de vidro cheios de líquidos coloridos e transparentes que se veem nos mostruários dos laboratórios farmacêuticos. Pois bem, nós, os Espíritos, somos como luzes que clareiam certos panoramas morais, filosóficos e psicológicos, iluminando-os através dos médiuns azuis, verdes ou vermelhos. Assim, os nossos raios luminosos tomam essas colorações, quando são obrigados a passar através de vidros mais ou menos lapidados, mais ou menos transparentes, ou seja, médiuns mais ou menos inteligentes. Esses raios só atingem os objetos que desejamos iluminar, tomando a coloração, ou melhor, a forma própria e particular desses médiuns.”

“Enfim, para terminar, vou fazer uma última comparação: nós, os Espíritos, somos como compositores de músicas que, tendo composto e querendo improvisar uma música, só temos à mão um destes instrumentos: um piano, um violino, uma flauta, um baixo ou uma gaita barata. É incontestável que, com o piano, com a flauta ou com o violino, executaremos a nossa composição de modo muito compreensível para os nossos ouvintes. Embora os sons produzidos pelo piano, pela flauta ou pelo violino sejam essencialmente diferentes entre si, nossa composição será sempre a mesma com qualquer desses instrumentos, variando apenas as nuances do som. Mas, se tivermos à nossa disposição apenas uma gaita barata ou um instrumento improvisado, aí está para nós a dificuldade.”

“De fato, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco desenvolvidos, nosso trabalho se torna bem mais longo e difícil, pois temos que recorrer a formas imperfeitas de expressão, o que para nós é uma complicação. Somos então forçados a decompor o nosso pensamento e a ditar palavra por palavra, letra por letra, o que representa uma fadiga e um aborrecimento, constituindo um verdadeiro entrave à rapidez e ao bom desenvolvimento das nossas manifestações.”

“É por isso que nos sentimos felizes quando encontramos médiuns prontos, bem aparelhados, munidos de elementos mentais que podem ser prontamente utilizados. Quando isso ocorre, o nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele a quem *mediunizamos*, nada mais tem a fazer do que lhe impulsionar a mão que nos serve de porta-lápis ou porta-caneta. Já com os médiuns mal aparelhados, somos obrigados a realizar um trabalho semelhante ao que executamos quando nos comunicamos por meio de pancadas, ou seja, indicando letra por letra, palavra por palavra, para formar as frases que traduzem o pensamento que queremos transmitir.”

“É por essa razão que nos dirigimos de preferência às classes cultas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento da mediunidade escrevente, mesmo sabendo que é nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. Também é por isso que deixamos hoje, aos “Espíritos brincalhões” e pouco adiantados, a transmissão das comunicações tangíveis, por meio de pancadas, e os fenômenos de transporte. Entre os encarnados, os homens pouco sérios também preferem o espetáculo dos fenômenos que lhes encham os olhos e os ouvidos, ao invés dos fenômenos de natureza puramente espirituais, puramente psicológicos.”

“Quando queremos transmitir mensagens espontâneas, agimos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium; assim, juntamos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece, e isso sem o seu conhecimento. É como se tirássemos da bolsa do médium o dinheiro que ele aí possa ter e dispuséssemos as moedas, para somá-las, na ordem que nos parecesse mais conveniente.”

“Entretanto, quando o próprio médium quer nos interrogar, seja por que meio for, seria bom que refletisse seriamente sobre o que acabamos de dizer, a fim de fazer com método as suas perguntas, facilitando-nos assim o trabalho de responder. Porque, conforme já dissemos em instrução anterior, o cérebro humano está frequentemente numa desordem tão grande que, para nós, torna-se difícil e penoso mover-nos no labirinto desses pensamentos.”

“Quando as perguntas forem feitas por terceiros, é bom e conveniente que sejam comunicadas com antecedência ao médium, para que ele se identifique com o Espírito do interrogante e fique por dentro de suas intenções. Porque, se for assim, nós teremos mais facilidade para responder, graças à afinidade existente entre o nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.”

“Sem dúvida que podemos tratar de matemática, utilizando um médium que a desconheça por completo; entretanto, quase sempre, o Espírito do médium possui esse conhecimento em estado latente. Isso quer dizer que o assunto é conhecido pelo ‘ser fluídico’, ou melhor, pelo Espírito do médium, e não pelo ‘ser encarnado’, porque o seu corpo físico atual é um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento.”

“O mesmo ocorre com a Astronomia, com a Poesia, com a Medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos característicos à espécie humana. Finalmente, temos ainda um sistema de elaboração difícil, quando utilizamos médiuns que são completamente estranhos ao assunto tratado. Esse sistema consiste em reunir as letras e as palavras, uma a uma, como se faz em tipografia.”

“Conforme já dissemos, os Espíritos não precisam utilizar palavras para exprimir o seu pensamento. Pelo fato de os pensamentos já existirem nos Espíritos, eles os percebem e os transmitem naturalmente entre si. Os seres encarnados, ao contrário, só podem comunicar-se quando o pensamento é traduzido em palavras. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, enfim, são necessários para que vocês percebam as ideias, ainda que mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós.”

Erasto e Timóteo

***Observação de Kardec:** Esta análise do papel dos médiuns e dos processos que os Espíritos utilizam para se comunicar é tão clara quanto lógica. Dela resulta o princípio de que o Espírito comunicante não se utiliza das ideias do médium, mas dos materiais necessários, que ele encontra no cérebro do médium, para*

expressar os seus próprios pensamentos. Quanto mais rico em materiais for esse cérebro, tanto mais fácil será a comunicação. Quando o Espírito se exprime numa língua familiar à do médium, encontra as palavras já formadas e prontas para traduzir a sua ideia. Se o faz numa língua estranha à do médium, não dispõe das palavras, mas apenas das letras. É por isso que o Espírito se vê obrigado a ditar, letra por letra, exatamente como se quiséssemos fazer escrever em alemão uma pessoa que nada soubesse dessa língua.

Se o médium não souber ler nem escrever, o Espírito comunicante não dispõe nem mesmo das letras em seu cérebro. Então, torna-se necessário que o Espírito lhe conduza a mão, como se faz com uma criança que está sendo alfabetizada. Nesse caso, existe uma dificuldade material ainda maior a ser vencida.

Portanto, esses fenômenos são possíveis e deles existem numerosos exemplos. Entretanto, compreende-se que essa maneira de proceder não é apropriada para comunicações extensas e rápidas, e que os Espíritos devem preferir os médiuns mais rápidos, mais bem aparelhados do ponto de vista deles.

Se aqueles que solicitam esses fenômenos, como meio de se convencerem, tratassem antes de estudar a teoria, saberiam em que condições excepcionais eles se produzem.

CAPÍTULO 20

INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

- PERGUNTAS DIVERSAS
- DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE A INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

PERGUNTAS DIVERSAS

226.

1. O desenvolvimento da mediunidade é proporcional ao desenvolvimento moral do médium?

– Não. A faculdade mediúnica reside no organismo físico do médium, e é independente da moral. Entretanto, o mesmo não acontece com o seu uso, que pode ser bom ou mau, de acordo com as qualidades morais do médium.

2. Sempre se disse que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Então, por que ela não é privilégio dos homens de bem? Por que existem criaturas indignas que a possuem no mais alto grau e a empregam para o mal?

– Todas as faculdades são favores que devemos agradecer a Deus, porque existem homens que não as possuem. Você também poderia me perguntar por que Deus concede boa visão aos malfeitores, habilidade aos trapaceiros, eloquência aos que só utilizam a palavra para dizer coisas más. O mesmo acontece com a mediunidade. Se existem pessoas indignas que a possuem, é porque elas precisam da faculdade mediúnica mais do que as outras para se melhorarem. Por acaso Deus recusa os meios de salvação aos culpados? Ao contrário, Ele os multiplica no caminho que essas criaturas devem percorrer; coloca esses meios de salvação em suas próprias mãos, cabendo a elas aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo?

Deus permitiu que ele tivesse esse dom para tornar ainda mais odiosa, aos seus próprios olhos, a traição que praticou.

3. Os médiuns que empregam mal as suas faculdades, que não as utilizam para o bem ou que não as aproveitam para a sua própria instrução sofrerão as consequências dessa negligência?

– Se as utilizam mal, serão duplamente punidos, porque lhes é dado um meio a mais para se esclarecerem e eles não o aproveitam. Aquele que vê claramente e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no buraco.

4. Existem médiuns que com frequência recebem comunicações espontâneas sobre o mesmo assunto, sobre algumas questões morais, por exemplo, sobre determinados defeitos. Isso tem alguma finalidade?

– Sim, e a finalidade é esclarecê-los a respeito do assunto constantemente repetido ou corrigi-los de certos defeitos. É por isso que a uns os Espíritos falam incessantemente sobre o orgulho; a outros, sobre a caridade. Somente pela insistência com que esses temas são tratados é que esses médiuns abrirão os olhos. Todo médium que emprega mal a sua faculdade, seja por ambição ou por interesse, ou que compromete essa faculdade por um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade, entre outros, recebe, de tempos em tempos, alguma advertência por parte dos Espíritos. O problema é que, na maioria das vezes, ele não compreende que essas advertências são para si mesmo.

***Observação de Kardec:** Quase sempre os Espíritos dão suas lições com muita cautela e de um modo indireto. Assim, deixam o mérito para aqueles que sabem aplicar para si e aproveitar os ensinamentos que essas lições trazem consigo. Mas a cegueira e o orgulho de certas pessoas são tão grandes, que elas não se reconhecem nas lições recebidas pelos Espíritos. O mais grave é que, quando essas pessoas descobrem que os Espíritos estão se referindo a elas mesmas, zangam-se e os qualificam de mentirosos ou maliciosos. Apenas isso basta para provar que os Espíritos têm razão.*

5. Quando o médium recebe lições de ordem geral, que não se aplicam à sua pessoa, ele não se torna um instrumento passivo, visando tão somente à instrução dos outros?

– Muitas vezes, esses avisos e conselhos não são dirigidos pessoalmente ao médium, mas a outras pessoas, que só podem ser alcançadas com a participação do médium. Entretanto, se o médium não estiver cego pelo amor-próprio, deve tomar a parte que lhe cabe em tais avisos e conselhos.

A faculdade mediúnica não foi dada para corrigir apenas uma ou duas pessoas. Não! O objetivo é muito maior: trata-se da Humanidade. O médium é um instrumento que, como indivíduo, tem pouca importância. É por isso que, quando damos instruções de interesse geral, nós preferimos utilizar os médiuns que nos oferecem as facilidades necessárias. Mas fiquem certos de que chegará um tempo em que os bons médiuns serão muito comuns, e os bons Espíritos não precisarão mais utilizar maus médiuns.

6. Se as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como explicar que um médium dotado de boas qualidades possa transmitir respostas falsas ou grosseiras?

– Por acaso você conhece todos os segredos da alma humana? Além disso, a criatura pode ser leviana e fútil sem que seja viciosa. Às vezes, ela necessita de uma lição, a fim de que se mantenha vigilante.

7. Por que os Espíritos superiores permitem que pessoas dotadas de uma grande mediunidade, e que poderiam fazer um bem enorme, se tornem instrumentos do erro?

– Os Espíritos superiores procuram influenciá-las, mas quando elas se deixam arrastar pelos maus caminhos, eles não as impedem. É por isso que as utilizam com muito cuidado, porque a verdade não pode ser interpretada pela mentira.

8. É absolutamente impossível obter boas comunicações por um médium imperfeito?

– Um médium imperfeito pode, algumas vezes, obter boas coisas. Se ele

tem uma boa faculdade, os bons Espíritos podem utilizá-lo na falta de outro, em determinadas circunstâncias. Mas só o fazem esporadicamente, porque sempre darão preferência a um médium que melhor lhes convenha.

***Observação de Kardec:** Devemos observar que, quando os bons Espíritos julgam que um médium deixa de ser bem assistido e se torna, pelas suas imperfeições, presa dos Espíritos enganadores, quase sempre provocam circunstâncias que revelam os defeitos do médium e o afastam das pessoas sérias e bem-intencionadas, de cuja boa-fé ele poderia abusar. Neste caso, o afastamento do médium não deve ser lamentado, independente da qualidade de suas faculdades mediúnicas.*

9. Qual o médium que poderíamos considerar perfeito?

– Perfeito? Todos sabem que a perfeição não existe na Terra. Se ela existisse, você não estaria nela. Seria melhor dizer bom médium, e já é muito, porque eles são raros. O médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais se atreveriam a fazer uma tentativa para enganá-lo. O melhor médium é aquele que simpatiza apenas com os bons Espíritos e, por isso mesmo, é enganado com menos frequência.

10. Se o “bom médium” simpatiza apenas com os bons Espíritos, como eles permitem que o médium seja enganado?

– Algumas vezes, os bons Espíritos permitem que os melhores médiuns sejam enganados, para que exercitem o seu bom-senso e aprendam a discernir o verdadeiro do falso. Por melhor que seja um médium, ele nunca é tão perfeito que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isso deve lhe servir de lição.

As falsas comunicações, que de tempos em tempos o médium recebe, são advertências para que ele não se considere infalível, nem se torne vaidoso. O médium que recebe as coisas mais notáveis não tem por que se vangloriar disso, uma vez que o conteúdo não é seu. Como também não tem que se vangloriar o tocador de realejo, que apenas aciona a manivela do seu instrumento para obter

as mais belas canções.

11. Quais são as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?

– Querer o bem; repelir o orgulho e o egoísmo. Os dois procedimentos são necessários.

12. Se a palavra dos Espíritos superiores somente nos chega pura em condições tão difíceis de serem encontradas, isso não constitui um obstáculo à propagação da verdade?

– Não, porque o conhecimento sempre chega ao que deseja recebê-lo. Todo aquele que quer se esclarecer deve fugir das trevas, e as trevas estão na impureza do coração. Os bons Espíritos não atendem de boa vontade ao chamado dos que têm o coração manchado pelo orgulho, pela ganância e pela falta de caridade.

Todo homem que realmente deseja se esclarecer deve se despojar de toda vaidade humana e, mesmo possuindo inteligência, manter-se humilde diante do poder infinito do Criador. Esta é a melhor prova da sua sinceridade. É também uma condição que todos podem atingir.

227. Se o médium, do ponto de vista da execução, é apenas um instrumento, do ponto de vista moral ele exerce uma influência muito grande. Para que a comunicação se verifique, o Espírito comunicante precisa se identificar com o Espírito do médium. Essa identificação só é possível se houver simpatia entre eles, ou melhor, afinidade.

A alma do médium exerce sobre o Espírito comunicante uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de semelhança ou de diferença existente entre eles. Ora, se os bons têm afinidade com os bons e os maus têm afinidade com os maus, logo se conclui que as qualidades morais do médium exercem uma influência decisiva sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio.

Se o médium é inferior moralmente, os Espíritos inferiores se agrupam

em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos bons Espíritos que foram evocados. Entre as qualidades que atraem os bons Espíritos, estão: a bondade, a benevolência, a simplicidade de coração, o amor ao próximo e o desprendimento das coisas materiais. Entre os defeitos que afastam os bons Espíritos, estão: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a ambição, a sensualidade e todas as paixões que prendem o homem à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. Entretanto, a que eles exploram com mais habilidade é o “orgulho”, porque ele é o defeito que menos o homem reconhece em si mesmo. Inúmeros médiuns, dotados das mais belas faculdades, têm se perdido pelo orgulho. Se não fosse essa imperfeição, eles teriam se tornado médiuns notáveis e, por consequência, muito úteis.

Esses médiuns passam a ser presas de Espíritos mentirosos e têm suas faculdades adulteradas num primeiro momento, e aniquiladas logo em seguida. Assim, muitos deles são humilhados pelas mais amargas decepções.

Nos médiuns, o orgulho se manifesta por sinais evidentes, que devem merecer a máxima atenção por parte de todos, visto que este é um dos defeitos que mais desperta a desconfiança sobre a veracidade das comunicações. Começa por uma confiança cega quanto à “superioridade” das comunicações que recebem e por acreditarem que o Espírito que as transmite é infalível. Daí, um certo desprezo por tudo o que não venha deles, uma vez que julgam possuir o privilégio da verdade.

Eles ficam deslumbrados com o prestígio dos grandes nomes com que se enfeitam os Espíritos que se dizem seus protetores. Como seu amor-próprio sofreria em admitir que são enganados, recusam toda espécie de conselhos e até mesmo os evitam, afastando-se dos amigos ou de quem quer que lhes possa abrir os olhos. Se eles concordam em escutá-los, não levam em consideração as suas advertências, pois duvidar da superioridade do Espírito que os assiste seria quase que uma profanação.

Esses médiuns orgulhosos se melindram com a menor contestação, com uma simples observação crítica, chegando mesmo a odiar as pessoas que lhes prestam esse favor. Porque não querem contraditores, os Espíritos arrastam esses médiuns ao isolamento e se comprazem em iludi-los, levando-os ingenuamente a considerar os maiores absurdos como sendo coisas sublimes.

As características dos médiuns orgulhosos são as seguintes: confiança absoluta na superioridade das comunicações que recebem; desprezo pelas comunicações que não venham por seu intermédio; confiança total e irrestrita nos grandes nomes que por eles se manifestam; recusa de todo e qualquer conselho; repulsa a qualquer crítica; afastamento daqueles que podem dar opiniões desinteressadas; confiança cega na própria habilidade, apesar da falta de experiência.

Normalmente, o orgulho é despertado no médium pelas pessoas que o cercam. Se ele tem faculdades um pouco além do normal, se é procurado e elogiado, e ainda tem a pretensão de ser indispensável, logo tomará ares de importância e desdém, quando utilizar a sua mediunidade em benefício dos outros. Por mais de uma vez, tivemos que lamentar os elogios feitos a alguns médiuns, com a intenção de estimulá-los.

229. Em comparação com a descrição acima, vejamos as características do médium verdadeiramente bom, aquele no qual se pode realmente confiar. Antes de tudo, o médium deve ter uma grande facilidade para executar a escrita, permitindo que os Espíritos se comuniquem livremente e sem encontrar nenhuma dificuldade de ordem material.

Depois disso, o que mais importa considerar é a natureza dos Espíritos que habitualmente o assistem; para isso, devemos nos ater não aos nomes dados pelos Espíritos, mas à sua linguagem. O médium jamais deve esquecer que a simpatia que ele desfruta junto aos bons Espíritos está na razão direta dos esforços que ele faz para afastar os maus. Convencido de que a sua faculdade é um dom que apenas lhe foi concedido para fazer o bem, não procura de

nenhum modo aproveitar-se dela, e nem atribuir a si qualquer mérito por possuí-la.

Recebe como uma graça as boas comunicações que são transmitidas por seu intermédio e, através da sua bondade, da sua benevolência e da sua modéstia, procura esforçar-se para ser digno delas. O mau médium se orgulha das suas relações com os Espíritos superiores; o bom médium se humilha, por não se considerar digno desse favor.

DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE A INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

230. A instrução a seguir, sobre a influência moral do médium nas comunicações, nos foi dada por um Espírito (Erasto) do qual já reproduzimos muitas comunicações:

“Conforme já dissemos, os médiuns, na qualidade de médiuns, exercem uma influência apenas secundária nas comunicações dos Espíritos. Seu papel é o de um telégrafo, que transmite telegramas entre dois pontos afastados da Terra. Assim, quando nós, os Espíritos, queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium como o telegrafista age sobre o seu aparelho. Do mesmo modo que o *tique-taque* do telégrafo traça, a milhares de léguas, sobre uma tira de papel, os sinais da mensagem, nós também transmitimos, por meio do aparelho mediúnico, através das distâncias enormes que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo encarnado, aquilo que queremos ensinar aos homens por meio do aparelho mediúnico.”

“Mas, assim como as influências atmosféricas agem e perturbam as transmissões telegráficas, a influência moral do médium também pode perturbar a transmissão das nossas mensagens provenientes do além, uma vez que somos obrigados a fazê-las passar por um meio que lhes é adverso.”

“Entretanto, na maioria das vezes, essa influência é anulada pela nossa energia e pela nossa vontade, de modo que nenhuma perturbação se manifesta. De fato, ditados de alto alcance filosófico e comunicações de perfeita moralidade são transmitidos, algumas vezes, por médiuns pouco apropriados a esses ensinamentos superiores. Por outro lado, comunicações pouco edificantes chegam, algumas vezes, por médiuns que se envergonham de lhes terem servido de canal mediúnico.”

De uma maneira geral, pode-se afirmar que os Espíritos similares se atraem e que raramente os Espíritos das esferas elevadas se comunicam por maus médiuns, quando têm a condição de dispor de bons médiuns para fazê-lo.

Os médiuns levianos e pouco sérios atraem para si Espíritos da mesma natureza. É por isso que as suas comunicações são cheias de banalidades, futilidades, ideias truncadas e, muitas vezes, pouco fiéis aos princípios do Espiritismo. Certamente que eles podem dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis. Mas é principalmente nesse caso que um exame severo e rigoroso se faz necessário. Porque, no meio de coisas aproveitáveis, certos Espíritos hipócritas insinuem, com habilidade e calculada malícia, fatos inventados, afirmativas mentirosas, a fim de enganar a boa-fé daqueles que lhes concedem atenção.

Assim, é preciso eliminar sem piedade toda palavra, toda frase equivocada, e conservar do ditado apenas aquilo que a lógica aceita como correto ou o que a Doutrina Espírita já ensinou. As comunicações dessa natureza apenas são perigosas para os espíritas individualistas, que trabalham sozinhos, e para os grupos novos ou pouco esclarecidos. Nas reuniões em que os seguidores da Doutrina estão mais adiantados e já possuem experiência, é inútil a gralha se enfeitar com penas de pavão, porque será sempre desmascarada.

Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e receber comunicações obscenas. Deixemos que eles se deleitem na companhia dos Espíritos desavergonhados. Aliás, os médiuns que recebem comunicações dessa

natureza buscam, por si mesmos, a solidão e o isolamento, uma vez que apenas despertarão desprezo e repugnância entre os membros dos grupos filosóficos e sérios.

A influência moral do médium se faz realmente sentir quando ele substitui a ideia que os Espíritos tentam lhe transmitir pelas suas, e também quando tira da sua imaginação ideias fantásticas que ele julga, de boa-fé, resultarem de uma comunicação intuitiva. Quando isso acontece, existem mil possibilidades contra uma de que a comunicação seja o reflexo do Espírito do próprio médium. Às vezes, acontece também o fato curioso de a mão do médium se mover quase que mecanicamente, impulsionada por um Espírito secundário e zombeteiro.

Analisando a influência moral do médium nas comunicações é que se descobrem as imaginações ardentes. Os médiuns, arrebatados pelo entusiasmo de suas próprias ideias, pelo brilho artificial de seus conhecimentos literários, desprezam o modesto ditado de um Espírito sério e abandonam a “verdade” pela “aparência”, substituindo o texto original por uma linguagem pomposa. É contra esse terrível obstáculo, chamado “influência moral do médium”, que também se chocam as personalidades ambiciosas que, na falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam as suas próprias obras como sendo desses Espíritos.

É por isso que os dirigentes dos grupos espíritas precisam ter uma percepção apurada e uma astúcia muito grande para diferenciar as comunicações autênticas das que não o são, e para não ferir aqueles que se deixam iludir por tais comunicações. Na dúvida, é melhor se abster, já nos ensina um velho provérbio.

Portanto, não admitam comunicações que não possuam verdades inquestionáveis. Ao aparecer uma ideia nova, por menos duvidosa que ela pareça, passem-na pelo crivo da razão e da lógica e rejeitem corajosamente aquilo que a razão e o bom senso reprovam. **“É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa.”**

De fato, sobre essa teoria falsa pode-se edificar uma doutrina completa, que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça. Em contrapartida, se algumas verdades forem rejeitadas hoje, por não poderem ser demonstradas com lógica e clareza, mais adiante um fato qualquer ou uma demonstração irrefutável podem vir para afirmar a sua autenticidade.

Lembrem-se, espíritas! Nada é impossível para Deus e para os bons Espíritos, a não ser a injustiça e a maldade.

Atualmente, o Espiritismo já está bastante difundido entre os homens e já moralizou suficientemente os seus seguidores, para que os Espíritos ainda se vejam constrangidos a utilizar maus médiuns, médiuns imperfeitos. Assim, se um médium qualquer, por sua conduta, por seus maus hábitos, por seu orgulho, por sua falta de amor e caridade, der motivos para que se suspeite dele, as suas comunicações devem ser evitadas, porque aí estará uma serpente escondida entre as flores! Eis a minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.

Erasto

Observação

Esta frase do Espírito Erasto: **“É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa”**, é um ensinamento precioso. Não é por acaso que, hoje em dia, ela está muito difundida entre os seguidores da Doutrina Espírita.

CAPÍTULO 21

INFLUÊNCIA DO MEIO

231.

1. O meio em que o médium se encontra exerce alguma influência sobre as suas manifestações?

– Todos os Espíritos que acompanham o médium ajudam-no, tanto para o bem quanto para o mal.

2. Os Espíritos superiores não podem vencer a má vontade do médium que lhes serve de intérprete e dos Espíritos que o acompanham?

– Sim, quando julgam que isso é útil e conforme a intenção da pessoa que os consulta. Nós já dissemos: algumas vezes, os Espíritos mais elevados podem se comunicar, para prestar um auxílio especial, apesar da imperfeição do médium e do meio. Mas, quando isso ocorre, esses Espíritos elevados não tomam conhecimento, nem do médium e nem do meio.

3. Os Espíritos superiores procuram encaminhar as reuniões fúteis a objetivos mais sérios?

– Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que a sua presença é inútil. Nos meios pouco instruídos, mas onde a sinceridade está presente, nós, os Espíritos, vamos de boa vontade, mesmo que lá encontremos apenas médiuns deficientes. Entretanto, não vamos a reuniões de pessoas instruídas onde domina a ironia. Em tais meios, é preciso falar aos olhos e aos ouvidos, ou seja, promover manifestações de ordem física, tarefa que deixamos a cargo dos Espíritos batedores e zombeteiros. Convém que as pessoas que se vangloriam de sua sabedoria sejam humilhadas pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados.

4. É proibido aos Espíritos inferiores participarem de reuniões sérias?

– Não. Eles assistem a essas reuniões com o objetivo de aproveitar o

ensinamento que é ministrado. Entretanto, ficam em silêncio, do mesmo modo que os tolos numa assembleia de homens sábios.

232. Seria um erro acreditar que é preciso ser médium para atrair os Espíritos. Eles povoam o espaço, e estão constantemente entre nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, participando de nossas reuniões, seguindo-nos ou se afastando de nós, conforme os atraímos ou repelimos.

A faculdade mediúnica em nada influi nessa atração ou repulsão: ela é apenas um meio de comunicação. De acordo com o que dissemos sobre as causas de simpatia ou de antipatia entre os Espíritos, compreende-se facilmente que devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com o nosso Espírito, conforme o nosso grau de elevação ou inferioridade.

Consideremos agora o estado moral do nosso globo e compreenderemos de que tipo devem ser os Espíritos que predominam entre os Espíritos desencarnados. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos julgar, pelo caráter dominante dos seus habitantes, pelas suas preocupações, por seus sentimentos mais ou menos morais e humanitários, de que espécie são os Espíritos que fazem parte desse povo.

Partindo desse princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que de preferência estarão entre eles? Certamente, não serão os Espíritos superiores, do mesmo modo que os nossos sábios e filósofos não irão passar o seu tempo entre eles. Assim, todas as vezes que os homens se reúnem, reúne-se com eles uma assembleia oculta que simpatiza com as suas qualidades e com os seus defeitos, mesmo na ausência de qualquer evocação.

Admitamos agora que esses homens tenham a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo espiritual por meio de um intérprete, ou melhor, de um médium. Quais são os Espíritos que responderão ao seu chamado? Evidentemente, os Espíritos que lá estão, à espera de uma oportunidade para se comunicarem. Se, numa assembleia fútil, chamarem um

Espírito superior, ele poderá vir e até proferir algumas palavras sensatas, como o bom pastor que atende ao chamado de suas ovelhas desgarradas.

Entretanto, a partir do momento que não se vê compreendido, nem ouvido, retira-se, como em seu lugar faria qualquer um de nós, deixando aos outros Espíritos o campo inteiramente livre.

233. Nem sempre basta que uma reunião seja séria, para receber comunicações de ordem elevada. Existem pessoas que nunca riem, e nem por isso possuem o coração mais puro. Ora, é justamente o coração que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral impede as comunicações espíritas; entretanto, quando estamos em más condições, sintonizamos com os que também estão em situação ruim. Estes, por sua vez, não perdem a oportunidade de nos enganar e de bajular os nossos preconceitos.

Por aí, podemos ver a enorme influência do meio sobre a natureza das manifestações inteligentes. Mas essa influência não se exerce do modo como pretendiam algumas pessoas, quando ainda não conheciam o mundo dos Espíritos, tal como se conhece hoje. Mais tarde, inúmeras experiências conclusivas vieram esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é porque essas opiniões tenham se refletido no Espírito do médium, como num espelho, mas é porque estão presentes Espíritos que sintonizam, tanto para o bem quanto para o mal, e que comungam das mesmas ideias que os assistentes.

A prova disso é que, se um médium puder atrair outros Espíritos, além daqueles que habitualmente se manifestam, o mesmo médium falará numa linguagem totalmente diferente e dará comunicações muito além das suas ideias e convicções.

Resumindo: as condições do meio serão tanto melhores, quanto mais sintonia houver para o bem; quanto maior for o número de pessoas com sentimentos puros e elevados; quanto mais intenso for o desejo sincero de aprender, sem que existam segundas intenções, nem ideias preconcebidas.

CAPÍTULO 22

MEDIUNIDADE DOS ANIMAIS

• DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE ESTA QUESTÃO

DISSERTAÇÃO DE UM ESPÍRITO SOBRE ESTA QUESTÃO

234. Os animais podem ser médiuns? Esta questão tem sido levantada com frequência, e alguns fatos parecem respondê-la afirmativamente. O que tem dado crédito à opinião dos que pensam assim são os notáveis sinais de inteligência que alguns pássaros adestrados possuem e que, parecendo adivinhar o pensamento do homem, retiram de um maço de cartas as que têm a resposta exata a uma questão formulada. Observamos essas experiências com um cuidado todo especial, e o que mais nos chamou a atenção foi a arte que precisou ser empregada para o adestramento desses pássaros.

Não se pode negar que esses pássaros possuem certa dose de inteligência relativa, mas é necessário admitir que, nessa circunstância, a perspicácia deles ultrapassa em muito a do homem, porque não existe ninguém que possa se gabar de fazer o que eles fazem. Para algumas experiências, seria mesmo necessário supor que eles possuem um dom de segunda vista superior ao dos sonâmbulos mais clarividentes.

Sabemos que a lucidez é essencialmente variável e que está sujeita a frequentes interrupções momentâneas, enquanto que nesses pássaros a lucidez é permanente e funciona com uma regularidade e precisão que não são vistas em nenhum sonâmbulo, ou seja, a lucidez deles jamais lhes falta.

A maioria das experiências que tivemos a oportunidade de presenciar é do mesmo tipo das que fazem os ilusionistas, e não ficamos com dúvidas sobre o emprego de alguns dos artifícios que eles habitualmente utilizam, notadamente

o das cartas marcadas. A arte do ilusionismo consiste em dissimular os truques empregados, caso contrário, o efeito não teria a menor graça.

O fenômeno, mesmo reduzido a essa proporção, não deixa de ser interessante. Também são admiráveis o talento do instrutor e a inteligência do pássaro, pois a dificuldade a ser vencida seria muito maior, caso o pássaro agisse apenas utilizando as suas próprias faculdades. Ora, levar o pássaro a fazer coisas que ultrapassam o limite possível para a inteligência humana é provar, por esse simples fato, o emprego de um procedimento secreto.

Aliás, existe uma circunstância que jamais deixa de se verificar: é a de que os pássaros somente atingem esse grau de habilidade depois de algum tempo e com a ajuda de cuidados especiais e persistentes, o que obviamente não seria necessário se apenas a inteligência dos animais bastasse para levá-los aos resultados. Não é mais extraordinário adestrá-los para tirar cartas do que habituá-los a cantar ou repetir palavras?

Aconteceu o mesmo quando os ilusionistas quiseram imitar a segunda vista. Obrigava-se o paciente a ir ao extremo, para que a ilusão durasse mais tempo. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão desse tipo, percebemos uma imitação muito imperfeita do sonambulismo, revelando o desconhecimento das condições mais essenciais dessa faculdade.

235. Seja como for, a questão principal permanece sem solução no que diz respeito às experiências que acabamos de narrar; porque, assim como a imitação do sonambulismo não impede que a faculdade exista, a imitação da mediunidade nos pássaros nada prova contra a sua possível existência neles ou em outros animais.

Então, trata-se de saber se os animais são aptos, assim como os homens, a servir de intermediários aos Espíritos, para as suas comunicações inteligentes. Parece bem mais lógico supor que um ser vivo, dotado de um certo grau de inteligência, seja mais apropriado a esse efeito do que um corpo inerte, sem vitalidade, como uma mesa, por exemplo. Entretanto, não é isso o que

acontece.

236. A questão da mediunidade dos animais foi completamente resolvida na dissertação seguinte, feita por um Espírito (Erasto), cuja profundidade e inteligência os leitores já tiveram a oportunidade de apreciar nas citações que fizemos anteriormente. Para compreender bem o valor da sua manifestação, é essencial que nos reportemos à explicação que ele dá sobre o papel do médium nas comunicações e que reproduzimos anteriormente. (Ver item nº 225.)

Essa comunicação foi dada após uma discussão que ocorreu, sobre esse assunto, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas:

“Abordarei hoje a questão da ‘mediunidade dos animais’, assunto levantado e sustentado por um dos seus mais fervorosos adeptos. Ele defende que podemos ‘mediunizar’ os pássaros e outros animais e deles nos servir em nossas comunicações com a espécie humana. Para sustentar sua tese, ele leva em conta esta máxima: ‘Quem pode o mais, pode o menos’.”

“Isso é o que se chama em ‘Filosofia’, e mais particularmente em ‘Lógica’, de um ‘sofisma’, ou seja, ‘um argumento falso com a aparência de verdadeiro’. Se é possível animar, diz ele, a matéria inerte, ou melhor, uma mesa, uma cadeira, um piano, com mais razão ainda deve ser possível animar a matéria já animada e, principalmente, a matéria dos pássaros. Pois bem, dentro das Leis normais do Espiritismo, isso não é possível e não pode ser assim.”

“Em primeiro lugar, precisamos nos entender bem acerca dos fatos. O que é um médium? É um indivíduo que serve de intermediário aos Espíritos, para que estes possam se comunicar facilmente com os homens, que são os Espíritos encarnados. Portanto, sem os médiuns, não existem comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, nem de qualquer outra natureza.”

“Existe um princípio que todos os espíritas admitem: os semelhantes interagem com os seus semelhantes e agem como os seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, se não os Espíritos encarnados ou

desencarnados? Será que é preciso repetir isso sem cessar? Pois bem! Vou repetir mais uma vez: o seu perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são semelhantes em tudo. Possuem uma capacidade de assimilação mais ou menos desenvolvida, uma capacidade de imantação mais ou menos intensa, que permite aos Espíritos desencarnados e encarnados colocarem-se facilmente em comunicação uns com os outros.”

“Assim, o que pertence especificamente aos médiuns, aquilo que é da sua própria essência, da sua própria individualidade, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão que só eles possuem e que anula toda e qualquer possibilidade de o médium ser refratário. Essa afinidade e essa força de expansão estabelecem entre os médiuns e nós, os Espíritos, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que facilita as nossas comunicações. Aliás, o fato de o corpo físico ser naturalmente refratário é o que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade na maioria dos que não são médiuns.”

“Os homens estão sempre propensos a exagerar tudo. Uns, e não me refiro aqui aos materialistas, se recusam a aceitar que o animal tenha alma, enquanto outros querem que eles tenham uma alma semelhante à nossa. Por que querem confundir assim aquilo que é perfeito com aquilo que não é? Fiquem convencidos de que a centelha que anima os animais, o sopro que os faz agir, mover-se e falar em sua linguagem própria, não tem, por enquanto, nenhuma aptidão para se misturar, se unir ou se fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, por assim dizer, que anima o ser que pode se aperfeiçoar por vontade própria, ou melhor, o homem: o rei da Criação.”

“Ora, não é exatamente essa condição de poder se melhorar, de poder se aperfeiçoar, que constitui a superioridade da espécie humana sobre as outras? Pois bem, reconheçam, então, que não se pode fazer com que o homem se assemelhe a qualquer outra espécie que vive na Terra, porque ele é o único ser que possui a capacidade de aperfeiçoar a si mesmo e às suas obras.”

“O cão, que possui uma inteligência superior entre os animais, e que se tornou amigo e depende do homem para comer, possui a capacidade de se

aperfeiçoar por iniciativa própria? Ninguém ousaria sustentar semelhante ideia, uma vez que um cão não faz progredir outro cão, e o mais adestrado entre eles sempre foi ensinado pelo seu dono.”

“Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu o seu abrigo sobre as águas, seguindo as mesmas proporções e uma regra invariável. Os rouxinóis e as andorinhas jamais construíram ninhos de modo diferente do que faziam seus pais. Um ninho de pardais, construído antes do dilúvio, é igual ao construído hoje, nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento de capins e galinhos recolhidos na primavera, na época dos amores. As abelhas e as formigas, em suas pequenas repúblicas bem administradas, nunca mudaram seus hábitos de abastecimento, seu comportamento, seus costumes, sua maneira de produzir. Por fim, a aranha sempre tece sua teia do mesmo modo.”

“Em contrapartida, se vocês procurarem as cabanas de folhagem, as tendas das primeiras idades da Terra, encontrarão em seu lugar os palácios e os castelos da civilização moderna. Os tecidos de ouro e seda substituíram as vestes feitas com pele de animais selvagens. A cada passo se pode encontrar a marcha incessante da Humanidade na busca do progresso.”

“A partir desse progresso constante, invencível, que não pode ser negado à espécie humana, e a partir do estacionamento indefinido das outras espécies animais, vocês concluirão comigo que, se é certo que existem ‘princípios comuns’ a tudo o que vive e se move na Terra: ‘o sopro e a matéria’, não é menos certo que somente os homens, Espíritos encarnados, estão submetidos à inevitável Lei do Progresso, que os empurra para frente, e sempre para frente.”

“Deus colocou os animais ao lado do homem como auxiliares, para lhe servirem de alimento, de vestimenta e para que eles pudessem ajudá-lo. Deu-lhes também uma certa dose de inteligência, porque, para ajudar o homem, é preciso que eles o compreendam. Entretanto, limitou essa inteligência aos serviços que eles devem prestar. Mas Deus, em Sua sabedoria, não quis que os animais estivessem sujeitos à mesma Lei do Progresso. Do mesmo modo que

foram criados, se conservam e se conservarão até a extinção de suas raças.”

“Dizem que os Espíritos ‘mediunizam’ a matéria inerte e fazem com que se movam cadeiras, mesas, pianos etc. Fazer com que se movam, sim; mediunizar, não! Mais uma vez, repetimos: sem médiuns, nenhum desses fenômenos se produz. O que há de extraordinário em fazermos com que a matéria inerte se mova, com a ajuda de um ou de vários médiuns? É justamente devido a essa passividade, a essa inércia da matéria, que ela se torna apropriada a executar os movimentos e os impulsos que desejamos lhe imprimir?”

“É claro que, para isso, precisamos de médiuns, mas não é necessário que o médium esteja presente ou tenha consciência do fato, porque podemos agir com os elementos que ele nos fornece, sem que ele o saiba e sem a sua presença, principalmente nos fenômenos de tangibilidade e de transporte.”

“O nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável dos gases conhecidos, ao se unir e ao se combinar com o envoltório fluídico, porém *animalizado*, do médium, e cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade escapa aos sentidos grosseiros do homem, fenômeno que é quase inexplicável para ele, nos permite movimentar os móveis e até mesmo quebrá-los em aposentos vazios.”

“É certo que os Espíritos podem se tornar visíveis e tangíveis para os animais. Muitas vezes, o pavor súbito que eles sentem, e que parece sem motivo, é provocado pela visão de um ou de vários Espíritos mal-intencionados em relação aos indivíduos presentes ou em relação aos donos desses animais. Frequentemente se veem cavalos que se recusam a avançar ou recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! Fiquem certos de que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em detê-los.”

“Lembram-se da mula de **Balaão** que, vendo um anjo diante de si e temendo a sua espada brilhante, teimava em não dar um passo? É que, antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quis se tornar visível apenas para o

animal. Mas, repito: nós não mediunizamos diretamente nem os animais e nem a matéria inerte. Precisamos sempre da participação *consciente* ou *inconsciente* de um médium humano, porque necessitamos da união de fluidos semelhantes, o que não encontramos nem nos animais e nem na matéria bruta.”

“Dizem que o Senhor ‘T’ magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Ele o matou. O infeliz animal morreu após ter caído numa espécie de debilidade, de definhamento, em consequência de sua magnetização. Com efeito, impregnando o cão com um fluido tirado de uma essência superior à essência do animal, esse fluido o esmagou, ou seja, agiu sobre ele, ainda que lentamente, com a potência de um raio. Assim, como não existe assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, nós os esmagamos instantaneamente ao mediunizá-los.”

“Reconheço perfeitamente que entre os animais existem aptidões diversas; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem também nos animais; que eles são sensíveis e sabem reconhecer o bem que recebem; que são vingativos e rancorosos quando lhes tratamos mal. Acontece que Deus, que nada faz de incompleto, deu aos animais que acompanham ou servem o homem as qualidades de sociabilidade que faltam inteiramente nos animais selvagens que vivem na solidão. Mas daí a poderem servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos existe um abismo muito grande, ou seja, a diferença entre as naturezas dos perispíritos.”

“Vocês sabem que retiramos do cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento uma forma sensível e compreensível para todos. Utilizando os seus próprios recursos é que o médium traduz o nosso pensamento para uma linguagem que seja comum. Pois bem! Que elementos podem ser encontrados no cérebro de um animal? Por acaso podemos encontrar palavras, números, letras, alguns sinais semelhantes aos que encontramos no cérebro do homem, mesmo no menos inteligente?”

“Entretanto, dirão: os animais compreendem o pensamento do homem, chegam mesmo a adivinhá-lo. Sim, os animais adestrados compreendem certos pensamentos, mas já os viram reproduzi-los? Não. Então devem concluir que os animais não podem nos servir de intérpretes.”

“Resumindo: os fenômenos mediúnicos não podem se produzir sem a participação consciente ou inconsciente dos médiuns, e é somente entre os encarnados, que também são Espíritos, que podemos encontrar aqueles que podem nos servir de médiuns. Quanto ao adestramento de cães, pássaros ou outros animais, para que façam esse ou aquele serviço, é problema seu e não nosso.”

Erasto

Observação:

Balaão – Patriarca israelita que teve a visão de um anjo quando estava montado em sua pequena mula. Esse anjo lhe apareceu com uma espada brilhante, fazendo com que o animal empacasse. Esse episódio está narrado na Bíblia (Números, Capítulo 22).

***Observação de Kardec:** Na Revista Espírita de setembro de 1861, encontra-se a explicação detalhada de um processo utilizado por adestradores de “pássaros-sábios”, para lhes fazer tirar de um maço as cartas desejadas.*

CAPÍTULO 23

OBSESSÃO

- OBSESSÃO SIMPLES
 - FASCINAÇÃO
 - SUBJUGAÇÃO
- CAUSAS DA OBSESSÃO
- MEIOS DE COMBATER A OBSESSÃO

237. Entre as muitas dificuldades que a prática do Espiritismo apresenta, devemos colocar em primeiro lugar a “obsessão”, ou seja, o domínio que alguns Espíritos podem exercer sobre certas pessoas. A obsessão é praticada apenas pelos Espíritos inferiores, que procuram impor esse domínio. Os bons Espíritos não impõem nenhum constrangimento, ao contrário, eles procuram aconselhar, combater a influência dos maus e, se as pessoas não os escutam, eles simplesmente se retiram. Os maus Espíritos, ao contrário, ligam-se às pessoas com as quais eles têm afinidade. Assim, exercem o seu domínio, conduzindo-as como se fossem verdadeiras crianças.

A obsessão apresenta características diversas, que precisam ser distinguidas com precisão, e que resultam do grau de constrangimento e da natureza dos efeitos que esse constrangimento produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico pelo qual se designa esse tipo de fenômeno, cujas principais variedades são: a “obsessão simples”, a “fascinação” e a “subjugação”.

OBSESSÃO SIMPLES

238. A obsessão simples acontece quando um mau Espírito se impõe a um médium, intrometendo-se, contra a sua vontade, nas comunicações que ele

recebe; impedindo-o de se comunicar com outros Espíritos e fazendo-se passar pelos que são evocados.

O simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso não significa que alguém está obsidiado. O melhor médium está sujeito a ser obsidiado, principalmente no início, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós, as pessoas mais honestas podem ser enganadas por espertalhões. Portanto, podemos ser enganados sem estarmos obsidiados. A obsessão consiste na atuação constante de um Espírito sobre uma determinada pessoa, do qual a pessoa sobre quem ele atua não consegue se desembaraçar.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que está sob a influência de um Espírito enganador, que não se disfarça, nem dissimula de forma alguma as suas intenções e o seu desejo de contrariar. O médium reconhece facilmente a mistificação e, por estar prevenido, raramente é enganado.

Esse tipo de obsessão é apenas desagradável, e apresenta o único inconveniente de opor um obstáculo às comunicações que se desejam obter de Espíritos sérios ou daqueles que são da nossa afeição.

Podemos incluir nessa categoria os casos de “obsessão física”, ou seja, aquela que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos que, espontaneamente, produzem pancadas e outros ruídos. A respeito desse fenômeno, recomendamos ler o Capítulo 5, “Manifestações físicas espontâneas”, item nº 82.

FASCINAÇÃO

239. A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta de um Espírito sobre o pensamento do médium e que, de algum modo, paralisa a sua capacidade de julgar as comunicações. O médium fascinado não acredita que está sendo enganado, porque o Espírito tem a capacidade de lhe inspirar uma confiança cega, que o impede de ver a

mistificação e de compreender o absurdo daquilo que escreve, mesmo quando esse absurdo salta aos olhos de todos.

Essa ilusão pode até fazer com que o médium considere sublime a linguagem mais ridícula. É um erro acreditar que esse tipo de obsessão atinge somente as pessoas simples, ignorantes e desprovidas da capacidade de julgar. Nem mesmo os homens mais espiritualizados, mais instruídos e inteligentes estão livres da fascinação, o que prova que essa perturbação é produzida por uma causa estranha, de cuja influência eles são vítimas.

Já dissemos que as consequências da fascinação são muito mais graves. De fato, graças à ilusão que ela produz, o Espírito dirige a pessoa que ele conseguiu dominar, como se ela fosse um cego, podendo levá-la a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como sendo a única expressão da verdade. Além disso, pode expô-la a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a “obsessão simples” e a “fascinação”, uma vez que os Espíritos que as provocam devem possuir um caráter muito diferente. Na obsessão simples, o Espírito que atormenta o encarnado, pela sua insistência, é apenas um ser inconveniente, e do qual o obsidiado procura livrar-se.

Na fascinação, a coisa comporta-se de modo bem diferente. Para exercê-la, é preciso que o Espírito seja muito esperto, astucioso e profundamente hipócrita, porque ele só pode enganar e se impor à sua vítima com a ajuda de um disfarce, que lhe traz a falsa aparência da virtude. As grandes palavras, como caridade, humildade e amor a Deus, servem-lhe de credencial. Mas, mesmo assim, deixa transparecer sinais de inferioridade que é preciso estar fascinado para não perceber.

O que o Espírito fascinador mais teme são as pessoas que veem as coisas com clareza. Quase sempre, a sua tática consiste em inspirar a sua vítima para que ela se afaste de todo aquele que pode lhe abrir os olhos. Assim, evitando a contradição, ela tem a certeza de estar sempre com a razão.

SUBJUGAÇÃO

240. A subjugação é uma opressão que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir contra a sua vontade. Ele fica sob um verdadeiro jugo, ou seja, completamente dominado.

A subjugação pode ser exercida sobre a “moral” ou sobre o “corpo físico” daquele que a sofre. Quando ela atua sobre a “moral”, o subjugado é constrangido a tomar decisões muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele acredita serem sensatas: é uma espécie de fascinação. Quando a subjugação atua sobre o “corpo físico”, o Espírito age sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários.

Ela se manifesta no médium escrevente por uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Vimos subjugados que, na falta de uma caneta ou de um lápis, simulam escrever com o dedo, onde quer que se encontrem, mesmo nas ruas, escrevendo em portas e paredes.

Algumas vezes, a subjugação sobre o corpo físico vai mais longe, podendo levar a vítima a cometer os atos mais ridículos. Conhecemos um homem que não era jovem nem bonito e que, sob o domínio de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a colocar-se de joelhos diante de uma jovem que não lhe interessava e pedi-la em casamento.

Outras vezes, sentia nas costas e nas pernas uma pressão tão grande que o forçava, apesar da sua resistência, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e diante da multidão. Entre as pessoas de suas relações, esse homem passava por louco, mas estamos convencidos de que absolutamente ele não o era, pois tinha plena consciência das coisas ridículas que fazia, contra a sua vontade, e sofria horrivelmente com isso.

241. Antigamente, dava-se o nome de “possessão” ao domínio exercido pelos maus Espíritos, quando a influência deles chegava ao ponto de produzir a perturbação das faculdades da vítima. A “possessão” é, para nós, sinônimo de

“subjugação”. Deixamos de adotar o termo possessão por dois motivos: primeiro, porque seria preciso acreditar na existência de seres criados para o mal e perpetuamente votados a praticá-lo, enquanto que na realidade existem tão somente seres, mais ou menos imperfeitos, e todos passíveis de se melhorarem; segundo, porque implica na ideia de um Espírito estranho se apoderar de um corpo físico, formando uma espécie de coabitação, quando, na verdade, o que existe é apenas constrangimento, e a palavra subjugação exprime perfeitamente essa ideia.

Assim, para nós, não existem “possessos”, no sentido comum do termo; existem somente “obsidiados”, “subjugados” e “fascinados”.

242. A obsessão, conforme já dissemos, é um dos maiores entraves à mediunidade e também um dos mais frequentes. Por isso mesmo, nunca serão demais as providências utilizadas para combatê-la, porque, além dos inconvenientes pessoais que ela acarreta, é um obstáculo incontestável à pureza e à veracidade das comunicações.

A obsessão, em qualquer grau que se apresente, é sempre o resultado de um constrangimento, e esse constrangimento jamais pode ser exercido por um Espírito bom. Assim, conclui-se que toda comunicação dada por um médium obsidiado é de origem suspeita e não merece nenhuma confiança. Se, por vezes, ela traz alguma coisa de bom, é necessário restringir-se a isso e rejeitar tudo o que pareça ser duvidoso.

243. Reconhece-se a obsessão pelas seguintes características:

1ª - Insistência de um Espírito em querer se comunicar, com ou sem o consentimento do médium, pela escrita, pela audição, pela tiptologia etc., opondo-se a que outros Espíritos se manifestem através do médium.

2ª - Quando, apesar da inteligência do médium, a ilusão o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe.

3ª - Acreditar, de forma absoluta, na identidade dos Espíritos que se

comunicam e utilizam nomes respeitáveis e venerados, dizendo coisas falsas e absurdas. Acreditar também que os Espíritos são infalíveis.

4ª - O médium aceita e se envaidece com os elogios que recebe dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio.

5ª - Tendência para se afastar das pessoas que podem lhe fazer advertências úteis.

6ª - O médium leva a mal a crítica que recebe sobre as suas comunicações.

7ª - Necessidade incessante e inoportuna de escrever.

8ª - Qualquer forma de constrangimento físico que domine a vontade do médium, forçando-o a agir ou falar coisas, contra a sua vontade.

9ª - Ruídos e perturbações constantes ao redor do médium. Essas perturbações podem ser causadas pelo próprio médium, mesmo que ele não tenha consciência disso, ou podem ser dirigidas a ele, visando a desestabilizá-lo.

244. Diante do perigo da obsessão, não é de se lastimar que alguém seja médium? Não é a faculdade mediúnica que provoca a obsessão? A obsessão não é uma prova dos inconvenientes que as manifestações espíritas provocam? Nossa resposta é fácil e pedimos que meditem sobre ela com muito cuidado.

Não foram os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas sim os Espíritos que deram origem aos espíritas e aos médiuns. Como os Espíritos são as almas dos homens que já desencarnaram, podemos dizer que existem Espíritos desde que existem homens. Assim, os Espíritos sempre exerceram a sua influência saudável ou perniciosa sobre a Humanidade.

A faculdade mediúnica é apenas mais um meio de os Espíritos se manifestarem. Na falta dessa faculdade, eles se manifestam de mil outras maneiras, mais ou menos ocultas. Portanto, seria um erro acreditar que os Espíritos apenas exercem a sua influência por meio de comunicações escritas ou verbais. Essa influência é permanente e mesmo as pessoas que não se ocupam com os Espíritos, ou que não acreditam neles, estão sujeitas a ela. Aliás, os que

não acreditam nos Espíritos estão até mais expostos a essa influência, porque não possuem meios para se defender.

A mediunidade é uma maneira que o Espírito encontra de se fazer conhecido. Se ele é mau, sempre se trai, por mais fingido que seja. Portanto, pode-se dizer que a mediunidade permite ao homem ver o seu inimigo face a face, e combatê-lo com as suas próprias armas. Se não for por meio da faculdade mediúnica, o mau Espírito age na sombra e, tendo a seu favor a invisibilidade, pode fazer, e realmente faz, muito mal.

Se o homem tivesse um meio de se esclarecer, evitaria cometer uma série de atos que contribuem para a sua infelicidade. Os incrédulos não imaginam que estão dizendo uma “grande verdade” quando falam de um homem que se satisfaz no erro: **“É o seu mau gênio que o empurra para a perdição”**.

Assim, o conhecimento do Espiritismo, em vez de facilitar o domínio dos maus Espíritos, deve ter como resultado, num tempo mais ou menos próximo, e quando estiver bem difundido, a destruição desse domínio, dando a cada um os meios de se precaver contra a sugestão desses Espíritos. Então, aquele que sucumbir só poderá queixar-se de si mesmo.

Regra geral: todo aquele que recebe más comunicações espíritas, escritas ou verbais, está sob a influência de um mau Espírito. Essa influência se exerce sobre ele, quer ele escreva ou não, quer ele seja médium ou não, quer ele acredite ou não. A escrita fornece um meio de nos assegurarmos quanto à natureza dos Espíritos que atuam sobre o médium, e de combatê-los, se eles forem maus. Entretanto, isso se consegue com mais êxito quando conhecemos o motivo que os faz agir. Se a cegueira do médium for muito grande, a ponto de ele não compreender que é possível distinguir a natureza do Espírito pela escrita, outros podem lhe abrir os olhos.

Resumindo: o perigo não está no Espiritismo em si mesmo, uma vez que ele pode, ao contrário, servir-nos de controle e preservar-nos do risco que corremos constantemente, sem saber. O verdadeiro perigo está na orgulhosa tendência de alguns médiuns que, com muita leviandade, se julgam

instrumentos exclusivos dos Espíritos superiores, e também nessa espécie de fascinação, que não lhes permite compreender as tolices das quais são intérpretes. Mas mesmo aqueles que não são médiuns podem se deixar envolver pelas artimanhas dos Espíritos inferiores.

Façamos uma comparação. Um homem tem um inimigo secreto, que não conhece, e que espalha contra ele, às escondidas, a calúnia e tudo o que a mais terrível maldade possa inventar. Esse homem vê a sua fortuna perder-se, os amigos se afastarem, a sua tranquilidade interior ser perturbada. Não podendo descobrir quem o atinge, não pode se defender e sucumbe. Mas um dia o inimigo secreto lhe escreve e se trai, apesar de toda a sua astúcia.

Desse modo, uma vez descoberto o inimigo, o pobre homem pode desmascará-lo e se reabilitar. Esse é o papel dos maus Espíritos, que o Espiritismo nos dá a oportunidade de conhecer e desmascarar.

Observação

“É o seu mau gênio que o empurra para a perdição” – poderíamos dizer também: é o mau Espírito que o acompanha que o empurra para a perdição.

CAUSAS DA OBSESSÃO

245. As causas da obsessão variam de acordo com o caráter do Espírito. Seguidamente, é uma vingança que o Espírito exerce sobre a pessoa que o magoou nesta vida ou em existências anteriores. Muitas vezes, é apenas o desejo de fazer o mal; como o Espírito sofre, quer fazer com que os outros também sofram. Sente uma espécie de prazer em atormentar suas vítimas, em humilhá-las, e a impaciência que elas demonstram o excita ainda mais, porque ele vê o seu objetivo atingido, enquanto que a paciência acaba por cansá-lo.

A vítima, ao se irritar e se mostrar zangada, faz exatamente o que o

Espírito deseja. Às vezes, esses Espíritos agem pelo ódio e pela inveja que sentem daqueles que praticam o bem, e é por isso que lançam a sua maldade sobre as pessoas mais honestas.

Um desses maus Espíritos se apegou com muito afínco a uma honrada família de amigos nossos, a qual não teve a satisfação de enganar. Perguntado sobre o motivo que o levou a se apegar a pessoas tão distintas, ao invés de se apegar a homens maus como ele, respondeu: “Os maus não me causam inveja”.

Outros Espíritos são guiados por um sentimento de covardia, que os induz a se aproveitarem da fraqueza moral de certas pessoas, que eles sabem que são incapazes de lhes oferecer resistência. Um Espírito covarde, que subjugava um rapaz de inteligência muito limitada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, nos respondeu: “Tenho muita necessidade de atormentar alguém. Uma pessoa mais capacitada certamente iria me repelir; apego-me a um idiota que não pode me opor resistência”.

246. Existem Espíritos obsessores que não são maus, que são até mesmo bons, mas que se deixam dominar pelo orgulho do falso saber. Têm suas próprias ideias sobre as Ciências, a Economia Social, a Moral, a Religião, a Filosofia, e querem fazer com que as suas opiniões prevaleçam. Para isso, procuram médiuns bastante crédulos, que os aceitam de olhos fechados. Esses Espíritos fascinam os médiuns para impedi-los de discernir o verdadeiro do falso.

São Espíritos perigosos, porque sabem enganar e podem fazer com que as pessoas acreditem nas fantasias mais ridículas. Como conhecem o prestígio dos grandes nomes, não possuem nenhum escrúpulo em fazer uso de um nome conhecido, diante do qual todos se inclinam. Nem mesmo recuam ante o sacrilégio de se dizerem **Jesus**, a Virgem Maria ou um santo venerado.

Procuram deslumbrar por meio de uma linguagem pomposa, mais pretensiosa do que profunda, cheia de termos técnicos e enfeitada com palavras de grande valor, como “caridade” e “moral”. Evitam, com todo o cuidado, dar

um mau conselho, porque sabem muito bem que este não seria aceito e, nesse caso, eles seriam repelidos. É por isso que as pessoas que eles enganam os defendem com muita veemência, dizendo: “Vejam que eles nada dizem de mau”. Para esses Espíritos, a “moral” é apenas um passaporte e constitui-se na menor de suas preocupações. O que eles querem, acima de tudo, é dominar e impor suas ideias, por mais absurdas que sejam.

Observação

Muitas pessoas aceitam com facilidade as comunicações assinadas por Jesus, Maria, João, Paulo e outras figuras exponenciais da Religião e da História, esquecendo as advertências doutrinárias. Mensagens com assinaturas dessa espécie são sempre suspeitas, pois os Espíritos que habitualmente se comunicam conosco são, pela própria Lei de Afinidade, mais próximos de nós. (Herculano Pires)

247. Os Espíritos que gostam de ditar regras são geralmente escritores de obras sem valor. É por isso que eles procuram os médiuns que escrevem com facilidade, tratando de fazê-los seus instrumentos dóceis e, sobretudo, entusiastas, servindo-se, para isso, da fascinação. Utilizam muitas palavras e textos excessivamente longos, procurando compensar a qualidade que lhes falta pela quantidade.

Sentem prazer em ditar, aos seus intérpretes, escritos muito volumosos, indigestos e muitas vezes pouco inteligíveis, que, felizmente, têm por antídoto natural a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são comedidos nas palavras; dizem muitas coisas em poucas frases. Portanto, essa fecundidade prodigiosa de palavras e frases deve ser sempre motivo de suspeita.

É preciso ter muita prudência quando se trata de publicar semelhantes escritos. As inúmeras fantasias e excentricidades, que acabam por chocar o bom senso, produzem impressões desagradáveis nas pessoas que se iniciam na

Doutrina Espírita, dando-lhes uma falsa ideia do Espiritismo, sem contar, ainda, que servem de armas aos inimigos, que as utilizam para ridicularizar a própria Doutrina.

Entre essas publicações, existem aquelas que não são más e nem provêm de médiuns obsidiados, mas que podem ser consideradas imprudentes, intempestivas e descabidas.

248. É muito comum o médium conseguir se comunicar apenas com um Espírito, que se liga a ele e responde pelos outros que são chamados. Nem sempre isso pode ser considerado como obsessão, porque pode resultar da falta de flexibilidade do médium ou também de uma afinidade especial sua, com este ou aquele Espírito.

Só existe obsessão propriamente dita quando o Espírito se impõe e afasta intencionalmente os outros, o que jamais é feito por um Espírito bom. Geralmente, o Espírito que se apodera do médium, com intenção de dominá-lo, não suporta o exame crítico das suas comunicações. Quando percebe que elas não são aceitas ou que são contestadas, ao invés de se afastar do médium, inspira nele a ideia de se isolar, chegando mesmo a dar ordens nesse sentido.

Todo médium que se melindra com as críticas referentes às comunicações que recebe faz-se porta-voz do Espírito que o domina, e esse Espírito não pode ser bom, uma vez que lhe inspira o pensamento ilógico de recusar a que outros examinem as suas comunicações. O isolamento do médium é sempre uma coisa que lhe prejudica, porque ele fica sem nenhum controle, sem nenhuma avaliação sobre o seu trabalho.

O médium deve buscar esclarecimento na opinião de terceiros, assim como também precisa estudar todos os tipos de comunicações, a fim de poder compará-las entre si. Limitando-se às comunicações que recebe, por melhores que lhe pareçam, fica exposto a enganar-se quanto ao seu valor, sem contar que não lhe é possível conhecer tudo e que essas comunicações giram quase sempre dentro de um mesmo círculo de ideias. (Ver o item nº 192, “Médiuns

exclusivos”.)

MEIOS DE COMBATER A OBSESSÃO

249. Os meios de se combater a obsessão variam de acordo com o tipo de obsessão que se apresenta. Não existe um perigo real para o médium que esteja bem ciente de estar lidando com um Espírito mentiroso, como acontece na “obsessão simples”. Isso é, para ele, apenas um fato desagradável. Mas é justamente por ser desagradável ao médium que o Espírito tem uma razão a mais para se obstinar em aborrecê-lo.

Nesse caso, o médium tem duas coisas essenciais a fazer: primeiro, provar ao Espírito que não está iludido por ele e que será impossível deixar-se enganar; segundo, cansar-lhe a paciência, mostrando-se mais paciente do que ele. Quando o Espírito se convencer de que perde o seu tempo, acabará por se retirar, como fazem as pessoas inoportunas que não recebem atenção.

Porém, isso nem sempre basta e pode levar muito tempo, pois existem Espíritos que são obstinados, para os quais meses e anos nada representam. Além disso, o médium deve apelar com fervor ao seu anjo da guarda e aos bons Espíritos que por ele têm simpatia, pedindo-lhes que o assistam.

Quanto ao Espírito obsessivo, por pior que ele seja, deve sempre ser tratado com firmeza, mas, ao mesmo tempo, com benevolência, vencendo-o pelo bom procedimento, ou seja, orando por ele. Se esse Espírito for realmente perverso, a princípio se divertirá com isso, mas se ele for submetido com persistência a um processo de moralização, acabará por se emendar.

É uma conversão na qual é preciso trabalhar, tarefa muitas vezes difícil, ingrata, desagradável mesmo, mas cujo mérito está na própria dificuldade que ela oferece e que, se bem realizada, traz sempre a satisfação de se ter cumprido um dever de caridade e de se ter reconduzido ao bom caminho uma alma perdida.

Também é conveniente interromper toda comunicação escrita, tão logo se reconheça que ela procede de um mau Espírito. Assim, não damos a oportunidade para que ele manifeste as suas ideias, providência que o Espírito tem muita dificuldade em aceitar. Em alguns casos, pode mesmo ser útil para o médium deixar de escrever por algum tempo, regulando esse período de acordo com as circunstâncias.

Entretanto, se o médium escrevente pode evitar essas conversações, abstendo-se de escrever, o mesmo não ocorre com o médium auditivo, que o Espírito obsessor persegue a todo instante com suas palavras grosseiras e obscenas, e que não dispõe sequer do recurso de tapar os ouvidos.

Aliás, deve-se reconhecer que certas pessoas se divertem com a linguagem fútil dessa espécie de Espíritos, que elas encorajam e provocam ao rirem de suas tolices, em vez de lhes imporem silêncio e tentarem moralizá-los. Os nossos conselhos não podem ser aplicados aos que não desejam se melhorar.

250. Na “obsessão simples” não existe perigo, existe apenas aborrecimento, para todo aquele que não se deixa enganar, uma vez que o Espírito sabe que não conseguirá enganar o médium. Muito diferente é o que se verifica com a “fascinação”, porque o domínio que o Espírito exerce sobre a sua vítima não tem limites. A única coisa a fazer é convencer a vítima de que ela está sendo enganada e reverter a sua obsessão ao grau de “obsessão simples”.

Entretanto, em alguns casos, isso nem sempre é fácil, para não dizer impossível. A ascendência do Espírito obsessor pode ser de tal ordem, que deixa o fascinado sem condições de exercer qualquer espécie de raciocínio. Quando o Espírito comete um grande disparate científico, o fascinado chega mesmo a duvidar de que a Ciência esteja correta naquele ponto.

Conforme já dissemos, geralmente o fascinado recebe muito mal os conselhos que lhe são dados. A crítica o aborrece, o irrita, e faz com que ele tenha aversão pelas pessoas que não partilham da sua admiração. Suspeitar do seu obsessor é quase uma profanação aos seus olhos, e é justamente o que o

Espírito obsessor quer, pois o que ele mais deseja é que todos se curvem diante de suas palavras.

Um desses Espíritos exercia sobre uma pessoa, que era nossa conhecida, uma fascinação extraordinária. Nós o evocamos e, depois de algumas bravatas, vendo que não podia nos enganar quanto à sua identidade, acabou por confessar que não era aquele por quem se fazia passar. Perguntamos por que ele abusava tanto daquela pessoa e ele nos respondeu com estas palavras, que revelam claramente o caráter dessa espécie de Espírito: *Eu procurava um homem a quem pudesse manejar; encontrei-o e ficarei com ele.* – Mas se nós o esclarecermos, ele irá rejeitá-lo. – *É o que veremos!*

Como não há cego pior do que aquele que não quer ver, quando se reconhece a inutilidade de todas as tentativas para abrir os olhos do fascinado, o melhor que se tem a fazer é deixá-lo com as suas próprias ilusões. Ninguém pode curar um doente que se obstina em conservar o seu mal e nele se compraz.

251. A subjugação do corpo físico tira quase sempre do obsidiado a energia necessária para dominar o mau Espírito. É por isso que a presença de uma terceira pessoa se faz necessária; essa pessoa poderá atuar pelo magnetismo ou pela força da sua própria vontade. Não podendo contar com a participação do obsidiado, ela deve ter ascendência sobre o Espírito obsessor.

Como essa ascendência só pode ser “moral”, ela apenas pode ser exercida por uma pessoa moralmente superior ao Espírito, e a sua força será tanto maior quanto maior for a sua superioridade moral. Essa superioridade moral se impõe ao Espírito, que se vê forçado a inclinar-se diante dela. É por isso que Jesus tinha tanto poder para expulsar os que, naquela época, eram chamados de “demônios”, ou seja, os “maus Espíritos obsessores”.

Só podemos dar aqui alguns conselhos gerais, porque não existe nenhum procedimento material, nenhuma fórmula, nenhuma palavra sacramental que tenha o poder de expulsar os Espíritos obsessores. Em geral, o que falta ao

obsidiado é força fluídica suficiente. Nesse caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode ajudá-lo. Contudo, é sempre bom procurar um médium de confiança e seguir os conselhos de um Espírito superior ou do seu anjo da guarda.

252. As imperfeições morais do obsidiado quase sempre são um obstáculo à sua libertação. Eis um exemplo notável, que pode servir para a instrução de todos:

Há muitos anos, várias irmãs vinham sendo vítimas de depredações muito estranhas. Suas roupas eram constantemente espalhadas por todos os cantos da sala e até mesmo pelo telhado. Eram furadas, rasgadas e cortadas, por mais cuidado que tivessem em guardá-las à chave. Essas senhoras viviam numa pequena cidade do interior e jamais tinham ouvido falar de Espiritismo.

A primeira ideia que tiveram foi a de estarem sendo vítimas de uma brincadeira de mau gosto. Entretanto, a persistência dos fatos e os cuidados que tomavam afastaram delas essa ideia. Somente muito tempo depois, graças a algumas indicações que receberam, vieram nos procurar para saber a causa de tais fenômenos, e a possibilidade de dar-lhes um fim. A causa estava bem clara, mas o remédio era mais difícil.

O Espírito que se manifestava, promovendo toda essa confusão, era evidentemente um mau Espírito. Ao ser evocado, mostrou-se de grande perversidade e inacessível a qualquer bom sentimento. Entretanto, a prece pareceu exercer sobre ele uma saudável influência. Mas, após algum tempo de descanso, as depredações recomeçaram. Eis o conselho que recebemos de um Espírito superior sobre esse assunto:

“O que essas senhoras têm de melhor a fazer é orar aos seus Espíritos protetores para que eles não as abandonem. Não tenho conselho melhor a lhes dar do que recomendar que examinem as suas consciências, confessando-se a si mesmas, e perguntando se praticaram sempre o amor ao próximo e a caridade. Não me refiro à caridade que consiste em dar e distribuir, mas à caridade de

não praticar a maledicência, porque, infelizmente, é o que elas têm feito.”

“Assim, não justificam com atos nobres o desejo que possuem de se livrarem daquele que as atormenta. Gostam muito de falar mal do próximo e o Espírito que as importuna tira a sua desforra, uma vez que ele foi, em vida, alvo de seus gracejos e deboches. Basta que elas procurem na memória e logo descobrirão de quem se trata.”

“Porém, se conseguirem se melhorar, seus anjos da guarda se aproximarão e a simples presença deles bastará para afastar o mau Espírito, que se apegou a uma delas em particular, porque o seu anjo da guarda teve que se afastar, em virtude dos seus atos repreensíveis e dos seus maus pensamentos. O que elas precisam é fazer preces fervorosas pelos que sofrem e, acima de tudo, praticar as virtudes que Deus recomenda a cada um, segundo a sua condição.”

Ao declarar que essas palavras nos pareciam um tanto severas e que talvez fosse preciso amenizá-las para que pudéssemos transmiti-las, o Espírito acrescentou:

“Devo dizer o que digo e da forma como digo, porque as pessoas em questão têm o hábito de acreditar que não fazem o mal com a sua ‘maledicência’, quando na verdade o fazem, e muito. Eis por que é preciso ferir o seu espírito, para que isso lhes sirva de advertência séria.”

De tudo o que foi dito acima, tiramos um ensinamento de grande importância: o de que as imperfeições morais dão acesso aos Espíritos obsessores, e o meio mais seguro de a pessoa se livrar deles é atrair os bons Espíritos pela prática do bem. Sem dúvida, os bons Espíritos têm mais poder do que os maus e basta a vontade deles para afastá-los. Entretanto, os bons Espíritos assistem apenas aqueles que os merecem, pelos esforços que fazem para se melhorarem.

Se não for assim, eles se afastam e deixam o campo livre para os maus Espíritos, que se transformam em instrumentos de punição, visto que os bons Espíritos os deixam agir com esse objetivo.

253. Não se deve atribuir aos Espíritos todas as nossas contrariedades, que em geral são consequências da nossa própria negligência ou imprevidência. Certo dia, um lavrador nos escreveu dizendo que, nos últimos doze anos, vinha sofrendo toda sorte de infelicidades, relativamente aos seus animais.

Ora eram as vacas que morriam ou deixavam de dar leite, ora eram os cavalos, os carneiros, os porcos que morriam. Esse lavrador fez muitas novenas que não resolveram o problema, assim como as missas que mandou rezar, e os exorcismos que mandou praticar. Convenceu-se, então, de que haviam enfeitiçado os seus animais, conforme crença supersticiosa muito difundida pelo campo.

Supondo-nos, provavelmente, com um poder de exorcizar maior do que o do padre da sua aldeia, solicitou-nos um parecer. Eis a resposta que obtivemos dos Espíritos:

“A mortalidade ou as enfermidades dos animais desse senhor devem-se ao fato de que seus currais estão infectados e ele não os manda limpar, porque isso custa dinheiro.”

254. Encerraremos este capítulo com as respostas que os Espíritos nos deram a algumas perguntas, as quais vêm confirmar o que dissemos:

1. Por que certos médiuns não conseguem se livrar dos maus Espíritos que se ligam a eles? E por que os bons Espíritos, que eles chamam para ajudá-los, não têm força suficiente para afastar esses maus Espíritos e se comunicar diretamente através do médium?

– Não falta poder aos bons Espíritos para afastar os maus. É o médium que, quase sempre, não está em condições de auxiliar os bons Espíritos. Nesse caso, a natureza do médium é mais adequada a se relacionar com Espíritos inferiores, porque o seu fluido se identifica mais com esses Espíritos do que com outros. É justamente essa afinidade com os Espíritos inferiores que dá a força necessária para que eles possam enganar o médium.

2. Por que existem pessoas com muito mérito, com moral irrepreensível e que, apesar de tudo isso, não conseguem se comunicar com os bons Espíritos?

– Isto é uma provação. Aliás, quem pode garantir que essas pessoas não trazem alguma mancha de maldade em seu coração? Que o orgulho não domina um pouco essa aparência de bondade? Essas provas, que revelam ao obsidiado a sua fraqueza, têm por objetivo despertar-lhe a humildade.

Existe alguém na Terra que possa dizer que é perfeito? Mesmo aquele que tem todas as aparências da virtude pode ainda ter muitos defeitos ocultos, uma velha tendência para a imperfeição. Assim, vocês dizem que aquele que não pratica o mal, que é leal em suas relações sociais, *é um homem bom e digno*. Mas será que as suas boas qualidades não estão manchadas pelo orgulho? Será que não há nele um fundo de egoísmo? Será que não é avarento, invejoso, rancoroso, maledicente e inúmeras outras coisas que as suas relações com ele ainda não oportunizaram descobri-las? O meio mais poderoso de combater a influência dos maus Espíritos é aproximar-se, o máximo possível, das qualidades que distinguem os bons.

3. A obsessão que impede um médium de receber as comunicações que deseja é sempre um sinal de indignidade de sua parte?

– Eu não disse que é um sinal de indignidade, disse que pode haver obstáculos opondo-se a certas comunicações. Cabe ao médium empenhar-se em vencer os obstáculos que se encontram nele mesmo. Sem isso, as suas preces e as suas súplicas não terão nenhum efeito. Não basta a um doente dizer ao seu médico: por favor, me dê a saúde, quero ficar bem. O médico nada pode fazer se o doente não fizer a sua parte.

4. Sendo assim, a impossibilidade de o médium se comunicar com os bons Espíritos seria uma espécie de punição?

– Em certos casos, pode ser uma verdadeira punição, assim como a possibilidade de se comunicar com eles é uma recompensa que o médium deve se esforçar por merecer. (Ver Capítulo 17, item nº 220, “Perda e suspensão da

mediunidade”.)

5. Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos, moralizando-os?

– Sim, mas é justamente o que não se faz, e é o que não se deve deixar de fazer. Muitas vezes, é uma tarefa que é dada ao médium e que ele precisa cumprir caridosa e religiosamente. Por meio de bons conselhos, é possível induzir os maus Espíritos ao arrependimento, apressando-lhes assim o adiantamento.

5a. Nesse caso, como pode um homem ter mais influência do que os próprios Espíritos?

– Os maus Espíritos se aproximam mais dos homens, que eles procuram atormentar, do que dos Espíritos, dos quais eles se afastam o quanto podem. Nessa aproximação com os homens, quando encontram alguém que se dispõe a moralizá-los, a princípio não o escutam e até riem-se dele. Entretanto, se essa pessoa souber cativá-los, eles acabam por se deixar convencer.

Os Espíritos elevados só podem falar com os Espíritos inferiores em nome de Deus, e isso os apavora. É evidente que o homem não tem mais poder do que os Espíritos superiores, mas a sua linguagem se identifica melhor com a natureza dos Espíritos inferiores. O homem, ao ver a influência que pode exercer sobre os Espíritos inferiores, compreende melhor a solidariedade que existe entre o Céu e a Terra.

Essa influência que o homem pode exercer sobre os Espíritos está na razão direta da sua superioridade moral. Assim, o homem não domina os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benevolentes, mas pode dominar os Espíritos que lhe são inferiores moralmente. (Ver item nº 279.)

6. A subjugação do corpo físico, atingindo um determinado grau, pode levar à loucura?

– Sim, a uma espécie de loucura, cuja causa o mundo desconhece, mas que não tem relação alguma com a loucura comum. Entre aqueles que são

tidos por loucos, muitos são apenas subjugados. Essas criaturas precisariam de um tratamento moral, uma vez que o tratamento praticado sobre os seus corpos físicos os torna loucos de verdade. Quando os médicos conhecerem bem o Espiritismo, saberão fazer essa distinção entre o que é doença do corpo e o que é doença do Espírito. Então, curarão mais doentes do que com as **duchas**. (Ver item nº 221.)

Observação

Duchas – A balneoterapia é uma forma de tratamento de doenças por meio de banhos. Sua origem é antiga, tanto que Hipócrates, Platão, Galeno e Celso já se referiam ao banho para fins terapêuticos. Entretanto, coube a Max José Oertel (físico alemão) e a Kneipe (pastor bávaro) difundir essa forma de tratamento pela Europa. Os banhos medicinais podem ser classificados em quentes (37°C a 45°C), temperados (32°C a 37°) e frios (abaixo de 32°C).

7. O que pensar daqueles que proíbem a comunicação com os Espíritos, porque veem no Espiritismo um perigo qualquer?

– Ainda que possam proibir algumas pessoas de se comunicarem com os Espíritos, não podem impedir as manifestações espontâneas feitas a essas mesmas pessoas, pois não podem acabar com os Espíritos, nem impedir que eles exerçam a sua influência oculta.

Eles se parecem com essas crianças que tapam os olhos e pensam que ninguém as vê. Seria loucura acabar com uma coisa que oferece grandes vantagens, só porque alguns imprudentes podem abusar dela. O meio de prevenir os inconvenientes do Espiritismo é, ao contrário, fazer com que ele seja conhecido a fundo.

CAPÍTULO 24

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

- PROVAS POSSÍVEIS DE IDENTIDADE
- DISTINÇÃO ENTRE OS BONS E OS MAUS ESPÍRITOS
- PERGUNTAS SOBRE A NATUREZA E A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

PROVAS POSSÍVEIS DE IDENTIDADE

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os espíritas. De fato, os Espíritos não trazem um documento que os identifique e sabemos com que facilidade alguns deles utilizam nomes emprestados. Assim, depois da “obsessão”, a questão da “identidade dos Espíritos” é uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático. Entretanto, em muitos casos, ter a certeza absoluta sobre a identidade de um Espírito é questão secundária e sem uma importância real.

A identidade dos Espíritos das personagens antigas é ainda mais difícil de ser constatada e, muitas vezes, se torna mesmo impossível, de modo que ficamos limitados a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, assim como se julgam os homens, ou seja, pela sua linguagem. Se um Espírito se apresenta com o nome de **Fénelon**, e diz trivialidades e tolices, está claro que não pode ser ele. Porém, se as coisas que diz são dignas do caráter de Fénelon e este não as reprovava, temos uma prova, se não material, pelo menos com uma grande possibilidade moral de que seja ele.

É principalmente nesses casos que a identidade real se torna uma questão secundária. Desde que o Espírito diga apenas coisas boas, pouco importa o nome que esteja usando.

Sem dúvida que muitos podem contestar, dizendo: mesmo que um Espírito só diga coisas boas, ao tomar o nome de outro, está cometendo uma

fraude, logo não pode ser um bom Espírito. É nesse ponto que surgem questões delicadas, difíceis de resolver, e que vamos tentar ampliar.

Observação

François Fénelon (1651-1715) – Teólogo católico apostólico romano, poeta e escritor francês. Entre tantos ensinamentos, escreveu: “Muitas vezes, os nossos erros nos beneficiam mais do que os nossos acertos. As façanhas enchem o coração de presunção perigosa; os erros obrigam o homem a recolher-se em si mesmo e devolvem-lhe aquela prudência de que os sucessos o privam”.

256. À medida que os Espíritos se purificam e se elevam na hierarquia, as diferentes características de suas personalidades vão aos poucos desaparecendo, porque elas tendem a se tornar semelhantes com este aperfeiçoamento. Mas, nem por isso, eles deixam de conservar as suas individualidades. É o que acontece com os Espíritos superiores e com os Espíritos puros. Nesse estágio evolutivo, o nome que tiveram na Terra, numa das mil existências corporais passageiras que viveram, é coisa absolutamente insignificante.

Notemos, ainda, que os Espíritos se atraem mutuamente pela semelhança de suas qualidades, formando, assim, por afinidade e simpatia, grupos ou famílias. Por outro lado, se considerarmos o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter atingido os planos mais elevados, e se compararmos ao número tão restrito de homens que deixaram na Terra um grande nome, compreenderemos que, entre os Espíritos superiores que podem comunicar-se, a maioria não deve ter nome para nós.

Porém, como precisamos de nomes para fixar as nossas ideias, os Espíritos podem tomar o nome de um personagem conhecido, cuja natureza mais se identifica com a deles. É desse modo que os nossos anjos da guarda se fazem conhecer, na maioria das vezes, pelo nome de um dos santos que veneramos e, geralmente, escolhem o nome do santo que nos inspira mais simpatia.

Assim, se o anjo da guarda de uma pessoa dá o nome de São Pedro, por

exemplo, não existe nenhuma prova material de que seja exatamente o apóstolo que usava esse nome. Tanto pode ser ele, como pode ser um Espírito totalmente desconhecido, pertencente à família de Espíritos da qual São Pedro faz parte.

Segue-se ainda que, seja qual for o nome sob o qual alguém invoque o seu anjo da guarda, ele atenderá ao chamado que lhe é feito, porque é atraído pelo pensamento, e o nome lhe é indiferente.

Ocorre a mesma coisa todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, usando o nome de um personagem conhecido. Nada prova que seja exatamente o Espírito desse personagem. Mas se, no seu ditado espontâneo, ele nada diz que desminta a elevação espiritual do nome citado, conclui-se que seja ele. Em todos os casos, podemos dizer que, se não for ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação ou, talvez, até um enviado seu.

Em resumo: a questão do “nome” é secundária e ele pode ser considerado como um simples indicativo da categoria que ocupa o Espírito na Escala Espírita. (Ver “Escala Espírita” em *O Livro dos Espíritos*, pergunta nº 100.)

A situação é outra, quando um Espírito de ordem inferior utiliza um nome respeitável, para dar crédito às suas palavras. Isso ocorre com tanta frequência, que toda preocupação nunca será demasiada contra semelhantes substituições. Porque é graças a esses nomes emprestados e, sobretudo, com a ajuda da fascinação, que alguns Espíritos metódicos, mais orgulhosos do que sábios, procuram impor as ideias mais ridículas.

Conforme já dissemos, a questão da identidade dos Espíritos é quase indiferente quando se trata de instruções gerais, uma vez que os Espíritos mais evoluídos podem substituir-se uns aos outros, sem maiores consequências. Os Espíritos superiores formam um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com raras exceções, completamente desconhecidas.

Não é a pessoa desses Espíritos que nos interessa, e sim os seus ensinamentos. Ora, se o ensinamento é bom, pouco importa que venha de

Pedro ou de Paulo. Devemos julgá-lo pela sua qualidade e não pelo seu nome. Se um vinho é ruim, não será a etiqueta que o tornará melhor.

Entretanto, ocorre de modo diferente com as comunicações pessoais, porque, nesse caso, o que mais nos importa é a própria pessoa que está sendo evocada. Assim, é muito importante ter a certeza de que o Espírito que se manifesta, através do nosso chamado, é realmente aquele que desejamos.

257. A identidade é muito mais fácil de ser comprovada quando se trata de Espíritos contemporâneos, de quem se conhece o caráter e os hábitos, porque são justamente esses hábitos, os quais ainda não tiveram tempo de abandonar, que nos permitem reconhecê-los. Podemos dizer que o caráter e os hábitos constituem um dos sinais mais seguros de identidade.

Sem dúvida, o Espírito pode dar provas da sua identidade, respondendo às perguntas que lhe são feitas, mas só o faz quando isso lhe convém. Geralmente, essas perguntas o magoam, e por isso devem ser evitadas. Após deixar o corpo, o Espírito não se despoja da sua suscetibilidade; melindra-se com toda pergunta que tenha por finalidade pô-lo à prova.

Existem perguntas que ninguém ousaria lhe fazer em vida, com receio de ser inconveniente. Por que tratá-lo com menos consideração, depois da sua morte? Se um homem se apresenta num salão dizendo o seu nome, alguém irá lhe pedir documentos, sob o pretexto de que existem impostores? Certamente, esse homem terá o direito de lembrar ao interrogante as regras de civilidade. É exatamente o que fazem os Espíritos quando não respondem ou se retiram.

Tomemos um exemplo para comparação. Suponhamos que o astrônomo Arago, quando vivo, se apresentasse numa casa onde ninguém o conhecesse e que o interpelassem assim: “O senhor diz que é Arago, mas como não o conhecemos, desejamos que prove respondendo às nossas perguntas. O senhor poderia resolver este problema de Astronomia; diga-nos o seu nome, sobrenome e o nome de seus filhos; diga-nos, também, o que fazia em tal dia, a tal hora etc. etc.”. O que ele responderia? Pois bem! Como Espírito, ele fará o

que teria feito em vida, ou seja, apenas se retiraria, e os outros Espíritos procedem do mesmo modo.

258. Enquanto os Espíritos se recusam a responder a perguntas tolas e absurdas, que ninguém lhes faria se estivessem vivos, eles não se negam a dar espontaneamente provas irrecusáveis da sua identidade. Fazem isso, ao revelar o seu próprio caráter, através da linguagem que utilizam, pelo emprego de palavras que lhes eram familiares, pela citação de alguns fatos significativos e de particularidades de suas vidas, às vezes desconhecidas dos assistentes e cuja veracidade pode ser verificada.

As provas de identidade surgem, ainda, de uma série de circunstâncias imprevistas, que nem sempre se apresentam num primeiro momento, mas que aparecem na sequência das conversações. Portanto, é conveniente esperá-las, ao invés de provocá-las, observando com cuidado todas as provas de identidade que possam resultar dessas comunicações. (Ver item nº 70.)

259. Quando o Espírito que se comunica é suspeito, algumas vezes utilizamos com sucesso, para nos assegurarmos da sua real identidade, o seguinte procedimento: solicitamos a ele que afirme, “em nome de Deus todo-poderoso”, que ele é quem realmente diz ser.

É muito comum que o Espírito que utiliza um nome usurpado recue diante de um sacrilégio. Assim, depois de ter iniciado a escrever: *Afirmo, em nome de...*, ele para e traça, com raiva, riscos sem significado ou quebra a ponta do lápis. Se ele é mais fingido, contorna o problema mediante uma omissão, escrevendo, por exemplo: *Confirmo que digo a verdade*; ou então: *Atesto, em nome de Deus, que sou eu mesmo quem está escrevendo* etc.

Entretanto, existem ainda aqueles que não são tão escrupulosos e juram por tudo o que lhes for pedido. Um deles se comunicou com um médium, dizendo ser o próprio Deus, e o médium, muito honrado com tão alta distinção, não hesitou em acreditar no Espírito.

Evocado por nós, não ousou sustentar o seu fingimento e disse: “Não sou Deus, mas sou seu filho”. – Então você é Jesus? Isso não parece provável, porque Jesus é muito elevado para utilizar um **subterfúgio**. Ousa, então, afirmar, em nome de Deus, que você é o Cristo? “Não digo que sou Jesus; digo que sou filho de Deus, porque sou uma de suas criaturas.”

Deve-se concluir daí que a recusa de um Espírito em afirmar a sua identidade, em nome de Deus, é sempre uma prova incontestável de que o nome que ele utilizou é falso. Devemos concluir também que, quando um Espírito afirma ser este ou aquele, é apenas uma presunção, uma arrogância da sua parte, e não é uma prova definitiva da sua identidade.

Observação

Subterfúgio – Alegação ou pretexto que alguém utiliza de maneira astuciosa para sair de uma dificuldade.

260. Podem-se incluir também, entre as “provas de identidade”, a “semelhança da caligrafia” e da “assinatura”. Mas não são todos os médiuns que têm a capacidade de obter esse resultado e ele não representa uma garantia suficiente. Existem falsários no mundo dos Espíritos, assim como existem na Terra. Essa semelhança de caligrafia representa apenas uma suspeita de identidade, que só adquire valor em função das circunstâncias em que se produz.

O mesmo ocorre com todos os sinais materiais, que algumas pessoas pensam ser impossível aos Espíritos mentirosos imitar. Para os Espíritos que ousam jurar falsamente em nome de Deus ou falsificar uma assinatura, nenhum sinal material pode lhes oferecer qualquer tipo de obstáculo. A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias imprevistas.

261. Certamente se dirá que, se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode imitar perfeitamente a linguagem de outra pessoa. Isso é verdade. Temos visto alguns que tomam atrevidamente o nome do Cristo e, para melhor enganar, imitam o estilo evangélico, pronunciando a todo instante estas palavras bem conhecidas: *Em verdade, em verdade eu vos digo*.

Mas, quando se estuda o conteúdo do texto, de mente aberta, indo buscar o fundo das ideias, o alcance das expressões, quando, ao lado das belas máximas de caridade, encontramos recomendações ingênuas e ridículas, seria preciso estar “fascinado” para se deixar enganar.

Sim, alguns aspectos estruturais da linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento. A ignorância jamais imitará o verdadeiro saber, e o vício jamais imitará a verdadeira virtude. Sempre aparecerá de algum lado a “pontinha da orelha”, o verdadeiro caráter. É então que o médium e o evocador precisam utilizar toda a sua sensibilidade e raciocínio para separar a verdade da mentira. Eles devem estar cientes de que os Espíritos perversos são capazes de empregar todos os artifícios e também devem ter ciência de que, quanto mais elevado for o nome utilizado pelo Espírito que se apresenta, tanto maior deve ser a desconfiança. Quantos médiuns têm recebido comunicações falsas, assinadas por Jesus, Maria ou um santo venerado!

DISTINÇÃO ENTRE OS BONS E OS MAUS ESPÍRITOS

262. Se, em alguns casos, a identidade dos Espíritos é uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não acontece com a distinção a ser feita entre os bons e os maus Espíritos. A individualidade deles até pode nos ser indiferente, mas as suas qualidades morais nunca. É sobre as comunicações instrutivas que devemos concentrar toda a nossa atenção, porque só elas podem nos dar a medida da confiança que podemos depositar no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome com que se apresente.

O Espírito manifestante é bom ou mau? Em que grau da Escala Espírita ele se encontra? Sem dúvida, esta é a questão principal. (Ver “Escala Espírita” em *O Livro dos Espíritos*, pergunta nº 100.)

263. Já dissemos que os Espíritos, assim como os homens, devem ser julgados pela linguagem. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que ele não conheça. Pelo estilo, pelas ideias e por uma série de sinais, poderá julgar se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal-educadas, supérfluas, profundas, fúteis, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc.

Com os Espíritos acontece o mesmo. Eles devem ser considerados como correspondentes que nunca vimos. Devemos nos perguntar o que pensaríamos do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse a mesma coisa que os Espíritos. Pode-se estabelecer, como regra invariável e sem exceção, que *a linguagem dos Espíritos é proporcional ao grau de elevação que já atingiram.*

Os Espíritos realmente superiores não se limitam apenas a dizer coisas boas, mas eles as dizem em termos que excluem, de maneira absoluta, toda trivialidade. Por mais elevadas que sejam essas comunicações, se forem manchadas por uma única expressão que denote baixaza, isso constitui um sinal incontestável de inferioridade, principalmente se o conjunto da comunicação fere a dignidade por sua grosseria.

A linguagem revela sempre a sua origem, seja pelos pensamentos que expressa, seja pela forma como é colocada. Assim, se um Espírito quer nos iludir sobre a sua pretensa superioridade, basta conversarmos algum tempo com ele para julgá-lo.

264. A bondade e a benevolência são atributos essenciais dos Espíritos depurados. Eles não sentem ódio dos homens e nem dos outros Espíritos. Lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem rancor e sem animosidade.

Admitindo-se que os Espíritos verdadeiramente bons só podem querer o bem e dizer coisas boas, conclui-se que tudo aquilo que, na linguagem dos Espíritos, revele falta de bondade e benevolência não pode emanar de um bom Espírito.

265. A inteligência está longe de ser um sinal seguro de superioridade, isso porque a inteligência e a moral nem sempre andam juntas. Um Espírito pode ser bom, benevolente e ter conhecimentos limitados, ao passo que um Espírito inteligente e instruído pode ser muito inferior moralmente.

Em geral, acredita-se que, interrogando um Espírito que foi sábio na Terra numa determinada especialidade, dele se obterá a verdade com mais segurança. Isso parece lógico, mas nem sempre é o que acontece. A experiência demonstra que os sábios, assim como os outros homens, principalmente os que deixaram a Terra há pouco tempo, ainda se encontram sob o domínio dos preconceitos que tinham enquanto estavam encarnados. Assim, não conseguem se livrar imediatamente de suas ideias metódicas.

Portanto, pode acontecer que, influenciados pelas ideias que alimentaram em vida e que lhes trouxeram glória, vejam as coisas com menos clareza do que imaginamos. Não apresentamos este princípio como regra; longe disso. Dizemos apenas que o fato acontece e que, por consequência, a sabedoria humana que eles possuem nem sempre constitui uma garantia de que esses Espíritos são infalíveis.

266. Se submetermos todas as comunicações a um exame rigoroso, investigando e analisando as suas ideias e expressões, como fazemos quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando, sem hesitação, tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que supomos esteja se comunicando, conseguimos desencorajar os Espíritos mistificadores, que acabam por se retirar, desde que fiquem bem convencidos de que não conseguirão nos enganar.

Repetimos: submeter as comunicações a um exame rigoroso é o único meio realmente infalível, porque toda comunicação má não resiste a uma crítica séria. Os bons Espíritos nunca se ofendem com ela, pois eles mesmos nos aconselham a examinar as comunicações, uma vez que não têm nada a temer com esse exame. Apenas os maus Espíritos se ofendem e procuram evitar a crítica, porque têm tudo a perder. Somente por essa atitude provam o que realmente são.

Eis o conselho dado pelo Espírito São Luís a esse respeito:

“Seja qual for a confiança que vocês depositam nos Espíritos que presidem os seus trabalhos, há uma recomendação que nunca é demais repetir e que sempre deve estar presente em suas mentes quando se entregam aos estudos: é a de pesar, meditar e submeter ao mais rigoroso controle da razão todas as comunicações que receberem. É também a de não deixarem de pedir as explicações necessárias, a fim de que possam formar uma opinião segura, toda vez que um ponto parecer suspeito, duvidoso ou mal explicado.”

267. Os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos podem ser resumidos nos seguintes princípios:

1º - Não existe outro critério para avaliar o valor dos Espíritos que não seja o do bom senso. Qualquer fórmula dada pelos próprios Espíritos para essa finalidade é absurda e não pode emanar de Espíritos superiores.

2º - Julgamos os Espíritos pela sua linguagem e pelas suas ações. As ações dos Espíritos são os sentimentos que eles inspiram e os conselhos que eles dão.

3º - Admitindo que os bons Espíritos só podem dizer e fazer o bem, tudo aquilo que é mau só pode vir de um mau Espírito.

4º - A linguagem dos Espíritos superiores é sempre digna, nobre, elevada e isenta de trivialidades. Dizem tudo com simplicidade e modéstia; jamais se vangloriam, nem se gabam do seu saber e da posição que ocupam entre os outros Espíritos.

O mesmo não se pode dizer da linguagem dos Espíritos inferiores ou vulgares, pois ela traz sempre algum reflexo das paixões humanas. Toda expressão que revele baixaza, autossuficiência, arrogância, fanfarronice, má vontade, é sinal característico de inferioridade ou mistificação, caso o Espírito se apresente com um nome respeitado e venerado.

5º - Não se deve julgar a qualidade dos Espíritos pela caligrafia dos seus escritos, nem pela correção do seu estilo. Eles devem ser julgados pelo conteúdo das suas mensagens, que devem ser analisadas friamente, com maturidade e sem prevenção. Tudo aquilo que se afastar da lógica, da razão e da prudência, não pode deixar dúvida quanto à sua origem, seja qual for o nome utilizado pelo Espírito. (Ver item nº 224.)

6º - A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, se não quanto à forma, pelo menos quanto ao conteúdo. As ideias são as mesmas e independem do tempo e do lugar. Podem ser mais ou menos desenvolvidas, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades que eles encontrem para se comunicar; mas nunca serão contraditórias.

Se duas comunicações, assinadas pelo mesmo nome, se contradizem, é evidente que uma delas é falsa e a verdadeira será aquela em que “nada” desminta o caráter já conhecido do personagem. Por exemplo, entre duas comunicações assinadas por São Vicente de Paulo, uma pregando a união e a caridade e a outra tendendo a semear a discórdia, não há pessoa sensata que possa se enganar.

7ª - Os bons Espíritos só dizem o que sabem; calam-se ou confessam a sua ignorância quando não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se preocuparem com a verdade. Tudo o que for absurdo no campo científico, todo princípio que choça o bom senso, revela que existe fraude, desde que o Espírito se apresente como sendo esclarecido.

8º - Os Espíritos levianos são ainda reconhecidos pela facilidade com que predizem o futuro e falam com precisão de fatos materiais que não podemos conhecer. Os bons Espíritos podem fazer-nos pressentir as coisas futuras

quando isso for útil, mas nunca fixam datas. Toda previsão de um acontecimento com data marcada é sinal de mistificação.

9º - Os Espíritos superiores se exprimem de maneira simples, não são prolixos, ou seja, não utilizam textos longos e cansativos. O estilo deles é conciso, sem excluir a beleza das ideias e das expressões; todos entendem a mensagem sem precisar fazer esforço, porque ela é clara. Eles possuem a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra é empregada com exatidão.

Os Espíritos inferiores, ou pseudossábios, escondem sob uma linguagem pomposa o vazio de suas ideias. Além disso, a linguagem deles é pretensiosa, ridícula ou obscura, para compensar a falta de profundidade, que é uma de suas características.

10º - Os Bons Espíritos nunca dão ordens; não se impõem, apenas aconselham e, se não são ouvidos, retiram-se. Os maus são autoritários; dão ordens, querem ser obedecidos e não se afastam, aconteça o que acontecer. Todo Espírito que se impõe trai a sua origem. São exclusivistas e absolutos em suas opiniões e pretendem ter o privilégio da verdade. Exigem crença cega e jamais apelam para a razão, porque sabem que a razão lhes tiraria a máscara.

11º - Os bons Espíritos não bajulam. Aprovam o bem que se faz, mas sempre com reservas. Os maus fazem elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade, embora pregando a humildade, e procuram *exaltar a importância pessoal* daqueles a quem desejam conquistar.

12º - Os Espíritos superiores estão sempre acima das futilidades formais. Apenas os Espíritos vulgares dão importância a detalhes mesquinhos, incompatíveis com as ideias verdadeiramente elevadas. *Toda prescrição meticulosa* é sinal certo de inferioridade e de mistificação por parte de um Espírito que toma um nome imponente.

13º - Devemos desconfiar dos nomes estranhos e ridículos, que alguns Espíritos adotam, quando querem se impor às pessoas crédulas, ou seja, aquelas que possuem a tendência em acreditar facilmente nas coisas, sem fazer muitas

reflexões. Seria um grande absurdo levar a sério esses nomes.

14º - Devemos igualmente desconfiar dos Espíritos que se apresentam com muita facilidade, utilizando nomes extremamente venerados, e só com muita reserva aceitar o que eles dizem. É especialmente nesses casos que um controle severo se faz indispensável, porque, com frequência, é a máscara que eles utilizam para levar-nos a crer em supostas relações íntimas com os Espíritos superiores. Assim, bajulam a vaidade do médium e dela se aproveitam com frequência para induzi-lo a atitudes lamentáveis e ridículas.

15º - Os bons Espíritos são muito escrupulosos no que diz respeito às atitudes que podem aconselhar. Em todos os casos eles têm sempre em vista uma *finalidade séria e eminentemente útil*. Portanto, devemos encarar com suspeita todas as atitudes que não tiverem esse caráter ou que sejam condenadas pela razão, refletindo maduramente antes de adotá-las, a fim de evitarmos mistificações desagradáveis.

16º - Os bons Espíritos também são reconhecidos pela prudência e pela reserva que adotam sobre todas as coisas que possam nos comprometer. Sentem repugnância em revelar o mal. Em contrapartida, os Espíritos levianos ou maldosos se comprazem em expô-lo. Assim, enquanto os bons Espíritos procuram abrandar os erros e pregam a indulgência, ou melhor, o perdão, os maus procuram aumentar esses erros, provocando a discórdia, por meio de insinuações falsas.

17º - Os bons Espíritos apenas prescrevem o bem. Todo ensinamento e todo conselho que não segue estritamente a mais pura caridade evangélica não pode ser obra dos bons Espíritos.

18º - Os bons Espíritos só aconselham o que for perfeitamente racional. Qualquer recomendação que se afaste da linha reta do bom senso ou das Leis imutáveis da Natureza indica um Espírito atrasado e, portanto, pouco digno de confiança.

19º - Os Espíritos maus, ou simplesmente imperfeitos, ainda trazem consigo sinais materiais que não lhes permitem enganar a ninguém. Às vezes, a

ação que exercem sobre o médium é violenta, pois provoca movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva, que contrasta com a calma e a doçura dos bons Espíritos.

20º - Os Espíritos imperfeitos frequentemente se aproveitam dos meios de comunicação que estão à sua disposição para dar conselhos falsos. Excitam a desconfiança e a animosidade entre aqueles que lhes são antipáticos. As pessoas que podem desmascarar as suas enganações são visadas pela sua maldade.

As criaturas fracas, facilmente impressionáveis, tornam-se alvo de seus esforços para induzi-las ao mal. Esses Espíritos utilizam alternadamente argumentos falsos, críticas cruéis, ofensas de toda espécie e até mesmo demonstrações materiais do seu poder oculto para melhor convencer as suas vítimas, empenhando-se em desviá-las do caminho da verdade.

21º - Os Espíritos dos homens que tiveram na Terra uma preocupação única, seja ela material ou moral, se ainda não conseguiram se libertar da influência da matéria, continuam dominados pelas ideias terrenas e trazem consigo uma parte dos preconceitos, das predileções e mesmo das manias que tinham neste mundo. Isso é facilmente reconhecido pela linguagem que utilizam.

22º - Os Espíritos muitas vezes se vangloriam com ostentação dos conhecimentos que possuem, mas isso não constitui qualquer sinal de superioridade. A inalterável “pureza dos sentimentos morais” é o único atributo que se utiliza para avaliar a elevação de um Espírito.

23º. Não basta interrogar um Espírito para se conhecer a verdade. É preciso saber, antes de tudo, a quem estamos nos dirigindo, porque os Espíritos inferiores, em virtude da própria ignorância em que se encontram, tratam com leviandade as questões mais sérias.

Também não basta que um Espírito tenha sido na Terra um grande homem, para que se encontre, no mundo espiritual, ciente de todas as coisas. Apenas a virtude, purificando-o, tem o poder de aproximá-lo de Deus e ampliar os seus conhecimentos.

24º - Muitas vezes, as brincadeiras dos Espíritos superiores são sutis e picantes, mas nunca vulgares. Entre os Espíritos brincalhões, desde que eles não sejam grosseiros, a sátira picante é quase sempre útil e oportuna.

25º - Estudando com atenção o caráter dos Espíritos que se manifestam, principalmente sob o ponto de vista moral, podemos reconhecer a sua condição e o grau de confiança que devem merecer. O bom senso não pode nos enganar.

26º - Para julgar os Espíritos, assim como para julgar os homens, é necessário primeiro que cada um saiba julgar-se a si mesmo. Infelizmente, muitas pessoas tomam as suas próprias opiniões como sendo a medida exclusiva do bem e do mal, do verdadeiro e do falso. Tudo aquilo que contradiz a sua maneira de ver as coisas, as ideias e o sistema que conceberam ou adotaram, parece mau aos seus olhos. É evidente que falta a essas criaturas a qualidade principal para uma apreciação sadia: a retidão do julgamento. Mas, disso, elas nem suspeitam. Não possuir a retidão para fazer um julgamento isento é o defeito que mais ilusão produz nas pessoas.

Todas essas instruções decorrem da experiência e do ensinamento dos Espíritos. Vamos completá-las com as próprias respostas, dadas por eles mesmos, sobre os pontos mais importantes.

PERGUNTAS SOBRE A NATUREZA E A IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

268.

1. Através de que sinais podemos reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

– Pela sua linguagem, assim como se distingue um homem sensato de um irresponsável. Já dissemos que os Espíritos superiores jamais se contradizem e só falam coisas aproveitáveis. A única preocupação desses Espíritos é com o

bem.

Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o domínio das ideias materiais. Suas comunicações refletem a sua ignorância e a sua imperfeição. Somente aos Espíritos superiores é permitido conhecer todas as coisas e julgá-las sem estar preso a paixões.

2. O conhecimento científico de um Espírito é sempre um sinal de elevação?

– Não, porque ele ainda pode estar sob a influência da matéria e, nesse caso, terá vícios e preconceitos. Na Terra, existem pessoas que são muito invejosas e orgulhosas. Você acredita que elas perdem esses defeitos apenas porque desencarnam? Esses defeitos permanecem após a sua partida, principalmente naquelas pessoas que tiveram paixões muito fortes. Elas permanecem envoltas numa espécie de atmosfera que lhes conserva todas essas coisas más de que se impregnaram.

Esses Espíritos semi-imperfeitos devem ser mais temidos do que os Espíritos maus, porque a maioria deles combina a astúcia e o orgulho com a inteligência. Pelo saber que eles imaginam ter e do qual se vangloriam, eles se impõem às pessoas simples e aos ignorantes, que aceitam sem exame as suas teorias absurdas e mentirosas. Embora essas teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal temporário.

São essas teorias absurdas que entram a marcha do Espiritismo, porque muitos médiuns se enganam voluntariamente quanto ao mérito das comunicações que recebem. Essa é uma questão que exige um grande estudo por parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns. Eles devem concentrar toda a sua atenção para distinguir o verdadeiro do falso.

3. Muitos Espíritos protetores se apresentam com o nome de santos ou de personagens conhecidos. O que se deve pensar a esse respeito?

– Todos os nomes de santos e de personagens conhecidos não seriam suficientes para fornecer um protetor a cada homem. Entre os Espíritos, são poucos os que têm nome conhecido na Terra. É por isso que, na maioria das

vezes, eles não adotam nenhum nome. Todas as pessoas querem um nome; então, para satisfazê-las, eles tomam emprestado o nome de alguém conhecido e respeitado.

4. Esse nome emprestado não pode ser considerado uma fraude?

– Seria uma fraude se fosse utilizado por um mau Espírito, que quisesse enganar. Entretanto, quando é para o bem, Deus permite que isso seja feito, desde que entre Espíritos do mesmo nível, porque entre eles existe solidariedade e semelhança de pensamentos.

5. Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o próprio Espírito do apóstolo que teve esse nome?

– De maneira alguma, porque existem milhares de pessoas que dizem ter São Paulo ou qualquer outro santo como seu anjo da guarda. Mas o que isso importa, se o Espírito que o protege é tão elevado quanto São Paulo? Conforme eu já disse, é necessário um nome, então eles tomam um para serem chamados e reconhecidos. O mesmo acontece com os homens que recebem um nome de batismo, para que possam ser distinguidos dos outros membros da família. Eles também podem usar o nome dos arcanjos Rafael, Miguel e outros, sem que isso traga maiores consequências.

Além disso, quanto mais elevado é um Espírito, maior é a sua capacidade de irradiação. Desse modo, um Espírito protetor, de uma ordem elevada, pode ter sob a sua tutela centenas de encarnados. Na Terra, um tabelião pode se encarregar dos negócios de cem ou duzentas famílias. Por que nós, os Espíritos, haveríamos de ser menos aptos, espiritualmente falando, para dirigir moralmente os homens, do que os tabeliães que cuidam dos seus interesses materiais?

6. Por que os Espíritos comunicantes tomam com tanta frequência o nome dos santos?

– Os Espíritos comunicantes se identificam com os hábitos daqueles a quem se dirigem. Assim, adotam os nomes mais apropriados para melhor

impressionar os homens, de acordo com as suas crenças.

7. Os Espíritos superiores, quando são evocados, vêm sempre em pessoa ou, como pensam alguns, enviam substitutos autorizados incumbidos de lhes transmitir os pensamentos?

– Se eles podem vir em pessoa, por que não viriam? Entretanto, se o Espírito evocado não pode vir, aquele que se apresenta é forçosamente um substituto autorizado.

8. Esse substituto autorizado é sempre suficientemente esclarecido para responder, como responderia o Espírito que o envia?

– Os Espíritos superiores sabem a quem confiam a missão de os substituir. Quanto mais elevados são os Espíritos, mais eles se harmonizam num pensamento comum, de tal maneira que, para eles, a personalidade é indiferente, assim como deveria ser também entre os homens.

Então, você acredita que, no mundo dos Espíritos superiores, só existem aqueles que foram conhecidos na Terra, com capacidade para instruir os homens? Aliás, os homens têm a pretensão de serem os protótipos do Universo e acreditam que, fora do seu mundo, nada mais existe. Assim, se parecem com aqueles selvagens que, nunca tendo saído da ilha em que habitam, acreditam que o mundo não vai além dela.

9. Compreendemos que seja assim quando se trata de um ensinamento sério. Mas como os Espíritos superiores permitem que Espíritos de baixo nível utilizem nomes respeitáveis para induzirem os homens ao erro, por meio de ensinamentos muitas vezes perversos?

– Não é com a permissão dos Espíritos superiores que os Espíritos de baixo nível fazem isso. O mesmo não acontece entre vocês? Fiquem certos de que aqueles que enganam os homens serão punidos, e a sua punição será proporcional à gravidade da mentira. Aliás, se os homens fossem perfeitos, só teriam bons Espíritos ao seu redor. Se uma pessoa é enganada, ela deve queixar-se apenas a si mesma.

Deus permite que isso aconteça para experimentar a perseverança e o

discernimento dos homens, e para ensinar-lhes a distinguir a verdade do erro. Se eles não o fazem, é porque não estão bastante elevados e ainda precisam adquirir experiência.

10. Espíritos pouco adiantados, mas animados de boas intenções e do desejo de progredir, não são às vezes encarregados de substituir um Espírito superior, para que tenham a oportunidade de se exercitarem no ensinamento de seus irmãos?

– Nunca, nos Centros Espíritas importantes; quero dizer, nos Centros Espíritas sérios, e quando se trata de ministrar um ensinamento de ordem geral. Aqueles que se apresentam o fazem sempre por conta própria e, como você disse, para se exercitarem. É por isso que as suas comunicações, ainda que boas, trazem sempre a marca da sua inferioridade. Esses Espíritos são designados apenas para as comunicações de pouca importância ou para aquelas que podemos chamar de pessoais.

11. As comunicações espíritas ridículas são às vezes intercaladas com excelentes ensinamentos. Como conciliar tal anomalia, que parece indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos?

– Os Espíritos maus, ou levianos, também se habilitam a enunciar sentenças, sem compreenderem muito bem o alcance ou o significado do que dizem. Por acaso, todos aqueles que enunciam sentenças entre vocês são homens superiores? Não; os bons e os maus Espíritos não convivem juntos. É somente pela uniformidade constante das boas comunicações que se pode reconhecer a presença dos bons Espíritos.

12. Os Espíritos que nos induzem ao erro estão sempre conscientes do que fazem?

– Não; existem Espíritos bons porém ignorantes e que podem se enganar de boa-fé. Uma vez que tenham consciência da sua ignorância, conformam-se com o fato e passam a dizer somente o que sabem.

13. O Espírito que dá uma falsa comunicação sempre age com uma má intenção?

– Não; se for um Espírito leviano, ele apenas se diverte ao mistificar, não possui outro objetivo.

14. Uma vez que alguns Espíritos podem enganar pela linguagem que utilizam, podem também adotar uma falsa aparência, aos olhos de um médium vidente, por exemplo?

– Podem, entretanto isso é mais difícil. Quando um fato desses ocorre, é sempre com um objetivo que os próprios Espíritos maus desconhecem. Nesse caso, eles servem de instrumento para dar uma lição ao médium. O médium vidente pode ver os Espíritos levianos e mentirosos, assim como os outros médiuns podem ouvi-los ou escrever uma mensagem sob a sua influência.

Os Espíritos levianos e mentirosos podem aproveitar-se da faculdade do médium para enganá-lo, por meio de falsas aparências. Entretanto, isso depende das qualidades do Espírito do próprio médium.

15. É suficiente ter boas intenções para não ser enganado? Os homens realmente sérios, que não permitem que a curiosidade inútil entre em seus estudos, também podem ser enganados?

– Podem, mas evidentemente serão menos enganados do que os outros. Entretanto, o homem sempre tem alguns defeitos que atraem os Espíritos mistificadores. Ele se julga forte e, muitas vezes, não o é. Assim, o homem deve desconfiar sempre da “fraqueza” que possui e que nasce do “orgulho” e dos “preconceitos”. Ninguém leva em conta essas duas causas de queda, das quais os Espíritos se aproveitam; porque, ao lisonjear suas manias, estão seguros de conseguir o que desejam.

16. Por que Deus permite que os maus Espíritos se comuniquem com os homens e digam coisas ruins?

– Mesmo entre as piores coisas é possível colher um ensinamento. Cabe às pessoas saber colher esse ensinamento. É necessário que haja comunicações de toda espécie para que possam distinguir os bons dos maus Espíritos e para que desenvolvam a capacidade de saber avaliar.

17. Através das comunicações escritas, os Espíritos podem inspirar

desconfianças infundadas contra certas pessoas e semear a discórdia entre amigos?

– Os Espíritos perversos e invejosos podem praticar os mesmos males que os homens praticam. Eis por que é preciso que todos estejam sempre vigilantes. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados quando censuram. Nada dizem de mal e advertem com cautela. Se quiserem que duas pessoas deixem de se ver, sendo isso do interesse de ambas, provocarão incidentes que as separem de maneira natural.

Uma linguagem capaz de semear a discórdia e a desconfiança é sempre obra de um mau Espírito, independente do nome com que ele se apresente. Assim, recebam sempre com reservas o que um Espírito disser de mal contra uma pessoa, sobretudo quando um Espírito bom já tenha falado bem dessa mesma pessoa. Desconfiem também de vocês mesmos e de seus próprios preconceitos. Das comunicações dos Espíritos, guardem apenas o que for bom, grande, belo, racional, e o que as suas consciências aprovam.

18. Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, parece que nunca se pode ter a certeza de que a comunicação é verdadeira. Isso procede?

– Não é bem assim, pois o homem dispõe da razão para julgar as comunicações. Pela leitura de uma carta, é possível saber se foi um homem grosseiro ou um bem-educado, um tolo ou um sábio quem a escreveu. Por que não agir da mesma forma, quando são os Espíritos quem escrevem?

Ao receber uma carta de um amigo distante, quem pode garantir que a carta provém dele mesmo? A caligrafia, você vai dizer; mas não existem falsários que imitam todas as caligrafias e tratantes que podem conhecer os seus negócios? Entretanto, existem sinais que não permitem que você se engane. O mesmo acontece com relação aos Espíritos. Imagine que é um amigo quem lhe escreve, ou que se trata da obra de um escritor, e julgue utilizando os mesmos critérios.

19. Os Espíritos superiores podem impedir que os maus Espíritos

utilizem nomes falsos?

– Certamente que podem. Porém, quanto mais malvados são os Espíritos, mais teimosos eles se mostram e, muitas vezes, resistem a todas as pressões. É preciso também saber que existem pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam mais do que outras e, quando julgam que é conveniente, sabem preservá-las da mentira. Contra essas pessoas, os Espíritos enganadores são impotentes.

20. Qual o motivo dessa parcialidade?

– Não existe parcialidade nesse proceder, existe justiça. Os bons Espíritos se interessam por aqueles que aproveitam os seus conselhos e trabalham seriamente no seu próprio aperfeiçoamento. São esses os seus preferidos, e é por isso que eles os ajudam. Entretanto, não se interessam por aqueles que os fazem perder o seu tempo com belas palavras.

21. Por que Deus permite que os Espíritos cometam o sacrilégio de usar falsamente nomes venerados?

– Você poderia perguntar também por que Deus permite que os homens mintam e blasfemem. Os Espíritos, assim como os homens, têm o seu livre-arbítrio tanto para fazer o bem quanto para fazer o mal. Entretanto, nem os Espíritos e nem os homens escaparão da Justiça Divina.

22. Existem fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?

– Fórmula é matéria. Um bom pensamento dirigido a Deus vale muito mais.

23. Alguns Espíritos dizem que possuem sinais gráficos que não podem ser imitados, espécies de emblemas, pelos quais podem ser reconhecidos e comprovar a sua identidade. Isso é verdade?

– Os Espíritos superiores apenas possuem como sinais da sua identidade a superioridade das suas ideias e da sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal material. Quanto aos Espíritos inferiores, esses se traem de tantas maneiras que é preciso ser cego para se deixar enganar por eles.

24. Os Espíritos enganadores também não podem imitar o

pensamento?

– Eles imitam o pensamento, assim como os cenários de um teatro imitam a Natureza.

25. Sendo assim, parece que é sempre fácil descobrir a fraude por meio de um estudo atento?

– Não duvidem disso. Os Espíritos só enganam aqueles que se deixam enganar. Mas é preciso ter olhos de mercador de diamantes para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Aqueles que não sabem fazê-lo devem procurar um lapidário, ou seja, aquele que lapida pedras preciosas.

26. Existem pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem rebuscada, que apreciam mais as palavras do que as ideias, que aceitam até ideias falsas e vulgares como ideias sublimes. Como essas pessoas, que não estão aptas a julgar nem mesmo as obras dos homens, podem julgar as dos Espíritos?

– Quando essas pessoas são bastante modestas para reconhecer a sua incapacidade, elas não confiam em si mesmas. Quando, por orgulho, acreditam ser mais capazes do que realmente são, sofrem o castigo da sua tola vaidade. Os Espíritos enganadores sabem perfeitamente a quem se dirigem.

Existem pessoas simples e pouco instruídas que são mais difíceis de enganar do que outras, que possuem inteligência e saber. Os Espíritos enganadores, ao lisonjear o amor-próprio dos homens, fazem deles o que querem.

27. Algumas vezes, ao escrever, os maus Espíritos podem se trair por meio de sinais materiais involuntários?

– Os habilidosos, não; os negligentes se traem. Todo sinal inútil e pueril é indício certo de inferioridade. Os Espíritos elevados nada fazem de inútil.

28. Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela sensação agradável ou desagradável que experimentam com a sua aproximação. Perguntamos se a sensação desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, são sempre indícios da natureza má dos Espíritos

que se manifestam.

– O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que dele se aproxima. Quando o Espírito é feliz, o seu estado é calmo e tranquilo; quando é infeliz, o seu estado é agitado, febril, e essa agitação se transmite naturalmente para o sistema nervoso do médium. Aliás, acontece o mesmo com o homem na Terra: o bom é calmo e tranquilo; o mau é sempre agitado.

***Comentário de Kardec:** Existem médiuns com maior ou menor impressionabilidade nervosa, e é por isso que não se pode considerar a “agitação” como uma regra absoluta para determinar a natureza do Espírito. Aqui, como em tudo, devem-se levar em conta as circunstâncias.*

A natureza aflitiva e desagradável da sensação que o médium sente é produzida pelo contraste que existe entre ele e o Espírito manifestante. Assim, se o Espírito do médium simpatizar com o mau Espírito que se manifesta, será pouco ou nada afetado pela proximidade deste. Além disso, é necessário não confundir a rapidez da escrita, que decorre da extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar quando em contato com os Espíritos imperfeitos.

CAPÍTULO 25

EVOCAÇÕES

- CONSIDERAÇÕES GERAIS
 - ESPÍRITOS QUE PODEM SER EVOCADOS
- LINGUAGEM A SER USADA COM OS ESPÍRITOS
- UTILIDADE DAS EVOCAÇÕES PARTICULARES
 - PERGUNTAS SOBRE AS EVOCAÇÕES
 - EVOCAÇÃO DE ANIMAIS
 - EVOCAÇÕES DE PESSOAS VIVAS
 - TELEGRAFIA HUMANA

CONSIDERAÇÕES GERAIS

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente ou atender ao nosso chamado, ou seja, comparecer por meio de uma evocação. Algumas pessoas pensam que não devemos evocar os Espíritos, e que é preferível aguardar por aqueles que queiram se comunicar. Essas pessoas entendem que, quando chamamos um determinado Espírito, não temos a certeza de que seja ele mesmo quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente e por vontade própria comprova melhor a sua identidade, pois revela assim o desejo de conversar conosco.

Somos da opinião de que esse procedimento é um erro. Em primeiro lugar, porque estamos sempre rodeados por Espíritos, na maioria das vezes inferiores, e que anseiam por se comunicar. Em segundo lugar, e ainda por essa mesma razão, não chamar nenhum deles em particular é abrir as portas para todos aqueles que desejam entrar.

Em uma assembleia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre para que qualquer um possa utilizá-la, e bem sabemos o que daí pode resultar. Ao chamarmos diretamente por um determinado Espírito, criamos, entre ele e

nós, um vínculo. Este vínculo estabelece uma espécie de barreira aos Espíritos intrusos. Sem um chamado direto, o Espírito não tem nenhum motivo para vir até nós, a menos que seja o nosso Espírito familiar.

Essas duas maneiras de agir (chamar o Espírito ou deixar que ele se manifeste espontaneamente) têm as suas vantagens e só haveria desvantagem se uma delas fosse excluída de modo definitivo. As comunicações espontâneas não apresentam nenhum inconveniente quando se tem o domínio sobre os Espíritos e se está certo de que os maus não assumirão o comando das manifestações. Assim, é quase sempre útil esperar pela boa vontade daqueles que desejam se comunicar, porque o seu pensamento não sofre nenhum constrangimento e podemos obter comunicações admiráveis. Por outro lado, pode acontecer que o Espírito evocado não esteja disposto a falar, ou que não seja capaz de fazê-lo no sentido que desejamos.

O Exame escrupuloso, que sempre temos aconselhado, é uma garantia contra as más comunicações. Nas reuniões regulares, principalmente naquelas em que se faz um trabalho continuado, existem sempre Espíritos que ali comparecem sem que sejam chamados, por já estarem prevenidos em razão da própria regularidade das sessões. Desse modo, manifestam-se quase sempre espontaneamente para tratar de um assunto qualquer, desenvolver um tema, ou dar uma orientação. Nesses casos, fica fácil reconhecê-los, seja pela linguagem que é sempre a mesma, seja pela escrita ou por determinados hábitos que lhes são peculiares.

270. Quando desejamos entrar em comunicação com um determinado Espírito, é preciso necessariamente evocá-lo. (Ver item nº 203.) Se ele puder vir, a resposta geralmente é esta: *Sim*; ou: *Estou aqui*; ou, ainda: *O que você quer de mim?* Às vezes, ele entra diretamente no assunto, respondendo por antecipação às perguntas que se pretende fazer.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém identificá-lo com clareza. Devemos evitar as perguntas formuladas de maneira dura e

autoritária, que podem servir de motivo para que ele se afaste. As perguntas devem ser afetuosas ou respeitosas, conforme o Espírito, e, em todas as situações, o evocador deve dar provas de sua benevolência.

271. Muitas vezes, é surpreendente a rapidez com que um Espírito evocado se apresenta, mesmo da primeira vez. É como se o Espírito já estivesse prevenido de que seria evocado. De fato, é realmente isso o que acontece, quando “pensamos” nele antes da sua evocação. Esse “pensamento” é uma evocação antecipada e, como temos sempre conosco os nossos Espíritos - familiares, que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam o caminho de tal sorte que, se não surgir nenhum obstáculo, o Espírito já se acha presente ao ser evocado.

Quando isso acontece, o Espírito familiar do médium, do interrogador, ou ainda um dos que costumam frequentar as reuniões, é que vai buscá-lo e, para isso, não precisa de muito tempo. Se o Espírito evocado não pode vir de imediato, o mensageiro (os pagãos diriam Mercúrio) marca um prazo, às vezes de cinco minutos, quinze, uma hora e até muitos dias. Assim que ele chega, diz: *Estou aqui*. Então podemos começar a fazer as perguntas que desejamos dirigir ao Espírito evocado.

Nem sempre o mensageiro é um intermediário indispensável, pois o Espírito pode ouvir diretamente o chamado do evocador, conforme explicado no item nº 282, pergunta nº 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando pedimos para que a evocação seja feita em nome de Deus, queremos que a nossa recomendação seja levada a sério e não de modo leviano. Aqueles que pensam que isso se trata de uma fórmula sem consequência farão melhor se desistirem de evocar.

272. Frequentemente, as evocações oferecem mais dificuldades para os médiuns do que as comunicações espontâneas, principalmente quando se deseja obter respostas precisas para determinadas perguntas. Para esta

finalidade, são necessários médiuns especiais, flexíveis e positivos, médiuns bastante raros, conforme já vimos no item nº 193, porque as ligações fluídicas nem sempre se estabelecem instantaneamente com o primeiro Espírito que se apresenta.

Portanto, é recomendável que os médiuns se entreguem às evocações mais detalhadas, apenas depois de estarem seguros do desenvolvimento das suas faculdades mediúnicas e da natureza dos Espíritos que os assistem. Isso porque, com médiuns mal assistidos, as evocações não têm nenhum caráter de autenticidade.

273. Geralmente, os médiuns são muito mais procurados para as evocações de interesse particular do que para as comunicações de interesse geral. Isso se explica pelo desejo muito natural que todos têm de querer conversar com os seus entes queridos. Acreditamos ser necessário fazer, sobre esse assunto, algumas recomendações importantes aos médiuns.

Primeiro: atendam a essas evocações particulares apenas com muita reserva, principalmente quando se trata de pessoas sobre as quais não se tem certeza absoluta quanto à sua sinceridade, e mantenham-se vigilantes contra as armadilhas que pessoas malvadas possam lhes preparar.

Segundo: não se prestem, sob nenhum pretexto, a evocações que tenham por objetivo a curiosidade e o interesse, e que não tenham uma intenção séria por parte do evocador.

Recusem-se a fazer qualquer pergunta inútil ou que fuja do contexto daquelas que racionalmente se podem fazer aos Espíritos. As perguntas devem ser formuladas com clareza, nitidez e sem segundas intenções, se quiserem respostas categóricas. Portanto, é preciso recusar todas as que tenham caráter traiçoeiro, pois já se sabe que os Espíritos não gostam de perguntas que têm por objetivo colocá-los à prova. Insistir em perguntas dessa natureza é querer ser enganado. O evocador deve ser franco e direto com o Espírito, sem usar de subterfúgios e nem de rodeios inúteis. Se ele tiver receio de explicar-se, é

melhor que se abstenha.

Devemos ter muito cuidado em evocar os Espíritos sem a presença das pessoas que solicitam as evocações. O melhor mesmo é que essas evocações não sejam feitas, porque apenas as pessoas que as pedem estão aptas a controlar as respostas, a confirmar a identidade do Espírito, a dar os esclarecimentos que as respostas solicitam, e a fazer as perguntas que as circunstâncias venham a exigir.

Além disso, a presença dessas pessoas é um vínculo que atrai o Espírito, geralmente pouco disposto a se comunicar com estranhos, pelos quais não possui nenhuma simpatia. Resumindo: o médium deve evitar tudo o que possa transformá-lo em instrumento de consultas, o que, para muita gente, é sinônimo de “ledor de sorte”.

ESPÍRITOS QUE PODEM SER EVOCADOS

274. Podemos evocar todos os Espíritos, independente do grau em que eles se encontram na Escala Espírita: os bons e os maus, os que deixaram a vida há pouco tempo, os que viveram em épocas mais remotas, os que foram homens ilustres e os que foram desconhecidos, os nossos parentes e amigos, e aqueles que nos são indiferentes.

Porém, isso não quer dizer que eles sempre queiram ou possam atender ao nosso chamado. Independente da própria vontade, ou porque não receberam a permissão de um poder superior, eles podem estar impedidos de comparecer por motivos que nem sempre nos é dado conhecer. Queremos dizer que não existe nenhum impedimento de ordem geral que impeça as comunicações, com exceção dos que trataremos a seguir. Os obstáculos que podem impedir um Espírito de se manifestar quase sempre são individuais e geralmente estão ligados às circunstâncias.

275. Entre as causas que podem impedir a manifestação de um Espírito, algumas lhe são “pessoais”, e outras lhe são “estranhas”. Entre as “causas pessoais”, podemos colocar as suas ocupações ou as missões que ele esteja desempenhando e das quais não pode se afastar para atender aos nossos chamados. Neste caso, a sua visita fica apenas adiada.

Também é preciso levar em conta a própria situação do Espírito. Embora o fato de ele estar encarnado não seja um obstáculo absoluto, esse fato pode ser um impedimento em algumas ocasiões, principalmente quando essa encarnação ocorre em mundos inferiores, como a Terra, por exemplo, e quando o próprio Espírito é pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, onde as ligações que prendem o Espírito ao corpo físico são muito tênues, a comunicação entre um Espírito desencarnado e um Espírito encarnado é muito mais fácil; é quase como se os dois estivessem no mesmo plano. Assim, em todos os mundos superiores, o desprendimento do Espírito é mais fácil do que nos mundos onde a matéria corpórea é mais compacta.

As “causas estranhas” devem-se principalmente à natureza do médium, ao caráter da pessoa que evoca o Espírito, ao meio em que se faz a evocação e, finalmente, ao objetivo a que essa evocação se propõe. Alguns médiuns recebem mais facilmente as comunicações de seus Espíritos familiares, e esses Espíritos podem ser mais ou menos elevados.

Outros médiuns estão aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos. Isso depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito do médium exerce sobre o Espírito que se manifesta. Desse modo, o médium pode receber o Espírito comunicante com satisfação ou com repugnância. Esta afinidade entre os Espíritos também depende, sem levarmos em conta as qualidades pessoais do médium, do desenvolvimento da sua faculdade mediúnica.

Os Espíritos se apresentam com maior boa vontade e sentem-se mais descontraídos com um médium que não lhes oferece nenhum obstáculo material. Aliás, quando existe igualdade, no tocante às condições morais,

quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se expressar, tanto mais se ampliam as suas relações com o mundo espiritual.

276. Devemos considerar ainda a facilidade que resulta do hábito de um médium se comunicar com um determinado Espírito. Com o tempo, o Espírito comunicante se identifica com esse médium e também com aquele que o chama. Assim, entre o Espírito e o médium, se estabelecem relações fluídicas que tornam as comunicações mais rápidas, independente da simpatia que possa existir ou não entre eles.

É por isso que a primeira comunicação nem sempre é tão satisfatória quanto se poderia desejar. Esse é o motivo pelo qual os próprios Espíritos sempre pedem para serem chamados novamente. O Espírito que se manifesta habitualmente acaba por se sentir em casa, pois já está familiarizado com os seus ouvintes e com os seus intérpretes; desse modo, ele fala e age com mais liberdade.

277. Em resumo ao que acabamos de expor, podemos concluir o seguinte: o fato de evocar um Espírito não implica que ele tenha a obrigação de estar à nossa disposição; que o Espírito pode vir num determinado momento e não comparecer em outro, por causa de um médium ou de um evocador que não lhe agrade; que ele pode dizer o que quiser, sem precisar passar pelo constrangimento de dizer o que não quer; que ele pode ir embora quando isso lhe convém; enfim, que ele pode deixar de se manifestar, de uma hora para outra, por motivos que nasçam ou não da sua vontade, mesmo depois de ter se mostrado assíduo por algum tempo.

É devido a todos esses motivos que, quando se deseja chamar um Espírito que ainda não se manifestou, é necessário perguntar ao seu guia protetor se a evocação é possível. Caso não seja, geralmente o seu guia dá os motivos, sendo então inútil insistir.

278. Neste ponto, uma questão importante se apresenta: é a de saber se há ou não inconveniente em evocar os maus Espíritos. Isso depende da finalidade com que esses Espíritos são evocados e da ascendência moral que as pessoas que os evocam têm sobre eles.

Não existe inconveniente quando eles são chamados com um objetivo sério, ou seja, o de instruí-las e melhorá-las. Ao contrário, o inconveniente é muito grande quando se faz a evocação por simples curiosidade, por divertimento, ou, ainda, quando a pessoa que os chama se coloca na dependência dos maus Espíritos, pedindo-lhes um serviço qualquer.

Neste caso, os bons Espíritos podem muito bem dar a elas o consentimento de atender ao que estão pedindo. O imprudente que pede favor a esses Espíritos corre o risco de, mais tarde, ser punido severamente, por considerá-los mais poderosos do que Deus. É inútil fazer bom uso do auxílio que pediu e despedir o Espírito, assim que o serviço esteja concluído. O serviço prestado, por menor que seja, representa um verdadeiro pacto firmado com o mau Espírito, e este não larga facilmente a sua presa. (Ver item nº 212.)

279. Apenas pela “superioridade moral” se pode exercer ascendência sobre os Espíritos inferiores. Os Espíritos perversos reconhecem a superioridade dos homens de bem e sabem que eles os dominam. Os Espíritos inferiores lutam, e geralmente são mais fortes, contra aqueles que lhes opõem resistência utilizando apenas a energia da vontade, espécie de força bruta.

Certa vez, alguém que tentava dominar um Espírito rebelde, utilizando apenas a ação da sua vontade, recebeu a seguinte resposta: *Deixa-me em paz, com seus ares de fanfarrão, você que não vale mais do que eu. O que se diria de um ladrão que tentasse pregar moral a outro ladrão?*

Muitos estranham que o nome de Deus, pronunciado contra os Espíritos maus, não produza nenhum efeito. O Espírito de São Luís nos explica a razão desse fato, com a seguinte resposta:

“O nome de Deus só tem influência sobre os Espíritos imperfeitos

quando pronunciado por alguém que possa usá-lo com autoridade, em razão das suas próprias virtudes. Pronunciado por alguém que não tenha nenhuma superioridade moral sobre o Espírito, é uma palavra como outra qualquer. O mesmo acontece com os objetos sagrados que são utilizados para dominá-los através do medo. A arma mais terrível se torna inofensiva em mãos que não tenham habilidade ou que sejam incapazes de manejá-la.”

LINGUAGEM A SER USADA COM OS ESPÍRITOS

280. O grau de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos indica naturalmente o tom da linguagem que devemos utilizar para falar com eles. É evidente que, quanto mais elevados eles forem, tanto mais merecem o nosso respeito, a nossa consideração e a nossa submissão. Não devemos tratá-los com menos deferência do que faríamos se eles estivessem vivos, mesmo que essa deferência se deva a outros motivos; por exemplo: na Terra, levaríamos em conta a classe e a posição social que ocupam; no mundo dos Espíritos, só levamos em conta a sua “superioridade moral”.

A própria elevação que os Espíritos superiores alcançaram os coloca acima da maneira infantil que o homem utiliza quando quer bajular alguém. Não é com palavras que podemos conquistar a benevolência desses Espíritos superiores, mas pela sinceridade dos sentimentos. Portanto, seria ridículo dar a eles os títulos que usamos para distinguir as posições que os homens ocupam e que, em vida, poderiam lhes agradar a vaidade.

Se forem realmente superiores, além de não dar a esses títulos nenhuma importância, isso ainda lhes desagrade. Um bom pensamento os agrada muito mais do que as mais honrosas qualificações. De outro modo, eles não estariam acima da Humanidade.

O Espírito de um venerável sacerdote, que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da Lei de Jesus, respondeu, certa vez, a

alguém que o evocava pelo título de Monsenhor: “Você deveria dizer ao menos ex-Monsenhor, porque aqui o único Senhor é Deus, e muitos dos que se ajoelhavam na Terra diante de mim, hoje eu me inclino diante deles”.

Quanto aos Espíritos inferiores, seu próprio caráter determina a linguagem que devemos empregar. Entre eles existem aqueles que, mesmo inofensivos e até bondosos, são levianos, ignorantes e, às vezes, imprudentes. Dispensar a eles o mesmo tratamento que dispensamos aos Espíritos sérios, como fazem algumas pessoas, seria o mesmo que nos inclinarmos diante de um colegial ou diante de um asno vestido com uma toga de doutor. Tratá-los com um tom familiar não lhes causa estranheza e nem os melindra; ao contrário, é o que lhes agrada.

Entre os Espíritos inferiores, existem muitos que são infelizes. Sejam quais forem as faltas pelas quais estão expiando, seus sofrimentos merecem a nossa piedade, porque ninguém escapa a estas palavras do Cristo: “Aquele que estiver sem pecado, atire a primeira pedra”. A benevolência com que os tratamos é um alívio para eles. Se não encontram em nós a simpatia, devem encontrar a indulgência que desejaríamos que tivessem para conosco.

Os Espíritos que revelam a sua inferioridade, pelo cinismo da linguagem que utilizam, pelas mentiras, pela baixeza dos sentimentos, pela falsidade de seus conselhos, certamente são menos dignos do nosso interesse do que aqueles cujas palavras atestam o seu arrependimento; devemos a esses Espíritos, pelo menos, a piedade que concedemos aos maiores criminosos. O meio de silenciá-los consiste em nos mostrarmos superiores a eles, porque eles só confiam nas pessoas que não lhes impõem medo. Os Espíritos perversos reconhecem a superioridade dos homens de bem, assim como reconhecem a dos Espíritos superiores.

Resumindo: seria tão irreverente tratarmos os Espíritos superiores de igual para igual, quanto seria ridículo dispensar a todos os Espíritos, sem exceção, a mesma consideração. Tenhamos veneração por aqueles que a merecem, reconhecimento por aqueles que nos protegem e nos assistem, e, para com

todos os outros, a benevolência que talvez um dia venhamos a necessitar.

Penetrando no mundo dos Espíritos, aprendemos a conhecê-lo, e esse conhecimento deve guiar as nossas relações com aqueles que o habitam. Os antigos, na sua ignorância, ergueram altares a esses Espíritos, que para nós são apenas criaturas mais ou menos perfeitas. **Somente a Deus devemos erguer altares.**

Observação

Somente a Deus devemos erguer altares – Trata-se de uma expressão figurada, para estabelecer a diferença entre as duas épocas. Os espíritas não erguem altares. (Herculano Pires)

UTILIDADE DAS EVOCAÇÕES PARTICULARES

281. As comunicações dos Espíritos superiores ou daqueles que animaram grandes personagens da Antiguidade são preciosas pelos altos ensinamentos que nos trazem. Esses Espíritos atingiram um grau de perfeição que lhes permite abranger um campo de ideias muito mais amplo, penetrar mistérios que ultrapassam a capacidade de entendimento da atual Humanidade e, por consequência, iniciar-nos melhor do que os outros, em certas questões.

Entretanto, isso não significa que as comunicações com os Espíritos de uma ordem menos elevada sejam inúteis. O bom observador pode tirar delas muitas instruções. Para conhecer os costumes de um povo, é necessário estudá-lo em todas as suas camadas sociais. Aquele que observar esse povo apenas por um aspecto poderia dizer que mal o conhece. A história de um povo não é a dos seus reis, nem a dos seus expoentes sociais. Para julgá-lo, é preciso conhecer a sua vida íntima, seus hábitos privados.

Os Espíritos superiores são os expoentes do mundo espiritual, pelo seu notável saber. A própria elevação em que se encontram os coloca de tal modo

acima de nós, que ficamos assustados com a distância que existe entre eles e nós. Os Espíritos mais burgueses (que nos perdoem esta expressão) conseguem nos explicar melhor as circunstâncias da nova existência em que se encontram. Para esses Espíritos, a ligação entre a vida no corpo físico e a vida no mundo espiritual é mais estreita, e podemos compreendê-la melhor, porque ela está mais ao nosso alcance.

Aprendemos muito com aquilo que esses Espíritos nos dizem sobre o processo da sua transformação, ou melhor, da sua passagem da Terra para o mundo espiritual; como eles pensam; o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os tipos, tanto os homens de bem, quanto os viciosos; os grandes e os pequenos; os felizes e os infelizes do nosso próprio século, ou seja, os homens que viveram entre nós. Aqueles que vimos e conhecemos, e cuja vida real tivemos a oportunidade de acompanhar, com as suas virtudes e com os seus erros; assim, torna-se mais fácil compreender as suas alegrias e os seus sofrimentos. Partilhando dessas alegrias e desses sofrimentos, tiramos de ambos um ensinamento moral. Esse ensinamento é tanto mais proveitoso quanto mais estreitas forem as nossas ligações com eles.

É mais fácil nos colocarmos no lugar daquele que foi nosso igual, do que no lugar daquele que apenas vemos através da miragem de uma glória celestial. Os “Espíritos comuns” nos mostram a “aplicação prática” das grandes e sublimes verdades, ao passo que os “Espíritos superiores” nos ensinam a “teoria”. Aliás, nada é inútil no estudo de uma Ciência. **Newton** descobriu a Lei das forças do Universo no mais simples dos fenômenos.

A evocação dos “Espíritos comuns” tem ainda a vantagem de nos pôr em contato com os Espíritos sofredores. Esse contato nos permite aliviar os seus sofrimentos e facilitar o seu adiantamento, por meio de bons conselhos. Assim, aproveitamos para ser úteis, ao mesmo tempo em que nos instruímos.

A pessoa que apenas procura a sua própria satisfação no contato com os Espíritos é uma egoísta. Aquele que deixa de estender a mão em socorro dos infelizes dá uma prova de orgulho. De que lhe serve obter belas comunicações

de Espíritos elevados, se isso não o torna melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e benevolente para com os seus irmãos deste mundo e do mundo espiritual? O que seria dos doentes pobres se os médicos se recusassem a tocar as suas chagas?

Observação

Isaac Newton – Cientista Inglês (1643-1727). Sua obra *Filosofia Natural dos Princípios Matemáticos* é considerada uma das mais influentes na história da Ciência. Esta obra descreve a Lei da gravitação Universal e as três Leis de Newton, que são os fundamentos da mecânica clássica.

PERGUNTAS SOBRE AS EVOCAÇÕES

282.

1. Alguém pode evocar os Espíritos sem ser médium?

– Todos podem evocar os Espíritos, e se aqueles que foram chamados não podem se manifestar materialmente, nem por isso deixam de se aproximar e de ouvir o evocador.

2. O Espírito evocado atende sempre ao chamado que lhe é feito?

– Isso depende das condições em que o Espírito se encontra, pois existem circunstâncias que o impedem de atender ao chamado.

3. Quais são as circunstâncias que impedem um Espírito de atender ao nosso chamado?

– Em primeiro lugar, a sua própria vontade; depois, a sua condição, se ele estiver encarnado, por exemplo, cumprindo as suas missões; também pode acontecer de ele não receber a permissão para se comunicar.

Existem Espíritos que nunca podem se comunicar: são aqueles que, por sua natureza, ainda pertencem a “mundos inferiores à Terra”, ou que se encontram nas esferas de punição. Esses Espíritos só podem se comunicar

mediante uma permissão superior, que apenas é concedida com um objetivo de utilidade geral.

Para que um Espírito possa se comunicar, é necessário que ele tenha atingido o grau de evolução do mundo em que está sendo chamado a se manifestar, caso contrário, será estranho à cultura desse mundo e não terá nenhum ponto de comparação para se expressar, para se fazer entender.

Entretanto, o mesmo não ocorre com os Espíritos que estão em “missão” ou em “expição” nos “mundos inferiores”, pois esses já possuem a cultura compatível com esses mundos para responder ao chamado.

4. Por quais motivos pode ser negada a um Espírito a permissão para se comunicar?

– Os motivos podem ser uma prova ou uma punição para o Espírito, ou para aquele que o chama.

5. Como podem os Espíritos, dispersos pelo espaço ou pelos diferentes mundos, ouvir as evocações que lhes são feitas de todos os pontos do Universo?

– Todos vocês estão cercados por Espíritos familiares, e são eles que vão procurar os Espíritos que são evocados. Entretanto, aqui ocorre um fenômeno que é difícil de ser explicado, porque os homens ainda não podem compreender o modo de “transmissão do pensamento entre os Espíritos”.

O Espírito evocado, por mais afastado que esteja, recebe, de alguma forma, o impacto do pensamento como uma espécie de choque elétrico, que lhe atrai a atenção para o lado de onde vem o pensamento que a ele se dirige. Pode-se dizer que ele ouve o pensamento, assim como na Terra vocês ouvem a voz.

Observação

É possível notar, muito claramente, a dificuldade que o Espírito encontra em se fazer entender. Certamente, ele não encontrou, em nossa linguagem, termos apropriados para explicar melhor como ocorre a “transmissão de

pensamento entre os Espíritos”. Faltam-nos parâmetros, de que ainda não dispomos, para que ele possa fazer uma comparação que nos permita entender o que ele tenta explicar. Mal comparando, é como se quiséssemos explicar o funcionamento de um aparelho celular a um indígena; faltam parâmetros, tanto para ele quanto para nós, a fim de que possamos estabelecer uma comparação que lhe permita o entendimento.

5a. O fluido cósmico universal é o veículo do pensamento, assim como o ar é o veículo do som?

– Sim, com a diferença de que o som pode ser ouvido num raio muito limitado, enquanto que o pensamento alcança o infinito. No espaço, o Espírito é como um viajante no meio de uma vasta planície; ao ouvir o seu nome, ele se dirige para o lado de onde vem o chamado.

6. Sabemos que as distâncias nada representam para os Espíritos. Entretanto, causa-nos admiração ver que eles, algumas vezes, respondem tão prontamente ao chamado, como se estivessem por perto.

– De fato, algumas vezes, eles realmente estão por perto. Se a evocação é premeditada, o Espírito é avisado com antecedência e frequentemente se encontra no lugar em que é evocado, antes mesmo que o chamem.

7. A facilidade ou a dificuldade com que o pensamento do evocador é ouvido varia com as circunstâncias?

– Certamente. O Espírito é tocado com mais intensidade, quando é chamado por um sentimento de simpatia e bondade. É como se ele reconhecesse uma voz amiga. Quando não é assim, a evocação não atinge o seu objetivo. O pensamento que emana da evocação alcança o Espírito; mas, se ele é mal dirigido, perde-se no vazio. Acontece com os Espíritos o mesmo que acontece com os homens; quando uma pessoa é chamada com indiferença ou com antipatia, ela até pode ouvir, mas, na maioria das vezes, não atende; o mesmo ocorre com os Espíritos.

8. O Espírito evocado vem espontaneamente ou ele é forçado a vir?

– Ele obedece à vontade de Deus, ou seja, à Lei geral que rege o Universo. Por isso, a palavra *forçado* não está correta, pois o Espírito julga se é conveniente comparecer ou não e, para tomar essa decisão, faz uso do seu livre-arbítrio. Entretanto, o Espírito superior sempre vem quando é chamado com um objetivo útil, mas se recusa a responder em reuniões de pessoas pouco sérias e que tratam esses assuntos como brincadeira.

9. O Espírito evocado pode negar-se a atender ao chamado que lhe é feito?

– Certamente. Caso contrário, onde estaria o seu livre-arbítrio? Você acredita que todos os seres do Universo estão à sua disposição? E você mesmo, se considera obrigado a responder a todos aqueles que o chamam? Quando digo que o Espírito pode recusar-se, refiro-me ao pedido do evocador, porque um Espírito inferior pode ser obrigado, por um Espírito superior, a se manifestar.

10. O evocador dispõe de algum meio para obrigar o Espírito a se manifestar contra a sua vontade?

– Não, desde que o Espírito evocado seja moralmente igual ou superior a quem faz a evocação. Digo: superior em “moralidade” e não em “inteligência”. Quando isso ocorre, o evocador não tem sobre o Espírito nenhuma autoridade. Se o Espírito chamado é inferior a quem está lhe chamando, este pode obrigá-lo a comparecer, desde que seja para o bem do Espírito evocado, porque, nesse caso, outros Espíritos ajudarão o evocador. (Ver item nº 279.)

11. Existe algum inconveniente em evocar Espíritos inferiores? O evocador pode ficar sob o domínio desses Espíritos?

– Os Espíritos inferiores dominam apenas os que se deixam dominar. Aquele que é assistido por bons Espíritos nada tem a temer, porque ele se impõe aos Espíritos inferiores e não estes a ele. Os médiuns principiantes, quando estão sozinhos, devem evitar tais evocações. (Ver item nº 278.)

12. Existem algumas providências especiais para evocar os Espíritos?

– A mais especial de todas as providências é o recolhimento, quando se

deseja entrar em contato com Espíritos sérios. Com fé e com o desejo de fazer o bem, tem-se mais força para evocar os Espíritos superiores. O evocador, no momento da evocação, ao elevar a sua alma por alguns instantes de recolhimento, se identifica com os bons Espíritos e os incentiva a comparecer.

13. É necessário ter fé para fazer as evocações?

– A fé em Deus, sim. Quanto ao mais, a fé vem normalmente com o desejo de fazer o bem e a intenção de se instruir.

14. Os homens têm mais força para evocar os Espíritos, quando se reúnem com os mesmos pensamentos e com as mesmas intenções?

– Quando os homens se reúnem pela caridade e para fazer o bem, eles conseguem grandes resultados. Nada é mais prejudicial ao êxito das evocações do que a divergência de ideias.

15. Existe alguma utilidade em os participantes darem-se as mãos, alguns minutos antes de começar a reunião, para formar uma corrente?

– A corrente é um meio material que não estabelece a união entre os participantes se ela não existir nos pensamentos. Mais eficiente do que dar-se as mãos é a união de todos num pensamento comum, onde cada participante chama para perto de si os bons Espíritos. Vocês não imaginam o que se pode conseguir numa reunião séria, de onde é eliminado todo o sentimento de orgulho e de personalismo, e onde reine um perfeito sentimento de cordialidade entre todos os participantes.

16. É preferível fazer evocações em dias e horas determinados?

– Sim; e, se for possível, no mesmo lugar, pois os Espíritos aí comparecem com mais satisfação. O desejo constante que alguém tem de se comunicar é que auxilia os Espíritos a comparecerem. Eles têm as suas ocupações, e não podem deixá-las de repente para atender a um chamado. Quando eu digo no mesmo lugar, não me refiro a uma obrigação absoluta, pois os Espíritos vão a todos os lugares. Quero dizer que é preferível utilizar um lugar dedicado exclusivamente para as reuniões, porque nesse lugar o recolhimento é de melhor qualidade.

17. Certos objetos, tais como medalhas e talismãs, têm a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos, conforme pretendem algumas pessoas?

– Essa pergunta é inútil, porque você bem sabe que a “matéria” não exerce ação sobre os Espíritos. Jamais um Espírito bom aconselha semelhantes absurdos. A “virtude” de um talismã, seja qual for a sua natureza, apenas existe na imaginação das pessoas supersticiosas.

18. O que pensar dos Espíritos que marcam encontros em lugares fúnebres e em horas inconvenientes?

– Esses Espíritos se divertem à custa daqueles que lhes dão ouvidos. É sempre inútil e frequentemente perigoso ceder a tais sugestões. Inútil, porque nada se ganha em ser mistificado; perigoso, não pelo mal que os Espíritos possam fazer, mas pela influência que isso pode exercer sobre as pessoas de cérebros fracos.

19. Existem dias e horas mais propícios para as evocações?

– Para os Espíritos, isso é completamente indiferente, assim como tudo aquilo que é material, e seria superstição acreditar na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador está menos absorvido pelas suas ocupações habituais; aqueles em que o seu corpo e o seu espírito estão mais calmos.

20. A evocação é agradável ou exige algum esforço para os Espíritos? Eles vêm de boa vontade, quando são chamados?

– Isso depende do caráter dos Espíritos e do motivo pelo qual eles estão sendo chamados. Quando o objetivo é louvável e o meio lhes é simpático, a evocação para eles é agradável e até mesmo atraente. Os Espíritos sempre ficam felizes com a afeição que recebem. Para alguns, é uma grande felicidade poder se comunicar com os homens, pois eles sofrem quando são esquecidos. Mas, conforme eu já disse, isso também depende do caráter deles.

Entre os Espíritos, também existem os **misanthropos**, que não gostam de ser incomodados e cujas respostas revelam o mau humor em que vivem, principalmente quando são chamados por pessoas que lhes são indiferentes, e

pelas quais não se interessam. Muitas vezes, um Espírito não tem nenhum motivo para atender ao chamado de um desconhecido, que lhe é indiferente e que, quase sempre, é movido pela curiosidade. Nesse caso, se o Espírito comparece, geralmente faz comunicações curtas, a menos que a evocação tenha um objetivo sério e instrutivo.

Observação

Misantropo – Ver explicação após o item 132.

***Comentário de Kardec:** Existem pessoas que só evocam seus parentes para lhes perguntar as coisas mais banais da vida material; por exemplo: um quer saber se alugará ou venderá a sua casa; outro, para saber que lucro obterá com a sua mercadoria, o lugar onde foi escondido o dinheiro, se tal negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes desencarnados se interessam por nós apenas em virtude da afeição que temos por eles. Se os nossos pensamentos se limitam a julgá-los como sendo “feiticeiros” ou “adivinhos”, se pensamos neles apenas para lhes pedir informações, é claro que eles não podem ter por nós grande simpatia, e não deve ser surpresa a pouca benevolência que nos demonstram.*

21. Existe alguma diferença entre os bons e os maus Espíritos, quanto à presteza com que atendem ao nosso chamado?

– Existe, e essa diferença é muito grande. Os maus Espíritos só comparecem de boa vontade quando pretendem dominar e enganar; mas demonstram uma grande contrariedade quando são forçados a se manifestar para confessarem as suas faltas e ficam ansiosos para ir embora, assim como um colegial a quem se chama para repreendê-lo. Os Espíritos superiores podem obrigá-los a se manifestar, como castigo e para instrução dos encarnados. A evocação é cansativa para os bons Espíritos, quando eles são chamados inutilmente, por motivos fúteis. Então, ou não comparecem ou logo se retiram.

Em geral, pode-se dizer que os Espíritos, sejam eles bons ou maus, não

gostam de servir, da mesma forma que os homens, de distração para curiosos. Muitas vezes, o objetivo de uma pessoa, ao evocar um Espírito, é ver o que ele vai dizer, ou interrogá-lo sobre as particularidades da sua vida, que ele não deseja revelar porque não tem nenhum motivo para fazer confidências. Vocês pensam que o Espírito vai se comprometer apenas para agradar a curiosidade alheia? De modo algum, pois o que ele não faria em vida também não fará como Espírito.

***Comentário de Kardec:** A experiência comprova que a evocação é sempre agradável aos Espíritos quando é feita com um objetivo sério e útil. Os bons Espíritos têm prazer em nos instruir. Os Espíritos sofredores encontram alívio na simpatia que lhes demonstramos; os nossos conhecidos ficam felizes com a nossa lembrança. Os Espíritos levianos gostam de ser evocados pelas pessoas fúteis, porque assim eles têm a oportunidade de se divertirem à custa delas; sentem-se pouco à vontade na companhia de pessoas sérias.*

22. Os Espíritos necessitam da evocação para se manifestarem?

– Não, muitas vezes eles se manifestam sem serem chamados, o que prova que eles comparecem de boa vontade.

23. Quando um Espírito se manifesta por conta própria, podemos estar mais certos da sua identidade?

– De maneira alguma, porque os Espíritos mistificadores empregam frequentemente esse meio para melhor enganar.

24. Quando o Espírito de uma pessoa é evocado pelo pensamento, esse Espírito vem até nós, mesmo que não haja manifestação pela escrita ou por outro meio qualquer?

– A escrita é o meio material pelo qual o Espírito atesta a sua presença. Entretanto, é o pensamento que o atrai, e não o ato de escrever.

25. Quando um Espírito inferior se manifesta, podemos obrigá-lo a se retirar?

– Sim, e a melhor maneira é não lhe dar atenção. Mas como querem que ele se retire, quando as pessoas se divertem com as suas bobagens? Os Espíritos inferiores se apegam aos que gostam de ouvi-los, assim como os tolos se apegam aos homens que lhes dão atenção.

26. A evocação feita em nome de Deus é uma garantia contra a intromissão dos maus Espíritos?

– O nome de Deus não é freio para afastar todos os Espíritos perversos, mas sempre serve para conter muitos deles. Por esse meio, sempre é possível afastar alguns; entretanto, se a evocação for feita do fundo do coração e não como uma simples fórmula banal, o número de maus Espíritos afastados será muito maior.

27. Podemos evocar vários Espíritos ao mesmo tempo, chamando-os pelo nome?

– Sim, não há nenhuma dificuldade nisso. Se você tivesse três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos responderiam ao mesmo tempo. É o que acontece quando se dispõe de vários médiuns.

28. Quando dispomos de apenas um médium, e vários Espíritos são evocados ao mesmo tempo, qual é o Espírito que responde?

– Um deles responde por todos e exprime o pensamento coletivo.

29. O mesmo Espírito pode comunicar-se, ao mesmo tempo, na mesma sessão, por dois médiuns diferentes?

– Tão facilmente quanto, entre vocês, alguns homens ditam várias cartas ao mesmo tempo.

Comentário de Kardec: Vimos um Espírito responder às perguntas que lhe eram dirigidas, utilizando dois médiuns ao mesmo tempo. Uma pergunta era feita em inglês e a outra em francês, e as respostas eram idênticas quanto ao seu conteúdo; algumas respostas eram mesmo a tradução literal de outras.

Dois Espíritos evocados simultaneamente por dois médiuns podem estabelecer entre eles uma conversação. Mesmo que este modo de comunicação não lhes seja

necessário, visto que simultaneamente um lê o pensamento do outro, algumas vezes eles se prestam a isso visando à nossa instrução.

Se forem Espíritos inferiores, por ainda estarem impregnados das paixões terrenas e das ideias que tinham quando ainda estavam no corpo físico, pode acontecer que briguem e troquem palavrões entre si, que se acusem mutuamente os erros que cometeram e até que atirem os lápis, as cestas, as pranchetas, um contra o outro.

30. O Espírito que é evocado ao mesmo tempo, em lugares diferentes, pode responder simultaneamente às perguntas que lhe são dirigidas?

– Sim, se for um Espírito elevado.

30a. Nesse caso, o Espírito se divide ou tem o dom da *ubiquidade*, ou melhor, da *onipresença*?

– O Sol é um só e, no entanto, irradia a sua luz por todos os lados, projetando longe os seus raios, sem precisar se dividir. O mesmo acontece com os Espíritos. O pensamento de um Espírito é como uma faísca que projeta longe a sua claridade e pode ser vista de todos os pontos do horizonte. Quanto mais puro é o Espírito, tanto mais ele irradia o seu pensamento, que se propaga como a luz.

Os Espíritos inferiores ainda estão muito materializados; por isso, apenas conseguem responder a uma única pessoa de cada vez. Não podem comparecer a um lugar, se já foram chamados em outro.

Um Espírito superior, chamado ao mesmo tempo em dois lugares diferentes, responderá às duas evocações, se ambas forem sérias e fervorosas; caso contrário, dará preferência à que for mais séria.

Observação

Ubiquidade ou Onipresença – É a capacidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo. É uma propriedade que possuem os Espíritos elevados.

Comentário de Kardec: *Ocorre o mesmo com um homem que, sem sair do seu lugar, transmite o seu pensamento por meio de sinais que podem ser vistos de diferentes lados.*

Numa sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em que a questão da ubiquidade estava em discussão, um Espírito ditou, espontaneamente, a seguinte comunicação:

“Discute-se esta noite sobre a hierarquia dos Espíritos, no que diz respeito à ubiquidade. Comparem-se a um balão que se eleva pouco a pouco no ar. Quando ele está rente ao solo, apenas um pequeno número de pessoas pode percebê-lo; à medida que ele se eleva, o número daqueles que podem vê-lo aumenta e, quando está bem alto, pode ser visto por uma infinidade de pessoas.”

“O mesmo acontece conosco. Um Espírito mau, ainda muito apegado às coisas da Terra, permanece num círculo restrito, entre as pessoas que o podem ver. À medida que esse Espírito se melhora, pode conversar com um número maior de pessoas. Quando ele se torna um Espírito superior, pode irradiar como a luz do sol, mostrar-se a muitas pessoas e em muitos lugares ao mesmo tempo.”

Channing

31. Podemos evocar os Espíritos puros, ou seja, aqueles que já terminaram o ciclo de suas encarnações?

– Sim, mas muito raramente eles atenderão. Os Espíritos puros apenas se comunicam com os homens de coração puro e sincero e não com os orgulhosos e egoístas. É por essa razão que é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que se atribuem essa qualidade para parecerem mais importantes aos olhos daqueles que os escutam.

32. Como explicar que o Espírito dos homens mais ilustres atenda com tanta facilidade, e de maneira tão familiar, ao chamado dos homens mais comuns?

– Para julgar os Espíritos, os homens tomam como parâmetro eles mesmos, o que é um erro. Após a morte do corpo, as posições sociais que as

peças ocupavam na Terra deixam de existir. Apenas a bondade é o que estabelece a diferença entre os Espíritos, e aqueles que são bons vão a todos os lugares onde possam fazer o bem.

33. Quanto tempo depois da morte se pode evocar um Espírito?

– O Espírito pode ser evocado no próprio instante da morte; mas, como nesse momento o Espírito ainda se encontra num estado de perturbação, apenas consegue responder de forma imperfeita.

Comentário de Kardec: Como a duração da perturbação é muito variável, não se pode fixar um prazo para a evocação. Entretanto, é raro que após oito dias o Espírito já não tenha conhecimento do seu estado para que possa responder ao chamado. Algumas vezes, isso lhe é possível dois ou três dias após a morte. Sempre se pode tentar a evocação, desde que se faça com prudência.

Observação

Nunca se deve fazer a evocação de um Espírito no momento da morte. A pergunta coloca apenas uma possibilidade, que os Espíritos confirmam. O Espírito recém-desencarnado não atende à evocação se não estiver em condições e se não receber permissão dos Espíritos superiores. Na eventualidade de atender, é porque isso lhe será benéfico, conforme vemos na pergunta nº 34: para alguns Espíritos, a evocação até os ajuda a sair do estado de perturbação. (Herculano Pires)

34. A evocação no instante da morte é mais difícil para o Espírito do que seria algum tempo depois?

– Algumas vezes, sim. É como alguém levantar em meio ao sono, sem estar completamente acordado. Entretanto, existem aqueles que não se incomodam com isso e a evocação até os ajuda a sair do estado de perturbação.

35. Como pode o Espírito de uma criança, que morreu em tenra idade, responder conscientemente, se quando estava encarnada não tinha

consciência de si mesma?

– A alma da criança é um Espírito ainda envolto nas faixas da matéria. Porém, uma vez liberto do corpo físico, ela desfruta de suas faculdades de Espírito, porque os Espíritos não têm idade, o que prova que o Espírito da criança já viveu outras existências. Entretanto, até que ele esteja completamente liberto das ligações que o prendiam ao corpo, pode conservar, na linguagem, alguns traços do caráter da criança.

Comentário de Kardec: A influência que o corpo físico exerce, por um tempo mais ou menos longo, sobre o Espírito da criança também é observada, algumas vezes, no Espírito daqueles que morrem no estado de loucura. O Espírito propriamente dito não é louco; entretanto, sabe-se que alguns Espíritos acreditam, durante algum tempo, que ainda estão encarnados na Terra.

Assim, não é de se admirar que o Espírito do louco ainda se ressinta dos entraves que, durante a vida, se opunham à livre manifestação dos seus pensamentos. Esses ressentimentos duram até que ele esteja completamente desligado do corpo. Esse efeito varia de acordo com as causas da loucura, pois existem loucos que recobram toda a sua lucidez imediatamente após a morte.

EVOCAÇÃO DE ANIMAIS

283.

36. Pode-se evocar o Espírito de um animal?

– Após a morte, o “princípio inteligente” que animava o animal encontra-se em estado latente. Os Espíritos encarregados desse trabalho imediatamente utilizam esse “princípio inteligente” para animar novos seres e, desse modo, continuar o processo de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não existem Espíritos errantes de animais, apenas Espíritos humanos. Isso responde à sua pergunta.

36a. Então, como se explica que algumas pessoas tenham evocado animais e recebido respostas?

– Evoca um rochedo e ele lhe responderá. Existe uma multidão de Espíritos sempre prontos a tomar a palavra e responder sobre qualquer assunto.

***Comentário de Kardec:** É por essa mesma razão que, se evocarmos um mito, ou uma personagem alegórica, eles responderão, ou melhor, algum Espírito responde por eles e lhes toma o caráter e as maneiras.*

*Certo dia, alguém teve a ideia de evocar **Tartufo**, e ele logo se manifestou. E mais ainda: falou de Orgon, de Elmira, de Dâmide e de Valéria, de quem deu notícias. Quanto a si mesmo, o Espírito imitou o hipócrita com tanta arte como se Tartufo tivesse sido uma personagem real. Mais tarde, disse ser o Espírito de um ator que tinha representado esse personagem.*

Os Espíritos levianos sempre se aproveitam da inexperiência dos interrogadores. Entretanto, evitam dirigir-se aos que eles sabem que são bastante esclarecidos para lhes descobrir as mentiras e que não acreditariam em suas histórias. O mesmo acontece entre os homens.

Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos, pelos quais se interessava muito. Certo dia, o ninho desapareceu. Após certificar-se de que ninguém na sua casa era culpado pelo desaparecimento do ninho, teve a ideia de evocar a mãe dos filhotes, uma vez que ele mesmo era médium. Ela veio e lhe disse, em bom francês: você não deve acusar ninguém e sossega quanto à sorte dos meus filhotes; foi o gato que, saltando, derrubou o ninho; você os encontrará debaixo dos arbustos, assim como os filhotes que não foram comidos.

Após verificar, encontrou tudo conforme lhe foi dito. Devemos concluir que foi o pássaro quem respondeu? Claro que não, mas apenas um Espírito que conhecia a história. Isso prova o quanto é preciso desconfiar das aparências e o quanto é correta a resposta acima: Evoca um rochedo e ele lhe responderá. (Ver Capítulo 22, “Mediunidade entre os animais”, item nº 234.)

Observação

Tartufo – Personagem de uma comédia teatral, escrita pelo genial dramaturgo francês Molière (1622-1673). Tartufo simbolizava a hipocrisia e o falso desapego dos devotos religiosos; por isso, a peça foi quase proibida pelos tribunais do rei Luís XIV da França. Orgon, Elmira, Dâmide e Valéria, citados no texto, também são personagens da mesma comédia.

EVOCAÇÕES DE PESSOAS VIVAS

284.

37. A encarnação do Espírito constitui um obstáculo absoluto à sua evocação?

– Não, mas é necessário que o seu corpo físico esteja num estado que permita ao Espírito libertar-se no momento da evocação. Quanto mais elevado for o mundo em que o Espírito se encontra encarnado, tanto mais facilmente ele virá, porque, nesses mundos, os corpos físicos são menos materiais.

38. Podemos evocar o Espírito de uma pessoa viva?

– Sim, visto que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de uma pessoa viva, em seus momentos de liberdade, também pode se manifestar por conta própria, ou seja, sem ser evocado. Essa manifestação depende da simpatia que o Espírito do encarnado tenha pelas pessoas com as quais se comunica. (Ver item nº 116, “A história do homem da tabaqueira”.)

39. Em que estado fica o corpo físico de uma pessoa cujo Espírito é evocado?

– Dormindo ou cochilando. É nesse estado que o Espírito está livre.

39a. O corpo físico pode despertar enquanto o Espírito está ausente?

– Não; para despertar, o Espírito é forçado a voltar ao corpo. Se, nesse momento, o Espírito estiver se comunicando, ele abandona o local e, em geral, diz o motivo.

40. Como o Espírito é avisado da necessidade de voltar ao corpo físico?

– O Espírito de uma pessoa viva jamais está completamente separado do seu corpo. Por mais que o Espírito se distancie, ele permanece ligado ao corpo por um **cordão fluídico** que serve para chamá-lo quando isso é necessário. Esse cordão fluídico só se desfaz com a morte.

Observação

O **cordão fluídico** não é de natureza material, ele é de natureza vibratória. É como se fossem ondas que se deslocam com uma frequência que lhes é própria. Hoje, esse cordão fluídico também é conhecido pelo nome de “cordão de prata”. É o elo energético que liga o “perispírito” ao “corpo físico”.

Comentário de Kardec: Muitas vezes, esse cordão fluídico é percebido pelos médiuns videntes. É uma espécie de rastro fosforescente que se perde no espaço, na direção do corpo físico. Alguns Espíritos dizem que é devido a esse cordão fluídico que eles reconhecem aqueles que ainda encontram-se encarnados.

41. O que acontece se o corpo físico é mortalmente ferido durante o sono e na ausência do Espírito?

– O Espírito pressente e volta antes que a morte se consuma.

41a. Sendo assim, o corpo físico não pode morrer na ausência do Espírito? E também não pode acontecer de o Espírito voltar e não conseguir retomar o seu corpo?

– Não; isso é contrário à Lei que rege a união da alma com o corpo físico.

41b. Mas, e se o golpe fosse desferido subitamente e de improviso?

– O Espírito é prevenido antes que o golpe mortal seja desferido.

Comentário de Kardec: O Espírito de uma pessoa viva, interrogado a esse

respeito, respondeu: se o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, este seria um meio muito cômodo de se cometerem suicídios hipócritas.

42. O Espírito de uma pessoa evocada durante o sono comunica-se tão livremente como o de uma pessoa morta?

– Não; o corpo físico sempre exerce uma influência no Espírito encarnado em maior ou menor grau.

Comentário de Kardec: Essa pergunta foi feita a uma pessoa encarnada e ela respondeu: estou sempre acorrentada à bola que arrasto comigo.

42a. Durante o sono, o Espírito de uma pessoa pode ser impedido de atender a uma evocação, por estar em outro lugar?

– Sim, pode acontecer que o Espírito esteja num lugar onde deseje permanecer; nesse caso, ele não atende à evocação, principalmente quando ela é feita por alguém que não lhe interessa.

43. É absolutamente impossível evocar o Espírito de uma pessoa acordada?

– Embora seja difícil, isso não é absolutamente impossível. Quando a evocação atinge a pessoa, pode acontecer que ela adormeça. Entretanto, o Espírito encarnado só pode se comunicar, como Espírito, nos momentos em que a sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.

Comentário de Kardec: A experiência demonstra que a evocação feita durante o período em que a pessoa está acordada pode provocar o sono ou, pelo menos, um torpor semelhante ao sono. Entretanto, esse efeito somente pode se produzir quando existe uma vontade muito forte por parte do evocador, e também quando existem laços de simpatia entre as duas pessoas; do contrário, a evocação não surtirá nenhum efeito.

Mesmo no caso em que a evocação provoca o sono, se o momento não é

oportuno, a pessoa, não querendo dormir, opõe resistência. Se ela ceder ao sono, seu Espírito ficará perturbado com isso e dificilmente responderá. Dessa maneira, concluímos que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é durante o sono natural; porque, nesse estado, o seu Espírito está livre e pode atender ao chamado, assim como pode ir a outros lugares.

Quando a evocação é feita com o consentimento da pessoa e esta procura dormir para facilitar a evocação, pode acontecer que essa preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito. Por isso, evocar durante o sono natural é sempre preferível.

44. A pessoa encarnada conserva a lembrança da evocação depois de despertar?

– Não. Você mesmo é evocado mais do que supõe. Somente seu Espírito fica sabendo. Às vezes, a evocação pode deixar uma vaga impressão do fato, como se fosse um sonho.

44a. Quem pode querer nos evocar, se somos seres tão comuns?

– É possível que, em outras existências, você tenha sido uma pessoa conhecida nesse mundo ou em outros. Também é possível que os seus parentes e amigos, desse e de outros mundos, também queiram evocá-lo. Suponhamos que o seu Espírito tenha animado o corpo do pai de outra pessoa. Pois bem! Quando essa pessoa evocar o seu pai, é o seu Espírito que será evocado e que responderá.

45. Ao ser evocado, o Espírito de uma pessoa viva responde como Espírito ou com as ideias que possui quando está acordado?

– Isso depende da elevação que esse Espírito já atingiu; entretanto, como Espírito, sempre julga as coisas com mais lucidez e menos preconceitos, exatamente como os sonâmbulos. É um estado mais ou menos semelhante.

46. Se o Espírito de um sonâmbulo fosse evocado durante o sono magnético, esse Espírito seria mais lúcido do que o de qualquer outra pessoa?

– Sem dúvida, responderia com mais facilidade, porque está mais desprendido do corpo físico. A lucidez depende do grau de independência do Espírito em relação ao corpo.

46a. O Espírito de um sonâmbulo pode responder a uma pessoa que o evoca à distância e, ao mesmo tempo, responder verbalmente a outra pessoa?

– A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes pertence apenas aos Espíritos que já desencarnaram.

47. Poderíamos modificar as ideias que uma pessoa tem no *estado de vigília*, ao agirmos sobre o seu Espírito durante o sono?

– Sim, algumas vezes. Durante o sono, o Espírito não está preso ao corpo físico por ligações tão fortes. Assim, torna-se mais acessível às sugestões morais e essas sugestões podem influir sobre a sua maneira de ver as coisas quando está em seu estado habitual. Infelizmente, quase sempre acontece que, ao despertar, a natureza corpórea predomina e faz com que o Espírito esqueça as boas decisões que tomou.

Observação

Estado de vigília – É o estado normal de consciência, ou seja, é o estado em que as pessoas se encontram quando estão acordadas. Pode-se dizer que a vigília é o estado que se opõe ao sono.

48. O Espírito de uma pessoa encarnada é livre para dizer o que quiser?

– Sim, o Espírito tem a posse de suas faculdades e, por isso, conserva o seu livre-arbítrio. Como dispõe de mais discernimento, mostra-se mais ponderado do que no estado de vigília.

49. O Espírito de uma pessoa que é evocada pode ser obrigado a dizer o que não quer?

– Eu disse que o Espírito tem o seu livre-arbítrio. Entretanto, pode

acontecer que, como Espírito, a pessoa dê menos importância a certas coisas do que daria no seu estado normal, e a sua consciência pode falar mais livremente. Além disso, se o Espírito dessa pessoa não quiser falar, ele simplesmente pode se retirar, evitando assim aborrecimentos. Não se pode reter um Espírito, como se retém o corpo.

50. O Espírito de uma pessoa encarnada não pode ser obrigado, por outro Espírito, a se manifestar e falar, como ocorre com os Espíritos desencarnados?

– Entre os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados, apenas existe a supremacia que resulta da superioridade moral. Assim, é fácil compreender que um Espírito superior jamais apoiaria uma indiscrição tão covarde.

Comentário de Kardec: Realmente, esse abuso de confiança seria uma ação má, que não produziria nenhum resultado, uma vez que não se pode arrancar um segredo que o Espírito deseja guardar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, ele confesse o que calaria em outras circunstâncias.

Uma pessoa quis saber, por esse meio, se um de seus parentes havia lhe beneficiado em seu testamento. O Espírito respondeu: sim, minha querida sobrinha, e em breve você terá a prova. Era verdade; mas, poucos dias depois, o parente desfez o seu testamento e teve a malícia de fazer com que a sobrinha tivesse ciência do fato, sem, entretanto, saber que havia sido evocado.

Sem dúvida, um sentimento intuitivo levou esse parente a executar a decisão que o seu Espírito já havia tomado, em função da pergunta que lhe foi feita. É uma covardia perguntar ao Espírito de um morto ou de um vivo o que não se ousaria perguntar frente a frente, e essa covardia nem mesmo tem, por compensação, o resultado que se pretende.

51. Pode-se evocar um Espírito cujo corpo ainda está no ventre materno?

– Não; nesse momento, o Espírito se encontra num estado de completa perturbação.

Comentário de Kardec: A encarnação só se torna definitiva no momento em que a criança respira. Mas, desde a concepção do corpo, o Espírito designado para animá-lo entra num estado de perturbação, que aumenta à medida que o nascimento se aproxima, tirando-lhe a consciência de si mesmo e, conseqüentemente, a condição de responder. (Ver, em O Livro dos Espíritos, a pergunta nº 344, Retorno à vida corporal e união da alma ao corpo.)

52. Um Espírito mistificador pode responder no lugar de uma pessoa viva, quando esta for evocada?

– Sem a menor dúvida, e isso acontece com frequência, principalmente quando a intenção do evocador não é pura. Aliás, a evocação de pessoas vivas só tem interesse como estudo psicológico. Assim, é conveniente evitá-la quando não se tem em vista um resultado instrutivo.

Comentário de Kardec: Se a evocação dos Espíritos desencarnados nem sempre dá resultado, conforme expressão usada por eles, muito menos resultado dará evocar os que estão encarnados. É principalmente nessas ocasiões que os Espíritos mistificadores se apresentam no lugar dos evocados.

53. Evocar o Espírito de uma pessoa encarnada traz algum inconveniente para ela?

– Essa evocação nem sempre é isenta de perigo e depende da condição em que a pessoa evocada se encontra. Se ela estiver doente, por exemplo, a evocação pode aumentar os seus sofrimentos.

54. Em que situação a evocação de uma pessoa encarnada pode ser mais inconveniente?

– Não convém evocar as crianças de tenra idade, as pessoas gravemente

doentes e os velhos enfermos. Em resumo: a evocação sempre é imprópria toda vez que o corpo estiver muito enfraquecido.

Comentário de Kardec: A brusca suspensão das faculdades intelectuais, devido à evocação, durante o estado de vigília, pode oferecer perigo se a pessoa, no momento da evocação, estiver precisando de toda a sua capacidade mental.

55. Durante a evocação de uma pessoa viva, seu corpo físico, ainda que ausente, experimenta algum cansaço em consequência do trabalho a que se entrega o seu Espírito?

– Uma pessoa que se encontrava evocada, afirmando que o seu corpo se cansava, respondeu a essa pergunta:

“Meu Espírito é como um balão amarrado a um poste; meu corpo é o poste, que é sacudido pelas oscilações do balão.”

56. Sabemos que a evocação de pessoas encarnadas pode trazer alguns inconvenientes quando é feita sem o devido cuidado. Sendo assim, não existe perigo de se evocar um Espírito, sem saber se ele está encarnado ou não, e que pode não se encontrar em condições favoráveis?

– Não, as circunstâncias não são as mesmas. O Espírito só atende se estiver em condições de fazê-lo. Aliás, eu já não disse que, antes de fazer a evocação, deve-se perguntar se ela é possível?

57. Quando sentimos, nos momentos mais impróprios, um sono irresistível, isso pode ser um sinal de que estamos sendo evocados em algum lugar?

– Pode, sem dúvida. Entretanto, o mais frequente é que isso seja um fenômeno puramente físico, seja porque o corpo tem necessidade de repouso, seja porque o Espírito precisa da sua liberdade.

Comentário de Kardec: Uma senhora que conhecemos, e que é médium, teve um dia a ideia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia no mesmo quarto.

A identidade foi constatada pela linguagem, pelas expressões habituais que a criança utilizava, e pela narração exata de muitas coisas que lhe haviam acontecido no colégio. Entretanto, uma circunstância veio confirmar que de fato era o Espírito do neto que se manifestava, porque, de repente, a mão do médium parou no meio de uma frase, sem que lhe fosse possível escrever mais nada.

Nesse momento, a criança, meio acordada, agitou-se na cama. Assim que voltou a dormir, a mão do médium retomou a escrita, dando continuidade à conversa interrompida. A evocação de pessoas vivas, feitas em boas condições, prova de maneira incontestável a ação distinta entre o Espírito e o corpo físico e, por consequência, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Ver, na Revista Espírita de 1860, páginas 11 e 81, diversos exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

TELEGRAFIA HUMANA

285.

58. Duas pessoas, evocando-se reciprocamente, poderiam corresponder-se, transmitindo de uma para a outra os seus pensamentos?

– Sim, e essa telegrafia humana será um dia o meio universal de correspondência.

58a. Por que ela não pode ser praticada desde agora?

– Ela já é praticada por algumas pessoas. É preciso que os homens se purifiquem para que o seu Espírito se liberte da matéria, e essa é uma razão a mais para que a evocação seja feita em nome de Deus. Até lá, a telegrafia humana está circunscrita às almas mais esclarecidas, mais desmaterializadas, o que é difícil de encontrar entre os habitantes da Terra.

CAPÍTULO 26

PERGUNTAS QUE PODEM SER FEITAS AOS ESPÍRITOS

- OBSERVAÇÕES PRELIMINARES
- PERGUNTAS SIMPÁTICAS OU ANTIPÁTICAS AOS ESPÍRITOS
- PERGUNTAS SOBRE O FUTURO
- PERGUNTAS SOBRE AS EXISTÊNCIAS PASSADAS E FUTURAS
 - PERGUNTAS SOBRE INTERESSES MORAIS E MATERIAIS
 - PERGUNTAS SOBRE A SORTE DOS ESPÍRITOS
 - PERGUNTAS SOBRE A SAÚDE
 - PERGUNTAS SOBRE AS INVENÇÕES E DESCOBERTAS
 - PERGUNTAS SOBRE OS TESOUROS OCULTOS
 - PERGUNTAS SOBRE OUTROS MUNDOS

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

286. É necessário ter todo o cuidado quando se deseja fazer perguntas aos Espíritos, principalmente no que diz respeito à natureza dessas perguntas. Duas coisas precisam ser consideradas: A “forma de perguntar” e a “essência da pergunta”. Quanto à forma, as perguntas devem ser claras e precisas, evitando-se as questões complexas. Outro ponto importante é a ordem em que as perguntas devem ser feitas.

Quando o assunto requer uma série de perguntas, é essencial que elas sigam uma sequência lógica, de modo a decorrerem, naturalmente, umas das outras. Dessa maneira, os Espíritos respondem com muito mais facilidade e com muito maior clareza do que responderiam se as perguntas fossem feitas ao acaso, passando, sem transição, de um assunto para outro. É por essa razão que devemos prepará-las com antecedência, sem prejuízo de outras perguntas que possam ser intercaladas no decorrer da sessão, caso as circunstâncias assim o

exijam.

A redação das perguntas fica melhor quando é feita com calma e com a mente descansada. Conforme já dissemos, esse trabalho preparatório é uma espécie de evocação antecipada, porque o Espírito pode ter assistido à confecção das perguntas e se preparado para responder. Frequentemente, o Espírito responde de forma antecipada a várias perguntas, o que prova que ele já as conhecia.

A “essência” da pergunta exige uma atenção ainda mais séria, porque, muitas vezes, é a natureza da pergunta que provoca uma resposta certa ou errada. Por motivos que desconhecemos, existem perguntas que os Espíritos não podem ou não devem responder. Assim, é inútil insistir. Mas, acima de tudo, o que devemos evitar são as perguntas feitas com o objetivo de colocar à prova o conhecimento dos Espíritos.

Os Espíritos dizem que, quando uma coisa existe, é evidente que eles devem saber. Ora, é justamente por se tratar de algo que já é conhecido, ou que podemos esclarecer por nós mesmos, que eles não se dão ao trabalho de responder. Essa suspeita os melindra e nada se obtém de satisfatório. Não temos todos os dias exemplos semelhantes entre nós? Os homens de conhecimento superior, conscientes do seu valor, gostariam de responder a perguntas tolas, que tivessem por objetivo submetê-los a um exame, como se fossem estudantes?

O desejo de conquistar adeptos para a nova Doutrina não constitui, para os Espíritos, motivo para que eles satisfaçam a nossa inútil curiosidade. Eles sabem que a convicção chegará cedo ou tarde, e os meios que empregam para isso nem sempre são os que julgamos serem os melhores.

Imaginem um homem sério, ocupado com coisas úteis e importantes, sendo incessantemente perturbado pelas perguntas ingênuas de uma criança, e vocês terão a ideia do que devem pensar os Espíritos superiores sobre todas as futilidades que lhes são perguntadas. Entretanto, isso não quer dizer que não possamos obter ensinamentos úteis e, principalmente, bons conselhos, por

parte dos Espíritos.

Eles respondem com maior ou menor precisão, segundo os conhecimentos que possuem, o interesse que têm por nós e o afeto que nos dedicam. Os Espíritos também levam em conta o objetivo a que nos propomos com a pergunta e a real utilidade que veem naquilo que lhes perguntamos. Porém, se nós os interrogamos unicamente porque os julgamos mais capazes do que os outros, para melhor nos esclarecerem sobre as coisas deste mundo, é claro que eles não poderão nos dispensar grande simpatia. Desse modo, suas aparições serão curtas e, não raro, conforme o grau de imperfeição em que eles ainda se encontram, manifestam o seu mau humor por terem sido incomodados inutilmente.

287. Algumas pessoas entendem que devemos nos abster de fazer perguntas aos Espíritos e que convém esperar pelo ensinamento deles, sem solicitar esse ensinamento. Isso é um erro. Sem dúvida, os Espíritos dão instruções espontâneas de um nível muito elevado, que seria errado desprezar. Entretanto, existem explicações que teríamos que esperar por um longo tempo, se não as solicitássemos.

Sem as nossas perguntas, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* ainda estariam aguardando para serem realizados ou, pelo menos, não seriam tão completos. Sem eles, não teríamos a solução para inúmeros problemas de grande importância. As perguntas, longe de apresentarem qualquer inconveniente, são de grande utilidade, sob o ponto de vista da instrução, quando quem as propõe sabe colocá-las nos devidos limites.

Esses questionamentos têm ainda outra vantagem: ajudam a desmascarar os Espíritos mistificadores que, mais pretensiosos do que sábios, raramente suportam a prova das questões feitas com lógica, por meio das quais o interrogante os recoloca nos seus devidos lugares. Como os Espíritos verdadeiramente superiores nada têm a temer com semelhantes perguntas, são os primeiros a vir nos esclarecer sobre os pontos de difícil entendimento.

Os demais Espíritos, com receio de ter que enfrentar adversários mais fortes, têm grande cuidado em evitá-los. Assim, esses Espíritos recomendam aos médiuns que eles desejam dominar, e aos quais querem impor as suas utopias, as suas fantasias, que evitem toda controvérsia a respeito dos seus ensinamentos.

Aquele que compreendeu bem o que dissemos até aqui, nesta obra, já pode fazer uma ideia do conteúdo a que convém limitar as perguntas a serem dirigidas aos Espíritos. Entretanto, para dar uma maior segurança, transcrevemos abaixo as respostas que os próprios Espíritos nos deram acerca dos principais assuntos que as pessoas pouco experientes utilizam para interrogá-los.

PERGUNTAS SIMPÁTICAS OU ANTIPÁTICAS AOS ESPÍRITOS

288.

1. Os Espíritos respondem de boa vontade às perguntas que lhes fazemos?

– Depende das perguntas. Os Espíritos sérios sempre respondem com prazer às que têm por objetivo promover o bem e fazer com que os homens progridam. Não dão atenção às perguntas fúteis.

2. É suficiente que uma pergunta seja séria para se obter uma resposta séria?

– Não; isso depende do Espírito que responde.

2a. Mas, uma pergunta sendo séria, não afasta os Espíritos levianos?

– Não é a pergunta que afasta os Espíritos levianos, é o caráter de quem a faz.

3. Quais são as perguntas que mais desagradam os bons Espíritos?

– Todas aquelas que são inúteis ou feitas por curiosidade, visando a

experimentá-los. Nesses casos, eles, além de não as responderem, ainda se afastam.

3a. Existem perguntas que desagradam os Espíritos imperfeitos?

– Sim; aquelas que podem desmascará-los, pondo-lhes à mostra a sua ignorância ou a sua tentativa de enganar. A não ser assim, respondem a tudo sem se preocuparem com a verdade.

4. O que pensar das pessoas que só veem nas comunicações espíritas uma distração e um passatempo, um meio de obterem revelações sobre questões de interesse pessoal?

– Essas pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores, porque, assim como eles, elas também gostam de se divertir e sentem-se satisfeitas quando são enganadas por esses Espíritos.

5. Quando os Espíritos não respondem a certas perguntas é por que não querem ou é por que uma força superior se opõe a certas revelações?

– É pelos dois motivos. Existem coisas que não podem ser reveladas e outras que o próprio Espírito desconhece.

5a. Se insistirmos muito, o Espírito acaba respondendo?

– Não; o Espírito que não quer responder simplesmente se afasta. É por isso que devem obedecer quando nós, os Espíritos, pedimos que esperem. Vocês não devem insistir em querer nos obrigar a responder. Insistir para obter uma resposta, que não queremos dar, é um meio certo de ser enganado, porque, quando um Espírito sério se afasta, os inferiores tomam o seu lugar.

6. Todos os Espíritos compreendem as perguntas que lhes são feitas?

– Não; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas perguntas, o que não os impede de responder bem ou mal, assim como acontece entre os homens.

Comentário de Kardec: Em certos casos, e quando for útil, acontece com frequência de um Espírito mais esclarecido vir em auxílio de um Espírito ignorante e lhe assoprar a resposta. Isso se reconhece facilmente pelo contraste dessa resposta

com as demais, e também porque o próprio Espírito confirma a ajuda que recebeu. Entretanto, esse fato só acontece com os Espíritos ignorantes, mas que possuem boa-fé, e nunca com aqueles que alardeiam falso saber.

PERGUNTAS SOBRE O FUTURO

289.

7. Os Espíritos podem nos revelar o futuro?

– Se o homem conhecesse o futuro, descuidaria do presente. Esse ainda é um ponto sobre o qual as pessoas sempre insistem, visando obter uma resposta precisa. Trata-se de um grande erro, porque a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Aqueles que fazem questão absoluta de uma resposta sempre a obterão por meio de Espíritos levianos e irresponsáveis, conforme temos avisado mais de uma vez. (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, a pergunta nº 868, “Conhecimento do futuro”.)

8. Entretanto, às vezes, os Espíritos não anunciam espontaneamente alguns acontecimentos verídicos que ocorrerão no futuro?

– Pode acontecer que o Espírito preveja acontecimentos que ele ache conveniente revelar. Pode acontecer, também, que ele receba como missão tornar esses acontecimentos conhecidos. Mas é nesses casos que mais se deve desconfiar dos Espíritos mistificadores, que se divertem fazendo previsões. Apenas o conjunto das circunstâncias é que permite verificar o grau de confiança que essas previsões merecem.

9. Quais são as previsões das quais mais devemos desconfiar?

– Desconfiem de todas aquelas que não forem de utilidade geral. As previsões pessoais podem, quase sempre, ser consideradas falsas.

10. Com que finalidade os Espíritos anunciam espontaneamente acontecimentos que não se realizam?

– Na maioria das vezes, para se divertirem com aqueles que acreditam no

terror ou na alegria que provocam; depois, riem-se do desapontamento que causam. Entretanto, algumas vezes, essas previsões mentirosas trazem um objetivo mais sério: o de pôr à prova aqueles a quem essas previsões são feitas, analisando como eles recebem o que foi dito e a natureza dos sentimentos bons ou maus que a revelação lhes desperta.

Comentário de Kardec: Assim seria, por exemplo, a previsão daquilo que possa lisonjear a vaidade ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a perspectiva de uma herança etc.

11. Por que os Espíritos sérios, quando fazem a previsão de um acontecimento, geralmente não marcam a data em que ele ocorrerá? Será porque eles não podem ou porque eles não querem?

– É pelos dois motivos. Em certas ocasiões, eles podem fazer com que um acontecimento *seja pressentido*; nesse caso, é um aviso que eles dão aos homens. Quanto a precisar a época do acontecimento, muitas vezes, os Espíritos não possuem autorização para fazê-lo; outras vezes, é porque eles mesmos ignoram a data.

O Espírito pode prever que um fato acontecerá, mas o momento exato pode depender de acontecimentos que ainda não se realizaram e que só Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não têm o menor escrúpulo em enganar, determinam os dias e as horas, sem se importarem com a verdade. É por isso que toda previsão com data marcada deve ser considerada suspeita.

Ainda uma vez: a nossa missão consiste em fazer com que os homens progridam e, para isso, auxiliamos o quanto podemos. Aqueles que pedem aos Espíritos superiores a sabedoria jamais serão enganados. Entretanto, não acreditem que percamos o nosso tempo ouvindo futilidades e lendo a sorte. Deixamos essa tarefa a cargo dos Espíritos levianos, que se divertem com isso, como se fossem crianças travessas.

A Providência pôs limites às revelações que podem ser feitas ao homem.

Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo o que lhes é proibido revelar. Aquele que insiste em obter uma resposta se expõe às mistificações dos Espíritos inferiores, que estão sempre prontos a explorar a credulidade das pessoas curiosas.

Comentário de Kardec: Os Espíritos são induzidos a ver ou a pressentir os acontecimentos futuros. Veem os acontecimentos se realizarem num tempo que eles não medem como nós. Para que eles determinem a época da ocorrência, é preciso que eles se identifiquem com a nossa maneira de calcular a duração do tempo, o que nem sempre julgam necessário. Esta é, quase sempre, a causa dos erros aparentes.

12. Existem homens dotados de uma faculdade especial, que lhes permite ver o futuro?

– Sim, aqueles cuja alma se desprende do corpo físico. Nesse caso, é o Espírito que vê. Quando julga conveniente, Deus permite que esses homens revelem certas coisas, desde que seja para o bem. Entretanto, entre eles existem também os impostores e os charlatões. Essa faculdade se tornará mais comum no futuro.

13. O que se deve pensar dos Espíritos que se divertem predizendo a alguém o dia e a hora exata da sua morte?

– São Espíritos de mau gosto, de muito mau gosto mesmo, cujo único objetivo é se divertir com o medo que causam. Ninguém deve se preocupar com isso.

14. Como é que certas pessoas são avisadas, por pressentimento, da época em que vão morrer?

– Na maioria das vezes, é o próprio Espírito delas que tem acesso a essa informação, nos momentos em que desfruta de sua liberdade, e assim elas conservam, ao despertar, a intuição da época da sua morte. Essas pessoas, por estarem preparadas para isso, não se amedrontam nem se emocionam. Para elas, essa separação da alma e do corpo é apenas uma mudança de situação.

Para usar uma linguagem mais simples, é a troca de uma roupa de pano grosseiro por uma de seda. O temor da morte diminuirá à medida que as convicções espíritas forem se propagando.

PERGUNTAS SOBRE AS EXISTÊNCIAS PASSADAS E FUTURAS

290.

15. Os Espíritos podem revelar as nossas existências passadas?

– Dependendo do objetivo, algumas vezes Deus permite que elas sejam reveladas. Se for para edificar e instruir os homens, as revelações são verdadeiras e, nesse caso, feitas quase sempre de forma espontânea e de maneira inteiramente imprevista. Entretanto, Deus jamais permite tais revelações para satisfazer a simples curiosidade.

15a. Por que alguns Espíritos nunca se recusam a fazer revelações sobre as vidas passadas?

– São Espíritos brincalhões que se divertem com aqueles que lhes dão crédito. Em geral, revelações dessa natureza devem ser consideradas falsas, ou pelo menos suspeitas, se não tiverem um objetivo eminentemente útil e sério. Esses Espíritos se divertem lisonjeando a vaidade das pessoas, revelando-lhes que já tiveram origem nobre.

Existem médiuns e crentes que aceitam de olhos fechados tudo o que lhes é dito a esse respeito. Entretanto, não percebem que o estado atual do seu Espírito em nada justifica a posição que pretendem ter ocupado. Pequena vaidade que serve de divertimento, tanto para os Espíritos brincalhões, quanto para os homens. Seria mais lógico, e mais de acordo com a marcha evolutiva dos seres, que essas pessoas tivessem subido, ao invés de terem descido, o que, sem dúvida, lhes seria bem mais honroso.

Para que se possa dar crédito a esse tipo de revelação, seria preciso que ela fosse feita espontaneamente, por diversos médiuns, estranhos uns aos outros, e

que já tivesse sido revelada anteriormente. Apenas assim haveria razão suficiente para se acreditar nessas revelações.

15b. Uma vez que não podemos saber quem fomos na existência anterior, também é verdade que não podemos saber o tipo de existência que tivemos, a posição social que ocupamos, as qualidades e os defeitos que predominaram em nós?

– Não. Isso pode ser revelado, porque dessas revelações é possível que o homem tire proveito para se melhorar. Aliás, ao estudar o presente, qualquer um pode deduzir, por si mesmo, o seu passado. (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, pergunta nº 392, “Esquecimento do passado”.)

16. Podemos ter alguma revelação sobre as nossas existências futuras?

– Não; tudo aquilo que os Espíritos disserem a esse respeito não passa de brincadeira, e isso se compreende facilmente: a existência futura de uma pessoa não pode ser determinada de antemão porque ela dependerá do proceder que essa pessoa vai ter durante o período em que estiver encarnada na Terra, e também das resoluções posteriores que ela tomará no plano espiritual, como Espírito. Quanto menos ela tiver que expiar, mais feliz será essa existência. Entretanto, saber onde e como será essa nova experiência, voltamos a dizer: isso é impossível. Salvo no caso, especial e raro, dos Espíritos que só estão na Terra para desempenhar uma missão importante, porque, nesse caso, o caminho deles se acha, de algum modo, previamente traçado.

PERGUNTAS SOBRE INTERESSES MORAIS E MATERIAIS

291.

17. Podemos pedir conselhos aos Espíritos?

– Sim, certamente. Os bons Espíritos jamais se recusam a ajudar aqueles que os invocam com confiança, principalmente quando se trata de assuntos da alma. Mas repelem os hipócritas, aqueles que fingem buscar a luz e se

comprazem nas trevas.

18. Os Espíritos podem nos dar conselhos sobre questões de interesse particular?

– Algumas vezes, conforme o caso. Isso também depende dos Espíritos a quem tais conselhos são pedidos. Os conselhos referentes à vida particular são dados com mais exatidão pelos Espíritos familiares, porque eles se ligam a uma pessoa e se interessam por aquilo que lhe diz respeito; são os amigos, os confidentes dos seus mais secretos pensamentos. Entretanto, às vezes, eles se cansam com as perguntas banais que vocês fazem e simplesmente se afastam.

Fazer perguntas de caráter particular a Espíritos estranhos é tão absurdo quanto fazer perguntas à primeira pessoa que você encontrar pela frente. Não esqueçam que a infantilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. Também é preciso levar em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, conforme a simpatia que ele possua pela pessoa à qual se liga. O Espírito familiar de um homem mau é um Espírito mau, cujos conselhos podem prejudicá-lo. Quando o homem se melhora, o Espírito mau se afasta e cede lugar a um Espírito melhor. Os semelhantes se atraem.

19. Os Espíritos familiares podem ajudar em nossos interesses materiais por meio de revelações?

– Podem e, às vezes, o fazem, de acordo com as circunstâncias. Entretanto, fiquem certos de que os bons Espíritos jamais se prestam a servir àqueles que são ambiciosos. Os maus Espíritos, ao contrário, fazem brilhar mil atrativos diante dos olhos de quem eles querem excitar, para em seguida iludi-los pela decepção. Também é bom saber que, se a prova de uma pessoa é passar por determinadas dificuldades, seus Espíritos protetores podem ajudá-la a suportar essa prova com mais resignação e, algumas vezes, até suavizá-la. Mas, no interesse do próprio futuro dessa pessoa, não é permitido livrá-la das dificuldades. É por isso que um bom pai não dá ao filho tudo o que ele pede.

Comentário de Kardec: Os nossos Espíritos protetores podem, em inúmeras circunstâncias, indicar-nos o melhor caminho sem, entretanto, conduzir-nos pela mão. Caso contrário, perderíamos toda a iniciativa e não faríamos nada sem recorrer a eles, o que viria em prejuízo do nosso próprio aperfeiçoamento.

Muitas vezes, para progredir, o homem tem necessidade de adquirir experiência à sua própria custa. É por isso que os Espíritos sábios, sempre prontos a nos aconselhar, quase sempre nos deixam entregues às nossas próprias forças, assim como um professor hábil faz com os seus alunos. Nas circunstâncias comuns da vida, eles nos aconselham pela inspiração, deixando-nos desse modo todo o mérito pelo bem que praticarmos, assim como toda a responsabilidade pelo mal que viermos a fazer.

Seria abusar da paciência dos Espíritos familiares e não compreender a missão que a eles cabe desempenhar, interrogá-los a cada instante sobre as coisas mais corriqueiras, como certos médiuns estão acostumados a fazer. Inclusive, existem alguns que, para obter um sim ou um não, pegam um lápis e pedem conselhos para as mais simples decisões da vida.

Este modo de proceder denota pequenez nas ideias e, ao mesmo tempo, a presunção de acreditar que temos à nossa disposição um Espírito sempre pronto a nos servir, e que ele não tem outra coisa a fazer do que se ocupar conosco e com os nossos pequenos interesses. Além disso, quem procede assim aniquila a sua capacidade de julgar e fica reduzido a um papel passivo, sem utilidade para a vida presente e com prejuízo certo para o progresso futuro.

Se existe infantilidade em interrogar os Espíritos sobre coisas fúteis, também existe infantilidade em os Espíritos se ocuparem espontaneamente com o que se pode chamar de “rotina doméstica”. Esses Espíritos até podem ser bons, mas ainda se acham muito presos às coisas da Terra.

20. Se, ao morrer, uma pessoa deixa seus negócios embaraçados, podemos pedir ao seu Espírito que ajude a desembaraçá-los? Podemos pedir também para que nos informe o real patrimônio que deixou, no caso

de não conhecermos o valor total desses bens, desde que isso seja feito visando ao interesse da justiça?

– A morte é a libertação das preocupações terrenas. Você acredita que o Espírito, feliz com a liberdade que desfruta, venha de boa vontade retomar os negócios que deixou para trás e se ocupar com coisas que não o interessam mais, apenas para satisfazer a cobiça de seus herdeiros? Esses parentes talvez estejam alegres com a sua morte, na esperança de que ela possa lhes trazer alguns benefícios.

Você falou de justiça; mas a justiça, para esses herdeiros, está na decepção que sofre a sua cobiça. É o início das punições que Deus lhes reserva à ganância pelos bens da Terra. Aliás, os embaraços que, às vezes, a morte de uma pessoa causa em seus herdeiros fazem parte das provas da vida, e não é tarefa de nenhum Espírito afastar vocês dessas provas, porque elas estão nas Leis de Deus.

***Comentário de Kardec:** Sem dúvida, a resposta acima desaponta aqueles que imaginam que os Espíritos nada têm de melhor a fazer do que nos servir de auxiliares clarividentes para nos guiar, não em direção ao Céu, mas para nos prender às coisas da Terra.*

Outra consideração vem apoiar essa resposta. Se um homem, por imprudência durante a vida, deixou seus negócios em desordem, não é possível que, depois da morte, tenha mais cuidados com eles. Esse homem desencarnado deve sentir-se feliz por estar livre dos aborrecimentos que tais negócios lhe causavam. Aliás, por menos elevado que seja, não dará mais importância aos negócios como Espírito do que lhes dava como homem.

Quanto aos bens desconhecidos que possa ter deixado, não existe nenhuma razão para que ele se interesse por herdeiros ávidos, que provavelmente não pensariam mais nele se não esperassem tirar algum proveito da situação. Se o Espírito que desencarnou ainda estiver impregnado das paixões humanas, poderá encontrar um prazer muito grande no desapontamento daqueles que lhe cobiçam a

herança.

Se, no interesse da justiça e das pessoas que estima, um Espírito julgar útil fazer revelações desse tipo, ele as fará espontaneamente, sem necessidade de que o interessado seja médium ou recorra a um médium. O próprio Espírito o levará ao conhecimento do assunto, por meio de circunstâncias inesperadas, e nunca por meio de pedidos que lhe façam, visto que tais pedidos não podem mudar a natureza das provas que os encarnados devam sofrer. Pelo contrário, os pedidos nesse sentido podem até agravar as provas, pois quase sempre revelam um indício de que existe uma ambição egoísta, dando ao Espírito a certeza de que as pessoas que fazem tais pedidos só pensam nele por interesse. (Ver o item nº 295.)

PERGUNTAS SOBRE A SORTE DOS ESPÍRITOS

292.

21. Podemos pedir esclarecimentos aos Espíritos sobre a situação em que eles se encontram no mundo espiritual?

– Sim, e os Espíritos respondem de boa vontade quando o pedido é feito com simpatia e com o desejo de ser útil, e não pela simples curiosidade.

22. Os Espíritos podem descrever a natureza dos seus sofrimentos ou da sua felicidade?

– Perfeitamente, e revelações dessa espécie são de grande ensinamento para todos, porque elas trazem a vocês o conhecimento da verdadeira natureza das penas e das recompensas futuras. Ao destruir as ideias falsas sobre o assunto, elas tendem a reanimar a fé e a confiança na bondade de Deus. Os bons Espíritos sentem-se felizes em relatar a felicidade dos eleitos. Os maus podem ser obrigados a descrever os seus sofrimentos, para que isso provoque neles o arrependimento. Às vezes, eles encontram, nesse relato, uma espécie de alívio: é o infeliz que se lamenta, na esperança de obter compaixão.

Não se esqueçam de que o objetivo essencial e exclusivo do Espiritismo é

a melhora dos homens, e é para alcançá-la que os Espíritos têm a permissão de vir ensinar sobre a vida futura, oferecendo exemplos que possam ser aproveitados. Quanto maior for a identificação do homem com o mundo que o espera, tanto menor será a saudade da Terra. Resumindo: esse é o objetivo atual da revelação espírita, ou seja, a transformação moral do homem.

23. Ao evocarmos uma pessoa cujo destino é ignorado, podemos saber por seu intermédio se ela ainda está viva?

– Sim, desde que a incerteza sobre a sua morte não seja uma necessidade ou uma prova para aqueles que têm interesse em sabê-lo.

23a. Se ela estiver morta, pode relatar as circunstâncias de sua morte, de maneira que possamos confirmá-la?

– Se ela der alguma importância a isso, até pode fazer o relato. Se não der importância, pouco se incomodará com o fato.

Comentário de Kardec: A experiência demonstra que, nesse caso, o Espírito não se importa com o nosso interesse quanto às circunstâncias que o levaram à morte. Se quiser revelar essas circunstâncias, o fará por si mesmo, seja por via mediúnica, seja por meio de visões ou aparições, podendo, então, dar as indicações mais precisas. Caso contrário, um Espírito mistificador pode perfeitamente enganar aqueles que perguntam e divertir-se à custa deles, levando-os a realizarem pesquisas inúteis.

Acontece frequentemente que o desaparecimento de uma pessoa, cuja morte não teve condições de ser oficialmente comprovada, traz embaraços aos negócios da família. Somente em casos raros e excepcionais temos visto os Espíritos indicarem as pistas verdadeiras, quando perguntados a respeito do assunto. Se quisessem fazê-lo, não há dúvida que poderiam, mas, em geral, isso não lhes é permitido, visto que tais embaraços constituem provações para aqueles que desejam livrar-se deles.

É, portanto, alimentar falsas ilusões tentar conseguir junto aos Espíritos a obtenção de heranças, das quais a única certeza é o dinheiro que se gasta para tal fim. Não faltam Espíritos dispostos a alimentar semelhantes esperanças e, sem

nenhum escrúpulo, conduzir os interessados a tais pesquisas. Suas vítimas devem se considerar satisfeitas, quando saem dessas buscas carregando apenas um pouco do ridículo a que se submeteram.

PERGUNTAS SOBRE A SAÚDE

293.

24. Os Espíritos podem dar conselhos sobre a saúde?

– A saúde é uma condição necessária para o trabalho que se deve executar na Terra, e é por isso que os Espíritos se ocupam de boa vontade com ela. Mas, como existem Espíritos ignorantes e sábios, nesse caso, como em outros, não convém dirigir-se ao primeiro Espírito que se manifeste.

25. Se nos dirigirmos ao Espírito de uma celebridade médica, podemos estar mais certos de obter um bom conselho?

– As celebridades terrenas não são infalíveis e, muitas vezes, possuem opiniões metódicas que nem sempre são justas e das quais a morte não as liberta imediatamente. A ciência da Terra é bem pouca coisa se comparada com a ciência do mundo espiritual. Apenas os Espíritos superiores possuem a ciência celeste.

Mesmo sem ter nomes conhecidos para os homens, eles podem saber muito mais do que os sábios da Terra, sobre todas as coisas. Não é só a ciência que torna superiores os Espíritos, e vocês ficariam admirados com o lugar que alguns sábios da Terra ocupam entre nós. Assim, o Espírito de um sábio pode não saber mais do que quando estava na Terra, se ele não progrediu como Espírito.

26. O sábio, ao se tornar Espírito, reconhece os seus erros científicos?

– Se ele alcança um grau bastante elevado, para abandonar a sua vaidade e compreender que o seu desenvolvimento ainda não está completo, ele os reconhece e os admite sem ficar envergonhado. Mas, se ainda não está

suficientemente desmaterializado, pode conservar alguns dos preconceitos que tinha quando estava na Terra.

27. Se um médico evocar os Espíritos de seus pacientes que morreram, pode obter esclarecimentos sobre a causa de suas mortes e sobre os erros que porventura possa ter cometido no tratamento deles, aumentando assim a sua experiência?

– Pode, e isso lhe será muito útil, principalmente se ele conseguir a assistência de Espíritos esclarecidos, que suprem a falta de conhecimento de alguns pacientes. Mas, para tanto, é preciso que ele faça esse estudo de modo sério, assíduo, com um fim humanitário, e não como um meio de adquirir saber e riqueza sem trabalho.

PERGUNTAS SOBRE AS INVENÇÕES E DESCOBERTAS

294.

28. Os Espíritos podem guiar os homens nas pesquisas científicas e nas descobertas?

– A ciência é obra da inteligência. Só deve ser adquirida pelo trabalho, pois é somente pelo trabalho que o homem progride em seu caminho. Que mérito ele teria se tivesse apenas que interrogar os Espíritos para saber de tudo? Agindo assim, qualquer tolo pode se tornar um sábio. O mesmo acontece com as invenções e com as descobertas industriais.

Existe, ainda, uma outra consideração a fazer: cada coisa deve vir a seu tempo e apenas pode chegar quando as ideias estão maduras para recebê-la. Se o homem tivesse esse poder, modificaria a ordem das coisas, fazendo com que os frutos nascessem antes da estação apropriada.

Deus já disse ao homem: você vai tirar da terra o seu alimento, com o suor do seu rosto. Admirável figura, que retrata a condição em que o homem se encontra nesse mundo. Ele deve progredir em tudo, pelo esforço do seu

trabalho. Se ele recebesse as coisas prontas, para que lhe serviria a inteligência? Ele seria como um estudante, cujas tarefas fossem feitas por outro.

29. Em suas pesquisas, o sábio e o inventor nunca são auxiliados pelos Espíritos?

– Oh! Isto é muito diferente. Quando chega o tempo de se realizar uma descoberta, os Espíritos encarregados de dirigir a sua marcha procuram o homem capaz de conduzi-la a bom termo. Assim, lhe inspiram as ideias necessárias, com o cuidado de lhe deixar todo o mérito, pois é preciso que ele elabore essas ideias e as ponha em execução.

O mesmo acontece com todas as grandes realizações da inteligência humana. Os Espíritos deixam que cada homem trabalhe no seu próprio campo de atuação. Desse modo, aquele que só é capaz de cavar a terra não será usado como depositário dos segredos de Deus. Mas os Espíritos sabem tirar do anonimato o homem que já está apto a realizar os projetos da Divindade. Não deixem que a curiosidade ou a ambição os arrastem por um caminho que não corresponda aos objetivos do Espiritismo e que os conduziria às mais ridículas mistificações.

Comentário de Kardec: O conhecimento mais aprofundado do Espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no princípio, muitos esperavam fazer por meio dele. Houve até quem chegasse a pedir aos Espíritos receitas para tingir e fazer nascer cabelos, curar os calos dos pés etc. Conhecemos muitas pessoas que, convencidas de que assim fariam fortuna, só colheram resultados mais ou menos ridículos.

O mesmo acontece quando se pretende, com a ajuda dos Espíritos, entender os mistérios da origem das coisas. Alguns Espíritos têm as suas ideias a respeito desse assunto, ideias que não são melhores do que as dos homens e que a prudência manda acolher com muita reserva.

PERGUNTAS SOBRE OS TESOUROS OCULTOS

295.

30. Os Espíritos podem nos indicar onde estão os tesouros ocultos?

– Os Espíritos superiores não se ocupam com essas coisas; mas os Espíritos brincalhões muitas vezes indicam tesouros que não existem, ou se comprazem em apontá-los num lugar, quando na verdade estão em lugar oposto. A utilidade disso é mostrar que a verdadeira riqueza está apenas no trabalho. Se a Providência destina tesouros ocultos a alguém, esse os achará naturalmente e não de outro modo.

31. O que se deve pensar sobre a crença de Espíritos guardiões de tesouros ocultos?

– Os Espíritos que ainda estão muito materializados se apegam às coisas da Terra. Os avaros, que esconderam os seus tesouros, podem ainda vigiá-los e guardá-los depois da morte. O temor de que alguém os venha roubar constitui para eles um enorme castigo. E esse temor permanece até que compreendam a inutilidade dessa atitude.

Existem também os Espíritos da Terra. Aqueles que são encarregados de dirigir as transformações interiores do globo. Esses Espíritos, por **alegoria**, foram transformados em guardiões das riquezas naturais.

Observação

Alegoria – Modo de representar uma coisa ou uma ideia, sob a aparência de outra.

Comentário de Kardec: A questão dos tesouros ocultos está na mesma categoria da questão das heranças desconhecidas. Bem louco seria aquele que levasse a sério as pretensas revelações que podem lhe fazer os brincalhões do mundo invisível. Já dissemos que, quando os Espíritos querem ou podem fazer semelhantes revelações, eles as fazem espontaneamente, sem precisarem de médiuns para isso. Eis

aqui um exemplo:

Uma senhora perdeu o marido, após trinta anos de vida conjugal, e estava ameaçada de ser expulsa de sua residência pelos enteados, para os quais havia sido uma segunda mãe. O motivo alegado era a falta de recursos. Estava no auge do seu desespero, quando uma noite o marido lhe apareceu e pediu que o acompanhasse até o seu escritório. Chegando lá, lhe mostrou a sua escrivaninha, que ainda estava com os lacres judiciais, e, por um efeito de segunda vista, fez com que ela visse o seu interior. Indicou-lhe uma gaveta secreta, que ela não conhecia, explicando-lhe o seu mecanismo, e acrescentou:

“Eu previ o que está acontecendo e quis assegurar a sua sorte; nessa gaveta estão as minhas últimas decisões. Deixei-lhe o usufruto desta casa e uma renda de...”; depois desapareceu. No dia em que foram retirados os lacres, ninguém pôde abrir a gaveta. A senhora, então, contou o que havia lhe acontecido. Abriu a gaveta, seguindo as instruções do marido, e lá estava o testamento, conforme ele lhe havia anunciado.

PERGUNTAS SOBRE OUTROS MUNDOS

296.

32. Qual o grau de confiança que podemos ter nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?

– Isso depende do verdadeiro grau de adiantamento dos Espíritos que fornecem essas descrições. Os Espíritos vulgares são incapazes de fornecer informações a esse respeito, assim como um homem ignorante também é incapaz de descrever todos os países da Terra. Com frequência, os homens fazem perguntas científicas sobre esses mundos, que esses Espíritos não conseguem responder.

Se os Espíritos são de boa-fé, falam desses mundos segundo as suas ideias pessoais. Se eles são levianos, divertem-se em dar descrições estranhas e

fantásticas. No mundo espiritual, os Espíritos levianos possuem tanta imaginação quanto na Terra, e aproveitam-se disso para fazer o relato de muitas coisas que nada têm de real.

Entretanto, não acreditem na impossibilidade absoluta de obter alguns esclarecimentos sobre esses mundos. Os bons Espíritos sentem muita alegria em descrever os orbes em que habitam, com o objetivo de aperfeiçoar os homens através do ensinamento, e estimulá-los a seguir o caminho que também os conduzirá um dia a esses mundos. É um meio de fixar as ideias sobre o futuro e não deixar com que vocês fiquem na incerteza.

32. Como podemos controlar a exatidão dessas descrições?

– O melhor controle é a concordância que pode existir entre essas diversas descrições. Entretanto, lembrem-se de que semelhantes descrições têm por objetivo o melhoramento moral de todos. Assim, é sobre o “estado moral” dos habitantes dos outros mundos que os homens podem receber maiores informações, e não sobre o “estado físico” ou “geológico” desses globos. Até porque, com os conhecimentos atuais que a Humanidade possui, ela não poderia mesmo compreendê-los.

Semelhante estudo de nada serviria para o progresso dos homens na Terra, sem falar que eles terão toda a oportunidade de fazê-lo, quando estiverem nesses mundos.

***Comentário de Kardec:** As perguntas sobre a constituição física e os elementos astronômicos dos mundos pertencem ao campo das pesquisas científicas, de cujo trabalho os Espíritos não devem nos poupar. Do contrário, um astrônomo acharia muito mais cômodo pedir aos Espíritos para que fizessem os seus cálculos, mas tendo o cuidado de dizer que foi ele mesmo quem os fez.*

Se os Espíritos pudessem, por meio da revelação, evitar o trabalho de uma descoberta, é provável que o fizessem por intermédio de um sábio bastante “modesto”, que revelaria abertamente a fonte, ou seja, os Espíritos, e não em proveito dos orgulhosos que negam a existência desses seres. Frequentemente, os

Espíritos deixam que os orgulhosos sofram as decepções do amor-próprio.

CAPÍTULO 27

CONTRADIÇÕES E MISTIFICAÇÕES

- CONTRADIÇÕES
- MISTIFICAÇÕES

CONTRADIÇÕES

297. Os adversários do Espiritismo não deixam de proclamar que os seus seguidores não concordam entre si; que nem todos partilham das mesmas crenças, ou seja, que se contradizem. Então, eles perguntam: se o ensinamento é dado pelos Espíritos, como pode não ser o mesmo? Apenas um estudo sério e aprofundado da Ciência Espírita pode conduzir esses argumentos ao seu verdadeiro valor.

Antes de tudo, devemos informar que essas contradições, das quais algumas pessoas fazem grande alarde, são em geral mais aparentes do que reais; prendem-se mais à superfície do que à essência mesmo das coisas e, por isso mesmo, não têm importância. As contradições provêm de duas fontes: dos homens e dos Espíritos.

298. As contradições de origem humana já foram suficientemente explicadas no capítulo referente aos *Sistemas*, item nº 36, ao qual remetemos o leitor. Todos compreendem que, no início, quando as observações ainda eram incompletas, surgiram opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas. Três quartas partes dessas opiniões divergentes já caíram diante de um estudo mais sério e mais aprofundado.

Com poucas exceções, e colocando de lado certas pessoas que não conseguem se livrar facilmente das ideias que possuem, podemos dizer que

hoje existe uma unidade de pensamento entre a imensa maioria dos espíritas, pelo menos no que diz respeito aos princípios gerais, com exceção, talvez, de alguns detalhes insignificantes.

299. Para compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso estar identificado com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado sob todos os seus aspectos. À primeira vista, pode parecer estranho que os Espíritos não pensem todos do mesmo modo; mas isso não pode surpreender aqueles que já entenderam o número infinito de degraus que eles precisam percorrer antes de atingir o alto da escala.

Para supor que todos os Espíritos tenham uma visão única sobre as coisas, é preciso imaginar que todos estão no mesmo nível; pensar que todos os Espíritos devam ver as coisas com precisão absoluta, é admitir que todos já chegaram à perfeição, o que não é exato e nem pode ser. Na verdade, os Espíritos nada mais são do que os homens sem o corpo físico. Como os Espíritos de todas as classes podem se manifestar, daí resulta que as suas comunicações trazem a marca da ignorância ou do saber, da inferioridade ou da superioridade moral que já alcançaram. É justamente para distinguir o verdadeiro do falso, e o bom do mau, que devem servir as instruções que temos apresentado.

Não podemos esquecer que, entre os Espíritos, assim como entre os homens, existem os falsos sábios, os meio-sábios, os orgulhosos, os presunçosos e os metódicos. Como só os Espíritos perfeitos conhecem tudo, para os demais Espíritos, assim como para nós, existem mistérios que eles explicam à sua maneira, segundo as suas ideias, e sobre os quais podem ter opiniões mais ou menos corretas.

Essas ideias, por amor-próprio, os Espíritos querem que prevaleçam e que sejam reproduzidas em suas comunicações. O erro está na atitude de alguns médiuns, que adotam, de forma leviana, ideias contrárias ao bom senso e ainda propagam tais ideias. Desse modo, as contradições de origem espírita apenas

têm por causa a diversidade natural das inteligências, dos conhecimentos, da capacidade de julgar e da moralidade de certos Espíritos, que ainda não estão aptos a tudo conhecerem e nem a tudo compreenderem. (Ver *O Livro dos Espíritos*, Introdução, item nº 13, e Conclusão, item nº 9.)

300. Algumas pessoas perguntam para que serve o ensinamento dos Espíritos, se ele não nos oferece mais certeza do que o ensinamento dos homens. A resposta é fácil. Não aceitamos com a mesma confiança o ensinamento de todos os homens e, entre duas doutrinas, preferimos aquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais sensato e menos acessível às paixões. Com os Espíritos, é preciso agir do mesmo modo.

Entre os Espíritos, existem aqueles que não estão acima da Humanidade, assim como existem aqueles que já a ultrapassaram em muito. São esses Espíritos esclarecidos que podem nos dar instruções, que em vão encontraríamos entre os homens mais instruídos. Assim, devemos nos aplicar em distinguir esses Espíritos da multidão de Espíritos inferiores, se quisermos nos instruir.

O conhecimento aprofundado do Espiritismo nos ajuda a fazer essa distinção. Entretanto, mesmo esses ensinamentos possuem um limite, pois, se os Espíritos não sabem todas as coisas, como pretender que os homens saibam? Existem assuntos sobre os quais é inútil interrogar os Espíritos; seja porque eles não têm permissão para nos revelar, seja porque eles próprios os ignoram. Sobre tais assuntos, eles podem nos dar apenas a sua opinião. Ora, são justamente essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos nos apresentam como sendo verdades absolutas.

É principalmente em relação ao que deve permanecer oculto, como o “futuro” e o “princípio das coisas”, que esses Espíritos orgulhosos mais insistem, a fim de passarem a impressão de que conhecem os segredos de Deus. É por isso mesmo que sobre esses pontos existem mais contradições. (Ver o capítulo anterior.)

301. Eis as respostas que os Espíritos nos deram a respeito das perguntas que fizemos sobre o problema das contradições:

1. O mesmo Espírito, comunicando-se em dois Centros Espíritas diferentes, pode dar, sobre o mesmo assunto, respostas contraditórias?

– Se os dois Centros diferem entre si em opiniões e em ideias, a resposta pode chegar alterada, porque eles estão sob a influência de diferentes falanges de Espíritos. Então, não é a resposta que é contraditória, mas a maneira pela qual ela é transmitida.

2. Compreendemos que uma resposta possa ser alterada. Mas, quando as qualidades do médium excluem toda e qualquer possibilidade de má influência, como se pode explicar que os Espíritos superiores utilizem linguagens diferentes e contraditórias, sobre o mesmo assunto, com pessoas totalmente sérias?

– Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem e a linguagem que utilizam é sempre a mesma, *com as mesmas pessoas*. Entretanto, pode variar segundo as pessoas e os lugares. Muitas vezes, essa contradição é apenas aparente e está mais nas palavras do que nas ideias. Quem refletir a respeito percebe que a ideia fundamental é a mesma. Assim, o mesmo Espírito pode dar respostas diferentes para a mesma pergunta, conforme o grau de perfeição daqueles que o evocam, pois nem sempre convém que todos recebam a mesma resposta, por não estarem todos igualmente adiantados.

É exatamente como se uma criança e um sábio fizessem a você a mesma pergunta. Certamente, a resposta teria que ser diferente e adequada à capacidade de compreensão de cada um, para que ambos ficassem satisfeitos. Nesse caso, as respostas, ainda que diferentes, seriam fundamentalmente as mesmas.

3. Com que objetivo os Espíritos sérios parecem aceitar, de certas pessoas, ideias e até mesmo preconceitos que combatem em outras?

– Aqui, é preciso que nos façamos compreender. Se alguém tem uma

convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, é necessário afastá-lo dessa convicção, mas isso deve ser feito pouco a pouco. É por isso que, muitas vezes, nos servimos dos termos que elas utilizam e aparentamos concordar com as suas ideias, a fim de que elas não se assustem de repente e não deixem de se instruir conosco.

Aliás, não é inteligente atacar bruscamente os preconceitos, pois esse é o melhor meio de não sermos ouvidos. É por isso que os Espíritos falam concordando com a opinião daqueles que os escutam, a fim de conduzi-los pouco a pouco à verdade. Os Espíritos adaptam a sua linguagem, a linguagem das pessoas com as quais falam, e você também faria o mesmo se quisesse ser um bom orador. Assim, os Espíritos não falam a um chinês, ou a um muçulmano, do mesmo modo como falam a um francês, ou a um cristão, pois sabem que, se o fizerem, serão repelidos.

Não se deve entender como “contradição” o que geralmente é apenas uma fase da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa designada por Deus. Eles a cumprem nas condições que julgam convenientes para beneficiar aqueles que recebem as suas comunicações.

4. As contradições, ainda que aparentes, podem lançar dúvidas na mente de algumas pessoas. Que método podemos empregar para conhecer a verdade?

– Para discernir o erro da verdade, é preciso aprofundar no entendimento dessas respostas e meditar seriamente sobre elas por um longo período. É um estudo completo que precisa ser feito. Para isso, é necessário tempo, como para todos os outros estudos.

Estudem, comparem, aprofundem-se nas respostas. Temos dito incessantemente que o conhecimento da verdade só se obtém com muita dedicação. Como querem chegar à verdade se interpretam tudo segundo as suas ideias acanhadas, que consideram grandes ideias? Mas não está longe o dia em que o ensinamento dos Espíritos será uniforme em toda parte, tanto nos detalhes, quanto nos pontos principais. A missão dos Espíritos é destruir o

erro, mas isso apenas se consegue gradativamente.

5. Existem pessoas que não têm o tempo e nem a aptidão necessária para fazer um estudo sério e aprofundado. Assim, aceitam sem examinar aquilo que lhes é ensinado. Elas não correm o risco de acreditar em erros?

– O mais importante é que elas pratiquem o bem e não façam o mal. Para isso, não há duas doutrinas. O bem é sempre o bem, independente de fazê-lo em nome de Alá ou de Jeová, porque existe apenas um Deus para o Universo inteiro.

6. Como podem os Espíritos, que parecem ter uma inteligência desenvolvida, ter ideias evidentemente falsas sobre algumas coisas?

– Os Espíritos têm as suas doutrinas. Aqueles que não são suficientemente adiantados, mas acreditam ser, tomam as suas ideias como sendo a própria verdade. O mesmo ocorre entre os homens.

7. O que se deve pensar das doutrinas segundo as quais apenas um Espírito pode se comunicar e esse Espírito seria Deus ou Jesus?

– O Espírito que ensina isso é um Espírito que deseja dominar e procura fazer com que todos acreditem que ele é o único a se comunicar. Entretanto, o infeliz que ousa tomar o nome de Deus pagará bem caro pelo seu orgulho. Quanto a essas doutrinas, elas se destroem a si mesmas, porque estão em contradição com os fatos mais amplamente comprovados. Não merecem um exame sério porque não possuem raízes e nem fundamento.

A razão ensina que o bem procede de uma fonte boa e o mal de uma fonte má. Por que querer que uma árvore boa dê maus frutos? Alguém já colheu uvas de uma macieira? A diversidade das comunicações é a prova mais evidente de que elas provêm de fontes diferentes. Aliás, os Espíritos que pretendem ser os únicos a se comunicarem se esquecem de dizer por que motivo os outros não o podem fazê-lo.

A pretensão que esses Espíritos manifestam é a negação daquilo que o Espiritismo tem de mais belo e de mais consolador: as relações do mundo visível com o mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são queridos

e que, se não fosse através dessas relações, as esperanças estariam perdidas para eles, eternamente. São justamente essas relações que identificam o homem com o seu futuro, e que o libertam do mundo material.

Suprimir essas relações é mergulhá-lo de novo na dúvida, que constitui o seu tormento; é alimentar o seu egoísmo. Ao examinar com cuidado a doutrina desses Espíritos, a cada passo nos deparamos com inúmeras contradições injustificáveis, sinais da sua ignorância sobre as coisas mais evidentes e, conseqüentemente, sinais da sua inferioridade.

O Espírito da Verdade

8. De todas as “contradições” que se notam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais surpreendentes é a que diz respeito à “reencarnação”. Se a reencarnação é uma necessidade da vida do Espírito, como se explica que nem todos os Espíritos a ensinam?

– Por acaso não sabem que existem Espíritos cujas ideias estão limitadas ao presente, assim como acontece com muitos homens na Terra? Esses Espíritos acreditam que a situação em que se encontram vai durar para sempre. Não enxergam além do círculo das suas percepções imediatas e não se preocupam em saber de onde vêm e nem para onde vão. Apesar disso, devem se sujeitar à ação da Lei da necessidade de reencarnar.

Para esses Espíritos, a reencarnação é uma necessidade, na qual só pensam quando ela chega. Sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Isso, para eles, é um problema. Se forem perguntados a respeito, falarão dos sete Céus superpostos como andares. Alguns falarão até mesmo da esfera de fogo, da esfera das estrelas, da cidade das flores, da cidade dos eleitos.

9. Aceitamos que os Espíritos pouco adiantados não compreendam a questão da reencarnação. Mas, então, como explicar que Espíritos de uma inferioridade moral e intelectual notória falem espontaneamente das suas diferentes existências e do desejo que possuem de reencarnar, para resgatarem os erros cometidos em suas existências anteriores?

– No mundo dos Espíritos acontecem coisas que são bem difíceis de compreender. Entre os homens, não existem pessoas muito ignorantes sobre certos assuntos e esclarecidas sobre outros? Pessoas que têm mais juízo do que instrução, e outras que têm mais conhecimento do que juízo? Também não sabem que alguns Espíritos se comprazem em manter os homens na ignorância, aparentando instruí-los, e aproveitando-se para isso da facilidade com que as suas palavras são aceitas? Eles podem seduzir aqueles que não examinam as coisas com profundidade, mas quando são pressionados pelo raciocínio, não sustentam o seu papel por muito tempo.

Por outro lado, é preciso considerar a prudência com que, em geral, os Espíritos divulgam a verdade: uma luz muito intensa e repentina apenas ofusca, e não esclarece. Em certos casos, os Espíritos podem julgar conveniente difundir a verdade apenas gradualmente, de acordo com a época, o lugar e as pessoas. Moisés ensinou tudo o que o Cristo ensinaria mais tarde, e o próprio Cristo disse muitas coisas cuja compreensão estava reservada às gerações futuras.

Falam da reencarnação e se admiram de que este princípio não tenha sido ensinado em alguns países. Lembrem-se de que, num país onde o preconceito da cor é muito forte, onde a escravidão está arraigada nos costumes, o Espiritismo seria repellido pelo simples fato de proclamar a reencarnação. A ideia de que o senhor possa tornar-se escravo na existência seguinte, e vice-versa, pareceria monstruosa. Não é melhor divulgar primeiro os princípios gerais, deixando para tirar mais tarde as suas consequências?

Oh! Homens! Como é curta a visão que possuem para compreender os desígnios de Deus! Saibam que nada se faz sem a Sua permissão e sem que exista um objetivo útil, que vocês quase nunca conseguem alcançar. Eu disse que a unidade entre os homens se fará dentro da crença espírita. Fiquem certos de que isso acontecerá e que as discórdias, já menos profundas, se apagarão pouco a pouco, à medida que os homens forem se esclarecendo. Assim, chegará o dia em que elas desaparecerão por completo, porque essa é a vontade de

Deus, contra a qual o erro não pode prevalecer.

O Espírito da Verdade

10. As doutrinas errôneas, ensinadas por certos Espíritos, não retardam o progresso da verdadeira Ciência?

– Os homens querem obter tudo sem esforço e sem trabalho. Saibam que não existe campo onde não cresçam as ervas daninhas, e que cabe ao lavrador arrancá-las. Essas doutrinas errôneas são uma consequência da inferioridade do mundo em que vivem. Se os homens fossem perfeitos, aceitariam apenas o que é verdadeiro. Os erros são como pedras falsas, que só um olho experiente pode diferenciar. Portanto, vocês precisam de um aprendizado, para distinguir o verdadeiro do falso, e as falsas doutrinas servem para exercitá-los a fazer essa distinção.

10a. Aqueles que adotam o erro não retardam o seu adiantamento?

– Se adotam o erro, é porque não estão bastante adiantados para compreender a verdade.

302. Enquanto as pessoas aguardam que a unidade doutrinária se estabeleça, cada um acredita ter a verdade consigo, e sustenta como verdadeiro apenas aquilo que sabe. Ilusão esta que os Espíritos enganadores não deixam de alimentar. Sendo assim, em que o homem imparcial e desinteressado pode se apoiar para fazer o seu julgamento?

– A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem. O diamante sem mancha é aquele que possui o maior valor. Julguem os Espíritos pela pureza dos seus ensinamentos. A unidade se fará do lado em que o bem jamais esteve misturado com o mal. É desse lado que os homens vão se unir pela própria força das circunstâncias, pois julgarão que aí está a verdade.

Notem que, em toda parte, os princípios fundamentais são sempre os mesmos, e são eles que vão unir os homens em um pensamento comum: o amor a Deus e a prática do bem. Seja qual for a via de progresso que a alma

adote, o objetivo final é um só e o meio de atingi-lo também é o mesmo: fazer o bem. Ora, não existem duas maneiras de fazer o bem.

Se surgirem discordâncias importantes, quanto ao próprio fundamento da Doutrina, existe uma regra certa para apreciar essas discordâncias, e a regra é esta: a melhor doutrina é aquela que melhor satisfaz ao coração e à razão, e também a que possui mais elementos para conduzir os homens ao bem. Eu garanto a vocês que essa é a regra que prevalecerá.

O Espírito da Verdade

Comentário de Kardec: As “contradições” que se apresentam nas comunicações espíritas podem resultar das seguintes causas:

Da ignorância de certos Espíritos; da mistificação dos Espíritos inferiores que, por malícia ou por maldade, dizem o contrário do que disse antes o Espírito cujo nome eles usurparam; da vontade do próprio Espírito, que fala de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas, e que pode julgar conveniente não dizer tudo a todos; da insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo espiritual; da insuficiência dos meios de comunicação, que nem sempre permitem ao Espírito expressar todo o seu pensamento.

Resumindo: as contradições resultam da interpretação que cada um pode dar a uma palavra, a uma explicação, segundo as suas ideias, os seus preconceitos, ou o ponto de vista sob o qual considere o assunto. Somente o estudo, a observação, a experiência e a isenção de todo o sentimento de amor-próprio podem ensinar a distinguir essas diversas nuances.

MISTIFICAÇÕES

303. Se é desagradável ser enganado, pior ainda é quando abusam da nossa credulidade. Aliás, esse é um dos inconvenientes mais fáceis de serem evitados. Os meios para afastar as armadilhas dos Espíritos enganadores já

foram expostos nas instruções anteriores, razão pela qual diremos pouca coisa a respeito. Eis as respostas que os Espíritos nos deram sobre as mistificações:

1. As “mistificações” constituem um dos obstáculos mais desagradáveis na prática do Espiritismo. Existe um meio de nos preservarmos delas?

– Essa resposta pode ser encontrada em tudo aquilo que já foi ensinado. Certamente, há um meio simples para evitá-las: é pedir ao Espiritismo apenas aquilo que ele pode dar, porque o seu objetivo é o melhoramento moral da Humanidade. Aquele que não se afastar desse objetivo jamais será enganado, pois não existem duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, aquela que todo homem de bom senso pode aceitar.

Os Espíritos vêm para instruir e guiar os homens no caminho do bem, e não no caminho das honras e das riquezas, e muito menos para atender às suas paixões mesquinhas. Se as pessoas não pedissem aos Espíritos coisas inúteis, nada que estivesse fora das suas atribuições, ninguém daria acesso aos Espíritos enganadores. Daí se conclui que: só é mistificado aquele que o merece.

O papel dos Espíritos não é o de informar os homens sobre as coisas da Terra, mas o de guiá-los com segurança naquilo que lhes possa ser útil no mundo espiritual. Quando eles falam das coisas da Terra, é porque julgam necessário, e não porque alguém lhes pede. Aqueles que veem nos Espíritos apenas os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros certamente serão enganados.

Se bastasse aos homens interrogar os Espíritos para tudo saber, perderiam o seu livre-arbítrio e estariam fora do caminho traçado por Deus para o progresso da Humanidade. O homem deve agir por si mesmo. Deus não envia os Espíritos para lhes aplainar o caminho da vida material, mas para lhes preparar o futuro.

1a. Entretanto, como explicar que existem pessoas que nada perguntam e que, ainda assim, são enganadas de forma indigna por Espíritos que se manifestam espontaneamente, sem serem chamados?

– Elas nada perguntam, mas se comprazem em ouvir o que os Espíritos respondem, o que dá no mesmo. Se essas pessoas recebessem com reserva e desconfiança tudo aquilo que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os Espíritos levianos não as enganariam tão facilmente.

2. Por que Deus permite que as pessoas sinceras e que aceitam o Espiritismo de boa-fé sejam enganadas? Isso não pode ter o inconveniente de lhes abalar a crença?

– Se isso lhes abalar a crença, é porque a fé que possuem não é bastante sólida. Aqueles que abandonam o Espiritismo por um simples desapontamento provam que ainda não o compreenderam e nem se apegaram ao seu aspecto sério. Deus permite as mistificações para experimentar a perseverança dos verdadeiros espíritas e para punir os que fazem do Espiritismo um simples meio de diversão.

O Espírito da Verdade

Comentário de Kardec: A astúcia dos Espíritos mistificadores ultrapassa algumas vezes tudo o que se possa imaginar. A arte com que eles dirigem as suas ações e combinam os meios de persuadir até seria uma coisa curiosa, se esses Espíritos não fossem além de simples brincadeiras inocentes. Entretanto, as mistificações podem ter conseqüências desagradáveis para aqueles que não tomam o devido cuidado. Sentimo-nos felizes por termos podido abrir a tempo os olhos de muitas pessoas que solicitaram o nosso conselho, livrando-as de situações ridículas e comprometedoras.

Entre os meios que esses Espíritos empregam, devemos colocar em primeiro lugar, como sendo os mais frequentes, aqueles que têm por objetivo estimular a cobiça. Entre eles, podemos incluir: a revelação de pretensos tesouros escondidos, o anúncio de heranças ou outras fontes de riqueza. Também devemos considerar suspeitas as profecias com datas marcadas, assim como todas as indicações precisas, relacionadas com os interesses materiais.

Além disso, devemos evitar quaisquer ações prescritas ou aconselhadas pelos

Espíritos, quando os objetivos não forem eminentemente racionais. Nunca se deixem levar pelos nomes que os Espíritos utilizam para dar uma aparência de verdade às suas palavras. Desconfiem das teorias e dos sistemas científicos arrojados e de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações. Poderíamos escrever um livro inteiro com as mais curiosas histórias de todas as mistificações que já chegaram ao nosso conhecimento.

CAPÍTULO 28

CHARLATANISMO E ILUSIONISMO

- MÉDIUNS INTERESSEIROS
- FRAUDES ESPÍRITAS

MÉDIUNS INTERESSEIROS

304. Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, não há nada de estranho em que também se queira explorar os Espíritos. Resta saber como os Espíritos receberiam isso, caso tentássemos conversar com eles a respeito deste assunto. Para começar, diremos que nada se presta melhor ao charlatanismo e ao ilusionismo do que a exploração dos Espíritos. Se o número dos falsos sonâmbulos é imenso, bem maior é o número dos falsos médiuns. Apenas esse fato já seria motivo suficiente para justificar a nossa desconfiança.

O desinteresse financeiro, ao contrário, é a resposta mais clara que se pode dar aos que só veem nos fenômenos espíritas o produto de uma hábil manobra. Não existe charlatanismo desinteressado, ou melhor, que não vise à remuneração; sendo assim, qual seria o objetivo das pessoas que praticam a fraude espírita sem proveito próprio, principalmente quando a honra dessas pessoas está acima de qualquer suspeita?

Se o fato de um médium obter lucros com a sua faculdade pode levantar suspeita, essa circunstância não constitui, por si só, uma prova de que essa suspeita seja verdadeira. Esse médium pode ter uma aptidão real e agir de boa-fé, mesmo recebendo remuneração. Para esse caso, vejamos se é possível esperar um resultado satisfatório.

305. Aquele que compreendeu perfeitamente o que dissemos sobre as

condições necessárias para que uma pessoa sirva de médium aos bons Espíritos, como pode supor que um Espírito, por menos adiantado que seja, fique o tempo todo à disposição de um empresário de sessões, e ainda se sujeitando às suas exigências, para satisfazer a curiosidade do primeiro que apareça?

Devemos nos lembrar, ainda, das inúmeras causas que podem afastar os bons Espíritos, ou seja, das circunstâncias que não dependem da vontade deles e que impedem o seu comparecimento, enfim, de todas as condições morais capazes de exercer influência sobre a natureza das comunicações.

Sabemos da aversão que os Espíritos esclarecidos têm por tudo aquilo que representa a cobiça e o egoísmo, e também da pouca importância que dão às coisas materiais. Então, como admitir que eles se prestem a ajudar aqueles que pretendem comercializar as suas manifestações? Isso repugna à razão e seria preciso conhecer muito pouco sobre a natureza do mundo espiritual para acreditar que tal coisa seja possível.

Entretanto, os Espíritos levianos são menos escrupulosos e apenas buscam ocasiões para se divertirem à nossa custa. Disso resulta que, se não formos enganados por um falso médium, é bem possível que o sejamos por alguns desses Espíritos. Somente essas reflexões já nos dão uma ideia do grau de confiança que podemos ter nas comunicações dessa espécie.

Assim, para que serviriam hoje os médiuns pagos, uma vez que qualquer pessoa, mesmo sem possuir a faculdade mediúnica, pode encontrá-la em algum membro da sua família, entre os seus amigos, ou no círculo de suas relações?

306. Os médiuns interesseiros não são apenas aqueles que exigem um pagamento. Nem sempre o interesse se traduz pela expectativa de um ganho financeiro, mas também pelas ambições de toda sorte, nas quais podemos incluir os interesses pessoais. Essa é uma falha de caráter que os Espíritos mistificadores sabem aproveitar muito bem e a utilizam com uma habilidade e uma astúcia verdadeiramente notáveis. Desse modo, iludem e enganam aqueles que se colocam sob a sua dependência.

Resumindo: a mediunidade é uma faculdade concedida para a prática do bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretender utilizá-la como um meio para conseguir qualquer coisa que não corresponda aos objetivos da Providência. O egoísmo é uma chaga da Sociedade, e os bons Espíritos trabalham para combatê-lo. Sendo assim, não se pode admitir que eles possam trabalhar para servi-lo. Isso é tão coerente que seria inútil insistir mais sobre esse assunto.

307. Os médiuns de efeitos físicos pertencem a outra categoria. Esses efeitos geralmente são produzidos por Espíritos inferiores, menos escrupulosos. Não queremos dizer, com isso, que tais Espíritos sejam necessariamente maus. Um simples carregador pode ser um homem muito honesto.

Um médium de efeitos físicos, que deseja obter lucro com a sua faculdade, não tem dificuldade em encontrar inúmeros Espíritos que o assistam sem muita repugnância. Mas, ainda nesse caso, existe um outro inconveniente: tanto o médium de efeitos físicos, quanto o de comunicações inteligentes, recebeu a sua faculdade para bem empregá-la e não para a sua satisfação pessoal. Ela lhe é dada sob a condição de que a utilize de forma conveniente. Assim, se o médium abusa da sua faculdade, ela pode lhe ser retirada ou ele pode torná-la prejudicial a si mesmo, porque, definitivamente, os Espíritos inferiores estão subordinados aos Espíritos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam muito de mistificar, mas não gostam de ser mistificados. Prestam-se de boa vontade às brincadeiras, aos caprichos da curiosidade, porque se divertem com isso, mas não gostam de ser explorados, nem de servir de comparsas para que o médium aumente a sua receita. Provam, a cada instante, que possuem vontade própria e que agem quando e como lhes convém. Esse fato torna os médiuns de efeitos físicos ainda mais inseguros, quanto à regularidade das manifestações, do que os médiuns escreventes.

Pretender produzir as manifestações em dias e horas determinados é dar prova da mais profunda ignorância. Então, o que faz o médium para ganhar

dinheiro? Simula ou frauda os fenômenos. É o que acontece, não apenas com aqueles que fazem disso uma profissão declarada, mas também com as pessoas aparentemente simples, que acham mais fácil e mais cômodo ganhar a vida por esse meio, ao invés de trabalhar.

Se o Espírito nada produz, os médiuns suprem a sua falta: a imaginação é muito fecunda quando se trata de ganhar dinheiro! O “interesse financeiro” constitui um motivo legítimo de suspeita, e é por isso que ele dá o direito para que um exame rigoroso seja feito. Ninguém pode se ofender com esse exame, bastando que se justifique para anular as suspeitas. Mas tanto as suspeitas são legítimas nos casos em que há pagamento, quanto são ofensivas em se tratando de pessoas honradas e desinteressadas.

308. A faculdade mediúnica, mesmo quando restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para exibi-la nos teatros de feira. Aquele que pretende ter os Espíritos às suas ordens para exibi-los em público pode, com justa razão, ser suspeito de charlatanismo ou da prática mais ou menos hábil de ilusionismo. Que as pessoas se lembrem disso todas as vezes que virem anúncios de pretensas sessões de *Espiritismo*, ou de *Espiritualismo*, com entrada paga. Não se esqueçam, também, do tipo de produto que estão comprando ao entrar na sessão.

De tudo o que foi dito, concluímos que o desinteresse na remuneração é a melhor garantia contra o charlatanismo. Se esse desinteresse nem sempre assegura a excelência das comunicações inteligentes, pelo menos ele retira dos maus Espíritos um poderoso meio de ação e fecha a boca de certos detratores.

309. Resta, ainda, aquilo que se pode chamar de *as trapaças do amador*, ou seja, as fraudes inocentes de alguns brincalhões de mau gosto. Sem dúvida, essas trapaças podem ser praticadas como passatempo em reuniões fúteis e levianas, mas nunca em reuniões sérias, compostas por pessoas também sérias e honestas.

Uma pessoa até pode ter o prazer de praticar uma mistificação momentânea, mas seria preciso que ela fosse dotada de uma paciência extraordinária para representar esse papel por meses e anos e, a cada vez, durante horas seguidas. Apenas um interesse qualquer pode justificar tamanha perseverança. Portanto, esse interesse, conforme já dissemos, autoriza todas as suspeitas.

310. Às vezes, podemos argumentar que um médium, que dedica todo o seu tempo ao público, no interesse da Doutrina Espírita, não pode fazê-lo de graça, uma vez que ele precisa viver. Mas é no interesse da Doutrina, ou no seu *próprio interesse*, que ele emprega o seu tempo? Não será, antes, porque ele entrevê na mediunidade um ofício lucrativo? Quando se visa ao lucro, sempre é possível encontrar pessoas dedicadas.

Será que essas pessoas não possuem outro meio de subsistência? Não nos esqueçamos de que os Espíritos, seja qual for o seu grau de superioridade ou de inferioridade, são as almas dos homens que já morreram. Se a “Moral” e a “Religião” recomendam, como um dever de todos, respeitar os restos mortais daquele que desencarnou, maior ainda deve ser a obrigação de respeitar o seu Espírito.

O que diriam de uma pessoa que tirasse um corpo do túmulo e o exibisse por dinheiro, por ser esse corpo capaz de provocar a curiosidade? Será menos desrespeitoso exibir o Espírito em vez do corpo, sob o pretexto de que é curioso ver como age o Espírito? Observem que o preço dos lugares será proporcional aos truques que essa pessoa faça e ao atrativo do espetáculo. Mesmo que, em vida, esse Espírito tivesse sido um comediante, jamais suspeitaria que, após a sua morte, pudesse encontrar um diretor que, em proveito próprio, o fizesse representar de graça.

É importante não esquecer que as “manifestações físicas”, assim com as “manifestações inteligentes”, apenas são permitidas por Deus para a nossa instrução.

311. Apesar dessas considerações morais, não contestamos, de modo algum, a possibilidade de existirem médiuns interesseiros que sejam honestos e conscienciosos, porque há pessoas honestas em todas as profissões. Falamos apenas do abuso. Mas é preciso convir, pelos motivos já expostos, que existe mais razão para o abuso entre os médiuns remunerados, do que entre aqueles que, considerando a sua faculdade mediúnica como uma graça recebida, só a utilizam para servir.

O grau de confiança ou de desconfiança que se pode conceder a um médium remunerado depende, antes de tudo, da consideração que temos pelo seu caráter e pela sua moral, além das circunstâncias em que ele se encontra. Existem médiuns que agem de maneira eminentemente séria e útil, o que os impede de empregar o seu tempo em outra atividade, e que, por conta disso, podem estar desempregados. Esses médiuns não devem ser confundidos com os médiuns especuladores, aqueles que, premeditadamente, fazem da sua mediunidade um comércio.

De acordo com o motivo e com o objetivo, os Espíritos podem condenar, absolver e, até mesmo, auxiliar o médium. Eles julgam mais a intenção do que o fato material.

Observação

Nesta passagem, Kardec revela equilíbrio e bom senso ao considerar o problema em seus diferentes aspectos. A mediunidade paga é um mal, por todos os motivos expostos; mas existem casos em que o médium pode se encontrar em situação difícil para exercê-la. São casos excepcionais, mas existem. Não se deve julgá-los, mas os Espíritos os julgam e agem de acordo com a justiça. O importante é não se tomar a exceção para justificar casos dessa natureza. Lembramos que, onde houver interesse financeiro, o perigo sempre está presente. (Herculano Pires)

312. Os sonâmbulos que utilizam a sua faculdade de modo lucrativo não

podem ser incluídos no mesmo caso. Ainda que essa exploração esteja também sujeita a abusos e o desinteresse financeiro constitua a maior garantia de sinceridade, a posição é diferente, porque, nesse caso, é o próprio Espírito do sonâmbulo que age. Então, podemos dizer que, na realidade, os médiuns sonâmbulos exploram o seu próprio Espírito, uma vez que eles têm a liberdade de fazer o que bem entenderem, ao passo que os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos. (Ver o item nº 172, “Médiuns sonambúlicos”.)

313. Não ignoramos que a nossa severidade para com os médiuns interesseiros faz com que se revoltam contra nós todos aqueles que exploram ou que tentam explorar esse novo comércio. Esses médiuns tornam-se nossos inimigos implacáveis, assim como os amigos de tais médiuns, que naturalmente tomam o seu partido.

Consolamo-nos ao lembrar que os mercadores expulsos do templo de Jerusalém, por Jesus, também não deviam vê-lo com bons olhos. Temos igualmente contra nós as pessoas que não consideram o assunto com a devida seriedade. Entretanto, julgamo-nos no direito de ter uma opinião e emití-la. Não obrigamos ninguém a adotá-la. Se a imensa maioria aderiu a ela, é porque a considera justa.

De fato, é fácil compreender que existe maior probabilidade de encontrarmos a fraude e os abusos na especulação do que no desinteresse financeiro. Quanto a nós, se os nossos escritos contribuem para lançar o descrédito sobre a mediunidade interesseira, tanto na França quanto em outros países, acreditamos que esse é um dos maiores serviços que esses escritos prestam ao Espiritismo sério.

FRAUDES ESPÍRITAS

314. Aqueles que não admitem a realidade das manifestações físicas geralmente atribuem a algum tipo de fraude os efeitos produzidos. Baseiam-se no fato de que os ilusionistas hábeis fazem coisas que parecem prodígios, para aqueles não conhecem os seus segredos. Assim, concluem que os médiuns não passam de ilusionistas. Já refutamos este argumento, ou melhor, esta opinião, principalmente nos artigos sobre o Sr. Home e nos números da *Revista Espírita* de janeiro e fevereiro de 1858. Diremos sobre esse assunto apenas algumas palavras, antes de tratarmos de coisa mais séria.

Aliás, há uma consideração que não escapa a todo aquele que refletir um pouco. Sem dúvida, existem ilusionistas que possuem uma habilidade notável, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem a fraude, seria preciso admitir que, em pouco tempo, a arte de iludir fez progressos extraordinários, tornando-se subitamente muito conhecida. Além disso, essa arte estaria presente, de forma inata, em pessoas que nem sequer suspeitavam que a possuíam e até mesmo em crianças.

Pelo fato de haver charlatões que vendem remédios falsos nas praças públicas, de haver médicos que, mesmo sem irem às praças públicas, traem a confiança dos seus clientes, deve-se concluir que todos os médicos são charlatões e que a classe médica deva perder a consideração de que desfruta? Pelo fato de haver pessoas que vendem tintura no lugar de vinho, deve-se concluir que todos os comerciantes de vinho são falsificadores e que não existe vinho puro?

Abusa-se de tudo, até mesmo das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude também tem a sua inteligência. Mas a fraude sempre tem um objetivo, um interesse material qualquer; onde não há nada a lucrar, também não há nenhum interesse em enganar. Foi por isso que dissemos, falando dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é o absoluto desinteresse financeiro.

315. De todos os fenômenos espíritos, os que mais se prestam à fraude são

os “fenômenos de efeitos físicos”, por alguns motivos que é bom levar em consideração. Em primeiro lugar, esses fenômenos impressionam mais aos olhos do que à inteligência e são, por isso mesmo, os mais fáceis de serem imitados pelos ilusionistas. Em segundo lugar, eles despertam a curiosidade, muito mais do que os outros fenômenos, o que acaba por atrair as multidões. Assim, podemos considerá-los como sendo os mais produtivos para serem utilizados nas fraudes.

Levando em consideração que esses fenômenos impressionam aos olhos e despertam a curiosidade, os charlatões têm todo o interesse em imitar essas manifestações. Os espectadores, na sua maioria não conhecendo os fenômenos de efeitos físicos, procuram antes uma distração do que uma instrução séria. Ora, é sabido que se paga mais por aquilo que diverte do que por aquilo que instrui.

Além disso, há outro motivo de vital importância. O ilusionista pode imitar os efeitos materiais, para os quais ele só precisa possuir habilidade. Entretanto, não conhecemos, até o presente momento, nenhum ilusionista que tenha a capacidade de improvisação, o que requer uma dose de inteligência pouco comum, nem o dom de produzir essas belas e sublimes mensagens, em geral tão cheias de ensinamentos, que os Espíritos costumam dar em suas comunicações. Isso nos faz lembrar o fato a seguir:

Certo dia, um escritor bastante conhecido veio nos procurar e disse que era um excelente médium escrevente intuitivo e que se colocava à disposição da Sociedade Espírita de Paris. Como temos por hábito apenas admitir na Sociedade médiuns cujas faculdades conhecemos, pedimos ao visitante que primeiro nos desse uma prova da sua faculdade numa reunião particular.

Ele efetivamente compareceu e, durante a reunião, vários médiuns experientes receberam mensagens e deram respostas de notável precisão sobre as questões propostas e sobre assuntos desconhecidos por eles. Quando chegou a vez do nosso visitante, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse que naquele dia sentia-se um pouco indisposto e nunca mais retornou.

Provavelmente, ele se deu conta de que o papel de “médium de efeitos inteligentes” era bem mais difícil de desempenhar do que imaginara.

316. Em todas as situações, as pessoas mais fáceis de serem enganadas são aquelas que não pertencem ao ofício, ou melhor, que não são do ramo. O mesmo acontece com o Espiritismo. Aquelas que não o conhecem se deixam iludir facilmente pelas aparências. Entretanto, um estudo prévio e atento possibilita que as pessoas entendam as causas que geram os fenômenos, assim como as condições normais em que eles podem ser produzidos, permitindo que elas possam reconhecer a fraude, quando esta existir.

317. Os médiuns trapaceiros receberam a condenação que mereciam, na seguinte carta que publicamos na *Revista Espírita* do mês de agosto de 1861:

Paris, 21 de julho de 1861

Senhor,

Pode-se estar em desacordo acerca de certos pontos e estar em perfeito acordo sobre outros. Acabo de ler, na página 213 do último número de sua Revista Espírita, algumas reflexões acerca da fraude em matéria de experiências espíritas, às quais tenho a satisfação de me associar com todas as minhas forças. Nessa publicação, todas as discordâncias a propósito de teorias e doutrinas desaparecem como por encanto.

Não sou assim tão severo quanto o senhor com relação aos médiuns que, de uma forma digna e conveniente, aceitam uma remuneração como indenização pelo tempo que dedicam a experiências, muitas vezes longas e cansativas. Mas sou tão contra quanto o senhor, e não poderia ser mais, com relação àqueles que, em semelhante caso, quando surge a oportunidade, suprem, pela astúcia e pela fraude, a ausência ou a insuficiência dos resultados prometidos e esperados, pelo simples fato de que os Espíritos se afastaram. (Ver o item nº 311.)

Misturar o falso com o verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos pela

intervenção dos Espíritos, é simplesmente uma infâmia, e o médium inescrupuloso que acredita poder fazer isso é alguém que está com o seu senso moral obstruído. Conforme você observou com exatidão, é lançar o assunto em descrédito na mente dos indecisos, desde que a fraude seja reconhecida. Acrescento, ainda, que é comprometer do modo mais deplorável os homens honrados, que prestam aos médiuns o apoio desinteressado dos seus conhecimentos e das suas luzes, que se tornam avalistas da boa-fé que neles deve existir, patrocinando-os de alguma forma. É cometer, para com esses homens dignos, uma verdadeira deslealdade.

Todo médium que fosse apanhado em manobras fraudulentas, que fosse apanhado, para usar um termo mais popular, com a boca na botija, mereceria ser banido por todos os espiritualistas e espíritas do mundo, para os quais constitui um dever rigoroso desmascará-lo ou difamá-lo.

Se o senhor quiser inserir essas breves linhas na sua Revista, elas estão à sua inteira disposição.

Aceita, etc. – Mathieu.

318. Nem todos os fenômenos espíritas de efeitos físicos são igualmente fáceis de imitar, e existem alguns que desafiam a habilidade dos ilusionistas. São eles: o movimento dos objetos sem que ninguém os toque, a suspensão dos corpos pesados no espaço, as pancadas provenientes de diferentes lados, as aparições, e assim por diante. Tais imitações só podem ser realizadas com o emprego de truques e com a cumplicidade de alguém.

Eis por que dizemos que, em tais casos, é preciso observar atentamente as circunstâncias e, principalmente, levar em conta o caráter e a posição que essas pessoas ocupam na Sociedade, bem como o objetivo e o interesse que elas possam ter em enganar. Esse é o melhor de todos os controles, porque existem circunstâncias que fazem desaparecer todos os motivos de suspeita.

Em princípio, é necessário desconfiar de quem quer que faça desses fenômenos um espetáculo ou um objeto de curiosidade e de divertimento. Desconfiem, também, daquele que pretende produzi-los à sua vontade e com

data marcada, conforme já explicamos. Nunca será demais repetir que as inteligências ocultas, ou melhor, os Espíritos que se manifestam, têm as suas suscetibilidades e fazem questão de nos provar que também possuem o seu livre-arbítrio. Portanto, não se submetem aos nossos caprichos. (Ver item nº 38.)

Basta assinalar algumas desculpas empregadas, ou que podem ser empregadas em certos casos, para prevenir os observadores de boa-fé contra a fraude. Quanto às pessoas que teimam em julgar sem aprofundar as observações, seria tempo perdido fazer com que elas mudem de ideia.

319. Um dos fenômenos mais comuns é o das pancadas que vibram no interior da própria madeira, com ou sem movimento da mesa ou de outros objetos empregados. Esse efeito é um dos mais fáceis de ser imitado, seja pelo contato dos pés, seja provocando pequenos estalidos no móvel.

Entretanto, existe um pequeno artifício especial que é útil revelar. Basta que uma pessoa coloque as duas mãos espalmadas sobre a mesa e aproxime-as até que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma contra a outra. Então, por meio de um movimento muscular totalmente imperceptível, provoca-se nelas um atrito que produz um ruído seco, muito parecido com o ruído da tiptologia, que ocorre no interior da madeira, mas que é causado pelos Espíritos.

Esse ruído repercute na madeira e produz uma completa ilusão. Nada é mais fácil do que fazer com que os presentes ouçam o número de pancadas que haviam solicitado; que ouçam o toque de um tambor; que tenham a resposta para certas perguntas, através de um sim, ou por um não; que recebam respostas pela indicação de números ou mesmo pela indicação das letras do alfabeto.

Quando se está prevenido, é muito mais fácil descobrir a fraude. Ela se torna impossível se as mãos ficarem afastadas uma da outra, e desde que se tenha a certeza de que nenhum outro contato pode produzir o ruído. Além

disso, as pancadas verdadeiras, produzidas pelos Espíritos, apresentam a característica de mudarem de lugar e de timbre, à vontade, o que não acontece quando a causa dos ruídos é a que explicamos anteriormente ou qualquer outra semelhante.

Tanto isso é verdade que as pancadas, além de se produzirem na mesa, se produzem em outros móveis, com os quais ninguém está em contato; se produzem nas paredes, no teto e assim por diante, respondendo a perguntas não previstas. (Ver item nº 41.)

320. A “escrita direta” é ainda mais fácil de imitar. Sem falar dos produtos químicos, bem conhecidos, que fazem com que a escrita apareça numa folha em branco, após um determinado tempo. Esse procedimento pode ser evitado tomando-se os cuidados mais simples.

Pode acontecer que alguém, utilizando um truque com muita habilidade, substitua um papel pelo outro. Também pode acontecer que aquele que deseja fraudar possua a arte de desviar a atenção dos outros, enquanto escreve rápida e habilmente algumas palavras. Alguém nos disse que viu uma pessoa escrever assim, utilizando uma pontinha de grafite escondida debaixo da unha.

321. O fenômeno do “transporte de objetos” também se presta à fraude. Qualquer pessoa pode ser enganada facilmente por um ilusionista mais ou menos hábil, mesmo que ele não seja profissional do ramo. No parágrafo especial que publicamos no item nº 96, os próprios Espíritos determinaram as condições excepcionais em que o fenômeno de transporte se produz. Portanto, é lícito concluir que a obtenção *fácil* desse fenômeno deve, no mínimo, ser considerada suspeita. A “escrita direta” está no mesmo caso.

322. No capítulo sobre os *médiuns especiais*, mencionamos, de acordo com os Espíritos, as aptidões mediúnicas que são comuns e as que são raras. Portanto, devemos desconfiar dos médiuns que pretendem possuir com muita

facilidade as aptidões mediúnicas raras, ou que ambicionem dispor de muitas faculdades, pretensão que só muito raramente se justifica.

323. Conforme as circunstâncias, as “manifestações inteligentes” são as que oferecem a maior garantia. Entretanto, nem por isso elas estão livres da imitação, pelo menos no que se refere às comunicações banais e comuns. Acredita-se que os médiuns mecânicos passem maior segurança, não só pelo que diz respeito à independência das ideias, como também contra as fraudes. É por essa razão que certas pessoas preferem os médiuns mecânicos.

Pois bem! Isso é um erro. A fraude se infiltra por toda parte e sabemos que, com habilidade, se pode dirigir à vontade até mesmo uma cesta ou uma prancheta que escreve, dando-lhe todas as aparências dos movimentos espontâneos. O que afasta todas as dúvidas são os pensamentos expressos pelos Espíritos, quer eles venham por um médium mecânico, quer venham por um médium intuitivo, auditivo, falante ou vidente.

Existem comunicações que estão de tal forma fora das ideias, dos conhecimentos e mesmo do alcance intelectual do médium, que seria preciso iludir-se muito para atribuir a ele a sua autoria. Reconhecemos que o charlatanismo dispõe de grande habilidade e vastos recursos, mas ainda não lhe reconhecemos o dom de tornar sábio um ignorante, e nem de dar inteligência a quem não a possui.

Em resumo, repetimos: a melhor garantia contra a fraude está na moralidade notória dos médiuns e na ausência de qualquer “interesse de ordem material”, ou de “amor-próprio”, capazes de estimular nos médiuns o exercício das faculdades mediúnicas que eles já possuem, visto que o interesse material e o amor-próprio também podem levar os médiuns a simular faculdades que eles não possuem.

CAPÍTULO 29

REUNIÕES E SOCIEDADES ESPÍRITAS

- REUNIÕES EM GERAL
- SOCIEDADES PROPRIAMENTE DITAS
- ASSUNTOS DE ESTUDO
- RIVALIDADE ENTRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS

REUNIÕES EM GERAL

324. As reuniões espíritas são de grande utilidade quando têm por objetivo esclarecer os participantes pelo intercâmbio de ideias, pelas perguntas e observações que cada um pode fazer e das quais todos tiram proveito. Mas, para produzirem os frutos desejados, elas requerem condições especiais que vamos examinar, pois seria um erro compará-las a reuniões comuns (não espíritas).

Pelo fato de a reunião espírita ser coletiva, o que a ela diz respeito é uma consequência natural das instruções individuais dadas anteriormente. Com as reuniões, devemos tomar os mesmos cuidados que tomamos com os indivíduos e preservá-las das mesmas dificuldades que preservamos cada um de seus membros. Foi por essa razão que colocamos este capítulo no final desta obra.

As reuniões Espíritas têm características muito diferentes, de acordo com o objetivo a que se propõem, e é por isso que elas são diferentes umas das outras. Segundo a sua natureza, as reuniões podem ser **fúteis**, **experimentais** ou **instrutivas**.

325.

Reuniões fúteis – As reuniões fúteis são compostas por pessoas que apenas veem o lado divertido das manifestações e que se comprazem com as

brincadeiras dos Espíritos levianos. Esses Espíritos não faltam a essas reuniões, porque nelas desfrutam de inteira liberdade para se exibirem.

São em reuniões desse tipo que se perguntam as coisas mais banais aos Espíritos, tais como: a previsão do futuro, adivinhar a idade das pessoas, o que elas têm no bolso, revelar pequenos segredos e mil outras coisas sem importância.

Tais reuniões não têm maiores consequências. Mas, como os Espíritos levianos são por vezes muito inteligentes e, geralmente, bem humorados e joviais, frequentemente ocorrem fatos bastante curiosos, dos quais um observador atento pode tirar muitos ensinamentos. Aquele que apenas presenciasse essas reuniões fúteis e julgasse, por intermédio delas, o mundo dos Espíritos, faria dele uma ideia tão falsa, quanto aquele que julgasse toda a população de uma grande cidade, apenas pelos habitantes de alguns de seus bairros.

O simples bom senso nos diz que os Espíritos elevados não podem comparecer a reuniões dessa espécie, em que as pessoas presentes são tão inconsequentes quanto as entidades que se manifestam. Aquele que quiser se ocupar com coisas fúteis deve evocar os Espíritos levianos, do mesmo modo que, para divertir uma reunião social, devemos chamar comediantes. Entretanto, cometeria uma profanação aquele que convidasse pessoas veneradas para participar dessas reuniões, porque misturaria o sagrado com o profano.

326. Reuniões experimentais – As reuniões experimentais têm por objetivo, mais especialmente, a produção de manifestações físicas. Para muitas pessoas, é um espetáculo mais curioso do que instrutivo. Os incrédulos saem dessas reuniões mais admirados do que convencidos, porque não entendem o que viram. Assim, todo o seu pensamento se concentra na procura de possíveis artifícios, como fios ocultos e outros truques. Como não encontram nada nesse sentido, imaginam naturalmente a existência de fraudes.

Com aqueles que estudam o assunto, acontece exatamente o contrário.

Esses compreendem antecipadamente a possibilidade de o fenômeno ocorrer e, quando ele efetivamente ocorre, apenas confirmam as suas convicções. Se houver fraudes, eles se acharão em condições de descobri-las.

Apesar disso, as experiências dessa ordem trazem uma utilidade que ninguém pode negar, uma vez que foram elas que levaram à descoberta das Leis que regem o mundo invisível e, para muitas pessoas, elas ainda são um poderoso meio de convicção. Porém, sabemos que essas experiências sozinhas não podem iniciar ninguém na Ciência Espírita, do mesmo modo que a simples inspeção de um mecanismo engenhoso não pode dar o conhecimento da mecânica, para aquele que não conhece as suas Leis.

Contudo, se essas experiências fossem conduzidas com método e prudência, os resultados obtidos seriam bem melhores. Voltaremos em breve a esse assunto.

327. Reuniões instrutivas – As reuniões instrutivas têm um outro caráter e, como é delas que se pode colher o verdadeiro ensinamento, insistiremos especialmente sobre as condições em que elas devem se realizar.

A primeira de todas as condições é que elas sejam “sérias”, em todos os sentidos. É necessário que todos estejam convencidos de que os Espíritos, aos quais nos dirigimos, pertencem a uma classe especial; de que o sublime não pode se misturar com o trivial, nem o bem se misturar com o mal, de modo que aquele que quiser obter bons resultados deve dirigir-se sempre aos bons Espíritos.

Entretanto, não basta evocar os bons Espíritos; como condição expressa, é preciso que os participantes estejam em condições propícias para que eles queiram comparecer. Ora, os Espíritos superiores não comparecem a reuniões de homens levianos e superficiais, assim como também não compareceriam se estivessem encarnados.

Uma reunião só é verdadeiramente séria quando se ocupa de assuntos úteis, com exclusão de todos os demais. Se os seus integrantes aspiram a obter

fenômenos extraordinários, por mera curiosidade ou passatempo, os Espíritos levianos, que os produzem, até podem comparecer, mas os Espíritos sérios se afastam. Qualquer que seja o caráter da reunião, sempre existem Espíritos dispostos a atender ao perfil daqueles que a compõem.

Assim, uma reunião séria se afasta do seu objetivo toda vez que substitui o ensinamento pelo divertimento. Conforme já dissemos, as manifestações físicas têm a sua utilidade. Aqueles que desejam ver essas manifestações devem ir às reuniões experimentais e aqueles que desejam compreender como elas ocorrem devem dirigir-se às reuniões de estudo. É assim que todos podem completar a sua instrução espírita, tal como fazem os estudantes de Medicina: enquanto uns vão aos cursos, outros vão às clínicas.

328. A instrução espírita não compreende apenas o ensinamento moral dado pelos Espíritos, mas também o estudo dos fatos. Esse estudo abrange a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas e, como consequência, a constatação daquilo que é possível e daquilo que não é, ou seja, a observação de tudo o que possa contribuir para o avanço da Ciência.

Seria um grande erro acreditar que os fatos se limitam aos fenômenos extraordinários, e que somente são dignos de atenção aqueles que - impressionam mais fortemente os sentidos. A cada passo encontramos fatos importantes nas comunicações inteligentes, e que não podem ser desprezados pelos homens que se reúnem para estudá-los.

Seria impossível enumerar todos os fatos que surgem das várias circunstâncias aleatórias. Mesmo aqueles mais simples possuem um alto interesse para o observador que, nesses fatos, encontra a confirmação de um princípio conhecido ou a revelação de um princípio novo, que o faz penetrar mais fundo nos mistérios do mundo invisível. Isso também é filosofia.

329. As reuniões de estudo são de grande utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, principalmente para aqueles que desejam

seriamente se aperfeiçoar e que, por isso mesmo, não comparecem a elas com a tola presunção de que são infalíveis. Conforme já dissemos antes, duas grandes dificuldades da prática mediúnica são a obsessão e a fascinação.

Portanto, os médiuns podem iludir-se de muita boa-fé sobre o mérito daquilo que conseguem. Facilmente se compreende que os Espíritos enganadores possuem inteira liberdade de ação quando lidam com um médium que não quer enxergar. É por essa razão que esses Espíritos afastam “o seu médium” de toda fiscalização, fazendo com que ele sinta aversão a quem quer que possa esclarecê-lo. Graças ao isolamento e à fascinação, o médium é levado a aceitar tudo o que o Espírito quer.

Nunca é demais repetir: aí se encontra não somente uma dificuldade, mas um perigo; ou melhor, um perigo muito real. O único meio de o médium escapar a esse perigo é submeter às comunicações que recebe a análise de pessoas desinteressadas e bondosas, que possam apreciá-las com equilíbrio e imparcialidade, abrindo-lhe os olhos e fazendo com que ele perceba aquilo que, sozinho, já não consegue mais.

Podemos dizer que todo médium que teme esse julgamento já está no caminho da obsessão. Aquele que acredita que a luz foi feita apenas para ele está completamente subjugado. Se ele leva a mal as observações, se as repele, se fica irritado ao ouvi-las, não há dúvida quanto à natureza má do Espírito que o assiste.

Já dissemos que o médium pode não dispor dos conhecimentos necessários para compreender os seus erros; que ele pode deixar se iludir por palavras bonitas e por uma linguagem excessivamente vaidosa; que ele pode ser seduzido por argumentos enganosos, e tudo isso com a maior boa-fé do mundo.

É por isso que, na falta de conhecimentos próprios, o médium deve recorrer humildemente aos conhecimentos alheios, conforme esses dois - provérbios: “Quatro olhos veem melhor do que dois” e “Ninguém é bom juiz em causa própria”. É desse ponto de vista que as reuniões são de grande

utilidade para o médium, se ele for bastante sensato para ouvir os conselhos que lhe forem dados, porque nessas reuniões encontram-se pessoas mais esclarecidas do que ele, capazes de perceber as nuances, muitas vezes delicadas, por onde o Espírito revela a sua inferioridade.

Desse modo, todo médium sincero, que não quer se tornar instrumento da mentira, deve procurar trabalhar nas reuniões sérias, levando para elas o que ele recebe em particular. Deve aceitar agradecido e, até mesmo solicitar, o exame crítico das suas comunicações. Se ele estiver assediado por Espíritos enganadores, esse é o meio mais seguro de se livrar deles, provando a esses Espíritos que eles não podem enganá-lo.

O médium que se irrita com a crítica não tem razão alguma para proceder dessa forma, porque o seu amor-próprio não está vinculado à mensagem que ele recebe, uma vez que aquilo que lhe sai da boca ou do lápis não vem dele, mas do Espírito comunicante. Assim, a responsabilidade do médium é semelhante à do indivíduo que lê os versos de um mau poeta.

Insistimos nesse ponto porque a não avaliação das comunicações é um entrave para os médiuns e também para as reuniões, que não devem confiar levemente em todos os médiuns. A presença de qualquer médium-obsediado ou fascinado, participando das reuniões, sempre será mais prejudicial do que útil. Portanto, as reuniões espíritas não devem aceitar médiuns nessas condições.

Julgamos ter dado todas as explicações necessárias para que os dirigentes de uma reunião espírita não se equivoquem sobre as características da obsessão, caso o próprio médium não seja capaz de reconhecê-la por si mesmo. Sem dúvida, um dos meios mais evidentes de que o médium está obsediado é quando ele tem a pretensão de ser o único com a razão, contra todos os integrantes do grupo.

Os médiuns obsidiados, que não reconhecem a situação em que se encontram, assemelham-se a esses doentes que se iludem quanto à sua saúde e se perdem por não se submeterem ao tratamento necessário.

330. O objetivo de uma reunião séria deve ser o de afastar os Espíritos mentirosos. Ela comete um grande erro ao se considerar livre da ação desses Espíritos, tão somente porque possui objetivos sérios e médiuns de qualidade, que também são sérios. Ela somente consegue afastar tais Espíritos quando cria para si mesma as condições favoráveis.

Para compreender bem o que se passa em tais circunstâncias, pedimos ao leitor que se reporte ao que dissemos atrás, no item nº 231, sobre a “Influência do meio”. Deve-se levar em conta que cada pessoa está cercada por um certo número de companheiros invisíveis, que se identificam com o seu caráter, com os seus gostos e com as suas tendências.

Toda pessoa que entra numa reunião espírita traz consigo os Espíritos que lhe são simpáticos. Conforme o número e a natureza deles, esses companheiros invisíveis podem exercer sobre a reunião e sobre as comunicações uma influência boa ou má. Uma reunião perfeita é aquela em que todos os seus membros, possuindo igual amor pelo bem, apenas tragam consigo bons Espíritos. Na impossibilidade da perfeição, a melhor reunião é aquela em que o bem supere o mal. Isso é tão lógico que não precisamos insistir mais.

331. Uma reunião espírita é um “ser coletivo”, cujas qualidades e propriedades são a soma de todas as qualidades e propriedades de “seus membros”, formando uma espécie de corrente. Ora, quanto mais homogênea for essa corrente, mais força ela tem.

É importante que tenha ficado bem compreendido o que foi dito no item nº 282, pergunta nº 5, sobre a maneira pela qual os Espíritos são avisados do nosso chamado. Assim, facilmente se compreende o poder da associação do pensamento dos participantes. Se o Espírito é de algum modo atingido pelo pensamento, como nós o somos pela voz, vinte pessoas, reunidas com a mesma intenção, têm necessariamente mais força do que apenas uma.

Entretanto, para que todos esses pensamentos concorram para um mesmo objetivo, é preciso que eles vibrem em perfeita harmonia, que se confundam,

por assim dizer, num só, o que não é possível sem o recolhimento, sem a concentração.

O Espírito sente-se mais à vontade, quando chega a um meio que lhe é inteiramente simpático. Sabendo que apenas vai encontrar amigos, comparece de boa vontade e responde às perguntas com mais disposição. Todo aquele que acompanhou, com alguma atenção, as manifestações espíritas inteligentes, já deve ter se convencido dessa verdade.

Quando os pensamentos são divergentes, eles provocam um choque de ideias que é desagradável para o Espírito e, portanto, prejudicial à comunicação. O mesmo acontece com um homem que fala numa reunião: se ele sente que todos os pensamentos lhe são simpáticos e favoráveis, a impressão que recebe age sobre as suas ideias e lhe dá uma maior inspiração. A unanimidade do ambiente exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que multiplica os seus recursos, ao passo que a indiferença e a hostilidade podem perturbá-lo, paralisando-o.

É por isso que os aplausos deslumbram os atores, que ficam como que eletrizados. Ora, os Espíritos, sendo muito mais sensíveis do que os homens, sofrem mais fortemente a influência do meio.

Desse modo, toda reunião espírita deve buscar a maior homogeneidade possível. Referimo-nos, naturalmente, àquelas que desejam chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis. Se aquilo que se quer é simplesmente obter comunicações, sejam essas quais forem, não importando a qualidade daqueles que as ditam, é evidente que todos esses cuidados são desnecessários. Mas, então, ninguém pode se queixar da qualidade do produto.

332. A concentração e a comunhão dos pensamentos são as condições essenciais de toda reunião séria. Compreende-se facilmente que um número excessivo de assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não existe um limite absoluto para o número de participantes, mas é fácil compreender que cem pessoas, devidamente concentradas e atentas, estão em melhores condições do que dez pessoas

distraídas e barulhentas.

Também é evidente que, quanto maior o número de participantes, mais essas condições são difíceis de serem obtidas. Aliás, a experiência comprova que os “grupos pequenos”, com um número reduzido de pessoas, são sempre os mais adequados a receberem as melhores comunicações, pelos motivos que acabamos de expor.

333. Existe, ainda, um outro ponto muito importante, que é a regularidade das reuniões. Em todas elas sempre encontramos Espíritos a quem poderíamos chamar de *frequentadores habituais*, mas que não devem ser confundidos com os Espíritos que andam por toda parte e que em tudo se intrometem.

Estamos nos referindo aos Espíritos protetores, ou aos que são interrogados com mais frequência. Não se deve pensar que esses Espíritos nada mais tenham a fazer, do que ouvir o que temos a lhes dizer ou perguntar. Eles têm as suas ocupações e podem, às vezes, encontrar-se em condições desfavoráveis para serem evocados.

Quando as reuniões se realizam em dias e horas determinados, esses Espíritos se preparam antecipadamente e é raro que faltem. Alguns chegam a levar a pontualidade ao excesso. Ofendem-se com um atraso de quinze minutos e, se eles mesmos marcarem o horário da reunião, é inútil chamá-los alguns minutos antes.

Embora os Espíritos prefiram a regularidade, aqueles que são **verdadeiramente superiores** não são tão meticolosos a esse respeito. **A exigência de uma pontualidade rigorosa é um sinal de inferioridade**, assim como tudo o que é inútil. É claro que eles podem comparecer à reunião, mesmo fora das horas marcadas, apresentando-se de boa vontade, quando o objetivo que se tem em vista é útil.

Entretanto, nada é mais prejudicial às boas comunicações do que chamá-los a toda hora, por um simples desejo ou sem um motivo sério. Como eles

não estão sujeitos aos nossos caprichos, é possível que não atendam ao nosso chamado. É principalmente nessas ocasiões que outros Espíritos aproveitam para lhes tomar o lugar e os nomes.

Observação

A exigência de uma pontualidade rigorosa é um sinal de inferioridade – É muito oportuna essa informação de Kardec, pois em muitos Centros Espíritas é comum ver as pessoas dando uma importância excessiva ao horário, colocando-o acima da própria finalidade da reunião. Os Espíritos verdadeiramente superiores não são tão rigorosos a esse respeito. Entretanto, nesta, como em todas as coisas, devemos entender a recomendação de Kardec com o devido bom senso, ou seja, um atraso “demasiado” nunca será bem-vindo, nem tolerado!

SOCIEDADES PROPRIAMENTE DITAS

334. Tudo o que dissemos sobre as reuniões em geral podemos aplicar também às Sociedades regularmente constituídas. Entretanto, essas Sociedades Espíritas têm que lutar contra algumas dificuldades específicas, decorrentes das relações existentes entre os seus membros. Em atenção aos inúmeros pedidos que temos recebido, sobre a maneira de como constituir uma Sociedade Espírita, daremos a seguir alguns esclarecimentos.

O Espiritismo, que mal acaba de nascer, ainda é apreciado de maneira diversa e é muito pouco compreendido na sua essência por um grande número de seguidores. Assim, ele ainda não oferece um elemento de ligação, forte o suficiente, que consiga unir os seus membros em torno do que se possa chamar de uma Associação ou de uma Sociedade.

Esse elemento de ligação só pode existir entre os membros que compreendem o objetivo moral do Espiritismo e, além de compreendê-lo,

ainda o aplicam a si mesmos. Entre os que só veem, nos fatos espíritas, fenômenos mais ou menos curiosos, nenhum elemento sério de ligação pode existir entre eles. Colocando os “fatos” acima dos “princípios”, uma simples divergência quanto à maneira de apreciar esses fatos é suficiente para dividi-los.

O mesmo não ocorre com relação à questão moral, porque não existem duas maneiras de encará-la. Tanto isso é verdade que, onde ela está presente, uma confiança recíproca atrai os seus membros uns para os outros. A benevolência mútua que reina entre todos os integrantes de uma Sociedade afasta a presunção e o constrangimento que nascem da suscetibilidade, do orgulho que se irrita com a menor contradição e do egoísmo, que só cuida dos seus próprios interesses.

Uma Sociedade onde os sentimentos de moralidade e de benevolência se encontram partilhados por todos, onde os seus componentes se reúnem com o objetivo de se instruir pelo ensinamento dado pelos Espíritos, e não na expectativa de presenciarem coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer prevalecer a sua opinião, além de ser viável, é também indissolúvel.

A dificuldade de reunir muitas pessoas que atendam a esses requisitos ainda é grande. Portanto, visando ao interesse dos estudos, e para o bem da própria causa, as reuniões espíritas devem tender mais para a multiplicação de pequenos grupos, do que para a constituição de grandes Associações.

Esses pequenos grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, trocando observações, podem desde já formar o núcleo da grande família espírita, que um dia reunirá todas as opiniões e unirá os homens em um único sentimento: o da fraternidade, tendo por base a caridade cristã.

335. Já vimos como é importante a uniformidade dos sentimentos para a obtenção de bons resultados. Essa uniformidade é tanto mais difícil de obter, quanto maior for o número de pessoas. Nos pequenos grupos, todos se conhecem melhor, e aqueles que entram sentem-se mais seguros. O silêncio e a concentração são mais fáceis de serem obtidos e tudo se passa como em família.

As grandes reuniões não permitem essa intimidade, pela variedade das pessoas que as compõem. Exigem locais especiais, recursos financeiros e uma equipe administrativa que para os pequenos grupos não é necessária. As divergências que existem entre os participantes, quanto ao caráter, as ideias, as opiniões, se revelam mais claramente em uma reunião com um grande número de pessoas; são essas divergências que oferecem aos Espíritos perturbadores muito mais facilidades para semear a discórdia.

Quanto mais numeroso for o grupo, mais difícil será contentar a todos os componentes. Cada um quer que os trabalhos sejam dirigidos de acordo com a sua vontade, que sejam tratados de preferência os assuntos que mais lhe interessam. Alguns acreditam que o seu título de sócio lhe dá o direito de impor a sua maneira de ver as coisas. Disso tudo, resultam as divergências, as causas de mal-estar que provocam, cedo ou tarde, a desunião e, depois, a dissolução, que é o destino de todas as grandes Sociedades, sejam quais forem os seus objetivos.

Os pequenos grupos não estão sujeitos a essas dificuldades. A queda de uma grande Sociedade seria um insucesso aparente para a causa do Espiritismo, e os seus inimigos não deixariam de se aproveitar do fato. A dissolução de um pequeno grupo passa despercebida e, se um se desfaz, vinte outros se formam ao lado. Ora, vinte grupos, de quinze a vinte pessoas, divulgam muito mais a causa espírita do que uma assembleia de trezentas ou de quatrocentas pessoas.

Provavelmente, os difamadores da Doutrina dirão que os membros de uma Sociedade, que agem da maneira como acabamos de descrever, não são verdadeiros espíritos, uma vez que o primeiro dever que a Doutrina impõe aos seus seguidores é o da caridade e da benevolência. Isso é perfeitamente correto, e os que assim procedem, dentro de uma grande Sociedade, são espíritos mais de nome do que de fato. Certamente, eles não pertencem à terceira categoria. (Ver item nº 28.) Mas quem disse que eles podem ser qualificados como espíritos? Aqui se apresenta uma consideração muito importante.

336. Não nos esqueçamos de que o Espiritismo tem inimigos interessados em impedir a sua marcha e que veem com despeito os seus sucessos. Os mais perigosos não são os que o atacam abertamente, mas aqueles que agem na sombra, aqueles que o acariciam com uma mão e o difamam com a outra. Esses seres maldosos se infiltram por toda parte onde possam fazer o mal. Como sabem que a união é uma força, tratam de destruí-la, semeando a discórdia.

Então, quem pode afirmar que, nas reuniões, as pessoas que promovem a perturbação e a discórdia não são os “agentes provocadores”, interessados na desordem? Com toda a certeza, eles não são espíritas verdadeiros e nem bons espíritas; nunca fazem o bem, entretanto, podem fazer muito mal. É lógico que eles têm muito mais facilidade de se infiltrar nas reuniões numerosas do que nos pequenos grupos, onde todos se conhecem.

Graças a manobras escusas, que passam despercebidas, eles semeiam a dúvida, a desconfiança e a inimizade. Sob a aparência de um falso interesse pela causa espírita, criticam tudo e formam grupinhos, que logo rompem a harmonia do conjunto, e é exatamente isso o que eles querem. Com pessoas dessa espécie, é inútil apelar para os sentimentos de caridade e de fraternidade, é o mesmo que falar com surdos voluntários. O objetivo de tais criaturas é justamente destruir esses sentimentos, que são os maiores obstáculos às suas intrigas.

Essa situação, prejudicial a todas as Sociedades, é ainda mais prejudicial nas Sociedades espíritas, porque, se não as leva à ruptura, gera um desconforto incompatível com o recolhimento e a atenção que os trabalhos exigem.

337. Se a reunião enveredar por um mau caminho, será que as pessoas sensatas e bem-intencionadas não terão o direito de criticá-la? Deverão deixar que o mal se instale sem nada dizer, e aprovar tudo em silêncio? De modo algum, pois esse é um direito que lhes assiste, e poderíamos dizer que se constitui mesmo em um dever. Entretanto, se a intenção dessas pessoas for

realmente boa, elas farão a sua advertência de maneira conveniente e cordial, falando com franqueza e não às escondidas. Se não forem ouvidas, aí então elas se retiram, porque não se pode compreender que uma pessoa insista em permanecer numa Sociedade onde se façam coisas com as quais ela não concorda.

Desse modo, podemos estabelecer, por princípio, que todo aquele que, numa reunião espírita, provoca a desordem ou a desunião, de maneira ostensiva ou às escondidas, por quaisquer meios, é um “agente provocador” ou, pelo menos, um “mau espírita”. Assim, o grupo deve livrar-se dele o mais rápido possível. Mas, infelizmente, determinados compromissos, com a própria Sociedade, impedem que certas pessoas sejam desligadas. Por esse motivo, é conveniente evitar que as pessoas tenham compromissos indissolúveis, que não possam ser executados por outros membros.

Os homens de bem sempre se consideram comprometidos na medida certa; já os mal-intencionados, se comprometem excessivamente.

338. Além das pessoas notoriamente maldosas que se infiltram nas reuniões, existem também aquelas que, pelo seu próprio caráter, levam a perturbação a todos os lugares aonde vão. Por isso, todo o cuidado é pouco na admissão de novos elementos. Os que são ignorantes em relação aos conhecimentos espíritas, e mesmo os descrentes, não prejudicam tanto as reuniões quanto essas pessoas maldosas. A convicção, para aqueles que não acreditam, só pode ser adquirida pela experiência, e existem muitas pessoas de boa-fé que desejam se esclarecer.

Devemos ter especial cuidado com as pessoas que possuem ideias preconcebidas e com os incrédulos obstinados, aqueles que duvidam de tudo, até mesmo da evidência; também é preciso ter cuidado com os orgulhosos, que pretendem ter sozinhos o privilégio da verdade, impondo sempre a sua opinião e olhando com desprezo para aqueles que não pensam como eles.

Não devemos nos iludir com o suposto desejo que esses orgulhosos

manifestam de se instruírem. Muitos deles ficariam aborrecidos e irritados se fossem obrigados a admitir que estavam enganados. Guardem-se principalmente desses oradores insossos, sem conteúdo, que querem sempre ter a última palavra, e também daqueles que só se comprazem na contradição. Ambos perdem o seu tempo, sem nenhum proveito para eles e nem para nós. Os bons Espíritos não gostam de palavras inúteis.

339. Diante da necessidade de evitar toda a causa de perturbação e de distração, uma Sociedade Espírita, ao organizar-se, deve se empenhar ao máximo para prever medidas que retiram dos desordeiros todos os meios que eles utilizam para prejudicar o bom andamento dos trabalhos, além de criar mecanismos que facilitem o seu afastamento.

As pequenas reuniões têm necessidade de um regimento disciplinar muito mais simples, para que as sessões tenham um bom aproveitamento. As Sociedades regularmente constituídas exigem uma organização mais completa. A melhor Sociedade será aquela que possuir o regulamento menos complicado. As Sociedades que quiserem, poderão utilizar o que julgarem conveniente do regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que daremos mais adiante.

340. As Sociedades Espíritas, pequenas ou grandes, bem como todas as reuniões, seja qual for a sua importância, ainda precisam lutar contra outra dificuldade. Os que causam perturbação não se encontram somente no meio delas, mas também no mundo invisível. Assim como existem Espíritos protetores das instituições, das cidades e dos povos, existem Espíritos malvados que se ligam aos grupos, como também aos indivíduos.

Esses Espíritos atacam primeiramente os mais fracos, os mais acessíveis, procurando transformá-los em seus instrumentos, e aos poucos vão envolvendo a todos; seu prazer maligno é tanto maior, quanto maior é o número de criaturas que eles têm sob o seu domínio.

Portanto, todas as vezes que, em um grupo, uma pessoa cai na armadilha, é preciso admitir que existe um inimigo no campo, um lobo infiltrado, e todos devem tomar cuidado porque é bem provável que ele multiplique as suas tentativas. Se esse obsessivo não for desencorajado por uma resistência enérgica, a obsessão se torna um mal contagioso, que se manifesta, entre os médiuns, pela perturbação da mediunidade e, nos demais componentes do grupo, pela hostilidade recíproca dos sentimentos, pela perversão do senso moral e pela perturbação da harmonia.

Como a caridade é o mais poderoso antídoto contra esse veneno, este é justamente o sentimento que eles mais procuram abafar. Assim, não se deve esperar que o mal se torne incurável para aplicar-lhe o remédio, e nem esperar que os primeiros sintomas se manifestem. O mais importante é sempre prevenir o mal. Para isso, existem dois recursos eficazes, se forem bem empregados; são eles: *a “prece” feita de coração e o “estudo atento” dos menores sinais que revelam a presença dos Espíritos mistificadores.*

A “prece” atrai os bons Espíritos, que só assistem zelosamente aqueles que os auxiliam, mediante a confiança que depositam em Deus; o “estudo atento” dos menores sinais de perturbação mostra aos maus Espíritos que eles estão tratando com pessoas bastante esclarecidas e sensatas, para não se deixarem enganar.

Se um dos membros do grupo for vítima da obsessão, todos os esforços devem ser empregados, desde os primeiros sinais, para lhe abrir os olhos, evitando, assim, que o mal se agrave, de modo a fazê-lo entender que ele foi enganado e que precisa ter vontade para ajudar aqueles que procuram libertá-lo.

341. A influência do meio é consequência da natureza dos Espíritos e do modo como eles agem sobre os seres vivos. Através dessa influência, cada um pode deduzir, por si mesmo, quais devem ser as melhores condições para uma Sociedade que aspira a conquistar a simpatia dos bons Espíritos e a obter

somente boas comunicações, afastando as más.

Essas condições dependem inteiramente das disposições morais dos participantes e podem ser resumidas nos seguintes pontos:

- Perfeita identidade de ideias e sentimentos;
- Benevolência recíproca entre todos os seus membros;
- Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;
- Desejo de todos os membros de se instruírem e de se melhorarem pelo ensinamento dos bons Espíritos e pelo aproveitamento dos seus bons conselhos. Aquele que está convencido de que os Espíritos superiores apenas se manifestam com o objetivo de nos fazerem progredir, e não para nos agradar, compreende que eles necessariamente se afastam das pessoas que se limitam a admirar o seu estilo, sem tirar das suas palavras nenhum proveito. Essas pessoas só comparecem às reuniões pelo maior ou menor atrativo que elas possam lhes oferecer, de acordo com os seus gostos pessoais;
- Exclusão de toda e qualquer comunicação solicitada aos Espíritos que só tenha por objetivo a curiosidade;
- Concentração e silêncio respeitoso, durante a conversa com os Espíritos;
- União de todos os participantes, pelo pensamento, ao chamamento feito aos Espíritos que são evocados;
- Todos os médiuns que participam da reunião devem ter como único objetivo o desejo de se tonarem úteis. Assim, devem renunciar a todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de superioridade.

Será que essas condições são tão difíceis de preencher, que não se encontra quem as satisfaça? Não pensamos assim. Ao contrário, esperamos que as reuniões verdadeiramente sérias, como já se realizam em diversos locais, se multipliquem, e não hesitamos em dizer que elas serão o maior meio de divulgação do Espiritismo.

Unindo os homens honestos e conscienciosos, as reuniões espíritas irão impor silêncio à crítica e, quanto mais as suas intenções forem puras, mais respeitadas elas serão, até mesmo pelos seus adversários. *Quando a zombaria*

ataca o bem, deixa de provocar o riso e se torna desprezível. É em reuniões dessa espécie que se estabelecem, pela própria força das circunstâncias, os verdadeiros laços de simpatia e de solidariedade mútua, contribuindo para o progresso geral.

342. É um erro acreditar que as reuniões especialmente dedicadas às manifestações de efeitos físicos estejam excluídas desse ambiente fraterno e da exigência de qualquer seriedade. Se elas não requerem condições tão rigorosas, nem por isso podem ser realizadas e assistidas com leviandade. É um engano pensar que a participação dos assistentes seja nula nessas sessões.

A prova disso é que, com frequência, as manifestações de efeitos físicos, mesmo as produzidas por médiuns com muita força mediúnica, não se realizam em determinados ambientes. As influências contrárias agem também sobre elas e decorrem naturalmente da divergência de ideias ou da hostilidade de sentimentos que neutralizam os esforços dos Espíritos.

Conforme já dissemos, as manifestações físicas têm uma grande utilidade. Elas abrem um vasto campo ao observador, porque é toda uma série de fenômenos estranhos que se desenrola aos seus olhos e cujas consequências são incalculáveis.

Portanto, mesmo uma reunião se ocupando dessas manifestações, com objetivos bastante sérios, os efeitos físicos podem não se realizar, nem como forma de estudo, nem como prova, para que alguém se convença, se todas as condições favoráveis para a sua realização não se cumprirem.

A primeira de todas as condições consiste não na fé dos assistentes, mas no desejo que eles têm de se esclarecerem, sem segundas intenções e sem a ideia preconcebida de rejeitarem até mesmo a evidência. A segunda condição é restringir o número de participantes, para evitar a mistura de elementos heterogêneos. Mesmo as manifestações físicas sendo produzidas por Espíritos menos adiantados, nem por isso elas deixam de ser proveitosas, e os bons Espíritos contribuem para isso, todas as vezes que elas podem ter um resultado

útil.

ASSUNTOS DE ESTUDO

343. Aqueles que evocam os seus parentes e amigos, ou certas personagens célebres, para lhes comparar as opiniões que possuem hoje, no mundo espiritual, com as que tinham quando eram vivos, ficam frequentemente embaraçados para manter com eles uma conversação, sem caírem nas banalidades e nas futilidades. Além disso, muitas pessoas pensam que *O Livro dos Espíritos* esgotou a série de perguntas relacionadas com a “Moral” e com a “Filosofia”. Isso é um erro! Por isso, julgamos útil indicar a fonte de onde se podem tirar novos assuntos para estudo, que consideramos inesgotáveis.

344. A evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é extremamente útil pelo ensinamento que eles podem nos trazer. Entretanto, a evocação dos “Espíritos comuns” também é de muita utilidade, mesmo que eles não possam resolver os problemas de grande alcance.

Eles próprios revelam a sua inferioridade e, quanto menor for a distância que os separa de nós, mais facilmente poderemos comparar a nossa própria situação com a deles, sem contar ainda que, frequentemente, eles nos oferecem traços característicos que são do mais alto interesse, conforme explicamos anteriormente no item nº 281, quando tratamos da utilidade das evocações particulares.

Desse modo, os “Espíritos comuns” constituem uma fonte inesgotável de observações, mesmo quando nos limitamos a evocar aqueles cuja vida apresente alguma particularidade quanto ao tipo de morte que tiveram, à idade, às boas e más qualidades que possuíram, à posição feliz ou infeliz que lhes coube na Terra, aos hábitos, ao estado mental etc.

Com os Espíritos elevados, o campo de estudo se amplia. Além das questões psicológicas, que possuem um limite, podemos propor-lhes inúmeras questões morais, sobre todas as situações da vida, sobre a melhor conduta que se pode ter nesta ou naquela circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos etc. As questões morais se estendem ao infinito.

O valor da instrução que recebemos, acerca de um assunto qualquer, seja ele moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente da elevação do Espírito que se interroga. Compete a nós fazer esse julgamento.

345. Além das evocações propriamente ditas, as comunicações espontâneas oferecem uma infinidade de assuntos para estudos. Assim, nas comunicações espontâneas, devemos apenas aguardar o assunto que os Espíritos queiram tratar. Nessa circunstância, vários médiuns podem trabalhar simultaneamente.

Algumas vezes, podemos chamar um Espírito em especial. Entretanto, o mais comum é esperar por aqueles que desejam se apresentar, e seguidamente eles o fazem da maneira mais imprevista. Essas comunicações proporcionam uma infinidade de perguntas para estudo, cujos temas ficam, desse modo, previamente preparados para os próximos encontros com os Espíritos.

As comunicações devem ser comentadas com cuidado, para que sejam analisadas todas as ideias que elas apresentam. Somente assim podemos julgar se elas trazem consigo o cunho da verdade. Esse exame, feito com severidade, é a melhor garantia contra a intromissão dos Espíritos mistificadores. Como é para a instrução de todos, é conveniente utilizar também as comunicações obtidas fora das reuniões. Como se vê, temos uma fonte inesgotável de elementos eminentemente sérios e instrutivos.

346. Os trabalhos de cada sessão podem ter a sequência que indicamos a seguir:

1º - Leitura das comunicações espíritas recebidas na sessão anterior, depois de passadas a limpo;

2º - Assuntos diversos – Correspondência – Leitura das comunicações obtidas fora das sessões – Narrativa de fatos que interessam ao Espiritismo;

3º - Matéria de estudo – Ditados espontâneos – Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos – Evocações;

4º - Análise – Exame crítico e analítico das diversas comunicações – Discussão sobre os diferentes pontos da Ciência Espírita.

347. Às vezes, os grupos novos não dão continuidade aos seus trabalhos por falta de médiuns. Com toda certeza, os médiuns são um dos elementos essenciais das reuniões espíritas, mas não se constituem em elementos indispensáveis. Portanto, é um erro acreditar que, sem eles, nada se pode fazer.

Sem dúvida, em uma reunião com o objetivo de realizar experimentações não podem faltar médiuns, assim como não podem faltar músicos em um concerto. Mas aqueles que querem fazer um estudo sério possuem mil assuntos úteis e proveitosos que podem ser tratados pelos membros da reunião. Aliás, os grupos que contam com médiuns podem, de uma hora para outra, ficar sem eles, e seria lamentável se acreditassem não ter mais o que fazer senão dissolver o grupo.

De vez em quando, os próprios Espíritos costumam colocar os grupos nessa situação, com a finalidade de ensiná-los a passar sem os médiuns. Diremos mais: para aproveitar os ensinamentos recebidos, é preciso que o grupo dispense algum tempo para meditar sobre eles.

As sociedades científicas nem sempre dispõem de instrumentos próprios para fazer as observações e, nem por isso, ficam sem assunto para discutir. Na falta de poetas e oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras dos autores antigos e modernos. As sociedades religiosas meditam sobre as Escrituras. As sociedades espíritas devem fazer a mesma coisa, porque tirarão grande proveito para o seu adiantamento, ao promoverem palestras em que seja lido e comentado tudo o que diga respeito ao Espiritismo, a favor ou contra.

Dessa discussão, onde cada um traz a contribuição das suas reflexões, saem esclarecimentos que passam despercebidos em uma leitura individual. Ao

lado das obras especiais, os jornais estão repletos de fatos, de notícias, de reportagens, de relatos de virtude ou de vícios, que levantam graves problemas morais, cuja solução apenas o Espiritismo pode nos elucidar. Esse também é um meio de provar que o Espiritismo se liga a todos os segmentos da vida social.

Afirmamos que uma sociedade espírita, que organiza o seu trabalho com o objetivo de se instruir, procurando para isso os elementos necessários para executar esse trabalho, dispõe de pouco tempo para se dedicar às comunicações diretas com os Espíritos. É por isso que chamamos a atenção dos grupos realmente sérios para esse ponto, ou seja, aqueles que realmente desejam se instruir, ao invés de encontrar nas reuniões um simples passatempo. (Ver Capítulo 17, item nº 207, “Formação dos médiuns”.)

RIVALIDADE ENTRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS

348. Os grupos que se ocupam exclusivamente com as manifestações inteligentes, assim como os que se dedicam ao estudo das manifestações de efeitos físicos, têm, cada um, a sua missão. Eles não estariam no verdadeiro espírito da Doutrina se entre eles houvesse rivalidade, e aquele que atirasse a primeira pedra já provaria, por esse simples fato, a má influência que o domina.

Todos devem buscar, mesmo que por caminhos diferentes, o objetivo comum, que é a pesquisa e a propagação da verdade. Essas divergências, que são apenas o efeito de um orgulho superalimentado, fornecem armas aos difamadores e prejudicam a causa que os seguidores do Espiritismo pretendem defender.

349. Estas últimas reflexões se aplicam também a todos os grupos que

porventura possam divergir sobre alguns pontos da Doutrina. Conforme dissemos no Capítulo 27, sobre as “Contradições e Mistificações”, essas divergências, na maioria das vezes, têm por motivo questões menores ou até mesmo simples palavras.

Portanto, é uma infantilidade dividir o grupo, para formar outro à parte, apenas porque não pensam todos exatamente do mesmo modo. Pior do que isso seria se os diferentes grupos ou Sociedades de uma mesma cidade se olhassem com ciúmes ou inveja.

Compreende-se a inveja entre as pessoas que concorrem entre si, na qual uma pode causar prejuízo material à outra. Mas, onde não existe concorrência, a inveja é apenas uma manifestação mesquinha da vaidade. Como não existe Sociedade que possa reunir em seu seio todos os espíritas, aquelas que se acham imbuídas do sincero propósito de propagar a verdade e cujo objetivo é unicamente moral, devem ver com satisfação a multiplicação dos grupos, e a concorrência entre elas deve ser no sentido de ver qual Sociedade é capaz de produzir mais benefícios no campo do bem.

As Sociedades que pretendem ter a posse exclusiva da verdade devem provar que realmente estão com a verdade, tomando por lema: *o amor e a caridade*, que é o lema de todo verdadeiro espírita. Querem se vangloriar da superioridade dos Espíritos que as assistem? Então que elas provem, pela demonstração da superioridade dos ensinamentos que recebem e pela aplicação desses ensinamentos a si mesmas. Esse é um critério infalível para se distinguir as Sociedades que estão no melhor caminho.

Alguns Espíritos, mais presunçosos do que lógicos, tentam, por vezes, impor sistemas estranhos e impraticáveis, sob o prestígio de nomes veneráveis, que utilizam para tal fim. O bom senso logo faz justiça e desfaz essas fantasias. Mas, enquanto isso não ocorre, eles podem semear a dúvida e a incerteza entre os seguidores da Doutrina. Frequentemente, essa é uma das causas de desavença passageira.

Além dos meios que temos indicado para avaliar esses sistemas estranhos,

existe outro critério que fornece a medida exata do seu valor: o número de partidários que eles recrutam. A razão nos diz que o sistema que encontra maior aceitação entre as massas está mais próximo da verdade do que aquele que é repellido pela maioria e vê os seus adeptos diminuírem todos os dias. Estejam certos de que, quando os Espíritos se negam a discutir os seus próprios ensinamentos, é porque reconhecem a fraqueza dos mesmos.

350. Se o Espiritismo deve, conforme foi anunciado, realizar a transformação da Humanidade, isso só poderá ser possível pelo aperfeiçoamento das massas, o que se dará gradualmente, pouco a pouco, em consequência do aperfeiçoamento dos indivíduos. Que diferença faz acreditar na existência dos Espíritos, se essa crença não torna o homem melhor, mais bondoso e mais indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde e mais paciente na adversidade?

De que serve ao avarento ser espírita, se ele continua avarento; ao orgulhoso, se ele continua sempre cheio de si; ao invejoso, se ele permanece sempre dominado pela inveja? Desse modo, todos os homens poderiam acreditar nas manifestações espíritas e, ainda assim, a Humanidade permaneceria estacionária. Entretanto, essa não é a vontade de Deus.

É no cumprimento dessa vontade do Criador que devem tender todas as Sociedades Espíritas sérias, agrupando ao seu redor todos aqueles que têm os mesmos sentimentos. Então, entre elas haverá união, simpatia e fraternidade, em vez de um antagonismo inútil e infantil, provocado pelo orgulho. Antagonismo, este, mais de palavras do que propriamente de fatos. Somente assim as Sociedades serão fortes e poderosas, porque estarão apoiadas numa base inabalável: “o bem para todos”. Então, elas serão respeitadas e irão impor silêncio à zombaria tola, porque falarão em nome da moral evangélica, que é respeitada por todos.

Temos nos esforçado para que o Espiritismo siga o caminho da moral evangélica. A bandeira que levantamos bem alto é a do *Espiritismo cristão e*

humanitário, em torno da qual já temos a alegria de ver tantos homens reunidos, em todas as partes do globo. Eles compreendem que aí está a âncora da salvação, a salvaguarda da ordem pública, e o início de uma nova era para a Humanidade.

Convidamos todas as Sociedades Espíritas a participarem desta grande obra. Que, de um extremo ao outro do mundo, elas se estendam fraternalmente as mãos, aprisionando o mal numa rede de onde lhe seja impossível sair.

CAPÍTULO 30

REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Fundada em 1º de abril de 1858

Autorizada por decreto do Sr. Prefeito de Polícia, na data de 13 de abril de 1858, de acordo com o aviso do excelentíssimo Sr. Ministro do Interior e da Segurança Geral.

Comentário de Kardec: Embora este regulamento seja fruto da experiência, não o apresentamos como um modelo obrigatório a ser seguido, mas unicamente como um meio de facilitar as Sociedades em formação. Os interessados encontrarão nele os dispositivos que acharem úteis e aplicáveis às circunstâncias de cada Sociedade.

Por mais simples que seja a organização de uma Sociedade, ela poderá ser ainda mais simplificada, quando se tratar, não de Sociedades regularmente constituídas, mas de pequenos grupos particulares que apenas necessitam adotar medidas de ordem interna, de precaução e de regularidade nos trabalhos.

Divulgamos esse regulamento para o conhecimento das pessoas que desejam manter relações com a Sociedade Parisiense, seja como seus correspondentes, seja na qualidade de membros da referida Sociedade.

CAPÍTULO 1

OBJETIVO E FORMAÇÃO DA SOCIEDADE

Art. 1º - A Sociedade tem por objetivo o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas e a aplicação dessas manifestações às ciências

morais, físicas, históricas e psicológicas. Na Sociedade, são proibidas as questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social.

Ela adota por nome: “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”.

Art. 2º - A Sociedade se compõe de membros titulares, de sócios livres e de membros correspondentes. Ela pode conferir o título de membro honorário a pessoas residentes na França ou no exterior que, por sua posição ou por seus trabalhos, possam prestar à Sociedade serviços importantes.

Os membros honorários são todos os anos submetidos à reeleição.

Art. 3º - A Sociedade só admite pessoas que simpatizam com os seus princípios e com o objetivo de seus trabalhos. Pessoas que já têm algum conhecimento dos princípios fundamentais da Ciência Espírita ou que estão seriamente imbuídas do desejo de nela se instruírem. Assim, ela exclui todo aquele que possa trazer elementos de perturbação às suas reuniões, seja por um comportamento de hostilidade e de oposição sistemática, seja por qualquer outra causa, fazendo com que se perca tempo em discussões inúteis.

Todos os seus membros se obrigam a cultivar a benevolência recíproca e o bom proceder. Devem, em todas as circunstâncias, colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio.

Art. 4º - Para ser admitido como sócio livre, o candidato deve enviar ao Presidente um pedido por escrito, acompanhado da assinatura de dois membros titulares, que se tornam responsáveis pelas intenções do postulante.

A carta-pedido deve informar sumariamente:

1º. Se o postulante já possui algum conhecimento sobre o Espiritismo;

2º. Quais as suas convicções sobre os pontos fundamentais da Ciência Espírita;

3º. O compromisso de se sujeitar inteiramente ao regulamento.

O pedido é submetido à comissão, que examina e propõe, se for o caso, a admissão, o adiamento, ou a sua rejeição.

O adiamento sempre ocorre quando o candidato não possui nenhum conhecimento sobre a Ciência Espírita e não simpatiza com os princípios da

Sociedade.

Os sócios livres têm o direito de assistir a todas as reuniões, de participar dos trabalhos e das discussões que tenham por objetivo o estudo. Entretanto, em nenhum caso, eles têm direito ao **voto deliberativo**, no que diz respeito às questões administrativas da Sociedade.

Os sócios livres só farão parte da Sociedade no ano da sua admissão, e a sua permanência precisa ser ratificada ao fim desse primeiro ano.

Observação

Voto deliberativo – Voto que tem poder para decidir.

Art. 5º - Para ser membro titular é necessário que a pessoa tenha sido, pelo menos durante um ano, sócio livre; ter assistido a mais da metade das reuniões e haver dado, durante esse tempo, provas notórias de seus conhecimentos e de suas convicções em relação ao Espiritismo. Deve também dar provas de sua adesão aos princípios da Sociedade e de sua vontade de proceder, em todas as circunstâncias, no que diz respeito aos seus colegas, de acordo com os princípios da caridade e da moral espírita.

Os sócios livres que assistiram regularmente, durante seis meses, às reuniões da Sociedade poderão ser admitidos como membros titulares se, além disso, preencherem as outras condições.

A admissão será proposta oficialmente pela comissão, com a concordância do associado e apoiada por outros três membros titulares. Em seguida, se ela for aceita, será submetida ao pronunciamento da Sociedade, em votação secreta, após um relatório verbal da comissão.

Apenas os membros titulares têm direito ao voto deliberativo e desfrutam da faculdade concedida pelo artigo 25.

Art. 6º - Se julgar conveniente, a Sociedade limitará o número dos sócios livres e dos membros titulares.

Art. 7º - Os membros correspondentes são aqueles que, mesmo não

residindo em Paris, mantêm relações com a Sociedade e lhe fornecem documentos úteis para os seus estudos. Eles podem ser nomeados com a apresentação de apenas um membro titular.

CAPÍTULO 2 ADMINISTRAÇÃO

Art. 8º - A Sociedade é administrada por um Diretor-Presidente, assistido pelos membros da diretoria e de uma comissão.

Art. 9º - A Diretoria se compõe de:

1 Presidente, 1 Vice-Presidente, 1 Secretário principal, 2 Secretários adjuntos e 1 Tesoureiro. Além desses, poderão ser nomeados um ou mais Presidentes honorários. Na falta do Presidente e do Vice-Presidente, as sessões serão presididas por um dos membros da comissão.

Art. 10 - O Diretor-Presidente deve dedicar todas as suas atenções aos interesses da Sociedade e da Ciência Espírita. Cabe a ele a direção geral e a superintendência da administração, bem como a conservação dos arquivos. O Presidente é nomeado por três anos, e os demais membros da diretoria por um ano. Eles podem ser reeleitos indefinidamente.

Art. 11 - A comissão é composta pelos membros da diretoria e por cinco outros membros titulares, escolhidos de preferência entre aqueles que tiveram participação ativa nos trabalhos da Sociedade, que prestaram serviços à causa do Espiritismo ou que deram provas de serem bondosos e conciliadores. Esses cinco membros, assim como os membros da diretoria, são nomeados por um ano e podem se reeleger.

A comissão é presidida, de direito, pelo Diretor-Presidente ou, na falta deste, pelo Vice-Presidente, ou por algum de seus membros designado para esse fim.

A comissão está encarregada do exame prévio de todas as questões e

proposições administrativas e outras que precisem ser submetidas à Sociedade; do controle das receitas e despesas da Sociedade e das contas do Tesoureiro; de autorizar as despesas do dia a dia e de tomar todas as medidas que julgar necessárias.

A comissão também está encarregada de examinar os trabalhos e temas de estudo, que são propostos pelos diversos membros, prepará-los, ela própria, e determinar a ordem das sessões, em concordância com o Presidente.

O Presidente pode se opor a que determinados assuntos sejam tratados e colocados na ordem do dia, salvo quando se recorrer da sua decisão à diretoria, que então decidirá.

A comissão se reúne regularmente antes da abertura das sessões, para examinar os assuntos em pauta e, também, pode se reunir em qualquer outro momento que julgar necessário.

Os membros da diretoria e da comissão que se ausentarem por três meses consecutivos, sem justificativa, serão considerados como tendo renunciado às suas funções e será providenciada a sua substituição.

Art. 12 - As decisões, sejam da Sociedade ou da comissão, são tomadas por maioria absoluta dos membros presentes. Em caso de empate, o voto do Presidente é o que decide.

A comissão pode ter o poder de decisão, desde que quatro de seus membros estejam presentes. O voto secreto é obrigatório, desde que seja solicitado por cinco de seus membros.

Art. 13 - A cada três meses, seis membros, escolhidos entre os membros titulares ou os sócios livres, são designados para desempenhar as funções de *comissários*.

Os comissários são encarregados de zelar pela ordem e pela boa realização das sessões e também de verificar o direito de participação de toda pessoa estranha que se apresente para assisti-las.

Para essa finalidade, os membros escolhidos devem se entender entre si, de modo que um deles esteja presente na abertura das sessões.

Art. 14 - O ano social começa em 1º de abril. As nomeações para a diretoria e para a comissão serão feitas na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão em suas funções até essa data.

Art. 15 - Para prover as despesas da Sociedade, os membros titulares pagarão uma cota anual de 24 francos, e os sócios livres de 20 francos. Ao serem admitidos, os membros titulares pagarão, além dos 24 francos anuais, 10 francos como joia de entrada.

A cota é paga integralmente para o ano em curso. Os membros que forem admitidos após o início do ano social só terão que pagar os trimestres que faltarem, incluindo o trimestre da sua admissão.

Quando o marido e a mulher forem aceitos como sócios livres ou membros titulares, será exigida apenas uma cota e meia para os dois.

A cada seis meses, em 1º de abril e 1º de outubro, o Tesoureiro presta contas à comissão sobre a situação financeira e onde os recursos foram empregados.

Depois de pagas as despesas decorrentes do aluguel e de outros gastos obrigatórios, se houver saldo, a Sociedade determinará o seu emprego.

Art. 16 - Todos os membros admitidos, sócios livres ou membros titulares, recebem um cartão de admissão com a especificação do seu título. Esse cartão fica com o Tesoureiro, e o novo membro pode retirá-lo após pagar a sua cota e a joia de entrada.

O novo membro só pode assistir às reuniões após retirar o seu cartão. Se ele não retirar o cartão num mês, depois de ser admitido, será considerado demissionário.

Será igualmente considerado demissionário todo sócio que não houver pago a sua cota anual no primeiro mês de renovação do ano social, mesmo tendo sido avisado pelo Tesoureiro.

CAPÍTULO 3

SESSÕES

Art. 17 – As sessões da Sociedade serão realizadas nas sextas-feiras, às oito horas da noite, salvo modificação, se for necessário.

As sessões são particulares ou gerais; jamais serão públicas. Todo aquele que faz parte da Sociedade, sob qualquer título, deve assinar o seu nome em uma lista de presença.

Art. 18 - O silêncio e a concentração são rigorosamente exigidos durante as sessões e, principalmente, durante os estudos. Ninguém pode usar a palavra sem a permissão do Presidente.

Todas as perguntas dirigidas aos Espíritos devem ser feitas pelo Presidente, que pode recusar-se a fazê-las, de acordo com as circunstâncias. São rigorosamente proibidas todas as perguntas fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade, ou que tenham a finalidade de submeter os Espíritos à prova, assim como todas aquelas que não tenham uma utilidade geral, do ponto de vista dos estudos.

Também são proibidas todas as discussões que possam desviar a sessão do assunto que está sendo tratado.

Art. 19 - Todo sócio tem o direito de pedir para que seja advertido aquele que se afastar da essência da discussão ou que perturbar a sessão, de uma maneira ou de outra.

O pedido será imediatamente colocado em votação e, caso seja aprovado, será colocado na ata da sessão. Três advertências, no espaço de um ano, acarretam a eliminação do sócio indisciplinado, independente da sua categoria.

Art. 20 - Nenhuma comunicação espírita obtida fora da Sociedade pode ser lida, sem que antes tenha sido submetida ao Presidente ou à comissão, que podem concordar ou não com a sua leitura.

Toda comunicação proveniente de fora da Sociedade, cuja leitura tenha sido autorizada, deve ter uma cópia arquivada na Sociedade.

Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade.

Os médiuns que as recebem podem tirar uma cópia.

Art. 21 - As sessões particulares são reservadas aos membros da Sociedade. Elas acontecem nas primeiras e nas terceiras sextas-feiras de cada mês. Quando o mês tiver cinco sextas-feiras, a última sexta-feira também será utilizada.

A Sociedade reserva para as sessões particulares todas as questões relativas aos assuntos administrativos, assim como os assuntos de estudo que exigem mais tranquilidade e concentração, ou que ela julgue conveniente aprofundar, antes de tratá-los na presença de pessoas estranhas.

As sessões particulares podem ser assistidas pelos membros titulares, pelos sócios livres, pelos membros correspondentes que se encontrem temporariamente em Paris, e pelos médiuns que trabalham na Sociedade.

Nenhuma pessoa estranha à Sociedade será admitida nas sessões particulares, a não ser em casos excepcionais e com o consentimento prévio do Presidente.

Art. 22 - As sessões gerais serão realizadas nas segundas e quartas sextas-feiras de cada mês.

Nas sessões gerais, a Sociedade autoriza a participação de assistentes que não pertençam a ela e que podem assistir às sessões temporariamente, sem tomarem parte nos trabalhos. Essa autorização pode ser retirada quando a Sociedade julgar oportuno.

Ninguém pode assistir às sessões como ouvinte sem ter sido apresentado ao Presidente por um membro da Sociedade, que fica responsável pelo ouvinte, para que ele não cause perturbação e nem interrupção na reunião.

A Sociedade só admite como ouvintes as pessoas que desejam se tornar membros, ou que simpatizam com o seu trabalho, e que já tenham conhecimento suficiente da Ciência Espírita para compreender o que se passa.

A admissão é negada, de modo absoluto, a todo aquele que deseja ser ouvinte por mera curiosidade ou cujos sentimentos sejam hostis à Sociedade.

O uso da palavra não é permitido aos ouvintes, salvo em casos excepcionais, e com a autorização do Presidente. Aquele que perturbar a

ordem, ou manifestar má vontade para com os trabalhos da Sociedade, pode ser convidado a se retirar. O fato é anotado na lista de admissão, e a sua entrada fica proibida nas reuniões futuras.

O número de ouvintes deve ser limitado ao número de lugares disponíveis. Desse modo, aqueles que quiserem assistir às sessões deverão inscrever-se previamente em um livro destinado para esse fim, mencionando o seu endereço e o nome do sócio que os convidou.

Portanto, todo pedido de participação deve ser dirigido ao Presidente, alguns dias antes da sessão, pois ele é a única pessoa autorizada a expedir os cartões de admissão, até que a lista se ache esgotada.

Os cartões de entrada servem apenas para o dia indicado e para as pessoas designadas. A permissão de entrada não pode ser concedida ao mesmo ouvinte por mais de duas sessões, salvo com a autorização do Presidente e em casos excepcionais.

Nenhum membro pode apresentar mais de duas pessoas ao mesmo tempo. As permissões de entrada, concedidas pelo Presidente, não têm limites.

A entrada dos ouvintes não será permitida após a abertura da sessão.

CAPÍTULO 4

DISPOSIÇÕES DIVERSAS

Art. 23 - Todos os membros devem auxiliar a Sociedade. Em consequência, têm o dever de recolher, nos seus círculos de observações, os casos antigos ou recentes que possam ter relação com o Espiritismo, e os comunicar. Também devem averiguar, tanto quanto possível, sobre a repercussão desses casos.

Os membros da Sociedade têm igualmente o dever de informar sobre todas as publicações que possam ter alguma relação, mais ou menos direta, com o objetivo de seus trabalhos.

Art. 24 - A Sociedade fará um exame crítico das diversas obras publicadas sobre o Espiritismo, quando julgar conveniente. Para isso, encarregará um de seus membros, sócio livre ou titular, de lhe apresentar um relatório que será publicado, se for o caso, na *Revista Espírita*.

Art. 25 - A Sociedade montará uma biblioteca especial, composta pelas obras que lhe forem doadas e pelas obras que ela adquirir.

Os membros titulares poderão, na sede da Sociedade, consultar a biblioteca e os arquivos, nos dias e horas estabelecidos para essa atividade.

Art. 26 - A Sociedade, considerando que a sua responsabilidade pode ficar moralmente comprometida por publicações particulares de seus associados, determina que nenhum de seus membros pode usar, em qualquer texto, o título de *sócio da Sociedade*, sem estar devidamente autorizado para isso, e sem ter disponibilizado a ela o conhecimento prévio do texto.

A comissão será encarregada de fazer-lhe um relatório a esse respeito. Se a Sociedade considerar que o texto é incompatível com os seus princípios, o autor, depois de ouvido, será convidado a modificá-lo ou a renunciar à sua publicação, ou, finalmente, a não publicá-lo com o título de membro da Sociedade. Caso o autor não se submeta à decisão que for tomada, poderá ser excluído da Sociedade.

Todo texto publicado por um membro da Sociedade, sob o véu do anonimato, e sem nenhuma indicação pela qual se possa reconhecê-lo como autor, será incluído na categoria de publicações comuns, cuja apreciação a Sociedade se reserva o direito de fazer.

Sem querer impedir a livre manifestação das opiniões pessoais, a Sociedade convida seus membros que tenham intenção de fazer publicações dessa espécie a que previamente lhe peçam o parecer oficioso, no interesse da própria Ciência Espírita.

Art. 27 - A Sociedade, visando manter em seu seio a unidade de princípios e o espírito de tolerância recíproca, pode excluir qualquer membro que constitua motivo de perturbação ou que se manifeste abertamente de

maneira hostil contra ela, seja por meio de escritos que comprometam a Doutrina, seja por meio de opiniões subversivas ou por um modo de proceder que ela não possa aprovar.

A exclusão só será efetivada após o sócio ser advertido de maneira oficiosa, e se essa advertência não surtir efeito. O sócio será ouvido, caso ele considere conveniente se explicar. A decisão será tomada em votação secreta, por maioria de três quartos dos membros presentes.

Art. 28 - Todo sócio que se retirar voluntariamente no decorrer do ano não pode reclamar a diferença das cotas já pagas. Entretanto, essa diferença lhe será devolvida em caso de exclusão decretada pela Sociedade.

Art. 29 - O presente regulamento pode ser modificado, caso haja necessidade. As propostas de modificação só poderão ser feitas por intermédio do Presidente e depois de terem sido analisadas pela comissão.

A Sociedade, sem modificar o seu regulamento nos pontos essenciais, pode adotar todas as medidas complementares que julgar necessárias.

CAPÍTULO 31

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

- SOBRE O ESPIRITISMO
- SOBRE OS MÉDIUNS
- SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS
- COMUNICAÇÕES APÓCRIFAS (FALSAS)

Reunimos neste capítulo algumas comunicações espontâneas, que complementam e confirmam os princípios contidos nesta obra. Poderíamos inserir um número muito maior de comunicações, mas nos limitamos às que, de um modo mais particular, se referem ao futuro do Espiritismo, aos médiuns e às reuniões espíritas.

Essas comunicações, além das instruções que trazem, ainda servem como modelo de comunicações verdadeiramente sérias. Encerramos o capítulo com algumas comunicações apócrifas (falsas), seguidas de notas apropriadas que permitem o seu reconhecimento.

SOBRE O ESPIRITISMO

1

Confia na bondade de Deus e tenha bastante esclarecimento para compreender os preparativos da nova vida que Ele lhe destina. É bem verdade que não lhe será possível desfrutá-la nesta existência. Mas você não se sentirá feliz se, mesmo não reencarnando mais neste globo, puder apreciar do Alto a obra que começou e que se desenvolve sob os seus olhos? Tenha uma fé firme e sem vacilações para enfrentar os obstáculos que parecem levantar-se contra o edifício cujos fundamentos você lançou. As bases em que ele se apoia são

sólidas: o Cristo colocou a primeira pedra.

Portanto, coragem, arquitetos do divino Mestre! Trabalha, constrói! Deus complementar­á a sua obra. Mas lembre-se bem de que o Cristo não considera como seus discípulos aqueles que só têm a caridade nos lábios. Não basta acreditar, é necessário, sobretudo, dar o exemplo da bondade, da benevolência e do desinteresse. Sem isso, a sua fé será inútil.

Santo Agostinho

2

O próprio Cristo preside os trabalhos de toda espécie que estão em vias de se realizar, para abrir aos homens uma era de renovação e de aperfeiçoamento. Era que foi anunciada pelos guias espirituais da Humanidade. Com efeito, se lançarem os olhos, além das manifestações espíritas, sobre os acontecimentos contemporâneos, reconhecerão, sem qualquer dificuldade, os sinais precursores que provam, de maneira incontestável, que os tempos preditos já chegaram.

As comunicações se estabelecem entre todos os povos. Uma vez derrubadas as barreiras materiais, os obstáculos morais que impedem a sua união, os preconceitos políticos e religiosos desaparecerão rapidamente e o reino da fraternidade se estabelecerá, finalmente, de uma forma sólida e durável.

Observem que os próprios soberanos, guiados por uma mão invisível, tomam – coisa inacreditável para os homens! – a iniciativa das reformas. E as reformas, quando partem de cima e de maneira espontânea, são muito mais rápidas e duráveis do que aquelas que partem de baixo e que são arrancadas pela força.

Eu já pressentia a época atual, apesar dos preconceitos de infância e de educação. Sou feliz por isso, e mais feliz ainda por vir trazer esta mensagem: Irmãos, coragem! Trabalhem por vocês e pelo futuro dos seus; trabalhem, principalmente, pelo seu aperfeiçoamento pessoal, a fim de que possam desfrutar, na próxima existência, de uma felicidade difícil de imaginar agora,

assim como é difícil para mim fazer com que vocês a compreendam.

Chateaubriand

3

Penso que o Espiritismo é um estudo todo filosófico das causas ocultas dos movimentos interiores da alma, pouco ou nada esclarecidos até hoje. Ele explica, mais do que desvenda, horizontes novos. A reencarnação, assim como todas as provas que o Espírito sofre antes de atingir a sua meta suprema, não são apenas revelações, mas confirmações plenas da verdade. Fico vivamente sensibilizado pelas verdades que o Espiritismo coloca às claras. Digo *Espiritismo* intencionalmente, porque, a meu ver, ele é uma alavanca que remove as barreiras da incompreensão.

A preocupação com as questões morais ainda está por chegar. Discute-se a política, que desperta os interesses gerais; discutem-se os interesses particulares; despertam paixões o ataque ou a defesa de personalidades; os sistemas têm seus partidários e seus difamadores. Entretanto, as “verdades morais”, as que são o alimento da alma, o pão da vida, permanecem na poeira acumulada pelos séculos.

Aos olhos do povo, todos os aperfeiçoamentos são úteis, exceto o da alma. Sua educação, sua elevação não passam de fantasias, que servem apenas para ocupar o ócio dos padres, dos poetas, das mulheres, seja como moda ou a título de ensinamento.

Se o Espiritismo ressuscitar o espiritualismo, devolverá à sociedade o impulso que despertará, em uns, a dignidade interior; em outros, a resignação; e, em todos, a necessidade de se elevarem até o Ser supremo, esquecido e desconhecido pelas suas ingratas criaturas.

Jean-Jacques Rousseau

4

Se Deus envia os Espíritos para instruir os homens, é para que eles se

esclareçam sobre os seus deveres; é também para lhes mostrar o caminho por onde poderão abreviar as suas provas, apressando, assim, o seu progresso. Ora, do mesmo modo que o fruto amadurece, também o homem chega à perfeição. Mas, ao lado dos bons Espíritos, que querem o seu bem, existem também os Espíritos imperfeitos, que desejam o seu mal. Enquanto os bons empurram-no para frente, os maus puxam-no para trás.

Por isso, o homem deve aplicar toda a sua atenção em saber distinguir esses Espíritos. O meio é fácil: basta compreender que tudo o que vem de um bom Espírito não pode prejudicar ninguém, e que tudo aquilo que for mau só pode vir de um mau Espírito. Se os homens não ouvem os sábios conselhos dos Espíritos que lhes querem bem, se eles se ofendem com as verdades que os bons Espíritos lhes transmitem, é evidente que estão sendo aconselhados por maus Espíritos.

Somente o orgulho pode impedir que o homem se veja como ele realmente é. Mas, se ele não pode ver por si mesmo, outros veem por ele. Assim, ele é censurado por aqueles que riem por trás, e pelos Espíritos.

Um Espírito familiar

5

A Doutrina Espírita é bela e santa. O primeiro marco está plantado, e solidamente plantado. Agora, só precisam caminhar. O caminho que foi aberto é grande e majestoso. Feliz daquele que chegar ao porto, porque, quanto mais adeptos ele tiver feito, mais lhe será contado. Mas, para isso, não basta abraçar a Doutrina friamente; é preciso abraçá-la com ardor, e esse ardor será multiplicado, uma vez que Deus está sempre ao lado daquele que pratica o bem.

Todos aqueles que seguirem a nova Doutrina serão como ovelhas que voltaram ao aprisco. Pobres ovelhas desgarradas! Acreditem que o mais cético, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, sempre tem um cantinho no coração que ele desejaria poder esconder a si mesmo. Pois bem! Esse é o cantinho que vocês

devem procurar; que devem encontrar. Esse é o lado vulnerável que deve ser atacado. É uma pequena brecha que Deus deixa aberta, intencionalmente, para facilitar que a Sua criatura retorne a Ele.

São Benedito

6

Não tenham medo de certos obstáculos, de certas controvérsias. Não atormentem ninguém com qualquer tipo de insistência para que sigam a Doutrina. Os incrédulos apenas serão convencidos pelo desinteresse que vocês demonstrarem, pela tolerância e pela caridade que tiverem para com todos, sem exceção.

Abstenham-se, principalmente, de violentar a opinião alheia, mesmo que seja por palavras, ou por demonstrações públicas. Quanto mais modestos forem, mais serão apreciados pelos outros. Que nenhum motivo pessoal os leve a agir e encontrarão em suas consciências uma força de atração que somente o bem proporciona.

Por ordem de Deus, os Espíritos trabalham pelo progresso de todos, sem exceção. Espíritas, façam o mesmo!

São Luís

7

Qual a instituição humana, ou até mesmo divina, que não teve obstáculos a vencer, desavenças contra as quais teve que lutar? Se você tivesse uma existência triste e sem saúde, ninguém lhe atacaria, sabendo que poderia morrer de um momento para o outro. Mas, como a sua vitalidade é forte e ativa, e como a árvore do Espiritismo tem raízes firmes, eles acreditam que ela ainda pode viver muito tempo. Por isso, tentam derrubá-la a golpes de machado.

O que conseguirão esses invejosos? Quando muito, cortarão alguns galhos, que renascerão com seiva nova e serão mais fortes ainda.

Channing

8

Vou falar sobre a firmeza que devem possuir em seus trabalhos espíritas. Uma abordagem sobre esse assunto já foi feita. Aconselhamos a todos que a estudem de coração e que apliquem os seus conteúdos a vocês mesmos. Assim como São Paulo, os espíritas também serão perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito.

Os incrédulos de hoje, que são os fariseus da época, é que vão censurar e ridicularizar os espíritas. Não temam, porque esta será uma prova que vai fortificá-los, se souberem entregá-la a Deus, e, mais tarde, verão os seus esforços coroados de sucesso. Este será, para os seguidores da Doutrina, um grande triunfo perante a eternidade, sem esquecer que, neste mundo, o Espiritismo já é um consolo para todos aqueles que perderam parentes e amigos.

Saber que eles estão felizes, que podem se comunicar com vocês, não é uma grande felicidade? Portanto, caminhem para frente. Cumpram a missão que Deus lhes confia e ela será levada em conta no dia em que comparecerem diante do Todo-Poderoso.

Channing

9

Venho, como antigamente, seu salvador e seu juiz; venho trazer a verdade e dissipar as trevas, aos filhos perdidos de Israel. Escutem-me. O Espiritismo, como a minha palavra fez antigamente, veio lembrar aos materialistas, aos incrédulos, que acima deles reina a verdade imutável, que é o Deus bom, o Deus justo, que faz germinar as plantas e levanta as ondas. Revelei a Doutrina Divina e, como um colhedor de cereais, reuni em feixes o bem espalhado pela Humanidade e disse: “*Venham a mim, todos vocês que sofrem!*”.

Entretanto, os homens, ingratos que são, desviaram-se do caminho reto e largo que conduz ao Reino de meu Pai e se perderam nos ásperos caminhos da desumanidade. Meu Pai não quer terminar com a raça humana. Ele quer que,

ajudando-se uns aos outros, mortos e vivos, ou melhor, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, socorram-se mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz daqueles que já desencarnaram, dizendo: “Orem e creiam! Pois a morte é o renascimento, e a vida é a prova que foi escolhida por vocês, durante a qual as *virtudes cultivadas* devem crescer e se desenvolver como o cedro.

Acreditem nas vozes que respondem às suas perguntas: são as próprias almas daqueles que vocês evocam. Apenas muito raramente eu me comunico. Meus amigos, os que assistiram à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens fracos, que compreendem a sua própria ignorância, não afastem a tocha que a bondade de Deus colocou em suas mãos para iluminar o caminho e reconduzi-los, como crianças perdidas, aos braços do Pai.

Em verdade eu digo a vocês: Creiam na diversidade, na multiplicidade dos Espíritos que os cercam. Sinto muita compaixão pela miséria em que se encontram e pela fraqueza imensa que demonstram, para não estender a mão em socorro aos infelizes desgarrados que, vendo o Céu, caem no abismo do erro. Acreditem, amem e meditem sobre todas as coisas que são reveladas. Não misturem o joio com a boa semente e nem as mentiras ilusórias com as verdades.

Espíritas! Amem-se, eis o primeiro ensinamento; instruem-se, eis o segundo. Todas as verdades se encontram no Cristianismo. Os erros que nele encontramos são de origem humana. Do além-túmulo, que muitos acreditam ser o vazio, ser o nada, vozes gritam: Irmãos! A morte não existe; Jesus é o vencedor do mal, sejam vocês os vencedores da desumanidade.

Comentário de Kardec: *Essa comunicação foi recebida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris e foi assinada por um nome que o respeito só nos permite reproduzir com todas as reservas, uma vez que a nossa graça é imensa em receber uma distinção de tamanha envergadura, se a comunicação for*

realmente autêntica. Temos também o cuidado de reproduzi-lo, porque esse nome já foi utilizado muitas vezes em comunicações evidentemente apócrifas, ou seja, sem autenticidade. Esse nome é o de “Jesus de Nazaré”.

Não duvidamos de modo algum que Ele possa se manifestar. Mas, se os Espíritos verdadeiramente superiores só se manifestam em circunstâncias excepcionais, a razão nos impede de acreditar que o Espírito puro por excelência responda ao chamado do primeiro que apareça. Em todo caso, haveria pelo menos profanação em lhe atribuirmos uma linguagem que não fosse digna do Cristo.

É por essas considerações que temos sempre evitado publicar tudo o que traz o nome de Jesus. Acreditamos que ninguém é prudente em demasia, no tocante a publicações desse gênero, que apenas servem para aumentar o amor-próprio e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do Espiritismo.

Conforme já dissemos, quanto mais elevados são os Espíritos na hierarquia, mais desconfiança se deve ter em utilizar os seus nomes nas comunicações. Seria necessário ser dotado de uma grande dose de orgulho para alguém se vangloriar de ter o privilégio de receber somente comunicações de Espíritos superiores, julgando-se digno de conversar com eles de igual para igual.

Na comunicação acima, reconhecemos apenas uma coisa: a incontestável superioridade da linguagem e das ideias. Assim, deixamos a cada um o cuidado de julgar se a comunicação que traz o nome de Jesus seria por Ele aprovada.

Observação

Aqui, podemos verificar o extremo cuidado utilizado por Kardec na codificação da Doutrina Espírita. Mesmo a comunicação possuindo um cunho elevado, e vindo com a assinatura de Jesus, ainda assim ele não quis assumir sozinho a responsabilidade de atribuir ao Mestre a sua autoria, preferindo dividi-la com os leitores. É uma demonstração de seriedade, de humildade e de muita inteligência, pois, se não fosse assim, certamente seus opositores ferrenhos não perderiam essa excelente oportunidade para agir.

10

Todos os homens são médiuns. Todos têm um Espírito que os dirige para o bem, quando sabem escutá-lo. Entretanto, se alguns se comunicam diretamente com ele, valendo-se de uma mediunidade especial, se outros o escutam utilizando apenas a voz interna do coração e da mente, isso pouco importa, porque é sempre o mesmo Espírito familiar que os aconselha. Chamem-no como quiserem: Espírito, razão, inteligência, pois será sempre uma voz que responde à alma dos homens, dizendo boas palavras. Mas nem sempre os homens as compreendem.

Nem todos sabem agir de acordo com os conselhos da razão. Não falo dessa razão que mais se arrasta do que caminha, dessa razão que se perde no meio dos interesses materiais e grosseiros, mas da razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta para regiões desconhecidas, chama sagrada que inspira o artista e o poeta; pensamento divino que eleva o filósofo, impulso que arrebatava os indivíduos e os povos, razão que o povo comum não consegue compreender, mas que eleva o homem e o aproxima de Deus, mais do que nenhuma outra criatura, entendimento que o conduz do desconhecido ao conhecido e lhe faz executar as coisas mais sublimes.

Assim que os homens escutem essa voz interior, esse bom Espírito que lhes fala sem cessar, eles chegarão progressivamente a ouvir o seu próprio anjo da guarda, que do alto do Céu estende as suas mãos. Eu repito: a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos, e é deste ponto de vista que todos os homens são médiuns.

Channing

11

O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo. Os profetas eram médiuns. Os mistérios de **Elêusis** baseavam-se na mediunidade. Os caldeus e

os assírios tinham seus médiuns. Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios da sua filosofia; ele ouvia a voz desse Espírito. Todos os povos tiveram os seus médiuns, e as inspirações de Joana d'Arc eram apenas as vozes dos Espíritos benfeitores que a dirigiam. Esse dom, que agora se espalha, tornou-se mais raro nos séculos da Idade Média, mas, ainda assim, nunca deixou de existir. **Swedenborg** e seus adeptos constituíram uma numerosa escola.

A França dos últimos séculos, irônica e preocupada com uma filosofia que, desejando terminar com os abusos da intolerância religiosa, asfixiava no ridículo tudo quanto era ideal. Ela tinha que afastar o Espiritismo, que não cessava de progredir no norte. Deus permitiu essa luta das ideias positivas contra as ideias espiritualistas, porque o fanatismo havia se transformado na arma das ideias espiritualistas.

Hoje, que os progressos da Indústria e da Ciência desenvolveram a arte de bem viver, a tal ponto que as tendências materialistas se tornaram dominantes, Deus quer que as preocupações sejam reconduzidas aos interesses da alma. Ele quer que o aperfeiçoamento do homem moral se transforme naquilo que deve ser, ou seja, na finalidade, no objetivo da sua vida.

O espírito humano segue a sua marcha necessária, semelhante à transição gradual que experimenta tudo o que pocoa o Universo visível e invisível. Todo o progresso vem na sua hora: a da elevação moral já chegou para a Humanidade. Ela não se cumprirá ainda nos dias atuais; mas agradeçam ao Senhor por terem recebido a oportunidade de assistir a esse começo bendito.

Pierre Jouty (pai do médium)

Observações

Elêusis – Cidade da Grécia Antiga onde se realizavam os Mistérios de Elêusis, ou seja, ritos de iniciação ao culto dos deuses agrícolas Deméter e Perséfone. Esses rituais eram considerados os mais importantes dentre todos os que eram celebrados na Antiguidade.

Swedenborg – Nasceu em Estocolmo, Suécia (1688-1772). Sempre citado no mundo espírita como um dos precursores do Espiritismo. Muito antes de Allan Kardec codificar a Doutrina Espírita, o jovem Emanuel Swedenborg já se preocupava com as questões da alma, da continuação da vida após a morte, do mundo espiritual e da possibilidade de interagir com os Espíritos.

12

Deus encarregou-me de desempenhar uma missão junto aos médiuns a quem Ele favorece com o **mediunato** (dom da mediunidade). Quanto mais graças esses médiuns recebem do Altíssimo, mais perigos eles correm, e esses perigos são proporcionais aos favores que Deus lhes concede. As faculdades que os médiuns desfrutam atraem os elogios dos homens. As felicitações, as bajulações, eis para eles o grande perigo. Esses médiuns, que deveriam ter sempre presente a sua incapacidade inicial, acabam por esquecê-la, e ainda fazem mais: aquilo que somente deveriam atribuir a Deus, atribuem ao seu próprio mérito.

O que acontece, então? Os bons Espíritos os abandonam e eles se tornam joguete dos maus, ficando sem bússola para se guiarem. Quanto mais se tornam capazes, mais acreditam possuir um mérito que não lhes pertence. Então, Deus pune esses médiuns retirando-lhes uma faculdade que, a partir desse momento, só lhes pode ser fatal.

Nunca me canso de recomendar para que peçam auxílio ao seu anjo da guarda, para que ele os ajude a estar sempre vigilantes contra o seu mais cruel inimigo, que é o orgulho. Lembrem-se bem, vocês que têm a felicidade de serem os intérpretes entre os Espíritos e os homens que, sem o amparo do nosso divino Mestre, seriam punidos ainda mais severamente, porque foram os mais favorecidos.

Espero que esta comunicação produza frutos e espero que ela possa ajudar os médiuns a se manterem vigilantes contra o perigo que os faria naufragar.

Esse perigo, eu já lhes disse, é o orgulho.

Joana d'Arc

Observação

Mediunato – Missão que os médiuns recebem de Deus. (Ver Capítulo 32, “Vocabulário Espírita”.)

13

Quando quiserem receber as comunicações dos bons Espíritos, preparem-se para essa graça através da concentração, das intenções puras e do desejo de fazer o bem, sempre tendo em vista o progresso geral. Lembrem-se de que o egoísmo sempre retarda todo o progresso.

Se Deus permite que os médiuns recebam a inspiração dos Espíritos que, pela sua conduta, souberam merecer a felicidade de compreender a Sua infinita bondade, é porque Ele deseja dar-lhes os meios de avançarem no caminho que a Ele conduz. Assim, Deus atende às nossas solicitações e leva em conta as boas intenções que esses médiuns possuem.

Portanto, médiuns! Aproveitem a faculdade que Deus lhes concede. Tenham fé na brandura do nosso Mestre; coloquem sempre em prática a caridade; nunca deixem de exercer essa sublime virtude, assim como também a tolerância. Que as ações praticadas por vocês estejam sempre em harmonia com as suas consciências. Esse é um meio certo de multiplicar por cem a felicidade nesta vida passageira e de preparar uma existência futura mil vezes mais suave.

O médium que não sentir forças para perseverar no ensinamento espírita deve se abster, porque, se não tornar proveitosa a luz que o esclarece, será mais culpado do que qualquer outro e terá que expiar a sua cegueira.

Pascal

Falarei hoje do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, assim como a modéstia e o devotamento. Deus deu essa faculdade aos médiuns para que eles ajudem na propagação da verdade e não para que façam dela um comércio. Ao falar em comércio, não me refiro apenas aos que desejam explorar essa faculdade, como o fariam com uma faculdade qualquer da inteligência, não me refiro aos que se tornam médiuns, como outros se tornam dançarinos ou cantores, refiro-me a todos aqueles que pretendem utilizar a mediunidade com fins interesseiros de qualquer espécie.

Será que é racional acreditar que os bons Espíritos ou os Espíritos superiores, que condenam a ambição, concordem em participar de espetáculos, como coadjuvantes, colocando-se à disposição de um empresário de manifestações espíritas? Também não é racional supor que os bons Espíritos possam auxiliar aquele que tem por objetivo satisfazer ao orgulho ou à ambição.

Deus permite que os Espíritos se comuniquem com os homens para tirá-los do lamaçal terrestre e não para servirem de instrumento às suas paixões mundanas. Assim, Ele não pode ver com bons olhos aqueles que desviam do seu verdadeiro objetivo a mediunidade que receberam. Eu lhes asseguro que esses médiuns serão punidos, ainda neste mundo, pelas mais amargas decepções.

Delphine de Girardin

15

Incontestavelmente, todos os médiuns são chamados a servir à causa do Espiritismo, na medida de suas faculdades. Mas, infelizmente, são poucos os que não se deixam levar pelo amor-próprio. Esse é um problema que raramente deixa de produzir os seus efeitos. Assim, de cem médiuns, vocês encontrarão um, se tanto, que não tenha acreditado, por mais humilde que seja a sua condição, que, nos primeiros tempos da sua mediunidade, não estava destinado a obter resultados superiores e predestinado a grandes missões.

Os médiuns que têm esse tipo de esperança vaidosa, e o número deles é grande, tornam-se inevitavelmente presas fáceis para os Espíritos obsessores, que não tardam em subjugar-los, lisonjeando-lhes o orgulho e apossando-se deles pelo seu ponto fraco. Quanto mais esses médiuns pretendem se elevar, mais ridícula é a sua queda, quando não é desastrosa.

As grandes missões apenas são confiadas aos homens de elite, e Deus mesmo os coloca, sem que eles peçam, no ambiente e na posição em que poderão prestar um serviço eficaz. Nunca é demais recomendar aos médiuns inexperientes para que desconfiem daquilo que certos Espíritos poderão lhes dizer, com relação ao suposto papel que eles são chamados a desempenhar. Porque, se levarem a sério esses Espíritos, só colherão desapontamentos neste mundo, e um severo castigo no outro.

Portanto, convençam-se bem de que, na esfera modesta e obscura onde se acham colocados, todos podem prestar grandes serviços, ajudando a converter os incrédulos ou consolando os aflitos. Se daí tiverem que sair, por terem adquirido notoriedade social, serão conduzidos por uma mão invisível, que lhes preparará os caminhos, e serão postos em evidência, por assim dizer, mesmo que não se deem conta disso. Lembrem-se destas palavras: “Todo aquele que se eleva, será rebaixado, e todo aquele que se rebaixa, será elevado”.

O Espírito da Verdade

SOBRE AS SOCIEDADES ESPÍRITAS

Comentário de Kardec: Entre as comunicações seguintes, algumas foram dadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ou endereçadas a ela. Outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, trazem conselhos gerais sobre os grupos, sua formação e os obstáculos que podem encontrar.

Por que não começam as suas sessões por uma invocação geral, uma

espécie de prece que conduza os participantes à concentração? Porque, é bom que vocês saibam, sem a concentração, somente obterão comunicações levianas. Os bons Espíritos apenas aparecem onde são chamados com fervor e sinceridade. Isso é o que os homens ainda não compreenderam o suficiente.

Assim, cabe-lhe dar o exemplo, porque, se você quiser, poderá se tornar uma das colunas do novo edifício. Observamos com prazer os seus trabalhos e o ajudamos, mas com a condição de que você também nos ajude, colocando-se à altura da missão que recebeu para desempenhar.

Forma um **feixe** para ficar forte e evitar que os maus Espíritos o prejudiquem. Deus ama os simples de espírito, o que não quer dizer os tolos, mas aqueles que renunciam a si mesmos e que O procuram sem orgulho. Você pode se tornar um farol para a Humanidade. Aprende a distinguir o joio do trigo; semeia apenas o trigo e evita espalhar o joio, porque ele impedirá que o trigo germine e a responsabilidade pelo mal que causar será sua.

Você será igualmente responsável pelas doutrinas erradas que porventura venha a propagar. Lembre-se de que, um dia, o mundo pode voltar os olhos para as suas obras. Portanto, procura fazer com que nada empane o brilho das coisas boas que sairão do seu esforço. É por isso que lhe recomendamos pedir a Deus que o assista.

Santo Agostinho

Observação

Feixe – É a reunião de várias coisas da mesma espécie e ligadas em direção ao seu comprimento. Pode ser um conjunto de palhas, por exemplo. A expressão utilizada no texto possui um sentido figurado, pois, se pegarmos apenas uma palha, ela é fraca e pode ser facilmente rompida; entretanto, se utilizarmos um feixe de palhas, ela fica forte e não pode ser rompida.

Solicitado a nos ditar uma fórmula de invocação geral, Santo Agostinho respondeu:

Você sabe que não existe fórmula absoluta. Deus é muito grande para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Não é possível alguém acreditar que basta pronunciar algumas palavras, para que os maus Espíritos se afastem. Entretanto, procura evitar o uso de fórmulas banais que são recitadas por desengano de consciência.

A eficácia da fórmula está na sinceridade do sentimento de quem a pronuncia e, principalmente, na participação de todos; aquele que não se associa a ela de coração não será beneficiado e nem poderá beneficiar os outros. Redige uma fórmula você mesmo e, se quiser, pode submetê-la a mim, que eu lhe ajudarei.

***Comentário de Kardec:** A seguinte fórmula de invocação geral foi redigida com o auxílio do Espírito que a completou em vários pontos:*

Suplicamos a Deus Todo-Poderoso que nos envie os bons Espíritos para nos assistir e afasta aqueles que poderiam nos induzir ao erro. Dá-nos a luz necessária para distinguir a verdade da mentira.

Afasta também os maus Espíritos que podem lançar a desunião entre nós, despertando a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns desses Espíritos tentarem entrar em nosso recinto, em nome de Deus, nós pedimos para que eles se retirem.

Bons Espíritos que presidem aos nossos trabalhos, tenham a bondade de vir nos instruir, e façam com que nos tornemos dóceis aos seus conselhos. Façam com que todo o sentimento pessoal desapareça em nós, a favor do pensamento no bem de todos.

Pedimos especialmente a..., nosso protetor particular, que nos auxilie no dia de hoje.

caminhando num terreno novo e, se os espíritas seguirem a rota que eu vou indicar, não irão se perder. Já lhes disseram uma verdade que desejamos lembrar: o Espiritismo é apenas uma moral e não deve sair dos limites da filosofia se não quiser cair no campo da curiosidade. Deixem de lado as questões científicas. A missão dos Espíritos não é resolvê-las, para poupar os homens do trabalho das pesquisas. Tratem, antes, de se melhorar, pois é somente assim que avançarão no caminho do progresso.

São Luís

18

Zombaram das mesas girantes, mas jamais zombarão da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. As mesas foram a porta de entrada da Nova Ciência. É nessa porta que todo aquele que entra deve deixar seus preconceitos, assim como deixa a sua capa. Nunca será demais pedir para que façam as suas reuniões num centro sério.

Que se façam demonstrações de efeitos físicos onde quiserem, que por aí se observe, que por aí se ouça, mas que entre os espíritas exista sempre compreensão e amor. O que pensam ser aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazem com que uma mesa gire ou se levante? Simples colegiais. Por acaso, o sábio passa o seu tempo repetindo o *abc* da Ciência? Entretanto, quando os Espíritos superiores veem que seguidores da Doutrina buscam as comunicações sérias, eles os consideram como homens sérios, à procura da verdade.

São Luís

Perguntamos a São Luís se, com as suas palavras, ele queria condenar as manifestações de efeitos físicos, e ele nos respondeu:

Eu não posso condenar as manifestações de efeitos físicos, porque, se elas ocorrem, é com a permissão de Deus e com uma finalidade útil. Ao dizer que elas representaram a porta de entrada da Ciência Espírita, assinali o seu verdadeiro lugar e a sua utilidade. Condenei apenas aqueles que fazem disso um

objeto de divertimento e de curiosidade, sem tirarem das manifestações o ensinamento que elas trazem.

Elas representam, para a filosofia do Espiritismo, o que a gramática representa para a Literatura. Aquele que atingiu um determinado grau em uma ciência, não perde mais tempo repassando as suas partes elementares.

19

Meus amigos e seguidores fiéis, estou muito feliz em poder dirigi-los no caminho do bem. É uma doce missão que Deus me concede e à qual me dedico, porque ser útil é sempre uma recompensa. Que o espírito de caridade possa reuni-los, tanto a caridade que dá, quanto a que ama.

Sejam pacientes com as injúrias daqueles que difamam o Espiritismo; sejam firmes no bem e, principalmente, humildes diante de Deus. Somente a humildade eleva. Essa é a única grandeza que Deus reconhece. Somente assim receberão os bons Espíritos; do contrário, os maus Espíritos se apoderarão de suas almas. Bendigam o nome do Criador e se elevarão aos olhos dos homens e também aos olhos de Deus.

São Luís

20

A união faz a força; unam-se para serem fortes. O Espiritismo germinou, lançou raízes profundas e vai estender sobre a Terra os seus ramos benéficos. Os Espíritas precisam se tornar invulneráveis contra os dardos envenenados da calúnia e da sombria falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas.

Para conseguir esse objetivo, seus seguidores devem ser indulgentes e tolerantes uns com os outros. É preciso que seus defeitos passem despercebidos e que somente as qualidades sejam notadas. A chama da amizade pura deve unir, iluminar e aquecer os seus corações. Apenas assim resistirão aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável resiste às ondas furiosas.

São Vicente de Paulo

21

Meus amigos, querem formar um grupo espírita e eu os felicito, porque os Espíritos não veem com satisfação os médiuns que trabalham isolados. Deus não concedeu essa sublime faculdade somente para eles, mas para o bem de todos. Os médiuns, comunicando-se uns com os outros, terão mil oportunidades de se esclarecerem quanto ao mérito das comunicações que recebem. Ao passo que, sozinhos, estão mais sujeitos ao domínio dos Espíritos mentirosos, que ficam contentes por não sofrerem fiscalização. Esta é a mensagem que eu deixo para os médiuns e, se não estiverem dominados pelo orgulho, compreenderão e certamente vão aproveitá-la. Eis agora uma mensagem para os demais.

Por acaso sabem realmente o que é uma reunião espírita? Não, porque julgam que o melhor a fazer é reunir o maior número de pessoas, a fim de convencê-las. Não pensem assim. Quanto menos pessoas, melhores serão os resultados. Os incrédulos devem ser atraídos principalmente pela ascendência moral que os espíritas exercem e não pelos fenômenos propriamente ditos. Eles irão ver essas manifestações por curiosidade e vocês encontrarão curiosos que não acreditarão e ainda vão rir dos seus esforços. Se, entre aqueles que seguem a Doutrina, estiverem apenas pessoas dignas, talvez elas não creiam imediatamente, mas irão respeitá-los e o respeito sempre inspira confiança.

O Espiritismo deve produzir uma reforma moral. Que o grupo de vocês seja o primeiro a dar o exemplo das virtudes cristãs, visto que, nesta época de egoísmo, é nas Sociedades Espíritas que a verdadeira caridade deve encontrar o seu refúgio. Meus amigos, é assim que deve ser um grupo de verdadeiros espíritas. Nas próximas mensagens, darei outros conselhos.

Fénelon

22

Fui perguntado se vários grupos, numa mesma cidade, não poderiam gerar rivalidades prejudiciais à Doutrina. Respondo: Aqueles que estão

imbuídos dos verdadeiros princípios dessa Doutrina veem unicamente irmãos em todos os espíritas, e não rivais. Aqueles que veem com ciúme outras reuniões provam que possuem no íntimo uma segunda intenção, por interesse ou por amor-próprio, e que não são guiados pelo amor à verdade. Posso garantir que, quando pessoas assim estão no grupo, logo elas provocam a perturbação e a desunião.

O “verdadeiro Espiritismo” tem por lema a *benevolência* e a *caridade*. Dele se exclui toda rivalidade que não seja a do bem, que todos podem praticar. Todos os grupos que colocarem esse lema em suas bandeiras poderão se dar as mãos como bons vizinhos, pois não são menos amigos pelo fato de não morarem na mesma casa.

Aqueles que pretendem ter os melhores Espíritos, como mentores de seus grupos, devem provar que isso é verdade, mostrando os melhores sentimentos. Portanto, que haja luta entre eles, mas uma luta de grandeza de alma, de abnegação, de bondade e de humildade. Aquele que atirar uma pedra no outro prova, por esse simples fato, que está sob a influência dos maus Espíritos. A natureza dos sentimentos que dois homens manifestam um pelo o outro é o meio de avaliar a natureza dos Espíritos que os assistem.

Fénelon

23

O silêncio e a concentração são as condições essenciais para todas as comunicações sérias. Jamais obterão essas condições, se aqueles que comparecem em suas reuniões o fazem apenas pela curiosidade. Convidem os curiosos a irem se divertir em outros lugares, pois a distração deles constitui uma causa de perturbação.

Não devem tolerar nenhuma conversa, enquanto os Espíritos estão sendo questionados. Determinadas comunicações exigem contestações sérias da parte dos assistentes e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, que ficam incomodados com os cochichos contínuos de certos assistentes.

Assim, não se pode obter nada de maneira completa e nada de verdadeiramente sério. O médium que escreve também sofre com esses cochichos e experimenta distrações que prejudicam o seu trabalho.

São Luís

24

Falarei da necessidade de observarem, em suas reuniões, a maior harmonia possível, isto é, evitem toda confusão e toda divergência de ideias. A divergência favorece a substituição dos bons Espíritos pelos maus e, quando isso acontece, quase sempre são os maus que respondem às perguntas propostas. Por outro lado, em uma reunião composta por elementos diversos e desconhecidos entre si, como é possível evitar as ideias contraditórias, a distração ou, pior ainda, uma leve e debochada indiferença?

Como eu gostaria de encontrar um meio que fosse eficaz e seguro. Talvez ele esteja na concentração dos fluidos espalhados em torno dos médiuns. Apenas aqueles que possuem amor, que são estimados, conseguem reter os bons Espíritos na reunião. Entretanto, a influência deles mal chega para dispersar a turba dos Espíritos levianos.

O trabalho de examinar as comunicações é excelente. Nunca é demais aprofundar o estudo das perguntas e, principalmente, das respostas. O erro é fácil, até mesmo para os Espíritos imbuídos das melhores intenções. A lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se desvia do assunto tão logo ele foi concebido, a inconstância e a indiferença para com certas regras de linguagem, todas essas questões, e muitas outras, indicam que a confiança nas mensagens obtidas deve ser apenas limitada, e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trate das comunicações mais autênticas.

Georges (Espírito familiar)

25

Na maioria das vezes, com que finalidade pedem comunicações aos

Espíritos? Será para obter belos trechos, que depois serão mostrados aos seus conhecidos, como exemplo do nosso talento? Conservam preciosamente essas comunicações em suas pastas, porém, em seus corações, não há lugar para elas. Por acaso pensam que ficamos satisfeitos em comparecer em suas reuniões, como se comparece a um concurso, para fazermos torneios de eloquência, a fim de que possam dizer que a reunião foi muito interessante?

O que acontece quando recebem uma comunicação admirável? Porventura julgam que viemos em busca dos seus aplausos? Não se iludam quanto a isso. Não nos agrada diverti-los, nem de um modo e nem de outro. Ainda é a curiosidade que os impulsiona e, em vão, tentam disfarçar. A nossa finalidade é tornar os homens melhores.

Quando verificamos que as nossas palavras não produzem frutos e que, da parte dos espíritas, tudo se resume a uma aprovação inútil, vamos à procura de almas mais dóceis. Assim, cedemos lugar aos Espíritos que fazem questão de falar, e o número deles é muito grande. Espantam-se quando deixamos que esses Espíritos utilizem o nosso nome. O que isso importa, se não dão a menor importância às mensagens que recebem?

Mas saibam que não permitimos que isso aconteça com aqueles por quem realmente nos interessamos, ou seja, aqueles com os quais não perdemos o nosso tempo. Esses são os nossos preferidos, e os preservamos da mentira. Culpem apenas a si mesmos, se frequentemente são enganados. Para nós, o homem sério não é aquele que se abstém de rir, mas aquele cujo coração se deixa tocar pelas nossas palavras, que as medita e as põe em prática. (Ver item nº 268, perguntas nº 19 e 20.)

Massillon

26

O Espiritismo deveria ser uma proteção contra o sentimento de discórdia e de divergência. Mas, ultimamente, esses dois sentimentos têm aumentado as desavenças entre os seres humanos, que têm inveja da felicidade que a paz e a

união proporcionam. Espíritas! Esse sentimento de discórdia pode penetrar em suas reuniões, e não duvidem de que ele seja capaz de semear nelas a inimizade; porém, ele será impotente contra aqueles que praticam a verdadeira caridade. Desse modo, coloquem-se em alerta e vigiem sem cessar a porta do seu coração, assim como a porta das suas reuniões, para que o inimigo não entre.

Se os seus esforços forem inúteis contra o inimigo de fora, sempre dependerá de vocês mesmos impedir que ele tenha acesso à sua alma. Se entre os espíritas houver divergências, ela só pode ser provocada por maus Espíritos. Aqueles que possuem o sentimento do dever em alto grau, assim como a compreensão do verdadeiro Espiritismo, sabem se portar com urbanidade, e mostram-se mais pacientes, mais dignos e mais compreensivos.

Algumas vezes, os bons Espíritos permitem que a discórdia se instale, para oportunizar que os bons e os maus sentimentos se revelem, com a finalidade de separar o joio do trigo. Entretanto, eles ficarão sempre ao lado dos que tiverem mais humildade e praticarem a verdadeira caridade.

São Vicente de Paulo

27

Afastem com veemência todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram se impor aos homens fracos e crédulos, concedendo-lhes elogios exagerados, a fim de fasciná-los e mantê-los sob o seu domínio. São geralmente Espíritos famintos de poder. Quando vivos, foram tiranos públicos ou familiares e, após a morte, ainda querem continuar tiranizando.

Em geral, desconfiem das comunicações que trazem caráter místico e estranho ou que prescrevem cerimônias e atos extravagantes. Nesses casos, sempre existe um legítimo motivo de suspeita. Lembrem-se de que, quando uma verdade deve ser revelada à Humanidade, ela é comunicada, de forma instantânea, a todos os grupos sérios, compostos por médiuns sérios, e não a

este ou àquele em particular, com exclusão dos demais.

Ninguém pode ser um médium perfeito se estiver obsidiado. A obsessão torna-se evidente quando o médium só recebe comunicações de um mesmo Espírito, por mais importante que este procure parecer. Assim, todo médium e todo grupo que julgar ter o privilégio de comunicações que apenas eles podem receber e que, por outro lado, se entregam a práticas de natureza supersticiosa, encontram-se inegavelmente sob o domínio de uma obsessão bem caracterizada. Sobretudo quando o Espírito dominador utiliza um nome que todos, encarnados e desencarnados, devem honrar e respeitar e não permitir que seja profanado sob qualquer pretexto.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode estar fascinado, um grupo pode ser enganado, mas o controle severo de outros grupos, o conhecimento adquirido, a elevada autoridade moral dos dirigentes de grupos e as comunicações dos principais médiuns, marcadas pela lógica e pela autenticidade dos Espíritos esclarecidos, farão justiça rapidamente a esses ditados mentirosos e astuciosos, provenientes de uma falange de Espíritos enganadores e malignos.

Erasto (Discípulo de São Paulo)

Comentário de Kardec: Uma das características que distinguem esses Espíritos, que procuram se impor e fazer com que as suas ideias extravagantes e sistemáticas sejam aceitas, é a pretensão. Eles querem ser os donos da verdade, os únicos a terem razão contra todo mundo. A sua tática consiste em evitar a discussão. Quando se veem combatidos, de maneira vitoriosa, pelos argumentos irresistíveis da lógica, recusam-se a responder e determinam aos seus médiuns que se afastem dos Centros onde as suas ideias não são aceitas.

Esse isolamento é o que há de mais fatal para os médiuns, porque, assim, eles sofrem sem defesa o domínio desses Espíritos obsessores, que os conduzem como cegos e os levam com frequência aos caminhos mais perigosos.

Os falsos profetas não se encontram apenas entre os encarnados. Eles também estão, e em muito maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, sob as falsas aparências do amor e da caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade. Esses Espíritos lançam entre as criaturas os sistemas mais absurdos, que são acolhidos por médiuns vaidosos. Para melhor deslumbrar as pessoas a quem eles querem enganar, para dar maior credibilidade às suas teorias, eles se utilizam, sem o menor constrangimento, de nomes que só com muito respeito os homens pronunciam, tais como: os de santos justamente venerados, o de Jesus, o de Maria e até mesmo o de Deus.

São os falsos profetas que semeiam o fermento da discórdia entre os grupos, são eles que induzem os grupos a se isolarem uns dos outros e a se olharem com prevenção. Apenas isso já bastaria para desmascará-los, porque, agindo assim, eles mesmos desmentem o que pretendem ser. Portanto, cegos são os homens que se deixam apanhar numa armadilha tão grosseira.

Existem outros meios de reconhecer os falsos profetas. Os Espíritos da ordem a quem eles dizem pertencer devem ser não somente bons Espíritos, mas, também, eminentemente lógicos e racionais. Pois bem! Passem os seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso e vocês verão o que deles restará.

Assim, concordem comigo: todas as vezes que um Espírito indica, como remédio para os males da Humanidade ou como meio para que ela atinja a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, providências infantis e ridículas, quando ele formula sistemas que contradizem as mais simples noções da Ciência, só pode se tratar de um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, tenham a certeza de que, se a verdade nem sempre é apreciada pelos indivíduos, sempre o é pelo bom senso das massas, e este também é um critério que pode ser utilizado para se fazer um julgamento seguro. Se dois princípios se contradizem, vocês terão a medida do seu verdadeiro valor procurando saber qual deles encontra maior repercussão e simpatia. Não existe lógica, e seria mesmo contraditório, que uma doutrina,

cujo número de partidários diminui gradualmente, seja mais verdadeira do que outra, cujo número de seguidores vai aumentando com o passar do tempo.

Deus, querendo que a verdade atinja a todos, não a confina num círculo estreito e restrito. Ao contrário, Ele faz com que ela surja em diferentes pontos, a fim de que por toda parte a luz esteja ao lado das trevas.

Erasto

Comentário de Kardec: A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade está no fato de ele ser ensinado por diferentes Espíritos, por médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares. Essa garantia também está no fato de esse princípio ser confirmado pela razão e aceito pelo maior número de pessoas.

Somente a verdade pode fornecer raízes a uma doutrina. Um sistema errado pode muito bem obter alguns adeptos, mas como lhe falta a primeira condição de vitalidade, ou seja, a de ser verdadeiro, a sua existência sempre será efêmera. Assim, não há motivos para nos inquietarmos com ele, pois seus próprios erros o matam e a sua queda será inevitável diante da poderosa arma da lógica.

COMUNICAÇÕES APÓCRIFAS (FALSAS)

Certas comunicações, embora assinadas pelos nomes mais respeitáveis, são de tal modo absurdas, que o mais simples bom senso lhes demonstra a falsidade. Entretanto, às vezes, existem aquelas em que o erro está escondido entre princípios verdadeiros e que podem até iludir, impedindo que se possa percebê-lo à primeira vista. Tais comunicações não resistem a um exame sério. Apenas como exemplo, citaremos algumas.

satisfação eterna, porque Ele vê incessantemente seus raios se tornarem cada dia mais luminosos em felicidade. Para Deus não existe número, assim como não existe tempo. Eis por que centenas ou milhões nada representam para Ele. Deus é um pai cuja felicidade se forma da felicidade coletiva de seus filhos. A cada segundo da Criação, Ele vê uma nova felicidade vir se juntar à felicidade geral.

Não existe parada nem interrupção nesse movimento perpétuo, nessa grande felicidade incessante que fecunda a Terra e o Céu. Apenas uma pequena fração do mundo é conhecida e vocês têm irmãos que vivem em latitudes que o homem ainda não conseguiu atingir.

O que significam esses calores tórridos e esses frios mortais, que paralisam os esforços dos mais ousados? Acreditam simplesmente que alcançaram o limite do seu mundo, quando não podem mais avançar com os meios precários de que dispõem? Podem medir com precisão o planeta em que habitam? Não acreditem nisso. Existem em seu planeta mais lugares desconhecidos do que lugares conhecidos.

Porém, como é inútil difundir ainda mais todas as más instituições dos homens, todas as suas Leis imperfeitas, todas as suas ações e os seus modos de vida, existe um limite que detém os homens aqui e ali e que vai detê-los, até que eles possam transportar as boas sementes que o seu livre-arbítrio produzir.

Oh! Não, vocês não conhecem esse mundo a que chamam de Terra. O homem verá, ainda em sua existência, essa mensagem começar a se comprovar. Eis que vai soar a hora em que haverá uma outra descoberta diferente da última que foi feita; verão que vai se alargar o círculo da Terra que conhecem e, quando toda a imprensa cantar essa **Hosana** em todas as línguas, vocês, pobres crianças, que amam a Deus e buscam o seu caminho, terão sabido, antes mesmo daqueles que darão o seu nome à nova Terra.

São Vicente de Paulo

Observação

Hosana – É uma palavra hebraica que significa *salve-nos, por favor*, ou *salve-nos agora*. Hosana era gritada pelo povo sofrido de Jerusalém, quando Jesus passava, pedindo que Ele os ajudasse. Acreditavam que Jesus poderia libertá-los do sofrimento e dos dominadores daquela época.

***Comentário de Kardec:** Do ponto de vista do estilo, essa comunicação pode ser muito criticada. As incorreções, os **pleonasmos**, as expressões viciosas saltam aos olhos de quem quer que seja um pouco letrado. Entretanto, isso nada prova contra o nome que foi utilizado para assinar a mensagem, uma vez que essas expressões poderiam resultar da insuficiência do médium, conforme já demonstramos.*

O que pertence ao Espírito é a ideia. Ora, quando ele afirma que em nosso planeta existem mais lugares desconhecidos do que conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto, é, para um Espírito que se diz superior, dar prova da mais profunda ignorância. Sem dúvida que é possível descobrir, adiante das regiões glaciais, alguns cantos de terra ainda desconhecidos, mas dizer que essas terras são povoadas e que Deus as escondeu dos homens, a fim de que não levassem para lá suas más instituições, é ter muita fé na confiança cega daqueles que recebem semelhantes absurdos.

Observação

Pleonasmos – Repetição, no falar ou no escrever, de ideias que tenham o mesmo sentido. Exemplos: subir para cima, hemorragia de sangue, descer para baixo, vi com os meus próprios olhos, a bola redonda foi arremessada etc.

30

Meus filhos, o nosso mundo material e o mundo espiritual, que bem poucos conhecem, são como dois pratos de uma balança perpétua. Até hoje as nossas religiões, as nossas Leis, os nossos costumes e as nossas paixões fizeram de tal modo pender o prato do mal, para elevar o do bem, que temos visto o mal reinar soberano sobre a Terra.

Há séculos, é sempre o mesmo lamento que sai da boca do homem, e a conclusão inevitável é a de que Deus é injusto. Existem até aqueles que chegam a negar a existência de Deus. Vocês veem tudo aqui e nada lá; veem o supérfluo que fere a necessidade, o ouro que brilha junto à lama, e todos os mais chocantes contrastes que deveriam provar a dupla natureza do homem.

De onde vem tudo isso? De quem é a culpa? Eis o que é preciso procurar com tranquilidade e com imparcialidade. Quando se quer realmente achar um bom remédio, a gente encontra. Pois bem! A dominação do mal sobre o bem ocorre pela própria culpa do homem. Por que ele não vê o restante das coisas que seguem a linha traçada por Deus? Por acaso ele vê as estações do ano se desorganizarem? O calor e o frio se chocarem descontrolados? A luz do Sol esquecer de iluminar a Terra? A Terra esquecer em seu seio as sementes depositadas pelo homem? Por acaso ele vê cessar os inúmeros milagres perpétuos que se produzem aos nossos olhos, desde a germinação da erva até o nascimento da criança, que será o homem do futuro?

Mas, se tudo vai bem do lado de Deus, tudo vai mal do lado do homem. Qual o remédio para isso? É muito simples: aproximem-se de Deus, amem-se, unam-se, entendam-se e sigam tranquilamente a estrada, cujas marcas são vistas com os olhos da fé e da consciência.

São Vicente de Paulo

Comentário de Kardec: Esta comunicação foi obtida no mesmo círculo da mensagem anterior. Mas quanta diferença! Não apenas pelas ideias, como também pelo estilo! Tudo nela é justo, profundo, sensato e, certamente, São Vicente de Paulo não a desaprovava, razão pela qual ela pode ser atribuída a ele, sem receio.

31

Vamos, filhos, cerrem as suas fileiras! Ou seja, que a união possa dar forças aos espíritas, que trabalham na fundação do grande edifício; vigiem e trabalhem sempre para lhe consolidar a base. Então, poderão elevá-lo alto, bem

alto! O progresso é imenso por todo o nosso globo. Uma quantidade incontável de seguidores se alinha sob a nossa bandeira. Muitos céticos, e até mesmo os mais incrédulos, também se aproximam.

Avante, filhos; marchem com o coração erguido, cheio de fé; o caminho que percorrem é belo; não esmoreçam; sigam sempre a linha reta; sirvam de guia para aqueles que vêm depois de vocês. Eles serão felizes, muito felizes!

Marchem, filhos; não precisam da força das baionetas para sustentar a causa que abraçaram, precisam apenas da fé. A crença, a fraternidade e a união, essas são as suas armas. Com elas vocês são fortes, são mais poderosos do que todos os grandes soberanos do Universo reunidos, apesar dos seus exércitos, das suas frotas, dos seus canhões e dos seus recursos!

Vocês, que combatem pela liberdade dos povos e pela regeneração da grande família humana, avancem, filhos, coragem e perseverança! Deus vai ajudá-los. Boa noite e até a vista!

Napoleão

***Comentário de Kardec:** Durante a sua vida, Napoleão foi um homem discreto e sério como poucos. Todos conhecem o seu estilo **lacônico** e conciso. Teria degenerado após a morte, tornando-se **prolixo** e ridículo? Esta comunicação talvez seja do Espírito de algum soldado que se chamava Napoleão.*

Observações

Lacônico – Pessoa que fala pouco; que utiliza poucas palavras para se expressar.

Prolixo – Pessoa que fala muito e torna-se cansativa, enfadonha.

32

Não, não se pode mudar de Religião, quando não se tem uma que possa, ao mesmo tempo, satisfazer o senso comum e a inteligência que se tem, e que possa, sobretudo, consolar o homem no presente. Não, não se muda de

Religião, pois cai-se da falta de aptidão e da dominação na sabedoria e na liberdade. Vamos, vamos, nosso pequeno exército! Vamos e não temam as balas inimigas; aquelas que vão matá-los ainda não foram feitas, se estiverem sempre, do fundo do coração, nos caminhos de Deus, ou seja, se quiserem sempre combater pacífica e vitoriosamente pelo bem-estar e pela liberdade.

São Vicente de Paulo

Comentário de Kardec: Quem reconheceria São Vicente de Paulo nessa linguagem, por esses pensamentos desconexos e sem sentido? O que significam estas palavras: Não, não se muda de Religião, cai-se da falta de aptidão e da dominação na sabedoria e na liberdade? As balas que vão matá-los ainda não foram feitas! Suspeitamos muito de que este Espírito seja o mesmo que assinou a mensagem anterior, como Napoleão.

33

Filhos da minha fé, cristãos da minha doutrina esquecida sob as ondas interesseiras da filosofia dos materialistas, sigam-me pelo caminho da Judeia, sigam a paixão da minha vida, contemplem os meus inimigos agora, vejam os meus sofrimentos, os meus tormentos e o meu sangue derramado pela minha fé.

Filhos, espiritualistas da minha nova doutrina, estejam prontos para suportar, para enfrentar as ondas da adversidade, os sarcasmos dos seus inimigos. A fé caminhará sem cessar, seguindo a estrela que possuem, e que os conduzirá ao caminho da felicidade eterna, assim como conduziu pela fé os Magos do Oriente à manjedoura.

Sejam quais forem as suas adversidades, sejam quais forem as suas penas e as lágrimas que derramarem nessa esfera de exílio, tenham coragem, estejam certos de que a alegria que terão no mundo dos Espíritos estará muito acima dos tormentos da sua existência passageira. O vale de lágrimas é um vale que deve desaparecer para dar lugar à brilhante morada da alegria, da fraternidade e

da união, onde vocês chegarão pela sua boa obediência à santa revelação.

A vida, meus caros irmãos, nesta esfera terrestre, que é uma esfera preparatória, não pode durar senão o tempo necessário para viver bem preparado para esta nova vida que jamais poderá terminar. Amem-se, amem-se como eu os amei, e ainda os amo. Irmãos, coragem, irmãos! Eu os abençoo e aguardo-os no Céu.

Jesus

Nestas brilhantes e luminosas regiões onde o pensamento humano mal pode chegar, o eco das palavras de vocês e das minhas veio tocar o meu coração.

Oh! Como me sinto feliz em vê-los continuadores da minha doutrina! Não, nada se aproxima do testemunho dos bons pensamentos que trazem. Vejam, filhos: a ideia regeneradora que outrora lancei no mundo, que foi perseguida, que foi detida por um momento pela pressão dos tiranos, caminha hoje sem obstáculos, iluminando os caminhos da Humanidade, por tanto tempo mergulhada nas trevas.

Meus filhos, todo sacrifício grande e desinteressado, cedo ou tarde, produz os seus frutos. Meu martírio provou isso; meu sangue derramado pela minha doutrina salvará a Humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados.

Sejam benditos, vocês que hoje tomam lugar na família regenerada! Vamos, coragem, filhos!

Jesus

***Comentário de Kardec:** Sem dúvida, não existe nada de mau nessas duas mensagens. Entretanto, será que o Cristo teve alguma vez essa linguagem pretenciosa, enfática e pomposa? Comparem essas duas mensagens com a que inserimos atrás, no item nº 9, assinada com o mesmo nome, e poderemos ver de que lado está o cunho da autenticidade.*

Todas essas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Nota-se no estilo

um certo tom familiar, várias frases semelhantes, as mesmas expressões repetidas com frequência, como, por exemplo: vamos, vamos, filhos etc., de onde se pode concluir que elas foram ditadas pelo mesmo Espírito, utilizando nomes diferentes.

Entretanto, nesse círculo, muito consciencioso, se bem que um tanto crédulo demais, não se faziam nem evocações, nem perguntas. Esperava-se tudo das comunicações espontâneas e, como se vê, isso não constitui uma garantia de identidade. Com algumas perguntas insistentes e feitas com muita lógica, teriam colocado facilmente esse Espírito no seu devido lugar. Porém, ele sabia que nada tinha a temer, uma vez que nada lhe perguntavam e ainda aceitavam, sem qualquer controle e de olhos fechados, tudo o que ele dizia.

34

Como é bela a Natureza! Como a Providência é prudente na sua previdência! Mas a cegueira dos homens e as suas paixões humanas impedem que tirem paciência da prudência e da bondade de Deus. Lamentam-se diante da menor contrariedade, diante do menor atraso em suas previsões. Saibam, seus incrédulos desconfiados, que nada ocorre sem um motivo previsto e sempre visando ao benefício de todos. A razão desses atrasos é para reduzir a nada todas as suas previsões de um ano mau para as suas colheitas, homens de temores hipócritas.

Deus inspira aos homens a preocupação pelo futuro, para fazer com que sejam previdentes. Vejam como são grandes os recursos para acabar com os seus temores, intencionalmente semeados e que, na maioria das vezes, escondem pensamentos de cobiça, ao invés de uma ideia de aprovisionar com prudência, inspirada em um sentimento de humanidade em favor dos pequenos.

Vejam as relações entre as nações que desse comércio resultarão; vejam quantas transações deverão se realizar; quantos recursos virão contribuir para impedir os seus temores! Porque, como vocês sabem, tudo se encadeia; por isso, grandes e pequenos serão chamados ao trabalho.

Então, não veem desde já, em todo esse movimento, uma fonte de certo bem-estar para a classe mais trabalhadora dos Estados, classe verdadeiramente interessante, que vocês, os grandes, os onipotentes dessa Terra, consideram como gente que pode ser explorada à vontade, gente que foi criada para satisfazê-los?

Ora, o que acontece depois de todo esse vaivém de um polo ao outro? É que, uma vez bem providos, muitas vezes o tempo muda; o Sol, obedecendo ao pensamento do seu criador, amadureceu em alguns dias as suas sementes; Deus colocou a abundância onde a cobiça dos homens pensava em escassez e, apesar deles, os pequenos poderão viver; mesmo sem suspeitarem disso, vocês também foram a causa de uma era de abundância.

Entretanto, algumas vezes, Deus permite que os maus tenham êxito em seus projetos de ambição. Neste caso, é um ensinamento que Deus quer dar a todos; é a previdência humana que Ele quer estimular; é a ordem infinita que reina na Natureza e que os homens devem imitar para enfrentar os acontecimentos com coragem, para suportá-los com resignação.

Aqueles que calculadamente se aproveitam dos desastres, certamente serão punidos. Deus quer que todos os seus seres vivam. O homem não deve brincar com a necessidade, nem traficar com o supérfluo. Deus é justo nos seus benefícios, grande na sua clemência, bom demais ante a nossa ingratidão. Deus, nos seus desígnios, é impenetrável.

Bossuet, Alfred de Marignac

Comentário de Kardec: Essa comunicação não contém, certamente, nada de mau. Ela traz, inclusive, profundas ideias filosóficas e conselhos muito prudentes, que poderiam levar as pessoas pouco versadas em literatura a se enganarem relativamente à identidade do autor. O médium que recebeu essa mensagem submeteu-a ao exame da Sociedade Espírita de Paris, que foi unânime em afirmar que ela não podia ser de Bossuet. Consultado a respeito, São Luís respondeu:

– Esta mensagem, em si mesma, é boa, mas não acreditem que foi Bossuet

quem a ditou. Um Espírito a escreveu, talvez um pouco sob a sua influência, e assinou com o nome do grande bispo, para que a mensagem fosse mais facilmente aceita. Entretanto, pela linguagem, é possível reconhecer a substituição que houve. A mensagem é do Espírito que colocou o seu nome, logo após o de Bossuet.

Esse Espírito, interrogado sobre o motivo que o levou a agir assim, declarou:

– Eu tinha o desejo de escrever alguma coisa que me trouxesse de volta à memória dos homens. Vendo que sou fraco, resolvi valorizar a mensagem, juntando a ela o prestígio de um grande nome.

– Mas você não pensou que poderiam reconhecer que ela não era de Bossuet? Quem é que sabe o que realmente pode acontecer? Você pode estar enganado. Outros, menos esclarecidos, talvez a tivessem aceito.

Realmente, a facilidade com que algumas pessoas aceitam tudo o que vem do mundo invisível, sob o prestígio de um grande nome, é o que encoraja os Espíritos enganadores. Portanto, toda a nossa atenção deve ser aplicada em desfazer a astúcia desses Espíritos. Mas somente podemos fazer isso com o auxílio da experiência adquirida por meio de um estudo sério. É por isso que repetimos sem cessar: estudem antes de praticarem, pois este é o único meio de adquirir experiência, sem precisar passar por dificuldades.

CAPÍTULO 32

VOCABULÁRIO ESPÍRITA

Agênera: (do grego *a*, privativo, e *geine*, *geinomai*, gerar; que não foi gerado) É uma variedade da aparição tangível; estado de certos Espíritos que podem se revestir, momentaneamente, com as formas de uma pessoa viva, a ponto de produzir uma completa ilusão. Agênera: aquele que não foi gerado.

Batedor: Qualidade de alguns Espíritos. Os Espíritos batedores são aqueles que revelam a sua presença em um determinado lugar por meio de pancadas e de diferentes tipos de ruídos.

Erraticidade: É o estado dos Espíritos errantes, ou seja, não encarnados. Intervalo entre duas existências em corpo físico.

Espírita: Aquele que tem relação com o Espiritismo; adepto do Espiritismo; aquele que acredita nas manifestações dos Espíritos. *Um bom espírita, um mau espírita; a Doutrina Espírita.*

Espiritismo: Doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e das suas manifestações.

Espiritista: Essa palavra, empregada desde o início para designar os adeptos do Espiritismo, não foi consagrada pelo uso. Prevaleceu o termo espírita.

Espírito: No sentido especial da Doutrina Espírita, *os Espíritos são os seres inteligentes da Criação, que povoam o Universo, fora do mundo material, e que constituem o mundo invisível.* Não são, de modo algum, seres provenientes de uma criação especial; são as almas daqueles que viveram na Terra ou em outras esferas, e que deixaram o seu envoltório corporal, ou melhor, o seu corpo físico.

Espiritualismo: Usa-se em sentido oposto ao do materialismo (Academia). Crença na existência da alma espiritual e imaterial. *O espiritualismo é a base de todas as religiões.*

Espiritualista: Aquele que é adepto do espiritualismo. Qualquer um que

acredite que em nós nem tudo é matéria, é *espiritualista*, o que não significa, de modo algum, que ele tenha que acreditar na manifestação dos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente um *espiritualista*. Entretanto, é possível ser *espiritualista* sem ser *espírita*. O *materialista* não é nem *espírita* e nem *espiritualista*.

Diz-se: a filosofia *espiritualista*; uma obra escrita com as ideias *espiritualistas*. As manifestações *espíritas* são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria; a moral *espírita* decorre do ensinamento dado pelos Espíritos. Existem *espiritualistas* que ridicularizam as crenças *espíritas*. Nesses exemplos, a substituição da palavra *espiritualista* pelo termo *espírita* produziria uma evidente confusão.

Estereótipo: (do grego *stereos*, sólido) Qualidade das aparições tangíveis; duplicata sólida.

Medianímico: Qualidade da força do médium. Faculdade mediúnica.

Medianimidade: Faculdade dos médiuns. Sinônimo de *mediunidade*. Essas duas palavras são, com frequência, empregadas indiferentemente. Caso se queira fazer uma distinção, podemos dizer que a *mediunidade* tem um sentido mais geral e a *medianimidade* um sentido mais restrito. Ele possui o dom da *mediunidade*, a *medianimidade mecânica*.

Médium: (do latim *medium*, meio, intermediário) Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.

Mediunato: Missão que os médiuns recebem de Deus. Esta palavra foi criada pelos Espíritos. (Ver Capítulo 31, “Dissertações Espíritas”, item nº 12.)

Mediunidade: Ver *medianimidade*.

Perispírito: (do grego *péri*, em torno, ao redor) Envoltório semimaterial do Espírito. Nos encarnados, serve de intermediário entre o Espírito e o corpo físico. Entre os Espíritos desencarnados, o perispírito constitui o corpo fluídico do Espírito.

Pneumatofonia: (do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito, e *phonê*, som, voz) Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos, sem o auxílio da

voz humana.

Pneumatografia: (do grego *pneuma* e *graphô*, eu escrevo) Escrita direta dos Espíritos, sem o auxílio da mão de um médium.

Psicofonia: Comunicação oral dos Espíritos pela voz de um médium falante.

Psicografia: Escrita dos Espíritos pela mão de um médium.

Psicógrafo: (do grego *psiké*, borboleta, alma, e *graphô*, eu escrevo) Aquele que faz psicografia; médium escrevente.

Reencarnação: Retorno do Espírito à vida corpórea, ou seja, num corpo físico; pluralidade das existências; diversas vidas em corpo físico.

Sematologia: (do grego *semâ*, sinal, e *logos*, discurso) Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos pelo movimento dos corpos inertes.

Tiptologia: (do grego *tiptô*, eu bato, e *logos*, discurso) Linguagem por pancadas ou batidas; modo de comunicação dos Espíritos. *Tiptologia alfabética*.

Tiptólogo: (do grego *tiptô*, eu bato) Qualidade dos médiuns aptos a comunicações pela tiptologia. Médium tiptólogo.

FIM

OBRAS CONSULTADAS

KARDEC, Allan. Tradução de Torrieri Guimarães. *Allan Kardec Obras Completas*. São Paulo: Opus Editora, 1985.

KARDEC, Allan. Tradução de Salvador Gentile. *O livro dos médiuns*. São Paulo: Boa Nova Editora, 2004.

KARDEC, Allan. Tradução de J. Herculano Pires. *O livro dos médiuns*. São Paulo: Lake, 2013.

KARDEC, Allan. Tradução de Evandro Noletto Bezerra. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2011.

KARDEC, Allan. Tradução de Maria Aparecida Becker. *O livro dos médiuns*. São Paulo: Mundo Maior Editora, 2012.

KARDEC, Allan. Tradução de Renata Barboza da Silva e Simone T. N. Bele da Silva. *O livro dos médiuns*. São Paulo: Petit, 2004.

KARDEC, Allan. Tradução de Guillon Ribeiro. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: FEB, 2003.

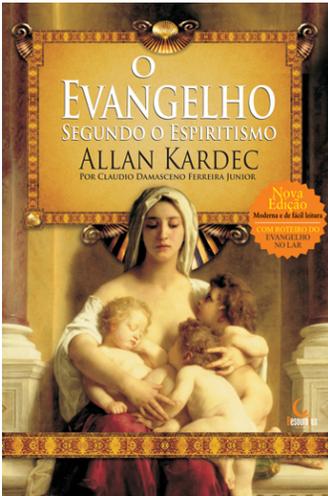
KARDEC, Allan. Tradução de Maria Lucia Alcantara de Carvalho. *O livro dos médiuns*. Rio de Janeiro: CELD, 2009.

KARDEC, Allan. *O livro dos médiuns*. Union Spirite Française et Franchophone. Nouvelle Edition.

LEIA TAMBÉM

O Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec

*Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 328 páginas /
16x23cm*



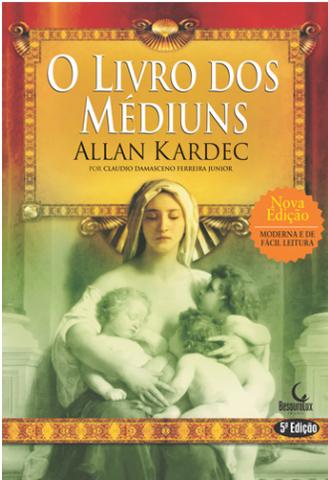
Publicado pela primeira vez em 1864, na França, O Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec é considerada a obra do sentimento entre todas que compõem a codificação espírita. É o pensamento de Jesus Cristo explicado à luz do Espiritismo ultrapassando a escrita e resgatando a essência dos seus ensinamentos. Essa edição, dirigida por Claudio Damaceno, objetiva um entendimento maior e melhor dessa magnífica obra e assim contribuir para que mais pessoas encontrem nela um instrumento para sua reforma íntima. Respeitando sempre as intenções de cada linha e tendo o máximo cuidado para não descaracterizar ou mudar seus fundamentos, esta edição além de proporcionar uma melhor compreensão das palavras de Jesus, sem dúvida alguma prima pelo prazer da leitura.

* Com roteiro do Evangelho do lar.

Adquira pelo site www.besourobox.com.br

O Livro dos Médiuns de Allan Kardec

*Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 424 páginas /
16x23cm*



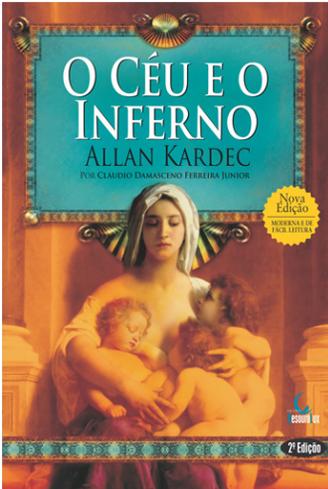
Publicado pela primeira vez em 1861, O Livro dos Médiuns é uma das obras básicas do espiritismo e reúne o ensino dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo espiritual e o desenvolvimento da mediunidade. Fruto do empenho de Allan Kardec em fazer um estudo analítico das diversas modalidades de comunicação estabelecidas entre os homens e os espíritos, é uma obra indispensável para o entendimento da natureza das manifestações mediúnicas. Com o mesmo respeito e dedicação com que trabalhou O livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo – edições já consagradas pela linguagem atualizada e fidelidade à obra original –, Claudio Damasceno nos presenteia mais esta obra, prezando sempre as intenções de cada linha e comprometido com a nobre intenção de levar a um número maior de pessoas os ensinamentos de Allan Kardec.

Adquira pelo site www.besourobox.com.br

O Céu e o Inferno de Allan Kardec

Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 384 páginas / 16x23cm

O Céu e o Inferno ou *A Justiça Divina Segundo o Espiritismo* teve sua 1ª edição publicada na França, em 1865, e compõe as obras básicas do Espiritismo. A obra é dividida em duas partes: Na primeira, intitulada Doutrina, Kardec realiza um exame crítico, procurando apontar contradições filosóficas e incoerências com o conhecimento científico. Contém a análise comparada das diversas crenças sobre o Céu e o Inferno, os anjos e os



demônios, as penas e as recompensas futuras. O dogma das penas eternas examinado mediante o paradigma Espírita da fé raciocinada e contestado por argumentos tirados das próprias leis da natureza. Na segunda parte, Allan Kardec reúne várias dissertações de casos reais, com o propósito de demonstrar a situação da alma durante e após a morte física, dando ao leitor amplas condições para que possa compreender a ação da Lei de Causa e Efeito, em perfeito equilíbrio com as Leis Divinas. O

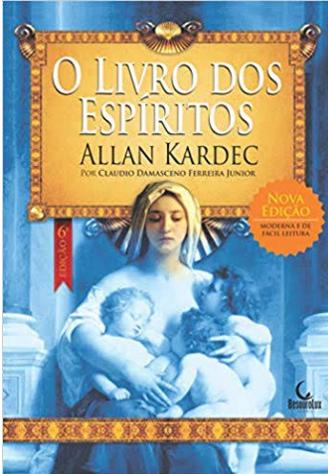
Céu e o Inferno ao alcance de todos o conhecimento do mecanismo pelo qual se processa a Justiça Divina. É uma obra fundamental e esclarecedora para o entendimento das palavras de Jesus: " A cada um será dado segundo as suas obras".

Adquira pelo site www.besourobox.com.br

O Livro dos Espíritos de Allan Kardec

Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 480 páginas / 16x23cm

O Livro dos Espíritos, lançado em Paris, em 1857, foi fruto dos estudos de Allan Kardec sobre os fenômenos das mesas girantes, difundidos por toda a Europa em meados do século XIX, e que, segundo muitos pesquisadores da época, possuíam origem mediúnica. Foi o primeiro de uma série de cinco livros editados pelo pedagogo sobre o mesmo tema. Esta edição, dirigida por Claudio Damasceno, vem reforçar as palavras de KARdec: "A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ver, é necessário compreender". Considerando orientação recebida pelo

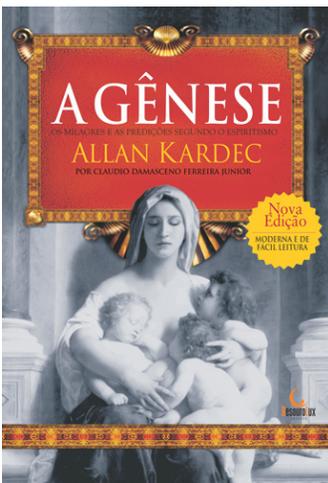


Plano Superior, Claudio dedicou-se a passar a limpo esta maravilhosa obra de Allan Kardec para que mais pessoas pudessem usufruir de seus ensinamentos, respeitando sempre as intenções de cada linha e tendo o máximo cuidado para jamais descaracterizar ou mudar seus fundamentos, mantendo-se fiel à mensagem original dos Espíritos e aos comentários de Allan Kardec.

Adquira pelo site www.besourobox.com.br

A Gênese os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo de Allan Kardec

Organizado por Claudio Damasceno Ferreira Junior / 396 páginas / 16x23cm



É a quinta e última das obras básicas da codificação do Espiritismo. Foi publicada em Paris, em 6 de janeiro de 1868. Uma leitura excepcional de imersão em grandes temas de interesse universal, abordados de forma lógica, racional e reveladora. Kardec aborda diversas questões de ordem filosófica e científica, como as da criação do Universo, a formação dos mundos, o surgimento do espírito, segundo o paradigma espírita da compreensão da realidade. *A Gênese* é dividida em três partes: na primeira parte analisa a origem do nosso planeta, mostrando o processo espiritual e físico da criação da Terra, dos astros e dos planetas que compõem o Universo, segundo a visão científica de seu tempo. Na segunda parte aborda a

questão dos milagres, explicando a natureza dos fluidos e os fatos extraordinários contidos no Evangelho; descreve os feitos extraordinários de Jesus Cristo, explicando o que teria realmente acontecido. Na terceira parte enfoca as predições do Evangelho, os sinais dos tempos e a nova geração.

Adquira pelo site www.besourobox.com.br



www.besourobox.com.br

Contracapa da versão impressa

Publicado pela primeira vez em 1861, *O Livro dos Médiuns* é uma das obras básicas do espiritismo e reúne o ensino dos espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo espiritual e o desenvolvimento da mediunidade. Fruto do empenho de Allan Kardec em fazer um estudo analítico das diversas modalidades de comunicação estabelecidas entre os homens e os espíritos, é uma obra indispensável para o entendimento da natureza das manifestações mediúnicas. Com o mesmo respeito e dedicação com que trabalhou *O livro dos Espíritos e O Evangelho Segundo o Espiritismo* – edições já consagradas pela linguagem atualizada e fidelidade à obra original –, Claudio Damasceno nos presenteia mais esta obra, prezando sempre as intenções de cada linha e comprometido com a nobre intenção de levar a um número maior de pessoas os ensinamentos de Allan Kardec.



www.besourobox.com.br